SIGMUND

FREUD

OBRAS COMPLETAS VOLUME 4

A INTERPRETAÇÃO DOS SONHOS

(1900)

TRADUÇÃO PAULO CÉSAR DE SOUZA

COMPANHIA DAS LETRAS





SIGMUND

FREUD

OBRAS COMPLETAS VOLUME 4

A INTERPRETAÇÃO DOS SONHOS

(1900)

TRADUÇÃO PAULO CÉSAR DE SOUZA

COMPANHIA DAS LETRAS

SUMÁRIO

CAPA
FOLHA DE ROSTO
SUMÁRIO
ESTA EDIÇÃO

A INTERPRETAÇÃO DOS SONHOS
OBSERVAÇÃO PRELIMINAR
PREFÁCIO À SEGUNDA EDIÇÃO
PREFÁCIO À TERCEIRA EDIÇÃO
PREFÁCIO À QUARTA EDIÇÃO
PREFÁCIO À QUINTA EDIÇÃO
PREFÁCIO À SEXTA EDIÇÃO
PREFÁCIO À OITAVA EDIÇÃO
PREFACE TO THE THIRD (REVISED) ENGLISH EDITION
PREFÁCIO À TERCEIRA EDIÇÃO INGLESA (REVISTA)

I. A LITERATURA CIENTÍFICA SOBRE OS PROBLEMAS DO SONHO
A. RELAÇÃO DO SONHO COM A VIDA DE VIGÍLIA
B. O MATERIAL DO SONHO — A MEMÓRIA NO SONHO
C. ESTÍMULOS E FONTES DO SONHO
1) OS ESTÍMULOS SENSORIAIS EXTERNOS
2) EXCITAÇÃO SENSORIAL INTERNA (SUBJETIVA)
3) O ESTÍMULO SOMÁTICO INTERNO, ORGÂNICO
4) FONTES PSÍQUICAS DE ESTIMULAÇÃO
D. POR QUE ESQUECEMOS O SONHO APÓS O DESPERTAR?

E. AS PECULIARIDADES PSICOLÓGICAS DO SONHO
F. OS SENTIMENTOS ÉTICOS NO SONHO
G. TEORIAS DO SONHO E FUNÇÃO DO SONHO
H. RELAÇÕES ENTRE SONHO E DOENÇAS MENTAIS
ADENDO DE 1909
ADENDO DE 1914

II. O MÉTODO DE INTERPRETAÇÃO DOS SONHOS: ANÁLISE DE UMA AMOSTRA DE SONHO

III. O SONHO É A REALIZAÇÃO DE UM DESEJO

IV. A DEFORMAÇÃO ONÍRICA

V. O MATERIAL E AS FONTES DO SONHO
A. O MATERIAL RECENTE E O INDIFERENTE NO SONHO
B. O MATERIAL INFANTIL COMO FONTE DO SONHO
C. AS FONTES SOMÁTICAS DO SONHO
D. SONHOS TÍPICOS
A) OS SONHOS DE EMBARAÇO CAUSADO PELA NUDEZ
B) OS SONHOS COM MORTE DE PESSOAS QUERIDAS
[Γ) OUTROS SONHOS TÍPICOS]
[Δ)] OS SONHOS DE EXAMES

VI. O TRABALHO DO SONHO
A. O TRABALHO DE CONDENSAÇÃO
B. O TRABALHO DE DESLOCAMENTO
C. OS MEIOS DE REPRESENTAÇÃO DO SONHO
D. A CONSIDERAÇÃO PELA REPRESENTABILIDADE

E. A REPRESENTAÇÃO POR MEIO DE SÍMBOLOS NO SONHO — OUTROS SONHOS TÍPICOS
F. EXEMPLOS — CÁLCULOS E FALAS NO SONHO
G. SONHOS ABSURDOS — A ATIVIDADE INTELECTUAL NO SONHO
H. OS AFETOS NO SONHO

VII. PSICOLOGIA DOS PROCESSOS ONÍRICOS
A. O ESQUECIMENTO DOS SONHOS
B. A REGRESSÃO
C. A REALIZAÇÃO DE DESEJO
D. O DESPERTAR PELO SONHO — A FUNÇÃO DO SONHO — O SONHO DE ANGÚSTIA
E. OS PROCESSOS PRIMÁRIO E SECUNDÁRIO — A REPRESSÃO
F. O INCONSCIENTE E A CONSCIÊNCIA — A REALIDADE

APÊNDICE A ESTE VOLUME: UM SONHO PREMONITÓRIO QUE SE REALIZOU
BIBLIOGRAFIA
ÍNDICE DE SONHOS - TERMOS PARA BUSCA
ÍNDICE DE SÍMBOLOS - TERMOS PARA BUSCA
CRÉDITOS

ESTA EDIÇÃO

Esta edição das obras completas de Sigmund Freud pretende ser a primeira, em língua portuguesa, traduzida do original alemão e organizada na sequência cronológica em que apareceram originalmente os textos.

A afirmação de que são obras completas pede um esclarecimento. Não se incluem os textos de neurologia, isto é, não psicanalíticos, anteriores à criação da psicanálise. Isso porque o próprio autor decidiu deixá-los de fora quando se fez a primeira edição completa de suas obras, nas décadas de 1920 e 30. No entanto, vários textos pré-psicanalíticos, já psicológicos, serão incluídos nos dois primeiros volumes. A coleção inteira será composta de vinte volumes, sendo dezenove de textos e um de índices e bibliografia.

A edição alemã que serviu de base para esta foi *Gesammelte Werke* [Obras completas], publicada em Londres entre 1940 e 1952. Agora pertence ao catálogo da editora Fischer, de Frankfurt, que também recolheu num grosso volume, intitulado *Nachtragsband* [Volume suplementar], inúmeros textos menores ou inéditos que haviam sido omitidos na edição londrina. Apenas alguns deles foram traduzidos para a presente edição, pois muitos são de caráter apenas circunstancial.

A ordem cronológica adotada pode sofrer pequenas alterações no interior de um volume. Os textos considerados mais importantes do período coberto pelo volume, cujos títulos aparecem na página de rosto, vêm em primeiro lugar. Em uma ou outra ocasião, são reunidos aqueles que tratam de um só tema, mas não foram publicados sucessivamente; é o caso dos artigos sobre a técnica psicanalítica, por exemplo. Por fim, os textos mais curtos são agrupados no final do volume.

Embora constituam a mais ampla reunião de textos de Freud, os dezessete volumes dos *Gesammelte Werke* foram sofrivelmente editados, talvez devido à

penúria dos anos de guerra e de pós-guerra na Europa. Embora ordenados cronologicamente, não indicam sequer o ano da publicação de cada trabalho. O texto em si é geralmente confiável, mas sempre que possível foi cotejado com a *Studienausgabe* [Edição de estudos], publicada pela Fischer em 1969-75, da qual consultamos uma edição revista, lançada posteriormente. Trata-se de onze volumes organizados por temas (como a primeira coleção de obras de Freud), que não incluem vários textos secundários ou de conteúdo repetido, mas incorporam, traduzidas para o alemão, as apresentações e notas que o inglês James Strachey redigiu para a *Standard edition* (Londres, Hogarth Press, 1955-66).

O objetivo da presente edição é oferecer os textos com o máximo de fidelidade ao original, sem interpretações de comentaristas e teóricos posteriores da psicanálise, que devem ser buscadas na imensa bibliografia sobre o tema. Informações sobre a gênese de cada obra também podem ser encontradas na literatura secundária. Para questionamentos de pontos específicos e do próprio conjunto da teoria freudiana, o leitor deve recorrer à literatura crítica de J. Allan Hobson, A. Welsh, M. Macmillan, C. Eschenröder e outros.

Após o título de cada texto há apenas a referência bibliográfica da primeira publicação, não a das edições subsequentes ou em outras línguas, que interessam tão somente a alguns especialistas. Entre parênteses se acha o ano da publicação original; havendo transcorrido mais de um ano entre a redação e a publicação, a data da redação aparece entre colchetes. As indicações bibliográficas do autor foram normalmente conservadas tais como ele as redigiu, isto é, não foram substituídas por edições mais recentes das obras citadas. Mas sempre é fornecido o ano da publicação, que, no caso de remissões do autor a seus próprios textos, permite que o leitor os localize sem maior dificuldade, tanto nesta como em outras edições das obras de Freud.

As notas do tradutor geralmente informam sobre os termos e passagens de versão problemática, para que o leitor tenha uma ideia mais precisa de seu

significado e para justificar em alguma medida as soluções aqui adotadas. Nessas notas são reproduzidos os equivalentes achados em algumas versões estrangeiras dos textos, em línguas aparentadas ao português e ao alemão. Não utilizamos as duas versões das obras completas já publicadas em português, das editoras Delta e Imago, pois não foram traduzidas do alemão, e sim do francês e do espanhol (a primeira) e do inglês (a segunda).

No tocante aos termos considerados técnicos, não existe a pretensão de impor as escolhas aqui feitas, como se fossem absolutas. Elas apenas pareceram as menos insatisfatórias para o tradutor, e os leitores e profissionais que empregam termos diferentes, conforme suas diferentes abordagens e percepções da psicanálise, devem sentir-se à vontade para conservar suas opções — que cada qual "seja feliz à sua maneira", como disse aquele famoso rei da Prússia, citado por Freud.

P.C.S.

A INTERPRETAÇÃO DOS SONHOS (1900)

TÍTULO ORIGINAL: *DIE TRAUMDEUTUNG*. PUBLICADO ORIGINALMENTE COMO VOLUME AUTÔNOMO:
LEIPZIG E VIENA: FRANZ DEUTICKE, 1900. REVISTO E AMPLIADO EM VÁRIAS EDIÇÕES SUCESSIVAS. TRADUZIDO DE *GESAMMELTE WERKE* II/III. TAMBÉM SE ACHA EM *STUDIENAUSGABE* II.

*Flectere si nequeo superos, Acheronta movebo**

* "Se não posso dobrar os poderes celestiais, agitarei o Inferno", Virgílio, *Eneida*, VII, 312.

OBSERVAÇÃO PRELIMINAR

[À PRIMEIRA EDIÇÃO]

Ao procurar aqui expor a interpretação dos sonhos, creio não haver ultrapassado o âmbito dos interesses neuropatológicos. Na investigação psicológica, o sonho se revela como o primeiro elo na sequência de formações psíquicas anormais, cujos outros elos — as fobias histéricas, as obsessões e os delírios — devem, por razões práticas, concernir aos médicos. Como ficará evidente, o sonho não pode reivindicar importância prática semelhante; tanto maior, porém, é seu valor teórico como paradigma, e quem não souber explicar a origem das imagens do sonho se esforçará em vão para entender as fobias, as ideias obsessivas e delirantes e, eventualmente, exercer uma influência terapêutica sobre elas.

Mas essa relação, à qual nosso tema deve sua importância, pode ser também responsável pelas deficiências deste trabalho. Os momentos de ruptura, que serão muitos nesta exposição, correspondem a pontos de contato igualmente numerosos, em que o problema da formação do sonho se insere em problemas mais abrangentes da psicopatologia, que não puderam ser tratados aqui e que deverão ser abordados futuramente, se houver tempo e energia e se aparecer material adicional.

As particularidades do material a que recorro para ilustrar a interpretação dos sonhos também dificultaram esta publicação. No próprio trabalho se notará por que todos os sonhos relatados na literatura ou coletados por desconhecidos seriam inúteis para os meus fins; tive de escolher entre meus próprios sonhos e os de meus pacientes em tratamento psicanalítico. Não pude servir-me deste último material porque nele os processos do sonho estavam sujeitos a uma complicação indesejada, devido à presença de características neuróticas. Na comunicação de meus próprios sonhos, contudo, mostrou-se necessário revelar a desconhecidos mais intimidades

da minha vida psíquica do que podia ser do meu agrado e do que cabe a um autor que não é poeta, mas homem de ciência. Isso foi embaraçoso, porém inevitável; sujeitei-me a isso para não ter que desistir da demonstração dos meus resultados psicológicos. Naturalmente, não resisti à tentação de abrandar algumas indiscrições por meio de omissões e substituições — sempre que isso ocorreu, foi em detrimento do valor dos exemplos utilizados. Só me resta manifestar a esperança de que os leitores deste trabalho se coloquem em minha situação difícil, para serem indulgentes comigo, e, além disso, que todas as pessoas que, de alguma forma, se julgarem aludidas nos sonhos comunicados, pelo menos não recusem à vida onírica a liberdade de expressão.

PREFÁCIO À SEGUNDA EDIÇÃO

O fato de se fazer necessária uma nova edição deste livro de leitura não muito fácil, antes mesmo de completada uma década de sua publicação, não se deve ao interesse dos círculos especializados, aos quais meu prefácio original se dirigia. Meus colegas da psiquiatria parecem não ter feito nenhum esforço para superar a estranheza inicial que a minha nova concepção do sonho podia suscitar, e os filósofos de profissão, acostumados a tratar os problemas da vida do sonho como apêndice dos estados de consciência e resolvê-los com poucas — em geral as mesmas — sentenças, não perceberam que justamente daqui podem ser tirados muitos elementos que devem levar a uma modificação profunda de nossas teorias psicológicas. A atitude dos resenhadores dos periódicos científicos só pôde justificar a expectativa de que a sina desta obra era ser ignorada para sempre; e o pequeno bando de seguidores corajosos, que praticam a psicanálise médica sob a minha orientação e que, seguindo o meu exemplo, interpretam os sonhos para utilizar essas interpretações no tratamento de neuróticos, não teria esgotado a primeira edição do livro. Portanto, sinto-me em dívida para com o círculo mais amplo de pessoas cultas e ávidas de saber, cujo interesse me criou o desafio de retomar, após nove anos, este trabalho difícil e fundamental em muitos aspectos.

Alegra-me poder dizer que encontrei pouca coisa para mudar. Inseri material novo aqui e ali, acrescentei alguns conhecimentos tirados de minha experiência agora maior e busquei reelaborar alguns poucos pontos. Mas todo o essencial sobre os sonhos e sua interpretação, assim como as teses psicológicas que deles podem derivar, permaneceu inalterado; pelo menos subjetivamente, passou na prova do tempo. Quem conhece meus outros trabalhos (sobre a etiologia e o mecanismo das psiconeuroses) sabe que jamais dei por pronto algo inacabado e que sempre me empenhei em mudar minhas declarações conforme o avanço de meus

conhecimentos. No âmbito da vida onírica, pude manter minhas primeiras afirmações. Em meus longos anos de trabalho com os problemas das neuroses, vacilei repetidamente e em algumas coisas me desorientei; nesses momentos, foi sempre a *Interpretação dos sonhos* que me devolveu a segurança. Portanto, meus numerosos adversários científicos mostram um instinto certeiro quando se recusam a me seguir justamente na pesquisa dos sonhos.

Também o material deste livro — meus próprios sonhos, que, em sua maior parte, foram superados ou tornados sem valor pelos acontecimentos, e que usei para explicar as regras da interpretação dos sonhos — demonstrou, na revisão, uma tenacidade que se opôs a alterações substanciais. Para mim, este livro tem ainda outro significado subjetivo, que só pude compreender após terminá-lo. Ele se revelou como parte da minha autoanálise, como minha reação à morte de meu pai, ou seja, ao evento mais significativo, à perda mais pungente da vida de um homem. Após reconhecer isso, senti-me incapaz de apagar os traços dessa influência. Ao leitor, porém, não deve importar com que material ele aprende a valorizar e interpretar os sonhos.

Sempre que não pude inserir uma observação imprescindível no contexto original, indiquei, mediante colchetes, que ela é da segunda revisão.

Berchtesgaden, verão de 1908.

PREFÁCIO À TERCEIRA EDIÇÃO

Nove anos se passaram entre a primeira e a segunda edição deste livro, mas a terceira se fez necessária pouco mais de um ano após a segunda. Posso dizer que essa mudança me alegra; contudo, se antes não me dispunha a ver a negligência de minha obra por parte dos leitores como prova de sua ausência de valor, não posso utilizar o interesse que agora se manifesta como prova de sua excelência.

O avanço do conhecimento científico também não deixou intocada a *Interpretação dos sonhos*. Quando a redigi, em 1899, ainda não havia a "teoria da sexualidade", e a análise das formas mais complicadas da psiconeurose ainda estava em seu começo. A interpretação de sonhos pretendia ser um recurso para possibilitar a análise psicológica das neuroses; desde então, a compreensão aprofundada das neuroses influiu, por sua vez, sobre a concepção dos sonhos. A própria teoria da interpretação dos sonhos se desenvolveu numa direção que não havia sido enfatizada o bastante na primeira edição deste livro. Tanto por experiência própria como pelos trabalhos de W. Stekel e outros, aprendi a reconhecer de modo mais correto a extensão e o significado do simbolismo no sonho (ou melhor, no pensamento inconsciente). Assim, no curso desses anos foi se acumulando muita coisa que requeria atenção. Procurei levar em conta essas inovações fazendo inúmeras inserções no texto e acrescentando notas de rodapé. Se esses acréscimos ameaçam ocasionalmente romper os marcos da exposição, ou se nem sempre foi possível elevar o texto original ao nível dos nossos conhecimentos atuais, peço indulgência para com essas falhas do livro, pois nada mais são do que consequências e indícios do desenvolvimento acelerado de nosso saber. Arrisco-me a prever em que outras direções as futuras edições da *Interpretação dos sonhos* — caso venham a ser necessárias — se diferenciarão da atual. Provavelmente buscarão, por um lado, um relacionamento mais estreito com o rico material da

literatura, do mito, da linguagem corrente e do folclore; por outro lado, tratarão dos laços entre o sonho e a neurose e o distúrbio mental de modo mais aprofundado do que foi possível fazer aqui.

O sr. Otto Rank me prestou ajuda valiosa na seleção dos acréscimos e cuidou sozinho da revisão das provas. Sou grato a ele e a muitos outros pelas contribuições e retificações.

Viena, primavera de 1911.

PREFÁCIO À QUARTA EDIÇÃO

No ano passado (1913), o dr. A. A. Brill, de Nova York, publicou uma tradução inglesa deste livro. (*The Interpretation of Dreams*, G. Allen & Co., Londres.)

O dr. Otto Rank não só fez as correções desta vez, mas também enriqueceu o texto com duas contribuições independentes. (Apêndice ao capítulo VI.)

Viena, junho de 1914.

PREFÁCIO À QUINTA EDIÇÃO

O interesse pela *Interpretação dos sonhos* não diminuiu durante a Guerra Mundial e tornou necessária uma nova edição antes mesmo do fim da guerra. Mas a bibliografia posterior a 1914 não pôde ser considerada inteiramente; e a bibliografia em línguas estrangeiras não chegou ao meu conhecimento nem ao do dr. Rank.

Uma tradução húngara da *Interpretação dos sonhos*, feita pelos senhores dr. Hollós e dr. Ferenczi, está prestes a ser publicada. Em minhas *Conferências introdutórias à psicanálise*, publicadas em 1916-7, a parte central, composta de onze conferências, é dedicada a uma exposição sobre o sonho que busca ser mais elementar e pretende estabelecer uma relação mais íntima com a teoria das neuroses. No conjunto, ela tem o caráter de um resumo da *Interpretação dos sonhos*, embora seja mais minuciosa em algumas passagens.

Não pude me decidir a fazer uma reelaboração abrangente deste livro, que o alçaria ao nível das nossas concepções psicanalíticas atuais, mas que também acabaria com sua particularidade histórica. Creio que, após quase vinte anos de existência, ele cumpriu sua tarefa.

Budapeste-Steinbruch, julho de 1918.

PREFÁCIO À SEXTA EDIÇÃO

As dificuldades que a indústria editorial enfrenta atualmente fazem com que esta nova edição apareça bem depois do que exigia sua demanda e que — pela primeira vez — seja uma reimpressão inalterada da edição anterior. Apenas o registro bibliográfico no final do livro foi completado e atualizado pelo dr. O. Rank.

Minha suposição de que este livro tinha cumprido sua tarefa, após quase vinte anos de existência, não se confirmou. Eu poderia dizer, isto sim, que agora ele tem uma nova tarefa a realizar. Se antes devia fornecer alguns esclarecimentos sobre a natureza do sonho, agora tem o papel não menos importante de combater os persistentes mal-entendidos a que esses esclarecimentos estão sujeitos.

Viena, abril de 1921.

PREFÁCIO À OITAVA EDIÇÃO

No intervalo de tempo entre a última (sétima) edição deste livro (1922) e esta nova edição, a *Internationaler Psychoanalytischer Verlag*, de Viena, começou a publicar meus *Gesammelte Schriften* [Obras reunidas]. O segundo volume dessa coleção contém o texto restabelecido da primeira edição, e todos os acréscimos posteriores estão reunidos no terceiro volume. As traduções publicadas nesse mesmo período se baseiam na edição independente do livro; é o caso da tradução francesa de I. Meyerson, de 1926, intitulada *La Science des rêves* [A ciência dos sonhos] (publicada na "Bibliothèque de Philosophie Contemporaine"), da tradução sueca de John Landquist, de 1927 (*Drömtydning*) e da espanhola de Luis López-Ballesteros y de Torres [1922], que ocupa os volumes VI e VII das *Obras completas*. A tradução húngara, que eu julgava estar em vias de ser publicada em 1918, não chegou às livrarias até hoje.*

Também nesta edição revista da *Interpretação dos sonhos* tratei a obra essencialmente como documento histórico e fiz apenas as mudanças que a clarificação e o aprofundamento de minhas próprias opiniões me recomendavam. Em conformidade com essa postura, abandonei definitivamente a ideia de incluir a bibliografia sobre os problemas do sonho que apareceu após a primeira edição da *Interpretação dos sonhos* e excluí as seções correspondentes das edições anteriores. Foram omitidos também os dois ensaios, "Sonhos e literatura" e "Sonhos e mitos", com que Otto Rank havia contribuído para as edições anteriores.

Viena, dezembro de 1929.

PREFACE TO THE THIRD (REVISED) ENGLISH EDITION

In 1909 G. Stanley Hall invited me to Clark University, in Worcester, to give the first lectures on psycho-analysis. In the same year Dr. Brill published the first of his translations of my writings, which were soon followed by further ones. If psycho-analysis now plays a role in American intellectual life, or if it does so in the future, a large part of this result will have to be attributed to this and other activities of Dr. Brill's.

His first translation of The Interpretation of Dreams *appeared in 1913. Since then much has taken place in the world, and much has been changed in our views about the neuroses. This book, with the new contribution to psychology which surprised the world when it was published (1900), remains essentially unaltered. It contains, even according to my present-day judgement, the most valuable of all the discoveries it has been my good fortune to make. Insight such as this falls to one's lot but once in a lifetime.*

Vienna, March 15, 1931.

[PREFÁCIO À TERCEIRA EDIÇÃO INGLESA (REVISTA)

Em 1909, G. Stanley Hall me convidou para a Clark University, em Worcester, para dar as primeiras conferências sobre psicanálise. Naquele mesmo ano, o dr. Brill publicou a primeira de suas traduções dos meus escritos, à qual logo se seguiram várias outras. Se hoje a psicanálise exerce um papel na vida intelectual norte-americana, ou se ela o fará no futuro, grande parte desse resultado terá que ser atribuída a essa e outras atividades do dr. Brill.

Sua primeira tradução da *Interpretação dos sonhos* foi publicada em 1913. Desde então, muito tem acontecido no mundo, e muitas mudanças ocorreram em nossos pontos de vista sobre a neurose. Este livro, com a nova contribuição à psicologia que surpreendeu o mundo quando foi publicado (1900), permanece essencialmente inalterado. Ele contém, até mesmo segundo minha avaliação atual, a mais valiosa das descobertas que tive a sorte de fazer. Um *insight* como esse nos é dado apenas uma vez na vida.

Viena, 15 de março de 1931.]

---

* Ela foi publicada em 1934. — Além das traduções mencionadas nestes prefácios, foram publicadas ainda durante a vida de Freud uma edição russa em 1913, uma japonesa em 1930 e uma tcheca em 1938.

I. A LITERATURA CIENTÍFICA SOBRE OS PROBLEMAS DO SONHO

Demonstrarei nas páginas seguintes que há uma técnica psicológica que permite interpretar os sonhos e que, aplicando-se esse procedimento, cada sonho se revela como uma formação psíquica dotada de sentido, que pode ser inserida num ponto identificável da atividade psíquica da vigília. Tentarei esclarecer também os processos aos quais se devem a estranheza e a obscuridade do sonho, para deles fazer inferências sobre a natureza das forças psíquicas de cuja interação conjunta ou contrária resulta o sonho. A essa altura, interromperei a minha exposição, pois ela terá atingido o ponto em que o problema do sonho desemboca em problemas mais amplos, cuja solução precisa ser buscada na abordagem de outro material.

Começo com um panorama das realizações dos autores precedentes e da posição atual dos problemas do sonho na ciência, pois ao longo do trabalho não terei muitas oportunidades de voltar ao assunto. A despeito de esforços milenares, a compreensão científica do sonho progrediu pouco. Os autores admitem isso de modo tão geral que parece desnecessário citar vozes individuais. Nesses escritos, cuja relação acrescento ao final da minha obra, o leitor encontrará muitas observações estimulantes e muito material interessante sobre o nosso tema, mas pouco ou nada que diga respeito à essência do sonho ou solucione definitivamente algum dos seus enigmas. Evidentemente, menos ainda passou ao conhecimento dos leigos instruídos.

A ideia do sonho que tinham os povos primitivos nos primórdios da humanidade e que influência ele teve sobre a formação de suas concepções do mundo e da alma são um tema de interesse tão grande que lamento ter que excluí-lo do estudo neste

contexto. Remeto o leitor às obras conhecidas de Sir J. Lubbock, H. Spencer, E. B. Tylor, entre outros, e acrescento apenas que só conseguiremos compreender a extensão desses problemas e dessas especulações quando tivermos realizado o trabalho de "interpretação dos sonhos". Encontramos um eco da concepção primitiva do sonho na atitude dos povos da Antiguidade clássica diante do sonho.[1] Eles partiam do pressuposto de que os sonhos estavam relacionados ao mundo dos seres sobre-humanos, nos quais acreditavam, e que lhes traziam revelações por parte dos deuses e demônios. Acreditavam também que os sonhos tinham um propósito importante para o sonhador, normalmente o de anunciar-lhe o futuro. Mas a variedade extraordinária de conteúdo e impressão dos sonhos tornava difícil desenvolver uma concepção homogênea e os obrigou a fazer distinções múltiplas e formar grupos de sonhos de acordo com seu valor e sua confiabilidade. Evidentemente, a avaliação que os filósofos individuais da Antiguidade faziam do sonho dependia da posição que eles estavam dispostos a atribuir à *adivinhação* em geral. Nos dois escritos de Aristóteles que tratam do sonho, este já se torna objeto da psicologia. Aprendemos que não é enviado por deuses, não é de natureza divina, mas sim de natureza demoníaca,[a] pois a natureza é demoníaca e não divina, isto é, o sonho não decorre de uma revelação divina, mas resulta das leis do espírito humano, a despeito de seu parentesco com a divindade. O sonho é definido como atividade da alma do homem adormecido, contanto que durma.

Aristóteles conhece algumas características da vida onírica; sabe, por exemplo, que o sonho reinterpreta em escala ampliada os pequenos estímulos que ocorrem durante o sono ("o sonhador acredita estar atravessando um fogo e estar em chamas quando ocorre um aquecimento insignificante deste ou daquele membro") e deduz disso que os sonhos podem muito bem revelar ao médico os primeiros indícios, não identificados durante o dia, de uma alteração no corpo.[2]

Como sabemos, antes de Aristóteles os antigos não reconheciam o sonho como produto da alma que sonha, mas como inspiração divina; as duas vertentes

antagônicas, que encontraremos sempre presentes na avaliação da vida onírica, já são aparentes aqui. Eles diferenciavam entre sonhos verídicos e valiosos, enviados ao sonhador para alertá-lo ou anunciar-lhe o futuro, e sonhos vãos, enganosos e fúteis, cuja intenção era desnorteá-lo ou levá-lo à perdição.

Gruppe (*Griechische Mythologie und Religionsgeschichte*, 1906, v. 2, p. 930) reproduz uma classificação dos sonhos desse tipo, segundo Macróbio e Artemidoro: "Os sonhos eram divididos em duas classes. Uma delas era influenciada apenas pelo presente (ou pelo passado), mas irrelevante para o futuro; abarcava a ἐνύπνια, *insomnia*, que reproduz a representação imediata ou seu oposto, por exemplo, a fome ou sua satisfação, e os φαντάσματα, que ampliam de modo fantástico a representação dada, como, por exemplo, o pesadelo, *ephialtes*. A outra classe, porém, era vista como determinante para o futuro; pertenciam a ela: 1) a profecia direta, recebida no sonho (χρηματισμός, *oraculum*), 2) a predição de um evento vindouro (ὅραμα, *visio*), 3) o sonho simbólico, que precisava ser interpretado (ὄνειρος, *somnium*). Essa teoria se manteve durante muitos séculos".

A tarefa de "interpretar os sonhos" estava relacionada a essa inconstância na avaliação dos sonhos. Em geral, as pessoas esperavam receber esclarecimentos importantes dos sonhos, mas nem sempre conseguiam entender imediatamente todos os sonhos e não podiam saber se determinado sonho incompreensível anunciava algo significativo. Isso serviu como incentivo para um esforço que visava à substituição do conteúdo incompreensível do sonho por outro inteligível e significativo. Na Antiguidade tardia, Artemidoro de Daldis foi considerado a maior autoridade na interpretação dos sonhos; sua obra minuciosa deve nos compensar a perda de obras de conteúdo análogo.[3]

A concepção pré-científica do sonho dos antigos certamente se encontrava em harmonia plena com sua visão geral do mundo, que costumava projetar como realidade sobre o mundo exterior o que só tinha realidade na vida psíquica. Além disso, levava em conta a principal impressão deixada na vida de vigília pela

lembrança do sonho que resta de manhã, pois nessa lembrança o sonho contrasta com o conteúdo psíquico restante como algo estranho, como que proveniente de outro mundo. A propósito, estaríamos equivocados se pensássemos que a doutrina da origem sobrenatural dos sonhos carece de seguidores nos nossos dias. Sem falar dos escritores pietistas e místicos — que fazem bem ao manter ocupadas as regiões outrora extensas do sobrenatural, enquanto não sejam conquistadas pela explicação da ciência natural —, encontramos homens sagazes e avessos a qualquer aventura que tentam justificar sua fé religiosa na existência e na intervenção de forças espirituais sobre-humanas justamente pela inexplicabilidade dos fenômenos oníricos (Haffner, 1887). O apreço pela vida onírica por parte de algumas escolas filosóficas (por exemplo, dos schellinguianos) é um claro eco da natureza divina do sonho, incontestada na Antiguidade, e também não se encerrou o debate sobre o poder divinatório do sonho, sua capacidade de anunciar o futuro, porque as tentativas de explicação psicológica não bastam para cobrir o material acumulado, embora as simpatias de todos os que se renderam ao pensamento científico tendam inequivocamente a rejeitar esse tipo de afirmação.

É difícil escrever uma história do nosso conhecimento científico dos problemas dos sonhos porque esse conhecimento, por mais valioso que tenha se tornado em alguns pontos, não evidencia um avanço em determinadas direções. Não houve a construção de um fundamento de resultados consolidados sobre o qual um pesquisador posterior pudesse construir algo. Cada novo autor aborda os mesmos problemas e como que recomeça desde o início. Se eu quisesse me ater à cronologia dos autores e resumir os pontos de vista de cada um sobre os problemas do sonho, teria que desistir da tentativa de esboçar uma visão geral do conhecimento atual sobre o sonho. Por isso, optei por uma exposição orientada pelos temas, e não pelos autores. Apresentarei, para cada um dos problemas do sonho, o material que a literatura oferece para a sua solução.

Visto que não consegui dominar toda a literatura, que está amplamente dispersa e invade outras áreas, peço que meus leitores se deem por satisfeitos se nenhum fato fundamental e nenhum ponto de vista significativo forem ignorados em minha exposição.

Até pouco tempo atrás, a maioria dos autores costumava tratar do sono e do sonho no mesmo contexto, em geral acrescentando observações sobre estados análogos que se estendem à psicopatologia e sobre ocorrências semelhantes ao sonho (como alucinações, visões etc.). Os trabalhos mais recentes, porém, demonstram a tentativa de limitar o tema e de se ocupar de alguma questão específica referente à vida onírica. Acredito reconhecer nessa mudança uma expressão da convicção de que um esclarecimento e uma concordância em assuntos tão obscuros só poderão ser alcançados mediante uma série de investigações detalhadas. O que posso oferecer aqui nada mais é do que uma pesquisa pormenorizada desse tipo, de natureza predominantemente psicológica. Tive poucos motivos para me ocupar do problema do sono, pois este é essencialmente um problema fisiológico, embora as características do estado de sono incluam necessariamente a mudança das condições de funcionamento do aparelho psíquico. Portanto, a literatura sobre o sono não é considerada aqui.

O interesse científico pelos fenômenos do sonho em si leva às seguintes questões, que, em parte, se sobrepõem umas às outras:

A. RELAÇÃO DO SONHO COM A VIDA DE VIGÍLIA

O julgamento ingênuo do homem que acaba de despertar supõe que o sonho — já que ele não provém de outro mundo — transportara o adormecido para outro mundo. O velho fisiólogo Burdach, a quem devemos uma descrição cuidadosa e sutil dos fenômenos do sonho, expressou essa convicção numa frase que chamou muita atenção (1838, p. 499): "[…] jamais se repete a vida do dia com seus esforços e prazeres, suas alegrias e dores; pelo contrário, o sonho visa libertar-nos deles. Mesmo quando toda a nossa alma estava repleta de algo, quando uma dor profunda dilacerou nosso íntimo ou uma tarefa exigiu toda a força do nosso espírito, o sonho ou nos oferece algo completamente estranho ou seleciona da realidade apenas elementos individuais para as suas combinações, ou adota apenas a tonalidade do nosso humor e simboliza a realidade". — I. H. Fichte (1864, v. 1, p. 541) fala, nesse mesmo sentido, diretamente de *sonhos complementares* e os descreve como um dos benefícios secretos de autocura do espírito. — Em sentido análogo, L. Strümpell se expressa de modo semelhante em seu estudo elogiado por todos sobre a natureza e a origem dos sonhos (1887, p. 16): "Quem sonha se apartou do mundo da consciência desperta". (Ibid., p. 17): "No sonho, a recordação do conteúdo ordenado da consciência desperta e de seu comportamento normal se perde quase que completamente". (Ibid., p. 19): "No sonho, a psique se isola quase sem lembrança do conteúdo e decurso regular da vida de vigília".

Todavia, a maioria dos autores tem defendido uma opinião contrária sobre a relação do sonho com a vida de vigília, como, por exemplo, Haffner (1887, p. 245): "A princípio, o sonho dá continuação à vida de vigília. Nossos sonhos sempre se vinculam às representações que, pouco antes, estiveram na consciência. Uma observação minuciosa encontrará quase sempre um fio que liga o sonho às experiências do dia anterior". Weygandt (1893, p. 6) refuta diretamente a afirmação

acima citada de Burdach, "pois muitas vezes, aparentemente na maioria dos sonhos, podemos observar que estes nos remetem justamente à vida ordinária, em vez de nos libertar dela". Maury (1878, p. 51) se expressa numa fórmula sucinta: "*nous rêvons de ce que nous avons vu, dit, désiré ou fait*" [sonhamos com aquilo que vimos, dissemos, desejamos ou fizemos]; Jessen, em sua *Psychologie*, publicada em 1855 (p. 530), é um pouco mais copioso: "Em medida maior ou menor, o conteúdo dos sonhos é sempre determinado pela personalidade individual, por sua idade, sexo, posição, nível de formação, modo de vida e eventos e experiências de toda a vida até então".

O filósofo J. G. E. Maass (1805) assume a posição mais inequívoca diante dessa questão: "A experiência confirma nossa afirmação segundo a qual costumamos sonhar com maior frequência com aquelas coisas que atraem as nossas paixões mais ardentes. Vemos, portanto, que as nossas paixões devem exercer uma influência sobre a produção dos nossos sonhos. O ambicioso sonha com os lauréis conquistados ou ainda a serem conquistados (talvez apenas em sua imaginação); o apaixonado, por sua vez, se ocupa em seus sonhos com o objeto de suas doces esperanças [...]. Todos os desejos e aversões sensuais adormecidos no coração podem, quando excitados por um motivo qualquer, fazer com que surja um sonho a partir das representações socializadas com estes ou que essas representações se introduzam num sonho já existente". (Registrado por Winterstein, 1912.)

Os antigos pensavam igual sobre a dependência do conteúdo do sonho em relação à vida. Cito segundo Radestock (1879, p. 134): sempre que Xerxes, antes de iniciar sua expedição contra a Grécia, era dissuadido dessa decisão por meio de bons conselhos, seus sonhos voltavam a instigá-lo. Então, Artabano, o velho e sensato intérprete de sonhos dos persas, lhe disse de modo pertinente que as imagens dos sonhos costumam conter aquilo que o homem pensa em estado de vigília.

Lucrécio diz, em seu poema didático *De rerum natura* (IV, v. 962):

Et quo quisque fere studio devinctus adhaeret,
aut quibus in rebus multum sumus ante morati
atque in ea ratione fuit contenta magis mens,
in somnis eadem plerumque videmur obire;
causidici causas agere et componere leges,
induperatores pugnare ac proelia obire, etc. etc.
[E qualquer que seja a busca à qual alguém se apega com devoção,
quaisquer que sejam as coisas de que nos ocupamos muito no passado,
a mente estando mais voltada para este fim,
geralmente são as mesmas coisas que costumamos encontrar nos sonhos;
defensores a defender causas e comparar leis,
generais a lutar e travar batalhas etc. etc.]

Cícero (*De divinatione*, II, lxvii, 140) já diz o que Maury diria muito mais tarde: "*Maximeque reliquiae earum rerum moventur in animis et agitantur, de quibus vigilantes aut cogitavimus aut egimus*". [E principalmente os resquícios de nossos atos e pensamentos em vigília se movimentam e se agitam dentro da alma.]

A contradição entre essas duas opiniões sobre a relação entre a vida onírica e a vida de vigília parece, de fato, insolúvel. Por isso, cabe lembrar aqui a exposição de F. W. Hildebrandt (1875, pp. 8 ss.), segundo o qual as peculiaridades do sonho só podem ser descritas como uma "série de oposições, que, aparentemente, culminam em contradições". "A *primeira* dessas oposições é formada, de um lado, pelo *isolamento rigoroso* do sonho ou pela sua *exclusão* da vida real e verdadeira e, por outro, pelas permanentes *incursões* recíprocas e por sua constante dependência mútua. — O sonho é algo distinto da realidade vivenciada em estado de vigília; é, somos tentados a dizer, uma existência hermeticamente encerrada em si mesma, separada da vida real por um abismo insuperável. Ele nos desprende da realidade, apaga nossa lembrança normal desta e nos insere em outro mundo e numa biografia completamente diferente, que, no fundo, nada tem a ver com a nossa existência real." Hildebrandt explica em seguida como, ao adormecer, todo o nosso ser com suas formas de existência "desaparece como que por trás de um alçapão invisível".

No sonho, fazemos então, por exemplo, uma viagem marítima até Santa Helena para oferecer a Napoleão, que ali se encontra preso, um excelente vinho da região de Mosela. O ex-imperador nos recebe com a maior gentileza, e quase lamentamos quando a ilusão interessante é interrompida pelo despertar. Agora, porém, comparamos a situação do sonho com a realidade. Jamais fomos comerciantes de vinhos, nem jamais o desejamos ser. Nunca fizemos uma viagem marítima e certamente não escolheríamos Santa Helena como nosso destino. Não nutrimos nenhuma simpatia por Napoleão, mas sim um feroz ódio patriótico. Além do mais, nem sequer tínhamos nascido quando Napoleão morreu na ilha; portanto, teria sido impossível estabelecer um relacionamento pessoal com ele. Assim, a experiência do sonho se apresenta como algo estranho, inserido entre duas fases da vida contínuas e perfeitamente compatíveis entre si.

"No entanto", continua Hildebrandt, "o *oposto* aparente é igualmente verdadeiro e correto. A relação e o vínculo mais íntimos caminham, creio, de mãos dadas com esse isolamento e separação. Podemos até dizer: Não importa o que o sonho ofereça, ele retira seu material da realidade e da vida do espírito, que se desenrola nessa realidade […]. Por mais estranha que seja sua atividade, ele jamais consegue se esquivar do mundo real, e suas criações mais sublimes e também as mais grotescas precisam sempre emprestar sua matéria-prima daquilo que o mundo dos sentidos apresenta aos nossos olhos ou que, de alguma forma, já encontrou seu lugar no nosso pensamento desperto, em outras palavras, daquilo que já vivenciamos externa ou internamente."

B. O MATERIAL DO SONHO — A MEMÓRIA NO SONHO

Todo o material que compõe o conteúdo do sonho provém, de alguma forma, de experiências, ou seja, ele é reproduzido e *lembrado* no sonho — pelo menos isso pode ser considerado um conhecimento incontestado. No entanto, seria um equívoco supor que esse tipo de relação do conteúdo do sonho com a vida de vigília resulta facilmente como produto evidente da comparação feita entre ambos. Pelo contrário, essa relação precisa ser procurada com atenção e, em toda uma série de casos, permanece oculta durante muito tempo. Isso se deve a certo número de peculiaridades exibidas pela faculdade de memória no sonho e que, apesar de já ter sido observado frequentemente, até hoje se esquivou de qualquer explicação. Vale a pena o esforço de examinar essas características mais a fundo.

Ocorre primeiramente que o conteúdo do sonho apresenta um material que, no estado de vigília, não reconhecemos como pertencente à nossa experiência e conhecimento. Lembramo-nos de ter sonhado aquilo, não, porém, do fato nem do momento em que vivenciamos aquilo. Permanecemos em dúvida em relação à fonte da qual o sonho se serviu e somos tentados a acreditar numa atividade produtiva autônoma do sonho, até que, às vezes após muito tempo, um novo evento recupera a lembrança do evento anterior, revelando assim a fonte do sonho. Precisamos então admitir que, no sonho, sabíamos e nos lembrávamos de algo que havia escapado à nossa memória no estado de vigília.[4]

Delboeuf relata um exemplo particularmente impressionante desse tipo que ele mesmo vivenciou. No sonho, viu o pátio de sua casa coberto de neve e encontrou dois pequenos lagartos semicongelados e cobertos de neve. Sentindo grande afeto por animais, ele os acolheu, aqueceu e devolveu a seu pequeno buraco no muro. Deu-lhes também algumas folhas de uma samambaia que crescia no muro, as quais, como sabia, eles amavam muito. No sonho, ele conhecia o nome da planta:

Asplenium ruta muralis. — O sonho continuou e, depois de um entreato, voltou para os lagartos e apresentou a Delboeuf, para sua grande surpresa, dois novos animaizinhos, que estavam comendo os restos da samambaia. Então, voltou seu olhar para o campo aberto e viu um quinto, um sexto lagarto a caminho do buraco no muro. Por fim, toda a estrada foi tomada por uma procissão de lagartos, todos eles seguindo na mesma direção etc.

O conhecimento de Delboeuf em estado de vigília abarcava apenas poucos nomes de plantas em latim e não incluía o *Asplenium*. Para sua grande surpresa, constatou que realmente existia uma samambaia com esse nome. *Asplenium ruta muraria* era a designação correta, que o sonho havia distorcido ligeiramente. Uma coincidência era improvável; Delboeuf, porém, não soube explicar de onde lhe viera o conhecimento do nome *Asplenium* no sonho.

O sonho havia ocorrido em 1862; dezesseis anos depois, o filósofo descobriu, durante a visita a um amigo, um pequeno álbum com flores dessecadas, do tipo que é vendido aos estrangeiros como lembrança em algumas regiões da Suíça. Ele se lembrou de algo, abriu o herbário, encontrou nele o *Asplenium* do seu sonho e reconheceu sua própria caligrafia no nome acrescentado em latim. Então conseguiu estabelecer o vínculo. Em 1860 — dois anos antes do sonho com os lagartos —, uma irmã desse amigo havia feito uma visita a Delboeuf durante sua viagem de núpcias. Na época, trouxera consigo esse álbum para seu irmão, e Delboeuf se deu ao trabalho de, ajudado por um botânico, acrescentar o nome em latim de cada uma das plantas dessecadas.

Um feliz acaso, que torna esse exemplo tão interessante, permitiu que Delboeuf identificasse também a fonte esquecida de outra parte do conteúdo desse sonho. Em 1877, um velho volume de uma revista ilustrada caiu em suas mãos, e nela ele encontrou uma ilustração de toda a procissão de lagartos com que sonhara em 1862. O volume era de 1861, e Delboeuf se lembrou de ter assinado aquela revista desde seu lançamento.

O fato de o sonho dispor de lembranças inacessíveis ao estado de vigília é tão curioso e tão importante para a teoria que eu gostaria de reforçar a atenção dada a ele, relatando ainda outros sonhos "hipermnésicos". Maury conta que, durante certo tempo, a palavra *Mussidan* costumava vir-lhe à mente durante o dia. Ele sabia que se tratava do nome de uma cidade francesa, mas nada além disso. Certa noite, sonhou que conversava com determinada pessoa que afirmava vir de Mussidan e que, ao ser indagada sobre a localização da cidade, lhe respondeu: Mussidan é uma cidade distrital no *Département de la Dordogne*. Ao acordar, Maury não deu confiança à informação recebida no sonho; o léxico geográfico, porém, confirmou que era absolutamente correta. Nesse caso, confirmou-se o conhecimento superior do sonho; a fonte esquecida desse conhecimento, porém, não foi encontrada.

Jessen (1855, p. 551) relata a ocorrência de um sonho muito parecido de tempos passados: "Faz parte destes, entre outros, o sonho do velho Scaliger (Hennings, 1784, p. 300), que escreveu uma poesia em homenagem aos famosos homens de Verona. Apareceu-lhe no sonho um homem que dizia chamar-se Brugnolus e se queixava por ter sido ignorado. Apesar de Scaliger não se lembrar de ter ouvido falar dele, dedicou alguns versos a ele, e seu filho descobriu mais tarde, em Verona, que, no passado, existira um crítico famoso com esse nome".

O marquês D'Hervey de St.-Denis (citado em Vaschide, 1911, pp. 232 s.) relata um sonho hipermnésico, caracterizado por uma peculiaridade especial. Num sonho posterior ocorre a identificação da lembrança não reconhecida no primeiro: "Certa vez, sonhei com uma mulher jovem de cabelo dourado. Eu a vi conversar com minha irmã enquanto lhe mostrava um bordado. No sonho, eu parecia conhecê-la, acreditava até já tê-la visto repetidas vezes. Após despertar, tenho ainda uma imagem vívida desse rosto, mas não consigo me lembrar. Adormeço novamente, a imagem do sonho se repete. Nesse novo sonho, dirijo minha palavra à dama loura e pergunto se eu já não tivera o prazer de conhecê-la em algum lugar. 'Certamente', responde a dama, 'não se lembra do balneário de Pornic?' Acordei imediatamente e

agora tenho certeza absoluta de lembrar-me de todos os detalhes aos quais se vinculava essa visão onírica graciosa".

O mesmo autor (em Vaschide, ibid., pp. 233-4) relata: Certa vez, um músico, conhecido seu, ouviu no sonho uma melodia que lhe parecia completamente nova. Apenas vários anos depois, ele a encontrou em uma antiga coleção de peças musicais, que, até hoje, ele não se lembra de ter tido em mãos.

Em uma obra, que infelizmente não me é acessível (*Proceedings of the Society for Psychical Research*), Myers publicou toda uma coletânea desse tipo de sonho hipermnésico. Creio que cada um que se ocupa com sonhos terá que reconhecer como fenômeno muito comum o fato de que o sonho dá testemunho de conhecimentos e lembranças que o homem desperto acredita não possuir. Nos trabalhos psicanalíticos com nervosos, sobre os quais falarei mais tarde, tenho, a cada semana, a oportunidade de demonstrar aos meus pacientes por meio de seus sonhos que, na verdade, eles conhecem muito bem determinadas citações, palavras obscenas e coisas semelhantes e que eles as utilizam no sonho, apesar de não se lembrarem delas na vida de vigília. Quero comunicar aqui ainda um caso inocente de hipermnésia no sonho, pois a fonte da qual provinha o conhecimento acessível apenas ao sonho pôde ser encontrada facilmente.

Um paciente sonhou, no contexto de um sonho mais longo, que pedira uma "Kontuszówska" numa cafeteria, mas, após contar-me seu sonho, perguntou o que isso poderia ser, pois nunca ouvira o nome. Pude responder-lhe que a *Kontuszówska* era uma aguardente polonesa, que ele não podia ter inventado no sonho, pois havia muito o nome me era conhecido de cartazes. A princípio, o homem não queria acreditar em mim. Alguns dias mais tarde, após concretizar seu sonho na cafeteria, ele percebeu o nome num cartaz afixado numa esquina pela qual ele precisava passar pelo menos duas vezes ao dia durante os últimos meses.

Eu mesmo vivenciei com meus próprios sonhos o quanto dependemos do acaso na descoberta da origem de alguns elementos do sonho. Antes da redação deste

livro, perseguiu-me durante anos a imagem de uma torre de igreja de arquitetura muito simples, a qual eu não me lembrava de ter visto. De repente a reconheci, sem nenhuma dúvida, em uma pequena estação ferroviária entre Salzburgo e Reichenhall. Isso aconteceu na segunda metade da década de 1890, e eu havia percorrido aquele trecho pela primeira vez em 1886. Anos mais tarde, quando já me ocupava intensamente com o estudo dos sonhos, a imagem recorrente no sonho de determinada localidade estranha começou a me incomodar. Eu via à minha esquerda, numa relação espacial específica, uma sala escura, da qual se destacavam várias figuras grotescas de arenito. Uma vaga lembrança, em que não queria acreditar, me dizia que se tratava da entrada de uma cervejaria; no entanto, não consegui esclarecer o significado nem a origem dessa imagem onírica. Em 1907, o acaso me levou a Pádua, que, para a minha tristeza, eu não pudera visitar desde 1895. Minha primeira visita à bela cidade universitária havia sido insatisfatória, eu não pudera ver os afrescos de Giotto na Madonna dell'Arena e tivera que dar meia-volta no meio da rua que me levaria para lá quando me informaram que a pequena igreja estaria fechada naquele dia. Na minha segunda visita, doze anos mais tarde, quis compensar aquela perda e procurei, antes de qualquer outra coisa, o caminho para a Madonna dell'Arena. Naquela rua, à minha esquerda, provavelmente no local em que eu dera meia-volta em 1895, descobri a localidade que eu havia visto tantas vezes no sonho, juntamente com suas figuras de arenito. Tratava-se, de fato, do acesso ao jardim de um restaurante.

Uma das fontes das quais o sonho retira material para a reprodução, inclusive aquele que não é lembrado e utilizado na atividade do pensamento em estado de vigília, é a infância. Citarei apenas alguns dos autores que observaram e ressaltaram isso: Hildebrandt (1875, p. 23): "Já foi admitido expressamente que, por vezes, o sonho traz de volta à nossa alma, com um maravilhoso poder de reprodução, eventos muito distantes e até mesmo esquecidos dos tempos mais remotos".

Strümpell (1877, p. 40): “A questão se intensifica ainda mais quando percebemos como o sonho resgata as imagens de localidades, objetos e pessoas em toda a sua integridade e frescor original, soterradas sob as camadas mais profundas e maciças que o tempo posterior depositou sobre as experiências da primeira juventude. Isso não se limita às impressões que, no momento de sua gênese, deixaram uma impressão viva na consciência ou se vincularam a fortes valores psíquicos e agora retornam no sonho como verdadeiras lembranças, que alegram a consciência despertada. A profundeza da memória do sonho abarca também imagens de pessoas, objetos, localidades e experiências do tempo mais remoto que ou causaram apenas uma impressão fraca ou não tiveram nenhum valor psíquico, ou que, há muito, perderam essas qualidades e, por isso, nos parecem totalmente estranhas e desconhecidas tanto no sonho quanto após o despertar, até descobrirmos sua origem distante”.

Volkelt (1875, p. 119): “É especialmente notável com que frequência as lembranças da infância e da juventude se inserem no sonho. O sonho nos lembra incansavelmente aquilo em que não pensamos há muito tempo, aquilo que, há muito tempo, perdeu para nós toda importância”.

O domínio do sonho sobre o material da infância, que, como sabemos, se perde em grande parte entre as lacunas da nossa memória consciente, gera sonhos hipermnésicos interessantes, dos quais quero dar alguns exemplos.

Maury (1878, p. 92) conta que, em sua infância, viajava muito de sua cidade natal, Meaux, para a cidade próxima de Trilport, onde seu pai supervisionava a construção de uma ponte. Certa noite, o sonho o leva para Trilport, e ele volta a brincar nas ruas da cidade. Um homem em algum tipo de uniforme se aproxima dele. Maury pergunta pelo seu nome; o homem se apresenta, diz chamar-se C… e ser vigia da ponte. Ao despertar, Maury, que ainda duvida da veracidade da lembrança, pergunta a uma velha criada que esteve com ele desde a infância se ela

consegue se lembrar de um homem com esse nome. “Certamente”, ela responde, “ele era o vigia da ponte que seu pai construiu na época.”

Outro exemplo, igualmente confirmado, da exatidão da memória da infância que ressurge no sonho é relatado por Maury e trata de um senhor F…, que crescera em Montbrison. Vinte e cinco anos após sua partida, esse homem decidiu visitar a cidade natal e os amigos da família, que ele não vira desde então. Na noite anterior à sua viagem, ele sonha já estar em Montbrison. Nas proximidades da cidade, encontra um senhor desconhecido, que lhe diz ser o sr. T., um amigo de seu pai. O sonhador sabia que, em sua infância, ele conhecera um senhor com esse nome, no entanto, ao despertar, não conseguiu se lembrar de sua aparência. Alguns dias mais tarde, após realmente chegar a Montbrison, achou o local desconhecido do sonho e encontrou ali um senhor que imediatamente reconheceu como o sr. T. do sonho. A pessoa real aparentava apenas ser mais velha do que na imagem do sonho.

Posso narrar aqui um sonho meu, no qual a impressão a ser lembrada é substituída por uma ligação. Sonhei com uma pessoa que, no sonho, eu sabia ser o médico da minha cidade natal. Seu rosto era indistinto e se confundia com a imagem de um dos meus professores do liceu, com quem me encontro ainda hoje de vez em quando. Ao despertar, não consegui descobrir o nexo que ligava as duas pessoas. Mas quando interroguei minha mãe sobre o médico desses meus primeiros anos de infância, ela me disse que ele tinha um só olho, e um único olho tem também o professor do liceu, cuja pessoa se confundira no sonho com a do médico. Eu não via o médico havia 38 anos, e, pelo que sei, jamais pensei nele na vida de vigília, a despeito da cicatriz no meu queixo, que poderia ter me lembrado da ajuda que dele recebi.

Parece que, quando vários autores afirmam que a maioria dos sonhos permite identificar elementos dos dias mais recentes, eles pretendem contrabalançar o papel excessivo das impressões da infância na vida onírica. Robert (1886, p. 46) chega até a afirmar: em geral, o sonho normal se ocupa apenas com as impressões dos dias

mais recentes. Veremos, porém, que a teoria do sonho desenvolvida por Robert exige imperiosamente essa supressão das impressões mais antigas e essa ênfase das impressões mais recentes. Mas o fato que Robert expressa existe, como minhas próprias investigações me revelaram. Nelson, um autor norte-americano, acredita que a maioria das impressões utilizadas no sonho provém do penúltimo ou antepenúltimo dia anterior a ele, como se as impressões do dia imediatamente anterior não fossem suficientemente enfraquecidas ou remotas.

Vários autores, contrários ao questionamento da relação íntima entre o conteúdo do sonho e a vida de vigília, perceberam que as impressões que ocupam intensamente o pensamento de vigília só aparecem no sonho após terem sido mais ou menos reprimidas pelo trabalho do pensamento diurno. Normalmente, não sonhamos com um ente querido falecido logo de início, quando o luto ainda nos domina por completo (Delage, 1891). Contudo, uma das observadoras mais recentes, Miss Hallam, reuniu também exemplos do comportamento contrário e defende nesse ponto o direito à individualidade psicológica (Hallam e Weed, 1896).

A terceira, mais notável e mais incompreensível peculiaridade da memória no sonho se mostra na seleção do material reproduzido, pois, ao contrário da vigília, que lembra apenas o mais significativo, o sonho considera digno de ser lembrado também o mais irrelevante e mais inexpressivo. Passo aqui a palavra àqueles autores que deram a expressão mais forte à sua surpresa.

Hildebrandt (1875, p. 11): "Pois o mais notável é que o sonho costuma extrair seus elementos não dos eventos grandes e profundos, não dos interesses poderosos e urgentes do dia anterior, mas dos acréscimos secundários, das migalhas sem valor, por assim dizer, do passado mais recente ou mais distante. A morte que abalou nossa família e sob cuja impressão adormecemos em noite avançada permanece apagada da nossa memória até que o primeiro despertar a faça voltar com violência perturbadora. A verruga na testa de um estranho, porém, que cruza nosso caminho

e em quem não pensamos um momento sequer após passarmos por ele, tem um papel no nosso sonho".

Strümpell (1877, p. 39): "[...] esses casos em que a dissecação de um sonho descobre elementos que, apesar de provirem das experiências de ontem ou de anteontem, foram tão insignificantes e triviais para a consciência desperta que logo foram esquecidos. Fazem parte desse tipo de experiência, por exemplo, declarações entreouvidas por acaso ou ações de outra pessoa observadas superficialmente, impressões rápidas de objetos ou pessoas, pequenas passagens de uma leitura e similares".

Havelock Ellis (1899, p. 727): "*The profound emotions of waking life, the questions and problems on which we spread our chief voluntary mental energy, are not those which usually present themselves at once to dream consciousness. It is, so far as the immediate past is concerned, mostly the trifling, the incidental, the 'forgotten' impressions of daily life which reappear in our dreams. The psychic activities that are awake most intensely are those that sleep most profoundly*" [As emoções profundas da vida de vigília, as perguntas e os problemas para os quais voltamos nossa principal energia mental voluntária não são aqueles que normalmente se apresentam à consciência onírica. São, no que diz respeito ao passado imediato, na maioria das vezes, as impressões superficiais, incidentais e "esquecidas" da vida cotidiana que reaparecem em nossos sonhos. As atividades psíquicas mais intensas no estado de vigília são aquelas que têm o sono mais profundo]. Binz (1878, pp. 44-5) aproveita justamente essas particularidades da memória no sonho para expressar sua insatisfação com as explicações do sonho que ele mesmo sustenta: "E o sonho natural levanta perguntas semelhantes. Por que nem sempre sonhamos com impressões mnêmicas dos dias mais recentes, mas muitas vezes mergulhamos, sem nenhum motivo reconhecível, num passado distante e quase apagado? Por que a consciência, no sonho, recebe tantas vezes a impressão de imagens mnêmicas *indiferentes*, enquanto as células do cérebro, justamente as que guardam os registros mais excitáveis do vivenciado,

permanecem mudas e inativas, a não ser que um refrescamento agudo durante a vigília as tenha excitado pouco antes?".

É fácil ver como a estranha preferência da memória do sonho pelo indiferente e, por isso, despercebido nos eventos do dia geralmente leva as pessoas a ignorar a dependência do sonho da vida diurna e dificultar, em cada caso individual, a demonstração dessa dependência. Assim, foi possível que Miss Whiton Calkins (1893), ao examinar estatisticamente seus sonhos (e os de seu colaborador), tenha encontrado 11% de sonhos que não apresentavam nenhuma relação com a vida diurna. Hildebrandt (1875) certamente tem razão quando afirma que todas as imagens oníricas revelariam sua gênese se dedicássemos o tempo e a atenção necessários para investigar sua origem. No entanto, ele considera isso "um empreendimento extremamente ingrato e cansativo. Pois, na maioria das vezes, isso significaria desenterrar coisas sem nenhum valor psíquico nos vínculos mais remotos da memória, trazer à luz do dia momentos completamente indiferentes de tempos passados, soterrados talvez já na primeira hora após sua ocorrência". Lamento, porém, que esse autor tão perspicaz tenha desistido de seguir essa trilha, que teve um início discreto; ela o teria levado diretamente para o centro da explicação do sonho.

O comportamento da memória no sonho é certamente muito significativo para qualquer teoria da memória em geral. Ensina que "nada que, em algum momento, tenhamos possuído na mente pode se perder por completo" (Scholz, 1887, p. 34). Ou, como diz Delboeuf: "*toute impression, même la plus insignifiante, laisse une trace inaltérable, indéfiniment susceptible de reparaître au jour*" [toda impressão, até mesmo a mais insignificante, deixa um traço inalterável, indefinidamente suscetível de reaparecer], uma conclusão à qual somos levados por tantos outros fenômenos patológicos da vida psíquica. Devemos manter em mente essa capacidade de desempenho extraordinário da memória no sonho para termos uma sensação vívida da contradição que determinadas teorias do sonho, mencionadas mais adiante,

precisam estabelecer quando pretendem explicar o absurdo e a incoerência dos sonhos por meio de um esquecimento parcial daquilo que sabemos durante o dia.

Poderia, por exemplo, ocorrer-nos a ideia de reduzir o fenômeno do sonho ao fenômeno da lembrança, de reconhecer no sonho a expressão de uma atividade reprodutiva que não descansa nem mesmo à noite e que é um fim em si mesma. Informações como a de Pilcz (1899), segundo as quais seríamos capazes de comprovar relações fixas entre o momento em que o sonho ocorre e o conteúdo do sonho, sendo que, no sono profundo, reproduzimos impressões dos tempos mais remotos e, ao aproximar-nos da manhã, impressões mais recentes, concordariam com isso. Essa concepção, porém, é improvável desde o início, pelo modo como o sonho lida com o material a ser lembrado. Strümpell corretamente chama atenção para o fato de que no sonho não há repetições de vivências. O sonho dá um primeiro passo nessa direção, mas o passo seguinte não ocorre, ou se apresenta de modo alterado ou é substituído por outro completamente estranho. O sonho traz apenas fragmentos de reproduções. Isso é uma regra tão comprovada que permite uma aplicação teórica. Mas existem exceções, em que o sonho repete uma experiência de modo tão completo quanto nos lembramos dela em estado de vigília. Delboeuf conta de um colega da universidade que teve um sonho em que reviveu todos os detalhes de uma perigosa viagem de carruagem, durante a qual escapou de um acidente apenas por um milagre. Miss Calkins (1893) menciona dois sonhos que tinham como conteúdo a reprodução exata de uma experiência do dia anterior. Mais adiante, eu mesmo relatarei um exemplo que veio ao meu conhecimento, em que uma vivência da infância retornou num sonho sem nenhuma alteração.[5]

C. ESTÍMULOS E FONTES DO SONHO

Há um dito popular, "Sonhos vêm do estômago", que ilustra o que devemos entender por estímulos e fontes do sonho. Por trás desses conceitos se esconde uma teoria que vê o sonho como consequência de uma perturbação do sono. Não teríamos sonhado se nada tivesse perturbado nosso sono, e o sonho é a reação a essa perturbação.

As discussões sobre as causas que provocam os sonhos ocupam o espaço mais amplo nas exposições dos autores. É evidente que o problema só se apresentou quando o sonho se tornou objeto da pesquisa biológica. Os antigos, para quem o sonho era enviado pelos deuses, não precisavam buscar uma fonte de estímulo para ele. O sonho emanava da vontade do poder divino ou demoníaco; seu conteúdo, de seu conhecimento ou propósito. A ciência logo se defrontou com a questão de se o estímulo para sonhar era sempre o mesmo ou se poderia ser também múltiplo e, portanto, se a explicação causal do sonho caberia à psicologia ou à fisiologia. A maioria dos autores parece supor que as causas da perturbação do sonho, ou seja, as fontes do sonho, podem ser de natureza múltipla e que tanto os estímulos somáticos quanto as excitações psíquicas podem assumir o papel de instigadores de sonhos. As opiniões divergem muito no que diz respeito à preferência de uma ou de outra fonte do sonho e ao estabelecimento de uma hierarquia entre elas, segundo sua relevância para a gênese do sonho.

Quando a enumeração das fontes do sonho é completa, resultam finalmente quatro tipos, que foram usados também para a própria classificação dos sonhos: 1) *excitação sensorial externa* (*objetiva*); 2) *excitação sensorial interna* (*subjetiva*); 3) *estímulo somático interno* (*orgânico*); 4) *fontes de estímulos puramente psíquicas*.

1) OS ESTÍMULOS SENSORIAIS EXTERNOS

O jovem Strümpell, filho do filósofo cuja obra já nos serviu várias vezes como guia para os problemas do sonho, comunicou a observação sobre um paciente que sofria de uma anestesia geral da superfície do corpo e de uma paralisia de vários órgãos sensoriais superiores. Quando eram fechados os poucos canais sensoriais desse homem ainda abertos para o mundo exterior, ele adormecia. Quando nós mesmos queremos adormecer, todos nós tentamos alcançar uma situação semelhante à do experimento de Strümpell. Fechamos os principais canais sensoriais, os olhos, e tentamos manter longe de nossos outros sentidos qualquer estímulo ou qualquer alteração dos estímulos que atuam sobre eles. Então adormecemos, embora jamais consigamos concretizar nosso plano perfeitamente. Não conseguimos isolar por completo nossos órgãos sensoriais dos estímulos nem anular plenamente a excitabilidade dos nossos órgãos sensoriais. O fato de que estímulos mais fortes podem nos despertar a qualquer momento é prova "de que também no sono a alma permanece em contato constante com o mundo extracorporal". Os estímulos sensoriais que nos alcançam durante o sono podem muito bem transformar-se em fontes do sonho.

Existe um grande número desses estímulos, desde os inevitáveis, inerentes ao próprio estado do sono ou que este precisa tolerar ocasionalmente, até o estímulo despertador eventual, que pode ou procura pôr fim ao sono. Uma luz mais forte pode invadir os olhos, um barulho pode ser escutado, uma substância de cheiro forte pode excitar a mucosa nasal. Podemos, por meio de um movimento involuntário durante o sono, descobrir partes do corpo e assim expô-las à sensação de frio ou, mediante mudanças de posição, provocar sensações de pressão ou contato. Uma mosca pode nos picar; um pequeno acidente noturno pode incidir sobre vários sentidos ao mesmo tempo. Observadores atentos reuniram toda uma série de sonhos em que o estímulo constatado ao despertar e uma parcela do conteúdo do sonho coincidiam a ponto de permitir a identificação do estímulo como fonte do sonho.

Cito aqui, segundo Jessen (1855, pp. 527 s.), uma coletânea de sonhos que remetem à estimulação sensorial objetiva — mais ou menos acidental: "Cada barulho percebido vagamente gera imagens oníricas correspondentes; o rugido do trovão nos transporta para o centro de uma batalha; o canto do galo pode se transformar num grito de pânico de uma pessoa; o ranger de uma porta provoca sonhos com ladrões que arrombam a casa. Se nos desfazemos do cobertor durante a noite, podemos sonhar que estamos andando nus ou caindo na água. Se estamos deitados na cama em diagonal e os pés ficam de fora, podemos sonhar que nos encontramos à beira de um abismo terrível ou que estamos caindo de um penhasco íngreme. Quando nossa cabeça é acidentalmente coberta pelo travesseiro, sonhamos com uma rocha grande suspensa sobre nós, prestes a nos enterrar sob seu peso. Acúmulos de sêmen provocam sonhos voluptuosos; dores locais produzem a ideia de abusos sofridos, de ataques inimigos ou ferimentos físicos".

"Meier (1758, p. 33) sonhou certa vez que estava sendo assaltado por alguns indivíduos, que o estenderam de costas no chão e fincaram uma estaca entre o dedão e o dedo vizinho. Ao imaginar tudo isso no sonho, ele acordou e encontrou uma palha presa entre os dedos. Em outra ocasião, segundo Hennings (1784, p. 258), Meier sonhou que estava sendo enforcado quando apertou demais o colarinho da camisa. Hoffbauer sonhou em sua juventude que estava caindo de um muro alto e, ao acordar, percebeu que a cama havia se desmontado e que ele realmente tinha caído [...]. Gregory relata como, ao se deitar, colocou uma garrafa com água quente aos seus pés e então sonhou com uma viagem ao cimo do monte Etna, onde o calor do solo era quase insuportável. Outro homem sonhou, após colocar um curativo na cabeça, que estava sendo escalpado por um bando de índios; um terceiro, que dormia com um camisolão úmido, acreditava estar sendo arrastado por uma correnteza. Uma crise de gota durante o sono levou um paciente a acreditar que havia caído nas mãos da Inquisição e estava sofrendo os tormentos da tortura (Macnish)."

O argumento fundamentado na semelhança entre estímulo e conteúdo do sonho é fortalecido quando conseguimos produzir na pessoa adormecida, por meio da aplicação de estímulos sensoriais planejados, sonhos correspondentes ao estímulo. Segundo Macnish, Girou de Buzareingues já realizou experimentos desse tipo. "Ele deixou seus joelhos descobertos e sonhou que estava fazendo uma viagem noturna numa diligência. Ele observa que todos os viajantes conhecem o frio que ataca os joelhos de noite numa carruagem. Noutra ocasião, deixou descoberta a parte posterior da cabeça e sonhou que estava assistindo a uma cerimônia religiosa ao ar livre. No país em que vivia era costume cobrir sempre a cabeça, exceto em ocasiões como a mencionada."

Maury (1878) comunica observações novas sobre sonhos que ele produziu em si mesmo. (Outra série de experimentos não foi bem-sucedida.)

1) Alguém faz cócegas em seus lábios e na ponta de seu nariz com uma pena. — Ele sonha com uma tortura terrível; uma máscara de piche é colocada em seu rosto; ao ser puxada, a máscara lhe arranca a pele.

2) Alguém esfrega uma tesoura numa pinça. — Ele ouve o toque de sinos, depois o toque de alarme, e é transportado para os dias de junho de 1848.

3) Alguém o faz cheirar água-de-colônia. — Ele se encontra no Cairo, na loja de Giovanni Maria Farina.[b] Seguem-se então aventuras loucas, que ele não consegue reproduzir.

4) Alguém o belisca levemente na nuca. — Ele sonha que alguém lhe aplica um curativo e se lembra de um médico que o tratou na infância.

5) Alguém aproxima um ferro quente de seu rosto. — Ele sonha com "*chauffeurs*",[6] que invadem a casa e, enfiando os pés dos moradores em braseiros, os obrigam a entregar seu dinheiro. Entra em cena a duquesa de Abrantès, de quem ele é secretário no sonho.

8) Alguém pinga uma gota d'água em sua testa. — Ele está na Itália, sua intensamente e bebe o vinho branco de Orvieto.

9) Alguém o expõe repetidas vezes à luz de uma vela, fazendo-a antes passar por um papel vermelho. — Ele sonha com o tempo, com o calor e se vê novamente numa tempestade marítima que vivenciara no canal da Mancha.

Outras tentativas de produzir sonhos de modo experimental foram realizadas por D'Hervey, Weygandt (1893) e outros.

Vários autores têm observado "a habilidade conspícua de o sonho absorver impressões repentinas do mundo sensorial e inseri-las em sua estrutura de tal modo que lá elas provocam uma catástrofe já preparada e iniciada gradativamente" (Hildebrandt, 1875). "Na minha juventude", conta esse autor, "eu costumava utilizar um relógio despertador para levantar-me sempre em determinada hora da manhã. Aconteceu-me centenas de vezes que o som desse aparelho se encaixava bem num sonho aparentemente muito longo e coerente, como se todo o sonho fosse dirigido apenas para aquele evento e nele alcançasse seu auge logicamente imprescindível, seu fim natural."

Citarei mais adiante, com outro propósito, três desses sonhos de despertador.

Volkelt (1875, pp. 108 s.) relata: "Certa vez, um compositor sonhou que estava dando aulas e que pretendia explicar algo aos alunos. Quando terminou e se dirigiu a um garoto com a pergunta: 'Você me entendeu?', este gritou como um possuído: '*Oh ja!*' [Ah, sim!]. Irritado, ele lhe proibiu a gritaria. Mas então toda a turma gritou: '*Orja*'. E depois: '*Eurjo*'. E, por fim: '*Feuerjo!*' [Fogo!]. Nesse momento, ele realmente acordou, despertado pelos gritos de '*Feuerjo!*' na rua".

Garnier (1872), citado por Radestock, conta que Napoleão I foi despertado pela explosão de uma bomba enquanto dormia e sonhava em sua carruagem. O sonho o fez reviver a transposição do rio Tagliamento sob o bombardeio dos austríacos. Então acordou, gritando assustado: "Fomos minados!".

Um sonho tido por Maury (1878, p. 161) se tornou célebre. Ele estava doente e de cama em seu quarto, com sua mãe sentada ao lado. Sonhou com o reinado do Terror na época da Revolução Francesa, testemunhou cenas terríveis de

assassinatos e finalmente foi convocado a comparecer perante o tribunal. Lá, viu Robespierre, Marat, Fouquier-Tinville e todos os tristes heróis daquela época horrível, foi interrogado e, após vários incidentes que não se fixaram em sua memória, foi condenado e então, acompanhado por uma multidão incontável, conduzido ao local de execução. Ele subiu ao patíbulo, o carrasco o amarrou à prancha. A prancha se inclinou, a lâmina da guilhotina caiu; sentiu como sua cabeça foi separada do tronco e acordou na mais terrível angústia — e descobriu que o dossel da cama havia caído, atingindo suas vértebras cervicais, de modo semelhante à lâmina da guilhotina.

Esse sonho provocou uma discussão interessante, iniciada por Le Lorrain (1894) e Egger (1895) na *Revue Philosophique*, sobre se e como o sonhador conseguiria, no breve intervalo entre a percepção do estímulo perturbador e o despertar, comprimir tamanha abundância de conteúdo.

Exemplos desse tipo suscitam a impressão de que as estimulações sensoriais objetivas durante o sonho seriam, de todas as fontes do sonho, as mais garantidas. Essa fonte é também única e exclusivamente aquela que importa ao conhecimento do leigo. Se perguntarmos a um homem culto, não familiarizado com a literatura sobre o sonho, como é que este surge, ele responderá, sem dúvida alguma, com uma referência a algum caso de seu conhecimento em que o sonho foi esclarecido por meio de um estímulo sensorial objetivo, descoberto após o despertar. A abordagem científica, porém, não pode parar nisso; a observação de que o estímulo que age sobre os sentidos durante o sono não surge em sua forma verdadeira, mas é substituído por outra representação de algum modo relacionada àquela, dá ensejo a mais indagações. Mas a relação que liga o estímulo do sonho ao sonho resultante é, segundo as palavras de Maury, "*une affinité quelconque, mais qui n'est pas unique et exclusive*" [uma afinidade qualquer, mas que não é única nem exclusiva] (1853, p. 72). Consideremos, por exemplo, três dos sonhos de Hildebrandt com

despertadores (1875, pp. 37 s.); teremos de nos perguntar então por que o mesmo estímulo teria provocado sonhos tão diferentes e por que justamente estes:

"Numa manhã de primavera, vou fazer um passeio e caminho pelos campos verdejantes até um vilarejo próximo. Lá vejo os habitantes, em roupas festivas e com o hinário na mão, caminhando em grande número em direção à igreja. Certo! É domingo, e a missa matutina se iniciará em breve. Decido participar da missa; antes, porém, como estou sentindo um pouco de calor, decido me refrescar um pouco no cemitério que há em torno da igreja. Enquanto leio diversas inscrições nas lápides, ouço o sineiro subindo a torre e vejo, no alto dela, o pequeno sino do vilarejo, que dará o sinal para o início do culto. Por um bom tempo, o sino permanece imóvel, então começa a balançar — e, de repente, seus toques ressoam de modo nítido e penetrante — de modo tão nítido e penetrante que põem um fim ao meu sono. Os toques do sino, porém, são do despertador.

"Outra situação. É um dia de inverno claro, as ruas estão cobertas de neve. Confirmei minha participação num passeio de trenó; no entanto, preciso esperar muito tempo até ser informado de que o trenó me espera à porta. Agora há os preparativos para o embarque — a pele é estendida; o saco para aquecer os pés, aprontado —, e finalmente encontro-me sentado em meu lugar. Mesmo assim, a partida é adiada. Finalmente, as rédeas dão aos cavalos pacientes o sinal de partida. Eles partem; os guizos, sacudidos violentamente, começam a produzir sua conhecida música — com tamanha força que a fina teia do sonho se rompe instantaneamente. E, de novo, é o som estridente do despertador.

"E ainda o terceiro exemplo. Vejo uma copeira com uma pilha de várias dúzias de pratos descer pelo corredor em direção à sala de jantar. A torre de porcelana em seus braços me parece prestes a perder o equilíbrio. 'Tenha cuidado', eu a alerto, 'senão tudo cairá.' Naturalmente, ela responde que já está acostumada com aquilo etc. Enquanto isso, continuo a acompanhá-la com meu olhar preocupado. Então, como eu temia, ela tropeça na soleira da porta — a louça frágil cai com um

estrondo e se desfaz em mil pedaços. Mas o barulho continua infinitamente e, como reconheço logo, não é o estrondo da louça, mas, na verdade, o som de uma campainha — e essa campainha, como percebo agora ao despertar, era apenas o despertador cumprindo seu dever."

Por que, no sonho, a psique se engana quanto à natureza do estímulo sensorial objetivo é uma pergunta que foi respondida por Strümpell (1877) — e de forma quase idêntica por Wundt (1874): ao ser atingida por esses estímulos no sono, ela se acha em condições favoráveis à formação de ilusões. Nós *reconhecemos* uma impressão sensorial, nós a *interpretamos corretamente*, ou seja, ela é inserida naquele grupo de lembranças ao qual, de acordo com todas as nossas experiências anteriores, ela pertence — desde que a impressão seja forte, clara e duradoura o bastante e tenhamos o tempo necessário a nosso dispor para essa consideração. Quando essas condições não são satisfeitas, nos enganamos quanto ao objeto do qual provém a impressão; formamos uma ilusão com base neste. "Quando alguém caminha pelos campos abertos e percebe difusamente um objeto distante, é possível que acredite se tratar de um cavalo." Ao se aproximar, pode ser levado a interpretá-lo como uma vaca deitada e, por fim, a imagem pode ser reconhecida definitivamente como um grupo de pessoas sentadas. De natureza semelhantemente indefinida são as impressões que a psique recebe no sono por estímulos externos; com base nestas, ela forma ilusões: a impressão desperta um número maior ou menor de imagens mnésicas, e é por meio destas que a impressão recebe seu valor psíquico. De qual dos muitos grupos de lembranças em questão as imagens correspondentes são ativadas e quais das possíveis relações associativas entram em ação — isso permanece, também segundo Strümpell, indeterminável e como que deixado ao arbítrio da vida psíquica.

Vemo-nos aqui diante de uma escolha. Podemos admitir que é impossível investigar mais a fundo as leis que regem a formação do sonho e, consequentemente, desistir de perguntar se a interpretação da ilusão provocada pela

impressão sensorial está sujeita ou não a outras condições. Ou podemos supor que a estimulação sensorial que atua sobre o sono como fonte de sonhos exerce apenas um papel modesto e que outros fatores determinam a seleção das imagens mnésicas a serem despertadas. De fato, se analisarmos os sonhos produzidos experimentalmente por Maury (que relatei aqui tão minuciosamente com essa intenção), somos tentados a dizer que o experimento realizado explica, na verdade, apenas a origem de um dos elementos do sonho; o restante do conteúdo do sonho parece independente demais, excessivamente determinado em seus detalhes para poder ser esclarecido pela única exigência de se conformar ao elemento introduzido de modo experimental. Começamos a duvidar até mesmo da teoria da ilusão e do poder da impressão objetiva de dar forma ao sonho, quando descobrimos que às vezes essa impressão pode sofrer a interpretação mais curiosa e improvável no sonho. Simon (1888), por exemplo, relata um sonho em que viu pessoas gigantescas sentadas à mesa e ouviu nitidamente o matraquear terrível que suas mandíbulas produziam ao mastigar. Quando acordou, ouviu o barulho dos cascos de um cavalo que passava a galope pela janela. Se aqui o ruído dos cascos do cavalo despertou justamente imagens do grupo de lembranças relacionadas às viagens de Gulliver, de sua estadia entre os gigantes de Brobdingnag e os virtuosos cavalos Houyhnhnms — se eu puder arriscar essa interpretação sem apoio do autor —, não seria provável que a seleção desse grupo de lembranças, tão incomum para o estímulo, tenha sido facilitada também por outros motivos?[7]

2) EXCITAÇÃO SENSORIAL INTERNA (SUBJETIVA)

A despeito das objeções, devemos admitir que o papel das excitações sensoriais objetivas como instigadores do sonho durante o sono é incontestável, e se, por sua natureza e frequência, esses estímulos parecem insuficientes para explicar todas as imagens do sonho, somos incentivados a procurar outras fontes do sonho que ajam

de forma análoga. Não sei onde surgiu pela primeira vez a ideia de levar em consideração não só os estímulos sensoriais externos, mas também as excitações internas (subjetivas) dos órgãos sensoriais; é fato, porém, que isso ocorre de forma mais ou menos explícita em todas as exposições mais recentes sobre a etiologia do sonho. Wundt (1874, p. 657) afirma: "Nas ilusões do sonho, um papel essencial é exercido, creio eu, também por aquelas sensações subjetivas de visão e audição que conhecemos no estado de vigília como caos luminoso do campo de visão obscurecido, como tinido ou zumbido nos ouvidos etc., sobretudo as excitações subjetivas da retina. Isso explica a estranha tendência do sonho de apresentar aos olhos múltiplos objetos semelhantes ou perfeitamente idênticos. Vemos diante de nós inúmeros pássaros, borboletas, peixes, pérolas coloridas, flores etc. Nisso a poeira luminosa do campo de visão obscurecido adquiriu uma forma fantástica, e os numerosos pontos de luz que a compõem representam, no sonho, um número igual de imagens individuais, que, por causa da mobilidade do caos luminoso, são vistas como objetos *móveis*. — Disso deve provir também a preferência do sonho pelas mais variadas figuras animais, cuja abundância de formas se adéqua facilmente à forma especial das imagens luminosas subjetivas".

Como fonte de imagens oníricas, as excitações sensoriais subjetivas aparentam ter a vantagem de, diferentemente das excitações objetivas, não dependerem do acaso externo. De certa forma, elas se prestam à explicação sempre que esta necessita delas. No entanto, quando comparadas aos estímulos sensoriais objetivos, têm a desvantagem de seu papel como instigadores de sonhos ser pouco ou nada acessível à confirmação por meio da observação e do experimento. A principal prova de seu poder de provocar sonhos é fornecida pelas chamadas alucinações hipnagógicas, descritas por Johannes Müller (1826) como "fenômenos visuais fantásticos". São, muitas vezes, imagens bem vívidas e mutáveis, que costumam ocorrer durante o período do adormecimento — em muitas pessoas com grande regularidade — e que podem persistir por algum tempo também depois que

abrimos os olhos. Maury, que era sujeito a elas em grande medida, dedicou-lhes um estudo minucioso e proclamou seu vínculo e até mesmo sua identidade com as imagens do sonho (como já fizera Müller). Sua produção, diz Maury, exige certa passividade mental, um relaxamento da atenção (1878, pp. 59 s.). Basta, porém, cair nesse tipo de letargia por apenas um segundo para, caso se tenha a predisposição necessária, ter uma alucinação hipnagógica, depois da qual é possível acordar; o processo pode se repetir várias vezes até que se adormeça definitivamente. Quando o adormecido volta a acordar após pouco tempo, ele pode, como afirma Maury, muitas vezes identificar no sonho as mesmas imagens que lhe haviam aparecido na forma de alucinações hipnagógicas antes do adormecer (Ibid., pp. 134 s.). Foi o que Maury vivenciou certa vez com uma série de figuras grotescas com rostos contorcidos e penteados estranhos, que o perturbaram com uma incrível persistência durante o período de adormecimento e com os quais se lembrou de ter sonhado após acordar. Noutra ocasião, quando sentia fome por ter se submetido a uma dieta rigorosa, viu numa alucinação hipnagógica uma tigela e uma mão munida de um garfo que se servia da tigela. No sonho, ele estava sentado a uma mesa farta e ouvia o barulho que as pessoas faziam com os garfos. Ainda noutra ocasião, quando adormeceu com olhos irritados e doloridos, teve a alucinação hipnagógica de sinais microscópicos que precisou decifrar um por um com grande esforço; ao acordar, depois de uma hora, ele se lembrou de um sonho em que aparecera um livro aberto, impresso em letras miúdas, que ele tivera de ler com dificuldade.

De modo muito semelhante a essas imagens, também podem ocorrer hipnagogicamente alucinações auditivas de palavras, nomes etc. e então se repetir no sonho, de certa forma como uma abertura que anuncia os temas principais da ópera que se inicia.

G. Trumbull Ladd (1892), um observador mais recente das alucinações hipnagógicas, segue a mesma linha de Johannes Müller e Maury. Após adquirir alguma prática, conseguia acordar repentinamente, sem abrir os olhos, dois a cinco

minutos após adormecer, podendo então comparar as sensações retinianas evanescentes com as imagens oníricas que persistiam na memória. Ele garante que sempre pôde reconhecer uma relação íntima entre as duas, no modo como os pontos e linhas luminosos da luz própria da retina forneciam, de certa forma, o contorno, o esquema das figuras psiquicamente percebidas no sonho. Uma disposição dos pontos luminosos na retina em linhas paralelas correspondia, por exemplo, a um sonho em que viu diante de si linhas nitidamente impressas, que ele leu e estudou. Ou, para dizê-lo com suas palavras: a página nitidamente impressa que ele leu no sonho dissolveu-se num objeto que se apresentou à sua percepção desperta como parte de uma página impressa real, vista como que por um orifício minúsculo num pedaço de papel a uma distância grande demais para se reconhecer algo nitidamente. Ladd acredita, sem subestimar a participação de fatores centrais [cerebrais] no fenômeno, que praticamente nenhum sonho visual ocorre dentro de nós sem que se apoie no material dos estados de excitação interna da retina. Isso vale, sobretudo, para os sonhos que ocorrem logo após o adormecimento num quarto escuro; nos sonhos matinais pouco antes do despertar, a fonte dos estímulos é a luz objetiva do quarto iluminado que penetra o olho. O caráter mutável e infinitamente variável da excitação causada pela luz da própria retina corresponde precisamente à sucessão inquieta de imagens que nossos sonhos nos apresentam. Se atribuirmos alguma relevância às observações de Ladd, não poderemos subestimar a fecundidade dessa fonte de estímulos subjetivos para o sonho, pois, como sabemos, as imagens visuais representam o componente principal dos nossos sonhos. A contribuição de outros campos sensoriais, salvo o da audição, é menor e inconstante.

3) O ESTÍMULO SOMÁTICO INTERNO, ORGÂNICO

Se buscamos as fontes do sonho dentro do organismo, e não fora dele, precisamos nos lembrar de que quase todos os nossos órgãos internos, cuja existência passa praticamente despercebida em seu estado sadio, tornam-se, em estados de excitação — como os chamamos — ou durante doenças, uma fonte de sensações que costumam ser desagradáveis e que precisam ser equiparadas aos agentes dos estímulos sensoriais ou penosos que nos chegam de fora. São experiências muito antigas que levam, por exemplo, Strümpell a declarar (1877, p. 107): "Durante o sono, a psique atinge uma consciência sensorial muito mais profunda e ampla de sua existência somática do que no estado de vigília, e é obrigada a receber e permitir o efeito de impressões de estímulos provenientes de partes e alterações do corpo das quais ela nada sabia no estado de vigília". Aristóteles já considerava perfeitamente possível que o sonho chame a nossa atenção para o início de uma doença, da qual ainda nada percebemos no estado de vigília (graças ao efeito amplificador que o sonho tem sobre as impressões; ver acima, p. 25, e os autores médicos, cuja visão certamente os impedia de acreditar num dom profético do sonho, têm aceitado esse significado do sonho pelo menos quanto ao prenúncio de doenças. (Cf. M. Simon, 1888, p. 31, e muitos autores mais antigos.[8])

Parecem existir exemplos confirmados do valor diagnóstico do sonho também de tempos mais recentes. Tissié (1898), por exemplo, relata a história de Artigues (1884) sobre uma mulher de 43 anos de idade que, aparentemente em perfeita saúde, foi atormentada durante alguns anos por sonhos de angústia. Durante um exame médico, constatou-se o início de uma doença cardíaca, que logo depois a levou à morte.

Os distúrbios dos órgãos internos agem, evidentemente, como instigadores de sonhos num grande número de pessoas. Em geral, aponta-se para os frequentes sonhos de angústia em pacientes cardíacos e pulmonares. De fato, esse aspecto da vida onírica é colocado em primeiro plano por tantos autores que posso me contentar com uma mera referência à literatura (Radestock, Spitta, Maury, M.

Simon [1888], Tissié). Tissié acredita até que os órgãos adoecidos chegam a dar um cunho característico ao conteúdo do sonho. Os sonhos dos pacientes cardíacos costumam ser muito curtos e terminam com um despertar assustado; quase sempre o conteúdo desses sonhos envolve a situação da morte sob circunstâncias terríveis. Os pacientes pulmonares sonham com sufocação, aglomeração e fuga e, em número notável, estão sujeitos ao conhecido pesadelo que Börner (1855) conseguiu provocar por meio de experimentos, deitando-se de bruços e obstruindo as aberturas respiratórias. No caso dos distúrbios digestivos, o sonho contém imagens relacionadas ao prazer da alimentação ou ao nojo. Finalmente, a influência da excitação sexual sobre o conteúdo dos sonhos pode ser constatada pela experiência de cada um e fornece o mais forte apoio à teoria da excitação dos sonhos por meio do estímulo orgânico.

Quem estuda a literatura sobre o tema perceberá inevitavelmente que alguns autores (Maury, Weygandt, 1893) foram levados a se interessar pelos problemas do sonho pela influência de suas próprias doenças sobre o conteúdo de seus sonhos.

O aumento no número de fontes do sonho, provocado por esses fatos perfeitamente comprovados, não é tão significativo como poderíamos ser levados a crer. Pois o sonho é um fenômeno que ocorre em pessoas sadias — talvez em todas, talvez todas as noites — e para o qual a doença orgânica não é, obviamente, uma das condições imprescindíveis. No entanto, o que nos interessa aqui não é a origem de determinados sonhos especiais, mas a fonte de estímulos para os sonhos comuns de pessoas normais.

Mas só precisamos dar um passo à frente para encontrar uma fonte de sonhos mais abundante do que qualquer uma das anteriores e que promete jamais se esgotar. Se tivermos como certo que o interior do corpo em estado enfermo se torna fonte dos estímulos do sonho e se admitirmos que a psique, tendo no estado do sono sua atenção desviada do mundo externo, pode dedicar uma atenção maior ao interior do corpo, é plausível supor que os órgãos não precisam primeiro adoecer

para fazer chegar à psique adormecida excitações que, de alguma forma, se transformam em imagens oníricas. Aquilo que, no estado de vigília, percebemos como sensação geral [cenestesia], difusa em sua qualidade, e para a qual, na opinião dos médicos, todos os sistemas orgânicos contribuem, resultaria à noite, alcançando efeito vigoroso e agindo por seus componentes, na fonte mais poderosa e, ao mesmo tempo, mais comum para a instigação de representações oníricas. Restaria, então, investigar as regras pelas quais os estímulos orgânicos se transformam em representações oníricas.

Nisso tocamos na teoria da origem dos sonhos que se tornou a preferida dos autores médicos. A escuridão em que o núcleo do nosso ser, o "*moi splanchnique*" [o eu esplâncnico], como Tissié o chama, se esconde do nosso conhecimento e a obscuridade da origem do sonho correspondem muito bem uma à outra para não serem relacionadas por eles. Além disso, a linha de pensamento que vê a sensação orgânica vegetativa como formadora de sonhos tem um atrativo adicional para os médicos, o de reunir etiologicamente sonho e distúrbio mental, que apresentam tanta coincidência em suas manifestações, pois enorme importância é atribuída, na gênese das psicoses, às alterações cenestéticas e aos estímulos oriundos dos órgãos internos. Não surpreende, portanto, que a teoria do estímulo somático remonte a vários autores de forma independente.

Para vários autores foi determinante a argumentação desenvolvida pelo filósofo Schopenhauer em 1851. A imagem do mundo nasce dentro de nós quando nosso intelecto molda as impressões vindas do exterior nas formas do tempo, do espaço e da causalidade. Os estímulos vindos do interior do organismo, do sistema nervoso simpático, exercem no máximo uma influência inconsciente sobre o nosso ânimo durante o dia. À noite, porém, quando cessa o efeito entorpecedor das impressões do dia, as impressões que emergem do interior conseguem atrair a nossa atenção — de modo semelhante ao murmúrio da fonte que ouvimos à noite, mas que o barulho do dia havia abafado por completo. Mas como deve o intelecto reagir a esses

estímulos, senão exercendo a função que lhe é própria? Ele remodelará os estímulos em figuras que ocupam tempo e espaço e que obedecem às leis da causalidade, e assim surge o sonho. Scherner (1861) e, depois dele, Volkelt (1875) tentaram então investigar em maior detalhe a relação entre estímulos somáticos e imagens oníricas, mas isso deixaremos para discutir na seção sobre as teorias do sonho.

Numa investigação realizada com notável coerência, o psiquiatra Krauss derivou a gênese do sonho e também dos delírios e das ideias delirantes do mesmo elemento, da *sensação organicamente condicionada*. É difícil imaginar alguma parte do organismo que não possa se transformar em ponto de partida de um sonho ou de uma imagem delirante. As sensações organicamente condicionadas "podem ser divididas em dois grupos: 1) as que constituem o ânimo geral (cenestesia), 2) as sensações específicas, imanentes aos sistemas principais do organismo vegetativo, dentre as quais distinguimos cinco grupos: a) sensações musculares, b) pneumáticas, c) gástricas, d) sexuais e e) periféricas".

Krauss supõe que o processo da formação de imagens oníricas com base em estímulos somáticos transcorre da seguinte forma: a sensação provocada desperta, segundo alguma lei de associação, uma representação relacionada e forma com ela uma estrutura orgânica, à qual, porém, a consciência não reage normalmente, pois não dá nenhuma atenção à sensação, antes a volta completamente para as representações que acompanham a sensação — razão pela qual esse estado das coisas pôde ser mal entendido por tanto tempo. Krauss encontra uma expressão especial para esse processo: a *transubstanciação* das sensações em imagens oníricas.

A influência dos estímulos somáticos orgânicos sobre a formação do sonho é aceita por quase todos hoje em dia; mas a pergunta referente à lei da relação entre os dois é respondida de formas bem diferentes, muitas vezes com declarações obscuras. Resulta então, com base na teoria do estímulo somático, o desafio especial da interpretação dos sonhos de relacionar o conteúdo de um sonho aos estímulos orgânicos que o provocam, e, se não aceitarmos as regras de interpretação

encontradas por Scherner (1861), nos veremos diante do fato embaraçoso de que a fonte do estímulo orgânico se revela unicamente por meio do conteúdo do sonho.

A interpretação de diversas formas do sonho, consideradas "típicas", mostrou-se, contudo, razoavelmente consensual, pois se repetem em muitas pessoas com um conteúdo bem semelhante. São os conhecidos sonhos da queda de grandes alturas, da perda de dentes, do voo ou da vergonha de estar despido ou malvestido. Este último provém, supostamente, da percepção da pessoa adormecida de ter lançado para longe o cobertor e agora se encontrar descoberta. O sonho da perda de dentes é atribuído ao "estímulo dentário"; isso, porém, não se refere necessariamente a um estado de excitação patológica dos dentes. Segundo Strümpell, o sonho de voar é a imagem adequada usada pela psique para interpretar o estímulo produzido pelo sobe e desce dos lobos pulmonares quando a sensação cutânea do tórax já atingiu o nível de inconsciência. É esta última condição que transmite a sensação ligada à imagem de flutuar. A queda de uma altura seria causada quando, após a perda da consciência da sensação da pressão cutânea, um braço cai e passa a pender do corpo ou quando um joelho dobrado se estica bruscamente, provocando assim uma recuperação da consciência da sensação da pressão cutânea. A transição para o estado consciente se manifesta psiquicamente no sonho da queda (Strümpell, ibid., p. 118). O ponto fraco dessas plausíveis tentativas de explicação é, evidentemente, que elas, sem nenhuma justificativa, fazem desaparecer ou se impor à percepção mental este ou aquele grupo de sensações orgânicas, até encontrarem a constelação mais favorável para a explicação. Mais adiante, terei oportunidade de retornar à questão dos sonhos típicos e de sua origem.

M. Simon tentou, comparando uma série de sonhos semelhantes, deduzir algumas regras sobre a forma como os estímulos orgânicos determinam os sonhos resultantes. Segundo ele (1888, p. 34), quando um aparelho orgânico que normalmente participa da expressão de um afeto é, por alguma outra razão qualquer

durante o sono, levado ao estado de excitação que costuma ser provocado por aquele afeto, o sonho evocado contém imagens relacionadas àquele afeto.

Outra regra (Ibid., p. 35) diz que quando, durante o sono, algum aparelho orgânico se encontra em estado de atividade, excitação ou perturbação, o sonho trará imagens relacionadas ao desempenho da função orgânica executada por aquele aparelho.

Mourly Vold (1896) se deu ao trabalho de demonstrar experimentalmente, num âmbito específico, a influência sobre a produção de sonhos que é pressuposta pela teoria do estímulo orgânico. Em seus experimentos, alterou a posição dos membros da pessoa adormecida, para então comparar com suas intervenções os sonhos resultantes. Ele resume suas descobertas nas seguintes afirmações:

1) A posição do membro no sonho corresponde aproximadamente à sua posição na realidade, isto é, sonhamos com um estado estático do membro que corresponde ao real.

2) Quando sonhamos com o movimento de um membro, este sempre transcorre de tal forma que uma das posições pelas quais passa o movimento corresponde à posição real.

3) Durante o sonho, a posição do próprio membro pode também ser atribuída a uma pessoa estranha.

4) Podemos sonhar também que o movimento em questão é impedido.

5) O membro na posição em questão pode se manifestar no sonho como animal ou monstro, caso em que certa analogia é estabelecida entre eles.

6) A posição de um membro pode provocar pensamentos no sonho que apresentam alguma relação com esse membro; sonhamos, por exemplo, com números quando movimentamos os dedos.

Eu concluiria, a partir desses resultados, que nem mesmo a teoria do estímulo orgânico consegue eliminar completamente a aparente liberdade na determinação das imagens oníricas a serem suscitadas.[9]

4) FONTES PSÍQUICAS DE ESTIMULAÇÃO

Quando discutimos as relações do sonho com a vida de vigília e a origem do material onírico, vimos que os mais antigos e mais recentes pesquisadores do sonho defendem a opinião segundo a qual as pessoas sonham com aquilo que fazem durante o dia e as interessa em estado de vigília. Esse interesse da vida de vigília, que se estende e continua no sonho, seria não só um laço psíquico que vincula o sonho à vida, mas forneceria também uma fonte de sonhos que não deve ser subestimada e que, juntamente com aquilo que despertou o interesse durante o sono — os estímulos que agem durante ele —, basta para explicar a origem de todas as imagens oníricas. Ouvimos, porém, também a posição contrária, ou seja, a de que o sonho afasta a pessoa adormecida dos interesses do dia: nós — na maioria das vezes — só sonhamos com as coisas que mais nos cativaram durante o dia depois de elas terem perdido o fascínio da atualidade para a vida de vigília. Assim, quando analisamos a vida do sonho, sentimos a cada passo que não convém estabelecer regras generalizadas sem restringi-las por meio de um "frequentemente", "em regra" ou "na maioria das vezes" e admitir a validade das exceções.

Se o interesse de vigília, juntamente com os estímulos internos e externos do sono, bastasse para explicar a etiologia do sonho, deveríamos ser capazes de fornecer uma explicação satisfatória da origem de todos os elementos de um sonho; o enigma das fontes do sonho estaria resolvido, e restaria apenas a tarefa de demarcar a parte que cabe aos estímulos psíquicos e a que cabe aos estímulos somáticos em cada sonho individual. Na realidade, essa resolução completa de um sonho jamais foi realizada, e a todos os que se empenharam nessa tentativa restaram elementos oníricos — numerosos, na maioria dos casos — cuja origem não puderam explicar. Evidentemente, o interesse diurno como fonte psíquica do sonho não chega a ser tão importante quanto se poderia esperar com base nas afirmações daqueles que, confiantes, afirmam que as pessoas continuam a tratar de seus negócios no sonho.

Desconhecemos outras fontes psíquicas do sonho. Todas as explicações do sonho representadas na literatura — com a exceção, talvez, da de Scherner, que abordaremos mais adiante — deixam uma grande lacuna no tocante à procedência do material de imagens representacionais mais característico do sonho. Diante desse embaraço, a maioria dos autores desenvolveu a tendência de reduzir ao mínimo a participação psíquica na incitação do sonho, visto que é tão difícil chegar a ela. Apesar de dividirem os sonhos em duas categorias principais, os *sonhos provocados por estímulo nervoso* e os *sonhos associativos*, sendo que estes últimos encontram sua fonte exclusivamente na reprodução (Wundt, 1874, pp. 657 s.), eles não conseguem escapar da dúvida "se eles ocorreriam também sem o impulso inicial de um estímulo somático" (Volkelt, 1875, p. 127). E a caracterização do sonho puramente associativo também é falha: "Nos sonhos associativos propriamente ditos, é impossível falar de um núcleo sólido desse tipo. Aqui, o agrupamento frouxo invade também o núcleo do sonho. A vida das representações, já liberta de toda razão e entendimento, não está sujeita nem mesmo ao laço unificador das excitações somáticas e mentais mais relevantes; antes está entregue aos seus próprios caprichos coloridos, às suas próprias confusas oscilações" (Volkelt, ibid., p. 118). Uma diminuição da participação psíquica na incitação do sonho é empreendida por Wundt (1874, pp. 656-7), quando declara que os "fantasmas do sonho são injustamente vistos como meras alucinações. É provável que a maioria das representações oníricas consista, na verdade, em ilusões, pois partem das impressões sensoriais sutis, que jamais se apagam no sono". Weygandt acatou essa opinião e a generalizou (1893, p. 17). Ele afirma sobre todas as representações oníricas que "suas causas imediatas são os estímulos sensoriais, e somente então seguem as associações reprodutivas". Tissié vai ainda mais longe na supressão das fontes psíquicas de estimulação (1898, p. 183): "*Les rêves d'origine absolument psychique n'existent pas*" [Os sonhos de origem absolutamente psíquica não

existem]; e em outra passagem (Ibid., p. 6): "*Les pensées de nos rêves nous viennent du dehors*" [Os pensamentos dos nossos sonhos nos vêm de fora].

Aqueles autores que, como o influente filósofo Wundt, assumem uma posição intermediária, não perdem a oportunidade de observar que na maioria dos sonhos os estímulos somáticos agem em cooperação com instigadores psíquicos desconhecidos, ou reconhecidos como interesses diurnos.

Veremos mais adiante que o enigma da formação do sonho pode ser solucionado pela revelação de uma inesperada fonte psíquica de estimulação. Por ora, não devemos nos surpreender com a valorização excessiva dos estímulos não decorrentes da vida psíquica na formação dos sonhos. Eles são fáceis de detectar e podem ser verificados por meio do experimento, e a concepção somática da origem do sonho é também a vertente que hoje predomina na psiquiatria. O domínio do cérebro sobre o organismo é ressaltado expressamente, mas tudo o que possa revelar uma independência da vida psíquica ante alterações orgânicas demonstráveis, ou uma espontaneidade em suas manifestações, assusta o psiquiatra de hoje, como se o reconhecimento disso nos levasse de volta aos tempos da filosofia natural e da alma metafísica. A desconfiança do psiquiatra colocou a psique sob tutela, por assim dizer, e agora insiste em que nenhum de seus impulsos revela uma capacidade própria. Esse comportamento, porém, mostra apenas a sua falta de confiança na validade da relação causal que existe entre o somático e o psíquico. Mesmo quando a pesquisa mostra que o psíquico é a causa primária de um fenômeno, uma investigação mais aprofundada seguirá esse mesmo caminho até chegar à fundamentação orgânica do psíquico. Mas quando o psíquico constitui o fim da linha para o nosso conhecimento atual, isso não é motivo para negá-lo.

D. POR QUE ESQUECEMOS O SONHO APÓS O DESPERTAR?

O fato de que o sonho "se esvai" de manhã é proverbial. Naturalmente ele pode ser lembrado, pois o conhecemos somente pela recordação que temos dele após o despertar. Muitas vezes, porém, acreditamos nos lembrar dele apenas parcialmente, e que era mais completo durante a noite. Podemos observar como uma lembrança do sonho, ainda vívida pela manhã, se dissolve no decorrer do dia, salvo alguns fragmentos. Muitas vezes sabemos que sonhamos, mas não o que sonhamos. E nos acostumamos tanto com a experiência de que o sonho está sujeito ao esquecimento que já não consideramos absurda a possibilidade de haver sonhado durante a noite a pessoa que, pela manhã, não se lembra do conteúdo nem do fato de ter sonhado. Por outro lado, ocorre que os sonhos demonstram uma persistência extraordinária na memória. Analisei sonhos de pacientes meus que os tiveram há 25 anos ou mais, e lembro-me de um sonho meu de, no mínimo, 37 anos atrás, e que nada perdeu de seu frescor na minha memória. Tudo isso é muito notável e, a princípio, incompreensível.

O autor que trata do esquecimento dos sonhos da forma mais detalhada é Strümpell. Esse esquecimento é, evidentemente, um fenômeno complexo, pois Strümpell o atribui não a uma única, mas a toda uma série de causas.

Em primeiro lugar, agem sobre o esquecimento dos sonhos todas aquelas causas que provocam o esquecimento também na vida de vigília. Em estado de vigília, costumamos esquecer imediatamente inúmeras sensações e percepções, porque eram fracas demais, porque a excitação mental vinculada a elas não apresentava um nível alto o suficiente. O mesmo se aplica também a muitas imagens oníricas; são esquecidas porque eram fracas demais, enquanto imagens mais fortes, próximas àquelas, são lembradas. No entanto, o fator da intensidade certamente não é, por si só, determinante para a preservação das imagens oníricas; Strümpell reconhece,

como outros autores também (Calkins, 1893), que muitas vezes logo nos esquecemos de imagens oníricas que sabemos terem sido muito vívidas, enquanto as imagens retidas na memória incluem um grande número de imagens difusas e de pouca força sensorial. Além disso, costumamos esquecer com facilidade, no estado de vigília, o que ocorreu apenas uma vez, e lembrar-nos melhor daquilo que pudemos perceber repetidas vezes. A maioria das imagens oníricas constitui, porém, experiências únicas;[10] essa peculiaridade deve contribuir imparcialmente para o esquecimento de todos os sonhos. Muito mais significativa é uma terceira causa do esquecimento. Para que as sensações, as representações, os pensamentos etc. alcancem o grau necessário para serem lembrados, é preciso que não permaneçam isolados, mas que estabeleçam vínculos e agrupamentos adequados. Quando separamos as palavras individuais de um pequeno verso e as embaralhamos, torna-se difícil lembrá-lo. "Quando apropriadamente organizadas e sequenciadas, uma palavra ajuda a outra, e o sentido do todo se preserva com facilidade na memória. Em geral, lembramo-nos do contrassenso com tanta dificuldade quanto do que é confuso e caótico." Faltam aos sonhos, na maioria das vezes, ordem e inteligibilidade. As composições oníricas não possuem uma memória própria e são esquecidas porque, na maioria das vezes, se dissolvem dentro de instantes. — O que Radestock (1879, p. 168) afirma ter observado, ou seja, que nos lembramos melhor justamente dos sonhos mais estranhos, não se adéqua plenamente ao que foi dito.

Ainda mais eficazes para o esquecimento do sonho, segundo Strümpell, são outros fatores, oriundos da relação entre sonho e vida de vigília. A sujeição dos sonhos ao esquecimento pela consciência em estado de vigília é, aparentemente, apenas a contrapartida do mencionado fato de que o sonho (quase) nunca adota lembranças ordenadas da vida de vigília, mas apenas detalhes delas, que retira dos nexos psíquicos habituais em que costumam ser lembradas. Assim, a composição onírica não encontra espaço na companhia das sequências psíquicas que costumam

ocupar a psique. Faltam-lhe todas as ajudas mnemônicas. “Desse modo, a criação onírica se desprende, por assim dizer, do solo da nossa vida psíquica e flutua no espaço psíquico como uma nuvem no céu, que rapidamente é dispersa pelo sopro revigorado” (1877, p. 87). Nesse mesmo sentido age o fato de que, no momento do despertar, o mundo sensorial nos invade, apossando-se imediatamente da nossa atenção, de maneira que poucas imagens oníricas conseguem resistir a essa força. Elas recuam diante das impressões do novo dia, da mesma forma como o brilho das estrelas recua diante da luz do sol.

Por último, devemos nos lembrar, como algo favorável ao esquecimento dos sonhos, de que a maioria das pessoas demonstra pouco interesse por seus sonhos. O pesquisador, por exemplo, que, por algum tempo, se interessa pelo sonho costuma também sonhar mais do que o normal — o que provavelmente significa: ele lembra seus sonhos com maior frequência e facilidade.

Duas outras causas do esquecimento dos sonhos, acrescentadas por Bonatelli (em Benini) às mencionadas por Strümpell, já parecem estar contidas nestas, a saber: 1) a alteração da cenestesia entre os estados de sono e de vigília é desfavorável à reprodução recíproca, e 2) a organização diferente do material representacional no sonho o torna, por assim dizer, intraduzível para a consciência desperta.

Em vista de todas essas razões favoráveis ao esquecimento, torna-se, como ressalta o próprio Strümpell, ainda mais notável que, mesmo assim, tantos elementos dos sonhos sejam mantidos na lembrança. Os esforços continuados dos autores em apreender as regras da lembrança dos sonhos equivalem à confissão de que também nisso algo permanece enigmático e inexplicado. Algumas peculiaridades da lembrança do sonho foram corretamente ressaltadas em tempos recentes, por exemplo, o fato de que, ao longo do dia, podemos nos lembrar de um sonho que, pela manhã, acreditávamos ter esquecido, quando alguma percepção casual nos remete ao conteúdo do sonho (Radestock, 1879; Tissié, 1898). A lembrança dos sonhos em geral, porém, está sujeita a uma objeção capaz de

diminuir bastante seu valor para a opinião crítica. Podemos desconfiar de que a nossa lembrança, que deixa de lado uma parte tão grande do sonho, adultera aquilo que consegue preservar.

Essas dúvidas referentes à exatidão da reprodução do sonho são expressas também por Strümpell (1877): "Então, acontece facilmente que a consciência desperta involuntariamente insere elementos na lembrança do sonho: a pessoa acredita ter sonhado algo que o sonho jamais conteve de fato".

Jessen (1855, p. 547) se manifesta de forma especialmente clara: "Além disso, deve ser levado em consideração na análise e interpretação de sonhos coerentes e consistentes o fato, aparentemente até agora pouco observado, de que quase sempre faltam à verdade, pois, quando nos lembramos de um sonho que tivemos, preenchemos e completamos as lacunas das imagens oníricas sem que o percebamos ou desejemos. Raramente, ou talvez nunca, um sonho coerente foi tão coerente quanto como se apresenta na nossa lembrança. Nem mesmo a pessoa mais comprometida com a verdade consegue narrar um sonho notável sem algum acréscimo ou retoque: o empenho do espírito humano de ver tudo em contexto é tão grande que, ao se lembrar de um sonho mais ou menos incoerente, ele corrige sem querer as falhas de coerência".

As observações de V. Egger, sem dúvida concebidas independentemente, soam quase como uma tradução dessas palavras de Jessen: "[…] *l'observation des rêves a ses difficultés spéciales et le seul moyen d'éviter toute erreur en pareille matière est de confier au papier sans le moindre retard ce que l'on vient d'éprouver et de remarquer; sinon, l'oubli vient vite ou total ou partiel; l'oubli total est sans gravité; mais l'oubli partiel est perfide; car si l'on se met ensuite à raconter ce que l'on n'a pas oublié, on est exposé à compléter par imagination les fragments incohérents et disjoints fournis par la mémoire* […]*; on devient artiste à son insu, et le récit périodiquement répété s'impose à la créance de son auteur, qui, de bonne foi, le présente comme un fait authentique, dûment établi selon les bonnes méthodes*" [A observação dos sonhos tem suas

dificuldades especiais, e a única maneira de evitar qualquer erro nessa matéria é confiar ao papel sem o menor atraso aquilo que acabamos de experimentar e notar; caso contrário, o esquecimento vem rápido, parcial ou totalmente; o esquecimento total não é grave; mas o esquecimento parcial é traiçoeiro; pois quando começamos a contar aquilo que não foi esquecido, estamos expostos ao perigo de completar a partir da imaginação os fragmentos incoerentes e desconexos fornecidos pela memória [...]; tornamo-nos artistas à nossa revelia, e o relato periodicamente repetido se impõe à crença de seu autor, que, de boa-fé, o apresenta como um fato autêntico, devidamente estabelecido segundo os métodos adequados].

Bem semelhantes são as palavras de Spitta (1882, p. 338), que parece crer que impomos uma ordem aos elementos oníricos frouxamente associados apenas no momento em que tentamos reproduzir o sonho: "Transformamos *justaposições* em *sequências*, em *cadeias*, ou seja, acrescentamos o processo da conexão lógica que falta ao sonho".

Visto que não possuímos senão o controle objetivo para a fidelidade da nossa lembrança, e que este inexiste para o sonho (que é nossa própria experiência e cuja única fonte conhecida é a memória), que valor ainda resta para a nossa lembrança do sonho?

E. AS PECULIARIDADES PSICOLÓGICAS DO SONHO

Na consideração científica do sonho, partimos da hipótese de que o sonho é um produto da nossa própria atividade psíquica; contudo, o sonho pronto se apresenta a nós como algo estranho, de modo que não nos sentimos impelidos a reconhecer sua autoria, e tanto dizemos: "Veio-me um sonho" [*Mir hat geträumt*] como: "Sonhei" [*Ich habe geträumt*]. De onde vem essa sensação de que o sonho é "estranho à psique"? Após nossa discussão sobre as fontes do sonho, deveríamos crer que essa estranheza não se deve ao material que se insere no conteúdo do sonho, pois este é, em sua maior parte, comum à vida do sonho e à vida de vigília. Podemos nos perguntar se não seriam alterações dos processos psíquicos do sonho que provocam essa impressão e tentar fazer uma caracterização psicológica do sonho.

Ninguém ressaltou com ênfase maior a diferença essencial entre vida de sonho e vida de vigília e a usou para conclusões de alcance maior do que G. Th. Fechner em algumas observações de sua obra *Elemente der Psychophysik* (1889, v. 2, pp. 520-1). Ele acha que "nem o simples rebaixamento da vida psíquica consciente sob o limiar principal" nem a retirada da atenção das influências do mundo externo bastam para explicar as peculiaridades da vida do sonho em relação à vida desperta. Ele supõe, isto sim, que *o palco dos sonhos seja diferente do palco da vida de representações em vigília*. "Se o palco da atividade psicofísica durante o sonho fosse o mesmo durante a vigília, o sonho só poderia ser, a meu ver, uma extensão, num nível inferior de intensidade, da vida das representações em vigília e teria que ser da mesma matéria e forma. No entanto, a realidade é totalmente outra."

O que Fechner quis dizer com essa mudança de locação da atividade mental pode não ter ficado claro, e não tenho conhecimento de algum outro que tenha seguido os rastros que ele aponta com essa observação. Acredito que podemos descartar uma interpretação anatômica no sentido de uma localização fisiológica no cérebro

ou até mesmo relativa à estratificação histológica do córtex cerebral. Mas talvez o pensamento se revele como inspirado e fértil se o referirmos a um aparato psíquico composto de várias instâncias sequenciais.

Outros autores se contentaram em ressaltar esta ou aquela das peculiaridades psicológicas tangíveis da vida do sonho e usá-la como ponto de partida para tentativas de explicação de maior alcance.

Observou-se, com acerto, que uma das peculiaridades principais da vida onírica se manifesta já no estado do adormecimento e deve ser descrita como fenômeno introdutório ao sono. O aspecto característico do estado de vigília é, segundo Schleiermacher (1862, p. 351), que a atividade do pensamento se dá em *conceitos*, e não *imagens*. Já o sonho pensa predominantemente em imagens, e podemos observar que, com a aproximação do sono, na mesma medida em que as atividades voluntárias se tornam mais difíceis, surgem *representações involuntárias*, todas elas pertencentes à categoria das imagens. A incapacidade para o tipo de trabalho de representação que percebemos como intencionalmente desejado e o surgimento de imagens habitualmente vinculado a essa *distração* são duas características preservadas pelo sonho que precisamos reconhecer na análise psicológica como características essenciais da vida onírica. Já vimos que essas imagens — alucinações hipnagógicas — são, pelo conteúdo, idênticas às imagens oníricas.[11]

Portanto, o sonho pensa predominantemente em imagens visuais, mas não exclusivamente. Trabalha também com imagens auditivas e, em medida menor, com as impressões dos outros sentidos. Muitas coisas são também simplesmente pensadas ou imaginadas (provavelmente, representadas por vestígios de representações verbais), como no estado de vigília. Típicos dos sonhos são, porém, apenas aqueles elementos do conteúdo que se comportam como imagens, isto é, que são mais semelhantes às percepções do que às representações mnêmicas. Ignorando todas as discussões tão familiares ao psiquiatra sobre a natureza das alucinações, podemos afirmar, com todos os autores especialistas na matéria, que o sonho

alucina, que ele substitui os pensamentos por alucinações. Não existe, sob esse aspecto, nenhuma diferença entre representações visuais e acústicas; tem-se observado que a lembrança de uma sequência de notas com a qual se adormece se transforma na alucinação da mesma melodia no momento do adormecimento, para, no momento do vir a si, que pode alternar várias vezes com o adormecimento, ceder lugar de novo à representação mnêmica mais fraca e qualitativamente diferente.

A transformação da representação em alucinação não é o único aspecto em que o sonho difere de um pensamento que lhe corresponde no estado de vigília. O sonho cria uma situação a partir dessas imagens, representa algo como verdadeiramente presente, *dramatiza* uma ideia, como diz Spitta (1882, p. 145). A caracterização desse aspecto da vida onírica só se completa se acrescentarmos que ao sonhar — em geral, as exceções exigem um esclarecimento especial — acreditamos estar não pensando, mas vivenciando, ou seja, aceitamos as alucinações com crença total. A crítica de não termos vivenciado nada, mas apenas pensado — sonhado — de forma peculiar, surge apenas ao despertar. Essa característica distingue o sonho verdadeiro do devaneio, que jamais se confunde com a realidade.

Burdach resumiu as características da vida onírica abordadas até o momento da seguinte forma (1838, pp. 502 s.): "Características essenciais do sonho são que *a*) a atividade subjetiva da nossa alma se apresenta como objetiva, de modo que nossa faculdade perceptiva compreende os produtos da imaginação como se fossem comoções sensoriais; [...] *b*) o sono é uma suspensão da autoridade do Eu. Daí a necessidade de certa passividade para adormecer. [...] As imagens do sono exigem a redução da autoridade do Eu".

Trata-se, agora, de buscar explicar a crença da psique nas alucinações do sonho, que só podem surgir após a cessação de certa autoridade do Eu. Strümpell (1877) argumenta que nisso a psique age corretamente e em conformidade com seu mecanismo. Os elementos do sonho não são, de forma alguma, meras

representações, mas *experiências reais e verdadeiras da psique*, como as que ocorrem no estado de vigília por mediação dos sentidos (Ibid., p. 34). Enquanto a psique desperta representa e pensa em imagens verbais e na língua, no sonho ela representa e pensa em imagens sensoriais reais (Ibid., p. 35). Junta-se a isso no sonho uma consciência espacial, visto que, como ocorre também no estado de vigília, as sensações e imagens são transpostas para um espaço externo (Ibid., p. 36). Precisamos então admitir que no sonho a psique se encontra na mesma situação, ante suas imagens e percepções, que no estado de vigília (Ibid., p. 43). Se, mesmo assim, ela se equivocar, isso se deve ao fato de que, no estado de sono, lhe falta o único critério capaz de distinguir as percepções sensoriais vindas de fora e de dentro. Não pode submeter suas imagens aos únicos testes que demonstram sua realidade objetiva. *Além disso*, negligencia a diferença entre imagens *arbitrariamente* permutáveis e imagens em que essa arbitrariedade está ausente. Ela se equivoca porque é incapaz de aplicar a lei da causalidade ao conteúdo de seu sonho (Ibid., pp. 50-1). Em suma, seu retraimento do mundo externo é também a razão de sua crença no mundo subjetivo do sonho.

Delboeuf (1885, p. 84) chega à mesma conclusão após argumentos psicológicos um tanto diferentes. Acreditamos na realidade das imagens oníricas porque, durante o sonho, não temos outras impressões com as quais possamos compará-las, porque estamos desligados do mundo externo. Mas acreditamos na verdade de nossas alucinações não porque o sono nos priva da possibilidade de testá-las. O sonho pode nos oferecer a ilusão dessas provas, mostrar-nos, por exemplo, que tocamos a rosa contemplada; ainda assim, sonhamos. Segundo Delboeuf, não existe critério certo para determinar se algo é um sonho ou realidade da vigília, exceto o fato de despertar — numa generalização prática. Concluo que tudo o que vivenciei entre o adormecimento e o despertar foi uma ilusão quando verifico, ao despertar, que me encontro despido em minha cama. Durante o sono, considerei verídicas as imagens

do sonho devido ao hábito mental (que não pode adormecer) de postular um mundo externo, com o qual estabeleço uma relação de contraste com meu Eu.[12]

Se o retraimento do mundo externo é assim elevado ao nível de fator determinante na formação das características mais marcantes da vida onírica, vale a pena citar algumas observações perspicazes do velho Burdach, que lançam luz sobre a relação entre a psique adormecida e o mundo externo e que servem para nos impedir de superestimar as conclusões tiradas acima. "O sono", escreve Burdach, "ocorre apenas sob a condição de a psique não ser excitada por estímulos sensoriais, [...] a precondição do sono não é, porém, a ausência de estímulos sensoriais, mas a falta de interesse por eles;[13] algumas impressões sensoriais são necessárias, contanto que sirvam para acalmar a psique. O moleiro só consegue dormir se ouve o bater das pás do moinho, e aquele que, por precaução, considera necessário manter acesa uma lamparina não consegue adormecer no escuro" (1838, p. 482).

"No sono, a psique se isola do mundo externo e se retira da periferia [...]. No entanto, o laço não é rompido por completo; se não ouvíssemos e sentíssemos durante o sono em si, mas apenas após o despertar, seria impossível nos acordarem. O prosseguimento da sensação é comprovado com nitidez ainda maior pelo fato de que nem sempre somos acordados pela mera intensidade sensorial de uma impressão, mas pela relação psíquica desta; uma palavra qualquer não desperta o adormecido, mas se o chamarmos pelo nome, ele acorda [...], portanto, a psique distingue entre as sensações no sono [...]. Por isso, podemos ser acordados também pela ausência de um estímulo sensorial se este disser respeito a algo importante para a imaginação; uma pessoa acorda com o apagar de sua lamparina; e o moleiro, com a parada de seu moinho, ou seja, com a interrupção da atividade sensorial, e isso pressupõe que esta foi percebida, mas como indiferente ou, antes, satisfatória, que não perturbava a psique" (Ibid., pp. 485-6).

Mesmo que ignoremos essas objeções — e de modo algum devem ser desprezadas —, precisamos admitir que as características da vida onírica apreciadas

até agora e derivadas do retraimento do mundo externo não conseguem explicar completamente a sua estranheza. Caso contrário, seria possível reconverter as alucinações do sonho em representações, as situações do sonho em pensamentos e assim resolver a tarefa da interpretação. É justamente como procedemos quando, após despertar, reproduzimos o sonho de memória; mas mesmo que consigamos realizar essa retradução por completo ou apenas em parte, o sonho continuará tão enigmático quanto antes.

Todos os autores presumem também, sem hesitação, que no sono ocorreram outras alterações ainda mais profundas com o material de representações da vigília. Strümpell procura identificar uma delas na seguinte passagem (1877, pp. 27-8): "Com a cessação da contemplação sensorial ativa e da consciência de vida normal, a psique perde também o fundamento no qual se arraigam seus sentimentos, desejos, interesses e atos. Também aqueles estados espirituais, sentimentos, interesses, juízos de valor, vinculados às imagens mnêmicas no estado de vigília, estão sujeitos [...] a uma pressão obscurecedora, em decorrência da qual sua ligação com as imagens se dissolve; as imagens perceptivas de coisas, pessoas, localidades, eventos e atos da vida de vigília são reproduzidas em grande número, mas nenhuma delas traz consigo seu *valor psíquico*. Este se desprendeu delas, e por isso elas vagueiam pela psique, entregues a seus próprios meios [...]".

Esse despojamento das imagens de seu valor psíquico, algo que, por sua vez, é atribuído ao retraimento do mundo externo, é, segundo Strümpell, responsável por grande parte da impressão de estranheza com a qual o sonho se contrapõe à vida em nossa memória.

Vimos que o próprio adormecimento já traz consigo a renúncia a uma das atividades psíquicas, a saber, ao controle intencional sobre a sequência das representações. Assim, impõe-se a suposição plausível de que o estado do sono se estende às faculdades psíquicas. Uma ou outra dessas faculdades é suspensa por completo; pergunta-se, então, se as restantes continuam a funcionar sem

perturbações, se, sob essas condições, podem trabalhar normalmente. Surge a perspectiva de que seria possível explicar as peculiaridades do sonho pela menor atividade psíquica no estado de sono, e a impressão que o sonho suscita em nosso juízo desperto vem ao encontro dessa percepção. O sonho é incoerente, aceita, sem motivo, as maiores contradições, permite impossibilidades, deixa de lado o nosso saber (tão influente durante o dia) e nos mostra como ética e moralmente toscos. Se alguém se comportasse no estado de vigília como o faz nas situações do sonho, seria considerado louco; se alguém falasse ou comunicasse no estado de vigília as coisas que aparecem no conteúdo do sonho, nos daria a impressão de uma pessoa confusa ou de um débil mental. Assim, acreditamos apenas expressar um fato quando julgamos mínima a atividade psíquica no sonho e declaramos suspensos ou, no mínimo, fortemente prejudicados os desempenhos intelectuais superiores no sonho.

É com uma unanimidade incomum — falaremos das exceções mais adiante — que os autores pronunciaram julgamentos desse tipo sobre o sonho, julgamentos estes que nos levam imediatamente a determinada teoria ou uma explicação da vida onírica. Chegou o momento de substituir meu resumo apresentado acima por uma coletânea de citações de diversos autores — filósofos e médicos — sobre as características psicológicas do sonho:

Segundo Lemoine (1855), a *incoerência* das imagens oníricas é a única característica essencial do sonho.

Maury concorda e diz (1878, p. 163): "*Il n'y a pas de rêves absolument raisonnables et qui ne contiennent quelque incohérence, quelque anachronisme, quelque absurdité*" [Não existem sonhos absolutamente razoáveis e que não contenham alguma incoerência, algum anacronismo, algum absurdo].

Spitta cita Hegel, segundo o qual falta ao sonho qualquer coerência objetiva e razoável.

Dugas afirma: "*Le rêve c'est l'anarchie psychique affective et mentale, c'est le jeu des fonctions livrées à elles-mêmes et s'exerçant sans contrôle et sans but; dans le rêve l'esprit*

est un automate spirituel" [O sonho é a anarquia psíquica afetiva e mental, é o jogo das funções entregues a si mesmas, que se exercem sem controle e sem propósito; no sonho, o espírito é um autômato espiritual].

E até mesmo Volkelt (1875, p. 14), cuja teoria está longe de considerar despropositada a atividade psíquica durante o sono, reconhece "o afrouxamento, a dissolução e a mistura da vida representacional, que, no estado de vigília, se mantém unida pela força lógica do eu central".

É difícil condenar com agudeza maior o *absurdo* das associações de representações que ocorrem no sonho do que fez Cícero (*De divinatione*, II): "*Nihil tam praepostere, tam incondite, tam monstruose cogitari potest, quod non possimus somniare*" [Nada podemos imaginar de tão absurdo, incoerente ou monstruoso que não possamos sonhar].

Fechner diz (1889, v. 2, p. 522): "É como se a atividade psicológica migrasse do cérebro de um sensato para o cérebro de um tolo".

E Radestock (1879, p. 145): "Parece realmente impossível reconhecer leis fixas nesse alvoroço insano. Esquivando-se do policiamento rigoroso da vontade sensata e da atenção, que orientam o curso das representações em estado de vigília, o sonho embaralha tudo de forma caleidoscópica, num jogo absurdo".

Hildebrandt (1875, p. 45): "Que saltos espantosos o sonhador se permite, por exemplo, nas inferências de sua razão! Com que desembaraço ele inverte os princípios mais conhecidos da experiência! Que contradições risíveis ele aceita nas ordens da natureza e da sociedade, antes de, como dizemos, a brincadeira passar dos limites e o exagero do contrassenso provocar o despertar! Por vezes, multiplicamos com total despreocupação: três vezes três é igual a vinte; não nos admiramos quando um cão recita um verso, quando um morto caminha com seus próprios pés até o túmulo, quando uma rocha flutua na água; viajamos, numa missão importante, até o ducado de Bernburg ou o principado de Liechtenstein para observar a marinha

do país, ou nos alistamos como voluntários no exército de Carlos XII pouco antes da batalha de Poltava".

Binz (1878, p. 33) explica, com referência à teoria dos sonhos que resulta dessas impressões: "Entre dez sonhos, pelo menos nove são de conteúdo absurdo. Juntamos neles pessoas e objetos que não têm relação entre si. E já no instante seguinte o agrupamento muda, como num caleidoscópio, possivelmente ainda mais insensato e absurdo do que já era antes; e assim continua o jogo volúvel do cérebro adormecido imperfeitamente — até acordarmos, levarmos a mão à testa e nos perguntarmos se de fato ainda possuímos a faculdade da imaginação e do pensamento racionais".

Maury (1878, p. 50) encontra uma comparação, altamente impressionante para o médico, para a relação entre as imagens oníricas e os pensamentos do estado de vigília, que: "*La production de ces images que chez l'homme éveillé fait le plus souvent naître la volonté, correspond, pour l'intelligence, à ce que sont pour la motilité certains mouvements que nous offrent la chorée et les affections paralytiques*" [A produção dessas imagens, que, no homem desperto, muitas vezes fazem nascer a vontade, corresponde, para a inteligência, àquilo que, para a motilidade, são determinados movimentos que nos são oferecidos pela coreia e pelas afecções paralíticas]. De resto, o sonho é, para ele, "*toute une série de dégradations de la faculté pensante et raisonnante*" [toda uma série de degradações da faculdade de pensar e raciocinar] (Ibid., p. 27). Creio não ser necessário citar as declarações dos autores que repetem a sentença de Maury, aplicando-a às faculdades psíquicas superiores.

Segundo Strümpell, todas as operações lógicas da psique que se baseiam em relações e conexões recuam no sonho — naturalmente também onde o absurdo não é evidente (1877, p. 26). Spitta (1882) acredita que, no sonho, as representações fogem completamente à lei da causalidade. Radestock (1879) e outros ressaltam a fraqueza de juízo e dedução típica do sonho. Segundo Jodl (1896, p. 123), não existe nenhuma crítica no sonho, nenhuma correção de uma sequência de percepções pelo

conteúdo da consciência geral. O mesmo autor afirma: "No sonho, ocorre todo tipo de atividade da consciência, mas de forma incompleta, inibida e isolada". Stricker (e muitos outros com ele) explica as contradições nas quais o sonho se envolve diante do nosso conhecimento desperto, afirmando que no sonho elas se devem ao esquecimento de fatos ou à perda de relações lógicas entre as representações etc. (1879, p. 98).

Os autores que costumam julgar tão desfavoravelmente o desempenho psíquico no sonho admitem, porém, que o sonho preserva determinado resíduo de atividade psíquica. Wundt, cujas teorias se tornaram determinantes para tantos pesquisadores dos problemas do sonho, reconhece isso explicitamente. Poderíamos, então, perguntar pelo tipo e pela constituição do resíduo da atividade psíquica normal que se expressa no sonho. Existe um consenso bastante generalizado de que a capacidade de reprodução, a memória, parece ser a que menos sofre no sonho, chegando até a demonstrar certa superioridade em relação à mesma função no estado de vigília (cf. acima, p. 34), embora estes mesmos autores tentem explicar parte do absurdo do sonho justamente pela propensão da vida onírica ao esquecimento. Segundo Spitta, é a *vida afetiva* [*Gemütsleben*] da psique que não é afetada pelo sono e que dirige o sonho. *Gemüt* [ânimo, sentimento] designaria, segundo ele, "a estável reunião dos sentimentos, entendida como a mais íntima natureza subjetiva do ser humano" (1882, pp. 84 s.).

Scholz (1887, p. 37) reconhece na "*reinterpretação alegorizante*", à qual o material do sonho é submetido, uma das atividades psíquicas que se expressam no sonho. Siebeck constata também no sonho a "*faculdade interpretativa complementar*" da psique (1877, p. 11), que esta exerce em relação a todas as percepções e contemplações. Uma dificuldade especial referente ao sonho é a avaliação da função psíquica supostamente mais elevada, a consciência. Visto que todo o nosso conhecimento sobre o sonho provém da consciência, não pode haver dúvida de que ela persista nele; Spitta (1882) afirma, porém, que o sonho preserva apenas a

consciência, não a *auto*consciência. Delboeuf (1885) confessa que não consegue entender essa distinção.

As leis de associação que governam os laços entre as representações são válidas também para as imagens oníricas; no sonho, seu domínio se expressa de forma ainda mais pura e forte. Strümpell diz (1877, p. 70): "O sonho transcorre, ao que parece, exclusivamente segundo as leis das representações puras ou dos estímulos orgânicos que acompanham essas representações, ou seja, sem que reflexão e razão, gosto estético ou juízo moral consigam afetá-las". Os autores cujas opiniões reproduzo imaginam a formação dos sonhos mais ou menos da seguinte maneira: a soma dos estímulos sensoriais que agem sobre o sono e que partem das fontes já citadas desperta na psique primeiramente certo número de representações, que se apresentam como alucinações (segundo Wundt, seria mais correto chamá-las de ilusões por derivarem de estímulos externos e internos). Estas se vinculam umas às outras segundo as leis de associação conhecidas e evocam, por sua vez, uma nova série de representações (imagens) segundo as mesmas regras. Todo esse material é então elaborado, na medida do possível, pelo resíduo ainda atuante das faculdades psíquicas de organização e pensamento (cf., por exemplo, Wundt e Weygandt). Contudo, não conseguiram ainda descobrir os motivos que determinam se a evocação das imagens não provenientes de fora ocorre em conformidade com esta ou aquela lei de associação.

Observou-se repetidas vezes, porém, que as associações que estabelecem os vínculos entre as representações oníricas são de natureza muito especial, distintas das que agem no pensamento desperto. Assim, Volkelt afirma (1875, p. 15): "No sonho, as representações se perseguem e se unem de acordo com semelhanças casuais e relações quase imperceptíveis. Todos os sonhos são permeados desse tipo de associação desleixada e sem controle". Maury atribui a maior importância a essa característica da ligação de representações, pois ela lhe permite estabelecer uma analogia mais estreita entre a vida onírica e determinados distúrbios mentais. Ele

reconhece duas características principais do "*délire*": 1) *une action spontanée et comme automatique de l'esprit;* 2) *une association vicieuse et irrégulière des idées* [1) uma ação espontânea e como que automática do espírito; 2) uma associação viciosa e irregular das ideias]" (1878, p. 126). Maury nos fornece dois ótimos exemplos de seus próprios sonhos, nos quais a mera assonância das palavras estabelece o vínculo entre as representações oníricas. Certa vez, sonhou que se encontrava numa peregrinação (*pèlerinage*) a Jerusalém ou Meca e, após muitas aventuras, encontrou-se na casa do químico *Pelletier*. Depois de uma conversa, este lhe deu uma pá (*pelle*) de zinco, que, numa sequência onírica posterior, se transformou em sua grande espada de guerra (Ibid., p. 137). Em outro sonho, estava caminhando pela estrada, onde lia o número de *quilô*metros nos marcos. Em seguida, encontrou-se com um comerciante de especiarias, que possuía uma grande balança, e um homem colocava nela pesos de *quilo*gramas para pesar Maury; então, o comerciante lhe disse: "O senhor não está em Paris, mas na ilha de *Gilolo*". Seguiram-se então várias imagens, nas quais ele viu a flor *lo*bélia, depois o general *Lo*pez, sobre cuja morte ele havia lido pouco antes; finalmente acordou, jogando *lo*to (Ibid.).[14]

Mas não nos surpreende que esse menosprezo do funcionamento psíquico no sonho não tenha permanecido incontestado. É verdade que a contestação parece difícil no caso. Não significa muito que um dos depreciadores da vida onírica (Spitta, 1882, p. 118) afirme que as mesmas leis psicológicas, que predominam no estado de vigília, regem também o sonho, ou que outro (Dugas) diga: "*le rêve n'est pas déraison ni même irraison pure*" [o sonho não é desrazão, nem mesmo irracionalidade pura], enquanto ambos não se derem ao trabalho de conciliar essa avaliação com a anarquia psíquica e a dissolução de todas as funções no sonho que eles mesmos descreveram. Parece, no entanto, ter ocorrido a outros a possibilidade de que a loucura do sonho talvez não seja desprovida de método, talvez apenas uma dissimulação, como a do príncipe dinamarquês, a cuja loucura o inteligente juízo

aqui citado se refere [*Hamlet*, ato II, cena 2]. Esses autores devem ter evitado julgar pelas aparências, ou então a aparência que o sonho lhes apresentou foi diferente.

Assim, Havelock Ellis, sem querer se deter no aparente absurdo do sonho, o descreve como "*an archaic world of vast emotions and imperfect thoughts*" [um mundo arcaico de vastas emoções e pensamentos imperfeitos], cujo estudo poderia nos ajudar a conhecer fases primitivas do desenvolvimento da vida psíquica. J. Sully (1893, p. 362) defende a mesma noção do sonho de forma mais abrangente e penetrante. Suas declarações merecem ainda mais atenção se levarmos em conta que ele, como talvez nenhum outro psicólogo, estava convencido de que o sonho tem um significado oculto. "*Now our dreams are a means of conserving these successive personalities. When asleep we go back to the old ways of looking at things and of feeling about them, to impulses and activities which long ago dominated us*" [Nossos sonhos são um meio de conservar essas personalidades sucessivas. Quando dormimos, retornamos aos antigos modos de contemplar as coisas e de senti-las, a impulsos e atividades que nos dominavam em tempos remotos].

Um pensador como Delboeuf afirma — sem refutar o material que o contradiz e, portanto, sem fundamento: "*Dans le sommeil, hormis la perception, toutes les facultés de l'esprit, intelligence, imagination, mémoire, volonté, moralité, restent intactes dans leur essence; seulement, elles s'appliquent à des objets imaginaires et mobiles. Le songeur est un acteur qui joue à volonté les fous et les sages, les bourreaux et les victimes, les nains et les géants, les démons et les anges*" [Durante o sono, permanecem intactas em sua essência, com a exceção da percepção, todas as faculdades do espírito, a inteligência, a imaginação, a memória, a vontade, a moralidade; elas se aplicam apenas a objetos imaginários e móveis. O sonhador é um ator que executa, a seu bel-prazer, os papéis dos tolos e dos sábios, dos carrascos e das vítimas, dos anões e dos gigantes, dos demônios e dos anjos] (1885, p. 222). O marquês D'Hervey parece ter sido quem mais energicamente contestou a depreciação do funcionamento psíquico no sonho, contra o qual Maury trava uma polêmica

animada e cujo escrito não consegui obter, apesar de todos os meus esforços. Maury diz sobre ele (1878, p. 19): "*M. le Marquis D'Hervey prête à l'intelligence durant le sommeil, toute sa liberté d'action et d'attention et il ne semble faire consister le sommeil que dans l'occlusion des sens, dans leur fermeture au monde exterieur; en sorte que l'homme qui dort ne se distingue guère, selon sa manière de voir, de l'homme qui laisse vaguer sa pensée en se bouchant les sens; toute la différence qui sépare alors la pensée ordinaire de celle du dormeur c'est que, chez celui-ci, l'idée prend une forme visible, objective et ressemble, à s'y méprendre, à la sensation déterminée par les objets extérieurs; le souvenir revêt l'apparence du fait présent*" [O senhor marquês D'Hervey atribui à inteligência durante o sono toda a sua liberdade de ação e atenção e parece acreditar que o sono consiste apenas na oclusão dos sentidos, em seu fechamento para o mundo externo; de modo que, a seu ver, o homem adormecido quase não se distingue do homem que deixa vagar os seus pensamentos, bloqueando seus sentidos; assim, a única diferença que separa o pensamento ordinário do pensamento daquele que dorme é que, neste, a ideia toma uma forma visível, objetiva, e se assemelha, a ponto de se confundir com ela, à sensação determinada pelos objetos externos; a lembrança assume a aparência de um fato presente].

Maury, porém, acrescenta "*qu'il y a une différence de plus et capitale à savoir que les facultés intellectuelles de l'homme endormi n'offrent pas l'équilibre qu'elles gardent chez l'homme éveillé*" [que existe uma diferença adicional e capital, a saber, que as faculdades intelectuais do homem adormecido não apresentam o equilíbrio que mantêm no homem acordado].

Em Vaschide (1911, pp. 146 s.), que nos transmite um conhecimento melhor do livro de D'Hervey, descobrimos que esse autor se expressa da seguinte maneira sobre a aparente incoerência dos sonhos: "*L'image du rêve est la copie de l'idée. Le principal est l'idée; la vision n'est qu'accessoire. Ceci établi, il faut savoir suivre la marche des idées, il faut savoir analyser le tissu des rêves; l'incohérence devient alors compréhensible, les conceptions les plus fantasques deviennent des faits simples et*

parfaitement logiques" [A imagem do sonho é a cópia da ideia. O principal é a ideia; a visão não é mais do que acessório. Isso estabelecido, é preciso saber seguir o curso das ideias, é preciso saber analisar a textura dos sonhos; a incoerência torna-se então compreensível, as concepções mais fantasiosas tornam-se fatos simples e perfeitamente lógicos]. E: "*Les rêves les plus bizarres trouvent même une explication des plus logiques quand on sait les analyser*" [Os sonhos mais bizarros podem encontrar uma explicação das mais lógicas quando sabemos analisá-los].

J. Stärcke (1913) chamou a atenção para o fato de que um autor antigo, Wolf Davidson, que me era desconhecido, defendeu uma solução semelhante para a incoerência do sonho (p. 136): "Todos os curiosos saltos das nossas representações no sonho têm seu fundamento na lei da associação, mas às vezes esse vínculo ocorre na psique de forma muito obscura, de modo que frequentemente acreditamos observar um salto dado pela representação, quando, na verdade, este não ocorreu".

A gama de avaliações do sonho como produto psíquico é muito ampla na literatura; ela vai do mais profundo menosprezo, cuja expressão já conhecemos, passando pela intuição de um valor ainda não revelado, até a supervalorização, que o eleva muito acima das funções da vida de vigília. Hildebrandt, que, como sabemos, esboça o perfil psicológico da vida onírica em três antinomias, resume na terceira dessas oposições os dois polos dessa sequência (1875, pp. 19 s.): "É o contraste entre uma *intensificação*, uma *potencialização*, que, não raro, se eleva ao *virtuosismo*, e, por outro lado, uma *diminuição* e um *enfraquecimento* decisivos da vida psíquica, que, muitas vezes, a conduzem abaixo do nível humano".

"No que diz respeito à primeira, quem não poderia confirmar de experiência própria que, nas atividades e tramas do gênio onírico, se manifestam, por vezes, tamanha profundeza e intensidade do ânimo, uma delicadeza do sentimento, uma clareza de contemplação, uma sutileza de observação e sagacidade do espírito que modestamente negaríamos possuir durante a vida de vigília? O sonho possui uma poesia encantadora, uma alegoria excelente, um humor incomparável, uma ironia

deliciosa. Ele contempla o mundo sob uma luz peculiarmente idealizante e, muitas vezes, potencializa o efeito de seus fenômenos por meio da compreensão mais sensata de sua natureza. Apresenta aos nossos olhos a beleza terrena num esplendor verdadeiramente celestial, o sublime em majestade suprema, o terrível da nossa experiência em sua forma mais aterrorizante, o risível com uma comicidade drástica e indescritível; às vezes, após o despertar, alguma dessas impressões ainda nos preenche tanto que chegamos a acreditar que o mundo real jamais nos apresentou algo comparável."

Somos levados a perguntar se o objeto daquelas observações depreciativas e desse enaltecimento entusiástico é, realmente, o mesmo. Teriam esses autores ignorado os sonhos tolos; e aqueles, os sonhos profundos e sutis? E se ocorrerem ambos — sonhos que mereçam esta, e outros que mereçam aquela avaliação —, não seria um exercício fútil procurar estabelecer uma caracterização psicológica do sonho, não bastaria dizer que no sonho tudo é possível, desde o mais profundo menosprezo da vida psíquica até uma elevação desta, incomum no estado de vigília? Por mais cômoda que fosse essa solução, o que se opõe a ela é o fato de que todos os esforços dos pesquisadores do sonho parecem se basear no pressuposto segundo o qual realmente existe uma característica universalmente válida em seus traços essenciais, que ajudaria a superar essas contradições.

É incontestável que as realizações psíquicas do sonho tiveram um reconhecimento mais benevolente e caloroso naquele período intelectual já passado em que os espíritos eram dominados pela filosofia, e não pelas ciências naturais. Declarações como a de Schubert (1814), segundo a qual o sonho liberta o espírito do poder da natureza externa e a alma das amarras dos sentidos, e juízos semelhantes de Fichte filho (1864, v. 1)[15] e outros, que, todos eles, representam o sonho como elevação da vida psíquica a um nível superior, hoje nos parecem quase incompreensíveis; atualmente, são repetidas apenas pelos místicos e carolas.[16] A introdução do pensamento científico-natural trouxe consigo uma reação na

avaliação do sonho. São justamente os autores médicos que mais tendem a considerar insignificante e ínfima a atividade psíquica no sonho, enquanto os filósofos e observadores não profissionais — os psicólogos amadores —, cujas contribuições para essa área em especial não devem ser desconsideradas, se encontram em maior harmonia com as percepções do povo quando reafirmam o valor psíquico dos sonhos. Quem tende a menosprezar a atividade psíquica do sonho prefere, compreensivelmente, fundamentar a etiologia do sonho nas fontes de estímulos somáticos. Para quem sustenta que a psique sonhadora preserva a maior parte das faculdades que ela desempenha em estado de vigília, não há, evidentemente, nenhuma razão para não atribuir a ela estímulos autônomos para sonhar.

Entre as capacidades superiores que somos tentados a atribuir à vida onírica até mesmo numa comparação sóbria, a da memória é a que mais se destaca; já tratamos em detalhe das experiências nada raras que a comprovam. Outro privilégio da vida onírica, frequentemente elogiado pelos autores antigos — sua capacidade de vencer distâncias temporais e espaciais —, pode ser facilmente desmascarado como ilusão. Esse privilégio é, como observa Hildebrandt (1875), ilusório; o sonho se eleva acima do tempo e do espaço da mesma forma como o faz o pensamento desperto, justamente por ser apenas uma forma de pensamento. Supostamente, o sonho apresentaria ainda outra vantagem, seria independente do decurso do tempo também em outro sentido. Sonhos como o de Maury descrito na página 50, de sua execução na guilhotina, parecem demonstrar que o sonho consegue comprimir num intervalo brevíssimo de tempo uma quantidade muito maior de conteúdo perceptivo do que a nossa atividade psíquica é capaz de fazer no estado de vigília. Essa conclusão, porém, foi contestada por argumentos dos mais diversos; desde a publicação dos ensaios de Le Lorrain (1894) e Egger (1895) "sobre a aparente duração dos sonhos", desdobrou-se uma discussão interessante, que, nessa questão

delicada e de alcance profundo, provavelmente ainda não alcançou seu esclarecimento definitivo.[17]

Segundo numerosos relatos e também a coletânea organizada por Chabaneix (1897), parece ser incontestável que o sonho é capaz de prosseguir trabalhos intelectuais diurnos e levá-los a conclusões não alcançadas durante o dia, de solucionar dúvidas e problemas e se tornar fonte de novas inspirações para escritores e compositores. Embora o fato em si seja incontestado, suas interpretações estão abertas a muitas dúvidas, que levantam perguntas fundamentais.[18]

Por fim, o suposto poder divinatório do sonho representa um objeto de disputas, em que questionamentos quase insuperáveis se chocam com afirmações repetidas obstinadamente. Evita-se — e, creio eu, corretamente — negar qualquer realidade a esse tema, pois, para uma série de casos, a possibilidade de uma explicação psicológica natural talvez esteja próxima.

F. OS SENTIMENTOS ÉTICOS NO SONHO

Por motivos que só poderão se tornar compreensíveis depois que se tome conhecimento de minhas próprias investigações sobre o sonho, separei do tema da psicologia do sonho o problema de saber se e em que medida as disposições e sentimentos morais do estado de vigília se estendem à vida onírica. Deparamos aqui com a mesma contradição nas exposições dos autores que verificamos com surpresa nos casos de todas as demais funções psíquicas. Alguns afirmam que o sonho ignora as exigências morais, enquanto outros declaram, com a mesma firmeza, que a natureza moral do ser humano persiste na vida onírica.

A evocação da experiência onírica de todas as noites parece colocar a primeira afirmação acima de qualquer dúvida. Diz Jessen (1855, p. 553): "Também não nos tornamos pessoas melhores e mais virtuosas no sono; antes a consciência parece calar-se nos sonhos, pois não sentimos empatia e cometemos os piores crimes, como roubo e assassinato, com total indiferença e sem arrependimento posterior".

Radestock escreve (1879, p. 146): "É preciso levar em consideração que as associações e conexões são efetuadas no sonho sem nenhuma participação da reflexão e da razão, do gosto estético e do juízo moral; o juízo é extremamente fraco, predomina a *indiferença ética*".

Volkelt opina (1875, p. 23): "Como todos sabem, o sonho se mostra particularmente desenfreado na questão sexual. Assim como o próprio sonhador se mostra impudente ao extremo e perde qualquer sentimento e juízo moral, ele vê também todos os outros, e até mesmo as pessoas mais veneradas, envolvidos em atos aos quais ele, em estado de vigília, jamais ousaria relacioná-los nem mesmo em pensamentos".

O contraste mais agudo com isso é formado por declarações como a de Schopenhauer, segundo a qual cada um age e fala, nos sonhos, em perfeita

conformidade com seu caráter. K. Ph. Fischer[19] afirma que os sentimentos e aspirações subjetivos, ou os afetos e paixões, se manifestam na arbitrariedade da vida onírica, que as peculiaridades morais das pessoas se refletem nos seus sonhos.

Haffner escreve (1887, p. 251): "Fora raras exceções, [...] uma pessoa virtuosa será virtuosa também no sonho; ela resistirá às tentações, ao ódio, à inveja, à ira e aos vícios; o homem do pecado, porém, encontrará também no sonho as imagens que via no estado de vigília".

Scholz afirma (1887, p. 36): "No sonho está a verdade; a despeito de todo mascaramento, altivo ou humilde, reconhecemos nosso próprio eu [*Selbst*] [...]. O homem honesto não consegue cometer um crime desonroso nem mesmo no sonho, ou, caso ocorra, ele se desespera com isso, como algo que é estranho à sua natureza. O imperador romano que mandou executar um súdito porque este sonhara que cortava a cabeça do imperador não estava tão errado quanto possa parecer, ao justificar seu ato afirmando que quem assim sonhava teria pensamentos semelhantes também no estado de vigília. Por isso, quando falamos sobre algo que não encontra espaço em nosso íntimo, dizemos: 'Eu não imaginaria isso nem nos meus sonhos'".

Platão, por sua vez, afirma que os melhores homens são aqueles que apenas imaginam no sonho o que os outros fazem no estado de vigília.

Pfaff[20] diz, modificando um provérbio popular: "Conta-me durante algum tempo aquilo que sonhas, e eu te direi como é teu íntimo".

O pequeno escrito de Hildebrandt, do qual já citei tantas passagens e que é a contribuição formalmente mais perfeita e mais rica em pensamentos para a pesquisa dos problemas do sonho que encontrei na literatura, concentra seu interesse no problema da moralidade no sonho. E também para Hildebrandt vale a regra: quanto mais pura a vida, mais puro também o sonho; quanto mais impura aquela, mais impuro também este.

A natureza moral do ser humano persiste também no sonho: "Enquanto o erro de cálculo mais evidente, a mais romântica subversão da ciência, o mais cômico

anacronismo não nos ofende ou provoca nossa suspeita, jamais perdemos de vista a diferença entre o bem e o mal, entre justiça e injustiça, entre virtude e vício. Por mais que desapareça nas horas de sono aquilo que se passa conosco durante o dia — o imperativo categórico de Kant nos persegue como um companheiro tão inseparável que não nos livramos dele nem mesmo no sono [...]. Isso, porém, só pode ser explicado pelo fato de que o aspecto mais fundamental da natureza humana, a essência moral, se consolidou demais para ainda participar do efeito da agitação caleidoscópica, ao qual estão sujeitas no sonho a fantasia, a razão, a memória e outras faculdades do mesmo nível" (Ibid., pp. 45 s.).

No decorrer da discussão sobre o tema, apareceram curiosas mudanças de posições e incoerências nos dois grupos de autores. A rigor, para todos aqueles que acreditam que a personalidade moral do ser humano se dissolve no sonho, essa declaração deveria marcar o fim de seu interesse pelos sonhos imorais. Poderiam rejeitar a tentativa de responsabilizar o sonhador por seus sonhos, de inferir uma tendência má de sua natureza a partir da perversidade de seus sonhos, com a mesma tranquilidade com que rejeitam a tentativa aparentemente equivalente de demonstrar a falta de valor de seus desempenhos intelectuais com base no caráter absurdo de seus sonhos. Os outros, para quem o "imperativo categórico" se estende também aos sonhos, deveriam aceitar sem restrição a responsabilidade por sonhos imorais; apenas seria de desejar que seus próprios sonhos de natureza abjeta não os levem a duvidar de sua firme crença na própria moralidade.

Parece, contudo, que ninguém sabe com muita certeza em que medida é bom ou mau, e que ninguém pode renegar a lembrança dos próprios sonhos imorais. Pois, a despeito daquela oposição na avaliação da moralidade do sonho, em autores de ambos os grupos há esforços para esclarecer a origem dos sonhos imorais, e assim se desenvolve uma nova oposição, conforme essa origem seja buscada nas funções da vida psíquica ou em danos feitos a esta por causas somáticas. Então a força imperiosa dos fatos reúne tanto os defensores da responsabilidade como os da

irresponsabilidade da vida onírica no reconhecimento de uma fonte psíquica especial para a imoralidade dos sonhos.

Mas todos os que sustentam que a moralidade persiste no sonho evitam assumir a responsabilidade plena por seus sonhos. Haffner afirma (1887, p. 250): "Não somos responsáveis pelos sonhos porque nosso pensamento e nossa vontade são despojados do fundamento sobre o qual nossa vida possui verdade e realidade. [...] É justamente por isso que nenhuma vontade ou ação onírica pode ser virtude ou pecado". No entanto, o ser humano é responsável pelo sonho pecaminoso, na medida em que o causa indiretamente. Cabe a ele a obrigação de, assim como no estado de vigília, purificar moralmente a sua alma, principalmente antes de adormecer.

A análise dessa mistura de recusa e aceitação da responsabilidade pelo conteúdo moral dos sonhos é bem mais profunda em Hildebrandt. Após argumentar que o modo dramático da representação onírica, a concentração dos mais complicados processos mentais num espaço temporal mínimo e a desvalorização e mistura dos elementos representacionais no sonho (reconhecidas também por ele) devem ser levados em conta na aparência imoral dos sonhos, ele confessa que existem objeções das mais sérias à tentativa de negar toda responsabilidade por pecados e culpas oníricas.

"Quando queremos refutar de modo decisivo qualquer acusação injusta, sobretudo aquela que se refere às nossas intenções e atitudes, costumamos recorrer ao provérbio: 'Isso não passaria pela minha cabeça nem em sonho'. No entanto, expressamos com isso, por um lado, que consideramos a região dos sonhos a mais remota, a última em que somos responsáveis por nossos pensamentos, porque lá eles apresentam um vínculo tão fraco e frouxo com nosso ser verdadeiro que dificilmente os consideramos ainda nossos; por outro lado, ao nos sentirmos impelidos a negar expressamente a existência desse tipo de pensamento nessa região, também admitimos indiretamente que a nossa justificação não seria perfeita

se não se estendesse até ali. E creio que nisso, mesmo que inconscientemente, falamos a linguagem da verdade" (Ibid., p. 49).

"Pois é impossível imaginar um ato onírico cuja motivação original não teria passado primeiro pela psique do homem desperto na forma de um desejo, vontade ou impulso." Em relação a esse primeiro impulso temos que admitir, prossegue Hildebrandt, que o sonho não o inventou — apenas o copiou e o desenvolveu, elaborou de forma dramática só uma partícula de material histórico encontrada dentro de nós; encenou a palavra do apóstolo: "Aquele que odeia seu irmão é um assassino" [1 João 3,15]. E embora possamos rir dessa criação elaborada do sonho mau após o despertar, seguros de nossa força moral, a matéria-prima original da criação não apresenta nenhum lado risível. Sentimo-nos responsáveis pelos desvios do sonhador, não pela soma total, mas por certa percentagem. "Em suma, se entendermos neste sentido, dificilmente contestável, a palavra de Cristo: 'Do coração procedem os maus pensamentos' [Mateus 15,19], também será difícil nos esquivarmos da convicção de que cada pecado cometido no sonho traz consigo alguma culpa pelo menos" (Ibid., pp. 51 ss.).

Hildebrandt, portanto, identifica a fonte da imoralidade dos sonhos nos germes e nos indícios de impulsos ruins que passam por nossa alma durante o dia como tentações, e não hesita em levar em consideração esses elementos imorais na avaliação ética da personalidade. Como sabemos, os mesmos pensamentos e a mesma avaliação deles fizeram os pios e santos de todas as épocas lamentarem o seu estado vil de pecador.[21]

Creio não haver dúvidas quanto à ocorrência geral dessas noções *contrárias* — na maioria das pessoas e também em outras áreas além da ética. Mas a avaliação dessas noções nem sempre foi séria. Spitta cita a seguinte declaração de A. Zeller (1818) que se insere nesse contexto (1882, p. 194): "Raramente um espírito é tão bem organizado a ponto de sempre possuir domínio pleno e de não ter o fluxo contínuo e claro de seus pensamentos frequentemente interrompido por representações não

só insignificantes, mas também completamente grotescas e disparatadas; sim, os maiores pensadores têm lamentado esse bando zombador e vergonhoso de representações oníricas, que perturba suas contemplações e seu trabalho intelectual mais sério e sagrado".

Outra observação de Hildebrandt lança uma luz mais clara sobre a posição psicológica desses pensamentos contrastantes. Ele comenta que, por vezes, o sonho nos permite vislumbrar profundezas e dobras de nosso ser que, no estado de vigília, permanecem inacessíveis para nós (1875, p. 55). Kant nos revela o mesmo conhecimento numa passagem de sua *Antropologia*, quando afirma que o propósito do sonho poderia ser nos mostrar nossas predisposições ocultas e nos revelar não o que somos, mas o que poderíamos ter sido se tivéssemos recebido outra educação; e também Radestock (1879, p. 84), dizendo que muitas vezes o sonho nos revela apenas aquilo que não queremos admitir e que, por isso, injustamente o consideramos mentiroso e impostor. J. E. Erdmann escreve: "Jamais um sonho me revelou como uma pessoa deveria ser julgada, mas apenas como eu a julgo e qual é a minha postura em relação a ela; já aprendi isso várias vezes de um sonho, para minha grande surpresa". I. H. Fichte (1864, v. 1) defende uma opinião semelhante: "O caráter dos nossos sonhos é um espelho muito mais fiel de nosso ânimo geral do que a nossa auto-observação durante a vigília". A emergência desse impulso tão estranho à nossa consciência moral é apenas análoga a algo já conhecido: que o sonho dispõe de outro material de representações, que falta ao estado de vigília ou nele tem papel insignificante. Observações como a de Benini chamam nossa atenção para esse fato: "*Certe nostre inclinazioni che si credevano soffocate e spente da un pezzo, si ridestano; passioni vecchie e sepolte rivivono; cose e persone a cui non pensiamo mai, ci vengono dinanzi*" [Certas inclinações nossas que, por algum tempo, acreditávamos sufocadas ou extintas são despertadas; paixões velhas e sepultadas ressuscitam; coisas e pessoas em que nunca pensamos nos aparecem] (1898, p. 149), e de Volkelt: "E também representações que entraram na consciência desperta de modo quase

despercebido e que talvez ela jamais retirasse do esquecimento costumam revelar no sonho a sua presença na psique" (1875, p. 105). Finalmente, cabe lembrarmos que, segundo Schleiermacher, já o adormecer é acompanhado pelo surgimento de representações (imagens) *involuntárias*.

Como "*representações involuntárias*" podemos reunir todo esse material de representações cuja ocorrência, tanto nos sonhos imorais como nos absurdos, provoca nossa estranheza. Uma diferença importante se acha apenas no fato de que as representações involuntárias na área moral nos levam a reconhecer sua oposição ao nosso sentimento habitual, enquanto as outras nos parecem apenas estranhas. Ainda não se deu nenhum passo que nos permitisse eliminar essa diferença mediante um conhecimento mais profundo.

Que significado tem o surgimento de representações involuntárias no sonho, que conclusões podem ser tiradas, para a psicologia da psique desperta e da que sonha, desse surgimento noturno de impulsos éticos contrastantes? Constatamos aqui uma nova divisão de opiniões e mais um agrupamento diferente dos autores. O raciocínio de Hildebrandt e outros defensores de sua visão fundamental só pode levar à conclusão de que os impulsos imorais possuem certo poder — embora inibido e incapaz de induzir a ação — também na vida de vigília e que no sono está ausente algo que, agindo como uma inibição, nos impediu de constatar a existência desse impulso. O sonho revelaria, assim, a natureza verdadeira do ser humano, embora não toda a sua natureza, e seria um dos meios de tornar acessível ao nosso conhecimento o interior oculto da psique. É apenas com base nessas premissas que Hildebrandt pode atribuir ao sonho o papel de *alertador*, que chama nossa atenção para danos morais ocultos da nossa psique, da mesma forma como os médicos admitem que ele é capaz de anunciar à consciência enfermidades físicas até então despercebidas. E também Spitta parece se orientar pela mesma concepção ao apontar para as fontes de excitação que afluem para a psique, por exemplo, no período da puberdade, e consola o sonhador dizendo que este já fez tudo o que está

em seu poder se levou uma vida estreitamente virtuosa no estado de vigília e se esforçou por suprimir os pensamentos pecaminosos sempre que surgiram, por não deixá-los amadurecer e se concretizar em atos. Segundo essa concepção, poderíamos designar as representações "*involuntárias*" como representações "*suprimidas*" [*unterdrückt*] durante o dia e deveríamos ver em seu surgimento um autêntico fenômeno psíquico.

Outros autores acreditam que não temos o direito de chegar a essa conclusão. Para Jessen, as representações involuntárias tanto no sonho como no estado de vigília, e também em delírios de febre e de outros tipos, têm "o caráter de uma atividade volitiva em estado de repouso e de um processo *de certa forma mecânico* de imagens e representações por meio de movimentos internos" (1855, p. 360). Um sonho imoral provaria para a vida psíquica do sonhador apenas o fato de que este, em algum momento e de alguma forma, tomou conhecimento do conteúdo das representações em questão, mas certamente não a existência de um impulso psíquico do próprio sonhador. No caso de outro autor, Maury, poderíamos suspeitar que também ele atribui ao estado onírico a faculdade não de destruir arbitrariamente a atividade psíquica, mas de decompô-la em seus componentes. Referindo-se aos sonhos nos quais transpomos os limites da moralidade, ele diz: "*Ce sont nos penchants qui parlent et qui nous font agir, sans que la conscience nous retienne, bien que parfois elle nous avertisse. J'ai mes défauts et mes penchants vicieux; à l'état de veille, je tâche de lutter contre eux, et il m'arrive assez souvent de n'y pas succomber. Mais dans mes songes j'y succombe toujours ou pour mieux dire j'agis par leur impulsion, sans crainte et sans remords.* [...] *Évidemment les visions qui se déroulent devant ma pensée et qui constituent le rêve, me sont suggérées par les incitations que je ressens et que ma volonté absente ne cherche pas à refouler*" [São as nossas inclinações que falam e que nos fazem agir, sem que a consciência nos retenha, mesmo que, às vezes, ela nos alerte. Tenho meus defeitos e minhas inclinações viciosas; no estado de vigília, tento lutar contra eles, e muitas vezes não

me rendo a eles. Mas nos meus sonhos sempre sucumbo a eles ou, melhor, ajo de acordo com seu impulso, sem medo e sem remorso [...]. Evidentemente, as visões que se desdobram diante do meu pensamento e que constituem o sonho me são sugeridas pelas incitações que sinto e que minha vontade ausente não tenta reprimir] (1878, p. 113).

Se acreditássemos na capacidade do sonho de revelar uma disposição imoral do sonhador realmente existente, mas suprimida ou oculta, não poderíamos expressar essa opinião de forma mais clara do que nas palavras de Maury (Ibid., p. 165): "*En rêve l'homme se révèle donc tout entier à soi-même dans sa nudité et sa misère natives. Dès qu'il suspend l'exercice de sa volonté, il devient le jouet de toutes les passions contre lesquelles, à l'état de veille, la conscience, le sentiment de l'honneur, la crainte nous défendent*" [No sonho, o homem se revela a si mesmo por inteiro em sua nudez e miséria inatas. Ao suspender o exercício de sua vontade, ele se transforma em brinquedo de todas as paixões das quais, no estado de vigília, a consciência, o senso de honra, o medo nos defendem]. Em outra passagem, encontra as palavras certeiras (Ibid., p. 462): "*Dans le songe, c'est surtout l'homme instinctif qui se révèle.* [...] *L'homme revient pour ainsi dire à l'état de nature quand il rêve; mais moins les idées acquises ont pénétré dans son esprit, plus les penchants en désaccord avec elles conservent encore sur lui l'influence dans le rêve*" [No sonho, é sobretudo o homem instintivo que se revela. [...] O homem retorna, por assim dizer, ao estado natural quando sonha; mas quanto menos as ideias adquiridas tiverem penetrado seu espírito, mais as *inclinações em desacordo* com elas preservarão sua influência sobre ele no sonho]. Então, cita como exemplo que, não raro, seus sonhos o mostram como vítima justamente daquela superstição que ele combate com o maior fervor em seus escritos.

O valor de todas essas observações perspicazes de Maury para um conhecimento psicológico da vida onírica é diminuído pelo fato de que ele se recusa a reconhecer nos fenômenos, observados com tanta exatidão, algo além de provas do

automatisme psychologique, que, segundo ele, domina a vida onírica. Ele compreende esse automatismo como o total oposto da atividade psíquica.

Num trecho de *Studien über das Bewusstsein* [Estudos sobre a consciência], Stricker escreve (1879): "O sonho não consiste exclusivamente em ilusões; quando, por exemplo, temos medo de ladrões no sonho, os ladrões são imaginários; o medo, porém, é real". Isso nos chama a atenção para o fato de que não podemos julgar o desenvolvimento dos afetos no sonho da mesma forma como julgamos o conteúdo onírico restante; e deparamo-nos com o problema de identificar o que pode ser real nos processos psíquicos do sonho, isto é, o que pode reivindicar um lugar entre os processos psíquicos do estado de vigília.

G. TEORIAS DO SONHO E FUNÇÃO DO SONHO

Uma exposição sobre o sonho que procure explicar o maior número possível de suas características observadas de um mesmo ponto de vista e, simultaneamente, determinar a posição do sonho dentro de uma área de fenômenos mais ampla poderá ser chamada de teoria do sonho. A diferença entre as teorias do sonho será que elas definirão esta ou aquela característica do sonho como essencial e nela apoiarão explicações e correlações. Não é necessário que a própria teoria permita deduzir uma função, isto é, uma utilidade ou qualquer outra realização do sonho, mas nossa expectativa, habituada a se orientar pela teleologia, certamente dará preferência àquelas teorias que apresentarem algum vínculo com uma função do sonho.

Já conhecemos várias concepções do sonho que mereceriam, mais ou menos, ser chamadas de teorias do sonho nesse sentido. A crença dos antigos de que o sonho era enviado pelos deuses para orientar os atos dos homens era uma teoria completa do sonho, que informava tudo o que se precisava saber sobre o sonho. A partir do momento em que o sonho se tornou objeto da pesquisa biológica, surgiu um número maior de teorias do sonho, inclusive algumas bastante incompletas. Se renunciamos a uma enumeração exaustiva, podemos dividir as teorias do sonho nos seguintes grupos, conforme o pressuposto subjacente quanto ao grau e ao tipo da atividade psíquica no sonho:

1) Teorias como a de Delboeuf, que veem no sonho uma continuação da atividade psíquica plena da vida de vigília. Aqui a psique não dorme, seu aparelho permanece intacto, mas, levada às condições do estado do sono divergentes das do estado de vigília, ela tem de produzir, funcionando normalmente, resultados diferentes do que no estado de vigília. No caso dessas teorias, perguntamos se são capazes de deduzir das condições do estado de sono todas as diferenças entre o sonho e o pensamento

desperto. Além disso, falta-lhes a perspectiva quanto a uma possível função do sonho; não explicam para que sonhamos, por que o mecanismo complexo do aparelho psíquico continua a funcionar mesmo quando é submetido a condições para as quais ele não parece ter sido projetado. Dormir sem sonhar ou, quando perturbado por estímulos, despertar seriam as únicas reações adequadas — em vez da terceira, a do sonhar.

2) Teorias que, ao contrário, supõem no sonho uma diminuição da atividade psíquica, um afrouxamento das correlações, um empobrecimento do material acessível. Segundo essas teorias, o sono precisaria ser caracterizado de forma completamente diferente do ponto de vista psicológico do que o faz Delboeuf. O sono influi amplamente na psique, não consiste apenas num isolamento da psique do mundo externo, antes penetra em seu mecanismo e o torna temporariamente inutilizável. Permitindo-me uma comparação com o material psiquiátrico, posso dizer que as primeiras teorias constroem o sonho como uma paranoia; as segundas o transformam em modelo da debilidade mental ou de uma amência.

A teoria segundo a qual, na vida onírica, se expressa apenas uma pequena fração da atividade psíquica paralisada pelo sono é, de longe, a preferida entre os autores médicos e no mundo científico. Pressupondo que haja um interesse geral pela explicação do sonho, podemos dizer que esta é a teoria *dominante*. Devemos destacar com que facilidade justamente essa teoria evita o pior obstáculo de toda explicação do sonho — o fracasso ante um dos contrastes envolvidos no sonho. Visto que, para essa teoria, o sonho é o resultado de um estado de vigília parcial ("uma vigília gradual, parcial e, ao mesmo tempo, altamente anormal", diz a *Psychologie* de Herbart sobre o sonho), ela consegue, por meio de uma série de estados progressivos de vigília até o despertar pleno, cobrir toda a série que vai desde o desempenho reduzido do sonho, que se revela no absurdo, até o desempenho intelectual plenamente concentrado.

Aquele que julga indispensável ou mais científica a explicação fisiológica encontrará essa teoria do sonho expressa na descrição de Binz (1878, p. 43):

"Esse estado (de torpor) se aproxima de seu fim apenas gradativamente nas primeiras horas da manhã. Os produtos da fadiga acumulados na albumina cerebral diminuem sempre mais; uma quantidade cada vez maior deles é decomposta ou levada pela incessante corrente sanguínea. Aqui e ali alguns grupos de células, já despertos, se destacam, enquanto tudo em sua volta ainda permanece em estado de torpor. Agora se apresenta à nossa consciência turvada o *trabalho isolado dos grupos individuais*, faltando-lhe ainda o controle de outras partes do cérebro que governam a associação. É por isso que as imagens criadas, que, na maioria das vezes, correspondem às impressões materiais do passado recente, se encadeiam de forma irregular e caótica. Aumenta constantemente o número de células cerebrais liberadas, e diminui cada vez mais a insensatez do sonho."

Certamente encontraremos essa visão do sonho como uma vigília incompleta e parcial — ou traços de sua influência — em todos os fisiólogos e filósofos modernos. Sua exposição mais minuciosa é encontrada em Maury. Muitas vezes, ele dá a impressão de que imagina o estado de vigília ou o estado de sono como algo que pode ser deslocado de uma região anatômica para outra, sendo que uma província anatômica estaria vinculada a determinada função psíquica. Quero observar apenas que, caso a teoria da vigília parcial venha a ser confirmada, seus detalhes ainda exigiriam muita discussão.

Naturalmente, essa concepção da vida onírica não permite identificar uma função do sonho. Um juízo coerente sobre a posição e a importância do sonho é apresentado na seguinte declaração de Binz (1878, p. 35): "Como vemos, todos os fatos nos obrigam a caracterizar o sonho como um processo *somático*, que, em todos os casos, é inútil e, em muitos, até patológico".

A expressão "somático" com referência ao sonho, enfatizada pelo próprio autor, aponta para mais de uma direção. A princípio, remete à etiologia do sonho, que

muito interessava a Binz, visto que ele estudava a produção experimental de sonhos pela administração de venenos. Esse tipo de teoria do sonho tende a atribuir o estímulo para o sonhar exclusivamente ao plano somático. Em sua forma extrema, a teoria diria: Após adormecermos pela remoção dos estímulos, não existiria necessidade e motivo para sonhar até a manhã, quando o despertar gradual, em decorrência dos novos estímulos que nos chegam, poderia se refletir no fenômeno do sonhar. No entanto, não é possível manter o sono sem estímulos; tal como os gérmens da vida, de que se queixa Mefistófeles,[c] os estímulos se aproximam da pessoa adormecida de todos os lados, de fora, de dentro, até mesmo de todas as regiões do corpo, com que a pessoa jamais se preocupou em estado de vigília. Assim o sono é perturbado, a psique é sacudida e despertada aqui e ali, funcionando por breve momento na parte despertada, e fica feliz por poder voltar a dormir. O sonho é a reação a uma perturbação do sono ocasionada pelo estímulo, uma reação, aliás, completamente supérflua.

Designar o sonho — que, afinal de contas, continua a ser um produto do órgão psíquico — como processo somático tem, porém, ainda outro sentido. Pretende negar ao sonho a *dignidade* de um processo psíquico. Há muito o sonho já foi comparado aos "dez dedos de uma pessoa sem nenhum conhecimento musical, que deslizam sobre as teclas do instrumento" — uma imagem que pode ser a melhor ilustração do que os representantes das ciências exatas pensam acerca do sonho. Nessa acepção, o sonho é algo que não pode ser interpretado; pois como os dez dedos do intérprete ignorante seriam capazes de produzir uma peça de música?

Desde cedo não faltaram objeções à teoria da vigília parcial. Burdach escreveu (1838, pp. 508 s.): "Quando afirmam que o sonho é uma vigília parcial, primeiramente não explicam nem a vigília nem o sono; em segundo lugar, afirmam apenas que algumas forças da psique estão ativas no sonho enquanto outras repousam. Mas essa desigualdade ocorre durante toda a vida".

Apoia-se nessa teoria dominante do sonho, que o entende como processo "somático", uma concepção muito interessante do sonho, formulada pela primeira vez por Robert em 1886. Ela parece ser convincente, pois consegue informar uma função, um resultado útil para o sonho. Robert fundamenta sua teoria em dois fatos observados, que já consideramos ao examinar o material do sonho (cf. acima, p. 42; a saber, que frequentemente sonhamos com as impressões menos importantes do dia e que raramente transpomos os grandes interesses do dia para o sonho. Robert assevera, como verdade exclusiva, que jamais se transformam em instigadores do sonho coisas plenamente esmiuçadas pelo pensamento, mas apenas aquelas que se acham na mente de forma incompleta ou que tocam nosso espírito apenas de passagem (1886, p. 10). — "Por isso, não conseguimos, na maioria das vezes, explicar o sonho, pois suas causas são justamente *as impressões sensoriais do dia transcorrido que não atraíram suficientemente a atenção do sonhador*." A condição para que uma impressão se manifeste no sonho é, portanto, que ela tenha sido interrompida em sua elaboração ou que seja insignificante demais para reivindicar essa elaboração.

Para Robert, o sonho se apresenta "como processo somático de excreção, que chega ao conhecimento em nossa reação mental a ele". *Sonhos são excreções de pensamentos sufocados em germe*. "Se privássemos uma pessoa de sua capacidade de sonhar, ela ficaria, no devido tempo, mentalmente perturbada, pois em seu cérebro se acumularia uma grande massa de pensamentos incompletos, irrefletidos e de impressões superficiais, cujo grande peso sufocaria aquilo que a memória deveria incorporar como um todo completo." O sonho presta ao cérebro sobrecarregado os serviços de uma válvula de escape. *Os sonhos possuem o poder de curar e aliviar* (Ibid., p. 32).

Seria equivocado dirigir a Robert a pergunta de como a representação no sonho pode provocar um alívio da psique. Aparentemente, o autor deduz dessas duas peculiaridades do material onírico que essa expulsão de impressões inúteis durante

o sono ocorre *de alguma forma* como processo somático e que o sonhar não é um processo psíquico especial, mas apenas o comunicado que recebemos dessa eliminação. A propósito, a excreção não é a única coisa que ocorre na psique durante a noite. O próprio Robert acrescenta que, além disso, os impulsos do dia são elaborados e "aquelas partes dos pensamentos não digeridos que não podem ser expelidas são *reunidas num todo por fios de pensamento emprestados da fantasia*, inserindo-as assim na memória como uma pintura imaginária inofensiva" (Ibid., p. 23).

Mas é na avaliação das fontes do sonho que a teoria de Robert se opõe diametralmente à teoria dominante. Segundo esta, não haveria sonhos se a psique não fosse despertada repetidamente por estímulos sensoriais externos e internos. Segundo a teoria de Robert, o impulso para sonhar se encontra na própria psique, em sua sobrecarga, que exige ser aliviada, e ele julga, de modo bastante coerente, que as causas determinantes do sonho existentes na condição somática ocupam um espaço secundário e jamais seriam capazes de instigar um espírito a sonhar se nele não houvesse material extraído da consciência desperta para a formação do sonho. Ele admite apenas que as imagens fantasiosas desenvolvidas no sonho e provenientes das profundezas da psique podem ser influenciadas pelos estímulos nervosos (Ibid., p. 48). Segundo Robert, portanto, o sonho não depende tanto da esfera somática; é verdade que não chega a ser um processo psíquico, não ocupa um lugar entre os processos psíquicos da vigília; é um processo somático que ocorre todas as noites no aparelho da atividade psíquica e tem uma função a cumprir: proteger esse aparelho de uma tensão excessiva — ou, usando outra imagem, retirar o esterco da psique.

Outro autor, Yves Delage, apoia sua teoria nas mesmas características do sonho, que se evidenciam na seleção do material onírico, e é instrutivo observar como uma ligeira mudança na concepção das mesmas coisas acarreta um resultado final de alcance muito diferente.

Após a morte de uma pessoa que lhe era querida, Delage (1891) percebeu que *não* sonhamos com aquilo que nos ocupou amplamente durante o dia; isso acontece apenas quando aquilo começa a recuar diante de outros interesses diurnos. Suas investigações junto a outras pessoas confirmaram a universalidade desse fato. Delage faz uma bela observação, caso sua verdade universal se confirme, sobre os sonhos de casais jovens: "*S'ils ont été fortement épris, presque jamais ils n'ont rêvé l'un de l'autre avant le mariage ou pendant la lune de miel; et s'ils ont rêvé d'amour c'est pour être infidèles avec quelque personne indifférente ou odieuse*" [Se eles estavam muito apaixonados, quase nunca sonharam um com o outro antes do casamento ou durante a lua de mel; e se tiveram sonhos de amor, foi para serem infiéis com alguma pessoa indiferente ou odiosa]. Com o que, então, sonhamos? Segundo Delage, o material que ocorre nos nossos sonhos consiste em fragmentos e resíduos de impressões dos últimos dias e de tempos remotos. Tudo o que se apresenta em nossos sonhos, aquilo que tendemos a identificar inicialmente como criação da vida onírica, revela-se, a um exame mais minucioso, como reprodução não reconhecida, como "*souvenir inconscient*" [lembrança inconsciente]. Esse material de representações, porém, mostra uma característica comum; ele provém de impressões que, muito provavelmente, tiveram um impacto maior sobre os nossos sentidos do que sobre o nosso espírito, ou das quais a nossa atenção foi desviada logo após sua ocorrência. Quanto menos consciente e, ao mesmo tempo, mais poderosa for uma impressão, maior é a sua chance de desempenhar um papel no próximo sonho.

São, essencialmente, as mesmas duas categorias de impressões, as triviais e as irresolvidas, destacadas por Robert, mas Delage dá outro sentido à coisa ao afirmar que essas impressões se tornam aptas para o sonho não por serem indiferentes, mas por serem irresolvidas. As impressões triviais também não foram, de certa forma, resolvidas inteiramente; também elas são, conforme sua natureza de impressões novas, "*autant de ressorts tendus*" [molas tensionadas], que se distenderão durante o

sono. Uma impressão forte que foi casualmente retida em sua elaboração ou deliberadamente refreada terá mais direito a um papel no sonho do que uma impressão fraca e quase despercebida. A energia psíquica acumulada durante o dia por meio de inibição e supressão torna-se a força motriz do sonho durante a noite. No sonho manifesta-se o material psíquico suprimido.[22]

Infelizmente, Delage abandona sua linha de pensamento nesse ponto; ele só pode atribuir a uma atividade psíquica autônoma um papel ínfimo no sonho, e por isso alinha sua teoria do sonho à teoria dominante do sono parcial do cérebro: "*En somme le rêve est le produit de la pensée errante, sans but et sans direction, se fixant successivement sur les souvenirs, qui ont gardé assez d'intensité pour se placer sur sa route et l'arrêter au passage, établissant entre eux un lieu tantôt faible et indécis, tantôt plus fort et plus serré, selon que l'activité actuelle du cerveau est plus ou moins abolie par le sommeil*" [Em suma, o sonho é o produto do pensamento errante, sem objetivo e sem direção, fixando-se sucessivamente nas lembranças que preservaram intensidade suficiente para obstruir seu caminho e impedir sua passagem, estabelecendo entre elas um elo ora fraco e indeciso, ora mais forte e mais estreito, conforme a atividade atual do cérebro seja abolida pelo sono em maior ou menor grau].

3) Podemos reunir num terceiro grupo as teorias do sonho que atribuem à psique sonhadora a tendência e a capacidade de desempenhos psíquicos especiais que, no estado de vigília, ela é total ou parcialmente incapaz de exercer. O exercício dessas faculdades costuma resultar numa função útil para o sonho. As avaliações que o sonho recebeu de autores psicológicos mais antigos costumam se inserir nesse grupo. Limito-me, porém, a citar em seu lugar uma declaração de Burdach. Segundo ele, o sonho "é a atividade natural da psique, que não é restringida pelo poder da individualidade, não é perturbada pela autoconsciência e não é direcionada pela autodeterminação, mas é, isto sim a vitalidade livremente atuante dos pontos centrais sensíveis" (1838, p. 512).

Evidentemente, Burdach e outros concebem esse abandonar-se ao emprego livre de suas próprias forças como um estado em que a psique se revigora e renova as forças para o trabalho diurno — ou seja, como um tipo de férias. Por isso, Burdach cita e aceita também as palavras encantadoras com as quais o poeta Novalis louva a atividade do sonho: "O sonho é um baluarte contra a regularidade e a monotonia da vida, um repouso livre da imaginação presa, onde ela confunde todas as imagens da vida e interrompe a seriedade constante da pessoa adulta com uma alegre brincadeira infantil; sem os sonhos, certamente envelheceríamos mais cedo, e assim podemos ver o sonho, se não como dádiva direta do céu, com certeza como tarefa deliciosa, como companhia amigável na peregrinação para o túmulo" [*Heinrich von Ofterdingen*, parte I, cap. 1].

Purkinje (1846, p. 456) descreve de maneira ainda mais enérgica a atividade revigorante e curadora do sonho: "Sobretudo os sonhos produtivos intermediariam essas funções. São brincadeiras leves da imaginação, sem vínculos com os eventos do dia. A psique não pretende dar continuação às tensões da vida desperta, antes procura dissolvê-las, recuperar-se delas. Ela gera, em primeira linha, estados contrários aos da vigília. Cura tristeza com alegria, preocupações com esperanças e imagens descontraídas, ódio com amor e amabilidade, medo com coragem e confiança; acalma a dúvida com convicção e fé sólida, a expectativa vã com realização. O sono cura muitas feridas do ânimo, que o dia manteria constantemente abertas, cobrindo-as e protegendo-as de novas excitações". Todos nós sentimos que o sono é um alívio para a vida psíquica, e a intuição obscura da consciência popular se recusa a privar-se do preconceito de que o sonho é uma das vias por meio das quais o sono dispensa seus benefícios.

A tentativa mais original e mais extensa de explicar o sonho como uma atividade especial da psique que só consegue se desenvolver livremente no estado do sono foi feita por Scherner em 1861. Seu livro, escrito num estilo carregado e afetado, mantido por um entusiasmo quase embriagado pelo seu objeto e que deve repugnar

quando não consegue arrebatar o leitor, torna tão difícil uma análise que logo preferimos recorrer à exposição mais clara e sucinta que o filósofo Volkelt oferece das teorias de Scherner. “Dessas aglomerações místicas, dessas nuvens de pompa e esplendor partem como que relâmpagos pressagos de sentido, mas os caminhos do filósofo não se iluminam.” Essa é a avaliação que um seguidor faz da exposição de Scherner.

Scherner não é um daqueles autores que permitem que a psique estenda suas faculdades à vida onírica sem restrições. Ele mesmo explica como, no sonho, a centralidade, a energia espontânea do Eu é enervada, como, em decorrência dessa descentralização, o conhecimento, a sensação, a vontade e a imaginação são alterados, e como os vestígios dessas forças psíquicas deixam de possuir um verdadeiro caráter de espírito, restando-lhes apenas a natureza de um mecanismo. Em troca, a atividade da psique que devemos chamar de *fantasia* [ou *imaginação*], agora libertada de todo domínio da razão e, portanto, despida de controle rigoroso, ascende ao domínio ilimitado. Leva consigo, sim, os últimos elementos da memória da vigília, mas constrói com eles edifícios completamente diferentes das criações da vigília; no sonho, não é apenas reprodutiva, é também *produtiva*. Suas peculiaridades conferem à vida onírica suas características especiais. Demonstra uma preferência pelo *desmedido*, *exagerado*, *monstruoso*. Ao mesmo tempo, porém, sua libertação das categorias inibidoras do pensamento lhe concede uma maleabilidade, uma agilidade e uma alterabilidade maiores; é muito sensível aos delicados estímulos do ânimo, aos alvoroços afetivos, compõe imediatamente a vida interior em representação plástica externa. Falta à fantasia onírica a *linguagem conceitual*; ela precisa representar de forma plástica o que pretende dizer, e dado que nisso o conceito não exerce efeito enfraquecedor, ela o retrata com a riqueza, força e grandeza da forma plástica. Por causa disso, sua linguagem, por mais nítida que seja, se torna confusa, pesada, desajeitada. A clareza da linguagem é obstruída principalmente por sua aversão a expressar um objeto por meio de sua imagem real,

preferindo escolher uma *imagem diferente*, contanto que esta seja capaz de expressar aquele aspecto do objeto cuja representação lhe importa. Essa é a *atividade simbolizadora* da imaginação… Muito importante é, além disso, que a representação pela fantasia onírica não esgota os objetos, antes apenas os esboça com a maior liberdade. Por isso, suas pinturas parecem genialmente inspiradas. A imaginação onírica, porém, não se contenta com a mera apresentação do objeto; uma necessidade interna a obriga a emaranhar o Eu onírico com o objeto e assim produzir uma ação. O sonho provocado por um estímulo visual, por exemplo, retrata moedas de ouro jogadas na rua; o sonhador as recolhe, se alegra e as leva consigo.

O material que a imaginação onírica usa para exercer sua atividade artística consiste, segundo Scherner, nos estímulos orgânicos do corpo, predominantemente obscuros durante o dia (cf. acima, pp. 55 ss.), de modo que, no que diz respeito às supostas fontes e aos instigadores do sonho, a teoria exageradamente fantástica de Scherner e a teoria talvez excessivamente sóbria de Wundt e de outros fisiologistas, que, de resto, se comportam como antípodas uma da outra, aqui coincidem perfeitamente. Enquanto, porém, a reação psíquica aos estímulos somáticos internos se esgota, segundo a teoria fisiologista, com a evocação de representações condicentes, que então recorrem a outras representações por via da associação, encerrando aparentemente, com esse estágio, o curso dos processos psíquicos do sonho, Scherner acredita que os estímulos somáticos fornecem à psique apenas o material do qual esta se serve para alcançar seus propósitos fantásticos. Segundo Scherner, a formação do sonho só começa onde ela se esgota aos olhos dos outros.

Mas não podemos julgar conveniente o que a imaginação onírica faz com os estímulos somáticos. Ela brinca com eles, representa a fonte orgânica dos estímulos de determinado sonho em algum simbolismo plástico. Scherner chega até a acreditar (Volkelt e outros não o seguem nesse ponto) que a imaginação onírica possui uma representação favorita para o organismo como um todo; esta seria a

casa. Felizmente, porém, a imaginação onírica não se limita a esse material para as suas representações; pode, ao contrário, usar séries inteiras de casas para designar um único órgão; por exemplo, longas ruas residenciais para o estímulo intestinal. Outras vezes, partes individuais da casa representam mesmo partes individuais do corpo; no sonho causado por uma dor de cabeça, por exemplo, o teto de um quarto (que o sonhador vê coberto de aranhas repugnantes parecidas com sapos) representa a cabeça.

Além do simbolismo da casa, são utilizados outros objetos quaisquer para representar a parte do corpo que emite o estímulo onírico. "Um forno flamejante com seu bramido simboliza o pulmão que respira; caixas e cestas vazias representam o coração; objetos redondos na forma de sacos ou simplesmente ocos, a bexiga. O sonho masculino de estímulos sexuais leva o sonhador a encontrar na rua a parte superior de um clarinete, ao lado desta a mesma parte de um cachimbo e uma pele de animal. Clarinete e cachimbo representam uma forma semelhante ao membro masculino; a pele animal, o pelo pubiano. No sonho sexual feminino, o intervalo entre as coxas fechadas pode ser simbolizado por um pátio estreito cercado de casas; a vagina, por uma trilha muito estreita e muito macia e escorregadia que atravessa o pátio e que a sonhadora precisa percorrer para, por exemplo, entregar uma carta ao seu senhor" (Volkelt, ibid., p. 34). É muito importante que, no fim desse tipo de sonho provocado por um estímulo somático, a imaginação onírica se desmascara, por assim dizer, mostrando claramente o órgão excitador ou sua função. Assim, "o sonho do estímulo dentário" costuma terminar quando o sonhador retira, no sonho, um dente da boca.

Entretanto, a imaginação onírica pode voltar sua atenção não apenas para a forma do órgão excitador, mas igualmente transformar a substância nele contida em objeto da simbolização. No sonho provocado pelo estímulo intestinal, por exemplo, podemos caminhar por ruas cheias de fezes; o sonho provocado pelo estímulo urinário nos conduz a águas espumejantes. É possível também que o estímulo como

tal, a natureza de sua excitação e o objeto cobiçado sejam representados simbolicamente ou que o Eu onírico estabeleça um vínculo concreto com as simbolizações de seu próprio estado, quando, por exemplo, no caso de estímulos dolorosos, nós nos envolvemos numa luta desesperada com cães raivosos ou touros furiosos ou quando, num sonho sexual, a sonhadora se vê perseguida por um homem nu. Se abstrairmos toda a possível riqueza de execução, permanece uma atividade simbolizadora da imaginação como força central em todos os sonhos. Volkelt tentou, em seu livro belo e caloroso, mas pouco inteligível para os que não foram preparados desde cedo para a compreensão intuitiva de esquemas conceituais filosóficos, sondar mais a fundo o caráter dessa imaginação e atribuir a essa atividade psíquica um lugar num sistema de pensamentos filosóficos.

A atividade da imaginação simbolizadora de Scherner não se liga a nenhuma função útil. A psique brinca com os estímulos que lhe são oferecidos no sonho. Poderíamos chegar a supor que suas brincadeiras são malcomportadas. Mas alguém poderia também nos perguntar se a nossa ocupação intensiva com a teoria do sonho de Scherner é capaz de nos levar a qualquer resultado útil, sendo muito evidentes sua arbitrariedade e autonomia ante as regras de toda pesquisa. Caberia então defender a teoria de Scherner de uma rejeição anterior a qualquer exame, que seria algo arrogante. Essa teoria se fundamenta na impressão que os sonhos deixaram num indivíduo que lhes deu muita atenção e que parece ser pessoalmente predisposto a investigar as coisas psíquicas sombrias. Trata, além disso, de um objeto que, ao longo dos milênios, se apresentou às pessoas como enigmático, mas, ao mesmo tempo, rico em conteúdo, e para cujo esclarecimento a ciência rigorosa, como ela mesma admite, pouco contribuiu além da tentativa de, em plena oposição ao sentimento popular, negar ao objeto qualquer conteúdo e significância. Por fim, devemos admitir com franqueza que, aparentemente, não conseguiremos escapar facilmente do fantástico nas nossas tentativas de esclarecer o sonho. Existe também o fantástico dos gânglios nervosos; o trecho citado na página 106 de um pesquisador

sóbrio e preciso como Binz, que descreve como a aurora do despertar nasce sobre os aglomerados de células adormecidas do córtex cerebral, não é menos fantástico e improvável do que as tentativas de interpretação de Scherner. Espero poder demonstrar que, por trás destas, se esconde algo real, mas que foi reconhecido apenas de forma difusa e não possui o caráter de generalidade que uma teoria do sonho deve reivindicar. Por ora, a teoria de Scherner, em seu contraste com a teoria médica, pode nos mostrar entre quais extremos a explicação da vida onírica oscila ainda hoje.

H. RELAÇÕES ENTRE SONHO E DOENÇAS MENTAIS

Quem fala da relação entre o sonho e os distúrbios mentais pode estar se referindo a três coisas: 1) relações etiológicas e clínicas, por exemplo, quando um sonho representa ou introduz um estado psicótico, ou vem depois dele; 2) mudanças que a vida onírica sofre no caso de uma doença mental; ou 3) relações internas entre sonho e psicose, analogias que apontam uma afinidade essencial. Essas múltiplas relações entre as duas séries de fenômenos foram um dos temas preferidos de autores médicos no passado da medicina — e voltaram a ser no presente, como demonstra a literatura reunida por Spitta, Radestock, Maury e Tissié. Recentemente, Sante de Sanctis voltou sua atenção para o assunto.[23] Para os propósitos desta exposição, bastará tratar desse tema significativo apenas por alto.

Quanto às relações clínicas e etiológicas entre sonho e psicoses, quero comunicar as seguintes observações como paradigmas. Hohnbaum relata (citado por Krauss) que a primeira irrupção da loucura frequentemente tinha origem num sonho assustador e que a ideia predominante estava relacionada a esse sonho. Sante de Sanctis apresenta observações semelhantes de pacientes paranoicos e identifica o sonho em alguns deles como "*vraie cause déterminante de la folie*" [verdadeira causa determinante da loucura]. A psicose pode surgir de uma só vez, com o sonho eficaz e portador do esclarecimento delirante, ou se desenvolver aos poucos, mediante outros sonhos que ainda precisam lutar contra a dúvida. Num dos casos de De Sanctis, o sonho perturbador era seguido de leves crises histéricas e, depois, de um estado de angústia e melancolia. Féré (citado por Tissié) relata um sonho que resultou numa paralisia histérica. Ali o sonho nos é apresentado como etiologia do distúrbio mental, mas podemos explicar o mesmo estado de coisas afirmando que o distúrbio mental se expressou pela primeira vez na vida onírica, que se manifestou pela primeira vez no sonho. Em outros exemplos, a vida onírica contém os sintomas

patológicos, ou a psicose permanece restrita à vida onírica. Thomayer chama atenção para os *sonhos de angústia*, que devem ser interpretados como equivalentes a crises epilépticas. Allison (segundo Radestock) descreveu uma doença mental noturna (*nocturnal insanity*) em que os indivíduos parecem gozar de perfeita saúde durante o dia, mas durante a noite sofrem alucinações, ataques de raiva etc. com regularidade. Encontramos observações semelhantes em De Sanctis (sonho de um alcoólatra que equivale a uma paranoia, vozes que acusam a esposa de infidelidade) e Tissié. Este apresenta um grande número de observações de tempos mais recentes, nos quais atos de caráter patológico (causados por pressupostos delirantes e impulsos obsessivos) têm sua origem em sonhos. Guislain descreve um caso em que o sonho era substituído por estados de loucura intermitentes.

Não há dúvida de que algum dia os médicos se ocuparão não só da psicologia do sonho, mas também de uma psicopatologia do sonho.

Evidencia-se com clareza especial em casos de reconvalescença após uma doença mental que, apesar de um funcionamento saudável durante o dia, a vida onírica ainda pode ser atribuída à psicose. Gregory (segundo Krauss, 1859) foi o primeiro a chamar atenção para isso. Macario (citado por Tissié) conta a história de um maníaco que, uma semana após sua recuperação plena, voltou a sofrer a fuga de ideias e os impulsos passionais de sua doença.

Até agora, foram realizadas pouquíssimas pesquisas sobre as mudanças que ocorrem na vida onírica dos pacientes psicóticos crônicos. Por outro lado, o parentesco interno entre sonho e distúrbio mental, que se expressa numa concordância ampla entre suas manifestações, tem chamado atenção desde cedo. Segundo Maury, Cabanis foi o primeiro a apontá-las em seus *Rapports du physique et du moral* (1802); depois dele, Lélut, J. Moreau (1855) e principalmente o filósofo Maine de Biran. Certamente, a comparação é ainda mais antiga. Radestock (1879) introduz o capítulo em que trata delas com uma coletânea de citações que estabelecem uma analogia entre sonho e loucura. Kant diz em algum lugar: “O

louco é um sonhador em vigília". Krauss (1859) afirma: "A loucura é um sonho durante a vigília dos sentidos". Schopenhauer chama o sonho de loucura breve e a loucura de sonho longo. Hagen descreve o delírio como vida onírica, induzida não pelo sono, mas por doenças. Wundt escreve em sua obra *Physiologische Psychologie*: "Nós mesmos podemos, de fato, vivenciar no sonho quase todos os fenômenos que encontramos nos manicômios".

Spitta (1882) enumera (de modo muito semelhante a Maury, 1853) os aspectos comuns que sugerem esse tipo de equiparação na seguinte sequência: "1) Suspensão ou, pelo menos, retardação da autoconsciência; em decorrência disso, falta de conhecimento do estado como tal, ou seja, incapacidade de sentir surpresa, ausência de consciência moral; 2) percepção alterada dos órgãos sensoriais, diminuída no sonho, geralmente muito intensificada na loucura; 3) ligação das representações entre si exclusivamente segundo as leis da associação e reprodução, ou seja, formação automática de sequências, por isso, desproporcionalidade das relações entre as representações (exageros, fantasmagorias), e, como resultado de tudo isso: 4) alteração ou inversão da personalidade e, por vezes, das peculiaridades do caráter (perversidades)".

Radestock acrescenta ainda alguns traços, analogias no material (1879): "Na região dos sentidos visuais e auditivos e da cenestesia, encontramos o maior número de alucinações e ilusões. Os sentidos do olfato e do paladar fornecem, como ocorre no sonho, o menor número de elementos. Nos delírios, surgem no paciente em estado febril, como também no sonhador, lembranças de tempos remotos; o que o homem em estado de vigília e de saúde parece ter esquecido é lembrado pelo adormecido e pelo enfermo". — A analogia entre sonho e psicose adquire seu valor pleno apenas porque, assim como as semelhanças de família, se estende até os detalhes dos gestos e traços da expressão facial.

"Ao homem atormentado por doenças físicas e mentais, o sonho concede o que a realidade lhe negou: bem-estar e felicidade; assim surgem também no doente

mental as imagens claras de felicidade, grandeza, imponência e riqueza. A suposta posse de bens e a realização imaginária de desejos, cuja não realização ou destruição foi uma causa psíquica do estado de loucura, costumam representar o conteúdo principal do delírio. A mulher que perdeu um filho amado delira alegrias maternas, o homem que sofreu perdas financeiras considera-se extraordinariamente rico, a moça traída acredita ser amada com carinho."

(Essa passagem de Radestock é o resumo de uma exposição sutil de Griesinger [1861, p. 106], que revela nitidamente a *realização de desejos* como uma característica da imaginação comum ao sonho e à psicose. Minhas próprias pesquisas me mostraram que é aqui que encontramos a chave para uma teoria psicológica do sonho e da psicose.)

"O que caracteriza essencialmente o sonho e a loucura são as associações barrocas de pensamentos e a fraqueza de julgamento." Tanto aqui quanto ali *superestimamos* nossas próprias atividades mentais, que parecem insensatas ao nosso juízo sóbrio; à *rápida sequência das representações do sonho* corresponde *a fuga de ideias* da psicose. A ambos falta qualquer *medida de tempo*. A *dissociação da personalidade* no sonho, que, por exemplo, distribui o conhecimento do sonhador entre duas pessoas, das quais a desconhecida corrige o próprio Eu no sonho, equivale plenamente à conhecida dissociação da personalidade na paranoia alucinatória; também o sonhador ouve seus próprios pensamentos apresentados por vozes desconhecidas. Até mesmo as ideias delirantes constantes têm uma analogia nos sonhos patológicos que retornam de maneira estereotipada (*rêve obsédant*). — Não raro, depois de se recuperarem de um delírio, os pacientes afirmam que todo o período de sua doença lhes parece um sonho, frequentemente não desagradável; sim, comunicam-nos que às vezes tiveram uma noção de que, ainda durante a doença, estavam apenas aprisionados num sonho, como ocorre frequentemente no sonho durante o sono.

Após tudo isso, não surpreende que Radestock resuma a sua opinião, e a de muitos outros, afirmando que "a loucura, um fenômeno patológico anormal, deve ser considerada uma intensificação do estado onírico normal que retorna periodicamente" (Ibid., p. 228).

Krauss (1859) procurou, talvez mais intimamente do que essa analogia entre os fenômenos permite, fundamentar o parentesco entre sonho e loucura na etiologia (ou melhor: nas fontes de excitação). Segundo ele, o elemento fundamental comum aos dois é, como já vimos, a sensação organicamente determinada, a sensação do estímulo somático, a cenestesia gerada por contribuições de todos os órgãos (cf. Peisse, em Maury, 1878, p. 52).

A concordância incontestável, que se estende até detalhes característicos, entre sonho e distúrbio mental é um dos suportes mais fortes da teoria médica da vida onírica, segundo a qual o sonho se apresenta como processo inútil e perturbador e como expressão de uma atividade psíquica reduzida. No entanto, não devemos nutrir a esperança de encontrar a explicação definitiva do sonho a partir dos distúrbios da psique, pois todos sabem em que estado insatisfatório se encontra o nosso conhecimento sobre o desenvolvimento destes. É provável, porém, que uma mudança na concepção do sonho venha a influenciar também nossas opiniões sobre o mecanismo interno dos distúrbios mentais, e assim podemos dizer que trabalhamos numa explicação das psicoses quando tentamos esclarecer o mistério do sonho.

ADENDO DE 1909

O fato de eu não haver continuado minha exposição da literatura sobre os problemas do sonho publicada durante o período entre a primeira publicação e a segunda edição deste livro exige uma justificativa. Esta pode não parecer satisfatória para o leitor; não obstante, foi determinante para mim. As razões que me levaram a uma exposição do tratamento dado ao sonho na literatura se esgotaram com a introdução aqui apresentada; uma continuação desse trabalho teria exigido um esforço extraordinário com pouca utilidade ou valor instrutivo. Pois esse período de nove anos nada trouxe de novo ou valioso para o entendimento do sonho, em material concreto ou pontos de vista. Meu trabalho não foi citado ou considerado pela maioria das obras publicadas desde então; naturalmente, os chamados "pesquisadores do sonho" foram os que menos lhe deram atenção, dando assim um exemplo perfeito da aversão a aprender algo novo, típica das pessoas científicas: "*Les savants ne sont pas curieux*" [Os estudiosos não são curiosos], nas zombeteiras palavras de Anatole France. Se existisse na ciência o direito à desforra, creio que também eu teria o direito de negligenciar a literatura posterior a este livro. As poucas resenhas e notas publicadas nas revistas científicas são tão repletas de incompreensão e equívocos que eu não poderia responder aos críticos senão com o convite para ler este livro mais uma vez. Talvez o convite fosse para simplesmente lê-lo.

Nos trabalhos dos médicos que decidiram adotar o tratamento psicanalítico, e também de outros, foram publicados e interpretados numerosos sonhos conforme as minhas instruções. Os resultados desses trabalhos, na medida em que vão além de uma mera confirmação das minhas conclusões, foram inseridos no contexto da minha exposição. Um segundo registro bibliográfico no fim do livro apresenta as publicações mais importantes desde a primeira edição. A rica obra de Sante de

Sanctis sobre os sonhos (1899), que, logo após sua publicação, recebeu uma tradução para o alemão, foi publicada no mesmo período da minha *Interpretação dos sonhos*, de modo que não pude tomar conhecimento dela, e vice-versa. Depois tive de constatar, infelizmente, que seu diligente trabalho é tão desprovido de ideias que nem permite imaginar a possibilidade dos problemas tratados em meu livro.

Preciso mencionar apenas duas publicações que se aproximam da minha abordagem dos problemas do sonho. H. Swoboda, um filósofo mais jovem, que se deu ao trabalho de estender a descoberta da periodicidade biológica (em sequências de 23 e 28 dias), feita por Wilhelm Fliess, ao funcionamento psíquico, procurou solucionar o enigma dos sonhos num escrito fantasioso (1904) com a ajuda dessa chave. Afirma que o significado dos sonhos não teria recebido a devida atenção; o conteúdo destes poderia ser explicado pela convergência de todas aquelas lembranças que, naquela noite, completam um dos períodos biológicos pela primeira ou enésima vez. Um comunicado pessoal do autor me levou a crer inicialmente que ele mesmo não estaria mais disposto a defender essa teoria. Parece que me enganei com essa conclusão; em outro momento farei algumas observações sobre a exposição de Swoboda, que, porém, não me levaram a um resultado convincente. Muito mais feliz foi o acaso de encontrar, num lugar inesperado, uma concepção do sonho cuja essência coincide completamente com a minha. A cronologia exclui a possibilidade de que a leitura do meu livro tenha influenciado aquela manifestação; preciso, portanto, reconhecer nela a única concordância encontrada na literatura entre um pensador independente e a essência da minha teoria do sonho. O livro no qual se encontra o trecho mencionado sobre o sonho foi publicado por Lynkeus em 1900, na segunda edição de *Phantasien eines Realisten*.[24]

ADENDO DE 1914

A justificativa acima foi escrita em 1909. Desde então, a situação mudou; minha contribuição para a "interpretação dos sonhos" não é mais ignorada na literatura. No entanto, essa nova situação torna realmente impossível dar continuidade a uma exposição da literatura. A *Interpretação dos sonhos* trouxe toda uma série de novos problemas e afirmações, que agora são discutidos pelos autores da maneira mais diversa. Não posso apresentar esses trabalhos antes de desenvolver meus pontos de vista, em que os autores se baseiam. Por isso, incluí na discussão abaixo, nos locais apropriados, as contribuições mais valiosas dessa literatura mais recente.

---

1. [Nota acrescentada em 1914:] O que segue se baseia na exposição meticulosa de Büchsenschütz, *Traum und Traumdeutung im Altertum* (1868).

a. No sentido pré-cristão do termo, relativo ao "*dáimon*", espírito bom ou mau que inspirava os humanos. [As notas chamadas por asterisco e as interpolações às notas do autor, entre colchetes, são de autoria do tradutor. As notas do autor são sempre numeradas.]

2. [Nota acrescentada em 1914:] O médico grego Hipócrates fala sobre a relação entre o sonho e as doenças em um capítulo de sua famosa obra.

3. [Nota acrescentada em 1914:] Para a história posterior da interpretação dos sonhos na Idade Média ver, entre outros, Diepgen (1912), as pesquisas especiais de M. Förster (1910 e 1911) e Gotthard (1912). Da interpretação dos sonhos nos judeus tratam Almoli (1848), Amram (1901), Löwinger (1908) e, mais recentemente, levando em consideração o ponto de vista psicanalítico, Lauer (1913). Conhecimentos sobre a interpretação árabe dos sonhos nos transmitem Drexl (1909), F. Schwarz (1913) e o missionário Tfinkdji (1913); para a interpretação japonesa, ver Miura (1906) e Iwaya (1902); para a chinesa, ver Secker (1909-10); e para a indiana, Negelein (1912).

4. [Nota acrescentada em 1914:] Vaschide (1911) também afirma que frequentemente já se observou que no sonho as línguas estrangeiras são faladas com maior fluência e correção do que no estado de vigília.

5. Acrescento, com base em minha experiência posterior, que não é tão raro que ocupações inocentes e irrelevantes do dia sejam reproduzidas pelo sonho; por exemplo: fazer as malas, preparar uma refeição na cozinha etc. Nesses sonhos, porém, o próprio sonhador não ressalta o caráter da lembrança, mas o da "realidade": "Realmente fiz tudo isso durante o dia".

b. O criador do que viria a ser conhecido como "água-de-colônia".

6. Eram denominados "*chauffeurs*" [fornalheiros] os bandos de ladrões que se utilizavam dessa tortura, no Departamento da Vendeia.

7. [Nota acrescentada em 1911:] Pessoas gigantescas em sonhos fazem supor que se trata de uma cena da infância do sonhador. [Acrescentado em 1925:] A interpretação acima, baseada numa reminiscência das viagens de Gulliver, é um bom exemplo de como uma interpretação não deve ser. O interpretador do sonho não deve aplicar sua própria criatividade e negligenciar as associações fornecidas pelo sonhador.

8. [Nota acrescentada em 1914:] Além do emprego diagnóstico dos sonhos (por exemplo, em Hipócrates), devemos nos lembrar também de sua importância terapêutica na Antiguidade.

Na Grécia havia oráculos de sonhos, que costumavam ser procurados por pacientes em busca de recuperação. O doente entrava no templo de Apolo ou de Esculápio, onde era submetido a várias cerimônias, era purificado com banho, massagem e incenso e, num estado de exaltação, era deitado sobre a pele de um carneiro previamente sacrificado. Ele adormecia e sonhava com remédios, que lhe eram mostrados em forma natural ou em símbolos e imagens interpretados pelos sacerdotes.

Para mais informações sobre os sonhos terapêuticos dos gregos, ver Lehmann (1908, v. 1, p. 74), Bouché-Leclerq (1879-82), Hermann (1858, § 41, pp. 262 ss., e 1882, § 38, p. 356), Böttinger (1795, pp. 163 ss.), Lloyd (1877), Döllinger (1857, p. 130).

9. [Nota acrescentada em 1914:] Ver, adiante, mais detalhes sobre os protocolos de sonhos publicados desde então em dois volumes (1910 e 1912) por esse pesquisador.

10. Sonhos que retornam periodicamente foram observados repetidas vezes; cf. a coletânea de Chabaneix (1897).

11. [Nota acrescentada em 1911:] H. Silberer demonstrou com belos exemplos como, no estado de sonolência, até mesmo pensamentos abstratos são traduzidos em imagens plásticas que pretendem expressar o mesmo. [Acrescentado em 1925:] Terei ocasião de voltar a essa descoberta em outro contexto.

12. Haffner (1887, p. 243) procurou, como Delboeuf, explicar a atividade do sonho pela alteração que uma condição introduzida de forma anormal provoca na função normalmente correta do aparelho psíquico intacto, mas descreveu essa condição com palavras um pouco diferentes. Segundo ele, a primeira marca distintiva do sonho é a ausência de tempo e espaço, isto é, a emancipação da ideia do lugar que cabe ao indivíduo na ordem espacial e temporal. A esta se liga a segunda característica básica do sonho, o fato de as alucinações, imaginações e combinações da fantasia se confundirem com as percepções externas. "Como todas as capacidades superiores da psique, sobretudo a formação de conceitos, o juízo e a inferência, por um lado, e a livre autodeterminação, por outro, são ligadas às imagens sensoriais da fantasia e sempre as têm como fundamento, essas atividades também participam do desregramento das representações oníricas. Dizemos que participam porque, em si mesma, a nossa faculdade de juízo, assim como nossa força de vontade, não é, de forma alguma, alterada no sono. Somos, nessas atividades, tão sagazes e livres como no estado de vigília. Nem mesmo no sonho o ser humano pode violar as leis do pensamento, isto é, não pode declarar idêntico aquilo que se apresenta a ele como contrário etc. E também no sonho só pode desejar o que imagina ser bom (*sub ratione boni*). Nessa aplicação das leis do pensar e do querer, porém, o espírito humano é iludido, levado a confundir uma representação com outra. Ocorre, assim, que no sonho postulamos e cometemos as maiores contradições, enquanto, por outro lado, podemos fazer os juízos mais sagazes e as inferências mais consequentes, tomar as

decisões mais santas e virtuosas. A falta de orientação é todo o segredo do voo da nossa fantasia pelo sonho, e a ausência de reflexão crítica, assim como de comunicação com outros, é a fonte principal das extravagâncias desmedidas dos nossos juízos e dos nossos desejos e esperanças no sonho."

13. [Nota acrescentada em 1914:] Cf. o "*désintérêt*" [desinteresse], no qual Claparède (1905) vê o mecanismo do adormecimento.

14. [Nota acrescentada em 1909:] Mais adiante nos será acessível o significado desses sonhos repletos de palavras com letras iniciais idênticas e primeiras sílabas semelhantes.

15. Cf. Haffner (1887) e Spitta (1882).

16. [Nota acrescentada em 1914:] O espirituoso místico Du Prel, um dos poucos autores aos quais me desculparia por haver negligenciado em edições anteriores deste livro, afirma que a porta para a metafísica, no que diz respeito ao ser humano, não é o estado de vigília, mas o sonho (1885, p. 59).

17. [Nota acrescentada em 1914:] Para literatura adicional e uma exposição crítica desses problemas, ver a dissertação de Tobowolska (1900).

18. [Nota acrescentada em 1914:] Cf. a crítica em H. Ellis (1911, p. 265).

19. (1850) citado em Spina (1882).

20. 1868 (em Spina, 1882, p. 192).

21. [Nota acrescentada em 1914:] É interessante saber como a Santa Inquisição se posicionou em relação ao nosso problema. No *Tractatus de Officio sanctissimae Inquisitionis*, de C. Careña, 1659, encontramos a seguinte passagem: "Quando alguém fala heresias no sonho, os inquisidores devem tomar isso como motivo para investigar sua conduta de vida, pois no sono costuma retornar o que ocupou sua mente durante o dia". (Comunicado pelo dr. Ehniger, de Sankt Urban, Suíça.)

c. Cf. Goethe, *Fausto*, parte I, cena 3.

22. [Nota acrescentada em 1909:] O romancista Anatole France (*Le Lys rouge* [O lírio vermelho]) se expressa de forma bem semelhante: "*Ce que nous voyons la nuit, ce sont les restes malheureux de ce que nous avons négligé dans la veille. Le rêve est souvent la revanche des choses qu'on méprise ou le reproche des êtres abandonnés*" [O que vemos durante a noite são os restos miseráveis daquilo que negligenciamos na véspera. O sonho é, com frequência, a desforra das coisas que desprezamos ou a repreensão dos seres abandonados].

23. [Nota acrescentada em 1914:] Autores posteriores que tratam dessas relações são: Féré, Ideler, Lasègue, Pichon, Régis, Vespa, Gießler, Kazowsky, Pachantoni e outros.

24. [Nota acrescentada em 1930:] Cf. meu artigo, "Josef Popper-Lynkeus e a teoria dos sonhos" (1923).

II. O MÉTODO DE INTERPRETAÇÃO DOS SONHOS: ANÁLISE DE UMA AMOSTRA DE SONHO

O título que dei a esta obra deixa claro que tradição da concepção dos sonhos pretendo seguir. Eu me propus demonstrar que os sonhos podem ser interpretados, e as contribuições para o esclarecimento dos problemas dos sonhos abordados acima poderão ser apenas o eventual ganho secundário na execução de minha verdadeira tarefa. Ao supor que os sonhos são interpretáveis, entro imediatamente em contradição com a teoria dos sonhos dominante, e mesmo com todas as teorias do sonho, exceto a de Scherner, pois "interpretar um sonho" significa informar seu "sentido", substituí-lo por algo que se insere como elo equivalente no encadeamento das nossas ações psíquicas. No entanto, vimos que as teorias científicas dos sonhos não deixam espaço para o problema da interpretação, pois para elas o sonho não é um ato psíquico, mas um processo somático, que se manifesta por indícios no aparelho psíquico. A opinião leiga sempre foi outra. Ela faz uso de seu direito de proceder de forma inconsequente e, apesar de admitir que o sonho é incompreensível e absurdo, não consegue lhe negar todo significado. Guiada por um pressentimento obscuro, ela parece supor que o sonho tem um sentido, mesmo que oculto, que ele se destina a substituir outro processo de pensamento e que basta descobrir essa substituição de modo correto para chegar ao significado oculto do sonho.

Por isso, desde sempre o mundo leigo se esforçou em "interpretar" o sonho, recorrendo a dois métodos essencialmente diferentes. O primeiro desses procedimentos mantém em vista o conteúdo onírico como um todo e procura substituí-lo por outro conteúdo compreensível e, em certos aspectos, análogo. Essa é a interpretação *simbólica* do sonho; naturalmente, ela fracassa desde o início no

caso daqueles sonhos que parecem ser não só incompreensíveis, mas também confusos. Um exemplo de seu procedimento é, por exemplo, a interpretação que o José bíblico faz do sonho do faraó. Sete vacas gordas, às quais seguem sete magras, que devoram as primeiras — isso é uma substituição simbólica da profecia dos sete anos de fome que consomem toda a riqueza gerada durante sete anos férteis. A maioria dos sonhos artificiais criada por poetas é destinada a esse tipo de interpretação simbólica, pois reproduz o pensamento do poeta na forma de um disfarce considerado adequado às características dos sonhos que conhecemos de nossa experiência.[1] A opinião de que o sonho se ocupa predominantemente com o futuro, cuja forma ele antecipa — um resíduo do significado profético atribuído aos sonhos no passado —, torna-se então motivo para transpor o sentido encontrado mediante a interpretação simbólica para o futuro, por meio de um "assim será".

É claro que o caminho para se chegar a esse tipo de interpretação simbólica não pode ser ensinado. Seu êxito depende do pensamento engenhoso, da intuição direta, e, por isso, a interpretação dos sonhos mediante o simbolismo pôde ser elevada ao nível de um exercício artístico, que parecia depender de um dom especial.[2] O segundo dos métodos populares da interpretação dos sonhos se mantém completamente distante dessa pretensão. Poderíamos chamá-lo de "método criptográfico", pois trata o sonho como um tipo de código secreto em que cada signo é traduzido para outro signo de significado conhecido segundo uma chave estabelecida. Eu, por exemplo, sonhei com uma carta, mas também com um funeral e coisas semelhantes; consulto então um "livro dos sonhos" e descubro que "carta" deve ser traduzida como "fastio"; e "funeral", como "noivado". Cabe então a mim estabelecer um vínculo entre os verbetes decifrados, que, por sua vez, devo entender como referência ao futuro. Uma variante interessante desse procedimento criptográfico, que corrige um pouco seu caráter como tradução puramente mecânica, é apresentada no escrito de Artemidoro de Daldis sobre a interpretação dos sonhos.[3] Ali se leva em consideração não só o conteúdo do sonho, mas também

a pessoa e as circunstâncias da vida do sonhador, de modo que o mesmo elemento onírico apresenta um significado diferente para o rico, o homem casado ou o orador do que para o pobre, o solteiro ou o comerciante, digamos. O aspecto essencial desse procedimento é que o trabalho interpretativo não se volta para o conjunto do sonho, mas separadamente para cada parte do conteúdo do sonho, como se este fosse um aglomerado em que cada fragmento de rocha pede uma classificação especial. Certamente foi dos sonhos incoerentes e confusos que partiu o impulso para a criação do método criptográfico.[4]

Para o tratamento científico do tema, não há dúvida de que não se pode empregar os dois métodos populares de interpretar os sonhos. Em sua aplicação, o método simbólico é limitado e não se presta a uma exposição geral. No tocante ao método criptográfico, tudo dependeria da confiabilidade da "chave", do livro dos sonhos, e para isso não temos nenhuma garantia. De modo que estaríamos tentados a concordar com os filósofos e psiquiatras e, com eles, a negar o problema da interpretação dos sonhos como sendo uma tarefa imaginária.[5]

Mas fui levado a aprender mais. Tive de reconhecer que temos aqui um daqueles casos, nada raros, em que uma crença popular muito antiga e teimosamente persistente parece mais próxima da verdade das coisas do que o juízo da ciência moderna. Preciso insistir em que o sonho realmente tem um significado e que um procedimento científico da interpretação dos sonhos é possível. Cheguei ao conhecimento desse procedimento da seguinte forma:

Há anos venho me ocupando em resolver determinadas formações psicopatológicas — as fobias histéricas, ideias obsessivas e outras — com intenção terapêutica; isso desde que uma comunicação relevante de Josef Breuer me informou que, para essas estruturas percebidas como sintomas mórbidos, a resolução e a cura coincidem.[6] Tendo-se feito uma representação patológica dessas remontar aos elementos dos quais surgiu na vida psíquica do paciente, ela se dissolveu, o paciente se livrou dela. Diante da impotência de nossos outros esforços

terapêuticos e em vista do caráter enigmático desses estados, pareceu-me tentador, a despeito de todas as dificuldades, seguir o caminho iniciado por Breuer até o esclarecimento pleno. Em outra ocasião, apresentarei um relato detalhado sobre a forma que a técnica desse procedimento finalmente assumiu e sobre os resultados do esforço. Ao longo desses estudos psicanalíticos, deparei-me com a interpretação dos sonhos. Os pacientes, que eu havia obrigado a me comunicar todos os pensamentos e associações que lhes ocorressem sobre determinado tema, contaram-me seus sonhos e assim me ensinaram que um sonho pode estar inserido na concatenação psíquica que podemos rastrear na memória a partir de uma ideia patológica. O passo seguinte foi tratar o próprio sonho como um sintoma e aplicar a ele o método de interpretação desenvolvido para os sintomas.

Isso exige certa preparação psíquica do paciente. Procura-se alcançar nele duas coisas: um aumento da atenção às suas percepções psíquicas e o desligamento da crítica com que ele costuma filtrar os pensamentos que lhe surgem. Para os fins da auto-observação com atenção concentrada, é vantajoso que ele assuma uma posição de repouso e feche os olhos; a renúncia à crítica dos pensamentos que ele percebe tem de ser imposta explicitamente. Então lhe dizemos que o êxito da psicanálise depende de ele observar e comunicar tudo o que lhe passa pela mente e não ceder à tentação de suprimir um pensamento porque lhe parece irrelevante ou não pertencente ao tema, ou despropositado. Tem que adotar uma postura completamente imparcial em relação aos seus pensamentos; pois é justamente devido à crítica que ele normalmente não encontra a resolução que se busca do sonho, da ideia obsessiva etc.

Durante o trabalho psicanalítico, percebi que a disposição psíquica do homem que reflete é totalmente diferente daquela do homem que observa seus processos psíquicos. Na reflexão entra em jogo uma atividade psíquica a mais do que na mais atenta auto-observação, como revelam também a fisionomia tensa e a testa enrugada do homem que reflete, em contraste com a expressão tranquila daquele

que se observa. Em ambos os casos precisa haver uma concentração da atenção, mas o homem que reflete também exerce uma crítica, em virtude da qual ele rejeita uma parte dos pensamentos que nele emergem, após tê-los percebido; outros ele interrompe imediatamente, de modo que deixa de seguir os caminhos que teriam aberto; diante de outros pensamentos ele se comporta de maneira tal que nem chegam a alcançar sua consciência, porque são suprimidos antes de serem percebidos. O homem que observa a si mesmo só precisa se dar ao trabalho de suprimir a crítica; quando consegue fazê-lo, vêm-lhe à consciência inúmeros pensamentos que em outras circunstâncias teriam lhe escapado. Com a ajuda desse novo material adquirido para a autopercepção, pode ser realizada a interpretação das ideias patológicas e das formações oníricas. Como vemos, a intenção é induzir um estado psíquico que compartilhe com o estado anterior ao adormecimento (e certamente também com o estado hipnótico) certa analogia quanto à distribuição da energia psíquica (a atenção móvel). Ao adormecer emergem as "representações involuntárias" em virtude da diminuição de determinada ação arbitrária (e certamente também crítica) que aplicamos ao curso de nossas representações; costumamos atribuir essa diminuição ao "cansaço"; as representações involuntárias que emergem se transformam em imagens visuais e acústicas. (Cf. as observações de Schleiermacher e outros, pp. 75 s.)[7] No estado que usamos para a análise dos sonhos e das ideias patológicas, o paciente renuncia proposital e voluntariamente a essa atividade e aproveita a energia psíquica economizada (ou parte dela) para seguir atentamente os pensamentos involuntários que então emergem e que preservam o caráter de representações (essa é a diferença em relação ao estado de adormecimento). *Assim, as representações "involuntárias" são transformadas em "voluntárias".*

Algumas pessoas[a] parecem ter dificuldades em assumir a atitude aqui exigida em relação aos pensamentos "que emergem livremente", com abandono da crítica que costuma ser exercida. Os "pensamentos involuntários" costumam provocar a

resistência mais feroz, que pretende impedir sua emergência. Mas se quisermos acreditar em nosso grande filósofo-poeta Friedrich Schiller, a condição para a produção poética exige uma atitude bem parecida. Numa passagem de sua correspondência com Körner, cuja descoberta devemos a Otto Rank, Schiller responde à queixa de seu amigo sobre sua falta de produtividade: "A causa de sua queixa se encontra, a meu ver, na coerção que sua razão exerce sobre sua imaginação. Preciso propor aqui um pensamento e ilustrá-lo por meio de uma parábola. Parece ser ruim e desfavorável à obra criativa da alma quando a razão avalia com rigor excessivo as ideias que lhe afluem, já na porta, por assim dizer. Uma ideia, contemplada isoladamente, pode ser muito insignificante e muito aventurosa, mas talvez se torne importante pela ideia que lhe segue; talvez possa, em determinada conexão com outras, que parecem ser igualmente insípidas, ser um elo muito útil: — Nada disso a razão pode julgar se não a preservar até considerá-la em ligação com as outras. Numa cabeça criativa, porém, parece-me que a razão retirou os vigias dos portões, as ideias entram *pêle-mêle* [desordenadamente], e apenas então ela contempla e inspeciona a grande confusão. — Vocês, senhores críticos ou como quer que se chamem, se envergonham ou temem a loucura momentânea e passageira, que pode ser encontrada em todos os criadores e cuja duração maior ou menor distingue o artista pensante do sonhador. Daí suas queixas sobre a infertilidade, porque reprovam cedo demais ou selecionam com rigor excessivo" (carta de 10 de dezembro de 1788).

No entanto, essa "retirada dos vigias das portas da razão", como Schiller a descreve, esse colocar-se no estado da auto-observação acrítica, não é absolutamente difícil.

A maioria dos meus pacientes consegue fazer isso após a primeira instrução; eu mesmo o faço perfeitamente, anotando meus pensamentos à medida que ocorrem. O montante de energia psíquica que retiramos à atividade crítica e com que

podemos aumentar a intensidade da auto-observação varia consideravelmente, dependendo do tema no qual a atenção deve ser fixada.

O primeiro passo na aplicação desse procedimento ensina que não podemos fazer do sonho como um todo o objeto da atenção, mas apenas os elementos de seu conteúdo. Se eu perguntar ao paciente ainda não instruído: "O que lhe passa pela cabeça quando pensa no sonho?", normalmente ele não consegue detectar nada em seu horizonte mental. Tenho de lhe apresentar o sonho de forma retalhada, então ele me fornece para cada parte uma série de associações, que poderíamos chamar de "pensamentos de fundo" dessa parte do sonho. Nessa primeira e importante condição, o método da interpretação dos sonhos por mim aplicado já se afasta do método popular, histórico e lendário da interpretação por meio do simbolismo e se aproxima do segundo, do "método criptográfico". É, também como este, uma interpretação *en détail*, não *en masse*; como este, entende o sonho desde o início como algo composto, como conglomerado de formações psíquicas.

Ao longo de minhas psicanálises de pacientes neuróticos, já devo ter interpretado mais de mil sonhos; no entanto, não quero usar aqui esse material para a introdução à técnica e à teoria da interpretação dos sonhos. Além do fato de que eu me exporia à objeção de que se trata de sonhos de neuropatas, que não permitem inferências sobre os sonhos de pessoas saudáveis, existe outra razão que me obriga a rejeitá-los. O tema a que levam esses sonhos é sempre, naturalmente, a história clínica subjacente à neurose. Isso exigiria para cada sonho um relato preliminar excessivamente longo e uma análise profunda da natureza e das condições etiológicas das psiconeuroses, coisas que, em si, são novas e bastante surpreendentes, e assim desviariam a atenção dos problemas oníricos. Minha intenção é realizar, por meio da elucidação dos sonhos, um trabalho preliminar à resolução dos problemas mais difíceis da psicologia das neuroses. Se, porém, eu abrir mão dos sonhos dos neuróticos — meu material principal —, não poderei ser muito seletivo em relação aos sonhos restantes. Restam apenas aqueles sonhos que

me foram contados por pessoas saudáveis do meu círculo de conhecidos ou que encontrei como exemplos na literatura sobre a vida onírica. Infelizmente, falta em todos esses sonhos a análise, sem a qual não posso encontrar o sentido do sonho. Meu procedimento não é tão cômodo quanto o do método criptográfico popular, que traduz o conteúdo dado de um sonho segundo uma chave fixa; não me surpreende que o mesmo conteúdo onírico possa ocultar um sentido diferente em pessoas diferentes e em contextos diferentes. Portanto, devo recorrer aos meus próprios sonhos, como um material abundante e conveniente, que procede de um indivíduo mais ou menos normal e se refere a múltiplas ocasiões da vida cotidiana. Certamente serei confrontado com dúvidas em relação à confiabilidade dessas "autoanálises", que de forma alguma excluiriam a arbitrariedade. Segundo meu próprio juízo, as condições são mais favoráveis na auto-observação do que na observação de outros; em todo caso, podemos experimentar até onde conseguimos chegar com a autoanálise na interpretação dos sonhos. Outras dificuldades precisam ser vencidas em meu próprio interior. Existem escrúpulos compreensíveis em revelar tantas coisas íntimas sobre a própria vida psíquica, e não há garantia de que outras pessoas não as interpretarão de modo equivocado. Mas é necessário superar isso. "*Tout psychologiste*", escreve Delboeuf, "*est obligé de faire l'aveu même de ses faiblesses s'il croît par là jeter du jour sur quelque problème obscur*" [Todo psicólogo é obrigado a confessar até mesmo suas próprias fraquezas, se acredita que assim pode lançar luz sobre algum problema obscuro]. E posso supor que, também no leitor, o interesse inicial pelas indiscrições que precisarei cometer logo cederá ao aprofundamento exclusivo nos problemas psicológicos assim iluminados.[8]

Escolherei então um dos meus próprios sonhos e explicarei o meu modo de interpretação com base nele. Cada sonho desses exige um relato preliminar. Agora, porém, preciso pedir ao leitor que, por um período bastante longo, faça dos meus interesses os seus próprios e que mergulhe comigo nos pormenores da minha vida,

pois esse tipo de transferência é requerido pelo nosso interesse no significado oculto dos sonhos.

Relato preliminar

No verão de 1895, eu havia tratado psicanaliticamente uma jovem senhora, que mantinha uma amizade próxima comigo e com meus familiares. É compreensível que essa mistura de relações possa tornar-se fonte de várias inquietações para o médico, em especial o psicoterapeuta. Seu interesse pessoal é maior; sua autoridade, menor. Um fracasso ameaça enfraquecer os laços da antiga amizade com os parentes do paciente. O tratamento terminou com um sucesso parcial, a paciente perdeu sua angústia histérica, mas não todos os sintomas somáticos. Na época, eu não estava ainda muito seguro dos critérios que determinam a resolução definitiva de um caso clínico de histeria e propus à paciente uma solução que não lhe parecia aceitável. Em tal discórdia, interrompemos o tratamento por causa das férias de verão. — Certo dia recebi a visita de um colega mais jovem, um de meus amigos mais próximos, que havia visitado a paciente — Irma — e sua família em sua residência de campo. Perguntei-lhe em que estado ele a encontrara, e recebi a resposta: "Ela está melhor, mas não completamente bem". Sei que as palavras do meu amigo Otto, ou o tom em que foram ditas, me irritaram. Eu acreditava detectar nelas uma repreensão, no sentido de que eu teria prometido demais à paciente; e, com ou sem razão, atribuí o suposto fato de Otto tomar partido contra mim à influência dos parentes da paciente, que, como eu acreditava, não viam com bons olhos meu tratamento. Mas não entendi minha sensação desagradável e não a expressei. Na mesma noite redigi o caso clínico de Irma, para, com a intenção de me justificar, entregá-lo ao dr. M., um amigo comum, que era, então, a personalidade de maior autoridade em nosso círculo. Naquela noite (ou, mais provavelmente, na manhã seguinte) tive o seguinte sonho, que anotei imediatamente ao acordar.[9]

Sonho de 23/24 de julho de 1895

Um grande salão — muitos convidados que recebemos. — Entre eles Irma, que imediatamente chamo de lado, como que para responder à sua carta e para recriminá-la por ainda não aceitar a minha "solução". Digo a ela: "Se ainda sente dores, é exclusivamente culpa sua". — Ela responde: "Se você soubesse quantas dores eu sinto agora na garganta, no estômago e no ventre — elas me sufocam". — Eu me assusto e olho para ela. Parece pálida e inchada; penso que talvez eu não esteja reconhecendo algo orgânico. Levo-a até a janela e examino sua garganta. Ela resiste um pouco, semelhante às mulheres que usam uma dentadura artificial. Penso comigo mesmo que ela não precisaria fazer aquilo. — Então ela abre a boca adequadamente, e à direita descubro uma grande mancha branca; em outro lugar vejo, em estranhas formações crespas, que evidentemente tinham como modelo os ossos turbinados do nariz, extensas crostas cinzentas esbranquiçadas. — Chamo rapidamente o dr. M., que repete e confirma o exame… A aparência do dr. M. é muito diferente da de costume; está muito pálido, manca, e o queixo está sem barba… Agora, meu amigo Otto também está ao lado dela, e meu amigo Leopold a ausculta através do corpete e diz: "Ela tem uma área amortecida embaixo, à esquerda"; ele indica também que uma parte da pele no ombro esquerdo está infiltrada (algo que, como ele, também consigo sentir, apesar do vestido)… M. diz: "Não há dúvida, é uma infecção, mas não importa; virá ainda uma disenteria, e o veneno será eliminado…". De imediato, também sei qual a origem da infecção. Recentemente, quando ela se sentiu indisposta, o amigo Otto lhe aplicou uma injeção com um preparado de propil, propileno… ácido propiônico… TRIMETILAMINA *(vejo essa fórmula em negrito diante dos meus olhos)… Esse tipo de injeção não se aplica levianamente… Também é provável que a seringa não estivesse limpa.*

Esse sonho tem uma vantagem sobre muitos outros. Fica imediatamente claro a que eventos do dia anterior ele remete e qual é o tema abordado. O relato preliminar fornece essas informações. A notícia que eu havia recebido de Otto sobre o estado de Irma e o caso clínico que redigi até altas horas da noite ocuparam minha atividade psíquica também durante o sono. Mesmo assim, creio que ninguém que

tenha lido o relato preliminar e conheça o conteúdo do sonho pode imaginar o que este significa. Eu mesmo não sei. Surpreendo-me com os sintomas patológicos de que Irma se queixa no sonho, pois não são os mesmos pelos quais a tratei. Sorrio ante a ideia absurda de uma injeção com ácido propanoico e o consolo expresso pelo dr. M. O sonho me parece mais obscuro e mais condensado em sua parte final do que no início. Para descobrir o significado de tudo isso, preciso fazer uma análise minuciosa.

Análise

O salão — muitos convidados que recebemos. Passamos aquele verão em Bellevue, numa casa isolada numa das colinas adjacentes ao Kahlenberg. Essa casa havia sido projetada como local de entretenimento, por isso tinha salas inusitadamente altas, na forma de salões. O sonho ocorreu em Bellevue, poucos dias antes do aniversário da minha esposa. Naquele dia, minha esposa havia expressado a expectativa de que vários amigos, entre eles também Irma, comparecessem ao seu aniversário como nossos convidados. Meu sonho antecipa essa situação: é o aniversário da minha esposa, e muitas pessoas, inclusive Irma, são recebidas por nós como convidados no grande salão de Bellevue.

Recrimino Irma por não ter aceitado a minha solução; digo: "Se ainda sente dores, é exclusivamente culpa sua". Eu poderia ter lhe dito o mesmo em estado de vigília, ou talvez até o tenha dito. Na época, eu acreditava (erroneamente, como vim a reconhecer mais tarde) que minha tarefa se esgotava com a comunicação do sentido oculto dos sintomas do paciente; se este aceitava ou não essa solução, da qual dependia o êxito do tratamento, não era mais responsabilidade minha. Sou grato a esse equívoco (agora felizmente superado) por facilitar minha existência num momento em que eu produziria sucessos de cura a despeito de toda a minha inevitável ignorância. — Percebo, porém, nas palavras que dirijo a Irma no sonho, que não quero ser o responsável pelas dores que ela ainda sente. Se a culpa for da

própria Irma, a culpa não pode ser minha. A intenção do sonho deveria ser buscada nessa direção?

As queixas de Irma; dores na garganta, no ventre e no estômago; elas a oprimem. Dores de estômago faziam parte do complexo de sintomas da minha paciente, mas não eram proeminentes; ela se queixava mais de sensações de náusea e repulsa. Dores na garganta, no ventre e constrição na garganta quase não importavam em seu caso. Pergunto-me por que eu teria optado por essa seleção de sintomas no sonho, e não encontro resposta no momento.

Ela parece pálida e inchada. Minha paciente sempre teve uma aparência corada. Suponho que, aqui, ela represente outra pessoa.

Assusto-me ao pensar que tenha ignorado uma afecção orgânica. Isso, como todos acreditarão, constitui uma fonte inesgotável de angústia para um especialista que trata quase que exclusivamente pacientes neuróticos e que está acostumado a atribuir à histeria muitos fenômenos que outros médicos tratam como orgânicos. Por outro lado, surge — não sei de onde — uma ligeira dúvida se meu susto é totalmente sincero. Se as dores de Irma tiverem um fundamento orgânico, eu não sou responsável por sua cura. Meu tratamento elimina apenas dores histéricas. No fundo, então, parece-me que eu desejo um equívoco no diagnóstico; isso afastaria também a acusação de ter fracassado.

Levo-a até a janela para examinar sua garganta. Ela resiste um pouco, como as mulheres que usam dentes falsos.[b] *Penso comigo mesmo que ela não precisaria fazer aquilo*. Eu nunca tive motivos para inspecionar a cavidade bucal de Irma. O procedimento no sonho me lembra um exame realizado há algum tempo numa preceptora, que a princípio dera a impressão de beleza juvenil, mas que, no momento de abrir a boca, procurou esconder a dentadura. Esse caso remete a outras lembranças de exames médicos e de pequenos segredos revelados em seu decorrer — para o desagrado de todos. *Ela não precisaria disso* seria, em primeiro lugar, um elogio a Irma; suspeito, porém, de outro significado. O analista atento percebe se os

pensamentos de fundo por ele antecipados foram esgotados ou não. O modo como Irma se posiciona diante da janela me lembra repentinamente outra experiência. Irma tem uma amiga íntima, uma pessoa que tenho em alta estima. Certa noite, quando lhe fazia uma visita, eu a encontrei à janela na situação reproduzida no sonho, e seu médico, o mesmo dr. M., declarou que ela apresentava uma placa diftérica. O personagem do dr. M. e a placa retornam no decorrer do sonho. Agora lembro que, ao longo dos últimos meses, tive toda razão para suspeitar que essa outra senhora também era histérica. Sim, a própria Irma me revelara esse fato. Mas o que sei eu sobre seu estado? Apenas que ela sofre de sufocação histérica, como a Irma do sonho. Ou seja: o sonho substitui minha paciente por sua amiga. Agora me lembro também de ter cogitado várias vezes a possibilidade de essa mulher recorrer aos meus serviços para livrá-la de seus sintomas. No entanto, considerei improvável, pois ela é de natureza muito reservada. Ela *se opõe*, como mostra o sonho. Outra explicação seria que *ela não precisaria disso*; até então, realmente tem se mostrado forte o bastante para dominar seus estados sem ajuda alheia. Agora, restam apenas poucos traços que não consigo atribuir nem a Irma nem à sua amiga: *pálida*, *inchada*, *dentes falsos*. Os dentes postiços me levaram àquela preceptora; agora, sinto-me inclinado a contentar-me com dentes *estragados*. Então, lembro-me de outra pessoa à qual esses traços poderiam aludir. Também não se tratava de uma paciente minha, nem quero tê-la como tal, pois percebi que ela fica envergonhada em minha presença, e eu não a considero uma paciente cooperativa. Ela costuma ficar pálida e, certa vez, quando passava por uma fase especialmente boa, estava inchada.[10] Portanto, comparei minha paciente Irma com duas outras pessoas que também se oporiam ao tratamento. Qual poderia ser o sentido de eu trocá-la no sonho por sua amiga? Talvez porque eu quisesse trocá-la; a outra desperta maiores simpatias em mim, ou eu tenho uma opinião melhor de sua inteligência. Pois considero Irma tola por não aceitar minha solução. A outra seria mais inteligente,

ou seja, cederia mais rapidamente. *A boca se abre facilmente*, ela revelaria mais do que Irma.[11]

O que vejo na garganta: uma mancha branca e os ossos turbinados cobertos de crostas. A mancha branca lembra a difterite e, portanto, a amiga de Irma, mas também a doença grave de minha filha mais velha há quase dois anos e todo o susto daqueles tempos difíceis. As crostas nas cavidades nasais me fazem recordar uma preocupação com minha própria saúde. Na época, eu fazia uso frequente de cocaína para suprimir inchações nasais incômodas e, poucos dias antes, eu tinha ouvido que uma paciente, que seguia meu exemplo, desenvolvera uma necrose extensa da membrana mucosa nasal. A recomendação da cocaína, que eu fizera em 1884, me trouxe repreensões graves. Um amigo querido, falecido em 1895, havia acelerado sua morte por abusar da droga.

Chamo rapidamente o dr. M., que repete o exame. Isso corresponderia à posição que M. ocupava em nosso meio. Mas o "*rapidamente*" é chamativo o bastante para exigir uma explicação especial. Lembra-me de uma triste vivência médica. Certa vez, eu havia provocado uma intoxicação grave de uma paciente por meio da administração contínua de um remédio considerado inofensivo na época (sulfonal) e recorri o mais rápido possível à ajuda do colega experiente e mais velho. O fato de eu ter em mente esse caso é confirmado por um detalhe secundário. A paciente, que veio a sucumbir à intoxicação, tinha o mesmo nome da minha filha mais velha. Até então não havia pensado nisso; agora, parece-me quase uma retaliação do destino. É como se a substituição das pessoas devesse ser continuada em outro sentido; esta Mathilde por aquela Mathilde; olho por olho, dente por dente. É como se eu tivesse procurado todas as oportunidades para me repreender por falta de escrúpulo profissional.

O dr. M. está pálido, sem barba no queixo, e manca. É correto que sua aparência ruim provoca frequentemente a preocupação dos amigos. Os dois outros traços devem pertencer a outra pessoa. Vem-me à mente meu irmão mais velho, que vive

no exterior, que costuma barbear seu queixo e que, se bem me lembro, se parece com o M. do sonho. Alguns dias atrás, recebi a notícia de que ele está mancando em decorrência de uma infecção artrítica no quadril. Deve existir uma razão pela qual, no sonho, eu confundo as duas pessoas. Lembro-me, de fato, de estar aborrecido com os dois por motivos semelhantes. Ambos haviam recusado uma sugestão que eu lhes fizera nos últimos tempos.

Meu amigo Otto está agora ao lado da paciente, e meu amigo Leopold a examina e indica um amortecimento embaixo, à esquerda. Meu amigo Leopold também é médico, um parente de Otto. Os dois haviam se especializado na mesma área, por isso o destino os transformou em concorrentes, que sempre são comparados um com o outro. Ambos foram meus assistentes durante anos, quando eu ainda chefiava uma enfermaria para crianças com doenças nervosas. Cenas como a reproduzida no sonho ocorriam ali com frequência. Enquanto eu discutia o diagnóstico de um caso com Otto, Leopold examinava a criança mais uma vez e fazia uma contribuição inesperada para o diagnóstico. Existia entre eles uma diferença de caráter semelhante à diferença entre o inspetor Bräsig e seu amigo Karl.[c] Um se destacava por sua rapidez; o outro era lento, ponderado, mas minucioso. Quando, no sonho, contraponho Otto ao cuidadoso Leopold, faço isso aparentemente para dar destaque a Leopold. Trata-se de uma comparação semelhante à feita acima entre a paciente desobediente Irma e sua amiga, considerada mais inteligente. Percebo agora também um dos trilhos pelos quais a associação de ideias avança no sonho: da criança doente para a instituição infantil. — *O amortecimento embaixo, à esquerda* me passa a impressão de corresponder em todos os seus detalhes a um caso específico, no qual Leopold me surpreendeu com sua meticulosidade. Tenho também uma noção vaga de uma afecção metastática, mas poderia ser também uma referência à paciente que eu preferiria ter no lugar de Irma. Pois, pelo que consigo ver, essa senhora imita uma tuberculose.

Uma parte da pele infiltrada no ombro esquerdo. Sei imediatamente que se trata de meu próprio reumatismo no ombro, que sinto regularmente quando permaneço acordado até altas horas da noite. A escolha das palavras no sonho também é ambígua: *algo que*, *como ele*, *também consigo sentir*. Quer dizer: que sinto em meu próprio corpo. Chama minha atenção também como é incomum a designação "*parte da pele infiltrada*". Estamos acostumados com a "infiltração posterior superior à esquerda"; esta se referiria ao pulmão e, portanto, novamente à tuberculose.

Apesar do vestido. Isso nada mais é do que uma interpolação. Naturalmente, as crianças estavam despidas quando as examinávamos na enfermaria infantil; trata-se de algum contraste em relação a como devemos examinar as pacientes adultas. Contava-se, de um clínico excelente, que sempre fazia o exame físico em pacientes vestidos. O restante me parece obscuro, e, francamente, não sinto inclinação a me aprofundar nesse ponto.

O dr. M. diz: É uma infecção, mas isso não importa. Virá ainda uma disenteria, e o veneno será eliminado. A princípio, isso me parece risível, mas, como todo o restante, precisa ser dissecado cuidadosamente. Visto mais de perto, acabo descobrindo algum tipo de sentido. O que encontrei na paciente foi uma difterite local. Lembro-me, na época da doença de minha filha, de uma discussão sobre difterite e difteria. Esta é a infecção geral que procede da difterite local. Leopold comprova a existência da infecção geral mediante o amortecimento, que me faz pensar também em focos metastáticos. Acredito, porém, que esse tipo de metástase não ocorre na difteria. Faz-me pensar antes em piemia.

Não importa. É um consolo. Acho que entra no contexto do seguinte modo. O conteúdo da última parte do sonho foi que as dores da paciente são resultado de uma grave afecção orgânica. Suspeito que, com isso, quero apenas afastar a culpa de mim. O tratamento psíquico não pode ser responsabilizado pela persistência de dores diftéricas. Agora, porém, sinto-me envergonhado por ter inventado uma doença tão grave para Irma apenas para me inocentar. Parece tão cruel. Preciso,

portanto, da certeza de um final feliz, e parece-me uma boa escolha ter colocado o consolo justamente na boca do dr. M. Nisso, porém, elevo-me acima do sonho, o que precisa ser explicado. Mas por que esse consolo é tão insensato?

Disenteria. Alguma noção teórica remota, segundo a qual substâncias mórbidas poderiam ser expulsas por meio do intestino. Seria uma tentativa de zombar da tendência do dr. M. de recorrer a explicações exóticas, de fazer curiosas associações patológicas? A disenteria me faz lembrar ainda outra coisa. Alguns meses antes, eu aceitara o caso de um homem jovem com estranhas dificuldades de defecação, que os outros colegas haviam tratado como um caso de "anemia com desnutrição". Reconheci que se tratava de uma histeria, não queria aplicar a ele minha psicoterapia e o enviei numa viagem marítima. Poucos dias atrás, recebi dele uma carta desesperada do Egito dizendo que havia sofrido uma nova crise, diagnosticada pelo médico como disenteria. Suspeito que o diagnóstico foi um erro de um colega inexperiente que se deixou enganar pela histeria; no entanto, não pude poupar-me da recriminação de ter colocado meu paciente numa situação em que poderia ter contraído algum distúrbio orgânico além da afecção intestinal histérica. Além disso, o som de "disenteria" lembra "difteria", palavra de mau agouro que não é mencionada no sonho.

Sim, realmente devo ter zombado do dr. M. com seu prognóstico consolador: "Virá ainda uma disenteria" etc., pois me lembro de como, anos atrás, ele mesmo, aos risos, contou algo bem semelhante sobre um colega. Ele havia sido chamado juntamente com esse colega para examinar um paciente gravemente adoecido e se sentira impelido a lembrar ao outro, que lhe parecia muito esperançoso, que havia albumina na urina do paciente. O colega, porém, não perdeu sua tranquilidade e respondeu calmamente: "Isso não tem importância, senhor colega, a albumina logo será eliminada!". Não duvido, portanto, de que essa parte do sonho contenha um desprezo pelos colegas que não conhecem a histeria. E como que para confirmar isso, passa-me pela mente: será que o dr. M. sabe que os sintomas de sua paciente, a

amiga de Irma, que nos levam a suspeitar de uma tuberculose, se devem também a uma histeria? Ele reconheceu a histeria ou será que se deixou "enganar" por ela?

Qual, porém, poderia ser minha motivação para tratar esse amigo de forma tão negativa? Isso é muito simples: o dr. M. concorda tão pouco com minha "solução" para Irma quanto a própria paciente. Portanto, nesse sonho já me vinguei de duas pessoas: de Irma, com as palavras: "Se você ainda sente dores, a culpa é inteiramente sua"; e do dr. M. com as palavras de um consolo absurdo que coloquei em sua boca.

Reconhecemos imediatamente a origem da infecção. Esse conhecimento imediato no sonho é estranho. Poucos instantes antes, ainda não a conhecíamos, pois a infecção acabara de ser identificada por Leopold.

Quando ela se sentiu mal, o amigo Otto lhe aplicou uma injeção. Otto havia contado que, durante sua breve estada na casa da família de Irma, foi chamado para o hotel vizinho, para lá aplicar uma injeção numa pessoa que repentinamente se sentira mal. As injeções voltam a me lembrar o amigo infeliz que se intoxicou com cocaína. Eu havia recomendado a droga apenas para uso interno [oral] enquanto abandonava a morfina; ele mesmo, porém, passou imediatamente a injetar a cocaína.

Com um preparado de propil… propileno… ácido propiônico. De onde vem isso? Na mesma noite em que redigi o caso clínico e sonhei em seguida, minha esposa abriu uma garrafa de licor, na qual estava escrito "*Ananas*" [abacaxi][12] e que era um presente de nosso amigo Otto. Ele tinha o costume de fazer presentes em todo tipo de ocasião; espero que, um dia, uma mulher o cure disso. Esse licor exalava um cheiro tão forte de aguardente barata que me recusei a prová-lo. Minha esposa disse: "Daremos essa garrafa de presente aos empregados", e eu, mais cauteloso ainda, proibi que o fizesse, com a observação caridosa de que não deveríamos envenená-los. O cheiro de aguardente ordinária (amil…) despertou em mim a lembrança de toda a sequência — propil, metil etc. — que forneceu os preparados

de propil para o sonho. No entanto, efetuei uma substituição, sonhei com propil após cheirar amil, mas esse tipo de substituição seja talvez permitido na química orgânica.

Trimetilamina. Vejo no sonho a fórmula química dessa substância, o que é testemunho de um grande esforço da minha memória, e a fórmula está impressa em negrito, como se o sonho quisesse destacá-la do contexto como algo de importância muito grande. Para onde me leva a trimetilamina, que chama minha atenção dessa forma? Para uma conversa com outro amigo que, há anos, conhece todos os meus trabalhos desde seu estado de germinação, assim como eu conheço também os seus.[d] Na época, ele me comunicou determinadas ideias sobre uma química sexual e mencionou, entre outras coisas, que acreditava reconhecer na trimetilamina um dos produtos do metabolismo sexual. Essa substância me levou à sexualidade, àquele aspecto ao qual atribuo a maior importância no desenvolvimento das afecções nervosas que pretendo curar. Minha paciente Irma é uma viúva jovem; se minha intenção realmente fosse desculpar meu fracasso em seu tratamento, a melhor forma de fazê-lo seria recorrer a esse fato, que seus amigos bem gostariam de mudar. E como é estranha a composição desse sonho! A outra mulher, que no sonho tenho como paciente no lugar de Irma, também é uma jovem viúva.

Imagino por que a fórmula da trimetilamina ocupa um espaço tão amplo no sonho. Tantas coisas importantes convergem nessa palavra. A trimetilamina é uma alusão não apenas ao aspecto imensamente poderoso da sexualidade, mas também a uma pessoa de cuja concordância me lembro com satisfação sempre que me sinto isolado por causa das minhas opiniões. Não deveria esse amigo, que ocupa um papel tão importante na minha vida, aparecer mais no contexto dos pensamentos do sonho? É claro que sim; ele é conhecedor profundo dos efeitos das afecções do nariz e dos seios paranasais; e ele revelou à ciência algumas relações altamente notáveis entre os ossos turbinados e os órgãos sexuais femininos. (As três formações crespas na garganta de Irma.) Pedi que ele examinasse Irma para ver se suas dores

estomacais poderiam ser de origem nasal. Mas ele mesmo sofre de abscessos nasais que me preocupam, e a piemia, que me ocorre devido às metástases do sonho, deve aludir a isso.

Esse tipo de injeção não se aplica levianamente. Aqui, a acusação de prática leviana é lançada diretamente contra o amigo Otto. Acredito que tenha pensado algo semelhante naquela tarde, quando suas palavras e seu olhar pareciam indicar que ele havia tomado partido contra mim. Pensei mais ou menos assim: "Com que facilidade ele se deixa influenciar; com que facilidade chega às suas conclusões". — Além disso, essa frase me remete mais uma vez ao meu amigo falecido, que tão rapidamente decidiu recorrer a injeções de cocaína. Como já mencionei, nunca pretendi aplicar injeções com a droga. Sinto que essa acusação levantada contra Otto, de lidar levianamente com aquelas substâncias químicas, remete mais uma vez à história daquela infeliz Mathilde, que dirige a mesma acusação contra mim. Evidentemente, reúno aqui exemplos de minha escrupulosidade, mas também de seu oposto.

É provável também que a seringa não estivesse limpa. Outra acusação contra Otto, esta, porém, de origem diferente. Por acaso, encontrei ontem o filho de uma senhora de 82 anos, em quem preciso aplicar diariamente duas injeções de morfina. Atualmente ela se acha no campo, e eu soube que ela está sofrendo de flebite. Pensei imediatamente numa infiltração com uma seringa suja. Orgulho-me de, durante dois anos, não ter causado uma única infiltração; é, porém, uma preocupação constante minha certificar-me de que a seringa está limpa. Sou meticuloso. A flebite me leva de volta à minha esposa, que, durante uma gravidez, sofreu de trombose, e agora surgem em minha memória três situações semelhantes, com minha esposa, com Irma e com a falecida Mathilde, cuja identidade evidentemente me deu o direito de, no sonho, substituir uma pela outra as três pessoas.

Concluí agora a interpretação do sonho.[13] Durante esse trabalho, empenhei-me em afastar todas as ideias que seriam provocadas pela comparação entre o conteúdo do sonho e os pensamentos oníricos escondidos por trás deste. Enquanto isso, compreendi também o "sentido" do sonho. Notei uma intenção realizada pelo sonho, que deve ter sido a motivação para sonhá-lo. O sonho realiza alguns desejos que haviam sido despertados pelos eventos da noite anterior (a notícia de Otto, a redação do caso clínico). O resultado do sonho é que eu não sou culpado pelas dores persistentes de Irma, que o culpado é Otto. A observação dele sobre a cura incompleta de Irma me aborreceu, o sonho me vinga, devolvendo a acusação a ele. O sonho me exime da responsabilidade pelo estado de Irma, explicando-o por outros fatores (na verdade, toda uma série de fatores). O sonho representa determinado estado de coisas da forma como eu o desejo; *seu conteúdo é, portanto, uma realização de desejo; sua motivação é um desejo*.

Tudo isso salta aos olhos. Mas também muitos dos detalhes do sonho se tornam compreensíveis sob o ponto de vista da realização de desejos. Vingo-me não só do apressado posicionamento de Otto contra mim, responsabilizando-o por um ato médico precipitado (a injeção); vingo-me também pelo licor de péssima qualidade, que cheira a aguardente ordinária, e encontro no sonho uma expressão que reúne as duas recriminações: a injeção com um preparado de propil. Ainda não estou satisfeito e prossigo minha vingança contrapondo-o ao seu rival, mais confiável. Pareço estar dizendo: "Gosto mais dele do que de você". No entanto, Otto não é o único a sentir o peso da minha ira. Também não ignoro a objeção do dr. M.; antes expresso minha opinião sobre ele numa alusão explícita, segundo a qual ele é um ignorante no assunto ("Virá ainda uma disenteria" etc.). Sim, parece-me que estou me distanciando dele e apelando a outra pessoa com melhores conhecimentos (a meu amigo que me informara sobre a trimetilamina), assim como eu me voltara de Irma para sua amiga, de Otto para Leopold. Afastem de mim essas pessoas e as substituam por três outras de minha escolha, assim me livrarei das acusações que

acredito não merecer! O sonho demonstra amplamente a falta de fundamento dessas recriminações. As dores de Irma não são culpa minha, a culpa é dela mesma, pois se recusa a aceitar minha solução. As dores de Irma não são responsabilidade minha, pois são de natureza orgânica e não podem ser curadas mediante um tratamento psíquico. As dores de Irma são explicadas de forma satisfatória por sua viuvez (trimetilamina!), algo que não posso mudar. O sofrimento de Irma foi provocado por uma injeção imprudente com uma seringa suja, como a flebite de minha velha senhora, enquanto eu mesmo jamais cometo um erro em minhas injeções. Percebo, porém, que essas explicações referentes às dores de Irma, apesar de colaborarem para me isentar de qualquer culpa, não são compatíveis entre si, chegam até a se excluir mutuamente. Toda essa alegação — esse sonho não é outra coisa — lembra vivamente a defesa do homem que era acusado pelo vizinho de ter devolvido uma chaleira em estado defeituoso. Em primeiro lugar, ele diz que a devolvera em perfeito estado; em segundo lugar, que a chaleira já estava furada quando ele a tomou emprestada; em terceiro lugar, que jamais tomou emprestada a chaleira do vizinho. Tanto melhor: basta que uma das três linhas de defesa seja aceita como válida para que o homem seja absolvido.

No sonho há ainda outros temas, cuja relação com minha absolvição da culpa pela doença de Irma não é tão evidente. A doença da minha filha e a de uma paciente do mesmo nome, a nocividade da cocaína, a afecção do meu paciente em sua viagem pelo Egito, a preocupação com a saúde da minha esposa, do meu irmão, do dr. M., meus próprios males físicos, a preocupação com o amigo ausente que sofre de supurações nasais. Mas, quando contemplo tudo isso como um todo, tudo se encaixa num só grupo de pensamentos, que poderia receber o rótulo: "Preocupação com a saúde, própria e alheia; responsabilidade médica". Lembro-me de um vago sentimento embaraçoso que tive quando Otto me trouxe a notícia sobre o estado de Irma. O grupo de pensamentos que participa do sonho me permite, em retrospectiva, exprimir esse sentimento fugaz. É como se ele me dissesse: "Você

não leva a sério o bastante as suas obrigações médicas, não é meticuloso, não cumpre o que promete". Então, esse grupo de pensamentos teria se colocado à minha disposição para que eu pudesse demonstrar como sou responsável, o quanto me importo com a saúde dos meus parentes, amigos e pacientes. É digno de nota que esse material inclua também lembranças embaraçosas que falam mais a favor da acusação atribuída ao meu amigo Otto do que da minha defesa. O material é, por assim dizer, imparcial, mas é inconfundível a ligação desse material mais amplo, no qual o sonho se baseia, com o tema mais restrito do sonho, do qual se originou o desejo de não ser responsável pela doença de Irma.

Não afirmo ter desvelado por completo o sentido desse sonho, que sua interpretação não apresente lacunas.

Poderia me deter por muito mais tempo no sonho, extrair dele ainda outros esclarecimentos e discutir novos enigmas que levanta. Eu mesmo conheço as passagens que me permitiriam seguir outras linhas de pensamento; mas considerações que surgem em todo sonho próprio me impedem de dar continuidade ao trabalho interpretativo. Quem se sentir tentado a condenar apressadamente minha reserva, a este sugiro que tente ser mais sincero do que eu. Por ora, satisfaço-me com este novo conhecimento adquirido: se aplicarmos o método da interpretação dos sonhos aqui apresentado, descobriremos que o sonho tem realmente um sentido e que de maneira nenhuma é expressão de uma atividade cerebral fragmentada, como querem os estudiosos. *Após completar o trabalho de interpretação, percebemos que o sonho é a realização de um desejo.*

---

1. [Nota acrescentada em 1909:] Na novela *Gradiva*, de W. Jensen, descobri, por acaso, vários sonhos artificiais, que eram perfeitamente corretos em sua construção e que podiam ser interpretados como se não tivessem sido inventados, mas sonhados por pessoas reais. O escritor confirmou, respondendo a uma pergunta minha, que ele desconhecia minha teoria dos sonhos. Usei essa concordância entre minha pesquisa e as criações do autor como prova da acurácia da minha análise do sonho (*O delírio e os sonhos na* Gradiva *de Jensen*, 1907).

2. [Nota acrescentada em 1914:] Aristóteles se manifestou no sentido de que o melhor intérprete de sonhos seria aquele que melhor consegue reconhecer semelhanças: pois as imagens oníricas estariam, "como as imagens na

água, distorcidas pelo movimento, de modo que o mais certeiro é aquele que consegue reconhecer o verdadeiro na imagem distorcida" (Büchsenschütz, 1868, p. 65).

3. [Nota acrescentada em 1914:] Artemidoro de Daldis, nascido provavelmente no início do século II de nossa era, nos deixou o tratado mais completo e mais cuidadoso sobre a interpretação dos sonhos do mundo greco-romano. Como destaca Theodor Gomperz (1866), ele atribuiu grande importância à fundamentação da interpretação dos sonhos em observação e experiência e separou rigorosamente sua arte de outras artes enganosas. Segundo a exposição de Gomperz, o princípio de sua arte interpretativa é idêntico à magia, o princípio da associação. Uma coisa onírica significa aquilo que ele traz à memória. À memória do intérprete do sonho, é claro! Resulta então uma fonte indomável de insegurança e arbitrariedade do fato de que o elemento onírico pode lembrar ao intérprete coisas diversas, e a cada intérprete, outras coisas. A técnica que apresentarei a seguir diverge da técnica antiga num ponto essencial, isto é, ela impõe o trabalho da interpretação ao próprio sonhador. Ela pretende levar em conta não o que determinado elemento do sonho traz à mente do intérprete do sonho, mas à mente do sonhador. — Segundo os relatos mais recentes do missionário Tfinkdji (1913), os modernos intérpretes do sonho no Oriente também atribuem grande importância à participação do sonhador. Sobre os intérpretes de sonhos entre os árabes da Mesopotâmia, o autor relata: "*Pour interpréter exactement un songe, les oniromanciens les plus habiles s'informent de ceux qui les consultent de toutes les circonstances qu'ils regardent nécessaires pour la bonne explication* […]. *En un mot, nos oniromanciens ne laissent aucune circonstance leur échapper et ne donnent l'interprétation désirée avant d'avoir parfaitement saisi et reçu toutes les interrogations désirables*" [Para interpretar um sonho com exatidão, os oniromantes mais hábeis perguntam àqueles que os consultam tudo sobre as circunstâncias que consideram necessárias para a boa explicação […]. Em uma palavra: Nossos oniromantes não deixam escapar nenhuma circunstância e não fornecem a interpretação desejada antes de receber e apreciar perfeitamente todas as perguntas desejadas]. Essas perguntas costumam incluir dados precisos sobre os familiares mais próximos (pais, esposa, filhos) e a fórmula típica: "*habuistine in hac nocte copulam conjugalem ante vel post somnium?*" [Tiveste nessa noite copulação conjugal antes ou depois do sonho?] — "*L'idée dominante dans l'interprétation des songes consiste à expliquer le rêve par son opposé*" [A ideia dominante na interpretação dos sonhos consiste em explicar o sonho por seu oposto].

4. [Nota acrescentada em 1909:] O dr. Alfred Robitsek chama a minha atenção para o fato de que os livros de sonhos do Oriente, dos quais os nossos são míseros decalques, costumam fazer a interpretação dos elementos oníricos conforme a assonância e a semelhança das palavras. Visto que esses parentescos se perdem na tradução para a nossa língua, procederia daí a incompreensibilidade das substituições em nossos "livros de sonhos" populares. — Os escritos de Hugo Winckler nos informam sobre essa importância extraordinária do jogo de palavras e do trocadilho nas antigas culturas orientais. — [Acrescentado em 1911:] O mais belo exemplo da interpretação de um sonho que nos foi transmitido pela Antiguidade se baseia num jogo de palavras. Artemidoro relata: "Parece-me, porém, que Aristandro deu a Alexandre da Macedônia uma interpretação muito feliz: quando este mantinha cercada e sitiada a cidade de Tiro e estava aborrecido e deprimido por causa da grande perda de tempo, teve a sensação de ver um sátiro [σάτυρος] dançando em seu escudo; por acaso, Aristandro estava no cortejo do rei que lutava contra os sírios. Ao dividir a palavra sátiro in σ`α e Τύρος , ele encorajou o rei a intensificar o sítio, de modo que este tomou a cidade". (Σ`α — Τύρος = Tua é Tiro.) — O sonho está, de fato, tão intimamente ligado ao uso da linguagem que Ferenczi pôde observar corretamente que

cada língua possui sua linguagem onírica. Um sonho é, em geral, intraduzível para outras línguas, e um livro como este também, creio, pela mesma razão. [Acrescentado em 1930:] Mesmo assim, o dr. Brill, de Nova York, e outros, depois dele, conseguiram fazer traduções da *Interpretação dos sonhos*.

5. Após completar o meu manuscrito, recebi um escrito de Stumpf (1899), que, em sua intenção de demonstrar que o sonho tem sentido e pode ser interpretado, concorda com meu trabalho. Todavia, a interpretação ocorre mediante um simbolismo alegorizante, sem garantia para a validade geral do procedimento.

6. Breuer e Freud (1895).

7. [Nota acrescentada em 1919:] A partir da observação direta dessa transformação de representações em imagens visuais, H. Silberer fez contribuições de relevo para a interpretação dos sonhos. (1909, 1910 e 1912.)

a. Parágrafo acrescentado em 1909.

8. Mas não deixarei de informar, restringindo o que afirmei acima, que quase nunca apresento a interpretação completa a que cheguei de um sonho meu. Tive razão, provavelmente, ao não confiar demais na discrição dos leitores.

9. [Nota acrescentada em 1914:] Este é o primeiro sonho que submeti a uma interpretação mais minuciosa.

b. A diferença em relação ao texto do sonho, acima (onde se lê "dentadura artificial"), encontra-se no original alemão.

10. A essa terceira pessoa podemos atribuir também a queixa ainda não esclarecida sobre as dores no abdômen. Trata-se naturalmente da minha própria esposa; as dores no abdômen me lembram um dos eventos em que percebi claramente seu pudor. Preciso reconhecer que, no sonho, meu tratamento de Irma e da minha esposa não é muito amoroso, mas, como desculpa, posso dizer que julgo ambas pelo ideal da paciente obediente e submissa.

11. Suspeito que a interpretação dessa parte ainda não avançou o bastante para revelar todo o seu sentido oculto. Se quisesse dar continuação à comparação entre as três mulheres, eu me afastaria demais do tema. — Cada sonho tem pelo menos um ponto em que ele é insondável, um umbigo, por assim dizer, com o qual ele se vincula ao desconhecido.

c. Eram os dois protagonistas de um romance popular na época, *Ut mine Stromtide* [Do tempo em que eu era um camponês], de Fritz Reuter, escrito no dialeto da região de Meclemburgo.

12. "*Ananas*" contém um eco curioso do nome de família da minha paciente Irma.

d. Alusão a Wilhelm Fliess.

13. [Nota acrescentada em 1909:] Embora, compreensivelmente, não tenha comunicado tudo o que me ocorreu durante o trabalho de interpretação.

III. O SONHO É A REALIZAÇÃO DE UM DESEJO

Quando passamos por um desfiladeiro estreito e, de repente, emergimos no alto de uma colina, onde os caminhos se dividem e se abre a mais ampla vista para todos os lados, podemos nos demorar por um instante e refletir sobre a direção que devemos tomar. Algo semelhante ocorre conosco agora, após termos superado essa primeira interpretação de um sonho. Encontramo-nos na luz clara de um conhecimento repentino. O sonho não pode ser comparado ao ressoar irregular de um instrumento musical que, em vez de ser tocado pela mão de um músico, é golpeado por uma força externa; ele não é despido de sentido, não é absurdo, não pressupõe que uma parte de nosso acervo de representações esteja dormindo, enquanto outra parte começa a despertar. Trata-se de um fenômeno psíquico de pleno valor, é a realização de um desejo; deve ser inserido no contexto dos atos psíquicos compreensíveis da vigília; foi construído por uma atividade mental altamente complexa. Mas um grande número de questões nos assalta, no mesmo instante em que começamos a nos alegrar com essa descoberta. Se o sonho representa um desejo realizado, como nos diz a interpretação do sonho, de onde vem a forma estranha e notável em que se expressa essa realização do desejo? Que alteração ocorreu nos pensamentos oníricos até surgir deles o sonho manifesto, tal como o recordamos ao despertar? Por quais vias se deu essa alteração? Qual a origem do material transformado em sonho? De onde provêm algumas das peculiaridades que observamos nos pensamentos oníricos, por exemplo, o fato de eles poderem ser contraditórios (cf. a analogia com a chaleira, pp. 153 s.)? O sonho pode nos ensinar algo novo sobre nossos processos psíquicos internos, seu conteúdo pode corrigir opiniões que defendemos durante o dia? Sugiro que, por ora, deixemos de lado todas essas perguntas e sigamos um só caminho. Vimos que o sonho representa um

desejo como realizado. Nosso próximo interesse deve ser descobrir se isso é uma característica geral do sonho ou apenas o conteúdo casual daquele sonho ("da injeção de Irma") com o qual iniciamos a nossa análise, pois mesmo que estejamos preparados para reconhecer que cada sonho tem um sentido e um valor psíquico, precisamos deixar em aberto a possibilidade de que esse sentido não seja o mesmo em cada sonho. Nosso primeiro sonho foi uma realização de desejo; é possível que outro se revele um temor realizado; o conteúdo de um terceiro pode ser uma reflexão; o quarto pode simplesmente reproduzir uma lembrança. Existem, então, outros sonhos de desejos, ou talvez não existam senão sonhos de desejos?

É fácil demonstrar que muitas vezes os sonhos permitem reconhecer, sem nenhum disfarce, o caráter de realização de desejos, de modo que nos perguntamos por que a linguagem dos sonhos tem permanecido incompreendida durante tanto tempo. Existe, por exemplo, um sonho que consigo produzir quantas vezes quiser — experimentalmente, por assim dizer. Se, ao jantar, eu comer anchovas, azeitonas ou qualquer outra comida muito salgada, ficarei com sede durante a noite, e essa sede me acordará. O despertar, porém, é precedido de um sonho, cujo conteúdo é sempre o mesmo, isto é, um sonho em que eu bebo. Tomo grandes goles de água, ela é tão deliciosa como apenas uma bebida fresca pode ser quando estamos sedentos, e então eu acordo e realmente preciso beber algo. A motivação desse sonho simples é a sede que sinto ao despertar. Essa sensação gera o desejo de beber, e o sonho me apresenta esse desejo como realizado. Ele serve a uma função que me é fácil adivinhar. Tenho um sono profundo e não estou acostumado a ser acordado por uma necessidade. Quando consigo abrandar minha sede por meio do sonho no qual bebo, não preciso acordar para satisfazê-la. Trata-se, portanto, de um *sonho de comodidade*. Sonhar substitui o ato, como costuma fazer também na vida. Infelizmente, a necessidade de água para matar a sede não pode ser satisfeita com um sonho, ao contrário da minha sede de vingança contra o amigo Otto e o dr. M., mas a vontade é a mesma. Recentemente, esse mesmo sonho tem sofrido algumas

modificações. Tive sede ainda antes do adormecer e tomei um copo de água que se encontrava na mesinha ao lado da minha cama. Algumas horas mais tarde, ainda durante a noite, sofri outro ataque de sede, que teve algumas consequências desagradáveis. Para conseguir a água, eu precisaria levantar e pegar o copo que se encontrava no criado-mudo da minha esposa. Sonhei então apropriadamente que minha esposa me dá de beber de um vaso; esse vaso é uma urna cinerária etrusca que eu trouxera de uma viagem à Itália e que, desde então, dera de presente a alguém. A água, porém, era tão salgada (evidentemente por causa das cinzas) que eu acordei. Percebe-se como tudo se arranja convenientemente no sonho; visto que a realização do desejo é sua única intenção, ele pode ser totalmente egoísta. O amor à comodidade realmente não é compatível com a consideração de outros. A inserção da urna cinerária é, provavelmente, também uma realização de desejo; lamento não possuir mais esse vaso, assim como o copo d'água ao lado da minha esposa também não está ao meu alcance. A urna cinerária se adéqua também à sensação intensificada do gosto salgado, e eu sei que esta me obrigará a acordar.[1]

Esses sonhos de comodidade eram muito frequentes em minha juventude. Acostumado a trabalhar até altas horas da noite, sempre tive dificuldade para acordar cedo. Costumava então sonhar que estava fora da cama e junto ao lavatório. Após algum tempo, não conseguia mais negar o fato de que eu ainda não havia me levantado; no entanto, dormira um pouco mais. Esse mesmo sonho de inércia, numa forma particularmente divertida, me foi relatado por um jovem colega, que parece compartilhar minha tendência a dormir. A anfitriã da pensão em que morava nas proximidades do hospital tinha a ordem expressa de acordá-lo a tempo todas as manhãs, mas tinha também grande dificuldade quando tentava cumprir sua missão. Certa manhã, o sono era especialmente doce. A senhora abriu a porta e gritou: "Sr. Pepi, acorde, o senhor tem que ir ao hospital!". Então meu colega sonhou com um quarto no hospital, com uma cama em que ele estava e com uma placa na cabeceira em que se lia: "Pepi H… *cand. med.* 22 anos". No sonho,

disse a si mesmo: “Já que estou no hospital, não preciso ir até lá”. Virou-se e continuou a dormir. Desse modo, admitiu francamente a motivação de seu sonho.

Outro sonho cujo estímulo também produziu efeito durante o sono. Uma das minhas pacientes que fora obrigada a se submeter a uma cirurgia no maxilar, que não teve o êxito desejado, deveria, segundo instrução dos médicos, usar, dia e noite, um aparelho de refrigeração na bochecha adoecida. Ela, porém, costumava lançá-lo para longe assim que adormecia. Certo dia, pediram que eu a repreendesse por causa disso; mais uma vez, ela havia jogado o aparelho no chão. A paciente se justificou: “Dessa vez, a culpa realmente não foi minha; foi consequência de um sonho que tive naquela noite. No sonho, eu me encontrava num camarote na ópera e me interessava vivamente pelo espetáculo. O sr. Karl Meyer, porém, se encontrava no hospital e se queixava terrivelmente de dores no maxilar. Disse-lhe que, já que eu não tinha essas dores, eu não precisava do aparelho, por isso, eu o joguei fora”. Esse sonho da pobre sofredora parece representar um ditado popular, que falamos em situações desagradáveis: “Conheço maneira melhor de me divertir”. O sonho mostra essa diversão melhor. O sr. Karl Meyer, ao qual a sonhadora atribuiu suas dores, era o homem jovem mais indiferente para ela, entre os conhecidos de que se lembrava.

Igualmente fácil é identificar a realização de desejos em alguns outros sonhos que colhi de pessoas saudáveis. Um amigo, que conhece minha teoria dos sonhos e a comunicou à sua esposa, me diz certo dia: “Minha esposa pediu que lhe contasse que ontem ela teve um sonho no qual estava menstruada. Você saberá o que isso significa”. É claro que sei; se a jovem mulher sonhou que está menstruada, a menstruação atrasou. Entendo muito bem que ela gostaria de ter aproveitado um pouco mais a sua liberdade antes de assumir o fardo da maternidade. Foi uma maneira esperta de anunciar sua primeira gravidez. Outro amigo me escreve que recentemente sua esposa sonhou que tinha percebido manchas de leite na frente de

sua camisola. Isso também é um anúncio de gravidez, não, porém, da primeira; a jovem mãe deseja ter mais leite para o segundo filho do que tivera para o primeiro.

Uma jovem mulher que se isolara do convívio social durante semanas a fio, para cuidar da doença infecciosa de seu filho, sonha, após o feliz desfecho da doença, com uma festa que conta com a presença de Alphonse Daudet, Paul Bourget, Marcel Prévost e outros. Todos eles são muito simpáticos com ela e a entretêm maravilhosamente. Esses autores apresentam os mesmos traços que seus retratos lhes conferem; Marcel Prévost, cujo retrato ela nunca viu, se parece com — o funcionário da desinfecção que, na véspera, limpara o quarto do doente e que fora o primeiro visitante após muito tempo. Acreditamos poder traduzir o sonho por completo: "Está na hora de algo mais divertido, chega de cuidar eternamente desse doente".

Essa seleção talvez baste para demonstrar que muitas vezes, e sob as condições mais variadas, encontramos sonhos que só podem ser compreendidos como realizações de desejos e que apresentam seu conteúdo sem nenhum disfarce. São, na maioria das vezes, sonhos sucintos e simples, que se destacam agradavelmente das composições oníricas confusas e exuberantes que têm chamado a atenção dos autores. Vale, porém, demorar-nos mais um pouco nesses sonhos simples. Creio que podemos esperar as formas mais simples de sonhos nas crianças, cujas produções psíquicas certamente são menos complicadas que as dos adultos. A meu ver, a psicologia infantil se destina a prestar, à psicologia dos adultos, serviços semelhantes aos que a investigação da constituição ou do desenvolvimento de animais inferiores prestou à pesquisa da estrutura das classes de animais mais elevadas. Até agora, poucos esforços deliberados foram feitos para explorar a psicologia infantil com essa finalidade.

Os sonhos das crianças pequenas são, frequentemente,[a] simples realizações de desejos, e assim, ao contrário dos sonhos dos adultos, pouco interessantes. Não oferecem enigmas que precisam ser solucionados, mas são, naturalmente,

inestimáveis para provar que o sonho significa, em seu ser mais íntimo, uma realização de desejo. Pude reunir alguns exemplos desse tipo de sonho no material dos meus próprios filhos.

Devo a uma excursão à bela Hallstatt no verão de 1896, que fizemos a partir de Aussee, dois sonhos, um da minha filha, que tinha oito anos e meio de idade na época, e outro do meu filho, que tinha cinco anos e três meses. Devo informar preliminarmente que naquele verão ficamos numa colina próxima a Aussee, que, quando o tempo era favorável, nos oferecia uma vista esplêndida do Dachstein. Com o telescópio, podíamos ver claramente a cabana de Simony. Os pequenos tentaram repetidas vezes enxergá-la pelo telescópio; não sei com que grau de êxito. Antes da excursão, eu contara às crianças que Hallstatt ficava aos pés do Dachstein. Elas aguardavam o dia com grande alegria. De Hallstatt seguimos até Echerntal, que fascinou as crianças com suas paisagens variáveis. Uma das crianças, porém, o garoto de cinco anos, foi se aborrecendo aos poucos. Assim que avistávamos uma nova montanha, ele perguntava: "É este o Dachstein?". E eu tive que responder: "Não, é apenas um contraforte". Após repetir essa pergunta várias vezes, ele emudeceu; nem quis escalar o caminho até a cascata. Achei que havia se cansado. Na manhã seguinte, porém, ele me procurou irradiando felicidade e contou: "Hoje à noite, sonhei que estávamos no albergue Simony". Agora o entendi; sua expectativa havia sido que, durante nossa excursão a Hallstatt, ele teria oportunidade de escalar a montanha e ver o albergue do qual havíamos falado tanto junto ao telescópio. Quando percebeu que esperávamos que ele se contentasse com contrafortes e uma cascata, ele ficou decepcionado e se aborreceu. O sonho o recompensou. Tentei descobrir detalhes do sonho; eram poucos. "A escalada por degraus leva seis horas" — como lhe haviam dito.

Também na garota de oito anos e meio essa excursão despertou desejos que o sonho precisava satisfazer. Havíamos levado conosco para Hallstatt o filho de doze anos dos nossos vizinhos, um perfeito cavalheiro, que, como me parecia, já gozava

de todas as simpatias da pequena senhorita. No dia seguinte, ela nos contou este sonho: “Imaginem só, sonhei que o Emil é um de nós, que ele chama vocês de papai e mamãe e que ele dorme conosco no quarto grande, como os meus irmãos. Então, a mamãe entra no quarto e joga barras de chocolate, embrulhados em papel azul e verde, sob as nossas camas”. Seus irmãos, que, evidentemente, não haviam herdado o dom da interpretação dos sonhos, declararam, como os nossos autores: “Esse sonho é absurdo”. A garota defendeu pelo menos parte do sonho, e é valioso para a teoria das neuroses saber que parte: “Sim, é absurdo Emil viver conosco, mas isso das barras de chocolate não é”. Era precisamente essa parte que me parecia obscura. A mãe me forneceu a explicação. No caminho da estação de trem para casa, as crianças haviam parado em frente a uma máquina de venda e pediram exatamente esse tipo de barra de chocolate embrulhada em papel metálico que, como sabiam, aquela máquina vendia. A mamãe, porém, lhes disse corretamente que aquele dia já lhes satisfizera um número suficiente de desejos, deixando esse para o sonho. Eu não havia observado essa pequena cena. Consegui, porém, entender sem dificuldades aquela parte do sonho que a minha filha havia banido. Eu mesmo tinha ouvido como o nosso convidado bem-educado pedira às crianças que esperassem até que papai e mamãe os alcançassem. O sonho da pequena transformou essa afiliação temporária em uma adoção permanente. Seu afeto não conhecia ainda outras formas de companheirismo senão as mencionadas no sonho, que ela conhecia de seu convívio com os irmãos. Naturalmente, a razão pela qual as barras de chocolate foram jogadas sob as camas não podia ser esclarecida sem perguntas à criança.

Amigos me relataram um sonho bem semelhante ao do meu filho. Era o sonho de uma menina de oito anos. O pai havia feito uma caminhada com várias crianças até Dornbach, com a intenção de visitar a cabana de Rohrer; no entanto, como estava ficando tarde, teve que voltar, prometendo às crianças que as recompensaria em outra ocasião. Na volta, passaram pela placa que indica o caminho para Hameau. As

crianças insistiram então para serem levadas até o Hameau, mas, pela mesma razão, tiveram que ser consoladas com a promessa de que o fariam noutro dia. No dia seguinte, a garota de oito anos disse ao pai com satisfação: "Papai, hoje eu sonhei que você esteve conosco no albergue de Rohrer e no Hameau". Sua impaciência havia antecipado a realização da promessa feita pelo pai.

Igualmente sincero é outro sonho que a bela paisagem de Aussee havia instigado em minha filha de três anos e três meses de idade na época. A pequenina havia atravessado o lago pela primeira vez, e a travessia havia sido rápida demais para seu gosto. No local de desembarque, ela se recusou a sair do barco e chorou amargamente. Na manhã seguinte ela contou: "Hoje à noite, andei de barco no lago". Espero que a duração desse passeio onírico a tenha deixado mais satisfeita.

Meu filho mais velho, com oito anos de idade na época, já sonhava com a realização de suas fantasias. Andou com Aquiles em sua carruagem conduzida por Diomedes. Evidentemente, ele se entusiasmara na véspera com as lendas da Grécia com as quais sua irmã mais velha havia sido presenteada.

Se admitirmos que a fala das crianças durante o sono também pertence ao âmbito dos sonhos, posso informar um dos sonhos mais infantis da minha coleção. Minha filha mais nova, então com dezenove meses de idade, havia vomitado certa manhã e, por isso, ficou de jejum durante o dia todo. Na noite seguinte a esse dia de fome, nós a ouvimos exclamar excitadamente durante o sono: "*Anna Feud, moango, moango silveste, melete, mingau*". Na época, ela usava seu nome para expressar a ideia de que tomava posse de algo; o cardápio abrangia tudo o que lhe parecia uma refeição desejável; o fato de que os morangos apareciam nele em duas variações era uma demonstração contra os regulamentos de saúde domésticos e teve sua causa na circunstância, certamente percebida por ela, de que a babá havia atribuído sua indisposição ao consumo excessivo de morangos; no sonho, ela se vingou desse veredicto desagradável para ela.[2]

Quando bendizemos a infância por ela ainda não conhecer o desejo sexual, não devemos ignorar como o outro dos dois grandes instintos vitais pode ser uma rica fonte de decepção, de renúncia e, portanto, de estímulo para o sonho.[3] Eis aqui um segundo exemplo disso. Meu sobrinho de 22 meses de idade recebeu a tarefa de me dar os parabéns no meu aniversário e de me entregar como presente uma cestinha com cerejas, que ainda são raras nessa época do ano. Isso aparenta ser difícil para ele, pois repete incansavelmente: "Tem celeja dento dela", e é impossível convencê-lo a soltar a cestinha. Mas ele acha uma forma de se recompensar. Até então, costumava contar à mãe todas as manhãs que havia sonhado com um "soldado branco", um oficial da guarda com manto que, certa vez, ele havia admirado na rua. No dia após o sacrifício de aniversário, ele acorda alegremente com o comunicado que só pode provir de um sonho: "*He(r)man comeu todas as celejas!*".[4]

Não sei com o que sonham os animais. Um ditado popular, cuja menção devo a um de meus ouvintes, afirma ter esse conhecimento, pois faz a seguinte pergunta: *Com que sonha o ganso?* e responde: *Com o milho*.[5] Toda a teoria segundo a qual o sonho seria uma realização de desejos está contida nessas duas frases.[6] Percebemos agora que teríamos chegado à nossa teoria do sentido oculto do sonho pelo caminho mais curto se tivéssemos apenas consultado a linguagem corrente. É certo que às vezes a sabedoria da linguagem fala de maneira desdenhosa sobre o sonho — ela parece querer dar razão à ciência quando julga que "*Sonhos são espuma*" [*Träume sind Schäume*] —, mas para a linguagem corrente o sonho é, predominantemente, o abençoado realizador de desejos. "Eu não teria imaginado isso em meus sonhos mais ousados", exclama encantado aquele que vê suas expectativas superadas pela realidade.

---

1. Weygandt também conhecia os sonhos de sede, e diz o seguinte (p. 41) [1893]: "É justamente a sensação de sede que é percebida com a maior precisão: ela sempre gera a representação de que é saciada. — O modo como o sonho representa o ato de saciar a sede varia e toma sua forma específica de uma lembrança recente. Um fenômeno comum é também que, imediatamente após a representação da sede saciada, ocorre uma decepção

quanto ao pequeno efeito do suposto refrigério". No entanto, ele ignora a validade universal da reação do sonho ao estímulo. — Quando outras pessoas, acometidas pela sede durante a noite, acordam sem terem sonhado antes, isso de forma alguma significa uma objeção ao meu experimento; antes caracteriza seu sono como pior do que o meu. — [Acrescentado em 1914:] Cf. Isaías 29,8: "Será também como o faminto que sonha que está a comer, mas, acordando, sente a sua alma vazia, ou como o sequioso que sonha que está a beber, mas, acordando, eis que ainda desfalecido se acha, e a sua alma com sede".

a. O advérbio foi acrescentado em 1911; no lugar de "assim", na linha seguinte, encontrava-se, antes de 1911, "por essa razão".

2. Uma proeza igual foi realizada pouco tempo depois num sonho da avó dessa menina (suas idades somavam mais ou menos setenta anos). Após ter sido obrigada a passar fome durante um dia em virtude da inquietação de seu rim ectópico, ela sonhou, evidentemente transferindo-se para o tempo feliz de sua juventude em flor, que tinha sido "convidada" para as duas refeições principais e que, ambas as vezes, recebera iguarias das mais deliciosas.

3. [Nota acrescentada em 1911:] Um estudo mais demorado da vida psíquica das crianças nos ensina, certamente, que forças instintuais sexuais, em configuração infantil, exercem um papel considerável, e durante muito tempo ignorado, na atividade psíquica da criança, e nos leva a duvidar em alguma medida da felicidade da infância, tal como é reconstruída posteriormente pelos adultos (cf. meus *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, 1905).

4. [Nota acrescentada em 1911:] Devo mencionar também que, em crianças pequenas, logo costuma haver sonhos mais complicados e menos transparentes e que, por outro lado, sonhos de caráter simples e infantil ocorrem frequentemente, em determinadas circunstâncias, também nos adultos. Os exemplos de minha *Análise da fobia de um garoto de cinco anos* (1909) e de Jung (1910) mostram como já podem ser ricos em conteúdo inesperado os sonhos de crianças entre quatro e cinco anos de idade. — Para a interpretação analítica de sonhos infantis, ver também Von Hug-Hellmuth (1911 e 1913), Putnam (1912), Van Raalte (1912), Spielrein (1913), Tausk (1913); e ainda outros em Bianchieri (1912), Busemann (1909 e 1910), Doglia e Bianchieri (1910-1) e especialmente Wiggam (1909), que ressalta a tendência à realização de desejos. Por outro lado, os sonhos de tipo infantil parecem retornar com frequência em adultos quando estes são postos em condições de vida incomuns. Em seu livro *Antarctic* (1904), Otto Nordenskjöld escreve sobre a tripulação que passava o inverno com ele (v. I, pp. 336 s.): "Muito característicos da direção de nossos pensamentos mais íntimos eram nossos sonhos, que nunca foram mais vívidos e numerosos do que então. Até mesmo aqueles dos nossos camaradas que, normalmente, sonhavam pouquíssimo contavam longas histórias, quando compartilhávamos de manhã as nossas últimas aventuras nesse mundo da fantasia. Todas elas tratavam daquele mundo externo, agora tão distante; muitas vezes, porém, eram adaptadas às nossas condições. Num sonho especialmente típico, um dos camaradas se viu transportado de volta para a escola, onde lhe foi atribuída a tarefa de tirar a pele de focas minúsculas, produzidas especificamente para a aula. A maioria dos nossos sonhos girava em torno de comer e beber. Um de nós, especializado em sonhar com banquetes, sempre se mostrava perfeitamente feliz quando podia relatar de manhã que ele havia 'feito uma refeição de três pratos'; outro sonhava com tabaco, montanhas de tabaco; outro, com o navio que se aproximava em águas abertas com o vento em popa. E ainda outro sonho merece ser mencionado: o carteiro vem com a correspondência e apresenta um longo discurso para explicar a

demora; ele teria feito uma entrega equivocada e conseguido recuperá-la apenas com grandes dificuldades. Naturalmente, nós nos ocupávamos de coisas ainda mais impossíveis no sono, mas a falta de imaginação em quase todos os sonhos que eu mesmo tive ou que me contaram era notável. Certamente seria de grande interesse psicológico se todos esses sonhos fossem registrados. Mas facilmente se compreenderá o quanto desejávamos o sono que nos oferecia tudo aquilo que cada um de nós ansiava ardentemente".

[Acrescentado em 1914:] Cito ainda, conforme Du Prel (1885, p. 231): "Mungo Park, morrendo de sede numa viagem na África, sonhava sem cessar com os vales e campos ricos em água de sua pátria. Trenck, torturado pela fome na Sternschanze em Magdeburgo, se viu cercado de comidas fartas, e George Back, membro da primeira expedição de Franklin, sonhou sempre e regularmente com refeições abundantes quando, após terríveis privações, se viu à beira da morte por desnutrição".

5. [Nota acrescentada em 1911:] Um provérbio húngaro, citado por Ferenczi, diz mais: "O porco sonha com bolotas; o ganso, com milho". [Acrescentado em 1914:] Um provérbio judeu diz: "Com que sonha a galinha? — Com milhete". Bernstein e Segel, 1908, p. 116.

6. [Nota acrescentada em 1914:] Está longe de mim afirmar que nenhum outro autor pensou em derivar um sonho de um desejo. (Cf. as frases iniciais do próximo capítulo.) Quem dá importância a tais prenúncios pode se referir, já na Antiguidade, ao médico Herófilo, que viveu sob o primeiro Ptolomeu e que, segundo Büchsenschütz (1868, p. 33), distinguiu três tipos de sonhos: os enviados por Deus; os naturais, que surgem quando a alma cria uma imagem daquilo que lhe é favorável e acontecerá; e os sonhos mistos, que surgem por si mesmos, pela aproximação de imagens quando vemos o que desejamos. J. Stärcke (1913) destaca da coletânea de sonhos de Scherner um sonho que o próprio autor caracteriza como realização de desejo (1861, p. 239). Scherner diz: "A imaginação satisfez o desejo desperto da sonhadora de imediato, simplesmente porque ele existia de forma vívida em seu espírito". Esse sonho se encontra entre os "sonhos de estado de ânimo" [*Stimmungsträume*]; próximo dele se acham sonhos de "anseios amorosos masculinos e femininos" e de "ânimo abatido". Como vemos, de forma alguma Scherner atribui aos desejos uma significação maior, para o sonho, de qualquer outro estado psíquico da vigília, muito menos estabelece um vínculo entre os desejos e a natureza do sonho.

IV. A DEFORMAÇÃO ONÍRICA

Se agora eu afirmar que a realização de desejos é o sentido de *todo* sonho, ou seja, que não podem existir senão sonhos de desejos, tenho certeza de que haverá a mais forte objeção. "O fato de haver sonhos que devem ser compreendidos como realizações de desejos não é novo", me dirão, "isso foi observado pelos estudiosos há muito tempo" (cf. Radestock, 1879, pp. 137-8; Volkelt, 1875, pp. 110-1; Purkinje, 1846, p. 456; Tissié, 1898, p. 70; M. Simon, 1888, p. 42, sobre os sonhos de fome do barão Trenck encarcerado, e a passagem em Griesinger, 1845, p. 89).[1] Mas dizer que não há senão sonhos de realização de desejos é uma generalização injustificada que, felizmente, é possível refutar com facilidade. Pois ocorrem bastantes sonhos que revelam um conteúdo desagradável, mas nenhum traço de realização de desejo. O filósofo pessimista Eduard von Hartmann deve ser aquele que mais se distancia da teoria da realização de desejos. Em sua *Philosophie des Unbewussten* [Filosofia do inconsciente], afirma (1890, v. 2, p. 344): "No que diz respeito ao sonho, todas as labutas da vida de vigília são com ele transportadas para o estado de sono, exceto a única coisa que concilia em alguma medida o homem culto com a vida: o deleite científico e artístico". Mas também observadores menos insatisfeitos ressaltaram que dor e desprazer são mais frequentes no sonho que o prazer — como Scholz (1887, p. 33), Volkelt (1875, p. 80) e outros. De fato, as sras. Sarah Weed e Florence Hallam extraíram do estudo de seus sonhos uma expressão numérica para a predominância do desprazer nos sonhos (1896). Dizem que 57,2% dos sonhos são penosos, e apenas 28,6%, agradáveis. Existem, além desses sonhos, que dão continuidade aos vários sentimentos penosos da vida no sono, também os sonhos de angústia, nos quais somos abalados pelo mais terrível dos sentimentos de desprazer até acordarmos, e justamente as crianças, nas quais encontramos os sonhos de

desejos sem disfarce, são facilmente acometidas por esses sonhos de angústia (cf. Debacker, 1881, sobre o *pavor nocturnus*).

São justamente os sonhos de angústia que parecem inviabilizar e até mesmo marcar como absurda uma generalização da sentença que extraímos dos exemplos do capítulo anterior, segundo a qual o sonho seria uma realização de desejos.

Contudo, não é difícil rebater essas objeções aparentemente conclusivas. Basta observar que nossa teoria não se baseia na apreciação do conteúdo onírico manifesto; diz respeito, isto sim, ao conteúdo de pensamento que descobrimos por trás do sonho, mediante o trabalho interpretativo. Devemos contrapor *o conteúdo onírico manifesto* ao *conteúdo onírico latente*. É certo que existem sonhos cujo conteúdo manifesto é dos mais penosos. Mas alguém, alguma vez, tentou interpretar esses sonhos, desvelar os seus pensamentos latentes? Se não, as duas objeções já não nos atingem; permanece a possibilidade de que, após a interpretação, também sonhos penosos e de angústia se revelem como realizações de desejos.[2]

No trabalho científico, quando a solução de um problema apresenta dificuldades, é muitas vezes vantajoso acrescentar um segundo problema, assim como é mais fácil quebrar duas nozes juntas do que separadamente. Assim, vemo-nos não apenas diante da pergunta: "Como podem sonhos penosos e angustiados ser realizações de desejos?". Podemos também, a partir da discussão acima sobre o sonho, levantar uma segunda questão: "Por que os sonhos de conteúdo indiferente, que se revelam como realizações de desejos, não mostram esse seu sentido de forma transparente?". Tomemos o sonho da injeção de Irma, analisado minuciosamente; ele não é de natureza penosa, a interpretação o revela como evidente realização de desejo. Por que, então, se faz necessária uma interpretação? Por que o sonho não diz diretamente o que ele significa? A princípio, o sonho da injeção de Irma realmente não suscita a impressão de representar um desejo do sonhador como realizado. O leitor não deve ter tido essa impressão, nem eu mesmo o sabia antes de fazer a

análise. Se chamarmos esse comportamento do sonho (que exige uma explicação) de o *fato da deformação onírica*, isso suscita a segunda pergunta: O que provoca essa deformação onírica?

As primeiras coisas que nos vêm à mente trazem várias soluções possíveis. Pode-se imaginar, por exemplo, que durante o sono há uma incapacidade de dar expressão direta aos pensamentos oníricos. A análise de determinados sonhos, porém, nos obriga a cogitar outra explicação para a deformação do sonho. Quero demonstrar isso com a ajuda de um segundo sonho meu, que também requer algumas indiscrições, mas que recompensará esse sacrifício pessoal com um esclarecimento substancial do problema.

Relato preliminar

Na primavera de 1897, eu soube que dois professores da nossa universidade haviam sugerido meu nome para a posição de *professor extraordinarius*. Essa notícia foi uma surpresa e me alegrou vivamente, como expressão de um reconhecimento — inexplicável pelas relações pessoais — por parte de dois homens excelentes. No entanto, logo me lembrei de que não deveria nutrir nenhuma expectativa quanto a isso. Nos últimos anos, o ministério havia desconsiderado sugestões desse tipo, e vários colegas, que haviam acumulado mais anos de serviço e cujos méritos eram, no mínimo, equivalentes aos meus, esperavam em vão a sua nomeação. Eu não tinha motivos para acreditar que seria mais sortudo. Decidi, então, resignar-me. Pelo que sei, não sou ambicioso, exerço minha atividade médica com êxitos satisfatórios, sem que um título recomende meu trabalho. De resto, não importava se eu declarasse que as uvas eram doces ou azedas, pois, sem dúvida, estavam fora do meu alcance.

Certa noite, recebi a visita de um colega que era meu amigo, um daqueles cuja vicissitude eu tomara como advertência. Havia muito tempo candidato à promoção a professor, algo que, na nossa sociedade, torna o médico um semideus aos olhos dos seus pacientes, e menos resignado do que eu, ele costumava apresentar-se de

tempos em tempos nos escritórios do alto ministério com a intenção de avançar a sua causa. Ele me procurou após uma dessas visitas. Contou que, dessa vez, colocara o distinto senhor contra a parede e lhe perguntara diretamente se o atraso de sua nomeação se devia realmente a ressalvas de natureza confessional.[a] A resposta foi que, realmente — em vista das tendências atuais —, Sua Excelência não se via em condições etc. "Agora, sei pelo menos em que situação me encontro", assim encerrou meu amigo a sua narrativa — que nada me trouxe de novo, apenas reforçou a minha resignação, pois as mesmas objeções confessionais se aplicam a meu caso.

Na madrugada após essa visita, tive o seguinte sonho, notável também em sua forma. Ele consistia em dois pensamentos e duas imagens, de modo que os pensamentos e as imagens se revezavam. Mas relato apenas a primeira metade do sonho, pois a segunda nada tem a ver com o propósito a que serve a comunicação do sonho.

I. [...] *o amigo R. é meu tio. — Tenho por ele uma grande afeição.*

II. Vejo seu rosto à minha frente, um pouco alterado. Parece alongado, tem uma barba dourada, que se destaca de modo especialmente nítido.

Seguem então as duas outras partes, um novo pensamento e uma imagem, que ignoro aqui.

A interpretação desse sonho ocorreu da seguinte forma. Quando me lembrei dele durante a manhã, ri e disse: "O sonho é um absurdo". No entanto, não consegui livrar-me dele, e me perseguiu durante todo o dia, até que, à noite, finalmente me repreendi: "Se um de seus pacientes, ao interpretar um sonho, dissesse apenas: 'É um absurdo', você o repreenderia e suspeitaria que por trás do sonho se escondia alguma história desagradável, de que ele preferia não tomar conhecimento. Proceda de forma igual consigo mesmo; sua opinião de que o sonho é um absurdo nada mais é do que uma resistência interna à interpretação do sonho. Não permita que isso o detenha". Dediquei-me então à interpretação.

"*R. é meu tio*." O que isso pode significar? Eu tive um só tio, o tio Josef.[3] Este, porém, teve uma história triste. Certa vez, já se passaram mais de trinta anos, ele se deixou levar pela ganância e praticou um ato que a lei castiga severamente, e ele realmente acabou tendo seu castigo. Meu pai, cujos cabelos se tornaram grisalhos em poucos dias, devido à preocupação, costumava dizer que o tio Josef não era uma pessoa má, mas sim um imbecil; estas eram suas palavras. Se, então, meu amigo R. é meu tio Josef, o que quero dizer é: R. é um imbecil. Difícil de acreditar e muito desagradável! Mas aí está aquele rosto que vejo no sonho, com seus traços alongados e a barba dourada. Meu tio tinha, de fato, um rosto assim, alongado e emoldurado por uma linda barba loura. Os cabelos de meu amigo R. eram de um preto intenso, mas quando uma pessoa de cabelos pretos começa a ficar grisalha, ela paga o preço pelo esplendor de sua juventude. Fio por fio, sua barba preta sofre uma desagradável transformação de cores; primeiro, passa por um marrom avermelhado, depois, por um marrom amarelado, para apenas então se tornar definitivamente grisalho. É nesse estado que a barba do meu amigo R. se encontra no momento; e, falando nisso, também a minha, como observo com desgosto. O rosto que vejo no sonho é, ao mesmo tempo, o rosto do meu amigo R. e o do meu tio. Ele se parece com uma das fotografias sobrepostas de Galton, que, para identificar semelhanças entre parentes, fotografou vários rostos com a mesma chapa. Portanto, não resta dúvida: eu realmente acredito que R. é um imbecil — igual ao meu tio Josef.

Ainda não imagino com que finalidade estabeleci esse vínculo, ao qual sinto necessidade de me opor. A relação entre os dois não pode ser muito profunda, pois meu tio foi um delinquente; meu amigo R., porém, é irrepreensível, recebeu apenas uma multa por ter atropelado um aprendiz com a bicicleta. Estaria eu me referindo a esse malfeito? Isso significaria ridicularizar a comparação. Então, lembro-me de outra conversa que, poucos dias atrás, tive com meu colega N. sobre o mesmo tema. Encontrei N. na rua; ele também foi indicado para professor e, tendo

conhecimento do meu preito, me parabenizou. Recusei firmemente seus parabéns: "Justamente o senhor não deveria brincar com isso, pois experimentou por si próprio o valor dessa indicação". Ele respondeu, provavelmente sem muita seriedade: "Nunca se sabe. Pois existe um argumento especial contra mim. O senhor não sabe que, certa vez, uma pessoa me denunciou aos tribunais? Não preciso lhe dizer que a investigação foi arquivada; tratava-se de uma infame tentativa de extorsão; tive ainda o trabalho de salvar a própria denunciante de seu castigo. Mas é possível que o ministério use essa ocorrência como argumento para não me nomear. O senhor, porém, é idôneo". Aí está o meu criminoso, mas também, ao mesmo tempo, a interpretação e tendência do meu sonho. Meu tio Josef representa os dois colegas não nomeados, um como tolo, o outro como delinquente. Conheço agora também o propósito dessa representação. Se as objeções "confessionais" foram decisivas para o atraso na nomeação dos meus amigos R. e N., a minha nomeação também está ameaçada; se, porém, eu puder atribuir a outros motivos a rejeição dos dois, razões que não me dizem respeito, a minha esperança permanece intacta. E é assim que procede o meu sonho; faz de um deles, R., um imbecil; do outro, N., um delinquente; eu não sou um nem outro; nossos pontos em comum estão anulados, posso esperar a minha nomeação como professor e esquivei-me da aplicação penosa que eu deveria ter feito à minha própria pessoa, com base no que o alto funcionário havia informado a R.

Devo prosseguir na interpretação deste sonho. Sinto que ele ainda não foi resolvido satisfatoriamente, e continua me inquietando a facilidade com que diminuo dois colegas respeitados para desobstruir meu caminho ao título de professor. A insatisfação com meu procedimento, porém, já se atenuou desde que sei que valor atribuir às afirmações feitas no sonho. Eu negaria diante de qualquer um que realmente julgo R. um imbecil e que não acredito na explicação de N. sobre aquele caso de extorsão. Também não creio que Irma tenha adoecido gravemente devido a uma infecção causada por Otto com o preparado de propil; num e noutro

caso, é apenas meu *desejo de que as coisas sejam assim* que o sonho expressa. A afirmação na qual meu desejo se realiza parece menos absurda no segundo sonho do que no primeiro; utiliza habilmente pontos de contato reais, como uma calúnia bem-feita, que "contém algo", pois um professor da faculdade votara contra o amigo R. naquele tempo, e o próprio amigo N. me forneceu, ingenuamente, o material para sua difamação. Mesmo assim, repito, parece-me que o sonho precisa de esclarecimento adicional.

Recordo-me agora que o sonho continha outro elemento que a interpretação ainda não levou em consideração. Após descobrir que R. é meu tio, sinto no sonho um afeto caloroso por ele. De onde vem esse sentimento? É claro que jamais senti calorosa afeição pelo meu tio Josef. O amigo R. me é caro e querido há anos, mas se eu o procurasse e expressasse minha simpatia em palavras correspondentes ao grau de meu afeto no sonho, ele, sem dúvida alguma, ficaria surpreso. Meu afeto por ele me parece falso e exagerado, semelhante à minha avaliação de suas qualidades intelectuais, que expresso por meio da fusão de sua personalidade com a do tio; mas exagerado no sentido contrário. Porém agora percebo outra coisa. O afeto do sonho não pertence ao conteúdo latente, ao pensamento por trás do sonho, é o contrário desse conteúdo; serve para ocultar o conhecimento da interpretação do sonho. É provável que justamente essa seja sua função. Lembro-me da resistência que tive de superar para fazer a interpretação do sonho, o quanto quis adiá-la, afirmando que ele era um absurdo. Meus tratamentos psicanalíticos me ensinaram como esse tipo de juízo de reprovação precisa ser interpretado. Ele não possui valor explicativo, é apenas uma manifestação de afeto. Quando minha filha pequena não gosta de uma maçã que lhe foi oferecida, ela diz que a maçã é amarga antes mesmo de prová-la. Quando meus pacientes se comportam como minha pequenina, sei que se trata de uma representação que eles querem *reprimir*. O mesmo vale para meu sonho. Não quero interpretá-lo porque a interpretação contém algo ao qual me oponho. Após realizar a interpretação do sonho, descubro contra o que eu havia me

oposto; tratava-se da insinuação de que R. é um imbecil. Não posso remeter o carinho que sinto por R. aos pensamentos oníricos latentes, mas sim a essa relutância minha. Se, em comparação com seu conteúdo latente, o sonho deforma esse ponto e o transforma em seu contrário, o afeto manifesto no sonho serve a essa deformação ou, em outras palavras, a *deformação* se revela aqui como intencional, como meio de *dissimulação*. Meus pensamentos oníricos contêm uma desfeita contra R.; para que eu não a perceba, insere-se no sonho seu oposto, um sentimento afetuoso por ele.

Isso pode ser uma descoberta de validade geral. Como mostraram os exemplos do capítulo III, existem sonhos que são realizações não veladas de desejos. Quando a realização de desejos é irreconhecível e disfarçada, deve existir uma tendência à defesa contra esse desejo e, devido a essa defesa, o desejo não consegue se expressar senão como deformação. Tentarei encontrar um paralelo na vida social para essa ocorrência na vida psíquica interior. Onde encontramos na vida social uma deformação semelhante de um ato psíquico? Apenas na relação entre duas pessoas, em que uma delas possui certo poder e a outra tem de considerar esse poder. Essa segunda pessoa deforma seus atos psíquicos, ou, como podemos dizer também, ela *dissimula* determinada postura. A cortesia que pratico todos os dias é, em boa parte, uma dissimulação dessas; quando interpreto meus sonhos para o leitor, sou obrigado a recorrer a esse tipo de deformação. O poeta também se queixa de ser forçado a tal deformação:

> *O melhor que és capaz de saber,*
> *não podes contar aos meninos.*[b]

Em situação semelhante se acha o escritor político que precisa dizer verdades desagradáveis aos poderosos. Se ele as manifestar abertamente, o poderoso reprimirá sua declaração — posteriormente, caso se trate de uma declaração oral, e preventivamente, caso ele pretenda manifestá-la por via impressa. Esse escritor

teme a censura, por isso abranda e deforma a expressão de sua opinião. Dependendo da força e sensibilidade dessa censura, ele se vê obrigado a apenas evitar determinadas formas de ataque ou a recorrer a alusões no lugar de designações diretas, ou a ocultar sua mensagem escandalosa por trás de um disfarce aparentemente inofensivo; ele pode, por exemplo, falar sobre conflitos entre dois mandarins do Reino do Centro, mas tendo em vista os funcionários públicos de sua pátria. Quanto mais rigorosa for a atuação da censura, mais elaborado será o disfarce, mais engenhosos serão os recursos com os quais os leitores serão postos na trilha do significado verdadeiro.[4]

A concordância detalhada que pode ser estabelecida entre os fenômenos da censura e da deformação onírica nos permite presumir condições semelhantes para ambas. Então é lícito supor dois poderes (correntes, sistemas) psíquicos como autores da configuração onírica no indivíduo, um dos quais forma o desejo expresso pelo sonho, enquanto o outro exerce uma censura sobre esse desejo onírico e, por meio dela, o obriga a deformar sua expressão. Resta perguntar em que consiste o poder dessa segunda instância, que a autoriza a exercer sua censura. Se lembrarmos que os pensamentos latentes do sonho permanecem inconscientes antes da análise, mas que o conteúdo manifesto deles oriundo é lembrado de forma consciente, é plausível supor que o privilégio da segunda instância consiste justamente em permitir o acesso à consciência. Nada do primeiro sistema poderia chegar à consciência sem antes passar pela segunda instância, e esta nada deixaria passar sem exercer seus direitos e efetuar as alterações aceitáveis no candidato à consciência. Nisso revelamos uma concepção bem específica da "natureza" da consciência; tornar-se consciente é, para nós, um ato psíquico especial, diferente e independente do processo de ser colocado ou representado, e a consciência se apresenta a nós como um órgão sensorial que se apercebe de um conteúdo de outra proveniência. Podemos demonstrar que a psicopatologia simplesmente não pode prescindir dessas

suposições fundamentais. Faremos uma apreciação mais detalhada disso em outro momento.

Se me atenho à ideia das duas instâncias psíquicas e de suas relações com a consciência, há uma analogia completa, na vida política humana, para a extraordinária afeição que tenho no sonho pelo meu amigo R., que a interpretação tanto deprecia. Coloco-me na situação de um Estado em que um governante cioso de seu poder luta com uma opinião pública agitada. O povo se revolta contra um funcionário que lhe desagrada e exige sua demissão; para mostrar que não tem de ceder à vontade popular, o soberano concede ao funcionário uma alta distinção justamente quando não há motivo para fazê-lo. Da mesma forma, minha segunda instância, que controla o acesso à consciência, homenageia meu amigo R. demonstrando afeto exagerado, porque impulsos de desejo do primeiro sistema, por um interesse peculiar a que se apegam no momento, querem xingá-lo de imbecil.[5]

Talvez isso nos leve a pensar que a interpretação dos sonhos pode nos fornecer, sobre a estrutura do nosso aparelho psíquico, esclarecimentos que até agora esperamos, em vão, receber da filosofia. No entanto, não seguiremos essa trilha; antes retornaremos, tendo explicado a deformação onírica, para o nosso problema inicial. Perguntamos como os sonhos de conteúdo penoso podem ser resolvidos como realizações de desejos. Vemos agora que isso é possível quando ocorre uma deformação do sonho, quando o conteúdo penoso serve apenas de disfarce para um conteúdo desejado. Levando em conta as nossas suposições sobre as duas instâncias psíquicas, podemos dizer agora que os sonhos penosos realmente contêm algo que é penoso para a segunda instância, mas que, ao mesmo tempo, realiza um desejo da primeira instância. São, portanto, sonhos de desejo na medida em que todo sonho parte da primeira instância; a segunda se comporta em relação ao sonho apenas de modo defensivo, não criativo.[6] Se nos limitarmos a uma avaliação daquilo que a segunda instância contribui para o sonho, jamais compreenderemos o sonho. Persistiriam todos os enigmas observados no sonho pelos autores.

A suspeita de que o sonho realmente possui um sentido secreto, que constitui a realização de um desejo, é algo que precisa, em todos os casos, ser demonstrado pela análise. Por isso, selecionei alguns sonhos de conteúdo penoso para tentar sua análise. São, em parte, sonhos de pacientes histéricos, que exigem um longo preâmbulo e, às vezes, uma incursão nos processos psíquicos da histeria. Mas não posso evitar essa dificuldade na apresentação.

Quando assumo o tratamento analítico de um psiconeurótico, seus sonhos se tornam, como já mencionei, tema regular das nossas conversas. Tenho de lhe dar todos os esclarecimentos psicológicos mediante os quais eu próprio cheguei à compreensão de seus sintomas, e assim me exponho a uma crítica tão implacável quanto a que esperaria dos meus colegas. Com grande regularidade, meus pacientes fazem objeção à tese de que todos os sonhos seriam realizações de desejos. Seguem alguns exemplos de sonhos que me são apresentados como prova contrária.

"O senhor sempre afirma que o sonho é um desejo realizado", começa uma paciente espirituosa. "Quero contar-lhe um sonho cujo conteúdo consiste justamente no fato de um desejo *não* ser realizado. Como o senhor harmoniza isso com a sua teoria? O sonho é o seguinte:

"*Pretendo oferecer um jantar, no entanto, nada tenho em casa além de um pouco de salmão defumado. Penso em fazer compras, mas me lembro de que é uma tarde de domingo, quando todas as lojas estão fechadas. Pretendo então ligar para alguns fornecedores, mas o telefone está com defeito. Assim, sou obrigada a desistir do meu desejo de oferecer um jantar.*"

Naturalmente, respondo que apenas a análise poderá decidir sobre o sentido do sonho, mesmo reconhecendo que, à primeira vista, ele se apresenta como sensato e coerente e aparenta ser o oposto de uma realização de desejos. "Qual foi o material do qual surgiu este sonho? A senhora sabe que o estímulo para um sonho sempre parte dos eventos do dia anterior."

Análise

O marido da paciente, um açougueiro atacadista, honesto e trabalhador, lhe explicou na véspera que estava engordando demais e que, por isso, iniciaria uma dieta. Pretendia levantar cedo, fazer exercícios e manter uma dieta rigorosa e, sobretudo, não aceitar mais nenhum convite para jantares. — Rindo, ela conta que seu marido conhecera um pintor em seu restaurante preferido, que insistiu em retratá-lo, pois jamais havia encontrado uma cabeça tão expressiva. Com seu jeito rude, porém, o marido agradeceu, afirmando ter certeza de que o pintor preferiria um pedaço do traseiro de uma bela moça ao seu rosto inteiro.[7] A paciente continuou dizendo que agora estava muito apaixonada por seu marido e que brincava muito com ele. Também lhe pediu que não a presenteasse com caviar. — O que significa isso?

Há muito tempo, ela deseja comer toda manhã um pãozinho com caviar, no entanto, não se permite esse gasto. É claro que receberia o caviar imediatamente de seu marido, se lhe pedisse. Preferiu, porém, pedir que não lhe desse o caviar, para poder continuar a brincar com isso.

(Essa explicação me parece pouco crível. Por trás desse tipo de informação insatisfatória costumam se esconder motivações não admitidas. Basta lembrar os hipnotizados de Bernheim, que executam uma tarefa pós-hipnótica e, quando indagados sobre suas motivações, não respondem: "Não sei por que fiz aquilo"; antes se veem obrigados a inventar uma justificativa insuficiente. Algo semelhante deve estar acontecendo com o caviar da minha paciente. Percebo que ela é forçada a criar um desejo não realizado em sua vida. Seu sonho mostra também a renúncia ao desejo como tendo ocorrido. Para que, porém, ela precisa de um desejo não realizado?)

Aquilo que lhe veio à mente até agora não basta para a interpretação do sonho. Insisto em saber mais. Após uma breve pausa, que corresponde ao tempo necessário para vencer uma resistência, ela relata que ontem fez uma visita a uma amiga da

qual sente bastante ciúme, pois seu marido sempre a elogia muito. Felizmente, essa amiga é magra e seca, e o marido da sonhadora é amante de corpos mais rechonchudos. Sobre o que falou essa amiga magra? Evidentemente sobre seu desejo de ganhar algum peso. Ela também lhe perguntou: "Quando vocês nos convidarão novamente? Sua comida é sempre tão gostosa".

Agora o sentido do sonho está claro. Posso dizer à paciente: "É como se a senhora, ao ouvir isso, tivesse pensado: 'É claro que vou convidá-la, para que você possa engordar e agradar ainda mais ao meu marido. Prefiro não oferecer mais nenhum jantar'. O sonho lhe diz então que a senhora não pode oferecer um jantar, ou seja, ele realiza seu desejo de não contribuir para o enchimento das formas físicas de sua amiga. A intenção de seu marido, de não participar mais de jantares para emagrecer, lhe diz que as coisas oferecidas nos eventos sociais engordam". Falta agora apenas alguma coincidência que confirme essa solução. E também não explicamos ainda o salmão defumado no conteúdo do sonho. "De onde surgiu o salmão mencionado no sonho?" "Salmão defumado é o alimento preferido dessa amiga", ela responde. Por acaso, conheço essa senhora e posso confirmar que ela não se permitiria o salmão, assim como a minha paciente não se permite o caviar.

O mesmo sonho admite outra interpretação mais sutil, que se torna necessária por uma circunstância secundária. As duas interpretações não se contradizem, antes se sobrepõem, oferecendo um belo exemplo da ambiguidade comum dos sonhos e todas as demais formações psicopatológicas. Ouvimos que a paciente, com seu sonho da renúncia a um desejo, se empenhou em satisfazer um desejo negado na realidade (o pãozinho de caviar). Também a amiga havia manifestado um desejo, o de engordar, e não nos surpreenderíamos se minha paciente tivesse sonhado que o desejo da amiga não se realizou. Pois seu próprio desejo é que um desejo da amiga — o de ganhar peso — não se realize. O sonho adquire uma nova interpretação se nele ela se refere não a si mesma, mas à amiga, se se coloca no lugar da amiga ou, como podemos dizer, se se *identifica* com ela.

Acredito que foi isso mesmo o que ela fez, e como indício dessa identificação ela reproduziu esse desejo negado na realidade. Qual é, porém, o sentido da identificação histérica? O esclarecimento dessa questão exige uma exposição mais minuciosa. Para o mecanismo dos sintomas histéricos, a identificação é um elemento de grande importância; é por meio dela que os doentes conseguem expressar em seus sintomas as vivências de um grande número de pessoas, não só as próprias; eles sofrem, em certo sentido, por toda uma multidão e executam todos os papéis de um espetáculo com seus próprios recursos pessoais. Alguns objetarão que isso é a conhecida imitação histérica, a capacidade dos histéricos de imitar todos os sintomas que os impressionam em outras pessoas, uma empatia, por assim dizer, intensificada ao ponto da reprodução. Isso, porém, designa apenas o caminho pelo qual ocorre o processo psíquico na imitação histérica; outra coisa é o ato psíquico que percorre esse caminho. Ele é um pouco mais complicado do que a imitação dos histéricos, tal como a costumamos imaginar; corresponde a um processo de inferência inconsciente, como mostrará um exemplo. O médico que tem uma paciente com determinado tipo de espasmo, num quarto com outras pacientes, não se mostra surpreso quando, certa manhã, descobre que essa crise histérica específica está sendo imitada pelas outras. Ele diz simplesmente: "As outras a viram e imitaram; é uma infecção psíquica". Sim, mas a infecção psíquica transcorre mais ou menos da seguinte forma. As pacientes costumam saber mais sobre as outras do que o médico sabe sobre cada uma, e se preocupam umas com as outras após a visita médica. Uma delas sofre uma crise hoje; logo as outras descobrem que a causa foi uma carta de sua família, o reavivamento de um desgosto amoroso ou algo parecido. Isso provoca sua empatia, e ocorre nelas a seguinte inferência, que não se torna consciente: "Se essa causa pode provocar esse tipo de crise, também posso ter esse tipo de crise, pois tenho os mesmos motivos". Se essa inferência fosse capaz de chegar à consciência, talvez resultasse no *medo* de sofrer a mesma crise; mas ela ocorre em outro terreno psíquico, terminando assim na realização do sintoma

temido. A identificação não é, portanto, simples imitação, mas *apropriação* com base na mesma pretensão etiológica; expressa um "igual a" e remete a algo em comum que permanece no inconsciente.

Na histeria, a identificação é usada, na maioria das vezes, para expressar um elemento sexual comum. A paciente histérica se identifica em seus sintomas mais facilmente — ainda que não exclusivamente — com pessoas com as quais ela teve relações sexuais ou com aquelas que mantêm relações sexuais com essas mesmas pessoas. A linguagem também leva isso em conta. Dois amantes são "um". Para que a identificação ocorra, basta, tanto na fantasia histérica quanto no sonho, pensar em relações sexuais, sem que estas precisem ser reais. A paciente segue, portanto, apenas as regras dos pensamentos histéricos quando expressa o ciúme que sente da amiga (que ela mesma reconhece como injustificado), colocando-se no sonho em seu lugar e identificando-se com ela por meio da criação de um sintoma (o desejo negado). Também se pode enunciar o processo verbalmente da seguinte forma: no sonho, ela toma o lugar da amiga, porque esta toma seu lugar com seu marido, porque ela deseja ocupar o lugar que a amiga tem na estima do seu marido.[8]

De modo mais simples, mas seguindo o mesmo esquema segundo o qual a não realização de um desejo significa a realização de outro, dissolveu-se também a objeção à minha teoria dos sonhos em outra paciente, a mais espirituosa entre todas as minhas sonhadoras. Certo dia, eu lhe expliquei que o sonho é uma realização de desejos; no dia seguinte, ela me trouxe um sonho *no qual ela viaja com sua sogra para um retiro no campo*. Eu sabia que ela havia resistido muito à ideia de passar o verão na companhia da sogra, sabia também que ela havia conseguido fugir da companhia temida alugando um refúgio no campo muito distante da residência da sogra. Agora, o sonho anulava essa solução desejada; não era isso a mais absoluta contradição à minha teoria da realização de desejos por meio do sonho? Certamente, basta tirar a conclusão lógica desse sonho para chegar à sua interpretação. De acordo com ele, eu estava enganado; era, portanto, *seu desejo que*

eu estivesse enganado, e seu sonho realizou este desejo. Seu desejo de que eu estivesse enganado, que se realizou no tema da estadia no campo, na verdade se referia a um objeto diferente e mais sério. Na mesma época e com base no material produzido pela análise, eu havia deduzido que, em determinado período de sua vida, havia ocorrido algo relevante para o seu adoecimento. Ela o negava, pois nada encontrava em sua memória. Logo descobrimos que eu estava certo. Seu desejo de que eu estivesse enganado, transformado no sonho em que ela viaja para o campo com sua sogra, correspondia então ao desejo justificado de que aquelas coisas, das quais apenas suspeitávamos na época, não tivessem acontecido.

Sem análise, apenas mediante uma suspeita, permiti-me interpretar uma pequena experiência de um amigo que, durante oito anos, havia sido meu colega na escola. Certa vez, ele ouviu uma palestra minha, apresentada a um pequeno círculo, sobre a novidade de que o sonho é uma realização de desejos. Ele voltou para casa, sonhou que *tinha perdido todos os seus processos* — ele era advogado — e se queixou disso a mim. Eu tentei me salvar com a desculpa: "Não se pode ganhar todos os processos", mas pensei comigo mesmo: "Se durante oito anos ocupei um lugar na primeira fila como o melhor da turma, enquanto ele ficava trocando de lugar no meio da sala, será que persistia daqueles anos de infância o desejo de que eu também me expusesse à reprovação uma vez na vida?".

Outro sonho de caráter mais sombrio também me foi contado por uma paciente como objeção à teoria do sonho de desejos. A paciente, uma mulher jovem, começou: "O senhor se lembra de que minha irmã agora só tem um filho, o Karl; Otto, o mais velho, morreu quando eu ainda morava em sua casa. Otto era meu querido, eu praticamente o criei. Gosto também do pequeno, mas naturalmente não tanto quanto do falecido. Sonho então, nesta noite, que *vejo Karl morto, deitado na minha frente. Ele está em seu pequeno caixão, as mãos dobradas, velas em volta, ou seja, exatamente como o pequeno Otto na época, cuja morte me abalou tanto*. Agora,

diga-me, o que isso significa? O senhor me conhece; seria eu uma pessoa tão ruim a ponto de desejar à minha irmã a perda do único filho que ainda lhe resta? Ou significaria o sonho que eu preferiria que Karl tivesse morrido no lugar de Otto, que eu amava muito mais?".

Eu lhe garanti que podíamos descartar essa segunda interpretação. Após uma breve reflexão, pude comunicar-lhe a interpretação correta do sonho, que ela então confirmou. Consegui fazer isso porque conhecia toda a história da sonhadora.

Órfã desde cedo, ela havia sido criada na casa da irmã bem mais velha, e conheceu entre os amigos e visitantes da casa também o homem que deixou uma impressão duradoura em seu coração. Durante algum tempo, tudo indicava que esse relacionamento praticamente não verbalizado terminaria em casamento, mas esse final feliz foi frustrado pela irmã, cujas motivações nunca foram plenamente esclarecidas. Depois da ruptura, o homem amado passou a evitar a casa; algum tempo após a morte do pequeno Otto, que passara a ser o objeto de seu afeto, ela se tornou independente. No entanto, não conseguiu libertar-se da dependência em que caíra devido à afeição pelo amigo da irmã. Seu orgulho a orientou a evitá-lo; no entanto, não conseguiu transferir seu amor para os outros pretendentes que apareceram em seguida. Quando o homem amado, que pertencia à classe dos escritores, anunciava uma palestra em algum lugar, ela se fazia presente entre os ouvintes, e não perdia uma oportunidade de vê-lo de longe em outros locais. Eu me lembrei de que, na véspera, ela me contara que o professor pretendia ir a um concerto e que ela também pensava em ir para novamente ter a alegria de vê-lo. Isso foi no dia anterior ao sonho; o concerto aconteceria no dia em que ela me contou o sonho. Assim, foi fácil elaborar a interpretação correta, e eu lhe perguntei se ela se lembrava de algum evento que transcorrera após a morte do pequeno Otto. Imediatamente, ela respondeu: "Certamente, na época, o professor retornou após uma longa ausência, e eu o vi de novo junto ao caixão do pequeno Otto". Era exatamente o que eu havia esperado. Assim, interpretei o sonho da seguinte forma:

"Se o outro garoto morresse agora, o mesmo se repetiria. A senhora passaria o dia com sua irmã, o professor certamente viria para oferecer seus pêsames, e a senhora o veria nas mesmas circunstâncias de então. O sonho nada mais significa do que esse seu desejo de revê-lo, contra o qual a senhora luta internamente. Sei que tem em sua bolsa a entrada para o concerto de hoje. Seu sonho é um sonho de impaciência, ele antecipou em algumas horas o reencontro que deve acontecer ainda hoje".

Para encobrir seu desejo, ela havia escolhido uma situação em que esse tipo de desejo costuma ser reprimido, uma situação em que o luto tanto nos domina que não pensamos em amor. Mesmo assim, é bem possível que também na situação real, fielmente copiada pelo sonho, ao lado do caixão do primeiro garoto tão amado por ela, ela não tenha conseguido suprimir o terno sentimento pelo visitante do qual sentira tamanha falta.

Teve explicação diferente um sonho similar de outra paciente, que na juventude se destacara pela espirituosidade e pelo ânimo alegre, e que ainda demonstrava essas qualidades pelo menos durante o tratamento. No contexto de um sonho mais extenso, essa senhora teve a impressão de ver diante de si sua única filha, de quinze anos, morta dentro de uma caixa. Ela se sentiu muito tentada a transformar essa visão onírica em objeção à teoria da realização de desejos; pressentiu, porém, que o detalhe da caixa apontava o caminho para outra interpretação do sonho.[9] Durante a análise, ela lembrou que, num encontro social na véspera, eles haviam conversado sobre a palavra inglesa "*box*" e sobre suas múltiplas traduções na língua alemã: *Schachtel* [caixa], *Loge* [camarote], *Kasten* [baú], *Ohrfeige* [bofetada] etc. A partir de outros elementos do sonho, conseguimos descobrir que ela havia adivinhado o parentesco entre a "*box*" inglesa e a "*Büchse*" [recipiente] alemã e então se lembrou de que a palavra "*Büchse*" era usada também como designação vulgar para o órgão genital feminino. Com alguma indulgência por seus conhecimentos de anatomia topográfica, pude então supor que a criança na "caixa" significava um fruto no

ventre materno. A essa altura, ela não negou que a imagem onírica realmente correspondia a um desejo seu. Como tantas mulheres jovens, ela não ficou muito feliz quando engravidou e confessou repetidas vezes o desejo de que a criança morresse em seu ventre; de fato, após um ataque de raiva durante uma cena violenta com o marido, ela começou a socar sua barriga para acertar a criança. A criança morta era, portanto, realmente uma realização de desejo, a realização, porém, de um desejo descartado quinze anos antes, e não devemos nos surpreender se a realização do desejo não é reconhecida após tanto tempo. Muito havia mudado nesse ínterim.

O grupo ao qual pertencem os dois últimos sonhos, que têm como teor a morte de entes queridos, será examinado mais uma vez quando considerarmos os sonhos típicos. Lá, poderei demonstrar com a ajuda de novos exemplos que, a despeito do conteúdo indesejado, todos esses sonhos devem ser interpretados como realizações de desejos. Devo o seguinte sonho não a um paciente, mas a um jurista inteligente, conhecido meu; foi-me contado com a intenção de impedir uma generalização apressada da minha teoria do sonho de desejos: "*Eu sonho*", relata meu informante, "*que chego à minha casa na companhia de uma senhora. Lá, encontramos uma carruagem fechada, um senhor se aproxima de mim, se identifica como agente da polícia e pede que eu o acompanhe. Peço que ele me conceda um tempo para resolver alguns assuntos*. O senhor acredita realmente que eu desejo ser preso?". — "Certamente não", preciso admitir. "O senhor sabe sob qual acusação o senhor foi preso?" — "Sim, acho que foi por infanticídio." — "Infanticídio? Mas o senhor sabe que esse crime só pode ser cometido por uma mãe contra seu recém-nascido?" — "Isso é correto."[10] — "E em que circunstâncias o senhor sonhou? O que ocorreu na noite anterior ao sonho?" — "Não quero falar sobre isso, trata-se de um assunto delicado." — "Mas devo insistir, senão temos que desistir da interpretação do sonho." — "Então, ouça. Passei a noite não em casa, mas na companhia de uma senhora que significa muito para mim. Quando acordamos de manhã, ocorreu novamente algo entre nós. Depois, adormeci e sonhei o que lhe contei." — "Trata-

se de uma mulher casada?" — "Sim." — "E o senhor não deseja gerar um filho com ela?" — "Não, não, isso nos denunciaria." — "Então o senhor não pratica o coito normal?" — "Eu tenho o cuidado de me retirar antes da ejaculação." — "Posso supor que o senhor executou essa proeza várias vezes naquela noite e, após a repetição na manhã, não teve certeza absoluta de que foi bem-sucedido?" — "É bem possível." — "Nesse caso, o seu sonho é a realização de um desejo. Ele o acalma dizendo que o senhor não gerou um filho ou, o que é praticamente a mesma coisa, que o senhor matou a criança. Posso demonstrar-lhe facilmente os elos intermediários. O senhor deve se lembrar de que, alguns dias atrás, conversamos sobre as dificuldades conjugais e sobre a incoerência de ser permitido segurar o coito de modo a impedir uma fertilização, enquanto toda intervenção, depois que óvulo e sêmen se uniram e formaram um feto, é punida como crime. Em seguida, lembramos a controvérsia medieval sobre o momento a partir do qual a alma passa a residir no feto, pois o conceito de assassinato se aplica só a partir desse momento. E certamente o senhor conhece também o poema lúgubre de Lenau, que equipara o infanticídio à prevenção da gravidez." — "Por acaso, pensei em Lenau esta manhã, curiosamente." — "Outro eco de seu sonho. E agora demonstrarei ainda a realização de um pequeno desejo secundário em seu sonho. O senhor chega à sua casa na companhia da dama. O senhor a *leva* para *casa*, quando, na realidade, o senhor passou a noite na casa dela. O fato de a realização do desejo, que representa o núcleo do sonho, se ocultar numa forma tão desagradável pode ter mais de uma razão. Em meu ensaio sobre a etiologia da neurose da angústia, o senhor veria que considero o *coitus interruptus* um dos elementos responsáveis pelo desenvolvimento da angústia neurótica. Isso condiz com o fato de que, após repetidos coitos desse tipo, permanece um sentimento desagradável que agora se insere como elemento na composição de seu sonho. O senhor recorre a esse mal-estar para encobrir a realização de seu desejo. Ainda não explicamos a menção do infanticídio. Como o senhor chegou a esse crime especificamente feminino?" — "Devo confessar-lhe

que, alguns anos atrás, eu me envolvi num assunto desse tipo. Eu era responsável pelo fato de uma moça tentar se proteger das consequências de uma relação comigo por meio de um aborto. Eu nada tinha a ver com a execução desse plano, no entanto, vivi bastante tempo na angústia compreensível de que isso fosse descoberto." — "Entendo. Essa lembrança lhe forneceu um segundo motivo para que lhe fosse penosa a suspeita de ter realizado mal sua manobra."

Um jovem médico, que me ouvira contar esse sonho numa conferência, sentiu-se tocado por ele, pois se apressou em usá-lo em seus sonhos, aplicando sua forma de pensamento a outro tema. Na véspera, ele entregara sua declaração de imposto de renda e o fizera de forma absolutamente honesta, pois pouco tinha a declarar. Então, sonhou que *um conhecido seu sai da reunião da comissão fiscal e lhe diz que nenhuma das outras declarações de imposto foi contestada, mas que a dele teria suscitado suspeitas generalizadas e que ele receberia uma elevada multa fiscal*. O sonho é uma realização do desejo mal disfarçado de ser visto como médico de renda alta. E ele lembra a famosa história daquela moça que recebeu o conselho de não aceitar o pedido de casamento de seu pretendente, porque ele era um homem colérico e certamente a espancaria, uma vez casados. A resposta da moça foi: "Que ele me espanque logo!". Seu desejo de se casar era tão intenso que estava disposta a aguentar as experiências desagradáveis previstas e até as via como desejáveis.

Os frequentes sonhos desse tipo, que parecem contradizer diretamente minha teoria, tendo como conteúdo a negação de um desejo ou a ocorrência de algo evidentemente indesejável, eu reúno sob a rubrica de "*sonhos de contradesejo*", e vejo que podem ser reduzidos a dois princípios, um dos quais ainda não foi mencionado, apesar de ter um papel importante na vida e nos sonhos das pessoas. Uma força motriz desses sonhos é o desejo de eu estar errado. Eles acontecem regularmente no curso de meus tratamentos, quando o paciente se acha em atitude de resistência em relação a mim, e posso ter certeza de que provocarei esse tipo de sonho quando explico ao paciente a teoria segundo a qual o sonho é a realização de

um desejo.[11] Tenho a expectativa, inclusive, de que o mesmo sucederá a alguns dos meus leitores; logo frustrarão um desejo no sonho, a fim de realizar o desejo de que eu esteja errado. O último sonho desse tipo que pretendo comunicar, de um paciente em tratamento, demonstra o mesmo. Uma moça que, a fim de continuar o tratamento comigo, lutou muito contra a vontade de seus familiares e das autoridades consultadas, sonha: *Em casa a proíbem de continuar a me ver. Então, ela apela a uma promessa que eu lhe fizera de, em caso de emergência, tratá-la de graça, e eu lhe digo: Em questões de dinheiro não posso fazer concessão.*

Realmente, não é fácil comprovar aqui a realização de um desejo, mas em todos os casos desse tipo encontramos, além desse enigma, ainda outro, cuja solução ajuda a solucionar o primeiro. De onde vêm as palavras que ela põe em minha boca? Evidentemente, jamais lhe disse qualquer coisa parecida, mas um de seus irmãos, e justamente aquele que exerce a maior influência sobre ela, teve a gentileza de dizer isso sobre mim. O sonho pretende então fazer com que o irmão esteja certo, e não só no sonho; isso é o conteúdo de sua vida e a razão de sua doença.

Um sonho[c] que, à primeira vista, apresenta os maiores desafios à teoria da realização de desejos foi tido e interpretado por um médico (August Stärcke, 1911): "*Vejo em meu indicador esquerdo um primeiro indício* [Primäraffekt] *de sífilis na última falange*". Talvez se desista da análise desse sonho, considerando que, fora o conteúdo indesejado, ele parece ser claro e coerente. No entanto, se nos dermos ao trabalho de analisá-lo, veremos que "afeto primário" deve ser equiparado a "*prima affectio*" (primeiro amor) e que a úlcera repugnante se revela, nas palavras de Stärcke, "como representante de realizações de desejos carregados de grande afeto".

O outro motivo[d] dos sonhos de contradesejo é tão evidente que facilmente corremos o perigo de ignorá-lo, como aconteceu comigo mesmo durante muito tempo. A constituição sexual de muitos seres humanos traz um componente masoquista que se desenvolve por meio da conversão do componente agressivo e

sádico em seu contrário. Essas pessoas são chamadas de masoquistas "ideais", quando procuram o prazer não na dor física imposta a elas, mas na humilhação e tortura psíquica. Compreendemos de imediato que podem ter sonhos de contradesejo e de desprazer, mas que nada mais são do que realizações de desejos para elas, a satisfação de suas tendências masoquistas. Incluo aqui um sonho desse tipo: um homem jovem que, em sua juventude, torturou muito o seu irmão mais velho, pelo qual sentia uma atração homossexual, tem agora, após uma profunda transformação de caráter, um sonho que consiste em três partes: *I. Como seu irmão mais velho o "espicaça". II. Como dois adultos se acariciam com intenções homossexuais. III. O irmão vendeu a empresa cuja direção ele reservava para o futuro*. Deste último sonho ele desperta com os sentimentos mais penosos; mesmo assim, trata-se de um sonho de desejos masoquistas, cuja tradução poderia ser: eu bem que mereceria se meu irmão realizasse a venda, como castigo por todas as torturas que aguentou de mim.

Espero que os exemplos acima bastem por ora — e até surgirem novas objeções — para tornar crível que também os sonhos com conteúdo penoso podem ser interpretados como realização de desejos.[12] Ninguém verá como acaso o fato de que, na interpretação desses sonhos, sempre deparamos com temas sobre os quais não gostamos de falar ou pensar. O sentimento penoso provocado por esse tipo de sonho deve ser simplesmente idêntico à aversão que pretende — na maioria das vezes com êxito — impedir-nos de tratar ou contemplar esses temas, e que precisa ser superada por cada um de nós quando nos vemos obrigados a abordá-los. Esse sentimento de desprazer que retorna no sonho não exclui, porém, a existência de um desejo; existem, em cada ser humano, desejos que ele prefere não comunicar a outros e desejos que ele próprio não quer admitir. Por outro lado, vemo-nos autorizados a estabelecer um vínculo entre o caráter de desprazer de todos esses sonhos e o fato da deformação do sonho, e a concluir que esses sonhos são tão deformados e a realização do desejo se disfarça neles a ponto de ficar irreconhecível

justamente porque existe uma aversão, uma intenção de reprimir o tema do sonho ou o desejo extraído dele. A deformação do sonho se revela, portanto, como um ato de censura realmente. Mas levaremos em conta tudo o que a análise dos sonhos de desprazer revelou se alterarmos a nossa fórmula, que pretende expressar a natureza do sonho, da seguinte forma: *O sonho é a realização* (*disfarçada*) *de um desejo* (*suprimido*, *reprimido*).[13]

Agora restam apenas os sonhos de angústia[e] como subtipo especial dos sonhos de conteúdo penoso, cuja interpretação como sonhos de desejos encontrará pouca aceitação entre as pessoas não esclarecidas. Mas posso lidar brevemente com os sonhos de angústia; não é um aspecto novo dos problemas oníricos que neles se manifesta; trata-se antes da compreensão da angústia neurótica em si. A angústia que sentimos no sonho apenas aparenta ser explicada pelo conteúdo do sonho. Quando submetemos o conteúdo do sonho à interpretação, percebemos que ele não justifica a angústia onírica melhor do que, por exemplo, a representação ligada à fobia justifica a angústia da fobia. É correto, por exemplo, que podemos cair de uma janela e por isso temos motivos para ter certos cuidados à janela, mas isso não explica por que, na respectiva fobia, a angústia é tão grande e persegue o paciente muito além do que suas causas justificariam. O mesmo esclarecimento mostra ser tão válido para a fobia quanto para o sonho de angústia. Nos dois casos, a angústia está apenas *juntada* à representação que a acompanha e provém de outra fonte.

Devido a essa ligação íntima entre a angústia do sonho e a angústia neurótica, preciso, na análise da primeira, remeter à segunda. Num pequeno ensaio sobre "A neurose de angústia" (1895), afirmei que a angústia neurótica provém da vida sexual e corresponde a uma libido desviada de sua destinação e que não chega a ser empregada. Desde então, essa fórmula tem se revelado cada vez mais sólida. Dela podemos deduzir a tese de que os sonhos de angústia são sonhos de conteúdo sexual, cuja libido foi transformada em angústia. Mais adiante teremos oportunidade de reforçar essa afirmação mediante a análise de alguns sonhos de

pacientes neuróticos. E, em minhas tentativas de me aproximar de uma teoria do sonho, voltarei a falar sobre os determinantes dos sonhos de angústia e sua compatibilidade com a teoria da realização de desejos.

---

1. [Nota acrescentada em 1914:] O neoplatônico Plotino já disse: "Quando o desejo é despertado, vem a fantasia e como que nos apresenta o objeto dele" (citado por Du Prel, 1885, p. 276).

2. [Nota acrescentada em 1909:] É inacreditável a obstinação com que leitores e críticos fecham os olhos a essa ponderação e ignoram a distinção fundamental entre os conteúdos oníricos manifesto e latente. — [Acrescentado em 1914:] Nenhuma das declarações expressas na literatura vem tão ao encontro dessa minha afirmação como uma passagem no ensaio "The Dream as a Revelation", de J. Sully (1893, p. 364), cujo mérito não pretendo menosprezar pelo fato de eu o mencionar apenas a esta altura: "*It would seem, then, after all, that dreams are not the utter nonsense they have been said to be by such authorities as Chaucer, Shakespeare and Milton. The chaotic aggregations of our night-fancy have a significance and communicate new knowledge*. Like some letter in cypher, the dream-inscription when scrutinized closely loses its first look of balderdash and takes on the aspect of a serious, intelligible message. or, to vary the figure slightly, we may say that, like some palimpsest, the dream discloses beneath its worthless surface-characters traces of an old and precious communication" [Então parece, afinal, que os sonhos não são o disparate completo que autoridades como Chaucer, Shakespeare e Milton dizem ser. As agregações caóticas do nosso capricho noturno têm um significado e comunicam um conhecimento novo. *Como uma carta criptografada, a inscrição onírica, quando esquadrinhada, perde a impressão inicial de ser um palavrório e assume o aspecto de uma mensagem séria e inteligível. Ou, para alterar um pouco a metáfora, podemos dizer que, como um palimpsesto, o sonho revela, sob seus caracteres inúteis na superfície, traços de uma comunicação antiga e preciosa*].

a. Ou seja, à sua ascendência judaica.

3. É notável como aqui a minha lembrança — em estado de vigília — se limita para os fins da análise. Conheci cinco dos meus tios, um dos quais eu amava e respeitava. No momento, porém, em que superei a resistência à interpretação do sonho, disse a mim mesmo: eu tive um só tio, aquele ao qual o sonho se refere.

b. No original: "*Das Beste, was du wissen kannst,/ darfst du den Buben doch nicht sagen*"; citação de Goethe, *Fausto*, parte I, cena 4.

4. [Nota acrescentada em 1919:] Em 1915, a dra. H. v. Hug-Hellmuth relatou um sonho que, talvez mais do que qualquer outro, é adequado para justificar a minha terminologia. Neste exemplo, a deformação dos sonhos recorre aos mesmos meios que a censura de cartas para apagar os trechos que lhe parecem inapropriados. A censura postal cobre essas passagens com tinta preta, tornando-as ilegíveis, a censura do sonho as substitui por um murmúrio incompreensível.

Para a compreensão do sonho seja dito que a sonhadora, uma senhora altamente respeitada e culta de cinquenta anos de idade, é viúva de um oficial de alta patente, que faleceu há mais ou menos doze anos, e mãe de filhos adultos, um dos quais se encontra no campo de batalha na época do sonho.

Segue, então, o sonho dos "serviços de amor". "Ela vai até o hospital nº 1 da guarnição e diz ao guarda no portão que precisa falar com o médico-chefe (ela menciona um nome que lhe é desconhecido), pois pretende oferecer seus serviços ao hospital. Ela ressalta a palavra 'serviços' de tal forma que o sargento percebe imediatamente que se trata de 'serviços de amor'. Visto que ela é uma mulher de idade avançada, ele a deixa passar apenas após alguma hesitação. No entanto, em vez de chegar ao médico-chefe, ela entra numa grande sala sombria, onde muitos oficiais e médicos militares estão sentados junto a uma longa mesa ou se encontram em pé ao redor dela. Ela se dirige, com sua proposta, a um médico do Estado-Maior, que a compreende após poucas palavras. No sonho, suas palavras são: 'Eu e numerosas outras mulheres e moças de Viena estamos dispostas a oferecer aos soldados, às tropas e aos oficiais, sem distinção, […]'. Segue aqui no sonho um murmúrio. O fato, porém, que este é compreendido por todos os homens presentes é demonstrado pelas expressões faciais, algumas embaraçadas e outras insolentes, dos oficiais. A senhora continua: 'Sei que nossa decisão parece estranha, mas é séria. Também não se pergunta ao soldado no campo de batalha se ele deseja morrer ou não'. Seguem minutos de silêncio embaraçoso. O médico do Estado-Maior coloca o braço em sua cintura e diz: 'Prezada senhora, suponhamos que realmente venha a acontecer […]' (murmúrio). Ela se solta de seu abraço, pensando: Eles são todos iguais, e responde: 'Meu Deus, sou uma mulher idosa e talvez nunca chegue a isso. Além disso, uma condição precisaria ser observada: a idade, para que uma mulher mais velha não […] (murmúrio) com um garoto jovem; isso seria terrível'. O médico do Estado-Maior: 'Entendo perfeitamente'. Alguns dos oficiais, entre eles também um que a cortejara na juventude, explodem em risada, e a dama deseja ser levada até o médico-chefe, para acertar todos os detalhes. Então, ela se lembra consternada de que não conhece seu nome. Mesmo assim, o médico do Estado-Maior a instrui educadamente e com muito respeito a subir por uma estreita escada de caracol feita de ferro, que leva diretamente da sala ao andar superior. Ao subir, ouve um oficial dizer: 'Que decisão tremenda, não importa se é jovem ou velha. Meu respeito!'.

"Com a sensação de estar simplesmente cumprindo sua obrigação, ela sobe a escada interminável.

"Esse sonho se repete duas vezes dentro de poucas semanas com — como observa a senhora — alterações completamente irrelevantes e desprovidas de sentido."

5. [Nota acrescentada em 1911:] Tais sonhos hipócritas não são ocorrências raras — nem em mim, nem em outros. Enquanto estava ocupado com certo problema científico, tive, durante várias noites e em sucessão rápida, um sonho levemente desconcertante, cujo teor era a reconciliação com um amigo de que me afastara havia muito tempo. Na quarta ou quinta vez, consegui finalmente entender o sentido desses sonhos. Era uma exortação a abandonar o último resto de consideração por aquela pessoa, a me libertar dela por completo, e havia se disfarçado de maneira hipócrita em seu contrário. Relatei um "sonho edipiano" hipócrita de uma pessoa, no qual os impulsos hostis e desejos de morte eram substituídos por afeição manifesta. ("Exemplo típico de um sonho edipiano mascarado" [1910; incorporado adiante, numa nota da seção E do cap. VI].) Outro tipo de sonho hipócrita será mencionado mais adiante (ver o capítulo VI, "O trabalho do sonho").

6. [Nota acrescentada em 1930:] Mais adiante veremos também casos em que, ao contrário, o sonho expressa um desejo dessa segunda instância.

7. Cf. a expressão "*dem Maler sitzen*" [literalmente: "sentar para o pintor", ou seja, "posar"] e os versos de Goethe: "Se ele não tem traseiro,/ como pode o nobre se sentar [*sitzen*]?".

8. Eu mesmo lamento a inserção desses exemplos da psicopatologia da histeria, que, devido à sua exposição fragmentária e por serem tirados de seu contexto, não podem ser muito esclarecedores. Se servirem para indicar as relações íntimas entre o tema do sonho e as psiconeuroses, terão cumprido o objetivo com o qual os inseri.
9. De modo semelhante ao salmão defumado, no sonho do jantar que não houve.
10. Ocorre com frequência que um sonho é relatado de forma incompleta e que apenas durante a análise ressurge a lembrança dessas partes excluídas do sonho. Essas partes inseridas depois fornecem regularmente a chave para a interpretação do sonho. Cf. adiante, sobre o esquecimento dos sonhos [cap. VII].
11. [Nota acrescentada em 1911:] Semelhantes "sonhos de contradesejo" me foram relatados várias vezes nos últimos anos por ouvintes de minhas palestras, em reação ao seu primeiro contato com a "teoria do desejo do sonho".
c. Parágrafo acrescentado em 1914.
d. Parágrafo acrescentado em 1909.
12. [Nota acrescentada em 1925:] Chamo atenção para o fato de que esse tema ainda não está encerrado e que trataremos dele mais adiante.
13. [Nota acrescentada em 1914:] Um dos grandes escritores vivos, que, como fui informado, nada quer saber de psicanálise e interpretação de sonhos, encontra uma fórmula quase idêntica para a natureza do sonho: "Surgimento indevido de desejos de anseios suprimidos sob nome e aparência falsos" (C. Spitteler, 1914, p. 1).

[Acrescentado em 1911:] Antecipando-me, cito aqui Otto Rank, que ampliou e modificou a fórmula básica acima: "O sonho apresenta normalmente como realizados, na base e com a ajuda de material infantil-sexual reprimido, desejos atuais e, em geral, também eróticos, de forma mascarada e com roupagem simbólica" (Rank, 1910).

[Acrescentado em 1925:] Em lugar algum eu disse que adotei essa fórmula de Rank. A versão mais sucinta apresentada no texto parece-me suficiente. Mas o fato de eu mencionar essa modificação de Rank já bastou para render à psicanálise a acusação, repetida inúmeras vezes, de que ela afirma que todos os sonhos têm conteúdo sexual. Se entenderem essa frase da maneira como deve ser entendida, ela apenas demonstra a escassa responsabilidade que os críticos costumam ter em sua função e com que facilidade os adversários gostam de ignorar as afirmações mais claras quando estas não se prestam à sua tendência agressiva, pois poucas páginas acima eu havia mencionado as múltiplas realizações de desejos nos sonhos infantis (fazer uma excursão por terra ou uma viagem marítima, recuperar uma refeição perdida etc.). Em outros lugares, tratei dos sonhos de fome, dos sonhos instigados pela sede, pelo estímulo à excreção, dos sonhos de comodidade. O próprio Rank não faz uma afirmação absoluta. Ele diz "e, em geral, também desejos eróticos", e isso é algo que podemos confirmar para a maioria dos sonhos dos adultos.

As coisas mudam se usarmos o termo "sexual" no sentido, hoje corriqueiro na psicanálise, de "Eros". Mas os adversários dificilmente tiveram em vista o interessante problema de se todos os sonhos são criados por forças instintuais "libidinais" (em oposição a "destrutivas").
e. O leitor deve ter presente, aqui e em outras passagens, que o termo alemão *Angst* pode significar tanto "angústia" como "medo".

V. O MATERIAL E AS FONTES DO SONHO

Quando a análise do sonho da injeção de Irma nos mostrou que o sonho é uma realização de desejos, o que cativou nosso interesse foi primeiro a questão de se descobríamos uma característica geral do sonho, e momentaneamente sufocamos qualquer outra curiosidade científica que tivesse sido despertada durante aquele trabalho interpretativo. Após termos alcançado nosso objetivo por uma via, podemos retornar e escolher outro ponto de partida para as nossas excursões pelos problemas do sonho, mesmo que, por algum tempo, percamos de vista o tema da realização de desejos, que, de forma alguma, está completamente esclarecido.

Graças à aplicação do nosso procedimento de interpretação dos sonhos, podemos descobrir um conteúdo onírico *latente*, muito mais relevante do que o conteúdo onírico *manifesto*. Desde então, porém, sentimo-nos obrigados a retomar um por um os problemas do sonho, para verificar se não podem ser solucionados satisfatoriamente os enigmas e as contradições que pareciam inatacáveis enquanto conhecíamos apenas o conteúdo manifesto do sonho.

As concepções dos autores sobre a relação entre sonho e vida de vigília e sobre a origem do material do sonho foram comunicadas em detalhe no primeiro capítulo. Lembramo-nos também daquelas três peculiaridades da memória do sonho que tantas vezes já foram observadas, mas não explicadas:

1. O sonho tem uma preferência clara pelas impressões dos últimos dias (Robert, Strümpell, Hildebrandt, também Weed-Hallam).

2. O sonho, ao selecionar seu material, obedece a princípios diferentes daqueles da nossa memória em estado de vigília, lembrando-se não do essencial e importante, mas do irrelevante e não notado.

3. O sonho tem acesso às impressões da nossa primeira infância e recupera detalhes dessa fase da vida que nos parecem triviais e, no estado de vigília, acreditávamos ter esquecido havia muito tempo.[1]

Naturalmente, os autores observaram essas peculiaridades da seleção do material onírico no conteúdo manifesto do sonho.

A. O MATERIAL RECENTE E O INDIFERENTE NO SONHO

Se agora, ao analisar a origem dos elementos que ocorrem no conteúdo do sonho, eu consultar minha própria experiência, preciso primeiro afirmar que encontramos em cada sonho uma ligação com as vivências do último dia transcorrido. Não importa qual sonho eu analise, um sonho próprio ou de outra pessoa, esse fato sempre se confirma. Tendo conhecimento disso, posso começar a interpretação do sonho investigando primeiro a vivência que instigou o sonho; em muitos casos, esse é até o caminho mais rápido. Nos dois sonhos que submeti a uma análise meticulosa no capítulo anterior (os sonhos da injeção de Irma e do meu tio com a barba dourada), a relação com o dia anterior é tão óbvia que não precisa de esclarecimentos adicionais. Mas para mostrar a regularidade com que essa relação pode ser demonstrada, pretendo analisar sob esse aspecto parte da minha própria crônica onírica. Comunico apenas as partes do sonho que são necessárias para revelar a fonte onírica procurada.

1. *Faço uma visita a uma casa, onde, porém, quase não sou recebido etc.; entrementes, faço uma mulher* ESPERAR *por mim.*

Fonte: Conversa com uma parente à noite sobre o fato de que a aquisição que ela solicita terá de *esperar* até etc.

2. *Escrevi uma* MONOGRAFIA *sobre certa* (indeterminada) *espécie de planta.*

Fonte: Na véspera, vi na vitrine de uma livraria uma *monografia* sobre o gênero dos ciclames.

3. *Vejo duas mulheres na rua,* MÃE E FILHA, *a última das quais foi minha paciente.*

Fonte: Uma paciente que se encontra em tratamento me informou na noite anterior sobre as dificuldades que a *mãe* opõe à continuação do tratamento.

4. *Na livraria de S. e R., assino uma publicação periódica, que custa* VINTE FLORINS *por ano.*

Fonte: Durante o dia, minha esposa lembrou que eu ainda lhe devia *vinte florins* do dinheiro semanal.

5. *Recebo uma* CARTA DO COMITÊ *social-democrata, que me trata como* MEMBRO.

Fonte: Recebi, ao mesmo tempo, *cartas* do *Comitê Eleitoral* liberal e da diretoria da Associação Humanitária, da qual realmente sou *membro*.

6. *Um homem sobre um* ROCHEDO ÍNGREME NO MEIO DO MAR, *À MANEIRA DE* BÖCKLIN.

Fonte: *Dreyfus* na *Ilha do Diabo*; ao mesmo tempo, notícias de meus parentes na *Inglaterra* etc.

Poderíamos levantar a pergunta de se a ligação dos sonhos ocorre invariavelmente com os acontecimentos da véspera ou se ela pode se estender também a impressões de um período mais extenso do passado recente. É provável que essa questão não seja de relevância fundamental; no entanto, devo me decidir pela prerrogativa exclusiva do dia anterior ao sonho (que denominarei dia do sonho). Todas as vezes que eu acreditei que uma impressão de dois ou três dias antes havia sido a fonte do sonho, uma investigação mais minuciosa me convenceu de que aquela impressão havia sido lembrada no dia anterior, ou seja, que uma reprodução verificável havia se inserido no dia anterior, entre o dia do evento e o momento do sonho, e pude, além disso, demonstrar a ocasião recente que havia originado a lembrança daquela impressão mais antiga.

Por outro lado,[a] não pude me convencer de que existia um intervalo regular de relevância biológica entre a impressão diurna instigadora e seu retorno no sonho (H. Swoboda foi o primeiro a identificar um intervalo de dezoito horas).[2]

Também H. Ellis (1911, p. 227),[b] que examinou essa questão, informa que não conseguiu encontrar esse tipo de periodicidade na reprodução de seus sonhos — "a despeito de atentar para isso". Ele relata um sonho no qual se encontrava na Espanha, com a intenção de viajar para determinado local: *Daraus*, *Varaus* ou *Zaraus*. Ao despertar, não conseguiu se lembrar de uma cidade de nome parecido e

se esqueceu do sonho. Alguns meses depois, realmente encontrou uma estação ferroviária com o nome de *Zaraus* entre San Sebastián e Bilbao, pela qual ele havia passado de trem 250 dias antes do sonho.

Acredito, portanto, que cada sonho é provocado por uma das vivências "depois das quais ainda não dormimos uma noite". As impressões do passado mais recente (com exceção do dia anterior à noite do sonho) não apresentam, com o conteúdo do sonho, uma relação diferente da de outras impressões de quaisquer tempos mais distantes. O sonho pode selecionar seu material de qualquer época da vida, desde que as vivências do dia do sonho (as impressões "recentes") apresentem um vínculo de pensamento com essas impressões mais antigas.

Mas de onde vem essa preferência pelas impressões recentes? Chegaremos a algumas suposições relativas a esse ponto quando submetermos um dos sonhos mencionados a uma análise mais minuciosa. Escolho o

Sonho da monografia botânica

Escrevi uma monografia sobre determinada planta. O livro está diante de mim, estou abrindo uma página com uma ilustração colorida dobrada. Cada exemplar contém um espécime da planta, semelhante a um herbário.

Análise

Naquela manhã, vi na vitrine de uma livraria um livro novo, intitulado: *O gênero dos ciclames* — evidentemente uma monografia sobre essa planta.

Ciclames são as *flores preferidas* de minha esposa. Eu me arrependo de não *trazer-lhe flores* com a frequência que ela deseja. — O tema "*trazer flores*" me lembra uma história que, pouco tempo atrás, eu contei a alguns amigos e usei como prova para a minha afirmação de que o esquecimento é, muitas vezes, a execução de uma intenção do inconsciente e, no mínimo, permite deduzir algo sobre a disposição secreta daquele que esquece. Uma mulher jovem, acostumada a receber um buquê

de seu marido no dia de seu aniversário, sente falta desse sinal de afeto nesse dia e, por isso, começa a chorar. O marido não consegue encontrar uma explicação para suas lágrimas, então ela lhe diz: "Hoje é meu aniversário". Ele leva a mão à testa, exclama: "Perdão, esqueci completamente!" e já quer sair para comprar as *flores*. Ela, porém, não se consola, pois interpreta o esquecimento do marido como prova de que ela não ocupa mais o mesmo lugar em seus pensamentos como antes. — Essa sra. L. encontrou minha esposa dois dias atrás, informou-a que estava bem e perguntou por mim. Ela havia sido minha paciente alguns anos antes.

Outra abordagem: eu realmente já escrevi algo parecido com uma *monografia* sobre uma planta, mais precisamente, um ensaio sobre a *coca*, que chamou a atenção de K. Koller para a propriedade anestesiante da cocaína. Eu mesmo havia aludido a esse uso do alcaloide em minha publicação, mas não tive o zelo de me aprofundar no assunto. Isso me lembra que, na manhã do dia após o sonho (encontrei tempo para interpretá-lo apenas à noite), eu havia pensado na cocaína numa espécie de devaneio. Caso eu viesse a sofrer de glaucoma, eu viajaria para Berlim e lá me deixaria operar — incógnito — na casa de um amigo berlinense por um médico que este me recomendasse. O cirurgião, sem saber quem estaria operando, diria mais uma vez o quanto a introdução da cocaína havia facilitado esse tipo de cirurgia; e de forma alguma eu revelaria a minha participação nessa descoberta. Depois dessa fantasia, pensei em como era desagradável para um médico recorrer ao trabalho dos colegas para a sua própria pessoa. Como o oftalmologista berlinense não me conhecia, eu poderia remunerá-lo como qualquer outro paciente. Apenas ao me lembrar desse devaneio vejo que, por trás dessa lembrança, se esconde uma vivência específica. Pois logo após a descoberta de Koller, meu pai adoeceu com um glaucoma; ele foi operado pelo meu amigo, o oftalmologista dr. Königstein; o dr. Koller aplicou a anestesia de cocaína e então observou que, nesse caso, estavam reunidas as três pessoas que haviam participado da introdução da cocaína.

Agora tento me lembrar da última vez em que fui levado a pensar nessa história da cocaína. Isso ocorreu alguns dias atrás, quando recebi a publicação festiva preparada pelos alunos para celebrar o jubileu de seu professor e diretor do laboratório. Entre os títulos de honra do laboratório encontrei também a menção da descoberta da característica anestesiante da cocaína por K. Koller. Percebo de repente que meu sonho está vinculado a uma vivência da noite anterior. Eu acabara de acompanhar o dr. Königstein até sua casa, com o qual havia conversado sobre um assunto que, sempre que é tocado, me agita os sentimentos. Eu me encontrava com ele no corredor, quando o professor *Gärtner* ["jardineiro"] e sua jovem esposa se juntaram a nós. Não pude me impedir de parabenizar os dois pela sua aparência *florescente*. O professor Gärtner é um dos autores da publicação festiva que acabo de mencionar, e devo ter me lembrado disso. E também a sra. L., cuja decepção em seu aniversário eu contara recentemente, havia sido mencionada na conversa com o dr. Königstein, embora em outro contexto.

Buscarei interpretar também os outros determinantes do conteúdo do sonho. Um *espécime da planta seca* é incluído na monografia, como se fosse um *herbário*. O herbário remete a uma lembrança do ginásio. Certa vez, o diretor do nosso ginásio reuniu os alunos dos anos superiores para encarregá-los da revisão e limpeza do herbário. Pequenos *vermes* haviam se instalado — traças.[c] Ele parece não ter confiado muito em minha ajuda, pois me entregou poucas folhas. Lembro-me ainda hoje de que nelas havia plantas da ordem Cruciferae. Nunca tive muita intimidade com a botânica. No meu exame botânico preliminar tive que classificar uma crucífera — e não a reconheci. Isso não teria terminado bem para mim se meus conhecimentos teóricos não tivessem me acudido. — As crucíferas me levam às compostas. Na verdade, a alcachofra também é uma composta, aquela que eu poderia chamar de *minha flor preferida*. Mais nobre do que eu, minha esposa costuma trazer essa flor do mercado para mim.

Vejo *diante de mim* a monografia que escrevi. Também nisso há uma referência. Ontem, meu amigo, muito visual, me escreveu de Berlim: "Ocupo-me bastante do seu livro dos sonhos. *Vejo-o pronto diante de mim e o folheio*". Como eu o invejei por esse dom de vidente! Queria também ver o livro já pronto diante de mim!

A *folha de ilustração colorida dobrada*: Quando eu era estudante de medicina, sofria muito com o impulso de querer estudar apenas *monografias*. A despeito dos meus recursos limitados, eu mantinha vários arquivos medicinais, cujas *ilustrações coloridas* eram minha alegria. Eu me orgulhava dessa tendência à meticulosidade. Quando eu mesmo comecei a publicar, tive que desenhar também as ilustrações para meus escritos, e sei que um deles ficou tão ruim que um colega benevolente zombou de mim. Junta-se a isso, não sei bem como, uma lembrança da infância. Certa vez, meu pai se divertiu entregando a mim e à mais velha de minhas irmãs um livro com *ilustrações coloridas* (descrição de uma viagem à Pérsia) para que nós o destruíssemos. Do ponto de vista educacional, tratava-se de uma medida injustificável. Na época, eu tinha cinco anos; minha irmã, com menos de três, e a imagem de como nós, felizes da vida, desmembramos o livro (*como uma alcachofra*, folha por folha, devo dizer) é praticamente a única coisa da qual me lembro de forma plástica daquele tempo. Quando me tornei estudante, desenvolvi uma paixão extraordinária por colecionar e possuir livros (análoga à tendência de estudar monografias, uma *paixão* que já ocorre nos pensamentos oníricos referentes aos ciclames e à alcachofra). Eu me tornei uma *traça*[d] (cf. *herbário*). Sempre, desde que reflito sobre mim mesmo, relacionei essa primeira paixão da minha vida àquela impressão da infância, ou melhor, reconheci que essa cena infantil é uma "lembrança encobridora" para minha bibliofilia posterior.[3] Naturalmente, descobri já cedo que as paixões nos levam ao sofrimento. Aos dezessete anos de idade, eu havia acumulado uma dívida respeitável junto ao livreiro e não possuía meios de quitá-la, e meu pai não aceitou a desculpa de que minhas preferências poderiam ter escolhido um objeto pior. A menção dessa lembrança da juventude tardia me

remete, porém, imediatamente à conversa com meu amigo dr. Königstein. Pois naquela noite do sonho falamos sobre as mesmas recriminações, ou seja, que eu costumo ceder demais às minhas *paixões*.

Por razões que não cabe discutir aqui, não darei continuidade à interpretação desse sonho, apenas indicarei o caminho que leva a ela. Durante o trabalho interpretativo, lembrei-me várias vezes da conversa com o dr. Königstein. Ao recordar-me dos temas discutidos durante aquela conversa, o sentido do sonho se revela a mim. Todos os pensamentos iniciados, desde as preferências da minha esposa e as minhas próprias, a cocaína, as dificuldades de tratamento médico entre colegas, minha paixão por estudos monográficos, até minha negligência de determinadas disciplinas como a botânica — tudo isso tem sua continuação e desemboca em algum tema da conversa tão ramificada. O sonho volta a ter o caráter de uma justificação, de uma defesa de mim mesmo, como já o primeiro sonho analisado da injeção de Irma; sim, ele prossegue o tema ali iniciado e o analisa com base em material novo, acrescentado no intervalo entre os dois sonhos. Até mesmo a forma de expressão aparentemente indiferente recebe então uma ênfase. Diz: "Eu sou o homem que escreveu o trabalho valioso e bem-sucedido (sobre a cocaína)", semelhante à justificativa de então: "Sou um estudante dedicado e competente"; em ambos os casos, portanto: "Eu tenho o direito de me permitir isso". No entanto, posso interromper aqui a interpretação deste sonho, pois minha única intenção ao comunicá-lo foi dar um exemplo para a relação entre o conteúdo do sonho e a experiência do dia anterior que o provocou. Enquanto conheço apenas o conteúdo manifesto desse sonho, ele parece estar ligado somente a uma impressão do dia; após fazer a análise do sonho, descubro uma segunda fonte do sonho em outra vivência do mesmo dia. A primeira das impressões à qual o sonho se refere é uma circunstância secundária irrelevante. Vejo na vitrine um livro cujo título me toca de forma passageira e cujo conteúdo dificilmente me interessaria. A segunda vivência apresenta um alto valor psíquico; devo ter conversado vividamente

durante uma hora com meu amigo, o oftalmologista, disse-lhe coisas que interessavam a nós dois e despertaram recordações em mim que fizeram perceber excitações as mais diversas em meu íntimo. Além disso, essa conversa foi interrompida antes que pudesse ser concluída, quando conhecidos se juntaram a nós. Qual é, então, a relação entre as duas impressões do dia, e entre elas e o sonho que ocorreu durante a noite?

No conteúdo do sonho, encontro apenas uma alusão à impressão irrelevante e posso então confirmar que o sonho inclui, de preferência, coisas secundárias da vida em seu conteúdo. Na interpretação do sonho, porém, tudo aponta para a vivência importante e justificadamente excitante. Se eu julgar o sentido do sonho segundo o conteúdo latente revelado pela análise — sendo este o único procedimento correto —, chego inadvertidamente a uma descoberta nova e importante. Vejo como se desfaz o enigma segundo o qual o sonho se ocupa apenas dos pedaços sem valor da vida de vigília; devo também contestar a afirmação de que a vida psíquica da vigília não continua no sonho e de que o sonho desperdiça atividade psíquica com material banal. A verdade é o contrário; aquilo que chamou nossa atenção durante o dia domina também os pensamentos oníricos, e nós nos damos ao trabalho de sonhar apenas com aquele material que nos levou a refletir durante o dia.

A explicação mais plausível para o fato de que, embora a impressão justificadamente excitante me tenha feito sonhar, ainda assim eu sonhe com a impressão irrelevante do dia, é provavelmente que temos aqui, de novo, um fenômeno de deformação do sonho, que acima relacionamos a um poder psíquico que age como censura. A lembrança da monografia sobre o gênero dos ciclames é usada como se ela fosse uma *alusão* à conversa com o amigo, muito semelhante ao sonho do jantar abandonado, no qual a menção à amiga é representada pela alusão ao "salmão defumado". Pergunta-se apenas quais elos intermediários permitem que a monografia sirva de alusão à conversa com o oftalmologista, visto que, a princípio, essa relação não é evidente. No exemplo do jantar abandonado, a relação

existe desde o início; o "salmão defumado" como comida preferida da amiga pertence ao círculo de representações que a amiga consegue provocar na sonhadora. No nosso exemplo, estamos lidando com duas impressões separadas, que, à primeira vista, nada têm em comum além do fato de ocorrerem no mesmo dia. A monografia chama minha atenção de manhã; a conversa ocorre à noite. A resposta que a análise nos oferece é: essas relações a princípio não existentes entre as duas impressões são tecidas posteriormente entre o conteúdo de representações de uma e o conteúdo de representações da outra. Destaquei os respectivos elos intermediários já na redação da análise. Sem uma influência vinda de outro lado, à representação da monografia sobre os ciclames se ligaria, provavelmente, apenas a ideia de que se trata da flor preferida da minha esposa, talvez também a lembrança do buquê esquecido da sra. L. Não acredito que esses pensamentos secundários teriam sido suficientes para provocar um sonho.

> *There needs no ghost, my lord, come from the grave*
> *To tell us this.*
> [Não é preciso que nenhum fantasma saia do túmulo, meu senhor,
> Para nos dizer isso.]

lemos em *Hamlet* [ato I, cena 5]. Mas então a análise me lembra que o homem que interrompeu a nossa conversa se chamava *Gärtner* [jardineiro], que eu achara a aparência de sua esposa *florescente*; sim, lembro-me agora de que uma das minhas pacientes, que tem o belo nome de *Flora*, foi o tema central da nossa conversa por um momento. Deve ter sido assim que, por meio desses elos intermediários do grupo de representações da botânica, se deu a ligação das duas vivências do dia, da irrelevante e da excitante. Então houve outras relações, a cocaína que, com todo o direito, pôde fazer o nexo entre a pessoa do dr. Königstein e uma monografia botânica escrita por mim, solidificando a fusão dos dois grupos de representações em um só, de modo que um elemento da primeira vivência pôde ser usado como alusão à segunda.

Sei que essa explicação será contestada como arbitrária ou artificial. O que teria acontecido se o professor Gärtner e sua esposa florescente não tivessem se juntado a nós, se a paciente mencionada se chamasse *Anna* em vez de *Flora*? A resposta é fácil. Se essas relações de pensamento estivessem ausentes, é provável que outras tivessem sido escolhidas. É muito fácil fazer esse tipo de relação, como demonstram os enigmas e gracejos que nos entretêm durante o dia. O âmbito de poder do chiste é ilimitado. Indo um pouco mais longe: se não houvesse possibilidade de estabelecer relações intermediárias suficientes entre as duas impressões do dia, o sonho teria sido diferente; alguma outra das impressões irrelevantes do dia, que vivenciamos em grande número para logo nos esquecermos delas, teria assumido o lugar da "monografia" no sonho, estabelecido alguma relação com o conteúdo da conversa e representado esta no conteúdo do sonho. Visto que foi justamente a monografia que teve esse destino, ela deve ter sido a mais adequada para essa conexão. Não precisamos nos admirar, como o personagem Hänschen Schlau, de Lessing, do fato de que "apenas os ricos do mundo possuem a maior parte do dinheiro".

Ainda deve nos parecer estranho e duvidoso o processo psicológico por meio do qual, de acordo com a nossa exposição, a vivência irrelevante chega a substituir a vivência psiquicamente valiosa. Num capítulo posterior nos veremos diante da tarefa de tornar mais inteligíveis as peculiaridades dessa operação aparentemente incorreta. Aqui lidamos apenas com o resultado do processo, que tivemos de supor devido a inúmeras observações que se repetem com regularidade na análise do sonho. É como se ocorresse um *deslocamento* — digamos: da ênfase psíquica — por via daqueles elos intermediários, até as representações de *pequena* carga de intensidade, tomando a carga de representações investidas mais intensamente desde o princípio, alcançarem uma força que as capacite a obter acesso à consciência. Deslocamentos desse tipo não nos surpreendem quando se trata de aportar grandezas afetivas ou, num sentido mais geral, de ações motoras. O fato de uma mulher que permaneceu solteira transferir seu amor para os animais, um solteiro se

tornar colecionador entusiasmado, um soldado defender uma faixa de tecido colorido, a bandeira, com o seu próprio sangue, um aperto de mão um pouco mais demorado gerar felicidade numa relação amorosa ou, no *Otelo*, um lenço perdido causar um ataque de fúria — todos esses são exemplos de deslocamentos psíquicos que nos parecem incontestáveis. Mas o fato de, da mesma forma e segundo os mesmos princípios, uma decisão ser tomada sobre aquilo que chega à nossa consciência e aquilo que lhe é ocultado, ou seja, sobre aquilo que pensamos, isso nos causa a impressão do patológico, e nós o denominamos um erro lógico quando sucede na vida de vigília. Antecipemos aqui o resultado de considerações a serem feitas mais adiante, segundo o qual o processo psíquico que vimos como deslocamento onírico se revelará não como processo patologicamente perturbado, mas como processo diferente do normal, de natureza mais *primária*.

Assim, interpretamos o fato de o conteúdo do sonho acolher resíduos de vivências secundárias como expressão da deformação do sonho (por meio de deslocamento) e lembramos que reconhecemos na deformação do sonho uma consequência da censura existente na passagem entre duas instâncias psíquicas. Esperamos, então, que a análise do sonho nos desvelará regularmente a fonte real, psiquicamente relevante na vida de vigília, cuja lembrança deslocou a ênfase para a lembrança irrelevante. Com essa concepção, colocamo-nos em total oposição à teoria de Robert, que se tornou inutilizável para nós. O fato que Robert pretendia explicar não existe; sua estipulação se baseia num equívoco, na não substituição do aparente conteúdo do sonho pelo sentido verdadeiro do sonho. Podemos objetar também à teoria de Robert que, se o sonho realmente tivesse a tarefa de, mediante um trabalho psíquico especial, livrar nossa memória dos "refugos" da lembrança do dia, nosso sono deveria ser mais atormentado e se aplicar a um trabalho mais exaustivo do que o que nos parece ser a nossa vida mental em vigília. Pois o número de impressões indiferentes do dia, das quais precisaríamos proteger a nossa memória, é evidentemente imensurável; a noite não bastaria para dar conta delas. É

muito mais provável que o esquecimento das impressões irrelevantes ocorra sem a intervenção ativa dos nossos poderes psíquicos.

Mesmo assim, hesitamos em nos despedir do pensamento de Robert sem uma consideração adicional. Permaneceu inexplicado o fato de uma das impressões indiferentes do dia — isto é, as do último dia — contribuir regularmente para o conteúdo do sonho. As relações entre essa impressão e a verdadeira fonte onírica no inconsciente nem sempre existem de antemão; como vimos, elas são criadas apenas posteriormente, como que a serviço do deslocamento pretendido, durante o trabalho do sonho. Deve então existir uma necessidade de estabelecer vínculos justamente em direção à impressão recente, ainda que irrelevante: esta deve possuir alguma qualidade que a torna especialmente adequada para isso. Caso contrário, os pensamentos do sonho poderiam facilmente deslocar a sua ênfase para algum elemento irrelevante de seu próprio grupo de representações.

As seguintes observações podem nos indicar o caminho para o esclarecimento. Quando um dia nos traz duas ou mais vivências apropriadas para incitar sonhos, o sonho junta a referência às duas num todo único; *ele obedece a uma compulsão de combiná-las numa unidade*. Por exemplo: numa tarde de verão, entrei num compartimento de trem, onde encontrei dois conhecidos meus, mas que não se conheciam. Um deles era um colega de grande influência; o outro, membro de uma família nobre que recorria aos meus serviços médicos. Apresentei os dois senhores um ao outro; durante a longa viagem, porém, eles interagiam por meu intermédio, de modo que eu tive de conversar sobre algum tema com um, depois com o outro. Pedi ao colega que recomendasse o trabalho de um conhecido nosso que acabara de abrir seu próprio consultório médico. O colega respondeu que sabia da dedicação do jovem profissional, mas que seu aspecto simples lhe dificultaria o acesso às casas nobres. Respondi: "É justamente por isso que ele precisa de sua recomendação". Voltei-me para o outro viajante e perguntei pelo bem-estar de sua tia — a mãe de uma paciente minha —, que, na época, adoecera gravemente. Na noite seguinte,

sonhei que meu jovem amigo, para o qual eu havia pedido a recomendação, se encontrava num salão elegante, onde, diante de uma sociedade seleta, na qual eu havia incluído todas as pessoas nobres e ricas que eu conhecia, ele fazia, com gestos elegantes, um discurso fúnebre sobre a velha dama (já falecida no sonho) que era a tia do meu segundo companheiro de viagem. (Reconheço abertamente que minhas relações com essa dama não eram boas.) Meu sonho havia encontrado vínculos entre as duas impressões do dia e, com a ajuda destes, composto uma situação unificada.

Devido a muitas observações semelhantes, devo estabelecer a tese de que para o trabalho do sonho há uma espécie de necessidade de combinar todas as fontes de estímulos oníricos numa unidade dentro do sonho.[4]

Quero agora discutir a questão de se a fonte estimuladora do sonho que a análise revela precisa ser sempre um evento recente (e significativo) ou se uma vivência interna, ou seja, a lembrança de um evento psiquicamente valioso, um raciocínio, pode assumir o papel de instigador do sonho. Numerosas análises confirmam, sem nenhuma dúvida, este segundo caso. O instigador do sonho pode ser um processo interno que, de certo modo, se tornou recente por meio do trabalho mental durante o dia. Creio ser agora o momento oportuno para reunir num esquema as diversas condições que permitem reconhecer as fontes do sonho.

A fonte do sonho pode ser:

a) Uma vivência recente e psiquicamente significativa, representada diretamente no sonho.[5]

b) Várias vivências recentes e significativas, reunidas pelo sonho numa unidade.[6]

c) Uma ou várias vivências recentes e significativas, que são representadas no conteúdo do sonho pela menção de uma vivência simultânea, mas indiferente.[7]

d) Uma vivência interna significativa (lembrança, raciocínio) que então é representada no sonho, *regularmente*, pela menção de uma impressão recente, porém indiferente.[8]

Como vemos, existe, na interpretação dos sonhos, uma condição que encontramos sempre: um elemento do conteúdo do sonho repete uma impressão recente do dia anterior. Essa parte selecionada para a representação no sonho pode ou pertencer ao círculo de representações do próprio instigador do sonho — como elemento essencial ou irrelevante deste — ou provir do âmbito de uma impressão indiferente que, por meio de uma vinculação mais ou menos rica, é relacionada ao círculo do instigador do sonho. A aparente maioria das condições resulta aqui exclusivamente da *alternativa de haver ou não ocorrido um deslocamento*, e percebemos que essa alternativa nos oferece a mesma facilidade de explicar os contrastes entre os sonhos que a teoria médica, que supõe a sequência de vigília parcial até plena das células cerebrais (cf. p. 106).

Também notamos, nessa sequência, que um elemento psiquicamente valioso, mas não recente (um raciocínio, uma lembrança) pode ser substituído, com a finalidade da formação do sonho, por um elemento recente, porém psiquicamente indiferente, desde que sejam mantidas estas duas condições: 1) que o conteúdo do sonho seja ligado à vivência recente e 2) que o instigador do sonho permaneça um evento psiquicamente valioso. Em um único caso — caso (*a*) —, as duas condições são satisfeitas pela mesma impressão. Mas se levarmos em consideração que as mesmas impressões indiferentes aproveitadas para o sonho (enquanto forem recentes) perdem essa qualificação assim que se passou um dia (ou, no máximo, vários dias), somos obrigados a supor que o frescor da impressão em si lhe confere certo valor psíquico para a formação do sonho, que, de alguma forma, equivale ao valor de lembranças ou raciocínios com ênfase afetiva. Mais adiante veremos, em nossas reflexões psicológicas, qual seria o fundamento desse valor das impressões *recentes* para a formação do sonho.[9]

De passagem, a nossa atenção é chamada para o fato de que, durante a noite e sem que a nossa consciência o perceba, podem ocorrer mudanças importantes com o nosso material de lembrança e de representação. O conselho de dormir uma noite

sobre um assunto, antes de tomar uma decisão definitiva, é evidentemente justificado. Percebemos, porém, que nesse ponto já abandonamos a psicologia do sonho e invadimos o campo da psicologia do sono, e haverá muitas outras ocasiões para fazê-lo.[10]

Existe ainda uma objeção que ameaça derrubar as últimas conclusões. Se as impressões indiferentes só conseguem se introduzir no conteúdo do sonho enquanto são recentes, como sucede que encontremos no conteúdo do sonho também elementos de períodos mais antigos da vida, que na época em que eram recentes não possuíam — nas palavras de Strümpell — valor psíquico, ou seja, que deveriam ter sido esquecidos há muito tempo, elementos, portanto, que não são frescos nem psiquicamente relevantes?

Essa objeção pode ser plenamente refutada se nos apoiarmos nos resultados da psicanálise de neuróticos. A solução é que o deslocamento, que substitui o material psiquicamente importante por material indiferente (tanto para o sonho como para o pensamento), já ocorreu em períodos iniciais da vida e desde então foi fixado na memória. Aqueles elementos primordialmente indiferentes deixaram de ser indiferentes depois que, mediante o deslocamento, assumiram o valor do material psiquicamente significativo. Aquilo que realmente permaneceu indiferente não pode mais ser reproduzido no sonho.

O leitor concluirá com todo o direito, dos argumentos precedentes, que eu afirmo não existirem instigadores de sonho indiferentes e, portanto, que não existem sonhos inofensivos. Essa é, num sentido rigoroso e absoluto, a minha opinião, excluindo os sonhos das crianças e, talvez, as breves reações oníricas às sensações noturnas. De resto, o que sonhamos deve ser reconhecido de modo manifesto como psiquicamente significativo ou é deformado, podendo ser avaliado apenas após a realização da interpretação do sonho, quando também se revela como significativo. O sonho jamais se ocupa de miudezas; não permitimos que algo trivial perturbe nosso sono.[11] Os sonhos aparentemente inofensivos revelam ser maliciosos quando

buscamos interpretá-los; se o leitor me permite usar uma expressão popular, eles são "levados da breca". Visto que este é outro ponto em que devo esperar objeções, e como me agrada a oportunidade de mostrar a deformação do sonho agindo, submeterei agora à análise uma série de "sonhos inofensivos" da minha coleção.

I

Uma jovem senhora inteligente e fina, que também no comportamento se inclui entre as pessoas reservadas, as "águas tranquilas",[e] relata: *Sonho que chego atrasada ao mercado e nada mais encontro no açougueiro e na vendedora de legumes*. Certamente um sonho inofensivo, mas os sonhos não são simples assim. Peço que ela me conte todos os detalhes. Então seu relato é este: *Ela vai ao mercado com sua cozinheira, que leva a cesta. Após pedir algo, o açougueiro lhe diz: "Isso não temos mais", e quer lhe dar outra coisa, observando: "Isso também é bom". Ela recusa a oferta e vai até a vendedora de legumes, que tenta lhe vender um legume peculiar, amarrado em feixes, mas de cor preta. Ela diz: "Isso eu não conheço, isso eu não levo".*

A ligação do sonho com o dia é simples. Ela realmente havia se atrasado para o mercado e nada mais encontrou. *O açougue já estava fechado* [*Die Fleischbank war schon geschlossen*], é como podemos descrever a experiência. Mas — alto! Isso não é uma expressão popular bastante vulgar que — ou melhor, cujo oposto — remete a um descuido na vestimenta de um homem?[f] A sonhadora não usou essas palavras, talvez tenha tentado evitá-las; busquemos a interpretação dos detalhes contidos no sonho.

Quando algo tem o caráter de uma fala no sonho, quando algo é dito ou ouvido e não só pensado — o que geralmente pode ser distinguido com segurança —, isso provém de falas da vida de vigília, que sem dúvida foram tratadas como matéria-prima, desmembradas, levemente alteradas e, sobretudo, retiradas de seu contexto.[12] O trabalho interpretativo pode tomar esse tipo de fala como ponto de partida. De onde, então, vem a fala do açougueiro: "*Isso já não temos mais?*". De

mim mesmo; alguns dias antes, eu havia lhe explicado "que *não temos mais* à nossa disposição as vivências mais antigas da infância, pois elas são substituídas por 'transferências' e sonhos na análise". Portanto, o açougueiro sou eu, e ela rejeita essas transferências de antigos modos de pensamento e sentimento para o presente. — Qual é a origem de sua fala onírica: "*Isso eu não conheço, isso eu não levo*"? Esta precisa ser desmembrada para a análise: "*Isso eu não conheço*" foi o que ela mesma disse no dia anterior à cozinheira, com a qual se envolveu numa discussão, mas naquela ocasião ela havia acrescentado: "*Comporte-se*". Percebemos aqui um deslocamento: das duas frases usadas contra a cozinheira, ela aproveitou a irrelevante no sonho; a frase suprimida, porém, "Comporte-se!", é a única que combina com o restante do conteúdo do sonho. Poderíamos dizer o mesmo a alguém que ousa fazer alusões indecentes e se esquece de "fechar o açougue". As alusões incluídas no incidente com a vendedora de legumes confirmam que estamos no caminho certo em nossa interpretação. Um legume que é vendido em feixes (que é longo, como acrescenta posteriormente) e é preto só pode ser a junção onírica de aspargo e rábano preto [*schwarzer Rettich*]. Não é preciso interpretar aspargo para nenhum conhecedor, homem ou mulher, mas também o outro legume — como exclamação: *Schwarzer, rett' dich*! [Negro, salve-se!][g] — parece remeter ao mesmo tema sexual do qual suspeitávamos desde o início, quando quisemos introduzir na narrativa do sonho a frase: "O açougue estava fechado". Não importa aqui conhecer o significado pleno desse sonho; basta saber que ele é rico em sentido e de forma alguma inocente.[13]

II

Outro sonho inofensivo da mesma paciente, de certa forma uma contrapartida ao anterior: *Seu marido lhe pergunta: "Não deveríamos mandar afinar o piano?". Ela: "Não vale a pena, o couro dos martelos precisa ser trocado"*. De novo, a repetição de algo do dia anterior. Seu marido fez essa pergunta, e ela lhe deu uma resposta

semelhante. Mas o que significa o fato de ela sonhar isso? Apesar de ela dizer sobre o piano que se trata de uma *caixa repugnante* que produz um *som ruim*, de uma coisa que seu marido possuía já antes do casamento etc.,[14] a chave para a solução é encontrada na fala: "*Não vale a pena*". Esta vem de uma visita à sua amiga no dia anterior. Lá, solicitaram que tirasse o casaco, mas ela recusou a solicitação com as palavras: "Obrigado, *não vale a pena*, não vou me demorar". Essa narrativa me lembra que ontem, durante o trabalho analítico, ela de repente levou sua mão ao casaco, onde um botão se abrira. É como se ela quisesse dizer: "Por favor, não olhe, *não vale a pena*". Assim, a *caixa* [*Kasten*] se transforma em *peito* [*Brustkasten*], e a interpretação do sonho nos leva diretamente para o período de seu desenvolvimento físico, quando ela começou a se mostrar insatisfeita com suas formas. E deve remeter a tempos ainda mais remotos, se levarmos em consideração o "*repugnante*" e o "*som ruim*" e nos lembrarmos com que frequência os pequenos hemisférios do corpo feminino tomam — como contraste e substituição — o lugar dos grandes, na alusão e no sonho.

III

Interrompo esta sequência intercalando um curto sonho inocente de um homem jovem. Ele sonhou que *volta a vestir seu casaco de inverno, o que é terrível*. A ocasião para esse sonho é, supostamente, o retorno do tempo frio. Uma avaliação mais sutil, porém, perceberá que as duas partes breves do sonho não combinam muito bem, pois por que seria "terrível" vestir o casaco grosso ou pesado no frio? Contrariando a inocência do sonho, a primeira associação durante a análise traz a lembrança de que ontem uma senhora lhe confessou em segredo que seu último filho deve sua existência a um preservativo rompido. Agora, ele reconstrói os pensamentos que teve na oportunidade: "Um preservativo fino é perigoso; um grosso, ruim". O preservativo é, justamente, um "sobretudo", pois nós o sobrepomos; é assim que

chamamos também um casaco leve. Um evento do tipo relatado pela mulher seria, porém, "terrível" para um homem solteiro.

Voltemos agora para a nossa inocente sonhadora.

IV

Ela coloca uma vela no castiçal; mas a vela está quebrada, de modo que não fica de pé. As garotas na escola dizem que ela é desajeitada; a senhorita, porém, afirma que a culpa não é sua.

Uma ocasião real também aqui; ontem ela de fato colocou uma vela no castiçal; esta, porém, não estava quebrada. Aqui, o sonho recorreu a um simbolismo transparente. A vela é um objeto que estimula os órgãos genitais femininos; quando ela está quebrada, de modo que não consegue ficar de pé, isso significa a impotência do homem ("*a culpa não é sua*"). Será que a mulher jovem, cuidadosamente educada e alheia a tudo que é feio, conhece esse uso da vela? Por acaso ela pode informar ainda por meio de qual vivência chegou a esse conhecimento. Durante um passeio de barco no rio Reno, passou uma barca cheia de estudantes que cantavam ou gritavam alegremente uma canção: "*Wenn die Königin von Schweden, bei geschlossenen Fensterläden mit Apollokerzen…*" [Quando a rainha da Suécia, por trás de janelas fechadas, com as velas Apolo…].[h] Ela não ouve ou não compreende a última palavra. Seu marido precisa explicar para ela. No conteúdo do sonho, esses versos são substituídos por uma lembrança inofensiva de uma ordem no internato que ela executava desajeitadamente, substituição tornada possível pelo elemento comum: *janelas fechadas*. O vínculo entre os temas da masturbação e da impotência é evidente. "Apolo", no conteúdo latente do sonho, vincula esse sonho a um anterior que falava da Palas virgem. Nada disso é inocente.

V

Para não dar a impressão de que é fácil, a partir dos sonhos, inferir as circunstâncias reais da vida, acrescento ainda outro sonho da mesma pessoa, que também parece inocente. *Sonhei algo*, conta ela, *que realmente fiz durante o dia: enchi uma pequena mala com tantos livros que tive dificuldade de fechá-la, e sonhei isso como realmente havia acontecido*. Aqui, a própria narradora ressalta como aspecto principal a concordância entre sonho e realidade. Todos os julgamentos desse tipo, todas as observações sobre o sonho, embora tenham obtido um lugar no pensamento desperto, pertencem normalmente ao conteúdo latente do sonho, como confirmarão exemplos mais adiante. Dizem-nos, então, que aquilo que o sonho narra aconteceu de verdade no dia anterior. Não cabe aqui explicar como chegamos à ideia de recorrer ao inglês na interpretação. Basta dizer que novamente se trata de uma pequena *box* (cf. p. 187, o sonho da criança morta na caixa de papelão), que está tão cheia que nada mais cabe nela. Pelo menos nada ruim dessa vez.

Em todos esses sonhos "inocentes", o fator sexual é o motivo óbvio da censura. Trata-se, porém, de um tema de relevância fundamental, que precisamos deixar de lado no momento.

B. O MATERIAL INFANTIL COMO FONTE DO SONHO

Juntamente com todos os demais autores (excetuando Robert), mencionamos como terceira peculiaridade do conteúdo do sonho que nele podem aparecer impressões dos períodos mais remotos da nossa vida, aos quais a memória não parece ter acesso em estado de vigília. Compreensivelmente, é difícil determinar a frequência ou a raridade com que isso ocorre, dado que a origem desses elementos oníricos não é reconhecida após o despertar. A prova de que se trata de impressões da infância precisa, portanto, ser encontrada de modo objetivo, mas apenas casos raros apresentam as condições necessárias para isso. Como prova especialmente convincente, A. Maury conta a história de um homem que, certo dia, decidiu visitar sua cidade natal após uma ausência de vinte anos. Na noite anterior à partida, ele sonhou que se encontrava numa cidade completamente estranha onde, na rua, encontrou um senhor desconhecido, com o qual conversou. Ao voltar para sua terra natal, descobriu que essa cidade estranha realmente existia nas proximidades imediatas de sua cidade natal, e também o homem desconhecido do sonho era um amigo, habitante daquela cidade, do seu falecido pai. Decerto uma prova irrefutável de que ele tinha visto ambos, o homem e a cidade, em sua infância. Diga-se de passagem que o sonho deve ser interpretado como sonho de impaciência, como o da moça que guarda em sua bolsa a entrada para o concerto noturno (p. 187); da criança à qual o pai prometeu a excursão ao Hameau e outros semelhantes. Naturalmente, os motivos pelos quais o sonho reproduz justamente essa impressão da infância do sonhador não podem ser descobertos sem análise.

Um dos meus ouvintes nas conferências, que se orgulhava do fato de seus sonhos raramente sofrerem uma deformação, me relatou que, algum tempo atrás, viu em sonho como *seu antigo tutor se encontrava na cama da babá*, que vivera em sua casa até os onze anos de idade do meu ouvinte. Ainda durante o sonho, ele se lembrou

do local dessa cena. Com vívido interesse ele comunicou esse sonho ao seu irmão mais velho, que, aos risos, lhe confirmou a realidade do sonho. Disse que ainda se lembrava muito bem daquilo, pois tinha seis anos na época. O casal de amantes costumava embriagar o garoto mais velho com cerveja quando as circunstâncias eram favoráveis a uma relação noturna. A criança mais nova, que tinha três anos de idade — o nosso sonhador, que dormia no quarto da babá —, não era vista como empecilho.

Existe ainda outro caso que permite determinar com segurança e sem a ajuda da interpretação que o sonho contém elementos da infância, quando se trata de um chamado sonho *recorrente*, que, sonhado pela primeira vez na infância, volta a se apresentar de tempos em tempos durante o sono do adulto. Posso acrescentar aos exemplos conhecidos desse tipo alguns sonhos de minha experiência (eu pessoalmente nunca tive um sonho recorrente desse tipo). Um médico com mais ou menos trinta anos de idade me contou que em sua vida onírica, desde o início de sua infância, aparece com frequência um leão amarelo, que ele consegue descrever em todos os detalhes. Certo dia, esse leão que lhe era conhecido dos sonhos se revelou in natura na forma de um objeto de porcelana considerado perdido havia muito tempo, e na época a mãe do jovem lhe disse que esse objeto havia sido seu brinquedo favorito na primeira infância, algo que ele mesmo não lembrava mais.

Se agora passarmos do conteúdo manifesto do sonho para os pensamentos do sonho, desvelados apenas pela análise, constatamos com surpresa a colaboração de vivências da infância também naqueles sonhos cujo conteúdo não teria nos levado a essa suspeita. Devo ao prezado colega do "leão amarelo" um exemplo simpático e instrutivo desse tipo de sonho. Após a leitura do relato de viagem de Nansen sobre sua expedição polar, ele sonhou que, no meio de um deserto de gelo, estava galvanizando o corajoso explorador por causa de uma dor ciática, da qual ele se queixava muito! Durante a análise do sonho, lembrou-se de uma história de sua infância, sem a qual o sonho teria permanecido incompreensível. Aos três ou quatro

anos de idade, ouvia com curiosidade os adultos falarem sobre viagens de exploração [*Entdeckungsreisen*] e então perguntou ao pai se isso era uma doença grave. Evidentemente, ele havia confundido "*Reisen*" [viagens] com "*Reissen*" [puxar, dilacerar], e a zombaria dos irmãos garantiu que ele jamais se esquecesse dessa experiência embaraçosa.

Um caso bem semelhante ocorre quando, durante a análise do sonho da monografia sobre o gênero dos ciclames, deparo com uma lembrança preservada da infância, em que o pai entrega ao garoto de cinco anos um livro com painéis coloridos para que este o destrua. Alguém pode levantar a dúvida de que essa lembrança realmente tenha influído na formação do conteúdo do sonho e perguntar se não é a análise que estabelece essa relação posteriormente. Mas a riqueza e a complexidade dos vínculos associativos favorecem a primeira versão: Ciclames — flor favorita — comida favorita — alcachofra; desmembrar a alcachofra, folha por folha (uma expressão que, por ocasião da divisão do Império Chinês, nos vem ao ouvido diariamente); — herbário — traça, cuja comida favorita é o livro. Além disso, posso garantir que o sentido último do sonho, que não expus aqui, mantém uma relação íntima com o conteúdo da cena da infância.

A análise de outra sequência de sonhos nos ensina que o próprio desejo que provocou o sonho, e cuja realização é o próprio sonho, provém da vida infantil, de modo que, para nossa surpresa, *vemos que a criança prossegue vivendo com seus impulsos no sonho*.

Neste ponto continuo a interpretação de um sonho que já nos foi instrutivo. Refiro-me ao sonho em que o amigo R. é meu tio. Avançamos na sua interpretação até o momento em que se tornou claro, entre seus motivos, o desejo de eu ser nomeado professor, e explicamos o afeto pelo amigo R. como produto de oposição e revolta contra o desdém dos dois colegas, contido nos pensamentos do sonho. Já que se tratava de um sonho meu, posso continuar a análise com a observação de que ainda não estava satisfeito com a solução alcançada. Eu sabia que, na vida de vigília,

meu juízo sobre os colegas maltratados nos pensamentos oníricos era bem diferente; a força do desejo de não partilhar seu destino na questão da nomeação me parecia pequena demais para explicar totalmente o contraste entre avaliação desperta e avaliação onírica. Se a necessidade de ser tratado com outro título fosse mesmo tão grande, isso evidenciaria uma ambição patológica que não reconheço em mim e que acredito estar longe de mim. Não sei como aqueles que me conhecem me julgam nesse ponto; talvez seja realmente ambicioso; se, porém, for esse o caso, essa ambição há muito se concentra em outros objetos, não em títulos e na posição de um *professor extraordinarius*.

De onde vem, então, a ambição que inspirou meu sonho? Lembro-me daquilo que me contaram tantas vezes na infância. Quando nasci, uma velha camponesa profetizou a minha mãe, que estava tão feliz com o nascimento de seu primogênito, que ela havia dado ao mundo um grande homem. Esse tipo de profecia deve ocorrer com grande frequência; existem tantas mães cheias de esperanças e tantas camponesas velhas ou outras mulheres idosas que compensam a incapacidade perdida no presente voltando-se para o futuro. E a camponesa não deve ter se prejudicado por isso. Era esta a fonte do meu desejo de grandeza? Mas então me recordo de outra impressão dos anos posteriores da juventude que serviria ainda melhor como explicação: certa noite, num dos restaurantes do Prater, para onde os pais costumavam levar o garoto de onze ou doze anos, tivemos a atenção chamada por um homem que ia de mesa em mesa e, em troca de uma gorjeta, improvisava versos sobre qualquer tema que lhe fosse sugerido. Enviaram-me para trazer o poeta até a nossa mesa, e ele se mostrou grato ao mensageiro. Antes de perguntar pelo tema sobre o qual deveria improvisar, apresentou algumas rimas sobre mim e, em seu improviso, declarou que, algum dia, eu me tornaria "ministro". Lembro-me ainda muito bem da impressão dessa segunda profecia. Era a época do Ministério dos Cidadãos; pouco antes, meu pai havia trazido para casa as imagens dos doutores civis Herbst, Giskra, Unger, Berger e outros, e nós havíamos iluminado a casa em

homenagem a esses senhores. Havia até judeus entre eles; cada garoto judeu estudioso carregava consigo na bolsa da escola um portfólio com o ministério. As impressões daquele tempo devem estar relacionadas também ao fato de que, até pouco tempo antes da matrícula na universidade, eu me dispunha a estudar direito, mudando de ideia apenas no último momento. A um médico é vedada a carreira de ministro. E então esse sonho! Percebo apenas agora que ele me arrebata do triste presente para a época esperançosa do Ministério dos Cidadãos e realiza plenamente o meu desejo de então. Ao tratar com tanto desprezo os meus dois colegas eruditos e respeitáveis por serem judeus, um como se fosse um idiota e o outro como se fosse um delinquente — ao proceder dessa forma, eu me comporto como se fosse o ministro, coloquei-me no lugar do ministro. Que bela vingança contra Vossa Excelência! Ele se recusa a me nomear *professor extraordinarius*, e por isso eu me coloco em seu lugar no sonho.

Em outro caso pude perceber que o desejo que provoca o sonho, apesar de ser atual, extrai um poderoso reforço de lembranças profundas da infância. Trata-se aqui de uma série de sonhos a que subjaz o desejo de ir a *Roma*. Creio que durante muito tempo ainda terei de satisfazer esse desejo por meio de sonhos, pois na época do ano em que posso viajar, preciso evitar viagens a Roma por motivos de saúde.[15] Certa vez, sonhei que olhava pela janela do vagão e via o rio Tibre e a ponte de Santo Ângelo; então o trem se punha em movimento, e me dava conta de não haver posto o pé na cidade. A vista no sonho era a reprodução de uma gravura famosa que, na véspera, eu vira de relance na sala de um paciente. Em outro sonho, alguém me levava para o alto de uma colina e me mostrava a cidade de Roma meio velada pela neblina e ainda tão distante que a nitidez da vista me espantava. O conteúdo do sonho era mais rico do que devo expor aqui. O tema "ver a terra prometida à distância" pode facilmente ser reconhecido. A primeira cidade que vi assim na neblina foi — *Lübeck*; a colina tem seu modelo no — *Gleichenberg*. Na terceira vez, encontrava-me finalmente em Roma, como me dizia o sonho. Para minha decepção,

porém, via um cenário nada urbano, *um pequeno rio com águas escuras; de um lado, rochas negras, do outro, campos com grandes flores brancas*. *Reconheço um senhor chamado Zucker* (que conheço superficialmente) *e decido perguntar-lhe pelo caminho para a cidade*. É evidente que, no sonho, meus esforços de ver uma cidade que nunca vi acordado são inúteis. Quando desmembro os elementos da paisagem no sonho, as flores brancas remetem a *Ravena*, que conheço e que, pelo menos durante algum tempo, tomou de Roma a posição de capital da Itália. Nos pântanos próximos de Ravena encontramos as mais lindas ninfeias no meio da água escura; o sonho as faz florescer nos campos como os narcisos em nosso *Aussee*, pois, na época, havia sido muito trabalhoso tirá-las da água. A rocha escura, tão próxima à água, lembra vividamente o vale de *Tepl* perto de *Karlsbad*. "*Karlsbad* " me permite agora explicar o fato curioso de eu perguntar ao sr. Zucker pelo caminho. Podemos reconhecer nesse material usado para tecer o sonho duas daquelas anedotas judaicas engraçadas, com tanta sabedoria de vida profunda, e muitas vezes amarga, que gostamos de citar em conversas e cartas. Uma delas é a história da "constituição", que conta como um pobre judeu sem passagem consegue entrar sorrateiramente no trem para Karlsbad. Sempre que é descoberto, ele é expulso do trem e, a cada vez, é tratado com maior dureza. Quando encontra um conhecido em uma de suas estações de sofrimento, ele responde à pergunta de para onde está viajando: "Se a minha constituição permitir — para *Karlsbad*". Minha memória guarda ainda outra história de um judeu que não dominava o francês e que é instruído a perguntar pela Rue Richelieu [literalmente, "rico lugar"] assim que chegar a Paris. *Paris* também foi, durante longos anos, objeto do meu desejo, e a felicidade que senti quando andei pelas ruas de Paris me serviu como garantia de que eu realizaria também outros desejos. O perguntar pelo caminho é, além disso, uma alusão direta a Roma, pois, como sabemos, todos os caminhos levam a Roma. O nome *Zucker* [açúcar] também aponta para Karlsbad, pois é para lá que mandamos todos os que sofrem da doença *constitucional* do diabetes.[i] O que ocasionou esse sonho foi a sugestão de

meu amigo berlinense, que desejava me encontrar em Praga na Páscoa. Os assuntos que tratei com ele permitiriam estabelecer outro vínculo entre "Zucker" e "diabetes".

Um quarto sonho, logo após o acima citado, me levou de volta a Roma. Vi à minha frente uma esquina e me surpreendi ao encontrar ali tantos cartazes em língua alemã. Na véspera, eu havia escrito ao meu amigo, com visão profética, que Praga não deveria ser um lugar agradável para alemães andarem. O sonho expressa, portanto, o desejo de encontrá-lo em Roma, e não na cidade boêmia e, ao mesmo tempo, o desejo, provavelmente proveniente ainda dos tempos de estudante, de que Praga demonstrasse mais tolerância em relação à língua alemã. Devo ter compreendido a língua tcheca durante os primeiros anos da minha infância, pois nasci numa pequena cidade da Morávia com população eslava. Um verso infantil em língua tcheca que ouvi aos dezessete anos de idade ficou gravado em minha memória com tanta facilidade que, ainda hoje, consigo recitá-lo, apesar de não ter ideia do que significa. Portanto, também nesses sonhos não faltam vínculos múltiplos com as impressões dos meus primeiros anos de vida.

Em minha última viagem pela Itália, que também me levou ao lago Trasimeno, descobri finalmente — após ter visto o Tibre e, com o coração apertado, ter dado meia-volta a oitenta quilômetros de Roma — o reforço que meu anseio pela Cidade Eterna recebia das impressões da infância. Estava cogitando o plano de, no ano seguinte, viajar para Nápoles, deixando Roma de lado mais uma vez, quando me lembrei de uma passagem que devo ter lido em um de nossos escritores clássicos:[16] "É difícil dizer quem andou para lá e para cá em sua sala com maior ansiedade, após ter decidido ir a Roma — o vice-reitor *Winckelmann* ou o general *Aníbal*". Afinal de contas, eu havia seguido os passos de Aníbal; o destino também lhe negou a felicidade de ver Roma, e também ele havia seguido para a *Campânia* quando todos esperavam que fosse para Roma. Aníbal, ao qual eu me assemelhava nesse sentido, havia sido o herói favorito dos meus anos de ginásio; como tantos outros de minha

idade, minhas simpatias, nas Guerras Púnicas, não estavam com os romanos, mas com os cartagineses. E mais tarde, nos últimos anos do ginásio, quando comecei a compreender as consequências de descender de uma raça estrangeira e quando os impulsos antissemitas dos meus camaradas me obrigaram a assumir uma atitude, a figura do general semita se tornou ainda maior aos meus olhos. *Aníbal* e *Roma* simbolizavam para o jovem o contraste entre a tenacidade do judaísmo e a organização da Igreja católica. A importância que desde então o movimento antissemita adquiriu em nossa vida emocional ajudou a fixar o pensamento e as sensações daquele tempo. Assim, o desejo de chegar a Roma se transformou, para a vida onírica, em disfarce e símbolo para vários outros desejos ardentes, cuja realização tentamos alcançar com a persistência e exclusividade do guerreiro púnico e que por algum tempo parece tão pouco favorecida pelo destino quanto o desejo de Aníbal de entrar em Roma.

Apenas então deparei com a vivência da juventude que, ainda hoje, manifesta seu poder em todos esses sentimentos e sonhos. Eu tinha dez ou doze anos de idade quando meu pai começou a me levar em suas caminhadas e a revelar em nossas conversas as suas opiniões sobre as coisas deste mundo. Certa vez, ele me contou — para me mostrar como eram melhores os tempos em que eu vivia: "Quando eu era jovem, saí para passear num sábado, em sua cidade natal. Eu estava bem-vestido, com um gorro de pele novo na cabeça. Então veio um cristão e, com um tapa, lançou meu gorro na lama e disse: 'Judeu, desça da calçada!'". "E você, o que fez?" "Eu desci da calçada e peguei meu gorro", foi sua resposta tranquila. Essa postura me pareceu pouco heroica para o homem grande e forte que segurava o garoto pela mão. Então contrapus a essa situação, que não me satisfazia, outra, que correspondia melhor ao meu sentimento, a cena em que Amílcar Barca,[17] o pai de Aníbal, faz seu filho jurar perante o altar de sua casa que se vingará dos romanos. Desde então Aníbal ocupava um lugar em minhas fantasias.

Creio poder seguir os traços desse entusiasmo pelo general cartaginês até uma época anterior da minha infância, de modo que mais uma vez se trataria apenas da transferência de uma relação afetiva já formada para um novo portador. Um dos primeiros livros que li, quando alfabetizado, foi *História do consulado e do império*, de Thiers. Recordo-me de ter colado pequenas etiquetas com os nomes dos marechais imperiais nas costas dos meus soldadinhos de madeira, e de já então Masséna (na forma judaica: Menasse) era meu favorito declarado.[18] (Essa preferência se explica pelo acaso da mesma data de nascimento, exatos cem anos depois.) Ao atravessar os Alpes, o próprio Napoleão estabelece um vínculo com Aníbal. E talvez possamos seguir o desenvolvimento desse ideal guerreiro até uma época ainda anterior da infância, até os desejos que, em meus primeiros três anos de vida, a relação ora amigável ora bélica com um garoto um ano mais velho gerava no coleguinha mais fraco.

Quanto mais nos aprofundamos na análise dos sonhos, mais frequentemente deparamos com vivências infantis, que no conteúdo latente do sonho têm o papel de fontes oníricas.

Já vimos (p. 44) que muito raramente o sonho reproduz lembranças de modo que constituam, sem abreviação e alteração, todo o conteúdo manifesto do sonho. Mas há alguns exemplos indubitáveis disso, aos quais posso acrescentar mais alguns, que também se referem a cenas infantis. Em um de meus pacientes, um sonho trouxe a reprodução praticamente inalterada de um acontecimento sexual, que logo ele reconheceu como lembrança fiel. A lembrança nunca havia se perdido completamente no estado de vigília, encontrava-se muito obscurecida, porém, e sua revitalização foi resultado do trabalho analítico antecedente. Aos doze anos de idade, o sonhador visitou um colega que estava preso à cama por causa de uma doença e que, provavelmente por acaso, se desnudou na cama durante um movimento. Ao ver os seus órgãos genitais, meu paciente foi dominado por um tipo de compulsão, também se despiu e levou a mão ao membro do outro. Este, porém,

o olhou com surpresa e reprovação, fazendo com que o sonhador se envergonhasse e o soltasse. Um sonho repetiu essa cena 23 anos mais tarde, com todos os sentimentos que a acompanhavam, mas alterando-a ao mesmo tempo: deu ao sonhador o papel passivo, em vez do ativo, e substituiu a pessoa do colega por outra da atualidade.

Em regra, porém, a cena infantil no conteúdo manifesto do sonho é representada apenas por uma alusão e precisa ser desenvolvida a partir do sonho, através da interpretação. A comunicação desses exemplos não tem um poder de prova muito grande, pois na maioria das vezes nos falta qualquer garantia para essas vivências infantis; quando ocorrem muito cedo na infância, a memória não as reconhece mais. O direito de inferir dos sonhos essas vivências infantis resulta, no trabalho psicanalítico, de toda uma série de fatores que parecem ser confiáveis o bastante, por concordarem mutuamente. Retiradas de seu contexto para a interpretação do sonho, essas referências a vivências infantis talvez produzam pouca impressão, ainda mais quando não comunicamos todo o material em que a interpretação se apoia. Isso, porém, não me impedirá de comunicá-las.

|

Numa de minhas pacientes, todos os sonhos têm o caráter de "correria"; ela corre para se arrumar, para não perder o trem etc. Num dos sonhos, *ela deve visitar uma amiga; a mãe lhe disse que ela deve ir de transporte, não a pé; ela, porém, anda rápido e tropeça continuamente*. — O material que surge durante a análise permite reconhecer a lembrança de correrias infantis (sabemos o que o vienense chama de "uma corrida" [*eine Hetz*, "uma brincadeira"]) e permite, especialmente num sonho, a referência a uma brincadeira popular entre as crianças que consiste em falar a sentença "*Die Kuh rannte, bis sie fiel*" [A vaca correu até cair] tão rápido como se fosse uma única palavra, o que também é uma espécie de "correria". Todas essas

brincadeiras inofensivas entre amiguinhas são lembradas porque elas substituem outras, menos inocentes.

II

Outra paciente teve o seguinte sonho: *Ela está num quarto grande, onde há vários tipos de máquinas, mais ou menos como ela imagina uma oficina ortopédica. Ela fica sabendo que eu não tenho tempo e que precisará fazer o tratamento com outros cinco ao mesmo tempo. Ela se recusa, porém, e não quer deitar naquilo que parece ser a cama que lhe foi atribuída. Ela fica num canto e espera até que eu diga que não é verdade. Entrementes, os outros riem dela, dizem que está de brincadeira. — Ao mesmo tempo, é como se ela estivesse desenhando muitos quadrados pequenos.*

A primeira parte do conteúdo do sonho se liga ao tratamento e à transferência para mim. A segunda contém a alusão a uma cena infantil; com a menção da cama, as duas partes ficam como que soldadas uma à outra. A oficina ortopédica remete a uma das minhas palestras, na qual eu havia comparado o tratamento, pela duração e pela natureza, a um procedimento *ortopédico*. No início do tratamento, tive de informá-la que *por enquanto eu teria pouco tempo para ela*, mas que depois lhe dedicaria uma hora inteira por dia. Isso despertou nela uma antiga sensibilidade, que é uma das características principais das crianças predispostas à histeria. Elas são insaciáveis em seu desejo de amor. Minha paciente era a caçula de seis irmãos (por isso: *com outros cinco*) e, portanto, a preferida do pai, mesmo assim parece ter considerado que o pai amado não lhe dedicava bastante tempo e atenção. — O fato de ela *esperar até eu dizer que não é verdade* tem a seguinte procedência: um pequeno aprendiz de alfaiate lhe trouxera um vestido, e ela lhe dera o dinheiro. Depois, perguntou ao marido se teria de pagar novamente se o menino perdesse o dinheiro. O marido, para *caçoar* dela, garantiu: "Sim" (o *deboche* no conteúdo do sonho), e ela repetiu a pergunta várias vezes, *esperando que, finalmente, ele dissesse que não era verdade*. Agora é possível construir o pensamento do conteúdo latente do sonho: ela

teria que me pagar o dobro se eu lhe dedicasse o dobro do tempo? — um pensamento avarento e *sujo*. (O sonho substitui frequentemente a falta de higiene na infância pela avareza; a palavra "sujo" serve como ponte.) Se toda a passagem sobre *esperar até eu dizer que não é verdade* pretende descrever a palavra "sujo" no sonho, o *ficar no canto* e o *não querer se deitar na cama* se adéquam a ele como componentes de uma cena infantil em que ela teria sujado a cama, e como castigo teve de ficar no canto, sob a ameaça de que o papai não a amaria mais, os irmãos ririam dela etc. Os pequenos quadrados aludem à sua pequena sobrinha que lhe mostra o truque de matemática que consiste, creio eu, em inscrever números em nove quadrados, de tal modo que sua soma em todas as direções resulta sempre em quinze.

III

O sonho de um homem: *Ele vê dois garotos que lutam. Das ferramentas espalhadas ao redor, ele deduz que são filhos de toneleiros. Um dos garotos derrubou o outro; o garoto deitado no chão tem brincos com pedras azuis. Ele persegue o agressor com uma vara erguida, para discipliná-lo. Este se refugia junto a uma mulher ao lado de uma cerca de madeira, como se ela fosse sua mãe. É uma diarista, que está de costas para o sonhador. Finalmente ela se vira e lhe lança um olhar terrível. Assustado, ele corre dali. Suas pálpebras inferiores revelam a carne vermelha que assoma de seus olhos.*

O sonho utilizou bastantes eventos triviais do dia anterior. Ele realmente viu dois garotos na rua, um dos quais derrubou o outro. Quando correu para separá-los, eles fugiram. — *Filhos de toneleiros*: será explicado apenas pelo sonho subsequente, em cuja análise ele usa a expressão popular: "*Essa foi a última gota*".[j] — *Brincos com pedras azuis* são usados, segundo sua observação, principalmente por prostitutas. Isso remete a um conhecido verso sobre *dois meninos*: o outro menino se chamava Marie (isto é, era uma garota). — *A mulher ao lado da cerca*: após a cena com os dois garotos, ele foi passear às margens do Danúbio e aproveitou a solidão

para urinar atrás de *uma cerca de madeira*. Mais adiante, uma senhora já mais velha e bem-vestida sorriu para ele e quis lhe dar seu cartão de visitas.

Já que, no sonho, a mulher tem a mesma postura dele ao urinar, trata-se de uma mulher que está urinando, e a isso corresponde a *"visão" terrível, a carne vermelha que assoma*, o que só pode se referir aos órgãos genitais entreabertos quando a mulher se põe de cócoras e que, quando vistos durante a infância, ressurgem na lembrança posterior como "*carne viva*", "ferida". O sonho reúne duas ocasiões em que o menino pôde ver os órgãos genitais de duas garotas, uma quando foram jogadas ao chão, a outra durante o ato de urinar e, como revela outro contexto, ele guarda a lembrança de um *castigo* ou ameaça do pai, por causa da curiosidade sexual que o garoto demonstrou nessas ocasiões.

IV

Todo um conjunto de lembranças da infância, reunidas de forma improvisada em uma fantasia, é encontrado no seguinte sonho de uma senhora já mais idosa.

Apressadamente, ela sai para fazer compras. No Graben,[k] *ela cai de joelhos, como que sofrendo um colapso. Muitas pessoas se reúnem em volta dela, principalmente os cocheiros; mas ninguém a ajuda a se levantar. Ela faz muitas tentativas inúteis; finalmente, parece ter conseguido, pois é colocada numa carruagem que deve levá-la para casa. Pela janela, alguém joga para ela um grande cesto, cheio e pesado* (*semelhante a uma cesta de compras*).

É a mesma mulher que sempre se apressa nos sonhos, da mesma forma como corria na infância. A primeira situação do sonho foi tomada, evidentemente, da visão de um cavalo caído, assim como o "colapso" alude a uma corrida de cavalos. Na juventude, ela havia sido *amazona* e, em tempos ainda mais remotos, provavelmente também *cavalo*. A *queda* remete à primeira lembrança da infância, do filho de dezessete anos do porteiro, que, acometido por convulsões epilépticas no meio da rua, teve de ser levado para casa numa carruagem. Naturalmente, ela só

ouviu falar desse incidente, mas o ato de imaginar as convulsões epilépticas do garoto que "*cai*" passou a dominar sua imaginação e, mais tarde, influenciou a forma de suas próprias crises histéricas. — Quando uma mulher sonha com uma queda, isso normalmente tem um sentido sexual; ela se torna uma mulher "*caída*"; no caso do nosso sonho, não há nenhuma dúvida em relação a essa interpretação, pois ela sofre sua queda no *Graben*, naquele lugar em Viena que é considerado a "pista" da prostituição. A *cesta de compras* oferece mais de uma interpretação; como cesta, lembra as muitas "*cestas*"[1] que ela deu aos seus pretendentes e que, mais tarde, como ela mesmo confessa, também recebeu. Faz parte disso também que *ninguém a ajuda a se levantar*, o que ela mesma interpreta como rejeição. Além disso, a *cesta de compras* lembra fantasias já reveladas pela análise, nas quais ela se casa com alguém muito inferior à sua posição social e agora é obrigada a ir à feira pessoalmente. Por fim, a cesta de compras poderia ser interpretada também como símbolo de um *serviçal*. Surgem agora outras lembranças da infância, de uma cozinheira que foi demitida porque roubava; esta também *caiu de joelhos* e implorou. Na época, a sonhadora tinha doze anos de idade. Depois, uma faxineira que foi demitida porque se envolvera com o *cocheiro* da casa, que mais tarde se casou com ela. Essa lembrança nos oferece uma fonte para os *cocheiros* no sonho (que, ao contrário da realidade, não lhe oferecem ajuda quando cai). Resta explicar a *cesta lançada pela janela*. Isso a lembra do *despacho* da bagagem no trem, das *pequenas janelas* no campo, de pequenas impressões de estadias no campo: como um senhor *lança ameixas azuis pela janela* no quarto de uma senhora, como sua pequena irmã teve medo porque um imbecil *olhou pela janela*. E agora surge uma lembrança obscura de seu décimo ano de vida, de uma babá que, no campo, teve relações amorosas com um servo da casa, coisa que a criança deve ter percebido, e que então foi "*despachada*", "*jogada*" para fora de casa (no sonho, o oposto: "*lançado para dentro*"), uma história da qual nós nos aproximamos também por vários outros

caminhos. Em Viena, a bagagem, a mala de um doméstico é pejorativamente chamada de "*sete ameixas*". "Junte suas sete ameixas e vá."

Naturalmente, minha coleção possui um rico estoque desse tipo de sonho de pacientes, cuja análise nos leva a impressões da infância obscuras ou não mais lembradas, muitas vezes dos três primeiros anos de vida. Mas não devemos tirar deles conclusões sobre o sonho em geral, pois, em regra, trata-se de pessoas neuróticas, especialmente histéricas, e o papel que cabe a essas cenas infantis nos sonhos pode ser determinado pela natureza da neurose, não pela do sonho. No entanto, na interpretação de meus próprios sonhos — que realizo não por causa de sintomas patológicos graves —, ocorre-me com a mesma frequência que, inesperadamente, deparo com uma cena infantil no conteúdo latente do sonho e que toda uma série de sonhos desemboca em vias que partem de uma vivência da infância. Já citei exemplos disso e citarei ainda outros, em ocasiões diversas. A melhor forma de encerrar esta seção talvez seja a comunicação de alguns sonhos em que eventos recentes e vivências infantis há muito esquecidas aparecem juntos como fontes oníricas.

I

Após uma viagem, deito-me exausto e faminto; no sono se manifestam as grandes necessidades da vida, e eu sonho: *Entro numa cozinha para pedir um pudim. Na cozinha, há três mulheres, uma das quais é a dona do estabelecimento, e que amassa algo com as mãos, como se estivesse preparando* Knödel.[m] *Ela responde que devo esperar até que termine* (fala ininteligível). *Fico impaciente e saio irritado. Visto um casacão; o primeiro, porém, é comprido demais. Tiro-o, um pouco surpreso ao ver que ele tem aplicações de pele. O segundo que visto tem uma longa faixa com desenhos turcos. Aparece então um desconhecido, de rosto longo e cavanhaque curto, e me impede de me vestir, declarando que o manto lhe pertence. Mostro-lhe então que o casacão está coberto*

de bordados turcos. Ele pergunta: "Que lhe dizem respeito os (desenhos, faixas…) turcos?". Depois, porém, tratamo-nos de forma muito amigável.

Durante a análise desse sonho, lembro-me inesperadamente do primeiro romance que li, talvez com treze anos de idade, que comecei a ler no final do primeiro volume. Jamais soube o título do romance e o nome de seu autor, mas lembro-me vividamente do final. O herói enlouquece e exclama constantemente os nomes de três mulheres que representaram a maior felicidade e o infortúnio de sua vida. Um desses nomes é Pélagie. Ainda não sei o que farei com essa lembrança na análise. Então, juntam-se às três mulheres as três Parcas, que tecem o destino do ser humano, e sei que uma das três mulheres, a dona do estabelecimento no sonho, é a mãe que dá a vida e, por vezes, como no meu caso, também o primeiro alimento. No seio feminino, o amor e a fome se encontram. Existe uma anedota sobre um homem jovem que se tornou um grande admirador da beleza feminina. Certa vez, quando o assunto da conversa se voltou para a linda ama que o amamentara, ele disse: "Lamento não ter aproveitado melhor aquela boa oportunidade". Costumo usar a anedota para explicar o fator "a posteriori" [*Nachträglichkeit*] no mecanismo das psiconeuroses.[n] — Uma das Parcas esfrega as mãos como se estivesse preparando *Knödel*. Uma ocupação estranha para uma Parca, que exige uma explicação urgente! Esta se acha em outra lembrança da primeira infância. Aos seis anos de idade, quando tive as primeiras aulas com minha mãe, ela queria que eu acreditasse que éramos feitos de terra e que, por isso, deveríamos retornar para a terra. Aquilo não me agradou, e eu questionei aquela doutrina. Foi quando minha mãe esfregou as mãos uma na outra — semelhante ao movimento feito no preparo dos *Knödel*, só que sem a massa entre as mãos — e me mostrou como prova da terra da qual somos feitos os pequenos fragmentos de epiderme quase pretos que se descamam. Fiquei estupefato com essa demonstração *ad oculos* [visual] e me rendi àquilo que, mais tarde, ouviria expresso nas palavras: "Tu deves à natureza uma morte".[19] São, portanto, realmente Parcas que encontro ao entrar na cozinha, como

ocorria tantas vezes na infância quando eu sentia fome e minha mãe me mandava esperar até que o almoço estivesse pronto. E agora os *Knödel*! Pelo menos um dos meus professores universitários, mas justamente aquele ao qual devo os meus conhecimentos *histológicos* (ver referência à *epiderme*), se lembrará, ao ouvir o nome *Knödl*, de uma pessoa que ele precisou autuar porque havia *plagiado* seus escritos. Cometer um plágio, apoderar-se de algo que é possível obter mesmo quando pertence a outrem, faz a transição para a segunda parte do sonho, onde sou tratado como o *ladrão de sobretudos* que, durante algum tempo, cometia seus malfeitos nos auditórios. Usei a expressão "*plágio*" sem nenhuma intenção, simplesmente porque ela se oferecia, e agora percebo que pode servir como *Brücke* [literalmente: "ponte"] entre partes distintas do conteúdo manifesto do sonho. A série de associações — *Pélagie* — *plágio* — *plagióstomos*[20] (*tubarões*) — *bexiga de peixe* vincula o velho romance ao caso *Knödl* e aos sobretudos, que, evidentemente, se referem a um utensílio da técnica sexual. (Cf. o sonho de Maury com *quilo* — *loteria*, p. 87.) Um vínculo altamente forçado e absurdo, um vínculo, porém, que, se já não tivesse sido estabelecido pelo trabalho onírico, eu não teria conseguido estabelecer em vigília. E como se nada fosse sagrado para o impulso de estabelecer vínculos, o querido nome "*Brücke*" (*Wortbrücke* ["ponte de palavras" = ligação verbal], ver acima) serve para me lembrar do mesmo instituto em que passei minhas horas mais felizes como estudante, isento de desejos: ("*So wird's Euch an der Weisheit Brüsten/ mit jedem Tage mehr gelüsten*" [A cada dia nos seios da sabedoria,/ encontrarás maior prazer]),[o] em contraste total com os apetites que me *atormentam* [*plagen*] enquanto sonho. E finalmente emerge a lembrança de outro professor querido, cujo nome também evoca a associação de algo comestível (*Fleischl* [*Fleisch*, "carne"], como *Knödl*) e de uma cena triste em que também têm papel *escamas de epiderme* (a mãe — dona do estabelecimento), assim como um distúrbio mental (o romance) e um ingrediente da *cozinha latina*[p] que tira a *fome*, a cocaína.

Assim eu poderia continuar a percorrer os emaranhados caminhos do pensamento e esclarecer totalmente a parte do sonho que falta na análise, mas não devo fazê-lo, pois isso exigiria sacrifícios pessoais grandes demais. Retomo apenas um dos fios que podem nos levar diretamente a um dos pensamentos oníricos por trás desse emaranhado. O desconhecido com rosto longo e cavanhaque, que tenta impedir que eu me vista, apresenta os traços de um comerciante de Spalato, do qual minha esposa adquiriu muitos tecidos *turcos*. Ele se chamava Popović, um nome suspeito,[q] que levou também o humorista Stettenheim a fazer um comentário sugestivo ("Disse-me seu nome e, enrubescendo, apertou minha mão"). Trata-se do mesmo abuso de um nome cometido também acima com Pélagie, Knödl, Brücke, Fleischl. Podemos afirmar que esse tipo de jogo de palavras é uma travessura infantil; mas quando eu me entrego à sua prática, passa a ser um ato de vingança, pois meu próprio nome já foi usado inúmeras vezes para essas brincadeirinhas tolas.[r] Goethe observou certa vez como é grande a sensibilidade com que reagimos ao nosso nome, com o qual nos identificamos como que com a nossa pele; foi quando Herder usou seu nome para compor os versos:

> *Der du von Göttern abstammst, von Gothen oder vom Kote —*
> *So seid ihr Götterbilder auch zu Staub.*
> [Tu, que descendes de deuses, de godos ou do lodo —
> Assim também vós, figuras divinas, vos tornastes pó.][s]

Noto que a digressão sobre o abuso dos nomes serviu apenas para introduzir essa queixa. Mas paremos aqui. — As compras em Spalato me recordam outras compras em Cattaro,[t] onde hesitei demais e perdi a oportunidade de fazer belas aquisições. (Perder a oportunidade com a ama, ver acima.) Um dos pensamentos oníricos inspirados pela fome diz: *Não deixe escapar nada, pegue o que conseguir, mesmo que isso signifique cometer uma pequena injustiça; não perca nenhuma oportunidade, a vida é curta, e a morte, inevitável.* Visto que isso também tem um significado sexual e o desejo não pretende parar diante da injustiça, esse *carpe diem* precisa temer a

censura e se esconder por trás de um sonho. Manifestam-se agora todos os pensamentos contrários, a lembrança do tempo em que o *alimento espiritual* bastava ao sonhador, de todas as restrições e até mesmo das ameaças de castigos sexuais repugnantes.

II

O segundo sonho exige um preâmbulo mais extenso.

Fui até a Estação do Oeste, com a intenção de partir de férias para Aussee, mas cheguei à plataforma quando ainda estava lá o trem para Ischl, que partia mais cedo. Lá vejo o conde Thun,[u] que novamente vai a Ischl para ver o imperador. A despeito da chuva, ele veio numa carruagem aberta, entrou diretamente pela porta dos trens regionais e rechaçou, com um gesto da mão e sem explicação, o controlador, que não o conhecia e pedira sua passagem. Após sua partida no trem para Ischl, devo abandonar a plataforma e retornar para a sala de espera, mas, com muito esforço, obtenho permissão para ficar. Passo meu tempo prestando atenção em qualquer um que tenta reservar um compartimento apelando a um favor; pretendo protestar em voz alta, isto é, insistir que me seja concedido o mesmo direito. Enquanto isso, cantarolo algo que logo reconheço como sendo a ária das *Bodas de Fígaro*:

Se quiser dançar, senhor conde,
Se quiser dançar, senhor conde,
O violãozinho eu tocarei.

(Outra pessoa talvez não reconhecesse a cantiga.)

Durante toda a noite, meu ânimo fora altivo e combatente, zombara do garçom e do cocheiro — sem magoá-los, espero eu; agora, passam pela minha mente vários pensamentos ousados e revolucionários, que combinam com as palavras de Fígaro e com a lembrança da comédia de Beaumarchais que vi apresentada na *Comédie-Française*. A palavra dos grandes senhores que se deram ao trabalho de nascer; o

direito de senhor que o conde Almaviva procura aplicar a Susanna; os gracejos que os nossos malvados jornalistas da oposição fazem com o nome do conde Thun [*tun* = agir], quando o chamam de conde Nichtsthun [*nichts tun* = nada fazer]. Eu realmente não o invejo; sua visita ao imperador será difícil, e o verdadeiro conde Nichtsthun sou eu; estou partindo de férias. Juntam-se a isso vários planos divertidos para as férias. Aparece então um senhor que me é conhecido como representante do governo nos exames de medicina e cujo desempenho nessa função lhe rendeu o lisonjeiro apelido de "companheiro de cama do governo" [*Regierungsbeischläfer*].[v] Apelando à sua função oficial, ele exige um meio compartimento de primeira classe, e ouço um funcionário perguntar ao outro: "Onde colocamos esse senhor com a meia passagem de primeira?". Que belo privilégio; eu pago na íntegra a minha primeira classe. Também recebo um compartimento, mas num vagão sem corredor, de modo que não disponho de um banheiro durante a noite. Queixo-me ao funcionário, sem sucesso; vingo-me com a sugestão de ele, pelo menos, abrir um buraco no piso, para eventuais necessidades dos viajantes. E, de fato, acordo quinze para as três da madrugada com necessidade de urinar, após o seguinte *sonho*:

Multidão, reunião de estudantes. — Com a palavra, um conde (*Thun ou Taaffe*). *Convidado a dizer algo sobre os alemães, ele, com gesto derrisório, declara a unha-de-cavalo a flor preferida desse povo, e prende algo parecido com uma folha rasgada — na verdade, um esqueleto de folha amassada — em sua botoeira. Eu me irrito, então me irrito,*[21] *mas me admiro dessa minha atitude*. Depois, com menos clareza: *Como se fosse o auditório, as entradas estão obstruídas e é preciso fugir. Eu abro caminho e passo por uma série de aposentos belamente decorados, claramente salas governamentais, com móveis de uma cor entre marrom e violeta, e por fim alcanço um corredor, onde está sentada uma governanta, uma senhora gorda de meia-idade. Evito falar com ela; evidentemente, porém, ela me considera autorizado a passar por aqui, pois me pergunta se quero que me acompanhe com a lanterna. Eu lhe dou a entender ou lhe digo que deve*

ficar parada na escada e me acho muito esperto por evitar o controle na saída. Então estou embaixo e acho um caminho estreito e íngreme que leva ao alto, e o sigo.

Novamente pouco claro… *Como se agora viesse a segunda tarefa: sair da cidade, como antes saí da casa. Estou num fiacre e ordeno que seja levado para a estação de trem. "Não posso fazer o trajeto do trem com o senhor", digo após o cocheiro protestar, como se eu o estivesse cansando. Parece que já percorri com ele um trajeto que, normalmente, se faz com o trem. As estações ferroviárias estão ocupadas; pondero se devo ir a Krems ou a Znaim, mas penso que lá deve estar a corte, e então decido seguir para Graz ou algo assim. Agora estou sentado no vagão, que se parece com um bonde, e tenho na botoeira uma coisa longa e estranhamente tecida, presas nela, violetas roxo-castanho feitas de material rígido, o que chama muito a atenção das pessoas.* Aqui, a cena é interrompida.

Novamente estou diante da estação de trem, dessa vez, porém, na companhia de um senhor idoso; invento um plano para não ser reconhecido, e já vejo esse plano realizado. Pensar e vivenciar são uma coisa só. Ele imita um cego, um caolho, pelo menos, e eu seguro para ele um urinol (*que compramos ou precisamos comprar na cidade*). *Portanto, sou um enfermeiro e tenho de segurar o urinol, porque ele é cego. Se o controlador nos vir assim, ele nos deixará passar sem que chamemos a atenção. Vejo de maneira plástica a postura do homem e seu membro em micção.* Segue então o despertar com o impulso de urinar.

O sonho inteiro dá a impressão de ser uma fantasia em que o sonhador é colocado no ano revolucionário de 1848, cuja memória havia sido renovada pelo jubileu em 1898 e também por uma pequena excursão a *Wachau*, durante a qual conheci Emmersdorf,[22] o lugar de retiro do líder estudantil Fischhof, ao qual alguns traços do conteúdo manifesto do sonho podem se referir. A associação de pensamentos me leva então para a Inglaterra, para a casa do meu irmão, que costumava dizer à sua esposa em tom jocoso: "*Fifty years ago*" [Cinquenta anos atrás], citando o título de um poema de Lord Tennyson.[w] Os filhos, já acostumados a corrigi-lo, respondiam: "*Fifteen years ago*" [Quinze anos atrás]. Mas essa fantasia, que se liga aos

pensamentos suscitados pela visão do conde Thun, é como a fachada de certas igrejas italianas, sem relação orgânica com a construção que se acha por trás dela; e, diferentemente dessas fachadas, é incompleta, confusa, e elementos do interior transparecem em muitos lugares. A primeira situação do sonho é composta de várias cenas que consigo identificar. A postura altiva do conde no sonho foi copiada de uma cena no ginásio, quando eu tinha quinze anos de idade. Havíamos tramado uma conspiração contra um professor ignorante e impopular; a alma da conspiração era um colega que, desde então, parece ter se servido de *Henrique VIII da Inglaterra* como seu exemplo. A execução do golpe principal coube a mim, e uma discussão sobre a importância do Danúbio para a Áustria (*Wachau!*) foi a ocasião que provocou a revolta aberta. Um dos conjurados, apelidado de "*Girafa*" por causa de sua altura notável, era o único colega aristocrático que tínhamos, e, ao ser confrontado pelo tirano da escola, o professor de *alemão*, assumiu a mesma postura do conde no sonho. A explicação sobre a *flor favorita* e *o colocar na botoeira* algo que também precisa ser uma flor (o que me lembra as orquídeas que eu levara para uma amiga naquele mesmo dia, e também uma rosa de Jericó) remetem à cena dos dramas reais de Shakespeare que dá início à guerra das Duas Rosas (*vermelha* e *branca*); a menção de *Henrique VIII* abriu o caminho para essa reminiscência. As rosas me levam imediatamente aos cravos vermelhos e brancos. (Na análise, inserem-se aqui dois pequenos versos, um em alemão e outro em espanhol: *Rosen, Tulpen, Nelken/ alle Blumen welken* [Rosas, tulipas, cravos/ todas as flores murcham]. *Isabelita, no llores/ que se marchitan las flores* [Isabelita, não chore/ Que as flores murcham]. O verso espanhol remete ao "*Fígaro*".) Aqui, em Viena, os cravos brancos se tornaram o símbolo dos *antissemitas*; os vermelhos, o dos *social-democratas*. Por trás disso, uma lembrança de uma provocação antissemita durante uma viagem de trem na bela Saxônia (cf. *anglo-saxão*). A terceira cena, que forneceu elementos para a formação da primeira situação onírica, me remete aos primórdios dos tempos de faculdade. Numa associação estudantil *alemã*, houve uma

discussão sobre a relação entre a filosofia e as ciências naturais. Eu, um garoto inexperiente adepto da doutrina materialista, fiz questão de apresentar um ponto de vista extremamente unilateral. Levantou-se então um colega mais sabedor e mais velho, que, desde então, demonstrou sua habilidade de dirigir as pessoas e organizar as massas, que também possui um nome do reino dos animais, e nos criticou energicamente; disse que também ele cuidara dos porcos em sua juventude e depois voltara arrependido para a casa paterna. *Irritei-me* (como no sonho), fui rude[x] e respondi que, sabendo que ele havia cuidado de *porcos*, o tom de suas falas não me *surpreendia* mais. (No sonho, *surpreendo*-me com minha atitude nacionalista.) Grande comoção; de todos os lados, exigiram que eu retirasse minhas palavras, mas permaneci firme. O ofendido foi sensato o suficiente para não ver a impertinência como um *desafio* e deixou de lado a questão.

Os outros elementos provêm de camadas mais profundas. O que significa a declaração do conde sobre a unha-de-cavalo? Aqui, preciso consultar minha sequência de associações: *Huflattich* [unha-de-cavalo] — *lattice* — *Salat* — *Salathund* ["cão de salada"] (o cachorro que não concede aos outros aquilo que ele mesmo não come). Aqui transparece uma coleção de injúrias: girafa [*Gir-affe*, em que *Affe* = macaco], porco, porca, cão; eu sei também como, por via de um nome, eu poderia chegar a *burro* e, assim, novamente a uma zombaria dirigida contra um professor acadêmico. Além disso, traduzo — não sei se corretamente — *Huflattich* como "*pisse-en-lit*". Tenho esse conhecimento do *Germinal* de Zola, no qual as crianças recebem a ordem de trazer esse tipo de salada. O cão — *chien* — contém em seu nome uma alusão à função maior (*chier* [defecar]; como *pisser* [urinar] à menor). Logo teremos reunido o indecoroso em todos os três estados físicos, pois no mesmo *Germinal*, que se ocupa muito da revolução iminente, encontramos a descrição de uma competição bem estranha, que se refere à produção de excreções gasosas, chamadas *flatus*.[23] E agora percebo como o caminho para esse *flatus* foi preparado há muito tempo, a começar pelas *flores* e passando pelo verso *espanhol*,

pela *Isabelita*, por *Isabela* e *Ferdinando*, por *Henrique VIII*, pela história inglesa, para então chegar à luta da Armada contra a Inglaterra: após seu encerramento vitorioso, os ingleses cunharam uma medalha com a inscrição: *Flavit et dissipati sunt* [Soprou e eles se dispersaram], pois a tempestade havia dispersado a frota espanhola.[24] Eu havia pensado em usar esse provérbio de forma meio jocosa como título para o capítulo "Terapia", caso chegasse a publicar um tratado minucioso sobre minha teoria e o tratamento da histeria.

Não posso oferecer uma resolução tão detalhada da segunda cena do sonho, por consideração pela censura. Nela eu me coloco no lugar de um grande senhor daquele tempo revolucionário, que também teve uma aventura com uma águia (*Adler*) e sofria de *incontinentia alvi* etc., e creio que *não teria o direito de passar* pela censura, mesmo que um conselheiro da corte (*Aula, consiliarius aulicus*) tenha me contado a maior parte daquelas histórias. A série de salas [*Zimmer*] no sonho se deve ao vagão-salão de Sua Excelência, que pude ver de relance; essas salas, porém, como ocorre tantas vezes no sonho, significam mulheres [*Frauenzimmer*] (mulheres estatais [*ärarische Frauenzimmer*]). A governanta é uma senhora idosa e espirituosa que me ofereceu sua hospitalidade e me contou muitas histórias; o sonho é uma tentativa de agradecer-lhe pelo acolhimento. — A caminhada com a lanterna remonta a Grillparzer, que anotou uma experiência encantadora de conteúdo semelhante — a Armada e a *tempestade* — e a usou na peça sobre Hero e Leander, *As ondas do mar e do amor* [1831].[25]

Também não posso me deter na análise minuciosa das duas partes restantes do sonho; selecionarei apenas aqueles elementos que nos levam às duas cenas infantis, a razão pela qual incluí esse sonho. O leitor suspeitará, com todo o direito, que o que me obriga a essa supressão é um material sexual; no entanto, ele não precisa se contentar com essa explicação. Muitas vezes, confessamos a nós mesmos um segredo que precisamos esconder dos outros, mas aqui não são essas as razões que me obrigam a ocultar a solução, mas os motivos da censura interna, que escondem

de mim o conteúdo verdadeiro do sonho. Preciso, portanto, dizer que a análise permite reconhecer essas três partes do sonho como jactâncias impertinentes, como produto de uma megalomania risível, havia muito suprimida no estado de vigília, que, com algumas ramificações isoladas, ousa penetrar no conteúdo manifesto do sonho ("*eu me acho muito esperto*"), mas que permite entender perfeitamente o ânimo altivo da noite anterior ao sonho. Jactância que se estende a todos os domínios; a menção de *Graz* se deve ao dito popular "*Quanto custa Graz?*", que usamos quando acreditamos dispor de muito dinheiro. Se pensarmos no mestre Rabelais, em sua descrição insuperada da vida e dos atos de Gargântua e de seu filho Pantagruel, podemos incluir também entre as gabolices o conteúdo indicado da primeira parte do sonho. As duas cenas infantis prometidas contêm o seguinte: para essa viagem, eu havia comprado uma mala *nova*, cuja cor, um *roxo-castanho*, aparece várias vezes no sonho (*violetas roxo-castanho feitas de material rígido*, ao lado de um objeto chamado "*Mädchenfänger*" ["apanhador de garotas"] — os móveis nas salas oficiais). Todas as crianças acreditam *chamar a atenção* das pessoas com algo *novo*. Contaram-me a seguinte cena da minha infância, cuja lembrança foi substituída pela lembrança da narrativa. Dizem que — aos dois anos de idade — vez ou outra eu ainda molhava a cama e que, ao ser repreendido por causa disso, tentei *consolar* meu pai prometendo que eu lhe compraria uma *nova* e linda cama *vermelha* em N. (a cidade mais próxima). (É por isso que o sonho insere a informação de que *compramos ou precisamos comprar* o urinol na cidade; uma promessa precisa ser cumprida.) (Observe-se também a justaposição do urinol masculino e da mala feminina, *box*.) Toda a megalomania da criança está contida nessa promessa. A importância das dificuldades urinárias da criança nos sonhos já chamou nossa atenção ao interpretar outro sonho (cf. o sonho na página 237). As psicanálises de pacientes neuróticos nos revelaram também a relação íntima entre a enuresia e a ambição.

Mas houve outro incidente doméstico, quando eu tinha sete ou oito anos de idade, do qual me recordo muito bem. Certa noite, antes de me deitar, ignorei o imperativo de não satisfazer minhas necessidades no quarto dos pais em sua presença, e, ao me repreender, meu pai observou: "Esse garoto não será nada na vida". Deve ter sido uma humilhação terrível para a minha ambição, pois meus sonhos fazem alusões frequentes a essa cena e regularmente vêm acompanhados de uma enumeração dos meus trabalhos e sucessos, como se eu quisesse dizer: "Está vendo? Consegui ser algo na vida". Essa cena infantil fornece o material para a última imagem do sonho, na qual os papéis são naturalmente trocados por motivos de vingança. O homem mais velho, evidentemente meu pai, visto que a cegueira em um olho significa seu glaucoma unilateral,[26] urina agora na minha frente, como eu fizera na época na frente dele. Com o glaucoma eu lembro a ele a cocaína que o ajudara durante a cirurgia, como se assim eu tivesse cumprido minha promessa. Além disso, zombo dele; já que é cego, preciso segurar o urinol para ele e me deleito em alusões às minhas descobertas na teoria da histeria, das quais me orgulho.[27]

As duas cenas de micção da minha infância estão intimamente vinculadas ao tema do desejo de grandeza, mas sua evocação foi favorecida durante a viagem a Aussee pela circunstância casual de que meu compartimento não possuía banheiro e tive de prever a possibilidade de uma situação embaraçosa, o que de fato veio a acontecer pela manhã. Acordei com as sensações da necessidade física. Poderíamos atribuir a essas sensações o papel de instigador do sonho; no entanto, eu daria preferência a outra concepção, a de que foram os pensamentos oníricos que provocaram a necessidade de urinar. É muito incomum que alguma necessidade perturbe meu sono, ainda mais a essa hora da noite, às duas e 45 da madrugada. Além disso, em outras viagens, em condições mais cômodas, quase nunca senti vontade de urinar após o despertar matinal. De qualquer maneira, essa questão pode permanecer em aberto sem nenhum problema.

As experiências na análise dos sonhos chamaram minha atenção para o fato de que também dos sonhos cuja interpretação parece, a princípio, completa — porque podemos mostrar facilmente as fontes do sonho e os instigadores de desejos — partem pensamentos importantes que se estendem até a primeira infância. Por isso, perguntei-me se esse traço não constituiria igualmente uma condição essencial para sonhar. Se eu pudesse generalizar esse pensamento, cada sonho apresentaria em seu conteúdo manifesto um vínculo com eventos recentes, em seu conteúdo latente, porém, um vínculo com a vivência mais antiga. A análise da histeria me permite demonstrar que esse passado permaneceu, num bom sentido, recente até o presente. No entanto, ainda parece ser difícil demonstrar essa suposição; mais adiante, terei que voltar a falar, em outro contexto (capítulo VII), sobre o provável papel das vivências da primeira infância na formação do sonho.

Das três peculiaridades da memória do sonho contempladas no início do capítulo, conseguimos explicar satisfatoriamente uma, a preferência pelas impressões secundárias no conteúdo do sonho, ligando-a à *deformação onírica*. Pudemos confirmar as duas outras, o destaque dado a eventos recentes e às vivências infantis, mas não conseguimos deduzi-las das motivações do sonho. Precisamos manter em mente essas duas características, cuja explicação ou utilização ainda nos é negada; teremos que encontrar sua inserção em outro lugar, ou na psicologia do estado de sono ou nas considerações que faremos adiante sobre a estrutura do aparelho psíquico, quando tivermos notado que a interpretação dos sonhos permite vislumbrar seu interior como que por uma fresta na janela.

Mas já agora quero destacar outro resultado das últimas análises de sonhos. O sonho parece ter, frequentemente, *vários significados*; não apenas, como mostram os exemplos, várias realizações de desejos podem nele estar reunidas, mas também é possível que um sentido, um desejo realizado encubra os outros até que, no fundo, deparamos com a realização de um desejo da primeira infância, e também aqui cabe

perguntar se não seria mais correto, naquela frase, substituir “frequentemente” por “regularmente”.[28]

C. AS FONTES SOMÁTICAS DO SONHO

Quando tentamos interessar um leigo culto pelos problemas do sonho e, com esse propósito, lhe perguntamos de que fontes vêm os sonhos em sua opinião, percebemos, na maioria das vezes, que o interrogado acredita possuir seguramente essa parte da solução. De imediato ele se lembra da influência que uma digestão difícil ou perturbada ("Os sonhos vêm do estômago"), uma posição casual do corpo e pequenos eventos durante o sono exercem na formação do sonho, e não parece imaginar que, após levar em conta todos esses fatores, ainda reste algo que necessita de explicação.

Expusemos em detalhes no capítulo introdutório (seção C) o papel que a literatura científica atribui às fontes de estímulos somáticos na formação do sonho, de modo que basta lembrar aqui os resultados daquela investigação. Vimos que os autores distinguem três fontes de estímulos somáticos: os estímulos sensoriais objetivos, que partem de objetos externos, os estados de excitação interna dos órgãos sensoriais, de base apenas subjetiva, e os estímulos somáticos provenientes do interior do corpo, e observamos a tendência dos autores de, diante dessas fontes de estímulos somáticos, passar para o segundo plano ou até mesmo excluir totalmente eventuais fontes *psíquicas* do sonho (p. 65). Ao examinar as reivindicações feitas em prol das fontes de estímulos somáticos, vimos que a importância das excitações sensoriais objetivas — estímulos casuais durante o sonho e estímulos de que a vida psíquica adormecida não pode ser protegida — é garantida por numerosas observações e confirmada experimentalmente (p. 47), que o papel das excitações sensoriais *subjetivas* parece ser demonstrado pelo retorno das imagens sensoriais hipnagógicas nos sonhos (p. 56) e que, embora não seja possível provar que as nossas imagens e representações oníricas remontam, em toda a extensão que se supôs, ao estímulo somático interno, elas talvez se apoiem na já

conhecida influência do estado de excitação dos órgãos digestivos, urinários e sexuais sobre o conteúdo dos nossos sonhos.

"*Estímulo nervoso*" e "*estímulo corporal* " seriam então as fontes somáticas do sonho — segundo vários autores, as únicas fontes do sonho.

Mas já consideramos uma série de dúvidas que parecem questionar não a exatidão, mas a suficiência da teoria dos estímulos somáticos.

Por mais seguros que os representantes dessa teoria tenham se sentido em relação aos seus fundamentos factuais — sobretudo no que diz respeito aos estímulos nervosos acidentais e externos, cuja identificação no conteúdo do sonho não apresenta nenhuma dificuldade —, nenhum deles deixou de perceber que o rico conteúdo de representações dos sonhos não pode ser derivado apenas dos estímulos nervosos externos. Miss Mary Whiton Calkins (1893) analisou seus próprios sonhos e os de outra pessoa durante seis semanas, atentando para isso, e encontrou apenas 13,2% e 6,7% respectivamente de casos em que o elemento de percepção sensorial externa pôde ser demonstrado. Somente dois casos de sua coletânea podiam remontar a sensações orgânicas. A estatística confirma aqui o que já havíamos suposto após um exame rápido de nossas próprias experiências.

Muitas vezes os autores se contentaram em destacar o "sonho de estímulo nervoso" de outras formas do sonho, como uma subespécie bem pesquisada. Spitta dividiu os sonhos entre aqueles *de estímulo nervoso* e aqueles *de associação*. Era evidente, porém, que a solução permaneceria insatisfatória enquanto não fosse possível demonstrar o vínculo entre as fontes oníricas somáticas e o conteúdo representacional do sonho.

À primeira objeção, a insuficiente frequência das fontes de estímulos externos, junta-se uma segunda, a explicação insuficiente do sonho que pode ser alcançada por meio da introdução desse tipo de fonte onírica. Os defensores da teoria nos devem dois esclarecimentos: em primeiro lugar, por que o estímulo externo do sonho não é reconhecido em sua natureza real, mas é regularmente confundido (cf.

os sonhos de despertador, pp. 52 s.). E, em segundo lugar, por que o resultado da reação da psique a esse estímulo confundido é tão variável e indeterminável. Respondendo a essa questão, Strümpell afirmou que a psique, em virtude de seu afastamento do mundo exterior durante o sono, é incapaz de fornecer a interpretação correta do estímulo sensorial objetivo e assim é obrigada a criar ilusões com base no estímulo indeterminado em muitas direções. Em suas próprias palavras (1877, pp. 108 s.):

"Assim que surge na alma, por meio de um estímulo nervoso externo ou interno durante o sonho, uma sensação ou um complexo de sensações, um sentimento, algum processo psíquico, e a psique o percebe, esse processo evoca imagens sensoriais do círculo de experiências que ficou na psique a partir do estado de vigília, ou seja, percepções anteriores, sejam elas nuas ou munidas de valores psíquicos. Ele reúne ao seu redor, por assim dizer, um número maior ou menor dessas imagens, por meio das quais a impressão proveniente do estímulo nervoso adquire seu valor psíquico. Costuma-se dizer também aqui, como faz a linguagem corrente em relação ao comportamento em vigília, que no sono a psique *interpreta* as impressões dos estímulos nervosos. O resultado dessa interpretação é o chamado *sonho de estímulo nervoso*, isto é, um sonho cujos componentes são determinados pelo fato de que um estímulo nervoso exerce seu efeito psíquico na vida mental conforme as leis da reprodução."

Essencialmente idêntica a essa teoria é a declaração de Wundt segundo a qual a maioria das representações do sonho parte de estímulos sensoriais, incluindo especialmente as sensações cenestésicas, sendo por isso, na maioria das vezes, ilusões fantásticas e, provavelmente, só em pequena parte puras representações mnêmicas intensificadas e transformadas em alucinações. Para a relação entre o conteúdo do sonho e os estímulos do sonho, que resulta dessa teoria, Strümpell faz a comparação pertinente (1877, p. 84) de que ela seria como os "dez dedos de uma pessoa sem nenhum conhecimento musical que deslizam sobre as teclas do piano".

Assim, o sonho se apresenta não como fenômeno psíquico, resultante de motivações psíquicas, mas como produto de um estímulo fisiológico que se manifesta numa sintomatologia psíquica, pois o aparelho afetado pelo estímulo não é capaz de se expressar de outra forma. Num pressuposto semelhante se baseia, por exemplo, a explicação das ideias obsessivas que Meynert procurou dar com a famosa analogia do mostrador de relógio em que alguns números se destacam em maior relevo.

Por mais que a teoria dos estímulos oníricos somáticos tenha se tornado popular e pareça atraente, é fácil indicar seu ponto fraco. Cada estímulo somático do sonho, que no sono convida o aparelho psíquico a interpretá-lo pela formação de uma ilusão, pode instigar inúmeras dessas tentativas de interpretação, ou seja, apresentar-se num número incalculável de representações no conteúdo onírico.[29] A teoria de Strümpell e Wundt é incapaz de apontar qualquer motivo que regulamente a relação entre o estímulo externo e a representação onírica selecionada para sua interpretação, ou seja, de explicar a "curiosa seleção" que os estímulos "frequentemente fazem na sua atividade produtiva" (Lipps, 1883, p. 170). Outras objeções se voltam contra a pressuposição fundamental de toda a teoria da ilusão, segundo a qual a psique, durante o sono, seria incapaz de reconhecer a natureza real dos estímulos sensoriais objetivos. O velho fisiólogo Burdach demonstra que a psique é perfeitamente capaz de, também no sono, interpretar corretamente as impressões sensoriais que lhe chegam e reagir em conformidade com a interpretação correta, explicando que certas impressões sensoriais importantes para o indivíduo podem não ser negligenciadas durante o sono (caso da ama e do bebê) e que nosso próprio nome nos desperta mais seguramente do que outra impressão auditiva qualquer, o que significa que a psique distingue entre as sensações também durante o sono (capítulo I, p. 79). Burdach deduz dessas observações que, para o estado de sono, devemos postular não uma *incapacidade* de *interpretar* os estímulos sensoriais, mas sim *uma falta de interesse por eles*. Os mesmos

argumentos usados por Burdach em 1830 retornam de forma inalterada em Lipps, em 1883, para combater a teoria dos estímulos somáticos. Segundo ele, a psique se apresenta a nós como o adormecido na anedota, que, ao lhe perguntarem se está dormindo, responde: "Não". Quando a pessoa lhe diz: "Então me empreste dez táleres", ele se esconde por trás da desculpa: "Estou dormindo".

A insuficiência da teoria dos estímulos somáticos do sonho pode ser demonstrada também de outra forma. A observação mostra que estímulos externos não me obrigam a sonhar, mesmo que esses estímulos apareçam no conteúdo do sonho. Se um estímulo de contato ou pressão me ocorre durante o sono, há diversas reações possíveis a ele. Posso ignorá-lo e descobrir ao despertar que, por exemplo, uma perna estava descoberta ou um braço sofreu alguma pressão; a patologia nos oferece numerosos exemplos em que diversos estímulos sensoriais ou motores fortes permanecem sem efeito durante o sono. Posso perceber a sensação durante o sono, como que por trás do sono e como costuma acontecer com estímulos dolorosos, mas sem entremeá-la em um sono; em terceiro lugar, posso despertar com o estímulo, para assim eliminá-lo.[30] Apenas em quarto lugar temos a possível reação de que um estímulo nervoso me leve a sonhar; mas as outras possibilidades se realizam pelo menos com a mesma frequência que a formação do sonho. Isso não poderia acontecer se o motivo do sonho *não se encontrasse fora das fontes de estímulos somáticos*.

Numa avaliação correta da lacuna acima apontada na explicação do sonho por meio dos estímulos somáticos, outros autores — Scherner e, em seguida, o filósofo Volkelt — tentaram determinar com maior exatidão as atividades psíquicas que, a partir dos estímulos somáticos, produzem as imagens oníricas variegadas, ou seja, novamente colocaram a essência do sonho no âmbito *psíquico*, numa atividade psíquica. Scherner não só apresentou uma descrição empática, poética e vigorosa das peculiaridades psíquicas que se desenvolvem na formação do sonho; ele também acreditou haver descoberto o princípio segundo o qual a psique procede

com os estímulos que lhe são apresentados. Segundo Scherner, o trabalho do sonho, em livre atividade da imaginação, despojada das amarras do dia, procura representar *simbolicamente* a natureza do órgão do qual parte o estímulo e o tipo desse estímulo. Resulta assim uma espécie de livro dos sonhos, um guia para a interpretação dos sonhos, que permite deduzir das imagens oníricas as sensações corporais, os estados dos órgãos e a natureza dos estímulos. "A imagem do gato expressa a irritação do espírito; a imagem de um bolo claro e liso, a nudez do corpo." O corpo humano como um todo é representado pela fantasia onírica na forma de uma casa; o órgão separado, como parte da casa. Nos "sonhos de estímulo dentário", a boca corresponde a um corredor alto e arqueado; e a queda da faringe em direção ao esôfago, a uma escada. "No 'sonho de dores de cabeça', a posição elevada da cabeça é designada pelo teto do quarto, coberto de aranhas repugnantes que se parecem com sapos" [p. 33]. "O sonho usa esses símbolos em múltiplas variações para o mesmo órgão; o pulmão ativo encontra seu símbolo no forno cheio de chamas com seu ronco; o coração, em caixas e cestas vazias; a bexiga em objetos redondos, em forma de sacolas ou simplesmente ocos." "É de importância especial o fato de no fim do sonho o órgão excitado ou sua função ser frequentemente apresentado sem disfarce, na maioria das vezes no próprio corpo do sonhador. Assim, no final de um 'sonho de estímulo dentário', o sonhador costuma arrancar um dente de sua boca" (Ibid., p. 35). Não podemos dizer que essa teoria da interpretação dos sonhos tenha sido recebida positivamente pelos outros autores. Ela pareceu extravagante, sobretudo; hesitaram até em identificar nela o pouco de justificativa que, em minha opinião, ela pode reivindicar para si. Ela conduz, como vemos, à revivescência da interpretação dos sonhos mediante o *simbolismo* de que se serviam os antigos, mas o âmbito em que se deve buscar a interpretação é restrito ao corpo humano. A falta de uma técnica de interpretação cientificamente apreensível prejudica bastante a aplicabilidade da teoria de Scherner. A arbitrariedade na interpretação dos sonhos não é excluída, visto que o estímulo pode se expressar em

múltiplas representações no conteúdo do sonho; assim, Volkelt, seguidor de Scherner, não pôde confirmar a representação do corpo como casa. Causa espécie também que mais uma vez o trabalho onírico seja imposto à psique como atividade inútil e despropositada, pois, segundo a teoria em questão, a psique se contenta em fantasiar sobre o estímulo que a ocupa, sem vislumbrar nem mesmo ao longe a eliminação do estímulo.

Mas há uma objeção que atinge duramente a teoria da simbolização de estímulos somáticos no sonho, defendida por Scherner. Esses estímulos somáticos estão sempre presentes; supõe-se em geral que, durante o sono, a psique é mais acessível a eles do que no estado de vigília. Por isso, não se compreende por que a psique não sonha continuamente durante a noite, e até mesmo todas as noites com todos os órgãos. Se quiséssemos fugir a essa objeção alegando que excitações especiais teriam que partir do olho, do ouvido, dos dentes, dos intestinos etc. para provocar a atividade onírica, depararíamos com a dificuldade de demonstrar objetivamente essa intensificação dos estímulos, o que só é possível em poucos casos. Se o sonho de um voo simbolizasse o subir e descer dos lobos pulmonares durante a respiração (cf. p. 64), então, como já observou Strümpell, ou esse sonho precisaria ocorrer com uma frequência muito maior ou teria de ser possível demonstrar uma atividade respiratória intensificada durante ele. Existe ainda a possibilidade de um terceiro caso, o mais provável de todos: que motivos especiais ajam temporariamente, fazendo a atenção se voltar para as sensações viscerais, mas esse caso já nos leva para além da teoria de Scherner.

O valor das considerações de Scherner e Volkelt é que chamam nossa atenção para uma série de características do conteúdo do sonho que exigem uma explicação e parecem esconder novos conhecimentos. É absolutamente correto que os sonhos contêm simbolizações de órgãos e funções do corpo, que, muitas vezes, a água no sonho aponta para uma excitação da bexiga, que o órgão genital masculino pode ser representado por um bastão ereto ou por uma coluna etc. Nos sonhos que

apresentam um campo de visão muito agitado e cores vibrantes, ao contrário da opacidade de outros sonhos, é difícil rejeitar a interpretação de "sonhos com estímulo visual"; também não podemos negar a contribuição das ilusões em sonhos que contêm barulho e confusão de vozes. Um sonho como o de Scherner, no qual duas fileiras de belos garotos louros ficam uma de frente para a outra numa ponte, se atacam e depois retornam às suas posições originais, até que, por fim, o sonhador se senta numa ponte e tira um dente longo de sua mandíbula; ou outro semelhante de Volkelt, em que há duas fileiras de gavetas e que também termina com um dente arrancado: sonhos como esses, relatados em grande número pelos dois autores, não permitem descartar a teoria de Scherner como invenção ociosa, sem antes procurar seu núcleo de verdade. Mas então nos vemos diante da tarefa de encontrar outra explicação para a suposta simbolização do que seria um estímulo dentário.

Durante todo esse tempo em que nos ocupamos da teoria das fontes somáticas do sonho, deixei de recorrer àquele argumento que resulta de nossas análises dos sonhos. Se mediante um procedimento que outros autores não aplicaram ao seu material onírico pudemos demonstrar que o sonho possui um valor próprio como ação psíquica, que um desejo se torna o motivo de sua formação e que as vivências do dia anterior fornecem o material para seu conteúdo, todas as outras teorias do sonho que negligenciam um procedimento de investigação tão importante e, por conseguinte, apresentam o sonho como reação psíquica inútil e enigmática a estímulos somáticos já estão condenadas sem a necessidade de uma crítica especial. Caso contrário, precisariam existir — o que é muito improvável — dois tipos completamente diferentes de sonhos, um dos quais só ocorre conosco; e o outro, só com os avaliadores mais antigos dos sonhos. Agora resta apenas encontrar lugar, em nossa teoria do sonho, para aqueles fatos em que se apoia a teoria corrente dos estímulos oníricos somáticos.

Já demos um primeiro passo nessa direção quando estabelecemos a tese de que o trabalho do sonho é compelido a elaborar numa unidade todas as incitações ao

sonho simultaneamente presentes (p. 214). Vimos que, quando restam duas ou mais vivências marcantes do dia anterior, os desejos que delas resultam são reunidos em um sonho; vimos também que a impressão psíquica valiosa e as vivências indiferentes do dia anterior se unem no material onírico, contanto que seja possível estabelecer representações que as comuniquem entre si. Desse modo, o sonho aparece como reação a tudo que esteja presente simultaneamente na psique adormecida como algo atual. O material onírico que analisamos até agora se revelou como uma coletânea de resíduos psíquicos, traços mnemônicos aos quais (devido à preferência por material recente e infantil) tivemos que atribuir um caráter de atualidade ainda indeterminável psicologicamente. Não nos causa muita dificuldade prever o que acontecerá se, durante o estado de sono, um novo material de sensações se juntar a essas lembranças atuais. Essas excitações adquirem importância para o sonho pelo fato de serem atuais; elas se unem às outras atualidades psíquicas para fornecer o material para a formação do sonho. Em outras palavras, os estímulos durante o sono são elaborados numa realização de desejo cujos outros elementos são os resíduos psíquicos do dia que já conhecemos. Essa união não *tem* de ocorrer; já vimos que é possível reagir de modos diferentes aos estímulos somáticos durante o sono. Quando ela ocorre, é porque se encontrou um material representacional para o conteúdo do sonho que consegue representar tanto as fontes somáticas quanto as psíquicas.

A essência do sonho não é alterada quando um material somático se junta às fontes psíquicas do sonho; ele continua sendo uma realização de desejo, independentemente de como sua expressão é determinada pelo material atual.

Aqui cederei espaço, de bom grado, a uma série de peculiaridades que podem dar importância variável aos estímulos externos para o sonho. Imagino que uma convergência de fatores individuais, psicológicos e casuais, produzidos em cada circunstância, determina como a pessoa se comporta em casos específicos de intensa estimulação objetiva durante o sono. A habitual profundidade acidental do sono,

em combinação com a intensidade do estímulo, ora permitirá suprimir o estímulo de forma tal que ele não venha a perturbar o sono, ora forçará a despertar ou favorecerá a tentativa de superar o estímulo entremeando-o num sonho. De acordo com a diversidade dessas constelações, os estímulos externos objetivos se expressarão no sonho com uma frequência maior ou menor nesta ou naquela pessoa. Eu, que tenho um sono excelente e me recuso obstinadamente a permitir que algo o perturbe, experimento raríssimas intromissões de causas de excitação externa em meus sonhos, enquanto os motivos psíquicos evidentemente me fazem sonhar com facilidade. Na verdade, registrei apenas um sonho em que se reconhece uma fonte objetiva de estímulo doloroso, e justamente esse sonho é muito instrutivo para demonstrar o efeito onírico do estímulo externo.

Estou montado num cavalo cinza, primeiro com relutância e pouca destreza, como se eu estivesse apenas me apoiando nele. Então encontro meu colega P., em traje de tweed e postura altiva no seu cavalo, que me repreende por algum motivo (*provavelmente, por minha postura ruim*). *Acostumo-me cada vez mais com o cavalo muito inteligente, acomodo-me e percebo que me sinto perfeitamente à vontade aqui no alto. Um tipo de estofo me serve de sela, que ocupa todo o espaço entre o pescoço e a garupa do cavalo. Passo pela abertura estreita entre dois caminhões. Após ter seguido a rua durante algum tempo, dou meia-volta e quero descer do cavalo, primeiro na frente de uma pequena capela aberta à beira da rua. Depois, desço realmente na frente de outra, bem próxima; o hotel se encontra na mesma rua; eu poderia deixar o cavalo seguir sozinho até lá, mas prefiro conduzi-lo. É como se eu me envergonhasse de chegar ali a cavalo. Diante do hotel há um servente, que me mostra um papel que encontrei, e por isso zomba de mim. No papel está escrito, duplamente sublinhado: Não comer, e uma segunda intenção* (indistinta) *parecida com: Não trabalhar; além disso, uma noção vaga de que estou numa cidade desconhecida, na qual não trabalho.*

A princípio, ninguém suspeitará que o sonho se originou sob a influência, ou melhor, sob a coação de um estímulo doloroso. No dia anterior, furúnculos haviam

me causado grande sofrimento e transformaram cada movimento em uma tortura; por fim, um furúnculo na raiz do escroto chegou a alcançar o tamanho de uma maçã, gerando dores insuportáveis a cada passo, e um cansaço febril, uma falta de apetite e o trabalho duro durante o dia haviam se unido às dores para perturbar meu humor. Tive dificuldades de exercer minhas obrigações de médico, mas o tipo e a localização do mal me fizeram pensar em outra atividade para a qual eu certamente era mais incapaz do que para qualquer outra: a *equitação*. E é justamente essa a atividade que o sonho me leva a exercer; trata-se da negação mais enérgica do sofrimento que se pode imaginar. Não sei montar cavalos, tampouco costumo sonhar com isso. Montei um cavalo uma única vez, sem sela, e não gostei. Nesse sonho, porém, monto um cavalo como se não tivesse furúnculo no períneo, ou, mais precisamente, *porque não quero tê-lo*. A julgar pela descrição, minha sela representa o cataplasma que me permitiu adormecer. É provável que, durante as primeiras horas do sono, ele tenha impedido que eu sentisse qualquer dor. Quando as sensações dolorosas se manifestaram, querendo me acordar, veio o sonho e me acalmou: "Continue a dormir, você não vai querer acordar por causa disso! Você não tem nenhum furúnculo; afinal de contas, está montando um cavalo, e com um furúnculo naquele lugar é impossível montar um cavalo!". E assim conseguiu abafar a dor, e continuei dormindo.

O sonho não se contentou em "des-sugerir" o furúnculo por meio de uma insistência obstinada em uma representação incompatível com o sofrimento, agindo como o delírio alucinatório da mãe que perdeu o filho[31] ou do comerciante cuja riqueza foi destruída por perdas. Os detalhes da sensação renegada e da imagem usada para sua repressão lhe servem também como material para ligar aquilo que também existe atualmente na psique à situação do sonho e para representá-lo. Estou montado num cavalo *cinza*, a cor do cavalo corresponde exatamente à roupa cor de *pimenta e sal*, com que vi meu colega P. pela última vez no campo. Uma alimentação muito *apimentada* tem sido considerada a causa da minha furunculose,

uma etiologia preferível ao *diabetes*,[y] em que devemos pensar no caso da furunculose. Meu amigo P. gosta de se colocar, em relação a mim, como se estivesse montado em *um cavalo alto*,[z] desde que assumiu uma paciente minha com a qual eu havia executado verdadeiras *façanhas* (no início do sonho, monto o cavalo em posição tangencial, como nas *façanhas de um cavaleiro*), mas que, como o cavalo na anedota do cavaleiro que só monta aos domingos, me levou para onde bem quisesse. Assim, o cavalo adquire o significado simbólico de uma paciente (no sonho, o cavalo é *muito inteligente*). "*Sinto-me perfeitamente à vontade aqui no alto*" remete à posição que eu ocupava na casa antes de ser substituído por P. "*Eu acreditava que o senhor estava firme na sela*", disse-me recentemente um dos meus poucos protetores entre os grandes médicos dessa cidade com referência a essa casa. E foi uma verdadeira façanha conseguir fazer psicoterapia por oito a dez horas diárias sob tamanhas dores, mas sei que, se eu não me sentir perfeitamente bem fisicamente, não conseguirei continuar meu difícil trabalho, e o sonho está repleto de alusões obscuras à situação que então seria inevitável (o papel que os neurastênicos mostram ao médico): — *Não trabalhar e não comer*. Dando continuidade à interpretação, vejo que o trabalho do sonho conseguiu traçar um caminho da situação desejada da equitação até cenas de briga na infância que devem ter ocorrido entre mim e meu primo, que agora vive na Inglaterra e é um ano mais velho do que eu. Além disso, serviu-se de elementos das minhas viagens à Itália; a rua no sonho é composta de impressões de Verona e Siena. Uma interpretação ainda mais profunda leva a pensamentos oníricos sexuais, e me lembro daquilo que aquele belo país significava para uma paciente que jamais esteve lá (*gen Italien* [em direção à Itália] — *Genitalien* [órgãos genitais]); e isso remete, simultaneamente, à casa em que fui médico antes do amigo P. e ao local do meu furúnculo.

Em outro sonho[aa] consegui, de maneira semelhante, impedir uma perturbação do sono, dessa vez por meio de uma estimulação sensorial, mas apenas um acaso me permitiu descobrir o nexo entre o sonho e o estímulo onírico acidental e, assim,

entender o sonho. Numa manhã, durante o alto verão, acordei em uma cidade alpina do Tirol, sabendo que havia sonhado: *O papa morreu*. Não consegui interpretar esse sonho sucinto e não visual. Lembro-me apenas de, pouco antes, ter lido no jornal que Sua Santidade se sentira levemente indisposta. Mas no decorrer da manhã minha esposa perguntou: "Você ouviu esse terrível soar dos sinos nesta manhã?". Eu não estava ciente de ter ouvido os sinos, mas agora entendi meu sonho. O sonho havia sido a reação da minha necessidade de dormir ao barulho com o qual os tiroleses pios tentaram me acordar. Eu me vinguei deles com o pensamento que forma o conteúdo do sonho e voltei a dormir sem nenhum interesse pelos sinos.

Entre os sonhos mencionados nos capítulos acima, encontram-se vários que podem servir como exemplos para o processamento dos chamados estímulos nervosos. O sonho de beber em grandes goles é um desses; aqui, o estímulo somático parece ser a única fonte onírica; e o desejo resultante da sensação — a sede —, o único motivo do sonho. Encontramos algo semelhante em outros sonhos simples, quando o estímulo somático basta para formar um desejo. O sonho da paciente que, à noite, arranca o aparelho de arrefecimento de sua bochecha (p. 158) demonstra um modo incomum de reagir a estímulos dolorosos por meio de uma realização de desejo; ao que parece, a paciente conseguiu livrar-se das dores, temporariamente, atribuindo-as a um estranho.

Meu sonho das três Parcas foi evidentemente relacionado à fome, mas soube ligar a necessidade de alimentação à ânsia infantil pelo seio materno e utilizou o desejo inofensivo para encobrir um desejo mais sério, que não pode se expressar tão abertamente. O sonho do conde Thun nos mostrou por quais vias uma necessidade física acidental é posta em relação com os impulsos mais fortes, mas também mais fortemente reprimidos da vida psíquica. E quando, no caso relatado por Garnier, o primeiro cônsul mesclou o ruído da explosão de uma bomba ao sonho de uma batalha, antes de acordar com o barulho, manifesta-se nisso, com especial clareza, o

empenho a cujo serviço a atividade psíquica se ocupa das sensações durante o sono. Um jovem advogado que, à tarde, adormece com a mente ocupada por seu primeiro grande caso de falência comportou-se de forma bem semelhante ao grande Napoleão. Ele sonhou com um certo G. Reich, de *Hussiatyn*, que conheceu ao longo do processo, mas o nome *Hussiatyn*[ab] continua a surgir de forma imperiosa; ele acorda e ouve sua esposa, acometida de uma bronquite, tossindo violentamente.

Comparemos esse sonho de Napoleão I, que tinha um sono excelente, com aquele do estudante que dormia até tarde e que, ao ser acordado pela sua senhoria porque tinha de ir ao hospital, no sonho se transporta para um leito e continua a dormir, pensando: "Já que estou no hospital, não preciso levantar para ir até lá". Este último é, evidentemente, um sonho de comodidade; o sonhador admite abertamente o motivo de seu sonho, mas justamente assim revela um dos segredos do sonho. De certo modo, todos os sonhos são — *sonhos de comodidade*; servem ao propósito de continuar a dormir, em vez de acordar. *O sonho é o guardião do sono, não seu perturbador*. Mais adiante, explicaremos essa concepção também no tocante aos fatores psíquicos que nos despertam; mas já aqui podemos justificar sua aplicação ao papel dos estímulos objetivos externos. Ou a psique ignora completamente as causas das sensações durante o sono, quando sua intensidade e seu sentido (que ela compreende) o permitem, ou ela usa o sonho para questionar esses estímulos ou, em terceiro lugar, quando se vê obrigada a reconhecê-los, busca a interpretação que apresenta a sensação atual como elemento de uma situação desejada e compatível com o sono. A sensação atual é inserida no sonho para *ser privada de sua realidade*. Napoleão pode continuar a dormir; é, afinal de contas, apenas uma lembrança onírica da trovoada de canhões em Arcole que tenta perturbá-lo.[32]

O desejo de dormir (*no qual o Eu consciente se concentrou e que, juntamente com a censura onírica e a "elaboração secundária", a ser exposta mais adiante, representa sua contribuição para o sonhar*) *precisa sempre ser levado em conta como motivo para a*

formação do sonho, e cada sonho bem-sucedido é uma realização dele. O modo como esse desejo geral de dormir, sempre presente e inalterado, se relaciona aos outros desejos, dos quais ora este ora aquele é realizado pelo conteúdo do sonho, será objeto de outra investigação. Mas descobrimos no desejo de dormir o fator que consegue preencher a lacuna deixada pela teoria de Strümpell e Wundt e explicar os caprichos e estranhezas na interpretação dos estímulos externos. A interpretação correta, da qual a psique adormecida é perfeitamente capaz, implicaria um interesse ativo, exigiria o término do sono; por isso, entre todas as interpretações possíveis, só são admitidas aquelas compatíveis com a censura absolutista do desejo de dormir. Como: "É o rouxinol e não a cotovia".[ac] Pois se fosse a cotovia, a noite de amor teria chegado ao fim. Entre as interpretações admissíveis do estímulo, é escolhida aquela que pode estabelecer o melhor vínculo com os impulsos de desejos à espreita na psique. Assim, tudo é determinado de modo inequívoco, e nada é entregue à arbitrariedade. A interpretação errada não é ilusão, mas — pode-se dizer — escapatória. Aqui, porém, como na substituição por deslocamento a serviço da censura, deve-se admitir que estamos ante um ato que diverge do processo psíquico normal.

Quando os estímulos nervosos externos e os estímulos somáticos internos são suficientemente intensos para obter a atenção psíquica, eles constituem — se resultarem em sonhos e não no despertar — um ponto fixo para a formação dos sonhos, um núcleo no material onírico, para o qual é buscada uma realização de desejo correspondente, de forma semelhante à como são buscadas (ver acima) as representações intermediárias entre dois estímulos oníricos psíquicos. Nesse sentido, é correto dizer que, para certo número de sonhos, o elemento somático determina o conteúdo do sonho. Nesse caso extremo, mesmo um desejo não exatamente atual é despertado para a finalidade da formação do sonho. O sonho, porém, não tem alternativa senão representar um desejo como realizado em determinada situação; ele como que se vê diante da tarefa de procurar o desejo

capaz de ser representado como realizado pela sensação atual. Se esse material atual for de caráter doloroso ou penoso, isso não significa que ele seja inutilizável para a formação do sonho. A vida psíquica dispõe também de desejos cuja realização provoca desprazer, o que parece ser uma contradição, mas que se torna explicável pelo recurso à presença de duas instâncias psíquicas e à censura que existe entre elas.

Há na vida psíquica, como vimos, desejos *reprimidos* que pertencem ao primeiro sistema e a cuja realização o segundo sistema se opõe. Quando dizemos que há esses desejos, não estamos falando no sentido histórico, de que eles existiram e foram eliminados; a teoria da repressão, necessária no estudo das psiconeuroses, afirma que tais desejos reprimidos ainda existem, mas que, ao mesmo tempo, existe também uma inibição que pesa sobre eles. A língua está correta quando fala em "*unterdrücken*" [reprimir, suprimir, oprimir] esses impulsos.[ad] A organização psíquica que permite que esses desejos suprimidos alcancem a realização subsiste e permanece utilizável. Mas, se um desses desejos suprimidos é realizado, a inibição superada do segundo sistema (suscetível de consciência) se manifesta como desprazer. Para concluir: quando, no sono, estão presentes sensações de caráter desprazeroso oriundas de fontes somáticas, o trabalho do sonho se serve dessa constelação para representar — mantendo a censura em maior ou menor grau — o cumprimento de um desejo que de outro modo é suprimido.

Esse estado de coisas possibilita uma série de sonhos angustiados, enquanto outro conjunto dessas formações de sonhos, desfavoráveis à teoria do desejo, aponta para outro mecanismo. Pois a angústia, nos sonhos, pode ser de natureza psiconeurótica, provir de excitações psicossexuais, caso em que a angústia corresponde à libido reprimida. Então essa angústia, como todo o sonho angustiado, tem o significado de um sintoma neurótico, e nós nos encontramos no limite em que a tendência realizadora de desejos falha. Em outros sonhos angustiados, porém, a sensação de angústia é de origem somática (como em doentes

do coração ou dos pulmões que têm dificuldade de respirar), e então é usada para ajudar na realização, em forma de sonho, de desejos energicamente suprimidos que, se estivessem nos sonhos por motivos psíquicos, levariam ao mesmo desencadeamento de angústia. Não é difícil unir esses dois casos aparentemente distintos. Quando duas formações psíquicas — uma tendência afetiva e um conteúdo representacional — são intimamente relacionadas, aquela que se dá atualmente promove no sonho também a outra; ora a angústia determinada somaticamente promove o conteúdo representacional suprimido, ora o conteúdo representacional libertado da repressão e acompanhado de excitação sexual provoca o desencadeamento de angústia. Podemos dizer que, num caso, um afeto dado somaticamente é interpretado psiquicamente; no outro caso, tudo é dado psiquicamente, mas o conteúdo que foi suprimido é substituído com facilidade por uma interpretação somática que combina com a angústia. As dificuldades que disso resultam para a compreensão pouco têm a ver com o sonho; elas provêm do fato de que, com essa discussão, tocamos nos problemas do desenvolvimento da angústia e da repressão.

Sem dúvida alguma, a sensação geral do corpo [cenestesia] faz parte dos estímulos somáticos internos que comandam o sonho. Não que ela forneça o conteúdo do sonho, mas impõe aos pensamentos oníricos uma seleção do material a ser representado no conteúdo do sonho, insinuando parte do material, como sendo apropriada à sua natureza, e afastando a outra. Além disso, essa sensação geral, proveniente do dia, está ligada aos restos psíquicos relevantes para o sonho. Essa sensação pode ser preservada ou superada no sonho, de modo que, quando desagradável, ela se transforma em seu oposto.

Quando as fontes de estímulos somáticos durante o sonho — as sensações do sono — não apresentam uma intensidade incomum, seu papel na formação dos sonhos é, na minha avaliação, semelhante ao exercido pelas impressões recentes, mas indiferentes, do dia. Acredito que o sonho recorre a elas apenas quando podem ser

assimiladas ao conteúdo representacional das fontes psíquicas do sonho. São tratadas como um material barato e sempre disponível, usado toda vez que se faz necessário; um material valioso, por sua vez, impõe o modo de sua utilização. O caso é semelhante ao mecenas que entrega ao artista uma pedra preciosa, um ônix, para que este a transforme em obra de arte. O tamanho da pedra, sua cor e suas manchas ajudam a decidir qual cabeça ou cena deverá ser representada com ela, enquanto um material abundante e uniforme como o mármore ou arenito permite ao artista seguir exclusivamente sua inspiração, formada a seu bel-prazer. Apenas assim me parece compreensível o fato de o conteúdo do sonho fornecido por estímulos somáticos de intensidade normal não se manifestar em todos os sonhos e a cada noite.[33]

Um exemplo, que nos leva de volta à interpretação de sonhos, talvez consiga explicar melhor a minha opinião. Certo dia, eu me esforçava por compreender o que poderia significar a sensação de inibição, de não sair do lugar, de não conseguir terminar algo etc., tão frequente nos sonhos e tão parecida com a angústia. À noite, tive o seguinte sonho: *Saio, sem me aprontar adequadamente, de um apartamento no térreo e subo a escada para um piso superior. Pulo três degraus por vez e me alegro com o fato de subir com tanta rapidez. De repente, vejo que uma doméstica está descendo pela escada e que ela está vindo ao meu encontro. Fico envergonhado, pretendo me apressar, e agora ocorre aquela inibição, fico grudado nos degraus e não saio do lugar.*

ANÁLISE: A situação do sonho é tomada da realidade cotidiana. No apartamento que tenho em Viena há dois andares, que são ligados um ao outro apenas por uma escada externa. Meu consultório médico e meu escritório ficam no mezanino; os quartos, no piso acima. Quando encerro meu trabalho, à noite, uso a escada para chegar ao quarto. Na noite anterior ao sonho, eu havia percorrido esse trajeto sem me arrumar, isto é, havia tirado o colarinho, a gravata e os punhos; no sonho, isso se transformou num grau mais elevado, mas, como sempre, indeterminado de nudez. Quando subo uma escada, costumo sempre pular degraus,

uma realização de desejo já reconhecida no sonho, pois a facilidade com que fazia isso no sonho me serviu como prova do bom estado do meu coração. Além disso, essa maneira de subir uma escada é um contraste eficaz com a inibição na segunda parte do sonho. Isso me mostra — mesmo sem a necessidade de provas — que o sonho não tem nenhuma dificuldade de representar ações motoras executadas com perfeição; basta pensar na impressão de voar no sonho!

A escada que uso no sonho não é, porém, a da minha casa; a princípio, não a reconheço, apenas quando a pessoa vem ao meu encontro consigo identificar o local. Essa pessoa é a doméstica da senhora idosa que eu visito duas vezes por dia para aplicar-lhe injeções; a escada é também muito parecida com aquela que tenho de subir duas vezes por dia naquela casa.

Como, então, essa escada e essa mulher apareceram em meu sonho? A vergonha de não estar completamente vestido é, sem dúvida alguma, de natureza sexual; a doméstica do sonho é mais velha do que eu, é ranzinza e nada atraente. A essas perguntas não encontro outra resposta senão esta: quando faço minha visita matinal nessa casa, acontece-me pigarrear na escada; o produto da expectoração fica nos degraus. Nesses dois pisos não há cuspideira, e eu defendo o ponto de vista de que a limpeza da escada não é responsabilidade minha, que deveria ser possibilitada pela instalação de uma cuspideira. A zeladora, também uma pessoa já mais idosa e ranzinza, mas com instintos de limpeza (como estou disposto a reconhecer), defende outro ponto de vista nessa questão. Ela fica à espreita para ver se me permitirei tal liberdade, e, quando isso ocorre, eu a ouço resmungar audivelmente. Então, nega-me durante dias o respeito habitual quando nos encontramos. Na véspera do sonho, o partido da zeladora foi reforçado pela doméstica. Eu havia feito minha consulta rapidamente, como sempre, quando a doméstica me confrontou na antessala e observou: “Senhor doutor, o senhor bem que poderia ter limpado suas botas antes de entrar no quarto. O tapete vermelho está todo sujo de suas pegadas”.

Essa é a única razão que a escada e a doméstica podem reivindicar para aparecerem em meu sonho.

Existe uma relação íntima entre subir as escadas voando e cuspir na escada. Tosse e problemas cardíacos representam ambos o castigo pelo vício de fumar, vício este que não me rende uma reputação de grande asseio junto às donas das casas, nem da minha nem da outra casa, que o sonho funde numa só.

Preciso adiar o resto da interpretação do sonho até explicar a proveniência do sonho típico das roupas incompletas. Observo apenas, como resultado provisório do sonho relatado, que a sensação onírica do movimento inibido é provocada sempre que determinado contexto a requer. Um estado especial da minha motilidade enquanto durmo não pode ser a causa desse conteúdo do sonho, pois momentos antes eu me vi subir a escada com grande facilidade, como que para reforçar esse conhecimento.

D. SONHOS TÍPICOS

Em geral, não somos capazes de interpretar o sonho de outra pessoa se ela não quiser nos fornecer os pensamentos inconscientes que estão por trás do conteúdo do sonho, o que prejudica fortemente a utilização prática do nosso método de interpretação dos sonhos.[34] Mas, em pleno contraste com a liberdade que o indivíduo tem para formar seu mundo onírico ao seu modo e assim torná-lo inacessível à compreensão dos outros, existe certo número de sonhos que quase todos os indivíduos têm da mesma forma e que nos habituamos a supor que tem o mesmo significado para todos. Esses sonhos típicos merecem um interesse especial também porque, presumivelmente, vêm das mesmas fontes em todas as pessoas e, portanto, parecem especialmente adequados a nos esclarecer sobre as fontes dos sonhos.

É, portanto, com grandes expectativas que tentaremos aplicar nossa técnica de interpretação dos sonhos a esses sonhos típicos, e apenas a contragosto admitiremos que nossa arte não dá bons resultados justamente nesse material. Na interpretação dos sonhos típicos não costumam aparecer as associações do sonhador, que normalmente nos conduzem à compreensão do sonho, ou se tornam obscuras e insuficientes, de modo que não conseguimos solucionar a nossa tarefa com a sua ajuda.

Veremos mais adiante a que se deve isso e como podemos compensar essa falha da nossa técnica. Então o leitor compreenderá também por que só posso tratar aqui de alguns dos sonhos típicos e devo discutir os outros apenas mais tarde.

A) OS SONHOS DE EMBARAÇO CAUSADO PELA NUDEZ

O sonho de se encontrar despido ou com pouca roupa na presença de estranhos ocorre também com o ingrediente de o sonhador não sentir vergonha disso ou algo

semelhante. Mas o sonho de nudez nos interessa apenas quando é vinculado à vergonha e ao embaraço, quando o sonhador deseja fugir ou se esconder e é tomado pela peculiar inibição de não conseguir sair do lugar, sentindo-se incapaz de alterar a situação penosa. O sonho é típico apenas nessa combinação; o núcleo de seu conteúdo pode apresentar todos os demais vínculos ou estar misturado com ingredientes individuais. Trata-se, em essência, da sensação penosa que tem a natureza da vergonha, de querer esconder sua nudez, na maioria das vezes pela locomoção, e não conseguir fazê-lo. Creio que a maioria dos meus leitores já se encontrou nessa situação em algum sonho.

Em geral, o modo como a pessoa está despida não é muito claro. Algumas, por exemplo, contam: "Eu estava de camisola", mas raramente se trata de uma imagem nítida; na maioria das vezes, a ausência de roupas é tão indeterminada que se expressa por uma alternativa: "Eu estava de camisola ou de anágua". Em geral, o defeito do traje não é grave a ponto de justificar a vergonha. No caso de um homem que usou o uniforme do imperador, a nudez é, muitas vezes, substituída por um erro na vestimenta. "Encontro-me na rua sem sabre e vejo oficiais se aproximarem, ou estou sem gravata, ou estou usando calças civis axadrezadas" ou algo semelhante.

As pessoas na presença das quais sentimos vergonha são quase sempre estranhos com rostos indefinidos. No sonho típico, jamais somos repreendidos ou mesmo percebidos por causa da roupa que tanto nos causa vergonha. Bem ao contrário: as pessoas se mostram indiferentes ou ostentam, como pude perceber num sonho particularmente claro, um ar solene e rígido. Isso nos faz pensar.

O embaraço vergonhoso do sonhador e a indiferença das pessoas geram uma contradição que é comum nos sonhos. O sentimento do sonhador exigiria que os estranhos o olhassem com surpresa, rissem dele ou se escandalizassem com ele. Creio, porém, que esse traço escandaloso foi removido pela realização do desejo, enquanto o outro, mantido por alguma força, persistiu, e assim as duas partes não

combinam uma com a outra. Possuímos um testemunho interessante de que esse sonho, em sua forma parcialmente distorcida pela realização do desejo, não encontrou sua explicação correta. Ele se tornou a base de um conto de fadas que todos nós conhecemos na versão de Andersen ("A roupa nova do imperador") e que, mais recentemente, recebeu uma versão poética em *Der Talisman*, de L. Fulda. O conto de fadas de Andersen narra a história de dois trapaceiros que tecem para o imperador uma roupa preciosa que seria visível apenas aos bons e fiéis. O imperador se apresenta ao público nessa roupa invisível, e, assustadas com o poder de pedra de toque do tecido, todas as pessoas fazem de conta que não percebem a nudez do imperador.

Mas esta é a situação do nosso sonho. Não é preciso ter muita ousadia para supor que o conteúdo incompreensível do sonho serviu como incentivo para inventar uma roupagem na qual a situação que guardamos em nossa memória adquire um sentido. Ela é privada de seu significado original e usada para outros fins. Mas veremos que essa compreensão errada do conteúdo do sonho pela atividade mental consciente de um segundo sistema psíquico ocorre com frequência e deve ser reconhecida como um dos fatores na formação definitiva do sonho; veremos também que equívocos semelhantes — dentro da mesma personalidade psíquica — têm papel de destaque na formação de obsessões e fobias. Podemos identificar também para o nosso sonho a origem do material para sua reinterpretação. O trapaceiro é o sonho; o imperador, o próprio sonhador, e a tendência moralizante revela uma noção obscura de que o conteúdo latente do sonho contém desejos proibidos, sacrificados à repressão. O contexto em que esse tipo de sonho ocorre em minhas análises de pacientes neuróticos não deixa dúvida de que existe uma lembrança da primeira infância subjacente ao sonho. Pois apenas em nossa infância éramos vistos em roupas insuficientes tanto por nossos familiares quanto por cuidadoras, empregadas e visitantes desconhecidos, e na época não sentíamos vergonha de nossa nudez.[35] Podemos observar em muitas crianças que, mesmo anos

depois, sua nudez lhes causa algum arrebatamento, em vez de provocar vergonha. Elas riem, pulam, batem no peito, a mãe ou quem quer que esteja presente a proíbe e diz: "Que vergonha, isso não se faz". As crianças com frequência demonstram desejos de exibição; é difícil passar por uma aldeia do interior sem ver uma criança de dois ou três anos de idade que levanta sua camisa na frente do viajante, talvez em sua honra. Um dos meus pacientes guardou em sua memória consciente uma cena vivenciada aos oito anos de idade, quando, de camisola, quis ir dançando até o quarto de sua irmã pequena, e a doméstica o impediu. Na história da infância de neuróticos, o despimento na frente de crianças do outro sexo exerce um papel importante; na paranoia, o delírio de ser observado ao se vestir ou despir remete a experiências desse tipo; entre os perversos existe uma categoria em que o impulso infantil alcança o grau de um sintoma: os *exibicionistas*.

Quando olhamos para trás, essa infância livre de vergonha parece um paraíso, e esse paraíso nada mais é do que a fantasia coletiva da infância do indivíduo. É por isso que, no paraíso, as pessoas estão nuas e não sentem vergonha umas das outras até o momento em que a vergonha e o medo despertam, em que ocorre a expulsão e se iniciam a vida sexual e o trabalho da civilização. O sonho pode nos devolver a esse paraíso todas as noites; já expressamos nossa suspeita de que as impressões da primeira infância (do período pré-histórico até o final dos três anos, mais ou menos) buscam ser reproduzidas, talvez independentemente de seu conteúdo, e que sua repetição é a realização de um desejo. Os sonhos de nudez são, portanto, *sonhos de exibição*.[36]

O núcleo do sonho de exibição é formado pela figura do próprio sonhador, que é vista não em sua aparência infantil, mas como no presente, e pela roupa insuficiente; que não aparece de modo muito claro, devido à sobreposição de muitas lembranças posteriores de pouca vestimenta ou à censura; juntam-se a isso as pessoas diante das quais o sonhador sente vergonha. Não conheço nenhum exemplo em que os espectadores reais daquelas exibições infantis reaparecem no sonho. Quase nunca o

sonho é uma simples lembrança. Curiosamente, aquelas pessoas que foram objeto do interesse sexual da nossa infância são excluídas de todas as reproduções que ocorrem em sonhos, na histeria e na neurose obsessiva; apenas a paranoia reinsere os espectadores e, apesar de permanecerem invisíveis, sustenta, com fanática convicção, que estão presentes. O que nos sonhos toma seu lugar, "muitas pessoas desconhecidas" que não se interessam pelo espetáculo oferecido, é justamente o *oposto, conforme o desejo*, da única pessoa, bastante familiar, a quem o sonhador se mostrou despido. Encontramos "muitas pessoas desconhecidas" nos sonhos, com frequência também em outros contextos; significam sempre, como oposto conforme ao desejo, "segredo".[37] Percebe-se que também a restituição do antigo estado de coisas, que sucede na paranoia, leva em conta essa oposição. O indivíduo não se encontra mais só, com certeza é observado, mas os observadores são "muitas pessoas desconhecidas, curiosamente indeterminadas".

Além disso, no sonho de exibição também se manifesta a repressão. Pois a sensação de embaraço no sonho é a reação do segundo sistema psíquico ao fato de que o conteúdo da cena de exibição por ele rejeitado achou representação mesmo assim. Para evitá-la, a cena não deveria ter sido reavivada.

Mais adiante, voltaremos a tratar da sensação de estar inibido. No sonho, ela serve perfeitamente para representar o *conflito da vontade*, o *não*. Segundo a intenção inconsciente, a exibição deve ser continuada; segundo a exigência da censura, deve ser interrompida.

As relações entre os nossos sonhos típicos e os contos de fada e outros materiais poéticos certamente não são esporádicas nem casuais. Por vezes, o olho aguçado do escritor reconhece analiticamente o processo de transformação, cujo instrumento o poeta costuma ser, e o segue em sentido inverso, ou seja, faz remontar ao sonho a obra literária. Um amigo chamou minha atenção para a seguinte passagem de *Der grüne Heinrich* [*Henrique, o verde*], de Gottfried Keller: "Não te desejo, querido Lee, que venhas a experimentar a verdade peculiar e picante da situação de Odisseu, em

que ele, nu e coberto de lama, aparece na frente de Nausícaa e suas companheiras! Queres saber como isso ocorre? Suponhamos que, separado de tua pátria e de tudo que te é caro, estás vagando por terras estranhas e já viste e experimentaste muita coisa, que estás atormentado e preocupado, miserável e abandonado. Então, infalivelmente, sonharás certa noite que te aproximas de tua pátria; tu a vês brilhar nas cores mais lindas, figuras amáveis, delicadas e graciosas vêm ao teu encontro; de repente, descobres que estás em trapos, nu e coberto de poeira. És tomado por uma vergonha e um medo sem nome, procuras cobrir-te, esconder-te e acordas banhado em suor. Este é, desde que existem os seres humanos, o sonho do homem atormentado, jogado para todos os lados; e foi assim que Homero extraiu aquela situação da essência profunda e eterna e da humanidade".

A essência profunda e eterna da humanidade, que o poeta procura despertar em seus ouvintes, é constituída por aqueles impulsos da vida psíquica arraigados numa infância que, mais tarde, se tornou pré-histórica. Atrás dos desejos irrepreensíveis e suscetíveis de consciência do exilado, irrompem no sonho os desejos infantis reprimidos e agora proibidos; por isso, o sonho objetivado na lenda de Nausícaa se transforma regularmente em sonho de angústia.

Meu próprio sonho mencionado na página 278, em que subo apressadamente uma escada e logo me vejo grudado nos degraus, também é um sonho de exibição, pois apresenta os elementos essenciais deste. Portanto, deveria ser possível fazê-lo remontar a vivências da infância, e o conhecimento destas deveria ajudar a explicar em que medida o comportamento da doméstica, sua acusação de eu ter sujado o tapete, a faz assumir a posição que ela ocupa no sonho. E realmente posso fornecer as explicações desejadas. Numa psicanálise, aprendemos a interpretar a proximidade temporal como interdependência temática; dois pensamentos que, aparentemente desvinculados, se apresentam em sequência imediata pertencem a uma mesma unidade que precisa ser adivinhada, assim como um "a" e um "b" anotados em sequência devem ser lidos como uma única sílaba: "ab". O mesmo vale para as

relações entre os sonhos. O sonho da escada pertence a uma série de sonhos cuja interpretação já conheço. O sonho inserido nessa série pertence, portanto, ao mesmo contexto. Aos outros sonhos da série subjaz a lembrança de uma babá que cuidou de mim desde a primeira infância até os dois anos e meio e da qual preservei em minha consciência alguma lembrança vaga. Segundo as informações que minha mãe me forneceu recentemente, ela era velha e feia, mas muito esperta e eficiente; segundo aquilo que posso deduzir dos meus sonhos, ela nem sempre me tratou da forma mais amorosa e me disse também palavras duras quando eu não me mostrava à altura de sua noção de ordem e limpeza. A doméstica, ao tentar dar continuação a esse trabalho educacional, adquire então o direito de ser tratada em meu sonho como encarnação da velha pré-histórica. Podemos supor que, a despeito do tratamento duro, a criança amava essa educadora.[38]

B) OS SONHOS COM MORTE DE PESSOAS QUERIDAS

Outra série de sonhos que podem ser chamados típicos é aquela em que parentes queridos, os pais ou irmãos, os filhos etc. morreram. Precisamos, de imediato, distinguir dois tipos de sonhos: aqueles em que, no sonho, não sentimos nenhuma tristeza, de modo que, ao despertar, nos surpreendemos com nossa insensibilidade, e outros em que sentimos uma dor profunda por causa da morte, expressando-a por meio de lágrimas ardentes durante o sono.

Podemos deixar de lado os sonhos do primeiro grupo; eles não podem ser considerados típicos. Quando os analisamos, descobrimos que seu significado não corresponde ao seu conteúdo, que eles se destinam a ocultar algum outro desejo, como no sonho da tia que vê diante de si o caixão com o único filho de sua irmã (p. 187). Isso não significa que ela deseja a morte de seu sobrinho, apenas encobre, como vimos, o desejo de rever uma pessoa amada da qual estivera separada por muito tempo, a mesma que, após um intervalo semelhante, ela reencontrara no velório de outro sobrinho. Esse desejo, o conteúdo real do sonho, não é motivo de

luto, razão pela qual ela não sente tristeza no sonho. Percebemos que a sensação contida no sonho não pertence ao conteúdo manifesto do sonho, mas àquele latente; que o conteúdo afetivo do sonho permaneceu isento da deformação sofrida pelo conteúdo representacional.

Um caso diferente são os sonhos que representam a morte de um parente amado e que são acompanhados de um afeto doloroso. Estes significam o que o conteúdo expressa, o desejo de que aquela pessoa morra. Sabendo que os sentimentos de todos os leitores e de todas as pessoas que já tiveram um sonho semelhante se revoltarão contra essa interpretação, devo dar à minha prova a base mais ampla possível.

Já pudemos ver, ao discutir um sonho, que os desejos representados como realizados nos sonhos nem sempre são atuais. Podem ser também desejos passados, descartados, encobertos e reprimidos, aos quais precisamos atribuir alguma sobrevivência apenas em virtude de seu reaparecimento no sonho. Eles não estão mortos como os mortos no sentido normal, mas como as sombras da *Odisseia* que readquirem certa vida quando bebem sangue. Naquele sonho da criança morta na caixa (p. 189), tratava-se de um desejo de quinze anos antes e que, agora, pôde ser confessado abertamente. Talvez não seja indiferente para a teoria do sonho se eu acrescentar que até mesmo a esse desejo subjaz uma lembrança da primeira infância. Quando ainda era criança — a idade exata não pode mais ser determinada com certeza —, a sonhadora ouviu que sua mãe, quando estivera grávida dela, caíra em uma profunda tristeza e desejara ardentemente a morte da filha em seu ventre. Mais tarde, já adulta e também grávida, ela apenas seguiu o exemplo da mãe.

Quando alguém sonha com a morte do pai ou da mãe, do irmão ou da irmã, manifestando grande dor, jamais usarei esse sonho como prova de que deseja sua morte *agora*. A teoria do sonho não exige tanto; ela se contenta em deduzir que essa pessoa — em algum momento de sua infância — lhe desejou a morte. Temo, porém, que essa restrição não contribuirá muito para acalmar meus opositores; é

provável que contestem com a mesma veemência a possibilidade de haverem pensado assim, tal como se sentem seguros de não nutrir esse tipo de desejo no presente. Preciso, portanto, reconstruir parte da vida psíquica infantil com base nos testemunhos que o presente ainda nos oferece.[39]

Voltemos nossa atenção primeiramente para a relação das crianças com seus irmãos. Não sei por que pressupomos que essa relação deve ser afetuosa, pois todos nós conhecemos exemplos de inimizade entre irmãos adultos que, como podemos constatar muitas vezes, provém da infância ou existiu desde sempre. Mas também muitos adultos que hoje amam e ajudam seus irmãos passaram a infância em inimizade quase contínua com eles. A criança mais velha maltratou, delatou a mais jovem, roubou seus brinquedos; a criança mais jovem se corroeu em sua raiva impotente contra a mais velha, ela a invejou e temeu; os primeiros impulsos de sua necessidade de liberdade e de seu senso de justiça se voltaram contra seu opressor. Os pais dizem que as crianças não se dão bem e não conseguem encontrar a razão disso. Não é difícil perceber que mesmo o caráter de uma criança bem-comportada é diferente daquele que desejamos encontrar num adulto. A criança é absolutamente egoísta, vive suas necessidades com intensidade e busca sua satisfação sem escrúpulos, sobretudo em relação aos concorrentes, às outras crianças, e, em primeira linha, aos irmãos. No entanto, não dizemos que a criança é "má", dizemos que é "difícil"; assim como o código penal, nós não a consideramos responsável por seus atos maus. E nada mais justo do que isso, pois podemos esperar que, ainda em épocas da vida que incluímos na infância, a moral e as inclinações altruístas despertarão no pequeno egoísta, ou que, para usar as palavras de Meynert, um Eu secundário encobrirá e inibirá o Eu primário. A moralidade não se desenvolve simultaneamente em todos os seus aspectos, e a duração do período amoral da infância é diferente em cada indivíduo. Quando essa moralidade não se desenvolve, gostamos de falar de "degeneração"; trata-se, evidentemente, de uma inibição do desenvolvimento. E quando o caráter primário já está recoberto pelo

desenvolvimento posterior, ele pode reaparecer (ao menos parcialmente) no adoecimento histérico. A semelhança entre o assim chamado caráter histérico e o de uma criança malcomportada chama a atenção. A neurose obsessiva, por sua vez, corresponde a uma supermoralidade [*Übermoralität*], como carga de reforço imposta ao caráter primário que volta a se manifestar.

Assim, muitas pessoas que hoje amam seus irmãos e sentiriam sua morte como grande perda guardam em seu inconsciente desejos maus contra estes, desejos que podem se realizar em sonhos. É muito interessante, porém, observar crianças de até três anos de idade em seu comportamento diante de irmãos mais novos. Por exemplo: um garoto, até então filho único, é informado de que a cegonha trouxe um novo bebê. Ele inspeciona o recém-chegado e então declara, com determinação: "A cegonha pode levar ele de volta!".[40]

Defendo seriamente a opinião de que a criança sabe avaliar a desvantagem que o pequeno estranho lhe trará. Sei de uma dama, que me é muito próxima e que hoje se entende muito bem com sua irmã quatro anos mais nova, que respondeu à notícia da chegada de sua irmã com a ressalva: "Mas eu não lhe darei meu manto vermelho". Se a criança se aperceber disso apenas mais tarde, sua inimizade despertará nesse momento. Conheço um caso em que uma menina de três anos tentou sufocar, no berço, o recém-nascido, cuja presença não podia significar algo bom. Nessa fase, as crianças são capazes de sentir ciúme em toda a sua nitidez e força. Quando o irmãozinho realmente desaparece logo e a criança volta a desfrutar de todo o afeto da casa, e quando a cegonha volta a trazer um irmãozinho novo, não seria correto que o nosso queridinho gerasse dentro de si o desejo de o novo concorrente sofrer o mesmo destino do anterior, para que ele volte a ter a boa vida que teve no passado e no intervalo entre os nascimentos dos dois irmãos?[41] Naturalmente, esse comportamento da criança em relação aos irmãos mais novos é, em circunstâncias normais, uma simples função da diferença de idade. Se o intervalo for suficientemente grande, o recém-nascido impotente despertará os

instintos maternos da menina mais velha. É provável que os sentimentos de inimizade voltados contra os irmãos na infância sejam muito mais frequentes do que percebem os adultos, esses observadores toscos.[42]

Eu perdi a oportunidade de fazer essas observações em meus próprios filhos, que nasceram em sequência rápida, mas posso fazê-las agora em meu pequeno sobrinho, cujo reinado foi interrompido após quinze meses, com a chegada de uma concorrente. Ouço que o pequeno se comporta como um cavalheiro diante da irmãzinha, a quem ele beija a mão e acaricia. Mas constato que, antes ainda de completar dois anos de idade, ele usa suas habilidades linguísticas para criticar essa pessoa tão inútil. Sempre que alguém a menciona, ele se intromete na conversa e exclama, irritado: "Pequena demais, pequena demais!". Nos últimos meses, desde que a criança se furtou a esse menosprezo crescendo bastante, ele justifica sua objeção de outra forma: "Ela não tem dentes".[43] Todos nós nos lembramos da filha mais velha de outra irmã que, aos seis anos de idade, insistiu durante meia hora que todas as tias lhe confirmassem: "A Lucie ainda não entende isso!". Lucie era a concorrente dois anos e meio mais nova.

Encontrei o sonho da morte de irmãos, correspondente à inimizade exacerbada, em todas as minhas pacientes; com uma única exceção, que facilmente pôde ser reinterpretada como confirmação da regra. Certa vez durante uma sessão, quando expliquei a uma dama esse fato, que parecia relacionar-se ao sintoma em pauta, ela respondeu para a minha surpresa que jamais tivera esse tipo de sonho. No entanto, lembrou-se de outro sonho, que, supostamente, nada tinha a ver com isso, um sonho que ela tivera pela primeira vez aos quatro anos de idade, quando ainda era a caçula, e repetidas vezes depois disso. "*Muitas crianças, todos os seus irmãos, irmãs, primos e primas brincam num campo. De repente, eles criam asas, levantam voo e desaparecem.*" Ela não fazia ideia do significado desse sonho; não teremos grandes dificuldades de reconhecer nele um sonho da morte de todos os irmãos em sua forma original, pouco influenciada pela censura. Ouso sugerir a seguinte análise:

por ocasião da morte de uma dessas crianças — os filhos de dois irmãos eram criados em comunidade fraternal — nossa sonhadora, que ainda não completara os quatro anos de idade, deve ter perguntado a uma sábia pessoa adulta: "O que acontece com as crianças quando morrem?". A resposta deve ter sido: "Elas recebem asas e se transformam em anjos". Depois desse esclarecimento, ela sonhou que todos os irmãos tinham asas como os anjos e que eles — e isso é o mais importante — saem voando. Nossa pequena "fazedora de anjos" fica para trás, sozinha, como única desse bando todo! As crianças brincam num campo, do qual levantam voo. Esse fato sugere, quase que inequivocamente, borboletas; como se a criança tivesse sido guiada pela mesma associação de ideias que levou os antigos a equipar a Psiquê com asas de borboleta.

Talvez alguém objete agora que, apesar da necessidade de reconhecer os impulsos hostis das crianças em relação aos seus irmãos, é difícil imaginar que a alma da criança alcance o grau de maldade necessário para desejar a morte aos concorrentes ou colegas mais fortes, como se todos os crimes só pudessem ser expiados pela pena de morte. A pessoa que assim argumenta esquece que, além do nome, a representação da morte na criança nada tem em comum com a nossa. A criança nada sabe dos horrores da putrefação, do frio no túmulo gélido, do terror do nada infinito, que o adulto suporta tão mal, como atestam os mitos sobre o além. O medo da morte lhe é estranho; é por isso que ela brinca com essa palavra horrível e ameaça outra criança: "Se você fizer isso de novo, você vai morrer, como o Franz morreu", e a pobre mãe se apavora, pois talvez não consiga esquecer que mais de metade dos que nascem neste mundo não sobrevivem à infância. Ainda aos oito anos de idade, a criança pode, ao retornar do museu de história natural, dizer à mãe: "Mamãe, eu amo tanto você; quando você morrer, quero que seja empalhada, e eu vou colocar você aqui no quarto para que eu a veja sempre!". Tamanha é a diferença entre a representação infantil da morte e a nossa.[44]

Para a criança, que é poupada de ver as cenas de sofrimento antes da morte, estar morto significa apenas "estar ausente", significa não perturbar mais os sobreviventes. Ela não distingue os modos como essa ausência se dá, se ela decorre de uma viagem, de uma demissão, da alienação ou da morte.[45] Quando, nos anos pré-históricos de uma criança, sua babá é demitida e, pouco depois, morre sua mãe, os dois eventos se sobrepõem em suas lembranças (reveladas na análise) como eventos de uma mesma sequência. Muitas mães já constataram com dor que as crianças não sentem muita falta das pessoas ausentes. Ao retornar para casa, após uma viagem de veraneio de várias semanas, ela é informada: as crianças não perguntaram pela mãe uma única vez. Mas quando ela realmente parte para aquela "terra inexplorada, de cujas regiões nenhum peregrino retorna", a princípio, as crianças parecem esquecê-la e apenas *mais tarde* começam a se lembrar da falecida.

Quando, portanto, a criança tem motivos para desejar a ausência de outra criança, falta-lhe qualquer escrúpulo para não desejar sua morte, e a reação psíquica ao sonho de desejo de morte demonstra que, a despeito de toda a diversidade no conteúdo, o desejo da criança é, de alguma forma, equivalente ao desejo do adulto.

Se o desejo infantil da morte de seus irmãos é explicado pelo egoísmo da criança, que a leva a ver os irmãos como concorrentes, como podemos então explicar o desejo infantil da morte dos pais, que, para a criança, fornecem amor e satisfazem suas necessidades e cuja conservação ela deveria desejar justamente por motivos egoístas?

Encontramos a solução para essa dificuldade na experiência de que os sonhos da morte dos pais têm como objeto, na maioria das vezes, aquele que é do mesmo sexo do sonhador, ou seja, que o homem costuma sonhar com a morte do pai, e a mulher, com a morte da mãe. Não posso afirmar isso como regra, mas a predominância no sentido mencionado é tão nítida que ela exige uma explicação por meio de um fator de relevância geral.[46] É como se — em termos gerais — uma

preferência sexual se manifestasse precocemente, como se o garoto reconhecesse no pai, e a menina, na mãe, um rival no amor cujo afastamento só lhe traria vantagens.

Antes de refutar essa ideia como monstruosa, convém observar também aqui as relações reais entre pais e filhos. Precisamos distinguir aquilo que os padrões culturais de piedade exigem dessa relação daquilo que a observação diária realmente revela. Na relação entre pais e filhos, existe não apenas uma ocasião para a inimizade; as condições para a formação de desejos que não resistem à censura são numerosas. Contemplemos primeiramente a relação entre pai e filho. Acredito que a santidade que atribuímos às prescrições do Decálogo amorteceu nossos sentidos para a percepção da realidade. Mal ousamos constatar que a maior parte da humanidade ignora a observância do quarto mandamento. Tanto nas camadas mais altas quanto nas mais baixas da sociedade humana, a piedade para com os pais costuma recuar diante de outros interesses. As notícias sombrias, transmitidas em mitos e lendas dos primórdios da sociedade humana, nos apresentam uma ideia desagradável do poder ilimitado do pai e da brutalidade com que ele o usava. Cronos devora seus filhos, semelhante ao que faz o porco com a cria da porca-mãe, e Zeus castra o pai[47] e se coloca em seu lugar como senhor. Quanto mais irrestrito era o domínio do pai na família antiga, mais o filho, como seu sucessor predestinado, precisava se ver como seu inimigo, maior precisava ser sua impaciência de chegar ao poder por meio da morte do pai. Ainda hoje, em nossas famílias burguesas, o pai, negando ao filho a autodeterminação e os recursos necessários para esta, costuma incentivar o desenvolvimento do germe natural da inimizade que existe nessa relação. Muitas vezes, o médico observa que a dor causada pela perda do pai não consegue abafar no filho a satisfação de finalmente haver conquistado a liberdade. Cada pai tenta agarrar-se convulsivamente aos restos da *potestas patris familias* tão antiquada em nossa sociedade atual, e cada poeta que, como Ibsen, coloca no centro de suas fábulas a luta primitiva entre pai e filho pode confiar em seu efeito. As ocasiões de conflito entre mãe e filha surgem

quando a filha cresce e descobre na mãe a sua guardiã; enquanto ela deseja a liberdade sexual, o florescimento da filha adverte a mãe de que é chegada a hora de renunciar às pretensões sexuais. Todas essas relações são plenamente manifestas aos olhos de todos. No entanto, elas não nos ajudam em nosso objetivo de explicar os sonhos da morte dos pais que encontramos em pessoas para as quais a piedade para com os pais se transformou em algo intocável há muito tempo. E na base de tudo que explicamos acima, estamos preparados também para descobrir que o desejo da morte dos pais tem suas origens na primeira infância.

Com uma certeza que exclui qualquer dúvida, essa suspeita se confirma para os psiconeuróticos nas análises realizadas com eles. Vemos aqui que os desejos sexuais da criança — contanto que mereçam esse nome em estado germinante — começam a despertar desde muito cedo e que as primeiras inclinações da menina se dirigem ao pai, que os primeiros desejos infantis do menino têm a mãe como seu objeto. Assim, o pai se torna um concorrente para o menino; e a mãe, para a menina; e já demonstramos no caso dos irmãos quão pouco é necessário para que, na criança, essa sensação se transforme em desejo de morte. Em regra, a seleção sexual já se manifesta nos pais; um traço natural garante que o homem mime suas filhas pequenas, que a mulher defenda os filhos, enquanto ambos cooperam com rigor na educação dos filhos contanto que o encanto do sexo não perturbe seu juízo. A criança percebe muito bem essa preferência e se revolta contra o pai ou a mãe que resiste a ela. O amor do adulto significa para ela não só a satisfação de uma necessidade especial, mas também a garantia de que sua vontade é feita em todos os outros aspectos. Assim, a criança se rende à sua própria pulsão sexual e renova simultaneamente a inclinação dos pais, quando a escolha da criança corresponde à escolha dos pais.

Costumamos ignorar a maioria dos sinais dessas inclinações infantis por parte das crianças, algumas das quais podemos observar também após os primeiros anos de infância. Conheço uma menina de oito anos de idade que, quando a mãe precisa

se ausentar da mesa, aproveita a oportunidade para se apresentar como sua sucessora: “Agora, eu quero ser a mãe. Karl, você quer mais legumes? Sirva-se, por favor” etc. Uma menina particularmente talentosa e muito animada de quatro anos de idade, em que essa psicologia infantil transparece claramente, afirma sem rodeios: “Agora a mãe bem que poderia ir embora, então o pai teria que se casar comigo, e eu quero ser sua esposa”. Na vida da criança, esse desejo de forma alguma exclui a possibilidade de que a criança ame calorosamente também a sua mãe. Se o menino pode dormir ao lado da mãe quando o pai está viajando e, após seu retorno, precisa voltar para o quarto que ele compartilha com uma pessoa que lhe agrada muito menos, forma-se facilmente nele o desejo de que o pai se ausente para sempre, para que ele possa ficar com seu lugar ao lado da querida e linda mamãe, e, evidentemente, um meio de realizar esse sonho é a morte do pai, pois uma coisa a experiência lhe ensinou: Pessoas “mortas”, como, por exemplo, o avô, estão sempre ausentes, nunca mais voltam.

Essas observações feitas em crianças pequenas se inserem sem dificuldade na interpretação sugerida, mas não nos dão a plena convicção que as psicanálises de neuróticos adultos impõem ao médico. Nestas, as comunicações dos respectivos sonhos ocorrem com tais preâmbulos que se torna inevitável sua interpretação como sonhos de desejos. Certo dia, encontro uma senhora em extrema aflição e em lágrimas. Ela diz: “Não quero mais ver os meus parentes, eles devem sentir horror de mim”. Então conta, quase sem transição, que se lembra de um sonho cujo significado, naturalmente, não conhece. Ela o teve aos quatro anos de idade, e é assim: *Um lince ou uma raposa passeia pelo telhado, algo cai ou o animal cai, e então tiram da casa a mãe morta* — e ela chora dolorosamente. Mal termino de lhe explicar que esse sonho deve significar seu desejo da infância de ver sua mãe morta e que ela chora por causa desse sonho, que, por causa dele, seus parentes se horrorizam com ela, quando ela já fornece algum material para esclarecer o sonho. Um menino de rua a xingou de “olho de lince” quando ela era uma criança muito nova; quando a

paciente tinha três anos de idade, uma telha caiu do telhado e acertou a mãe na cabeça, causando um forte sangramento.

Certa vez, tive a oportunidade de estudar minuciosamente uma moça jovem que passava por diversos estados psíquicos. Numa confusão frenética, que marcou o início da doença, a paciente demonstrou uma aversão muito peculiar por sua mãe; batia na mãe e a xingava sempre que ela se aproximava da cama, ao mesmo tempo mostrando-se carinhosa e obediente à irmã muito mais velha. Seguiu-se então um estado lúcido, mas um pouco apático, com sono muito perturbado; foi nessa fase que iniciei o tratamento e analisei os seus sonhos. Inúmeros destes tratavam de forma mais ou menos velada da morte da mãe; por vezes, ela assistia ao enterro de uma mulher velha, por outras, se via à mesa com suas irmãs em vestes de luto; não restava dúvida sobre o sentido desses sonhos. Durante sua melhora contínua, passou a apresentar fobias histéricas; aquela que mais a atormentava era a de que algo havia acontecido à mãe. Onde quer que se encontrasse, ela precisava correr para casa para se certificar de que a mãe ainda estava viva. O caso, apoiado por outras experiências minhas, foi muito instrutivo: mostrou, como que em várias línguas, diversos modos de reação do aparelho psíquico à mesma representação excitante. No estado de agitação confusa, que compreendo como *subjugação* da segunda instância psíquica pela primeira (normalmente reprimida), a inimizade inconsciente contra a mãe se manifestou de forma motriz; quando ocorreu o primeiro apaziguamento, a revolta foi reprimida e o domínio da censura foi restabelecido, restou a essa inimizade apenas a região do sonho para realizar o desejo de sua morte; quando o estado normal foi fortalecido ainda mais, ele criou, como contrarreação histérica e fenômeno de defesa, uma preocupação excessiva com a mãe. Esse contexto já nos permite compreender por que, muitas vezes, as moças histéricas se agarram à mãe com um carinho excessivo.

Em outra ocasião, tive a oportunidade de estudar a fundo a vida psíquica inconsciente de um homem jovem que, por causa de uma neurose obsessiva, se

tornara quase incapacitado de viver, que não podia sair para a rua porque era atormentado pelo medo de matar todos que passassem por ele. Ele passava seus dias preparando seu álibi caso fosse acusado de um dos assassinatos ocorridos na cidade. Dispensa dizer que era um homem bastante moral e cultivado. A análise — que levou à cura — revelou como causa dessa obsessão embaraçosa impulsos assassinos contra o pai excessivamente severo, que, aos sete anos de idade e para sua grande surpresa, se manifestaram conscientemente, mas que, naturalmente, provinham de sua primeira infância. Após a doença penosa e a morte do pai, manifestou-se aos 31 anos o remorso obsessivo, que se projetou sobre estranhos na forma daquela fobia. Uma pessoa que havia sido capaz de querer lançar seu pai num precipício do alto de uma montanha certamente seria capaz de não querer poupar a vida de pessoas menos próximas; por isso, age bem ao se trancar em seu quarto.

Segundo minhas experiências já numerosas, os pais exercem o papel principal na vida psíquica de todas as crianças que, mais tarde, desenvolvem uma psiconeurose, e a paixão por um e o ódio pelo outro dos pais são elementos do acervo imutável do material de impulsos psíquicos formado naquela época e tão significativo para a sintomatologia da neurose posterior. Não creio, porém, que os psiconeuróticos se distingam tanto dos indivíduos que permaneceram normais a ponto de conseguirem criar algo absolutamente novo e exclusivo a eles. É muito mais provável, e isso é apoiado por observações ocasionais em crianças normais, que esses desejos afetuosos ou hostis em relação aos pais nos mostrem apenas de modo ampliado algo que ocorre com nitidez e intensidade menores na psique da maioria das crianças. Para apoiar essa descoberta, a Antiguidade nos deixou uma lenda cuja eficácia penetrante e universal só se torna compreensível se admitirmos uma universalidade semelhante da precondição da psicologia infantil acima discutida.

Refiro-me à lenda de Édipo rei e ao drama homônimo de Sófocles. Édipo, filho de Laio, rei de Tebas, e de Jocasta, é abandonado recém-nascido, porque um oráculo revelara ao pai que o filho seria um assassino. Édipo é salvo e criado como

filho do rei em uma corte estrangeira; quando ele, em dúvida sobre sua ascendência, consulta o oráculo, recebe dele o conselho de evitar sua pátria, caso contrário teria que matar seu pai e casar-se com sua mãe. Em fuga de sua suposta pátria, ele encontra o rei Laio e o mata no decurso de uma briga que eclodira bruscamente. Então chega a Tebas, onde soluciona os enigmas da esfinge que lhe barra o caminho. Como sinal de sua gratidão, os tebanos o elegem rei e lhe oferecem a mão de Jocasta. Durante muito tempo, ele reina em paz e dignidade e gera com sua mãe dois filhos e duas filhas. De repente, irrompe uma peste, e os tebanos voltam a consultar o oráculo. Aqui se inicia a tragédia de Sófocles. Os mensageiros trazem a resposta do oráculo, segundo a qual a peste cessará quando o assassino de Laio for expulso do país. Mas onde encontrá-lo?

> *Onde encontramos*
> *o rastro sombrio e quase irreconhecível da antiga culpa?*
> (versos 108 ss.)

O enredo da peça consiste em nada mais do que a revelação progressiva e engenhosamente retardada — semelhante ao trabalho de uma psicanálise — de que o próprio Édipo é o assassino de Laio e filho do assassinado e de Jocasta. Abalado pelos crimes que cometeu inconscientemente, Édipo fura seus próprios olhos e abandona a pátria. O oráculo se cumpriu.

O *Édipo rei* é o que chamamos uma tragédia do destino; seu efeito trágico se deve ao contraste entre a vontade poderosa dos deuses e os esforços vãos do ser humano ameaçado pela calamidade; o espectador profundamente comovido deve aprender a se render à vontade da deidade e a reconhecer sua própria impotência. Consequentemente, os poetas modernos têm tentado obter um efeito trágico semelhante, inserindo o mesmo contraste em uma fábula inventada por eles mesmos. No entanto, os espectadores assistiram sem nenhuma comoção às peças em que, a despeito de todos os esforços, pessoas inocentes sofrem a realização de

uma maldição ou de um oráculo; as modernas tragédias do destino não tiveram nenhum efeito.

Se o *Édipo rei* consegue abalar o ser humano moderno tanto quanto os gregos contemporâneos, isso só pode se dever ao fato de que o efeito da tragédia grega resulta não do contraste entre destino e vontade humana, mas da peculiaridade do material que serve para demonstrar esse contraste. Deve existir uma voz dentro de nós disposta a reconhecer o poder imperioso do destino em Édipo, mas que refuta como arbitrárias as providências em outras tragédias do destino como, por exemplo, *Die Ahnfrau* [A avó, de Grillparzer]. A história de Édipo rei realmente contém um elemento desse tipo. Seu destino nos comove apenas porque poderia ter sido também o nosso, porque o oráculo pronunciou a mesma maldição contra nós antes mesmo de nascermos. Todos éramos talvez predestinados a voltar nosso primeiro impulso sexual para a nossa mãe e nosso primeiro ódio e desejo violento contra o pai; nossos sonhos nos convencem disso. O Édipo rei, que matou seu pai, Laio, e se casou com sua mãe, Jocasta, é apenas a realização do desejo de nossa infância. Desde então, porém, contanto que não tenhamos nos tornado psiconeuróticos, temos sido mais felizes em desprender nossos impulsos sexuais da nossa mãe e em esquecer nosso ciúme do nosso pai. Estremecidos, recuamos da pessoa na qual se realizou aquele desejo infantil primordial, e o fazemos com todo o peso da repressão que esses desejos têm sofrido desde então em nosso íntimo. O poeta, ao revelar a culpa de Édipo, nos obriga ao conhecimento de nosso próprio interior, no qual aqueles impulsos, mesmo que reprimidos, continuam a existir. A contraposição com a qual o coro se despede:

> *Vede, este é Édipo,*
> *que desvendou os altos enigmas e que foi o primeiro em poder,*
> *cuja sorte todos os cidadãos elogiavam e invejavam;*
> *Vede as ondas terríveis da calamidade em que se afogou!*

— essa advertência fere a nós mesmos e ao nosso orgulho; nós que, desde os anos da nossa infância, nos tornamos tão sábios e poderosos aos nossos próprios olhos. Como Édipo, vivemos na ignorância dos desejos que violam a moral e que a natureza nos impôs. Quando esses desejos nos são revelados, todos nós queremos desviar os olhos das cenas da nossa infância.[48]

A lenda de Édipo provém de um material onírico antiquíssimo, que tem como conteúdo aquela perturbação dolorosa da relação com os pais pelos primeiros impulsos da sexualidade. O próprio texto da tragédia de Sófocles contém uma referência inequívoca a isso. Jocasta consola o Édipo ainda não esclarecido, mas já inquietado pela lembrança dos oráculos, mencionando um sonho que, segundo ela, tantas pessoas têm, mas que nada significa:

> *Pois muitas pessoas já se viram em seus sonhos*
> *Unidas à mãe: Mas aquele para quem tudo isso não é nada*
> *Suporta facilmente o fardo da vida.*

O sonho de ter relações sexuais com a mãe ocorre, hoje como no passado, em muitos homens, que o relatam com surpresa e indignação. Ele é, compreensivelmente, a chave para a tragédia e completa o sonho da morte do pai. A fábula de Édipo é a reação da imaginação a esses dois sonhos típicos, e assim como os sonhos dos adultos são vivenciados com sentimentos de rejeição, a lenda também precisa acolher em seu conteúdo o pavor e a autopunição. A formação restante provém de uma elaboração secundária e equivocada do material, que procura submetê-lo à intenção de teologizá-lo (cf. o material dos sonhos de exibição, p. 282). A tentativa de unir a onipotência divina à responsabilidade humana está fadada a fracassar tanto nesse quanto em qualquer outro material.

Outra grande tragédia, o *Hamlet* de Shakespeare, tem suas raízes no mesmo solo que o Édipo rei. No processamento alterado da matéria, porém, revela-se toda a diferença na vida psíquica dos dois períodos culturais, tão distantes um do outro, o

avanço secular da repressão na vida afetiva da humanidade. Em *Édipo*, a fantasia de desejos subjacente na imaginação da criança é trazida à luz e realizada como que num sonho; em *Hamlet*, ela permanece reprimida, e ficamos sabendo de sua existência — semelhante ao estado de coisas numa neurose — apenas por meio dos efeitos de inibição que dela partem. Curiosamente, mostrou-se que o efeito poderoso do drama moderno permitiu que pudéssemos permanecer em plena ignorância do caráter do herói. A peça é construída sobre a hesitação de Hamlet em realizar a tarefa da vingança; o texto não diz quais são as razões ou motivações dessa hesitação; as mais diversas tentativas de interpretação não conseguiram apontá-las. Segundo a compreensão dominante ainda hoje, concebida por Goethe, Hamlet representa o tipo de homem cujo poder vigoroso de ação é paralisado pelo desenvolvimento excessivo do pensamento ("Enfraquecido pela palidez do pensamento"). Segundo outros, o poeta tentou descrever um caráter doentio, indeciso e neurastênico. O enredo da peça, porém, nos ensina que Hamlet de forma alguma pretende se apresentar a nós como pessoa incapaz de agir. Nós o vemos agir duas vezes: na primeira vez, num surto de paixão violenta, quando derruba o homem que escuta por trás da tapeçaria; na segunda, age de modo planejado, e até mesmo ardiloso, quando, com a indiferença típica dos príncipes da Renascença, envia dois cortesãos para aquela morte que havia sido destinada a ele. O que, então, o inibe na realização da tarefa que o espírito de seu pai lhe atribuiu? Aqui precisamos mais uma vez buscar essa informação na natureza especial dessa tarefa. Hamlet pode fazer qualquer coisa, menos se vingar daquele homem que afastou seu pai e ocupou seu lugar ao lado de sua mãe, daquele homem que lhe mostra a realização de seus desejos reprimidos da infância. A repugnância que deveria impeli-lo à vingança é substituída por remorsos, por escrúpulos da consciência, que o acusam, num sentido literal, de não ser melhor do que o pecador que deve ser punido. Traduzi aqui para o consciente aquilo que, na psique do herói, precisa permanecer inconsciente; se alguém quiser chamar Hamlet de histérico, preciso

reconhecer isso apenas como consequência de minha interpretação. A aversão sexual concorda muito bem com isso, e Hamlet a expressa em seu diálogo com Ofélia; trata-se da mesma aversão sexual que, nos anos seguintes, passaria a dominar cada vez mais a psique do poeta até alcançar sua expressão máxima em *Timão de Atenas*. Naturalmente, só pode ter sido a vida psíquica do próprio poeta que se expressa no *Hamlet*. Na obra de Georg Brandes *Shakespeare* (1896), encontro a informação de que o drama foi escrito imediatamente após a morte do pai de Shakespeare (1601), ou seja, em pleno luto por ele e, como podemos supor, no reavivamento dos sentimentos da infância referentes ao pai. Sabemos também que o filho de Shakespeare, falecido precocemente, se chamava Hamnet (idêntico a Hamlet). Assim como o *Hamlet* trata da relação do filho com os pais, *Macbeth*, escrito em proximidade temporal daquele, tem como tema a falta de filhos. Como todos os sintomas neuróticos e também o próprio sonho são passíveis de sobreinterpretação e até mesmo a exigem para sua compreensão plena, cada criação poética autêntica também resulta de vários motivos ou emoções na psique do poeta e permite mais de uma interpretação. Tentei aqui apenas a interpretação do estrato mais profundo de impulsos na psique do poeta que cria.[49]

Não posso deixar os sonhos típicos da morte de entes queridos sem esclarecer com mais algumas palavras a sua importância para a teoria dos sonhos em geral. Esses sonhos nos mostram a realização do caso bastante incomum em que o pensamento onírico formado pelo desejo reprimido se esquiva de toda censura e se transpõe de forma inalterada para o sonho. As condições que permitem isso devem ser especiais. Parece-me que esses sonhos são favorecidos por dois fatores: em primeiro lugar, não existe desejo do qual parecemos estar mais distantes; acreditamos que desejar isso "não nos ocorreria nem mesmo no sonho", por isso a censura do sonho não está preparada para essa monstruosidade, semelhante à legislação de Sólon, que não soube estabelecer uma pena para o parricídio. Em segundo lugar, porém, justamente aqui, um resto diurno vem ao encontro do desejo reprimido e não

intuído na forma de uma *preocupação* pela vida da pessoa querida. Essa preocupação só pode se inserir no sonho recorrendo a um sonho correspondente; o sonho, porém, pode se esconder por trás da preocupação manifestada durante o dia. Se acreditarmos que tudo isso transcorre de modo mais simples, que à noite e no sonho continuamos apenas o que iniciamos durante o dia, excluímos assim os sonhos da morte de pessoas queridas do contexto da explicação dos sonhos, preservando superfluamente um enigma que poderia muito bem ser solucionado.

É instrutivo também observar a relação desses sonhos com os sonhos de angústia. Nos sonhos da morte de pessoas queridas, o desejo reprimido encontrou um caminho de se esquivar da censura — e da deformação por ela causada. O fenômeno secundário, que jamais se ausenta nesse caso, é a sensação de dor no sonho. O pesadelo também só ocorre quando a censura é vencida total ou parcialmente; por outro lado, a censura é derrotada com maior facilidade quando a angústia já está presente como sensação atual de origem somática. Assim, torna-se palpável a tendência com que age a censura, com que realiza a deformação do sonho; isso ocorre para *impedir o desenvolvimento de angústia ou de outras formas de afetos dolorosos*.

Mais acima falei sobre o egoísmo da psique infantil; quero agora retornar ao tema com a intenção de apontar um contexto em que os sonhos preservaram também essa característica. Todos eles são absolutamente egoístas, em todos eles se apresenta o querido Eu, mesmo que disfarçado. Os desejos que neles são realizados são, regularmente, desejos do Eu; e trata-se apenas de uma aparência enganosa quando o sonho parece ter sido provocado pelo interesse por outra pessoa. Quero submeter à análise alguns exemplos que parecem refutar essa afirmação.

I

Um menino que ainda não completou quatro anos de idade conta: *Ele viu uma grande tigela guarnecida, na qual havia um grande pedaço de carne assada. De repente, o pedaço havia sido comido inteiramente — sem ter sido cortado. Ele não viu a pessoa que o comeu.*[50]

Quem poderia ser o estranho com cuja refeição farta o nosso menino sonha? As experiências do dia do sonho devem esclarecer essa pergunta. Há alguns dias, o garoto precisa, conforme instruções médicas, seguir uma dieta de leite; na noite do dia do sonho, porém, ele foi malcriado e, por isso, não pôde jantar. No passado, ele já havia passado por esse tipo de fome e, na época, suportara a situação com bravura. Ele sabia que não receberia nada, mas também não ousou indicar com uma única palavra que estava com fome. A educação começa a mostrar seus efeitos; ela já se manifesta no sonho, que mostra inícios de uma deformação onírica. Não há dúvida de que ele mesmo é a pessoa cujos desejos visam a uma refeição tão farta, ao assado. Ciente, porém, de que esta lhe seria negada, ele não ousa, como o fazem as crianças esfomeadas no sonho (cf. o sonho dos morangos da minha pequena Anna, p. 163), sentar-se à mesa pessoalmente. Essa pessoa permanece anônima.

II

Certa vez, sonho que vejo na vitrine de uma livraria um novo volume daquela coleção com encadernação para colecionadores que costumo comprar (monografias de artistas, monografias sobre a história do mundo, famosos locais de arte etc.). *A nova coleção se chama: Oradores* (*ou discursos*) *famosos, e o primeiro volume ostenta o nome dr. Lecher.*

Ao analisar o sonho, parece-me improvável que a fama do dr. Lecher, orador incansável do obstrucionismo alemão no Parlamento, me preocuparia no sonho. A situação é que, poucos dias atrás, aceitei novos pacientes para o tratamento psíquico e agora sou obrigado a falar entre dez e onze horas por dia. Eu mesmo sou, portanto, o orador incansável.

III

Noutra ocasião, sonho que um professor que conheço na nossa universidade me diz: *Meu filho, o míope*. Segue-se então um diálogo, que consiste em falas e réplicas curtas. Mas há também uma terceira parte do sonho, na qual aparecemos eu e meus filhos, e, para o conteúdo latente do sonho, pai e filho, o professor M., são apenas testas de ferro por trás dos quais eu e meu filho mais velho nos escondemos. Mais adiante, voltarei a tratar desse sonho por causa de outra peculiaridade.

IV

O seguinte sonho oferece um exemplo de sentimentos egoístas verdadeiramente baixos que se escondem por trás de uma preocupação afetuosa. *Meu amigo Otto tem uma aparência ruim, seu rosto parece bronzeado e seus olhos são salientes*.

Otto é o médico da minha família. Minha dívida com ele é imensa, pois há anos acompanha a saúde dos meus filhos, tratando-os com sucesso quando adoecem e sempre lhes dando algum presente sob um pretexto qualquer. Ele estava de visita no dia do sonho, e minha esposa observou que ele parecia cansado e esgotado. À noite, meu sonho lhe empresta alguns sintomas da doença de Basedow. Quem tentar uma interpretação do sonho sem minhas regras o compreenderá como expressão da minha preocupação com a saúde do amigo e como realização dessa preocupação. Isso contraria não só a afirmação de que o sonho é uma realização de desejos, mas também a outra, segundo a qual ele é acessível apenas a impulsos egoístas. Mas a quem interpreta o sonho dessa forma peço que me explique por que receio que Otto sofra da doença de Basedow, se sua aparência não oferece motivo para esse diagnóstico? Minha análise, por sua vez, me fornece o seguinte material de uma ocorrência transcorrida há seis anos. Nós, um pequeno grupo ao qual pertencia também o professor R., estávamos atravessando a floresta de N., a uma distância de algumas horas do nosso local de veraneio. O cocheiro, que não estava inteiramente

sóbrio, lançou nossa carruagem numa ribanceira, e tivemos sorte de escapar ilesos. No entanto, fomos obrigados a passar a noite na pousada mais próxima, onde a notícia do nosso acidente despertou grande empatia. Um senhor que apresentava os sinais evidentes do *morbus Basedowii* — apenas o escurecimento da pele do rosto e os olhos esbugalhados, como no sonho, sem bócio — colocou-se à nossa inteira disposição e perguntou o que poderia fazer por nós. O professor R. respondeu resoluto, como era típico dele: "Nada além de me emprestar um pijama". Respondeu então o nobre senhor: "Sinto muito, não posso fazer isso" e se afastou.

Ao continuar a análise, lembro-me de que Basedow é o nome não só de um médico, mas também de um famoso pedagogo. (Agora, desperto, não tenho tanta certeza disso.) O amigo Otto é, porém, aquela pessoa à qual pedi, caso acontecesse algo comigo, que supervisionasse a educação física dos meus filhos, principalmente durante a puberdade (daí o pijama). Ao ver meu amigo Otto, no sonho, com os sintomas mórbidos daquele nobre auxiliador, pretendo dizer: "Caso aconteça algo comigo, ele fará tão pouco pelas crianças quanto, na época, o senhor barão L., a despeito de suas ofertas amáveis". A tendência egoísta do sonho é assim revelada.[51]

Mas onde se acha aí a realização de um desejo? Não na vingança contra o amigo Otto, cujo destino é ser maltratado em meus sonhos, mas na seguinte relação: ao representar Otto como o barão L., eu, ao mesmo tempo, identifico minha própria pessoa com outra, com a do professor R., pois exijo algo de Otto, como R. exigira algo do barão L. naquela ocasião. Esse é o ponto. O professor R., com o qual jamais ousaria me comparar, seguiu, como eu, seu caminho fora da faculdade e conquistou apenas em idade avançada o título que havia muito merecia. Mais uma vez, quero ser nomeado professor! Sim, até mesmo o "em idade avançada" é a realização de um desejo, pois significa que viverei o bastante para acompanhar pessoalmente os meus meninos durante a puberdade.

[Γ) OUTROS SONHOS TÍPICOS]

Por experiência própria nada sei de outros sonhos típicos como os de voar com sentimentos de prazer ou de cair com sentimentos de angústia. Tudo o que tenho a dizer sobre eles devo às psicanálises. As informações que obtemos por meio delas nos levam a concluir que também esses sonhos repetem impressões da infância, que eles se relacionam com as brincadeiras de movimento, muito atraentes para as crianças. Que tio já não fez uma criança voar, levando-a nos braços estendidos e correndo pela sala, ou brincou de fazer a criança cair, balançando-a nos joelhos e de repente esticando a perna, ou jogando-a para o alto? As crianças gritam de alegria e exigem incansavelmente uma repetição, sobretudo quando sentem um pouco de medo ou vertigem. Anos depois, criam a repetição nos sonhos, mas excluem as mãos que as sustentavam, de modo que flutuam ou caem livremente. É conhecida a preferência das crianças pequenas por essas brincadeiras e por balanços e gangorras; e quando veem os números de ginástica no circo, a lembrança é novamente refrescada.[52] Em alguns garotos, a crise histérica consiste apenas em reproduções desses números, que eles executam com grande habilidade. Não é raro que essas brincadeiras de movimento, inofensivas em si mesmas, também provoquem sensações sexuais.[53] Para dizê-lo com uma palavra muito usada entre nós, que abarca todos esses atos: é o "*hetzen*" na infância [ato de correr atrás, perseguir], que os sonhos de voo, queda, vertigem etc. repetem, mas cujos sentimentos de prazer são então convertidos em medo. Mas como toda mãe sabe muito bem, essas brincadeiras terminam muitas vezes em brigas e choro.

Portanto, tenho boas razões para rejeitar a explicação segundo a qual os sonhos de voar e cair são provocados por sensações de nossa pele durante o sono, pelo movimento dos nossos pulmões etc. A meu ver, tais sensações são reproduzidas com base na lembrança a que o sonho se refere, são parte do conteúdo do sonho, e não fontes do sonho.

Sei perfeitamente, contudo, que não posso oferecer um esclarecimento total para essa série de sonhos típicos. Justamente aqui meu material me deixa em apuros.

Preciso me ater ao ponto de vista geral de que todas as sensações na pele e de movimento desses sonhos típicos são despertadas assim que algum motivo psíquico as requer, e que podem ser negligenciadas quando uma necessidade desse tipo não existe. A relação com as lembranças infantis também me parece resultar seguramente das indicações que obtive na análise dos psiconeuróticos. Mas não sei dizer quais outros significados se vincularam à lembrança dessas sensações ao longo da vida — talvez sejam diferentes para cada pessoa a despeito da manifestação típica desses sonhos. Eu gostaria de ter a oportunidade de preencher essa lacuna por meio da análise minuciosa de bons exemplos. Caso alguém se admire diante do fato de que eu, a despeito da frequência justamente dos sonhos de voo, queda, perda de dentes etc., me queixe da falta de material, devo-lhe o esclarecimento de que nunca experimentei pessoalmente esse tipo de sonho desde que me dedico ao tema da interpretação dos sonhos. Os sonhos dos neuróticos dos quais disponho nem sempre podem ser interpretados e, muitas vezes, apenas parcialmente. Certo poder psíquico, que contribuiu para a formação da neurose e que volta a demonstrar seus efeitos em sua resolução, opõe-se à interpretação até o último enigma.

[Δ)] OS SONHOS DE EXAMES

Todos os que encerraram o ensino médio com o exame final se queixam da persistência com que os persegue o angustiado sonho de ter falhado, de ter que repetir o ano etc. Para quem já possui um diploma acadêmico, esse sonho típico é substituído por outro, que o acusa de não ter passado num concurso difícil e ao qual ele objeta ainda no sono que ele já exerce sua profissão há anos, seja como livre-docente ou funcionário público. São as lembranças inextinguíveis dos castigos que sofremos na infância pelos erros cometidos que voltam a se manifestar em nosso íntimo nos dois momentos cruciais dos nossos estudos, no "*dies irae*, *dies illa*"[ae] dos exames severos. O "medo da prova" dos neuróticos também é reforçado por esse medo infantil. Quando deixamos de ser alunos, já não são mais os pais e educadores

ou, mais tarde, os professores que nos castigam; a causalidade impiedosa da vida assumiu nossa educação, e agora sonhamos com o vestibular ou com o concurso — e quem, mesmo sendo um dos justos, não tremeu na época? — sempre que esperamos que o sucesso nos castigue, porque não agimos bem, porque não fizemos algo corretamente, assim que sentimos a pressão da responsabilidade.

Devo um esclarecimento adicional dos sonhos de provas a uma observação de um colega informado, que, durante uma conversa científica, ressaltou que o sonho do exame final só ocorre em pessoas que passaram no exame, jamais em pessoas que falharam. O sonho de provas acompanhado de sentimentos de angústia, que, como se confirma cada vez mais, ocorre quando o dia seguinte espera um desempenho responsável e a possibilidade de passar vergonha, teria então escolhido uma oportunidade no passado em que essa angústia provou ser injustificada e foi refutada pelo êxito. Seria isso um exemplo muito notável de uma interpretação errada do conteúdo do sonho pela instância desperta. A ressalva, compreendida como indignação em reação ao sonho: "Mas eu já sou doutor" etc., seria na verdade o sonho consolando o sonhador, como se ele dissesse: não tenha medo de amanhã; lembre-se do medo que sentiu antes da prova de maturidade, e nada lhe aconteceu. Hoje, você já é doutor etc. O medo, porém, que atribuímos ao sonho proviria dos restos do dia.

Pude constatar, em mim e em outros (mesmo que não em casos suficientemente numerosos), que essa explicação confere. Eu, por exemplo, não passei no exame de medicina legal; jamais isso veio a me perturbar no sonho, enquanto fui examinado muitas vezes em botânica, zoologia ou química, disciplinas essas cujos exames sempre encarei com um medo justificado, tendo, porém, escapado do castigo graças a um destino ou examinador favorável. Nos meus sonhos de exames na escola, sou regularmente examinado em história, matéria em que passei com facilidade na época, mas somente porque meu simpático professor — o homem de um só olho de outro sonho, cf. p. 40 — não deixou de perceber que, na lista com as questões que

eu lhe devolvi [no exame oral], eu havia marcado com a unha a segunda das três questões, indicando que ele não deveria perguntar sobre ela. Um dos meus pacientes, que havia desistido da prova de conclusão do ensino médio e veio a fazê-la mais tarde, mas que falhou no exame de oficial e não se tornou oficial, me relata que ele sonha frequentemente com o primeiro, mas jamais com o segundo exame.

Os sonhos de provas apresentam as mesmas dificuldades à interpretação que já mencionei acima como características da maioria dos sonhos típicos. Raramente, o material associativo que o sonhador nos oferece basta para a interpretação. Para entender esses sonhos, é preciso reunir um conjunto maior de exemplos. Recentemente, tive a impressão nítida de que a desculpa: você já é doutor etc. não só encobre o consolo, mas também inclui uma acusação. Esta seria: você já é tão velho, já alcançou tanto na vida e continua a fazer as mesmas tolices e infantilidades. Essa mistura de autocrítica e consolo corresponderia ao conteúdo latente dos sonhos de provas. Não nos surpreenderia, então, se as acusações por causa das "tolices" e "infantilidades" se referissem, nos últimos exemplos analisados, à repetição de atos sexuais repreensíveis.

W. Stekel, a quem devemos a primeira interpretação do "sonho do exame final", defende a opinião segundo a qual ele sempre remete a provas sexuais e à maturidade sexual. Minha experiência pessoal confirmou isso muitas vezes.

---

1. É claro que a concepção de Robert, segundo a qual a função do sonho seria aliviar a nossa memória das impressões irrelevantes do dia, não pode mais ser mantida, se no sonho aparecem imagens mnemônicas irrelevantes da nossa infância com certa frequência. Teríamos de concluir que o sonho cumpre de maneira muito insatisfatória a tarefa que lhe foi atribuída.

a. Parágrafo acrescentado em 1909.

2. Como informei nos acréscimos ao primeiro capítulo (p. 125), H. Swoboda aplicou em grande escala aos eventos psíquicos os intervalos biológicos de 23 e 28 dias, descobertos por W. Fliess, e afirmou, sobretudo, que esses períodos são decisivos para o surgimento dos elementos oníricos nos sonhos. A interpretação dos sonhos não seria essencialmente alterada se isso pudesse ser demonstrado, mas haveria uma nova fonte para a origem do material onírico. Recentemente, fiz algumas pesquisas em alguns de meus próprios sonhos para verificar a aplicabilidade da "teoria da periodicidade" ao material dos sonhos, selecionando para isso elementos

especialmente conspícuos, cujo aparecimento na vida podia ser determinado com segurança em termos temporais.

I. Sonho de 10/2 de outubro de 1910.

(Fragmento) *Em algum lugar da Itália. Três filhas me mostram pequenas preciosidades, como num antiquário, e ao fazê-lo se sentam no meu colo. Sobre uma das peças eu digo: Isso você recebeu de mim. Vejo claramente uma pequena máscara de perfil com os traços bem definidos de Savonarola.*

Quando foi que vi a imagem de Savonarola pela última vez? Segundo meu diário de viagem, estive em Florença em 4 e 5 de setembro; lá pensei em mostrar ao meu companheiro de viagem a medalha com os traços do monge fanático na calçada da Piazza Signoria, no mesmo local em que ele morreu na fogueira, e acredito que na manhã do dia 3 eu chamei sua atenção para isso. Entre essa impressão e seu retorno no sonho passaram-se, porém, 27 + 1 dias, um "período feminino", segundo Fliess. No entanto, em detrimento da força comprobatória desse exemplo, preciso mencionar que, *no próprio dia do sonho*, esteve comigo (pela primeira vez desde meu retorno) o colega médico diligente, mas de olhar sombrio, que eu havia apelidado jocosamente de "rabino Savonarola" anos atrás. Ele me apresentou uma vítima do acidente do trem de Pontebba, no qual eu mesmo havia viajado oito dias antes, remetendo assim os meus pensamentos à última viagem italiana. O surgimento do conspícuo elemento "Savonarola" no conteúdo do sonho é esclarecido por essa visita do colega no dia do sonho; o intervalo de 28 dias perde então relevância para a sua proveniência.

II. Sonho de 10/11 de outubro.

Volto a trabalhar com química no laboratório da universidade. O conselheiro áulico L. me convida a acompanhá-lo até certo lugar, vai à frente seguindo pelo corredor, levando uma lâmpada ou qualquer outro instrumento no braço erguido, de modo sagaz (?) (*perspicaz*?), *em postura peculiar com a cabeça adiantada. Chegamos então a um espaço livre*… (o resto esquecido).

O que mais chama atenção no conteúdo desse sonho é a maneira como o conselheiro L. carrega à sua frente a lâmpada (ou a lupa), os olhos atentos voltados para a distância. Faz muitos anos que não vejo L., mas já sei que ele é apenas substituto de outra pessoa, maior, do Arquimedes próximo à fonte de Aretusa em Siracusa, que apresenta a mesma postura de L. no sonho e manuseia o espelho côncavo da mesma forma, olhando em direção ao exército sitiador dos romanos. Quando foi a primeira (e a última) vez que vi esse monumento? Segundo os meus registros, isso aconteceu na noite de 17 de setembro, e entre essa data e o sonho transcorreram realmente 13 + 10 = 23 dias, um "período masculino" segundo Fliess.

Infelizmente, também aqui o prosseguimento da interpretação do sonho anula parte da plausibilidade dessa relação. O motivo do sonho foi a notícia recebida no dia do sonho, segundo a qual a clínica, em cujo auditório apresento minhas palestras como convidado, em breve será transferida para outro lugar. Eu acreditava que a nova localização seria num lugar muito desfavorável, dizia a mim mesmo que seria como se não houvesse mais um auditório à minha disposição, e a partir daí meus pensamentos devem ter voltado até os primórdios de meu tempo como docente, quando eu realmente não dispunha de um auditório, e os meus esforços de conseguir uma sala despertavam pouco interesse por parte dos senhores conselheiros e professores todo-poderosos. Na época, procurei L., que ocupava o cargo de decano e que eu considerava um protetor meu, para apresentar-lhe a minha

necessidade. Ele prometeu ajudar, no entanto, nada mais ouvi dele. No sonho, ele é Arquimedes, que me dá ποῦ στώ [um apoio] e pessoalmente me leva até a nova localidade. Quem tem experiência em interpretação reconhecerá facilmente que desejo de vingança e megalomania não são estranhos aos pensamentos do sonho. Preciso, porém, concluir que, sem esse motivo onírico, Arquimedes provavelmente não teria aparecido no sonho dessa noite; não sei ao certo se a impressão forte e ainda recente da estátua em Siracusa teria produzido efeito com outro intervalo de tempo.

III. Sonho de 2/3 de outubro de 1910.

(Fragmento) *Algo sobre o professor Oser, que pessoalmente preparou o cardápio para mim, o que me tranquiliza muito* (outras coisas foram esquecidas).

O sonho é a reação a um distúrbio digestivo daquele dia, que me levou a cogitar a possibilidade de procurar um colega para prescrever uma dieta. O fato de eu ter escolhido o colega Oser, falecido no verão, remete à morte recente (10 de outubro) de outro professor universitário, que eu tinha em alta estima. Quando, porém, ocorreu a morte de Oser e quando eu soube de seu falecimento? Segundo a informação do jornal, isso aconteceu no dia 22 de agosto; visto que eu me encontrava na Holanda na época, para onde me era enviado regularmente o *Wiener Zeitung*, devo ter lido o obituário em 24 ou 25 de agosto. Contudo, esse intervalo já não corresponde a nenhum período, ele abarca 7 + 30 + 2 = 39 ou talvez 40 dias. Não me lembro de, nesse meio-tempo, ter falado ou pensado em Oser.

Intervalos assim, que não podem ser usados na teoria da periodicidade sem elaboração adicional, são muito mais frequentes em meus sonhos do que os intervalos regulares. A única relação que acho constantemente é a relação, já afirmada no texto, com uma impressão do dia do sonho.

b. Parágrafo acrescentado em 1914.

c. Traça: em alemão, *Bücherwurm*, literalmente "verme de livro".

d. *Bücherwurm*: aqui em sentido figurado, denota um leitor ávido, amante ("devorador") de livros.

3. Cf. meu ensaio "Sobre lembranças encobridoras" [1899].

4. A tendência do trabalho do sonho de fundir eventos simultâneos de interesse numa única ação já foi observada por vários autores, por exemplo, por Delage (1891, p. 41) e Delboeuf: *rapprochement forcé* [aproximação forçada] (1885, p. 237).

5. Sonho da injeção de Irma; sonho do amigo que é meu tio.

6. Sonho do discurso fúnebre do jovem médico.

7. Sonho da monografia botânica.

8. A maioria dos sonhos dos meus pacientes, durante a análise, é desse tipo.

9. Cf., no capítulo VII, a passagem sobre a "transferência".

10. [Nota acrescentada em 1919:] Uma contribuição importante que diz respeito ao papel do material recente na formação do sonho é feita por O. Pötzl num trabalho que oferece grande número de implicações (1917). Pötzl pediu a vários participantes da pesquisa que registrassem em desenho o que haviam percebido conscientemente de uma imagem mostrada num taquistoscópio. Ocupou-se então do sonho que estes tiveram na noite seguinte e pediu que representassem elementos adequados desse sonho também num desenho. Tornou-se então evidente que os detalhes da imagem exposta não percebidos pelos participantes da pesquisa haviam fornecido material

para a formação do sonho, enquanto os elementos percebidos conscientemente e fixados no desenho após a exposição não haviam aparecido no conteúdo manifesto do sonho. O material acolhido no trabalho do sonho foi elaborado por ele da maneira "arbitrária" conhecida ou, mais corretamente, de maneira "autocrática", a serviço das tendências formadoras do sonho. Os estímulos da pesquisa de Pötzl ultrapassam em muito os propósitos da interpretação dos sonhos empreendida neste livro. Quero mencionar ainda rapidamente o quanto esse novo modo de estudar a formação dos sonhos de forma experimental se destaca da antiga técnica bruta, que consistia em introduzir estímulos perturbadores do sono no conteúdo do sonho.

11. [Nota acrescentada em 1914:] Havelock Ellis, um amável crítico da *Interpretação dos sonhos*, escreve (1911, p. 169): "Este é o ponto a partir do qual muitos de nós não serão capazes de seguir F.". Mas ele jamais fez análises de sonhos e não quer acreditar como é injustificado basear o julgamento no conteúdo manifesto do sonho.

e. Alusão ao provérbio que diz: "Águas tranquilas são profundas" (*Stille Wasser sind tief*).

f. *Du hast deine Fleischbank offen* [literalmente "Sua banca de carnes está aberta"]: expressão popular vienense que significa "Sua braguilha está aberta".

12. Sobre as falas no sonho, ver capítulo sobre o trabalho do sonho. Apenas um dos estudiosos parece ter reconhecido a origem das falas oníricas: Delboeuf (1885, p. 226), comparando-as a "clichês".

g. Segundo James Strachey, essa frase, que soa como "rábano preto" em alemão, refere-se provavelmente a alguma reminiscência de um jogo de palavras ilustrado ou rébus, que era comum em periódicos humorísticos da época.

13. Para os interessados, observo que por trás do sonho se esconde uma fantasia de comportamento indevido, de provocação sexual da minha parte e defesa por parte da senhora. Aos que consideram inacreditável essa interpretação, lembro os numerosos casos em que os médicos têm sofrido esse tipo de acusação de mulheres histéricas, nas quais essa mesma fantasia não apareceu deformada e como sonho, mas se tornou francamente consciente e delirante. — [Acrescentado em 1909:] Foi com esse sonho que a paciente iniciou o tratamento psicanalítico. Somente depois compreendi que, com ele, ela repetiu o trauma inicial do qual se originava sua neurose. Desde então, tenho encontrado o mesmo comportamento em outras pessoas que na infância foram alvos de ataques sexuais e agora, de certa forma, buscavam sua repetição no sonho.

14. Uma substituição pelo contrário, como ficará claro depois da interpretação.

h. "Apolo" era o nome de uma conhecida marca de velas.

15. [Nota acrescentada em 1909:] Desde então, descobri que também para a realização de desejos considerados por muito tempo inalcançáveis é preciso apenas um pouco de coragem, [acrescentado em 1925:] e há muito me tornei um peregrino assíduo de Roma.

i. Zuckerkrankheit, "doença do açúcar", é outro nome usado em alemão para "diabetes".

16. [Nota acrescentada em 1925:] Deve ter sido Jean Paul o autor no qual li essa passagem.

17. [Nota acrescentada em 1909:] Na primeira edição havia aqui o nome Asdrúbal, um erro estranho, que esclareci em minha *Psicopatologia da vida cotidiana* (1901).

18. [Nota acrescentada em 1930:] Existem dúvidas quanto à ascendência judaica do marechal. [As palavras entre parênteses, após "Masséna", foram acrescentadas em 1914.]

j. "*Dem Fass den Boden ausschlagen*", literalmente: "Retirar o fundo do tonel", significando: "Isso é demais, inaceitável".

k. Um dos principais centros comerciais de Viena.

l. *Einen Korb geben*, literalmente: "dar uma cesta", no sentido de "dar um fora", "rejeitar uma declaração de amor".

m. *Knödel*: espécie de almôndegas; bolinhos feitos de farinha de trigo e pão e cozidos em água.

n. Cf. a teoria sobre o mecanismo da histeria, na parte II do *Projeto de uma psicologia* [*Entwurf einer Psychologie*], 1895.

19. Os dois afetos relativos a essas cenas infantis, o espanto e a rendição ao inevitável, ocorreram num sonho que eu tivera pouco antes e que me restituiu pela primeira vez a lembrança dessa vivência infantil. [A citação é uma provável reminiscência de Shakespeare: "*Thou owest God a death*", "Deves a Deus uma morte", em *Henrique iv*, primeira parte, ato V, cena 1.]

20. Deliberadamente evito acrescentar algo sobre os *plagióstomos*; eles me lembram uma ocasião desagradável em que passei vergonha na presença do mesmo professor.

o. *Fausto*, parte I, cena 4.

p. *Lateinische Küche*, designação antiga de "farmácia".

q. Em alemão, *Popo* é a forma infantil de *Podex*, "traseiro", e o sufixo eslavo *vić* tem o mesmo som de *Witz*, que significa "chiste, pilhéria, engenhosidade".

r. *Freude* significa "alegria" em alemão.

s. A primeira linha é de um bilhete de Herder para Goethe, brincando com o nome deste. A segunda é um verso de *Ifigênia em Táurida*, de Goethe; são palavras ditas pela protagonista ao saber da morte de muitos heróis no cerco de Troia.

t. Spalato e Cattaro são os nomes italianos das cidades de Split, na Croácia, e Kótor, em Montenegro.

u. Político austríaco (1847-1916). Ischl era onde a corte passava o verão.

v. *Schläfer* = aquele que dorme; o prefixo *bei* indica proximidade, presença. *Beischlaf* designando o ato sexual. *Regierungsbeischläfer* seria, portanto, "aquele que dorme com o governo", fazendo trocadilho com *Regierungsvertreter*, "representante do governo".

21. Essa repetição se infiltrou, aparentemente num momento de desatenção, no texto do sonho, e eu a preservo, pois a análise mostra que ela tem um significado. [Em alemão, *Ich fahre auf*, *fahre also auf*, em que o verbo *fahren* significa também "ir com um veículo", "viajar", e é usado nesse sentido em outras passagens do sonho.]

22. Um equívoco, mas não um ato falho dessa vez! Mais tarde, soube que o Emmersdorf de Wachau não é idêntico ao asilo homônimo do revolucionário Fischhof.

w. Segundo James Strachey, a alusão talvez seja a uma ode de Tennyson, *On the Jubilee of Queen Victoria*, em que aparecem repetidamente as palavras "*fifty years*", mas não há um poema dele com esse título.

x. No original: *saugrob*, literalmente "rude como um porco".

23. Não em *Germinal*, mas em *La Terre*. Um equívoco que só percebi após a análise. — Chamo também a atenção para as letras idênticas em *Huflattich* [unha-de-cavalo] e *flatus*.

24. [Nota acrescentada em 1925:] O biógrafo não solicitado que encontrei, o dr. Fritz Wittels, me critica por ter omitido dessa inscrição o nome de Jeová. [Acrescentado em 1930:] A medalha inglesa apresenta o nome de Deus em letras hebraicas, no fundo de uma nuvem, mas de tal forma que ele pode ser visto como pertencente tanto à imagem quanto à inscrição.

25. [Nota acrescentada em 1911:] Utilizando-se dessa parte do sonho, H. Silberer tentou demonstrar, num trabalho substancial (1910), que o trabalho do sonho consegue representar não só os pensamentos oníricos latentes, mas também os processos psíquicos que ocorrem na formação do sonho ("O fenômeno funcional."). [Acrescentado em 1914:] Creio, porém, que ele não percebe que "os processos psíquicos que ocorrem na formação do sonho" são um material de meus pensamentos, como todo o resto. Nesse sonho petulante, estou evidentemente orgulhoso de haver descoberto esses processos.

26. Outra interpretação: ele é caolho como Odin, o pai dos deuses. — *O consolo de Odin* [*Odins Trost*, romance mitológico de Felix Dahn (1880)]. — O consolo na cena infantil, em que prometo que lhe comprarei uma cama nova.

27. Acrescento aqui algum material de interpretação: segurar o vidro [*Glas*, a mesma palavra de "urinol"] lembra a história do camponês que, numa consulta ao oftalmologista, tenta lente [*Glas* também] após lente, mas que não sabe ler. — (*Bauernfänger* [trapaceiro] — *Mädchenfänger* [mulherengo] na parte anterior do sonho.) — O tratamento do pai demente pelos camponeses em *La Terre*, de Zola. — A triste satisfação de que, em seus últimos dias de vida, o pai sujou a cama como uma criança; por isso, sou seu enfermeiro no sonho. — "*Pensar e vivenciar são aqui uma coisa só*" lembra um drama muito revolucionário de Oskar Panizza [*Das Liebeskonzil*, 1895], no qual Deus, o Pai, um velho paralítico, é tratado de forma desdenhosa. Ali se diz que vontade e ato são a mesma coisa, e seu arcanjo, um tipo de Ganimedes, precisa impedi-lo de xingar e esbravejar, caso contrário as maldições se cumpririam imediatamente. — Fazer planos é uma acusação contra o pai proveniente de uma época posterior da crítica; todo o conteúdo rebelde e blasfemador do sonho remete à revolta contra o pai. O príncipe é chamado de pai do povo, e o pai é a autoridade mais antiga, a primeira e única autoridade para a criança. Do poder perfeito do pai surgiram, no decorrer da história da civilização humana, todas as outras autoridades sociais (na medida em que o "matriarcado" não nos obrigue a restrição dessa sentença). — A variante no sonho, "Pensar e vivenciar são aqui uma coisa só", visa à explicação dos sintomas histéricos, à qual se refere também o vidro masculino. A um vienense eu não teria que explicar o princípio do "*Gschnas*"; este consiste em produzir objetos de aspecto raro e precioso com material trivial e sem valor e, de preferência, cômico, por exemplo, armaduras feitas de panelas e espanadores, do tipo que nossos artistas gostam de usar em suas noites de diversão. Percebi então que os histéricos fazem o mesmo; além daquilo que realmente lhes aconteceu, eles inconscientemente criam eventos fantasiosos terríveis ou extravagantes, construídos a partir do material mais banal e inofensivo de sua experiência. Os sintomas estão vinculados a essas fantasias, não às lembranças das ocorrências reais, sejam elas sérias ou igualmente inofensivas. Esse esclarecimento me ajudou a vencer muitas dificuldades e me trouxe muita alegria. Pude aludir a isso com o elemento onírico do "urinol masculino", porque alguém me contou que na última "noite de *Gschnas*" estava exposto um cálice de veneno de Lucrécia Borgia, cujo elemento principal era um urinol masculino, do tipo que costuma ser usado nos hospitais.

28. [Nota acrescentada em 1914:] A sobreposição dos significados do sonho é um dos problemas mais delicados, mas também mais ricos em conteúdo da interpretação dos sonhos. Quem se esquecer dessa possibilidade facilmente cometerá equívocos e será levado a fazer afirmações insustentáveis sobre a natureza do sonho. No entanto, foram realizadas pouquíssimas pesquisas sobre esse tema. Até agora, apenas a estratificação — bastante regular — dos símbolos nos sonhos gerados pela pressão de urinar foi devidamente estudada por O. Rank (1912).

29. [Nota acrescentada em 1914:] Recomendo a todos a leitura dos registros minuciosos e precisos de sonhos induzidos experimentalmente, reunidos em dois volumes por Mourly Vold [1910-2], para se convencerem de que as condições do experimento pouco contribuem para o esclarecimento do conteúdo dos sonhos individuais e de que essas experiências pouco ajudam na compreensão dos problemas do sonho.

30. [Nota acrescentada em 1919:] Cf. K. Landauer, "Handlungen des Schlafenden" (1918). Todo observador testemunha atos visíveis e dotados de sentido por parte de quem dorme. A pessoa adormecida não se torna inteiramente estúpida; pelo contrário: ela consegue agir de maneira lógica e com força de vontade.

31. Cf. a passagem em Griesinger e a observação em meu segundo ensaio sobre as neuropsicoses de defesa [1896]. [Segundo Strachey, a referência deve ser, na verdade, a um parágrafo próximo do final do primeiro ensaio de Freud sobre o tema, de 1894.]

y. Em alemão, o diabetes é chamado *Zucker* = "açúcar".

z. *Sich aufs hohe Ross setzen*, literalmente "sentar-se num cavalo alto", expressão popular que designa uma postura altiva e arrogante. Pouco adiante, "estar firme na sela" é outra expressão desse tipo, para alguém cuja posição não é ameaçada. Logo em seguida, a "anedota do cavaleiro" é a que consta numa carta de Freud a Wilhelm Fliess: ao ser perguntado para onde cavalgava, o cavaleiro Itzig respondeu: "Não sei! Pergunte ao cavalo!" (carta de 7 jul. 1898).

aa. Parágrafo acrescentado em 1914.

ab. Em alemão, "tossir" é *husten*; Hussiatyn é uma cidade da região da Galícia (sul da Polônia e oeste da Ucrânia).

32. O conteúdo do sonho é narrado de formas diferentes nas duas fontes que conheço.

ac. Citação de Shakespeare, *Romeu e Julieta*, ato III, cena 5.

ad. Numa nota perto do final do livro (p. 660), Freud afirma que evitou explicitar uma diferença de sentido entre os verbos *unterdrücken* e *verdrängen*, mas que "deve ter ficado claro que esse último ressalta mais que o primeiro o vínculo [o 'pertencimento', em tradução literal] ao inconsciente". É discutível que isso esteja claro, pois são vários os trechos em que os dois — ou os substantivos correspondentes — são usados alternadamente, tanto aqui como em outras obras (cf. p. 309 do v. 8, p. 217 do v. 10 e pp. 95-6 do v. 12 destas *Obras completas*). De toda forma, procuramos traduzir os dois por palavras diferentes ao longo deste livro, e, tendo adotado "reprimir" para *verdrängen*, restou-nos (de modo pouco satisfatório) "suprimir" para *unterdrücken*. Caso se prefira "recalcar" para aquele, a opção natural para este é "reprimir". Uma discussão mais extensa desses dois termos se acha em Paulo César de Souza, *As palavras de Freud: O vocabulário freudiano e suas versões*. São Paulo: Companhia das Letras, 2. ed. revista, 2010, pp. 112-21.

33. [Nota acrescentada em 1914:] Numa série de trabalhos, Rank mostrou que certos sonhos de despertar provocados por estímulos orgânicos (sonhos de micção e de polução) são particularmente adequados para demonstrar a luta entre a necessidade de dormir e as exigências das necessidades orgânicas e também a influência destas últimas sobre o conteúdo do sonho.

34. [Nota acrescentada em 1925:] A tese de que nosso método de interpretação dos sonhos se torna inutilizável se não dispomos do material associativo do sonhador exige o complemento de que o nosso trabalho interpretativo independe dessas associações em um caso, isto é, quando o sonhador utiliza elementos simbólicos

no conteúdo do sonho. Nesse caso, servimo-nos do que é, a rigor, um segundo método, auxiliar, de interpretação dos sonhos. (Ver adiante.)

35. A criança aparece também no conto de fadas, pois de repente uma criança grita: "Mas ele está sem roupa!".

36. [Nota acrescentada em 1911:] Ferenczi publicou uma série de interessantes sonhos de nudez tidos por mulheres, que puderam ser facilmente relacionados ao prazer de exibição infantil, mas que, em alguns aspectos, divergem do sonho de nudez "típico" que discutimos acima.

37. A presença de "toda a família" no sonho significa, por razões compreensíveis, a mesma coisa.

38. Eis uma "sobreinterpretação" desse sonho: como "assombrar" [*spuken*] é uma atividade dos espíritos, cuspir [*spucken*] na escada equivale, numa tradução bastante livre, a ter "*esprit d'escalier*". Ora, possuir "*esprit d'escalier*" significa não ter resposta pronta [*Schlagfertigkeit* = literalmente "prontidão para bater"]. Isso é realmente algo que me falta. Mas será que a babá também demonstrou uma falta de "*Schlagfertigkeit*"?

39. Cf. *Análise da fobia de um garoto de cinco anos* (1909) e "Sobre as teorias sexuais infantis" (1908).

40. [Nota acrescentada em 1909:] Hans, um menino de três anos e meio, cuja fobia é o tema da publicação mencionada acima, em febre pouco tempo após o nascimento de uma irmã, exclama: "Mas eu não quero ter uma irmãzinha!". Um ano e meio depois, em sua neurose, ele confessa abertamente o desejo de que a mãe deixe cair a pequena na banheira durante o banho, para que ela morra. Hans é uma criança bondosa e carinhosa, que logo passa a gostar também dessa irmã e a protegê-la com grande prazer.

41. [Nota acrescentada em 1914:] Esses casos de morte vivenciados na infância podem ser esquecidos na família, mas a pesquisa psicanalítica mostra que eles são muito significativos para a neurose futura.

42. [Nota acrescentada em 1914:] Entrementes, foram feitas e publicadas na literatura psicanalítica muitas observações referentes à conduta originalmente hostil de crianças em relação aos irmãos e a um dos pais. O poeta Spitteler descreveu de modo particularmente autêntico e ingênuo essa postura infantil típica em sua própria infância: "Havia ainda um segundo Adolf. Uma criatura pequena que diziam ser meu irmão, mas cuja utilidade eu não compreendia. Compreendia menos ainda por que pretendiam fazer dele um ser igual a mim; eu me bastava, para que precisava de um irmão? E ele não era apenas inútil; por vezes, até atrapalhava. Quando eu importunava a avó, ele também queria importuná-la, quando eu era colocado no carrinho de bebê, ele se sentava à minha frente e ocupava metade do espaço, de modo que nossos pés se tocavam".

43. [Nota acrescentada em 1909:] O Hans de três anos e meio usa as mesmas palavras para expressar sua crítica fulminante contra a irmã (1909 b). Ele supõe que, por causa da falta de dentes, ela não consegue falar.

44. [Nota acrescentada em 1909:] Para minha grande surpresa, ouvi como um garoto muito inteligente de dez anos de idade disse após a morte súbita de seu pai: "Entendo que o papai morreu, mas não consigo entender por que ele não volta para casa para o jantar". — [Acrescentado em 1919:] Material adicional sobre esse tema pode ser encontrado na rubrica "Kinderseele" [A alma infantil], redigida pela dra. Von Hug-Hellmuth, na revista *Imago*, v. I-V, 1912-8.

45. [Nota acrescentada em 1919:] A observação de um pai com formação psicanalítica capta também o momento em que sua filha, de quatro anos de idade e com o intelecto altamente desenvolvido, reconhece a diferença entre "estar ausente" e "estar morto". A criança estava causando problemas à mesa e se sentiu observada de modo pouco amigável por uma das garçonetes da pensão. "A Josefine deveria estar morta", ela disse ao pai. "Por que estar morta?", perguntou o pai, tentando acalmá-la. "Não basta ela ir embora?" "Não", a criança respondeu,

"pois ela voltaria." Para o amor-próprio irrestrito (narcisismo) da criança, cada perturbação é um *crimen laesae majestatis* e, como a legislação rigorosa, o sentimento da criança conhece para esse tipo de crime uma única pena, que não pode ser dosada.

46. [Nota acrescentada em 1925:] Muitas vezes, esse estado de coisas é encoberto pela ocorrência de uma tendência punitiva que, numa reação moral, ameaça o sonhador com a perda do pai ou da mãe que ama.

47. [Nota acrescentada em 1909:] Pelo menos em algumas das representações mitológicas. Em outras, a castração é realizada apenas por Cronos em seu pai Urano. Sobre o significado mitológico desse tema, cf. Otto Rank, 1909 [Acrescentado em 1914:] e 1912, capítulo IX, 2.

48. [Nota acrescentada em 1914:] Nenhuma das descobertas da pesquisa psicanalítica provocou oposição tão amarga, resistência tão furiosa e contorções tão divertidas da crítica quanto essa referência às tendências incestuosas da criança, preservadas no inconsciente. Nos últimos tempos, houve até a tentativa de, apesar de todas as experiências, reconhecer o incesto apenas como "simbólico". Ferenczi (1912), baseando-se na passagem de uma carta de Schopenhauer, oferece uma sobreinterpretação engenhosa do mito de Édipo. [Acrescentado em 1919:] O "complexo de Édipo", mencionado pela primeira vez neste livro, adquiriu por meio de outros estudos uma importância inesperada para a compreensão da história da humanidade e do desenvolvimento da religião e da moral (cf. *Totem e tabu*, 1912-3).

49. [Nota acrescentada em 1919:] Essas indicações para a compreensão psicanalítica de Hamlet foram completadas por E. Jones e defendidas contra outras interpretações encontradas na literatura (cf. Jones, 1910). — [Acrescentado em 1930:] Nesse meio-tempo, contudo, deixei de acreditar que o autor das obras de Shakespeare foi o homem de Stratford, pressuposição esta na qual se baseiam as observações acima. — [Acrescentado em 1919:] Para outras tentativas de análise de *Macbeth*, ver meu ensaio "Alguns tipos de caráter encontrados na prática psicanalítica" (1916) e L. Jekels (1917).

50. O que é grande, abundante, desmedido e exagerado nos sonhos também poderia ser uma característica da infância. A criança não conhece desejo mais ardente do que o de crescer, de receber tanto de tudo quanto os adultos; é difícil satisfazê-la, jamais algo lhe basta; insaciável, exige repetições daquilo que lhe agradou. Moderação, modéstia e resignação são coisas que a cultura da educação lhe ensina. Como sabemos, o neurótico também tende ao descomedimento e à imoderação.

51. [Nota acrescentada em 1911:] Durante uma palestra de Ernest Jones para uma plateia norte-americana sobre o egoísmo dos sonhos, uma senhora culta objetou contra essa generalização pouco científica, alegando que o autor só podia opinar sobre os sonhos dos austríacos, nada podendo afirmar sobre os sonhos dos norte-americanos. Ela, de sua parte, tinha certeza de que todos os seus sonhos eram estritamente altruístas.

[Acrescentado em 1925:] Em defesa dessa senhora patriótica, seja dito que a afirmação de que todos os sonhos são egoístas não deve ser mal-entendida. Como tudo o que há no pensamento pré-consciente pode passar para o sonho (tanto em seu conteúdo quanto nos pensamentos oníricos latentes), essa possibilidade está aberta também para os impulsos altruístas. Da mesma forma, um impulso carinhoso ou apaixonado por outra pessoa, estando presente no inconsciente, pode se manifestar também no sonho. Portanto, a verdade da frase acima se limita ao fato de que, entre os instigadores inconscientes do sonho, encontramos muitas vezes tendências egoístas que parecem ter sido superadas na vida de vigília.

52. [Nota acrescentada em 1925:] A pesquisa analítica nos mostrou que, além do prazer ligado aos órgãos, existe outro fator que contribui para a preferência das crianças por performances acrobáticas e sua repetição na crise histérica. Trata-se da imagem mnêmica (muitas vezes inconsciente) da relação sexual observada (no ser humano ou em animais).

53. Um colega jovem, isento de qualquer neurose, me informa em relação a isso: "Sei por experiência própria que, antigamente, quando brincava no balanço, no momento em que o movimento para baixo atingia seu maior ímpeto, eu sentia algo estranho nos órgãos genitais, que, apesar de não ter sido agradável, preciso caracterizar como sentimento de prazer". — Várias vezes escutei, de meus pacientes, que eles se recordavam de ter as primeiras ereções acompanhadas de prazer quando escalavam árvores na infância. — A psicanálise mostra com segurança que os primeiros impulsos sexuais têm raiz nas brincadeiras de corridas e lutas dos anos da infância.

ae. "O dia da cólera, que dia aquele": evocação do dia do Juízo Final no hino de Tomás de Cela (século XIII).

VI. O TRABALHO DO SONHO

Todas as outras tentativas até hoje feitas para resolver os problemas do sonho partiam diretamente do seu conteúdo *manifesto* dado na memória e se esforçavam para obter deste a interpretação, ou, quando não tentavam uma interpretação, buscavam formar um juízo sobre o sonho a partir de seu conteúdo. Somos os únicos a considerar algo diverso; para nós, um novo material psíquico se insere entre o conteúdo do sonho e os resultados de nossa observação: o conteúdo *latente* do sonho ou pensamentos oníricos, obtidos por meio de nosso procedimento. É com base nestes, e não no conteúdo manifesto do sonho, que desenvolvemos a solução do sonho. Por isso deparamos com uma nova tarefa, que antes não havia: pesquisar as relações entre o conteúdo manifesto do sonho e os pensamentos latentes e investigar os processos pelos quais estes se transformaram naqueles.

Pensamentos oníricos e conteúdo onírico se apresentam a nós como duas versões do mesmo conteúdo em duas linguagens diferentes, ou melhor, o conteúdo do sonho nos aparece como uma transposição dos pensamentos oníricos para outro modo de expressão, cujos signos e regras sintáticas devemos conhecer pela comparação do original com a tradução. Os pensamentos oníricos são compreensíveis assim que deles tomamos conhecimento. O conteúdo onírico é fornecido numa espécie de pictografia, cujos signos devem ser transpostos para a linguagem dos pensamentos oníricos. Evidentemente, nós nos enganaríamos se lêssemos esses signos segundo seu valor como imagem e não conforme sua relação semiótica. Digamos que eu tenha à minha frente um enigma pictórico (rébus): vê-se uma casa, um barco em seu telhado, depois uma letra, uma figura acéfala que corre etc. Eu poderia dizer que essa composição e seus elementos não fazem sentido. O lugar de um barco não é em cima de uma casa, e uma pessoa sem cabeça não corre;

além disso, a pessoa é maior do que a casa, e, se tudo isso pretendesse ser a representação de uma paisagem, as letras individuais não deveriam estar ali, pois elas não ocorrem na natureza. A consideração adequada do rébus só acontece quando não faço objeções ao conjunto e aos seus detalhes, mas procuro substituir cada imagem por uma sílaba ou uma palavra representada de alguma forma pela imagem. As palavras que assim se formam deixam de ser sem sentido e podem resultar numa bela e significativa frase poética. O sonho é um enigma pictórico desse tipo, e nossos precursores na esfera da interpretação dos sonhos cometeram o erro de interpretar o rébus como um desenho. Como tal, ele lhes parecia absurdo e sem valor.

A. O TRABALHO DE CONDENSAÇÃO

A primeira coisa que o investigador percebe, ao comparar o conteúdo do sonho com os pensamentos oníricos, é que foi realizado um magnífico *trabalho de condensação*. O sonho é conciso, pobre e lacônico quando comparado ao volume e à riqueza dos pensamentos oníricos. O registro do sonho ocupa meia página; a análise, que contém os pensamentos oníricos, exige um espaço seis, oito, doze vezes maior. A relação varia de sonho para sonho; jamais se inverte, pelo que pude verificar. Em geral se subestima a medida da compressão realizada, tomando os pensamentos oníricos trazidos à luz como o material completo, mas o prosseguimento do trabalho de interpretação pode revelar novos pensamentos escondidos por trás do sonho. Já tivemos ocasião de mencionar que, no fundo, nunca podemos ter certeza de que a nossa interpretação do sonho é completa; mesmo quando a resolução parece ser satisfatória e não apresentar lacunas, é sempre possível que mais outro sentido se manifeste no mesmo sonho. Estritamente falando, a *cota de condensação* é, portanto, indeterminável. Pode-se levantar uma objeção, bastante convincente à primeira vista, à afirmação de que o desequilíbrio na relação entre conteúdo do sonho e pensamentos oníricos permite concluir que há uma extensa condensação do material psicológico na formação do sonho. Pois muitas vezes temos a sensação de que sonhamos muito durante a noite inteira e depois nos esquecemos da maior parte. O sonho do qual nos lembramos ao despertar seria, então, apenas um resíduo de todo o trabalho do sonho, que provavelmente corresponderia à mesma extensão dos pensamentos oníricos se conseguíssemos lembrá-lo por inteiro. Certamente há alguma verdade nisso; não há dúvida quanto à observação de que um sonho é reproduzido da forma mais fiel quando tentamos lembrá-lo logo após o despertar e sua lembrança apresenta lacunas cada vez maiores quanto mais nos aproximamos da noite. Por outro lado,

porém, podemos ver que a sensação de termos sonhado muito mais do que somos capazes de reproduzir se baseia frequentemente numa ilusão, cuja origem será explicada adiante. Além do mais, a hipótese de uma condensação no trabalho do sonho não é afetada pela possibilidade de esquecermos o sonho, pois ela é demonstrada pelo grande número de representações que pertencem às partes conservadas do sonho. Caso grande parte do sonho tenha de fato se perdido para a lembrança, isso apenas nos impede o acesso a outra série de pensamentos oníricos. Supor que as partes esquecidas do sonho se refeririam apenas aos pensamentos que conhecemos por meio da análise das partes conservadas é uma expectativa injustificável.[1]

Tendo em vista o grande número de associações que a análise fornece para cada elemento do conteúdo do sonho, vários leitores se perguntarão se tudo aquilo que vem à mente depois, durante a análise, pode ser incluído entre os pensamentos oníricos, isto é, se podemos supor que todos esses pensamentos já estavam ativos durante o estado de sono e participaram da formação do sonho. Não surgiriam na análise novas ligações de pensamento que não participaram da formação do sonho? Posso partilhar essa dúvida apenas em parte. Certamente é correto que algumas ligações de pensamento só surgem durante a análise; mas é possível notar que essas novas ligações ocorrem apenas entre pensamentos que já são ligados de outro modo nos pensamentos oníricos; as novas ligações são, por assim dizer, curtos-circuitos, viabilizados pela existência de outras vias de ligação mais profundas. No tocante à maioria dos pensamentos revelados na análise, temos de admitir que já estavam ativos na formação do sonho, pois após trabalhar uma sequência desses pensamentos, que parecem não estar relacionados à formação do sonho, de repente deparamos com um pensamento que, representado no conteúdo do sonho, é imprescindível para a interpretação do sonho, mas só pôde ser acessado por meio daquela sequência de pensamentos. Veja-se, por exemplo, o sonho da monografia

botânica, que se apresenta como resultado de um trabalho de condensação surpreendente, embora eu não tenha informado a análise completa.

Como, então, devemos imaginar o estado psíquico durante o sono que precede os sonhos? Todos esses pensamentos oníricos existem simultaneamente, ou transcorrem em sequência, ou várias linhas simultâneas de pensamentos são formadas em centros diferentes e depois confluem? Creio que ainda não há necessidade de criarmos uma representação plástica do estado psíquico durante a formação do sonho. Basta não esquecermos que se trata de um pensar *inconsciente* e que esse processo pode muito bem ser diferente daquele que observamos em nós mesmos durante a reflexão intencional acompanhada de consciência. É fato inquestionável, porém, que a formação do sonho se baseia numa condensação. Como se dá essa condensação?

Se considerarmos que, de todos os pensamentos dos sonhos encontrados, pouquíssimos são representados no sonho por meio de um de seus elementos representacionais, deveríamos concluir que a condensação ocorre pela via da *omissão*, caso em que o sonho não seria uma tradução fiel ou projeção ponto por ponto dos pensamentos oníricos, mas uma reprodução bastante incompleta e lacunar destes. Como veremos, essa concepção é muito deficiente. Mas vamos nos basear nela inicialmente e colocar a seguinte questão: se poucos elementos dos pensamentos oníricos conseguem chegar ao conteúdo do sonho, que condições determinam a sua seleção?

A fim de esclarecer isso, voltemos nossa atenção para os elementos do conteúdo do sonho que precisam haver cumprido as condições buscadas. Um sonho em que uma condensação particularmente forte contribuiu para a formação será o material mais favorável para essa investigação. Escolho

I. O SONHO DA MONOGRAFIA BOTÂNICA,
comunicado na página 204.

Conteúdo do sonho: *Escrevi uma monografia sobre uma planta* (*de espécie indeterminada*). *O livro está diante de mim, estou abrindo uma página com uma ilustração colorida dobrada. O exemplar contém um espécime da planta.*[a]

Nesse sonho, o elemento que mais chama a atenção é a *monografia botânica*. Ela provém das impressões do dia do sonho; eu realmente tinha visto na vitrine de uma livraria *uma monografia sobre o gênero dos "ciclames"*. O sonho não menciona esse gênero, nele restaram apenas a monografia e sua relação com a botânica. A "monografia botânica" evidencia imediatamente sua relação com o *trabalho sobre cocaína* que escrevi certa vez; a ligação de pensamentos vai da cocaína à publicação festiva e a determinadas ocorrências no laboratório de uma universidade e também ao meu amigo, o oftalmologista dr. Königstein, que contribuiu para o emprego da cocaína. À pessoa do dr. Königstein se vincula, além disso, a lembrança da conversa interrompida que tive com ele na noite anterior, e os muitos pensamentos sobre a remuneração de serviços médicos entre colegas. Essa conversa é o verdadeiro instigador atual do sonho; a monografia sobre ciclames também é uma atualidade, mas de natureza indiferente; como vejo, a "monografia botânica" do sonho exerce a função de *algo em comum e intermediário* entre as duas vivências do dia, tomada da impressão indiferente sem alterações e ligada à vivência psiquicamente relevante por meio de numerosas associações.

Não só a representação composta da "monografia botânica", mas também cada um de seus elementos, "botânico" e "monografia", penetra cada vez mais separadamente e por múltiplas ligações no emaranhado dos pensamentos oníricos. A "botânico" se relacionam as recordações da pessoa do professor *Gärtner* [jardineiro] e sua esposa *florescente*, a minha paciente chamada *Flora* e a senhora da qual contei a história das *flores* esquecidas. Gärtner me leva ao laboratório e à conversa com Königstein; as duas pacientes foram mencionadas nessa conversa. Outra via de pensamentos me leva da mulher das flores para as *flores favoritas* de minha esposa, e termina no título da monografia que vi de relance durante o dia.

Além disso, "*botânico*" lembra um episódio no ensino médio e uma prova no tempo de faculdade, e um novo tema que foi tocado durante a conversa, meus *passatempos preferidos*, se vincula, por intermédio da minha jocosamente chamada *flor preferida*, à alcachofra, à série de pensamentos que parte das flores esquecidas; por trás de "alcachofra" se esconde, de um lado, a lembrança da Itália e, por outro, a de uma cena da infância, que deu início ao que veio a se tornar meu relacionamento íntimo com os livros. "*Botânico*" é, portanto, um verdadeiro ponto nodal, para onde convergem numerosas sequências de pensamentos, que, posso garantir, foram apropriadamente relacionadas umas às outras naquela conversa. Encontramo-nos aqui no meio de uma fábrica de pensamentos, na qual, como na obra-mestra do tecelão,

> *Cada pedalada move mil fios,*
> *As lançadeiras voam para cá e para lá,*
> *Os fios fluem invisíveis,*
> *Um golpe cria mil ligações.*[2]

Já a palavra "*monografia*", no sonho, evoca dois temas, a natureza unilateral dos meus estudos e o custo elevado das minhas paixões.

Essa primeira investigação deixa a impressão de que os elementos "botânico" e "monografia" foram acolhidos no conteúdo do sonho porque apresentam o maior número de pontos de contato com a maioria dos pensamentos oníricos, ou seja, porque representam *pontos nodais* em que muitos dos pensamentos oníricos se encontram, por terem *vários sentidos* no que toca à interpretação do sonho. Podemos expressar o fato subjacente a essa explicação também de outra forma: cada elemento do conteúdo do sonho se revela como *sobredeterminado*, como representado várias vezes nos pensamentos oníricos.

Descobriremos mais se examinarmos os outros componentes do sonho em relação à sua ocorrência nos pensamentos oníricos. A folha de *ilustração colorida* que desdobro remete (cf. a análise nas páginas 207 ss.) a um novo tema, à crítica dos

meus colegas a meus trabalhos, também a um tema já representado no sonho, meus passatempos favoritos, e, além disso, a uma recordação da infância, em que rasgo um livro de ilustrações coloridas; a *amostra dessecada da planta* remete à experiência no ensino médio do herbário, dando destaque especial a essa lembrança. Vejo, então, de que tipo é a relação entre conteúdo do sonho e pensamentos oníricos: não só os elementos do sonho são determinados várias vezes pelos pensamentos oníricos, mas também cada pensamento onírico é representado por vários elementos. O caminho da associação leva de um elemento do sonho para vários pensamentos oníricos; e de um pensamento onírico para vários elementos do sonho. A formação do sonho, portanto, não ocorre de maneira que um pensamento onírico ou um grupo deles encontra, de forma resumida, representação no conteúdo do sonho, e o pensamento onírico seguinte, outra representação resumida, como sucede, por exemplo, quando representantes são escolhidos por uma população, mas toda a massa dos pensamentos oníricos é submetida a certa elaboração, em que os elementos com mais e melhor sustentação se destacam para entrar no conteúdo do sonho, de forma análoga à eleição com listas de candidatos. Não importa que sonho eu submeta a uma dissecção semelhante, sempre se confirmam os mesmos princípios, isto é, de que os elementos do sonho são formados a partir de toda a massa de pensamentos oníricos e cada um deles parece ser multiplamente determinado em relação aos pensamentos oníricos.

Certamente não é supérfluo demonstrar essa relação entre conteúdo do sonho e pensamentos oníricos por meio de um exemplo novo, que se distingue por um engenhoso emaranhamento dos laços entre eles. O sonho vem de um paciente que estou tratando por causa de sua claustrofobia. Logo se perceberá por que sou levado a dar o título seguinte a esse sonho extraordinariamente espirituoso:

II. “UM SONHO BONITO”

Em numerosa companhia, ele vai até a rua X., onde se encontra uma modesta estalagem (o que não é correto). *Lá está sendo apresentada uma peça de teatro; ele é ora plateia, ora ator. No fim, é preciso trocar de roupa para voltar para a cidade. Uma parte dos funcionários é enviada para os aposentos no térreo; a outra, para o primeiro andar. Então surge uma briga. Os de cima se irritam porque os de baixo ainda não estão prontos, de modo que não podem descer. Seu irmão está em cima; ele, embaixo, e se irrita com seu irmão por ser apressado dessa forma.* (Essa parte não é muito clara.) *Já no momento da chegada havia sido determinado quem ficaria em cima e quem embaixo. Em seguida, ele anda sozinho pela subida que a rua X. perfaz em direção à cidade, e seus passos são tão pesados, tão exaustivos que ele não consegue sair do lugar. Um senhor mais velho se junta a ele e fala mal do rei da Itália. Após alcançar o cume da colina, ele anda com facilidade muito maior.*

A dificuldade ao subir a rua era tão nítida que após despertar, por algum tempo, ele não sabia se tinha sido sonho ou realidade.

Pelo conteúdo manifesto, dificilmente elogiaríamos esse sonho. Contrariando as regras, iniciarei a interpretação por aquela parte que o sonhador descreveu como a mais nítida.

A dificuldade que ele sonhou e que provavelmente sentiu durante o sonho, a subida com dispneia, é um dos sintomas que o paciente realmente apresentara anos antes e que na época fora atribuído, junto com outras manifestações, a uma tuberculose (provavelmente simulada de forma histérica). Já conhecemos, nos sonhos de exibição, essa sensação da inibição do andar, peculiar a esse sonho, e aqui vemos mais uma vez que ela é um material sempre disponível e utilizado para representar qualquer outra coisa. Ao escutar o sonho, a parte do seu conteúdo que descreve a subida como inicialmente difícil, tornando-se mais fácil no auge, lembrou-me a conhecida, magistral introdução de *Safo*, de Alphonse Daudet. Nela, um jovem sobe as escadas carregando sua amante, no início com grande facilidade; quanto mais ele sobe, porém, mais ela pesa em seus braços, e essa cena é exemplar

para o transcurso da relação, que Daudet utiliza como advertência para que os jovens não desperdicem uma inclinação séria com garotas de procedência inferior e passado duvidoso.[3] Mesmo sabendo que pouco tempo antes meu paciente havia mantido e depois desfeito um relacionamento amoroso com uma mulher do teatro, eu não esperava que fosse confirmado o que me veio à mente como interpretação. Além disso, em *Safo* acontecia o *inverso* do sonho; neste, a subida era difícil no começo e fácil no fim. No romance, o simbolismo só funciona se aquilo que se acredita ser leve se revela um grande fardo. Para minha surpresa, o paciente observou que a interpretação correspondia muito bem ao teor de uma peça que ele vira no teatro na noite anterior. A peça se chamava *Rund um Wien* [Rodando por Viena] e tratava da vida de uma garota que, honesta no início, ingressa no *demi-monde* e se relaciona com pessoas de posições altas, "*subindo às alturas*", mas, por fim, "*caindo*" cada vez mais. A peça lhe lembrou também outra, apresentada anos antes, intitulada *Von Stufe zu Stufe* [De degrau em degrau] e cujo cartaz exibia uma *escada* de vários degraus.

Agora o resto da interpretação. A atriz do último relacionamento morava na rua X. Nessa rua não há uma hospedaria. Mas quando, por causa dessa mulher, ele passou parte do verão em Viena, hospedou-se num pequeno hotel da vizinhança. Ao deixar o hotel, disse ao cocheiro: "Pelo menos não fui infestado por insetos!" (outra de suas fobias). E o cocheiro respondera: "Mas como é que alguém pode se hospedar aqui! Isso não é um hotel, é somente uma *estalagem*".

A estalagem lhe lembra imediatamente uma citação:

> *Um estalajadeiro muito gentil*
> *Recentemente me hospedou.*[b]

Mas o estalajadeiro do poema de Uhland é uma macieira. Uma segunda citação dá continuidade à cadeia de associações:

> FAUSTO (*dançando com a jovem*)

Certa vez tive um belo sonho
Vi nele uma macieira
Em que duas maçãs luziam.
Elas me atraíam, e eu subi nela.
A BELA
Desde o paraíso
Desejas muito as maçãzinhas.
A alegria me leva a desejar
Que também meu jardim as tenha.[c]

Não pode haver dúvida quanto ao que significavam a macieira e as maçãzinhas. Os belos seios haviam sido um dos maiores encantos da atriz para o meu paciente.

O contexto da análise nos deu motivos para supor que o sonho remetia a uma impressão da infância. Se isso fosse correto, ele tinha de se referir à ama do paciente, um homem de quase trinta anos de idade. Para a criança, o seio da ama é realmente a estalagem. Tanto a ama como a Safo de Daudet aparecem como alusão à amante abandonada pouco antes.

No conteúdo do sonho aparece também o irmão (mais velho) do paciente, sendo que o irmão está *em cima*, e ele, *embaixo*. Isso é novamente uma *inversão* da situação real, pois, como fiquei sabendo, o irmão perdeu sua posição social, meu paciente conservou a dele. Durante a reprodução do conteúdo do sonho, o sonhador evitou dizer que o irmão estava em cima, e ele, "*par terre*" [no térreo]. Teria sido uma observação clara demais, pois costumamos dizer que uma pessoa está "*par terre*" quando ela perdeu seus bens e sua posição, ou seja, num sentido figurado semelhante àquele de quando falamos "*ele desceu*". Deve existir uma razão pela qual o sonho representa algo de forma invertida. A inversão tem de valer também para outra relação entre pensamentos oníricos e conteúdo do sonho. Há uma indicação de onde essa inversão é realizada. Claramente no final do sonho, onde a subida ocorre de maneira *inversa* à de *Safo*. Então vemos facilmente de que inversão se trata: em *Safo*, o homem carrega a mulher com a qual tem relações sexuais; nos

pensamentos oníricos, é, de modo inverso, uma mulher que carrega o homem, e, dado que isso acontece apenas na infância, a referência é novamente à ama, que carrega o bebê nos braços. O final do sonho alude tanto a Safo quanto à ama.

Assim como a escolha do nome de Safo pelo autor não deixa de ter relação com o lesbianismo, as partes do sonho em que pessoas estão *em cima* e *embaixo* também remetem a fantasias de conteúdo sexual que ocupam o sonhador e, como desejos suprimidos, não deixam de se ligar à sua neurose. O fato de o sonho apresentar fantasias e não lembranças de eventos reais não é revelado pela própria interpretação do sonho; esta nos fornece apenas um conteúdo de pensamentos e deixa que verifiquemos sua realidade. Eventos reais e imaginados aparecem aqui — não só aqui, mas também na criação de formações psíquicas mais importantes — como equivalentes a princípio. Como sabemos, grande companhia significa segredo. O irmão nada mais é do que o representante de todos os rivais posteriores que disputam a mulher, introduzido na cena da infância por "fantasia retrospectiva". O episódio do homem que xinga o rei da Itália se refere, por intermédio de uma vivência recente e irrelevante, à intromissão de pessoas de uma camada inferior na sociedade mais alta. É como se à advertência de Daudet ao jovem se juntasse uma semelhante, voltada à criança que mama.[4]

Para dispor de um terceiro exemplo para o estudo da condensação na formação do sonho, comunicarei a análise parcial de outro sonho, que devo a uma mulher de meia-idade que se acha em tratamento psicanalítico. Em conformidade com as graves crises de angústia que a paciente sofria, seus sonhos continham abundante material sexual, que tanto a surpreendeu como a assustou quando dele tomou conhecimento. Já que não posso comunicar aqui a interpretação completa do sonho, o material onírico parece se dividir em vários grupos sem vínculo evidente.

III. "O SONHO DOS BESOUROS"

Conteúdo do sonho: *Ela se lembra de que tem dois escaravelhos*[d] *numa caixa, aos quais precisa devolver a liberdade, senão morrerão sufocados. Ela abre a caixa, os besouros estão enfraquecidos; um sai voando pela janela aberta; o outro, porém, é esmagado pelo lado da janela no momento em que ela o fecha, porque alguém assim exige* (*expressões de nojo*).

Análise: Seu marido viajou, sua filha de catorze anos dorme ao seu lado na cama. À noite, a filha chama a sua atenção para uma mariposa que caiu em seu copo d'água; mas ela não a tira do copo e, na manhã seguinte, lamenta a morte do pobre inseto. O livro que lera antes de dormir contava como alguns garotos jogaram um gato em água fervente e descrevia as convulsões do animal. Esses são os dois eventos precipitadores do sonho, irrelevantes em si. O tema da *crueldade com animais* continua a ocupar seus pensamentos. Anos antes, quando passaram o verão em determinada região, sua filha havia sido muito cruel com os animais. Colecionava borboletas e lhe pediu arsênico para matá-las. Certa vez, uma falena com o corpo atravessado por uma agulha continuou a voar pelo quarto por muito tempo; outra vez, algumas lagartas que ela havia guardado para observar sua metamorfose morreram de fome. Quando era ainda mais jovem, essa mesma criança costumava arrancar as asas de besouros e borboletas; hoje, todas essas atividades cruéis a assustariam; tornou-se uma garota meiga.

Esse contraste a faz refletir. Ele lhe lembra outro, aquele entre *aparência* e mentalidade, como é representado em *Adam Bede*, de George Eliot: uma moça linda, mas vaidosa e completamente tola; ao lado desta, uma moça feia, mas nobre. O *aristocrata* que seduz a bobinha; o trabalhador de sentimentos e conduta nobres. O aspecto das pessoas não mostra isso. Quem veria nela que é atormentada por desejos sensuais?

No mesmo ano em que a pequena fazia sua coleção de borboletas, a região sofreu muito com uma praga de *escaravelhos*. As crianças lançavam-se contra eles e os *esmagavam* cruelmente. Na época, ela viu uma pessoa que lhes arrancava as asas e

depois os comia. Ela mesma nascera no mês de *maio* e se casara em *maio*. Três dias após o casamento, ela escreveu uma carta aos pais dizendo como estava feliz. Mas não era verdade.

Na noite anterior ao sonho, ela havia mexido em cartas antigas e lido algumas engraçadas para a sua família, entre elas também uma carta altamente cômica de seu professor de piano, que a cortejara em sua juventude, e também a carta de um admirador *aristocrático*.[5]

Ela se recrimina porque uma de suas filhas recebeu um livro ruim de Maupassant.[6] O *arsênico* que sua filha pequena pede lhe lembra as *pílulas de arsênico* que, em *Le Nabab* [*O nababo*, de Daudet], devolvem ao duque de Mora o vigor da juventude.

"Devolver a liberdade" a faz pensar num trecho da *Flauta mágica*:

> *Não posso te forçar a amar,*
> *Mas a* liberdade *não te dou*.[e]

E os "escaravelhos", nas palavras de Käthchen:[7]

> *Estás apaixonado por mim como um* besouro.

E, no meio de tudo, *Tannhäuser*: "Porque tu, animado por um desejo mau".[f]

Ela vive em angústia e preocupação pelo marido ausente. O medo de que algo possa lhe *acontecer* durante a viagem se manifesta em numerosas fantasias durante o dia. Pouco antes, durante a análise, ela havia encontrado em seus pensamentos inconscientes uma queixa sobre sua "senilidade". O desejo que esse sonho encobre pode ser adivinhado se eu contar que, vários dias antes do sonho, ela se assustou em meio às suas ocupações, com o imperativo que expressou ao marido: *Vá se enforcar!* Poucas horas antes, ela havia lido em algum lugar que, durante o enforcamento, ocorre uma forte ereção. Era o desejo dessa ereção que, nesse disfarce terrível, retornava da repressão. "Vá se enforcar" significava: "Consiga uma ereção a

qualquer custo". As pílulas de arsênico do dr. Jenkins em *O nababo* se inserem nesse mesmo contexto; no entanto, a paciente sabia também que o afrodisíaco mais forte, a *cantaridina*, é obtido mediante o *esmagamento de besouros* (as chamadas "moscas espanholas"). A parte principal do conteúdo do sonho aponta para esse sentido.

Abrir e fechar a *janela* é uma das constantes diferenças que tem com o marido. O sono dela é aerófilo; o dele, aerofóbico. O *enfraquecimento* é o sintoma principal de que ela se queixava nesses dias.

Nesses três sonhos grifei as partes em que um dos elementos do sonho reaparece nos pensamentos oníricos, para tornar evidentes as múltiplas relações dos primeiros. Mas, como em nenhum dos sonhos a análise foi levada até o fim, pode valer a pena retomar um sonho cuja análise relatei minuciosamente, para demonstrar a sobredeterminação do conteúdo do sonho. Para esse propósito escolho o sonho da injeção de Irma. Nesse exemplo veremos, sem dificuldade, que o trabalho de condensação na formação do sonho recorre a vários meios.

No conteúdo do sonho, a figura principal é a paciente Irma, que nele aparece com os traços que tem na vida real e que, portanto, a princípio representa ela mesma [cf. pp. 138 ss.]. Mas a posição em que a examino junto à janela vem da lembrança de outra pessoa, da mulher pela qual eu gostaria de substituir minha paciente, como mostram os pensamentos oníricos. Na medida em que Irma apresenta uma placa diftérica, algo que me recorda a preocupação com minha filha mais velha, ela vem a representar essa minha filha, por trás da qual se esconde, mediante o vínculo do nome igual, a pessoa de uma paciente morta por intoxicação. No decorrer do sonho, o significado da personalidade de Irma se transforma (sem que sua aparência no sonho se altere); ela se torna uma das crianças que examinamos no atendimento público do hospital infantil, onde meus amigos mostram a diferença de suas personalidades. Evidentemente, a figura de minha filha pequena intermediou essa transição. Ao se negar a abrir a boca, a mesma Irma se torna uma alusão a outra mulher que examinei certa vez e também, no mesmo

contexto, à minha esposa. Nas alterações patológicas que detecto em sua garganta reuni alusões a toda uma série de outras pessoas.

Essas pessoas com que deparo ao seguir "Irma" não aparecem em carne e osso no sonho; elas se escondem por trás da figura onírica "Irma", que assim é transformada numa imagem genérica, dotada certamente de traços contraditórios. Irma se torna a representante dessas outras pessoas, sacrificadas no trabalho de condensação, pois passo para ela tudo o que, traço a traço, me lembra essas pessoas.

Posso criar uma "pessoa coletiva" também de outra forma para a condensação do sonho, reunindo os traços atuais de duas ou mais pessoas numa só figura onírica. Foi assim que surgiu o dr. M. do meu sonho, ele tem o nome do dr. M., fala e age como este; suas características e seus males são os de outra pessoa: meu irmão mais velho;[g] um único traço, sua aparência pálida, é duplamente determinado, pois na realidade é comum aos dois.

Uma pessoa mista desse tipo é o dr. R. do sonho com meu tio [cf. pp. 171 ss.]. Ali, porém, a figura onírica foi feita de outra forma. Não uni os traços peculiares de um aos traços do outro, omitindo certos traços da imagem mnemônica de cada um. Segui o procedimento pelo qual Galton cria seus retratos de família, isto é, projetei uma imagem sobre a outra, de modo que os traços comuns se destacam e os discordantes se anulam, tornando-se indistintos na figura. No sonho do tio, destaca-se como traço reforçado da fisionomia pertencente às duas pessoas (e, por isso, pouco distinto) a *barba loura*, que também constitui uma alusão ao meu pai e a mim, pela relação com o tornar-se grisalho.

A produção de pessoas coletivas e mistas é uma das ferramentas principais da condensação do sonho. Em breve, teremos a oportunidade de tratar dela em outro contexto.

O pensamento da "disenteria" no sonho da injeção também é multiplamente determinado: de um lado, pela semelhança fonética com "difteria"; do outro, pela relação com o paciente que enviei para o Oriente e cuja histeria não é reconhecida.

Como caso interessante de condensação revela-se também a menção de "*propileno*" no sonho. Os pensamentos oníricos não continham "*propileno*", mas "*amileno*". Poderíamos pensar que o que ocorreu foi um simples deslocamento na formação do sonho. E realmente é o caso, mas esse deslocamento serve aos fins da condensação, como mostra o seguinte adendo à análise do sonho. Se minha atenção se demorar por mais um momento na palavra "*propileno*", vem-me à mente a semelhança com "*propileus*". Não existem *propileus* só em Atenas, mas também em Munique. Foi nessa cidade que, um ano antes do sonho, visitei o amigo que estava muito doente, que é aludido de modo inequívoco na referência a *trimetilamina* logo depois de *propileno*.

Não me deterei no fato surpreendente de aqui e em outros casos, na análise do sonho, associações de variada importância serem utilizadas para fazer ligações de pensamentos como se fossem igualmente importantes, e cederei à tentação de imaginar de forma, digamos, plástica o processo em que o *amileno* dos pensamentos oníricos foi substituído pelo *propileno* do contéudo do sonho.

Deste lado se encontra o grupo de representações ligadas a meu amigo Otto, que não me entende, não me dá razão e me presenteia com um licor cheirando a *amileno*; do outro, vinculado ao primeiro pelo contraste, o de meu amigo de Berlim, que me entende e me daria razão, e ao qual devo tantas informações valiosas, também sobre a química dos processos sexuais.

O que mais me chama a atenção no grupo de Otto é determinado pelas causas recentes instigadoras do sonho; o *amileno* é um desses elementos privilegiados, predestinados ao conteúdo do sonho. O rico grupo de "Wilhelm" é avivado justamente por seu contraste com Otto, e os elementos nele destacados semelham aqueles já incitados no grupo de Otto. Em todo o sonho, passo de alguém que provoca meu desagrado a outra pessoa que posso lhe contrapor à vontade, ponto a ponto apelo ao amigo contra o adversário. Assim, o *amileno* de Otto suscita também no outro grupo lembranças da esfera da química; a *triametilamina*, recebendo apoio

de vários lados, entra no conteúdo do sonho. E também o "*amileno*" poderia chegar ao conteúdo do sonho sem sofrer alterações, mas está sujeito à influência do grupo "Wilhelm", pois de todo o conjunto de lembranças coberto por esse nome é escolhido um elemento capaz de fornecer uma determinação dupla para *amileno*. Em matéria de associação, *amileno* está bem próximo de "*propileno*"; do grupo "Wilhelm" vem-lhe ao encontro "Munique", com os *propileus*. Em *propileno-propileus*, os dois grupos de ideias se encontram. Como que mediante um compromisso, esse elemento intermediário chega ao conteúdo do sonho. Criou-se aí um meio-termo comum que admite múltipla determinação. É evidente, assim, que a determinação múltipla deve facilitar a penetração no conteúdo do sonho. Para formar esse elemento intermediário foi realizado, sem hesitação, um deslocamento da atenção do que realmente se queria dizer para algo próximo na associação.

O estudo do sonho da injeção já nos permite obter uma visão geral dos processos de condensação na formação do sonho. Pudemos notar os seguintes detalhes do trabalho de condensação: a escolha dos elementos que ocorrem várias vezes nos pensamentos oníricos, a formação de novas unidades (pessoas coletivas, estruturas mistas) e a produção de meios-termos. Apenas quando tentarmos compreender no conjunto os processos psíquicos da formação do sonho é que nos perguntaremos para que serve a condensação e o que a torna necessária. Contentemo-nos, por ora, em registrar que a condensação do sonho é uma relação digna de nota entre pensamentos oníricos e conteúdo do sonho.

O trabalho de condensação do sonho se torna mais evidente quando escolhe palavras e nomes como seus objetos. Muitas vezes as palavras são tratadas como coisas no sonho e são submetidas às mesmas combinações que as representações de coisas. Sonhos assim trazem criações de palavras divertidas e insólitas.

|

Quando um colega me enviou um artigo seu, no qual, a meu ver, superestima uma descoberta fisiológica moderna e o faz com expressões exuberantes, sonhei na noite seguinte uma frase que claramente se referia a esse trabalho: "*Este é um estilo verdadeiramente* NOREKDAL". A princípio, tive dificuldade de entender como eu havia formado essa palavra; não havia dúvida de que era uma paródia dos superlativos [alemães] "colossal" e "piramidal", mas eu não conseguia dizer de onde vinha. Por fim, vi que essa monstruosidade se compunha dos nomes *Nora* e *Ekdal*, de duas peças famosas de Ibsen [*Casa de bonecas* e *O pato selvagem*]. Eu havia lido no jornal um artigo sobre Ibsen que era do mesmo autor do trabalho que eu criticava no sonho.

II

Uma das minhas pacientes me conta um sonho breve que termina numa combinação de palavras absurda. *Ela se encontra com seu marido numa festa de camponeses e diz: "Isso terminará num* MAISTOLLMÜTZ *generalizado"*. No sonho, ela tinha a vaga impressão de que se tratava de um pudim de milho, de um tipo de polenta. A análise decompõe a palavra em *Mais* [milho] — *toll* [louco, furioso, também fantástico] — *mannstoll* [ninfômana] — *Olmütz*; todas essas palavras podem ser identificadas como resíduos de uma conversa à mesa com seus parentes. Por trás de *Mais* [milho] escondem-se, além da alusão à Exposição do Jubileu recém-inaugurada,[h] as palavras: *Meissen* (uma figura de porcelana de Meissen, que representa um pássaro), *Miss* (sua parente inglesa havia estado em *Olmütz*), *mies* = repugnante, ruim no jargão judeu usado jocosamente, e uma longa sequência de pensamentos e ligações, que partia de cada uma das sílabas desse agrupamento verbal.

III

Um homem jovem, em cuja porta um conhecido bateu tarde da noite, para entregar um cartão de visitas, sonha em seguida: *Um comerciante espera, tarde da noite, para consertar o telefone de casa. Após sua saída, a campainha continua a tocar, não continuamente, mas em toques avulsos. O criado chama o homem de volta, e este diz: "Como é curioso que também pessoas que, de resto, são* TUTELREIN*, não sabem lidar com essas coisas".*

Como se vê, a causa precipitadora do sonho, que é irrelevante, cobre apenas um dos seus elementos. Ele só adquiriu significado juntando-se a uma vivência anterior do sonhador, que, também irrelevante em si, foi dotada de significado substitutivo pela sua fantasia. Quando era garoto e morava com seu pai, ele, sonolento, derrubou um copo d'água no chão, de modo que o fio do telefone ficou encharcado e seu *toque contínuo* perturbou o sono do pai. Dado que o toque contínuo corresponde a ficar molhado, os "*toques avulsos*" são usados para representar *gotas caindo*. A palavra "*tutelrein*" se decompõe em três direções e leva, assim, a três dos temas representados nos pensamentos oníricos: "*Tutel*" significa tutela; *Tutel* (talvez "*Tuttel*") é uma designação vulgar para o seio feminino, e o componente "*rein*" [puro, limpo] toma as primeiras sílabas de *Zimmertelegraph* [telefone de casa] para formar "*zimmerrein*" [que não suja a casa, referindo-se a animais], o que tem muito a ver com molhar o chão e, além disso, lembra o nome de um membro da família do sonhador.[8]

IV

Num sonho extenso e confuso, que parece ter como centro uma viagem marítima, ocorre que minha próxima escala se chama *Hearsing*; e a seguinte, *Fliess*. Este último é o nome de meu amigo em B., que já foi muitas vezes o destino das minhas viagens. *Hearsing*, por sua vez, é formado como os nomes de aldeias próximas a Viena ao longo da ferrovia, que tantas vezes terminam em "ing": Hietzing, Liesing, Mödling (Medelitz, *meae deliciae*, o nome antigo que significa *meine Freud* ["minha

alegria"]), e com a palavra inglesa *Hearsay* = "ouvir falar", que aponta para calúnia e estabelece o vínculo do sonho com o seu irrelevante instigador durante o dia, uma poesia publicada nas *Fliegende Blätter* [Folhas Voadoras, periódico satírico] sobre um anão caluniador, "Sagter Hatergesagt" ["Diz ele, foi o que ele disse"]. Ligando a sílaba final "ing" ao nome *Fliess*, obtém-se "*Vlissingen*", que realmente é uma escala da viagem marítima que meu irmão faz quando vem da Inglaterra para nos visitar. O nome inglês de *Vlissingen* é, porém, *Flushing*, que na língua inglesa significa "enrubescer" e lembra meus pacientes com "ereutofobia" e também uma publicação recente de Bechterew sobre essa neurose, que me deu motivo para irritação.

V

Em outra ocasião, tive um sonho que consiste em duas partes separadas. A primeira é a palavra "*Autodidasker*", da qual me lembro vivamente, e a outra corresponde exatamente a uma fantasia sucinta e inofensiva, produzida alguns dias antes, na qual preciso dizer ao professor N. quando o encontrar da próxima vez: "O paciente, sobre o qual eu o consultei, realmente sofre apenas de uma neurose, como o senhor suspeitou". O neologismo *Autodidasker* precisa não só satisfazer à exigência de conter ou representar um sentido comprimido; esse sentido também deve combinar com o propósito, que o sonho tomou do estado de vigília, de dar essa satisfação ao professor N.

Autodidasker pode facilmente ser dividido em *autor* [*Autor*], *autodidata* [*Autodidakt*] e *Lasker*, ao qual liguei também o nome *Lassalle*. As primeiras levam à causa precipitadora do sonho — significativa dessa vez: eu havia trazido para a minha esposa vários livros de um autor conhecido, que é amigo de meu irmão e que, como fiquei sabendo, nasceu na mesma cidade que eu (J. J. David). Certa noite, ela conversou comigo sobre a impressão profunda causada pela triste e comovente história de um homem de talento que fracassou na vida, numa das

novelas de David, e então nossa conversa se voltou para os sinais de talento que percebemos em nossos filhos. Sob o impacto do que acabara de ler, ela manifestou preocupação quanto às crianças, e eu a consolei observando que esses perigos podem ser evitados pela educação. De noite meus pensamentos prosseguiram, acolheram a preocupação de minha esposa e a entrelaçaram com várias outras coisas. Algo que o escritor havia dito ao meu irmão sobre o casamento apontou um caminho alternativo para meus pensamentos, que poderia conduzir à apresentação deles no sonho. Esse caminho levava a Breslau, para onde uma senhora muito amiga nossa se mudou após seu casamento. A preocupação de ser levado à ruína por uma mulher, que formava o núcleo dos meus pensamentos oníricos, tinha em Breslau os exemplos de Lasker e Lassalle, que me permitiam representar simultaneamente as duas espécies dessa influência fatal.[9] A expressão "*cherchez la femme*" [procurem a mulher], que pode resumir esses pensamentos, me conduz, por outro lado, ao meu irmão ainda solteiro, que se chama *Alexander*. Percebo que *Alex*, como o chamamos, é quase um anagrama de *Lasker* e que isso deve ter contribuído para fazer meus pensamentos se desviarem até Breslau.

Mas essa brincadeira com nomes e sílabas tem ainda outro significado. Representa o desejo de uma vida familiar feliz para o meu irmão, pela seguinte via: em *L'Œuvre* [A obra, de 1886], romance sobre um artista, cujo teor tinha afinidade com meus pensamentos oníricos, sabe-se que o autor [Émile Zola] descreve episodicamente sua própria felicidade familiar e nele aparece com o nome *Sandoz*. Ao transformar seu nome, ele deve ter procedido da seguinte forma: de trás para a frente (como gostam de fazer as crianças), *Zola* vira *Aloz*. Mas esse disfarce ainda não era suficiente; por isso ele substituiu a primeira sílaba, Al, que inicia também o nome Alexander, pela terceira sílaba deste nome, e assim se originou *Sandoz*. Foi mais ou menos assim que surgiu meu *Autodidasker*.

Eis como entrou no sonho a fantasia em que informo ao professor N. que o paciente por nós examinado sofre apenas de uma neurose. Pouco antes do final do

ano, recebi um paciente que não consegui diagnosticar. Parecia tratar-se de uma grave doença orgânica, talvez uma degeneração na medula espinhal, mas não havia como comprová-la. O diagnóstico de uma neurose era tentador e teria resolvido todas as dificuldades, mas o paciente contestava energicamente uma anamnese sexual, e sem esta não me disponho a reconhecer uma neurose. Em meu embaraço, pedi a ajuda daquele médico que mais venero como pessoa (não sendo eu o único) e ante cuja autoridade me inclino de bom grado. Ele escutou minhas dúvidas e as considerou justificadas, mas disse: "Continue a observar o homem, deve ser uma neurose". Sabendo que ele não partilha meus pontos de vista sobre a etiologia das neuroses, eu me contive e nada objetei, mas não ocultei minha descrença. Alguns dias depois, comuniquei ao paciente que não sabia o que fazer com ele e sugeri que procurasse outro médico. Então, para minha grande surpresa, ele começou a se desculpar por haver mentido para mim; sentira muita vergonha, e então me revelou justamente aquele segmento da etiologia sexual que eu havia procurado e do qual precisava para aceitar uma neurose. Para mim foi um alívio, mas, ao mesmo tempo, uma vergonha; tive de admitir que meu consultor, não se deixando enganar pela consideração da anamnese, havia enxergado mais claramente do que eu. Propus-me, então, dizer isso a ele quando o visse; dizer que ele estava certo; e eu, errado.

É justamente isso que faço no sonho. Mas que realização de desejo é essa, confessar que me enganei? Justamente esse é o meu desejo; quero estar errado em meus temores, quero que minha esposa, cujas preocupações adotei nos pensamentos oníricos, esteja enganada. O tema a que diz respeito a questão de estar certo ou errado no sonho não está muito distante daquilo que realmente interessa aos pensamentos oníricos. Há a mesma alternativa entre dano orgânico e dano funcional causado por uma mulher, mais propriamente, pela vida sexual: paralisia tabescente ou neurose; a essa última se ligaria, de modo um tanto frouxo, o fim que teve Lassalle.

Nesse sonho compacto (e transparente, se cuidadosamente interpretado), o professor N. desempenha um papel não só por causa dessa analogia e do meu desejo de estar enganado — tampouco devido a suas relações secundárias com Breslau e com a família da nossa amiga que ali se casou —, mas também pelo seguinte episódio no final de nossa consulta. Após realizar, com aquela hipótese, a sua tarefa de médico, seu interesse se voltou para temas pessoais: "Quantos filhos você tem agora?" — "Seis." — Ele fez um gesto de respeito e preocupação. — "Meninas, meninos?" — "Três meninas e três meninos, são meu orgulho e minha riqueza." — "Fique atento. Com as meninas tudo costuma correr bem, mas depois os meninos criam dificuldades na educação." — Respondi que até então eles vinham sendo bastante dóceis; evidentemente, esse segundo diagnóstico, sobre o futuro dos meus garotos, me agradava tão pouco quanto aquele de que meu paciente tinha apenas uma neurose. Essas duas impressões estão ligadas pela contiguidade, por terem ocorrido juntas, e, ao incluir a história sobre a neurose no sonho, eu a substituo pela conversa sobre a educação, que tem mais relação com os pensamentos oníricos, pois se aproxima muito das preocupações expressas depois por minha esposa. Assim, até o meu medo de que N. pudesse estar certo com suas observações sobre as dificuldades na educação dos meninos ganha acesso ao conteúdo do sonho, escondendo-se por trás da representação do desejo de que eu esteja enganado com esses meus temores. A mesma fantasia serve de modo inalterado à representação dos dois elementos opostos da alternativa.

VI

Marcinowski relata:[i] "Nesta manhã, entre sonho e vigília, tive a experiência de uma bela condensação de palavras. No decorrer de muitos fragmentos oníricos difíceis de serem lembrados, surpreendo-me com uma palavra que, meio escrita à mão, meio impressa, vejo diante de mim. É '*erzefilisch*' e faz parte de uma frase que, fora de qualquer contexto, passou isoladamente para minha lembrança consciente; dizia:

'*Isso age* erzefilisch *sobre a sensibilidade sexual*'. Eu soube imediatamente que a palavra deveria ser '*erzieherisch*' [de modo educativo], mas hesitei, achando que talvez o certo fosse '*erzifilisch*'. Então me ocorreu a palavra 'sífilis' e, ainda meio que dormindo, comecei a analisar, tentando descobrir como isso pôde se introduzir em meu sonho, pois não tenho contato com essa doença nem em minha vida pessoal nem em minha profissão. Então me ocorreu '*erzehlerisch*' [narrativo], que explicava, ao mesmo tempo, o 'e' e o fato de que, ontem à noite, a nossa '*Erzieherin*' [governanta] me pediu que falasse sobre o problema da prostituição, e nisso lhe dei o livro de Hesse, *Sobre a prostituição*, para exercer uma influência '*erzieherisch*' [educadora] sobre sua vida emocional, que não se desenvolvera de modo inteiramente normal, após contar-lhe [*erzählt*] várias coisas sobre o problema. De repente, entendi que a palavra 'sífilis' não devia ser tomada no sentido literal, mas que significava *veneno*, naturalmente em relação à vida sexual. Traduzida, a frase é perfeitamente lógica: 'Por meio da minha narrativa [*Erzählung*] procurei exercer uma influência educadora [*erzieherisch*] sobre a vida sentimental da minha governanta [*Erzieherin*], mas receio que, ao mesmo tempo, isso possa ter um efeito tóxico [*vergiftend*]'. *Erzefilisch* = *erzäh* — (*erzieh* —) (*erzefilisch*)".

As deformações de palavras nos sonhos se assemelham muito às que conhecemos na paranoia, que não deixam de estar presentes também na histeria e nas ideias obsessivas. As artes verbais das crianças, que às vezes tratam as palavras realmente como se fossem objetos e inventam novas linguagens e formas sintáticas artificiais, são a fonte comum para os sonhos e as psiconeuroses nesse ponto.

A análise[j] de formações de palavras sem sentido no sonho é particularmente adequada para demonstrar as condensações realizadas no trabalho do sonho. Não se conclua, do pequeno número de exemplos aqui oferecidos, que esse tipo de material é observado raramente ou só em casos excepcionais. Pelo contrário, ele é frequente; mas, visto que a interpretação dos sonhos depende do tratamento psicanalítico, poucos exemplos são registrados e comunicados, e geralmente as análises

comunicadas são compreensíveis apenas para os especialistas em patologia das neuroses. Um desses é o sonho do dr. Von Karpinska (1914) que contém a expressão sem sentido "*Svingnum elvi*". Também são dignos de menção os casos em que aparece no sonho uma palavra que não é desprovida de sentido, mas que perdeu seu significado próprio e reúne vários outros significados, com os quais se relaciona como uma palavra "sem sentido". Esse é o caso no sonho da "*Categoria*" de um garoto de dez anos de idade, publicado por V. Tausk (1913). "*Categoria*" designa ali os órgãos sexuais femininos, e "*categoriar*" [*kategorieren*] significa urinar.

Quando no sonho aparecem falas que são expressamente diferenciadas de pensamentos, vale a regra sem exceções de que a fala onírica provém de falas recordadas no material do sonho. As palavras são conservadas sem alteração ou levemente deslocadas na expressão; muitas vezes a fala onírica é composta de diversas lembranças de falas; as palavras permanecem iguais, o sentido pode ser outro ou vários outros. Não raramente, a fala onírica serve como mera alusão a um evento em que a fala lembrada ocorreu.[10]

B. O TRABALHO DE DESLOCAMENTO

Outra relação, provavelmente não menos significativa, já deve ter chamado nossa atenção enquanto reuníamos os exemplos da condensação no sonho. Pudemos observar que os elementos que se destacam no conteúdo [manifesto] do sonho como essenciais não têm o mesmo papel nos pensamentos oníricos. Como corolário, pode-se formular a inversão dessa sentença. Aquilo que nos pensamentos oníricos é evidentemente o conteúdo essencial não precisa estar representado no sonho. O sonho é como que *centrado diversamente* dos pensamentos oníricos, seu conteúdo é ordenado em torno de outros elementos como centro. No sonho da monografia botânica, por exemplo, o ponto central do conteúdo do sonho é, evidentemente, o elemento "botânico"; os pensamentos oníricos tratam das complicações e conflitos resultantes das obrigações profissionais entre colegas; em seguida, da recriminação de que costumo fazer sacrifícios demais por minhas atividades prediletas; e nesse núcleo dos pensamentos oníricos o elemento "botânico" não tem lugar, se não estiver frouxamente ligado a eles por um contraste, pois a botânica jamais ocupou um lugar entre meus estudos prediletos. No *sonho de Safo* do meu paciente, o centro é o *subir e descer*, *estar em cima e embaixo*; mas o sonho trata dos perigos das relações sexuais com pessoas de classe inferior, de maneira que só um dos elementos dos pensamentos oníricos parece ter entrado no conteúdo do sonho, e isso numa ampliação indevida. De modo semelhante, no sonho dos escaravelhos, que tem como tema as relações entre a sexualidade e a crueldade, reaparece o fator da crueldade no conteúdo do sonho, mas com outras ligações e sem a menção do elemento sexual, ou seja, tirado do contexto e transformado em algo estranho. No sonho do tio, a barba loura, que constitui o seu centro, aparece sem nenhuma relação de sentido com os desejos de grandeza que havíamos identificado como núcleo dos pensamentos oníricos. Tais

sonhos dão a justificável impressão de um "*deslocamento*". Ao contrário desses exemplos, o sonho da injeção de Irma mostra que na formação do sonho os vários elementos podem muito bem manter o lugar que têm nos pensamentos oníricos. A princípio, tende a provocar nossa surpresa o reconhecimento dessa relação nova, e inconstante na sua direção, entre pensamentos oníricos e conteúdo do sonho. Quando encontramos, num processo psíquico da vida normal, uma representação que entre várias outras foi destacada e adquiriu vivacidade especial para a consciência, costumamos ver isso como prova de que é dado à representação vitoriosa um valor psíquico especialmente alto (determinado grau de interesse). Constatamos então que esse valor dos elementos nos pensamentos oníricos não é preservado ou nem chega a ser considerado na formação do sonho. Não há dúvida de quais são os elementos de maior valor dos pensamentos oníricos; sabemos isso por julgamento direto. Na formação do sonho, esses elementos essenciais, destacados com interesse intenso, podem ser tratados como se fossem de valor inferior, e seu lugar no sonho passa a ser ocupado por outros elementos que eram certamente de valor inferior nos pensamentos oníricos. A impressão inicial é de que a intensidade psíquica[11] das várias representações não importa na sua escolha para o sonho, que importa apenas a determinação mais ou menos múltipla. Diríamos que entra no sonho não o que é relevante nos pensamentos oníricos, mas o que neles está contido diversas vezes. No entanto, essa hipótese não ajuda muito a compreender a formação do sonho, pois de antemão é difícil acreditar que os dois fatores da determinação múltipla e do valor próprio possam agir em sentidos contrários. As representações mais importantes nos pensamentos oníricos devem ser também aquelas que neles retornam com mais frequência, pois os pensamentos oníricos irradiam delas como que de pontos centrais. Contudo, o sonho pode rejeitar esses elementos enfatizados intensamente e reforçados de muitas direções e incluir em seu conteúdo outros elementos que têm apenas esse último atributo.

Para solucionar essa dificuldade, precisamos recorrer a outra impressão que tivemos ao investigar a sobredeterminação do conteúdo do sonho [na seção anterior]. Talvez alguns leitores dessa investigação tenham achado que a sobredeterminação dos elementos do sonho não é uma descoberta significativa, por ser óbvia. De fato, na análise partimos dos elementos do sonho e registramos todos os pensamentos que surgem ligados a eles; não surpreende, portanto, que no material assim obtido esses elementos reapareçam com grande frequência. Não posso considerar válida essa objeção, mas expressarei algo que não parece diferente dela. Entre os pensamentos que a análise revela, há muitos que se acham mais distantes do núcleo do sonho e que parecem ser interpolações artificiais com determinado objetivo. Este pode ser identificado facilmente; são eles que estabelecem um vínculo, um vínculo muitas vezes forçado e artificial, entre conteúdo do sonho e pensamentos oníricos, e se esses elementos fossem excluídos da análise, os elementos do conteúdo do sonho perderiam não só a sobredeterminação, mas qualquer determinação satisfatória pelos pensamentos oníricos. Assim, somos levados à conclusão de que a determinação múltipla, decisiva para a seleção feita pelo sonho, nem sempre é um fator primário da formação do sonho, e sim, com frequência, um resultado secundário de um poder psíquico que ainda desconhecemos. Mas ela deve ter importância para o ingresso dos diferentes elementos no sonho, pois podemos observar que é produzida com certo dispêndio quando não resulta do material onírico sem ajuda.

Então é plausível pensar que no trabalho do sonho se manifesta um poder psíquico que, de um lado, despoja de sua intensidade os elementos de alto valor psíquico, e de outro, *por meio da sobredeterminação*, a partir de elementos inferiores cria novos valores que depois conseguem chegar ao conteúdo do sonho. Se for assim, houve na formação do sonho *uma transferência e deslocamento das intensidades psíquicas dos elementos*, de que decorre a diferença textual entre conteúdo do sonho e pensamentos oníricos. O processo que assim supomos é justamente a parte essencial

do trabalho do sonho: ele merece o nome de *deslocamento do sonho*. *O deslocamento e a condensação do sonho* são os dois mestres artesãos a cuja atividade podemos atribuir essencialmente a forma do sonho.

Creio que também não será difícil reconhecer o poder psíquico que se manifesta nos fatos do deslocamento do sonho. O efeito desse deslocamento é que o conteúdo do sonho não se parece mais com o núcleo dos pensamentos oníricos, que o sonho apenas reproduz uma deformação do desejo onírico no inconsciente. Mas já conhecemos a deformação do sonho; nós a explicamos pela censura que uma instância psíquica exerce sobre outra na vida do pensamento. O deslocamento do sonho é um dos principais recursos para obter essa deformação. *Is fecit cui profuit* [Fez o ato quem com ele ganhou]. Podemos presumir que o deslocamento do sonho ocorre pela influência daquela censura, da defesa endopsíquica.[12]

Mais adiante investigaremos de que modo os fatores do deslocamento, da condensação e da sobredeterminação interagem na formação do sonho, qual o fator dominante e o subordinado. Por ora, podemos afirmar como segunda condição que precisa ser satisfeita para que os elementos se introduzam no sonho: *eles têm de escapar à censura da resistência*. Mas a partir de agora tomaremos o deslocamento como fato inquestionável na interpretação dos sonhos.

C. OS MEIOS DE REPRESENTAÇÃO DO SONHO

Além dos fatores da *condensação* e do *deslocamento* do sonho, que vimos atuando na transformação dos pensamentos latentes em conteúdo manifesto do sonho, prosseguindo nesta investigação encontraremos duas outras condições que têm influência indubitável na seleção do material que chegará ao sonho. Mas antes, mesmo ao risco de parecer parar no caminho, pretendo dar uma olhada nos processos envolvidos na interpretação do sonho. Não ignoro que a maneira mais fácil de esclarecê-los e de garantir sua confiabilidade ante as objeções seria escolher um sonho como modelo, desenvolver sua interpretação, como fiz no capítulo II com o sonho da injeção de Irma, e então reunir os pensamentos oníricos assim descobertos e reconstruir a formação do sonho a partir destes, ou seja, completando a análise do sonho mediante uma síntese. Realizei esse trabalho em vários exemplos, para minha instrução pessoal; mas não posso incluí-los aqui, pois escrúpulos em relação ao material psíquico para essa demonstração, aceitáveis por toda pessoa sensata, me impedem o seu uso. Na análise dos sonhos esses escrúpulos não nos preocupavam tanto, pois a análise podia permanecer incompleta e conservar seu valor, embora penetrando somente parte do tecido onírico. No caso da síntese, porém, não vejo como pode ser convincente se não for completa. Eu só poderia oferecer aos leitores uma síntese completa dos sonhos de pessoas inteiramente desconhecidas. Mas, como apenas pacientes neuróticos me fornecem os meios para isso, essa parte da exposição tem de ser adiada até que eu consiga — em outro lugar — levar a elucidação psicológica das neuroses ao ponto de estabelecer uma relação com o nosso tema.[13]

Minhas tentativas de produzir sonhos a partir da síntese dos pensamentos oníricos me ensinaram que o material obtido na interpretação não tem o mesmo valor. Uma parte dele é constituída dos pensamentos oníricos essenciais, que

substituem completamente o sonho e, se não houvesse censura dos sonhos, bastariam como substituto para o sonho. À outra parte costumamos atribuir pouca importância. Também não se dá valor à afirmação de que todos esses pensamentos tiveram participação na formação do sonho; antes poderiam encontrar-se entre eles associações ligadas a vivências posteriores ao sonho, entre os momentos do sonhar e do interpretar. Essa parte abrange todas as vias de conexão que levaram do conteúdo manifesto do sonho aos pensamentos oníricos latentes, mas também as associações intermediárias e aproximativas, por meio das quais chegamos ao conhecimento dessas vias de conexão durante o trabalho interpretativo.

Neste ponto nos interessam exclusivamente os pensamentos oníricos essenciais. Em geral, estes se revelam como um complexo de pensamentos e lembranças de estrutura bastante intrincada, com todas as características das sequências de pensamentos do estado de vigília. Não é raro se tratar de sequências que partem de vários centros, mas que apresentam pontos de contato; quase sempre uma sequência de pensamentos possui sua contrapartida contrária, vinculada a ela mediante associação por contraste.

Naturalmente, as partes dessa construção complicada mantêm múltiplas relações lógicas entre si. Formam primeiro e segundo planos, digressões e explicações, condições, demonstrações e objeções. Quando toda a massa desses pensamentos oníricos é submetida à pressão do trabalho do sonho, em que os fragmentos são revirados, esmigalhados e juntados, mais ou menos como gelo flutuante, surge a pergunta de o que sucede com os laços lógicos que até então formavam a estrutura. Como são representados no sonho os “se”, “porque”, “como”, “embora”, “ou então” e todas as outras conjunções, sem as quais não podemos entender frases e falas?

A princípio, devemos responder que o sonho não dispõe dos meios de representação para essas relações lógicas entre os pensamentos oníricos. Na maioria das vezes, ele ignora todas essas conjunções e toma apenas o conteúdo substantivo

dos pensamentos oníricos para elaborar. Cabe à interpretação do sonho restaurar os laços destruídos pelo trabalho do sonho.

Se falta ao sonho essa capacidade de expressão, isto se deve necessariamente ao material psíquico a partir do qual ele é trabalhado. As artes plásticas, a pintura e a escultura, têm uma limitação semelhante em relação à poesia, que pode recorrer à fala, e também aqui a razão da incapacidade se acha no material que as duas artes se empenham em elaborar para exprimir algo. Antes de descobrir as leis de expressão válidas para ela, a pintura ainda tentava compensar essa desvantagem. Em imagens antigas, bilhetes pendiam da boca das pessoas retratadas, em que estava escrita a fala que o pintor não conseguia representar na imagem.

Neste ponto talvez se faça uma objeção, talvez se conteste que o sonho abdica da representação de relações lógicas. Pois existem sonhos em que ocorrem operações mentais das mais complicadas, em que elas são fundamentadas e refutadas, escarnecidas e comparadas como no pensamento desperto. No entanto, as aparências enganam também aqui; ao interpretarmos esses sonhos, descobrimos que *tudo isso é material do sonho, não uma representação do trabalho intelectual no sonho*. O *conteúdo* dos pensamentos oníricos é reproduzido no aparente pensar do sonho, *não as relações entre os pensamentos oníricos*, cujo estabelecimento constitui o pensar. Apresentarei exemplos disso. O fato de constatação mais fácil é que todas as falas que ocorrem nos sonhos, expressamente designadas como tais, são sempre reproduções inalteradas ou apenas pouco modificadas de falas que se acham também nas lembranças do material do sonho. Com frequência, a fala é apenas uma alusão a um evento contido nos pensamentos oníricos; o sentido do sonho é totalmente diverso.

No entanto, não negarei que também o trabalho do pensamento crítico, que não repete simplesmente o material dos pensamentos oníricos, contribui para a formação do sonho. Esclarecerei a influência desse fator no final desta discussão.

Veremos então que esse trabalho de pensamento é provocado não pelos pensamentos oníricos, mas pelo sonho que, em certo sentido, já está pronto.

Provisoriamente, então, dizemos que as relações lógicas entre os pensamentos oníricos não são representadas de forma especial. Quando, por exemplo, ocorre uma contradição no sonho, trata-se ou de uma contradição ao sonho ou de uma contradição vinda do conteúdo de um dos pensamentos oníricos. A contradição no sonho corresponde a uma contradição *entre* os pensamentos oníricos apenas por uma mediação bastante indireta.

Assim como a pintura finalmente conseguiu expressar pelo menos a intenção das palavras das pessoas representadas — afeto, ameaça, advertência etc. — de outra forma que não por bilhetes que saíam da boca, também para o sonho se deu a possibilidade de considerar algumas das relações lógicas entre seus pensamentos oníricos, mediante uma modificação adequada da representação característica do sonho. Pode-se constatar que diferentes sonhos variam bastante nesse aspecto; enquanto um ignora completamente a estrutura lógica de seu material, outro procura indicá-la do modo mais completo possível. Nisso ele se distancia mais ou menos do texto de que dispõe para trabalhar. Os sonhos variam de forma semelhante em relação à estrutura temporal dos pensamentos oníricos, quando essa foi estabelecida no inconsciente (como, por exemplo, no sonho da injeção de Irma).

Mas que meios possui o trabalho do sonho para indicar as relações do material do sonho tão difíceis de serem representadas? Tentarei enumerá-los um a um.

Em primeiro lugar, os sonhos consideram a relação, que inegavelmente existe, entre todos os fragmentos dos pensamentos oníricos, ao juntar todo esse material numa só situação ou evento. Eles reproduzem a *relação lógica* como *simultaneidade*; procedem como o pintor que reúne num quadro da Escola de Atenas ou do Parnaso todos os filósofos ou poetas que nunca estiveram no mesmo salão ou no mesmo cume de uma montanha, mas que formam um grupo no sentido conceitual.

Os sonhos estendem esse modo de representação até os detalhes. Sempre que mostram dois elementos próximos um do outro, isso garante que há uma relação íntima entre seus correspondentes nos pensamentos oníricos. É como no nosso sistema de escrita: *ab* significa que as duas letras devem ser expressas como sílaba; se *a* e *b* são separadas por uma lacuna, *a* deve ser vista como a última letra de uma palavra, e *b*, como a primeira da palavra seguinte. Portanto, as combinações oníricas não são formadas por componentes quaisquer, disparatados, do material do sonho, mas por aqueles que também nos pensamentos oníricos têm uma relação mais estreita.

Para representar as *relações causais*, os sonhos dispõem de dois procedimentos, que na essência constituem um só. O modo de representação mais frequente, quando os pensamentos oníricos dizem, por exemplo: "Como estava assim, isso teve de acontecer", consiste em introduzir a oração subordinada como sonho preliminar e depois acrescentar a oração principal como sonho principal. Se interpretei corretamente, a sequência temporal pode também ser invertida. Sempre corresponde à oração principal a parte do sonho mais desenvolvida.

Um bom exemplo desse tipo de representação da causalidade me foi dado por uma paciente cujo sonho completo relatarei mais adiante. Ele consistia num prelúdio sucinto e numa parte muito longa, altamente centrada, que poderia ser intitulada: "*Durch die Blume*".[k] No sonho preliminar, *ela entra na cozinha para conversar com as duas criadas e as repreende por ainda não haverem terminado de preparar o lanche* ["mit dem bissl Essen"]. *Nessa ocasião, ela vê muitos utensílios de cozinha grosseiros, revirados e empilhados para secar. As duas criadas saem para pegar água e, para isso, precisam entrar como que num rio, que chega até a casa ou o pátio.*

Segue então o sonho principal, que começa da seguinte forma: *Ela desce de um lugar alto, por corrimãos de forma estranha, e se alegra por seu vestido não ficar preso em nenhum ponto* etc. O sonho preliminar se relaciona à casa paterna da mulher. As palavras ditas na cozinha ela provavelmente ouvia muito de sua mãe. Os montes de

louça vêm da simples loja de utensílios de cozinha que se achava na mesma construção. A outra parte do sonho contém uma alusão ao pai, que se ocupava muito das criadas e pegou uma doença fatal durante uma inundação — a casa se encontrava próxima ao rio. O pensamento que se esconde por trás desse sonho preliminar é, portanto: "Porque venho dessa casa, de condições tão mesquinhas e desagradáveis". O sonho principal retoma o mesmo pensamento e lhe dá uma forma modificada pelo desejo: "Sou de origem nobre". Na verdade, então: "É porque sou de origem tão baixa que minha vida foi assim e assim".

Pelo que vejo, uma divisão do sonho em duas partes desiguais não significa sempre que há uma relação causal entre os pensamentos das duas partes. Frequentemente é como se o mesmo material fosse representado de pontos de vista diferentes nos dois sonhos; isso vale certamente para uma série de sonhos que terminam em polução noturna, uma série em que a necessidade somática requer uma expressão cada vez mais clara.[1] Ou os dois sonhos vêm de centros separados no material do sonho e se sobrepõem parcialmente no conteúdo, de modo que num deles é centro aquilo que no outro aparece apenas como alusão, e vice-versa. Em certo número de sonhos, porém, a divisão em um sonho preliminar mais curto e outro mais longo significa realmente uma relação causal entre as duas partes. O outro modo de representação da relação causal é empregado em material menos volumoso e consiste em uma imagem no sonho, de uma pessoa ou de um objeto, ser transformada em outra. Apenas quando vemos ocorrer essa transformação no sonho podemos afirmar que existe a relação causal; não quando apenas notamos que algo foi substituído por outra coisa. Eu disse que os dois métodos de representar a relação causal constituem o mesmo; em ambos os casos, a *causação* é representada por uma *sucessão*: num caso, pela sucessão dos sonhos; noutro, pela transformação imediata de uma imagem em outra. Na grande maioria dos casos, porém, a relação causal não é representada, é perdida na sucessão de elementos inevitável também no processo do sonhar.

Os sonhos não conseguem, de forma alguma, expressar a alternativa "ou… ou"; costumam incluir os dois termos como sendo igualmente válidos. O sonho da injeção de Irma contém um exemplo clássico disso. Seus pensamentos latentes dizem: "Não sou responsável pela persistência das dores de Irma; a culpa está *ou* em sua recusa de aceitar a solução *ou* no fato de ela viver em condições sexuais desfavoráveis, que não posso mudar, *ou* suas dores não são absolutamente de natureza histérica, mas orgânica". O sonho, porém, realiza todas essas possibilidades, que quase se excluem mutuamente, e não hesita em acrescentar uma quarta solução derivada do desejo onírico. Foi após interpretar o sonho que introduzi o "ou… ou" no contexto dos pensamentos oníricos.

Mas quando o narrador quer usar um "ou… ou" na reprodução do sonho — "Era ou um jardim ou uma sala" etc. — há nos pensamentos oníricos não uma alternativa, mas um "e", uma simples adição. Em geral, usando "ou… ou" descrevemos um aspecto vago de um elemento do sonho que ainda pode ser esclarecido. A regra interpretativa para esse caso é: as partes da suposta alternativa devem ser tratadas como equivalentes e ligadas pelo "e". Por exemplo: após esperar em vão pelo endereço do meu amigo que se encontra na Itália, sonho que recebo um telegrama com esse endereço. Vejo-o em letras azuis, nas dobras do papel do telegrama; a primeira palavra é indistinta,

talvez *via*
ou *Villa*
ou até mesmo (*Casa*).

} a segunda é nítida: Secerno,

A segunda palavra, que parece italiana e me lembra as conversas sobre etimologia com meu amigo, expressa também minha irritação por ele ter mantido *em segredo* por tanto tempo seu paradeiro. Mas cada uma das três alternativas da

primeira palavra se revela, na análise, como ponto de partida independente e igualmente válido da cadeia de pensamentos.

Na noite anterior ao enterro do meu pai, sonho com uma placa, um cartaz ou aviso impresso — como os de "Proibido fumar" nas salas de espera das estações de trem — que diz:

Solicita-se que fechem os olhos,

ou *Solicita-se que fechem um olho*,

o que costumo representar da seguinte forma:

$$Solicita\text{-}se\ que\ fechem\ \frac{os}{um}\ olho(s).$$

Cada uma das duas versões possui seu próprio sentido e leva a caminhos diferentes na interpretação do sonho. Eu havia escolhido a cerimônia mais simples possível, pois sabia o que o falecido pensava sobre esses eventos. Mas outros membros da família não concordavam com essa simplicidade puritana; afirmavam que sentiriam vergonha ante as pessoas presentes no funeral. Por isso, uma versão do sonho pede que se "fechem os olhos", isto é, que se seja indulgente. Nesse caso é particularmente fácil ver o significado da indistinção caracterizada por "ou… ou". O trabalho do sonho não conseguiu produzir uma expressão única mas também ambígua para os pensamentos oníricos. Assim, as duas linhas de pensamento principais se separam já no conteúdo do sonho.

Em alguns casos, a divisão do sonho em duas partes iguais expressa a alternativa de difícil representação.

O modo como os sonhos lidam com a categoria da *oposição* e *contradição* é bastante notável. Ela é simplesmente ignorada, o "não" parece não existir para os sonhos. Há uma preferência especial por reunir ou representar numa unidade as

contradições. Os sonhos também tomam a liberdade de representar um elemento qualquer pelo contrário desejado, de modo que inicialmente não há como sabermos se um elemento que admite seu oposto está contido nos pensamentos oníricos de forma positiva ou negativa.[14] Num dos sonhos acima mencionados, cuja primeira parte já interpretamos ("porque sou de origem tão baixa"), a mulher que sonha desce por um corrimão segurando um ramo em flor. Como essa imagem a faz lembrar que o anjo segura um ramo de lírios nas imagens da Anunciação da Virgem Maria (ela própria se chama Maria) e que meninas vestidas de branco participam da procissão de Corpus Christi, passando por ruas decoradas com galhos verdes, o ramo florescente do sonho é certamente uma alusão à inocência sexual. Mas esse ramo é densamente coberto de flores vermelhas, cada uma das quais se assemelha a uma camélia. No fim do trajeto, as flores já murcharam bastante; depois há alusões inconfundíveis à menstruação. O mesmo ramo que é levado como um lírio, como que por uma moça inocente, constitui, ao mesmo tempo, uma alusão à Dama das Camélias, que, como sabemos, sempre usava uma camélia branca, mas, durante a menstruação, uma vermelha. O mesmo ramo de flores ("as flores da menina", nas canções da Moleira, de Goethe) representa a inocência sexual e seu oposto. O mesmo sonho que expressa a alegria de conseguir passar imaculada pela vida deixa transparecer em alguns trechos (como o da queda das flores) o pensamento oposto, ou seja, de que ela é culpada de ter cometido vários pecados contra a pureza sexual (na infância). Na análise podemos distinguir claramente as duas linhas de pensamento, das quais aquela consoladora parece ser superficial; e a reprovadora, mais profunda, que se contradizem diretamente e cujos elementos iguais, mas opostos, são representados no sonho pelos mesmos elementos.

Só uma das relações lógicas é extremamente favorecida pelo mecanismo da formação do sonho. Trata-se da relação de semelhança, concordância, aproximação, do "*igual a*" [*gleichwie*], que no sonho pode ser representada, como nenhuma outra, por muitos meios.[15] Os paralelos ou casos de "igual a" existentes no

material do sonho são os primeiros pontos de apoio para a formação do sonho, e parte considerável do trabalho do sonho consiste em criar novos paralelos desse tipo, quando os existentes são impedidos de entrar no sonho pela censura da resistência. A tendência de condensação do trabalho do sonho é ajudada pela representação da relação de semelhança.

Nos sonhos, *semelhança*, *concordância*, *posse de atributos comuns* são normalmente representadas pela junção numa *unidade*, que já existe no material ou que é formada. O primeiro caso pode ser chamado de *identificação*; o segundo, de *formação mista*. A identificação é usada quando se trata de pessoas; a formação mista, quando coisas são o material da junção, mas formações mistas são produzidas também por pessoas. Com frequência, localidades são tratadas como pessoas.

Na identificação, somente uma das pessoas ligadas por algo em comum é representada no conteúdo do sonho, enquanto a segunda ou as outras pessoas parecem estar suprimidas no sonho. Essa pessoa "encobridora", porém, entra no sonho em todas as relações e situações que derivam dela ou das pessoas encobertas. Na formação mista, que se estende a pessoas, existem já na imagem onírica traços peculiares, mas não comuns às pessoas, de modo que a união desses traços leva ao aparecimento de uma nova unidade, de uma pessoa mista. A mistura em si pode ser obtida de várias formas. Ou a pessoa do sonho tem o nome de uma das pessoas a ela relacionadas — sabemos então, de maneira análoga ao conhecimento no estado de vigília, que o sonho se refere a esta ou àquela pessoa —, enquanto os traços visuais pertencem à outra pessoa; ou a própria imagem onírica é composta de traços visuais que pertencem às duas na realidade. Em vez de traços visuais, a participação da segunda pessoa pode ser representada também pelos gestos que lhe são atribuídos, pelas palavras que a fazemos dizer ou pela situação em que a colocamos. Nesse último tipo de caracterização, a diferenciação nítida entre identificação e formação da pessoa mista começa a desvanecer. Mas também pode ocorrer que a formação da pessoa mista não tenha êxito. Nesse caso, a cena do sonho é atribuída a uma das

pessoas, e a outra — normalmente a mais importante — aparece ao lado dessa como alguém que não age na cena. O sonhador conta, por exemplo: "Minha mãe também estava lá" (Stekel). Tal elemento do conteúdo onírico pode então ser comparado aos "determinativos" da escrita dos hieróglifos, que não são pronunciados, mas servem para esclarecer outro signo.

O elemento comum, que justifica, ou seja, que ocasiona a junção das duas pessoas, pode ser representado no sonho ou estar ausente. Em geral, a identificação ou a formação da pessoa mista serve para poupar a representação desse elemento comum. Em vez de repetir "A não gosta de mim, B também não", formo no sonho uma pessoa mista de A e B ou imagino A numa ação característica de B. A pessoa onírica assim formada me aparece no sonho em alguma ligação nova, e o fato de ela significar tanto A quanto B me serve então como justificativa para inserir nesse ponto da interpretação do sonho aquilo que é comum aos dois, ou seja, sua atitude hostil para comigo. Dessa maneira obtenho muitas vezes uma condensação extraordinária para o conteúdo do sonho; posso me poupar a representação direta de relações muito complicadas ligadas a uma pessoa, se achar outra que compartilhe com ela parte das relações. É fácil entender como essa representação pela identificação pode servir para contornar a censura da resistência, que impõe tão duras condições ao trabalho do sonho. O motivo para a censura pode estar justamente naquelas representações que no material se ligam a uma pessoa; então encontro uma segunda pessoa que também tem relações com o material recriminado, mas apenas com parte dele. A conexão naquele ponto censurável me dá o direito de formar uma pessoa mista, caracterizada por traços indiferentes de ambas. Essa pessoa mista ou de identificação, sendo agora livre de censura, está apta para ser incluída no conteúdo do sonho, e assim, mediante o emprego da condensação, consegui satisfazer as exigências da censura do sonho.

Quando no sonho é apresentado algo comum às duas pessoas, isso indica geralmente que devemos procurar outra coisa em comum às duas que se acha

escondido, cuja representação foi impossibilitada pela censura. Ocorreu aí, em certa medida, um deslocamento no tocante ao elemento comum, em favor da representabilidade. O fato de a pessoa mista aparecer no sonho com um elemento comum indiferente deve me fazer concluir que há outro elemento comum que está longe de ser indiferente nos pensamentos oníricos.

A identificação ou formação de pessoa mista serve, portanto, a diferentes propósitos no sonho; em primeiro lugar, à representação de algo comum às duas pessoas; em segundo lugar, à representação de um aspecto comum *deslocado* e, em terceiro lugar, à expressão de algo em comum apenas *desejado*. Como frequentemente o desejo de algo comum às duas pessoas coincide com uma *troca* de uma pela outra, essa relação também se expressa pela identificação. No sonho da injeção de Irma, desejo trocar essa paciente por outra; desejo, portanto, que a outra seja minha paciente, como essa é no momento; o sonho leva em conta esse desejo mostrando-me uma pessoa que se chama Irma, mas que é examinada numa posição em que só tive a oportunidade de ver a outra. No sonho do tio, essa troca é o centro do sonho; eu me identifico com o ministro tratando e julgando meus colegas tão negativamente quanto este.

A experiência diz, e não encontrei exceção a essa regra, que todo sonho trata da pessoa do sonhador. Os sonhos são absolutamente egoístas.[16] Quando, no conteúdo do sonho, não aparece meu Eu, mas apenas uma pessoa desconhecida, posso tranquilamente supor que meu Eu se esconde por trás daquela pessoa mediante a identificação. É lícito acrescentar meu Eu. Outras vezes, quando ele aparece no sonho, a situação em que se encontra me diz que outra pessoa se esconde por trás do Eu pela identificação. O sonho parece me solicitar que na interpretação eu transfira para mim algo relacionado àquela pessoa, algo em comum oculto. Há também sonhos em que meu Eu aparece ao lado de outras pessoas que, resolvida a identificação, novamente se revelam como meu Eu. Devo então, através dessas identificações, unir com meu Eu determinadas representações que haviam sido

barradas pela censura. Assim, posso representar meu Eu diversas vezes num sonho, às vezes diretamente, outras vezes pela identificação com pessoas desconhecidas. Várias dessas identificações permitem condensar um material de pensamentos extraordinariamente rico.[17] O fato de meu próprio Eu surgir várias vezes ou em formas diferentes num sonho não é, no fundo, mais surpreendente do que o fato de ele ser incluído num pensamento consciente várias vezes ou em diferentes lugares ou relações, como, por exemplo, na frase: "Quando *eu* penso na criança saudável que *eu* era!".

No caso dos nomes próprios de localidades, as identificações são resolvidas de forma ainda mais transparente do que com pessoas, pois não há intervenção do Eu tão poderoso no sonho. Num dos meus sonhos ligados a Roma (p. 229), o lugar em que me encontro se chama justamente *Roma*; mas me surpreendo com a quantidade de cartazes em alemão numa esquina. Isso é uma realização de um desejo, que imediatamente associo a Praga; o desejo em si talvez venha de um período nacionalista da minha juventude, hoje superado. Na época do sonho, havia a perspectiva do encontro com um amigo [alemão] em Praga; a identificação de Roma com Praga se explica por algo em comum desejado; prefiro ver meu amigo em Roma a ver em Praga, trocar esta por aquela para esse encontro.

A possibilidade de criar formações mistas ocupa o primeiro lugar entre os traços que tão frequentemente dão aos sonhos uma aparência fantástica, pois por meio dela são introduzidos no conteúdo do sonho elementos que jamais poderiam ser objeto da percepção. O processo psíquico implicado na formação mista do sonho é evidentemente o mesmo de quando imaginamos ou reproduzimos um centauro ou dragão no estado de vigília. A diferença está apenas em que na criação fantástica no estado de vigília é decisiva a impressão que se busca fazer, enquanto a formação mista no sonho é determinada por um fator externo à sua figuração, pelo elemento em comum nos pensamentos oníricos. As formações mistas do sonho podem ser realizadas de várias maneiras. Na realização menos artística, apenas as

características de uma coisa são representadas, e essa representação é acompanhada do conhecimento de que ela vale também para outro objeto. Uma técnica mais minuciosa reúne traços de ambos os objetos em uma nova imagem, e para isso recorre habilmente às semelhanças reais entre os dois objetos. Dependendo do material e da engenhosidade de sua composição, essa nova forma pode ser totalmente absurda ou parecer fantasticamente bem-feita. Se os objetos que devem ser condensados em uma unidade forem muito díspares, com frequência o trabalho do sonho se contenta em criar uma figura mista com um núcleo mais nítido, ao qual se acrescentam atribuições menos claras. Nesse caso, a unificação numa imagem não foi bem-sucedida; as duas representações se superpõem e geram algo como uma competição entre as imagens visuais. Se fôssemos representar um conceito por meio de imagens perceptivas individuais, poderíamos obter representações semelhantes num desenho.

Naturalmente, essas figuras mistas abundam nos sonhos. Já dei alguns exemplos nos sonhos até aqui analisados; agora acrescentarei outros. No sonho da página 356, que relata a trajetória da paciente "por meio da flor", ou seja, com eufemismos, o Eu onírico segura na mão um galho florido, que, como soubemos, significa ao mesmo tempo inocência e pecaminosidade sexual. Além disso, o modo como as flores estão no galho lembra as flores da *cerejeira*; vistas individualmente, as flores são *camélias*, mas o conjunto dá a impressão de uma planta *exótica*. O que há em comum nos elementos dessa figura mista resulta dos pensamentos oníricos. O galho florido é composto de alusões a presentes que levaram ou deviam levar a sonhadora a se mostrar complacente: na infância, as cerejas; em anos posteriores, as camélias; o exótico é uma alusão a um naturalista muito viajado, que procurou ganhar o favor da paciente com um desenho de flores. Outra paciente cria em seu sonho uma mistura de *cabines de banho* da praia, *privadas* rurais e *mansardas* urbanas. Os dois primeiros elementos têm em comum a relação com a nudez e o desnudamento; sua combinação com o terceiro elemento permite concluir que (na infância da mulher) a

mansarda também foi palco de um desnudamento. Um sonhador cria uma localidade mista composta de dois lugares onde se realiza um "tratamento": meu consultório e o lugar público onde ele conheceu sua esposa. Uma moça, quando o irmão mais velho promete convidá-la para comer caviar, sonha que as pernas desse irmão estão *cobertas de pérolas negras de caviar*. Os elementos do "*contágio*" no sentido moral e a lembrança de uma *dermatite* na infância, que lhe cobriu as pernas de pontinhos *vermelhos*, em vez de pretos, uniram-se com as *pérolas de caviar* em um novo conceito: aquilo que ela "*recebeu de seu irmão*". Nesse sonho, partes do corpo humano são tratadas como objetos, como sucede em outros sonhos também. Num sonho relatado por Ferenczi, surge uma figura mista composta da pessoa de um *médico* e de um *cavalo*, que, além disso, veste uma *camisola*. O que há em comum nesses três elementos foi revelado na análise, quando a camisola foi reconhecida como alusão ao pai da sonhadora numa cena da infância. Tratava-se, em todos os três casos, de objetos de sua curiosidade sexual. Quando ela era criança, sua babá a levava com frequência para o haras militar, onde ela teve oportunidade de satisfazer plenamente sua curiosidade, ainda não inibida na época.

Mais acima, afirmei que o sonho não tem meio para expressar a relação de contradição, de oposição, o "não". Vou contradizer essa afirmação pela primeira vez. Como vimos, parte dos casos que podem ser reunidos como "oposição" é representada simplesmente através da identificação, quando a contraposição pode ser ligada a uma substituição, a uma troca. Demos vários exemplos disso. Outras oposições nos pensamentos oníricos, que podem ser incluídas na categoria "*inversamente, ao contrário*", são representadas no sonho do modo seguinte, quase cômico. O "inversamente" não aparece como tal no conteúdo do sonho, antes revela sua presença no material pelo fato de alguma porção do conteúdo já formado do sonho, que por alguma outra razão se acha próxima, ser *invertida*, como que a posteriori. É mais fácil ilustrar do que descrever esse processo. No belo sonho "Em cima e embaixo" (p. 326), a representação onírica da subida é o inverso do seu

modelo nos pensamentos oníricos, a cena introdutória de *Safo*, de Daudet; inicialmente ela é difícil no sonho e depois se torna fácil, enquanto na cena a subida é inicialmente fácil, tornando-se cada vez mais difícil depois. Também o "em cima" e "embaixo" no tocante ao irmão é representado de forma invertida no sonho. Isso indica uma relação de inversão ou oposição que existe entre duas porções do material nos pensamentos oníricos e que nós encontramos no fato de que, na fantasia de infância do sonhador, ele é carregado por sua ama, inversamente ao herói do romance, que carrega sua amada. E também o meu sonho do ataque de Goethe ao sr. M. (ver adiante) contém esse "inversamente", que primeiro precisa ser desfeito para podermos chegar à interpretação do sonho. No sonho, Goethe atacou um homem jovem, o sr. M.; na situação real, que se acha nos pensamentos oníricos, um homem importante, meu amigo, foi atacado por um jovem autor desconhecido. No sonho, calculo a partir do ano do falecimento de Goethe; na realidade, o cálculo se baseava no ano de nascimento do paralítico. O pensamento decisivo no material do sonho é uma oposição à ideia de que Goethe deve ser tratado como um louco. Pelo contrário, diz o sonho, se você não entender o livro, o imbecil é você, não o autor. Em todos esses sonhos de inversão, parece-me existir uma alusão à expressão pejorativa [alemã]: "virar *as costas* [ou "o traseiro", *Kehrseite*] para alguém" (a inversão [*Umkehrung*] relativa à posição social do irmão, no sonho de *Safo*). É também notável[m] com que frequência a inversão é usada justamente em sonhos instigados por impulsos homossexuais reprimidos.

A inversão,[n] a transformação no oposto, é um dos meios de representação prediletos e mais versáteis do trabalho do sonho. Serve primeiramente para permitir a realização de um desejo apesar de determinado elemento dos pensamentos oníricos. "Queria que tivesse sido ao contrário!" é, muitas vezes, a melhor expressão para a reação do Eu a uma lembrança embaraçosa. Mas a inversão se torna especialmente valiosa a serviço da censura, pois confere à representação um grau de deformação que inicialmente paralisa, de certa forma, a compreensão do

sonho. Por isso, quando um sonho se recusa obstinadamente a revelar seu sentido, podemos sempre tentar a inversão de determinados elementos de seu conteúdo manifesto; não é raro, então, que tudo se esclareça de imediato.

Ao lado da inversão do conteúdo, não se deve ignorar a inversão temporal. Uma técnica um tanto frequente de deformação do sonho consiste em representar o desfecho do acontecimento ou o resultado do raciocínio no início do sonho e acrescentar as premissas da conclusão ou as causas do incidente no final. Quem não pensar nesse recurso técnico da deformação do sonho ficará perdido ante a tarefa da interpretação dos sonhos.[18]

Em alguns casos,[o] chegamos ao sentido do sonho apenas quando submetemos seu conteúdo a várias inversões em aspectos diversos. No sonho de um jovem neurótico obsessivo, por exemplo, a lembrança de desejar a morte do pai que temia, quando criança, está oculta na seguinte formulação: *Seu pai briga com ele porque ele voltou para casa muito tarde*. O contexto do tratamento psicanalítico e as associações do sonhador, porém, demonstram que o correto seria: *Ele está com raiva do pai e acha que este voltou para casa cedo demais*. Ele preferiria que o pai não voltasse absolutamente, o que é idêntico ao desejo da morte do pai (veja p. 293). Quando menino, o sonhador, durante uma ausência prolongada do pai, havia cometido um ato de agressão sexual contra outra pessoa e havia sido castigado com a ameaça: "Espere só até seu pai voltar!".

Querendo-se estudar mais as relações entre conteúdo do sonho e pensamentos oníricos, é melhor tomar como ponto de partida o próprio sonho e perguntar o que significam determinadas características formais da representação do sonho em relação aos pensamentos oníricos. Encontramos entre essas características formais, que necessariamente nos chamam a atenção, sobretudo as diferenças na intensidade sensorial das figuras oníricas e na nitidez de partes do sonho ou de sonhos inteiros quando comparados. As diferenças na intensidade das figuras oníricas abarcam toda uma gama, desde uma impressão tão definida que, mesmo sem garantia, somos

tentados a considerar superior à da realidade até uma vagueza irritante que dizemos ser característica do sonho porque não corresponde totalmente a nenhum grau de indistinção que podemos notar nos objetos da realidade. Costumamos chamar de "fugaz" a impressão que recebemos de um objeto onírico indistinto, enquanto acreditamos que as imagens oníricas mais nítidas são as que ficaram mais tempo na percepção. Pergunta-se então o que, no material onírico, provocou essas diferenças na vividez dos elementos do conteúdo do sonho.

Primeiro temos de fazer frente a certas expectativas quase que inevitáveis. Como o material do sonho pode incluir sensações reais durante o sono, provavelmente se pressuporá que estas, ou os elementos do sonho delas derivados, sobressaem com intensidade especial, ou, inversamente, que aquilo que no sonho se destaca muito vivamente pode ser referido a tais sensações reais durante o sono. Mas minha experiência jamais confirmou isso. Não é correto que os elementos do sonho que provêm de impressões reais durante o sono (estímulos nervosos) se distingam dos outros, que se originam de lembranças, por sua vividez. O fator da realidade não importa para a determinação da intensidade das imagens oníricas.

Também se poderia esperar que a intensidade sensorial (vividez) das imagens oníricas tenha relação com a intensidade psíquica dos elementos que lhes correspondem nos pensamentos oníricos. Nestes, a intensidade coincide com o valor psíquico; os elementos mais intensos são também os mais significativos, que formam o centro dos pensamentos oníricos. Sabemos, é verdade, que justamente esses elementos, por causa da censura, não costumam se inserir no conteúdo do sonho. Mas poderia ser que seus derivados mais próximos no sonho, que os representam, obtivessem um grau de intensidade maior, sem por isso formar o centro da representação onírica. No entanto, essa expectativa é desfeita pela observação comparativa de sonho e material do sonho. A intensidade dos elementos de um nada tem a ver com a intensidade dos elementos do outro; entre material do sonho e sonho ocorre de fato uma "*transmutação de todos os valores psíquicos*".[p]

Precisamente num elemento fugaz e encoberto por imagens mais fortes do sonho é possível, muitas vezes, descobrir o único derivado direto daquilo que predominava excessivamente nos pensamentos oníricos.

A intensidade dos elementos do sonho se mostra determinada de outra maneira, por dois fatores independentes um do outro. Primeiro, é fácil ver que os elementos representados de modo particularmente intenso são aqueles em que se expressa a realização do desejo. Depois, a análise ensina que é dos elementos mais vívidos do sonho que parte a maioria das sequências de pensamentos, que os mais vívidos são também aqueles com mais determinantes. Não alteraremos o sentido dessa última frase, obtida empiricamente, se a enunciarmos da seguinte forma: a maior intensidade é mostrada por aqueles elementos do sonho que exigiram o mais extenso *trabalho de condensação* para se formarem. Podemos então esperar que seja possível expressar numa única fórmula essa condição e a outra, a da realização do desejo.

Não quero que o problema que acabei de tratar, as causas da intensidade ou nitidez maior ou menor dos elementos do sonho, seja confundido com outro, relacionado à variável nitidez de sonhos inteiros ou trechos de sonhos. Naquele, o contrário de nitidez é vagueza; nesse, confusão. No entanto, é inegável que o aumento e a diminuição das duas qualidades correm paralelamente nas duas escalas. Uma parte do sonho que enxergamos claramente costuma conter elementos intensos; um sonho vago, por sua vez, é composto de elementos pouco intensos. Mas o problema apresentado pela escala que vai do aparentemente claro ao indistinto-confuso é muito mais complicado que o das oscilações na vividez dos elementos oníricos; por razões a serem mencionadas adiante, aquele ainda se subtrai à discussão aqui.

Em alguns casos notamos, com certa surpresa, que a impressão de clareza ou indistinção que um sonho nos deixa não tem relevância para sua constituição; vem do material onírico e é um componente dele. Lembro-me de um sonho que, ao despertar, me parecia tão bem construído, tão sem lacunas e claro que, ainda

sonolento, me propus admitir uma nova categoria de sonhos, que não estariam sujeitos aos mecanismos de condensação e deslocamento e poderiam ser designados como "fantasias durante o sono". Um exame mais atento revelou que esse sonho raro mostrava as mesmas falhas e inconsistências na estrutura que qualquer outro; por isso, logo abandonei a categoria de fantasias oníricas.[19] O conteúdo do sonho, ao ser obtido, era que eu expunha ao meu amigo uma teoria difícil sobre a bissexualidade, que buscávamos havia muito, e era devido ao poder de realizar desejos do sonho que essa teoria (não comunicada no sonho) nos parecia clara e consistente. Assim, o que eu havia tomado como um julgamento sobre o sonho completo era uma parte, a parte essencial, na verdade, do conteúdo do sonho. O trabalho do sonho como que se estendeu ao primeiro pensamento desperto e me transmitiu, como *julgamento* sobre o sonho, aquela parte do material do sonho cuja representação exata ele não conseguiu fazer. Achei uma contrapartida perfeita disso numa paciente que primeiro não queria relatar um sonho pertencente à análise, "porque era muito vago e confuso", e que enfim, protestando repetidamente que não estava segura quanto ao seu relato, contou que várias pessoas haviam aparecido no sonho: ela, o marido e o pai, e era como se não soubesse dizer se o marido era seu pai, ou quem era mesmo seu pai, ou algo assim. Ligando esse sonho às coisas que lhe vinham à mente durante a sessão, não houve dúvida de que se tratava da história nada incomum de uma empregada doméstica obrigada a admitir que esperava um filho, não estando certa de "quem era mesmo o pai".[20] Assim, a falta de clareza mostrada no sonho era, também nesse caso, uma parte do material que havia instigado o sonho. Parte desse conteúdo foi representada na forma do sonho. *A forma do sonho ou do sonhar é usada, com surpreendente frequência, para representar o conteúdo encoberto*.

Comentários sobre o sonho, observações aparentemente inofensivas a respeito dele, servem muitas vezes para ocultar do modo mais engenhoso uma parte do que foi sonhado, embora a revelem, na verdade. É o que acontece quando, por exemplo,

um sonhador afirma: "Aqui o sonho está *borrado*", e a análise traz a reminiscência infantil de espreitar alguém que se limpa após defecar. Ou no caso seguinte, que merece comunicação mais detalhada. Um homem jovem tem um sonho muito nítido, que lhe lembra fantasias da infância que permaneceram conscientes: à noite, ele se acha num hotel de veraneio, se engana com o número do quarto e entra num aposento onde uma senhora mais velha e suas duas filhas se despem para dormir. Ele continua: "*Então há lacunas no sonho, falta algo*, e no final havia um homem no quarto que queria me expulsar, tive de lutar com ele". Ele tenta se lembrar, em vão, do conteúdo e da intenção da fantasia infantil a que o sonho evidentemente alude. Por fim, notamos que o conteúdo buscado já foi revelado na declaração sobre a passagem obscura do sonho. As "lacunas" são as aberturas genitais das mulheres que vão se deitar: "falta algo" descreve a característica principal dos órgãos genitais femininos. Quando era menino, ele ardia de curiosidade de ver os genitais femininos e tendia a crer na teoria sexual infantil que atribui à mulher um membro masculino.

Uma reminiscência análoga de outro sonhador assumia forma bem semelhante. Ele sonha o seguinte: "*Vou com a srta. K. ao restaurante Volksgarten*… então vem uma passagem obscura, uma interrupção… *depois me encontro no salão de um bordel, onde vejo duas ou três mulheres, uma de camisola e calcinha*".

ANÁLISE: A srta. K. é a filha de seu antigo chefe e, como ele mesmo admite, uma irmã substituta. As oportunidades de falar com ela eram raras, mas certa vez houve uma conversa entre eles em que "se reconheceram, por assim dizer, em sua sexualidade, como se dissessem: eu sou homem, você é mulher". Ele esteve naquele restaurante apenas uma vez, em companhia da irmã de seu cunhado, uma moça que lhe era totalmente indiferente. Outra vez, acompanhou um grupo de três mulheres até a entrada desse restaurante. As mulheres eram sua irmã, sua cunhada e a já mencionada irmã de seu cunhado. Todas elas lhe eram totalmente indiferentes, mas

todas as três pertenciam à categoria de irmãs. Ele visitou um bordel em poucas ocasiões, duas ou três vezes na vida.

A interpretação se apoiou no "*ponto obscuro*", na "*interrupção*" no sonho, e ele afirmou que, em sua curiosidade de menino, havia inspecionado, umas poucas vezes, os órgãos genitais da irmã alguns anos mais nova. Alguns dias depois surgiu a lembrança consciente do malfeito ao qual o sonho aludia.

Todos os sonhos de uma mesma noite pertencem, em termos de conteúdo, ao mesmo conjunto; sua divisão em vários fragmentos, seu agrupamento e seu número, tudo isso é significativo e pode ser visto como informação que vem dos pensamentos oníricos latentes.[q] Na interpretação de sonhos que consistem em várias partes principais, ou de sonhos que ocorrem na mesma noite, não podemos nos esquecer da possibilidade de que esses sonhos diferentes e sucessivos tenham o mesmo significado, expressem os mesmos impulsos com material diferente. Muitas vezes, o primeiro desses sonhos homólogos é o mais deformado e tímido; o sonho subsequente é mais ousado e nítido.

O sonho bíblico do faraó com as espigas e as vacas, interpretado por José, era desse tipo. Em Josefo (*Antiguidades judaicas*, livro II, capítulo 5) nós o encontramos narrado com mais detalhes do que na Bíblia. Após contar a primeira parte do sonho, o rei diz: "Depois dessa primeira visão de sonho, acordei inquieto e me perguntei o que ela poderia significar, mas, depois de algum tempo, adormeci novamente e tive um sonho ainda mais estranho, que me assustou e confundiu ainda mais". Após ouvir o relato do sonho, José diz: "Vosso sonho, ó rei, tem a aparência de dois, mas as duas visões têm um só significado".

Em sua "Contribuição à psicologia do boato" (1910), Jung informa como o sonho erótico dissimulado de uma aluna foi compreendido por suas colegas sem nenhuma interpretação e desenvolvido com alterações. Sobre um desses relatos do sonho, ele observa "que o pensamento final de uma longa série de imagens oníricas contém exatamente aquilo que já se buscava representar na primeira imagem da

série. A censura mantém o complexo afastado o mais longamente possível, com renovados disfarces simbólicos, deslocamentos, versões inofensivas etc." (Ibid., p. 87). Scherner conhecia bem essa peculiaridade da representação onírica e a descreve, em relação com sua teoria dos estímulos orgânicos, como uma lei especial (1861, p. 166): "Por fim, a imaginação observa, em todas as formações oníricas simbólicas que partem de determinados estímulos nervosos, a lei universal de que no início do sonho ela retrata o objeto que dá origem ao estímulo apenas por meio das alusões mais distantes e livres; no final, porém, quando a efusão pictórica se exaure, ela retrata o estímulo mesmo, ou o órgão respectivo ou sua função com toda a franqueza, e assim o sonho, tendo designado ele mesmo sua causa orgânica, chega ao fim…".

Otto Rank forneceu uma bela confirmação dessa lei de Scherner em seu trabalho "Um sonho que interpreta a si mesmo" [1910]. Ali ele comunicou o sonho de uma garota que era composto de dois sonhos na mesma noite, separados por um intervalo, dos quais o segundo terminou com uma polução. Este permitiu uma interpretação detalhada, sem necessidade de recorrer às contribuições da sonhadora, e a abundância de relações entre os dois conteúdos dos sonhos permitiu ver que o primeiro sonho expressava, numa representação tímida, a mesma coisa representada pelo segundo, de modo que este — o sonho de polução — ajudou a esclarecer plenamente o primeiro. Rank baseia nesse exemplo, corretamente, a discussão da relevância dos sonhos de polução para a teoria dos sonhos em geral.

Segundo a minha experiência, porém, são raros os casos em que podemos interpretar a clareza ou confusão de um sonho pela existência de certeza ou dúvida no seu material. Mais adiante revelarei o fator da formação do sonho, até agora não mencionado, que influi essencialmente nessa escala de qualidades.

Em alguns sonhos, que conservam determinada situação e cenário por algum tempo, ocorrem interrupções que são descritas com as seguintes palavras: "Ao

mesmo tempo, é como se fosse outro local, e lá aconteceu isto e aquilo". O que interrompe dessa forma a trama principal do sonho, que mais tarde pode ser continuada, resulta ser uma proposição secundária no material onírico, um pensamento intercalado. Algo condicional nos pensamentos oníricos é representado no sonho pela simultaneidade (se — quando).

O que significa a sensação de movimento inibido, tão frequente no sonho, que tanto se aproxima da angústia? Queremos andar e não conseguimos sair do lugar, queremos fazer algo e deparamos continuamente com algum estorvo. O trem está prestes a partir e não conseguimos alcançá-lo; levantamos a mão para responder a uma ofensa e ela falha etc. Já vimos essa sensação nos sonhos de exibição, mas ainda não tentamos realmente interpretá-la. É uma resposta cômoda, mas insuficiente, dizer que no sono há uma paralisia motora que se faz notar na sensação mencionada. Cabe perguntar, então, por que não sonhamos constantemente com esses movimentos inibidos, e é lícito esperar que essa sensação, que pode ser provocada no sono a qualquer momento, sirva a quaisquer fins da representação e seja despertada somente quando o material dos pensamentos oníricos precisa ser representado dessa forma.

O "não conseguir realizar algo" nem sempre ocorre no sonho como sensação, mas também simplesmente como parte do conteúdo do sonho. Acredito que um caso desse tipo seja particularmente adequado para esclarecer o significado desse elemento onírico. Relatarei concisamente um sonho no qual me acusam de desonestidade. *O local é uma mistura de clínica particular e vários outros lugares. Aparece um criado que me chama para uma averiguação. No sonho, sei que algo está sendo procurado e que a averiguação será conduzida por causa da suspeita de que me apropriei do objeto perdido.* A análise mostrou que o interrogatório deve ser tomado em dois sentidos e inclui uma averiguação médica. *Ciente da minha inocência e da minha função de conselheiro nessa casa, acompanho tranquilamente o criado. Outro criado nos recebe numa porta e diz, apontando para mim: você me trouxe esse, mas ele é*

uma pessoa correta. Então entro, sem o criado, numa grande sala onde se encontram máquinas, o que me lembra um inferno e seus castigos. Vejo um colega preso a um aparelho, que teria todas as razões para se preocupar comigo, mas ele nem me percebe. Então me dizem que posso ir. Mas não encontro meu chapéu e não posso ir.

O desejo realizado no sonho é claramente que eu seja reconhecido como homem honesto e me deixem ir; portanto, deve existir bastante material nos pensamentos oníricos que se opõe a isso. A permissão para eu me retirar é o sinal de minha absolvição; se no final do sonho há algo que me impede de sair, podemos concluir que desse modo o material reprimido expressa sua oposição. O fato de eu não encontrar o chapéu significa, então: "Afinal, você não é uma pessoa honesta". O "não conseguir realizar algo" do sonho é uma *expressão de oposição*, um "*não*", de maneira que devemos corrigir a afirmação anterior de que os sonhos não conseguem exprimir o "não".[21]

Em outros sonhos, que contêm a impossibilidade de realizar o movimento não apenas como situação, mas também como sensação, essa mesma oposição é expressa mais vigorosamente pela sensação do movimento inibido, como uma vontade a que se opõe uma vontade contrária. A sensação do movimento inibido representa, portanto, um *conflito de vontades*. Veremos adiante que a paralisia motora durante o sono é uma das condições fundamentais para o processo psíquico durante o sonho. O impulso transmitido para as vias motoras nada mais é do que a vontade, e o fato de termos certeza de que sentimos esse impulso como inibido no sono torna todo o processo bastante adequado para a representação do *querer* e do "*não*" que a ele se opõe. Conforme a minha explicação da angústia, também é fácil entender por que a sensação da vontade inibida é tão próxima da angústia e se liga tão frequentemente a ela no sonho. A angústia é um impulso libidinal que parte do inconsciente e é inibido pelo pré-consciente.[22] Quando, então, a sensação da inibição se une à angústia no sonho, trata-se de uma vontade que era capaz de desenvolver uma libido, um impulso sexual.

Abordarei mais adiante o que significa e a qual força psíquica deve ser atribuído o julgamento que aparece com frequência no sonho, expresso na frase "Mas isso é apenas um sonho".[r] Antecipo que ele serve para diminuir o valor do que é sonhado. O interessante problema a este aparentado, relativo ao que é expresso quando um conteúdo é designado no próprio sonho como "sonhado", o enigma do "sonho no sonho", foi resolvido num sentido análogo por W. Stekel, mediante a análise de alguns exemplos convincentes. O que é sonhado no sonho deve ser desvalorizado, privado de sua realidade; o que se continua sonhando após o despertar do "sonho no sonho" é o que o desejo onírico busca pôr no lugar da realidade obliterada. Podemos então supor que aquilo que foi "sonhado" contém a representação da realidade, a lembrança autêntica, e a continuação do sonho, ao contrário, a representação apenas daquilo que o sonhador deseja. A inclusão de determinado conteúdo num "sonho no sonho" equivale, portanto, ao desejo de que aquilo que foi designado como sonho não tivesse acontecido. Em outras palavras, quando certa ocorrência é inserida num sonho [como sonho] pelo trabalho onírico mesmo, isso significa a mais resoluta confirmação da realidade dessa ocorrência, a mais forte *afirmação* dela. O trabalho do sonho utiliza o próprio sonhar como forma de recusa, e comprova assim a percepção de que o sonho é uma realização de desejo.

D. A CONSIDERAÇÃO PELA REPRESENTABILIDADE

Até agora tratamos de investigar como o sonho apresenta as relações entre os pensamentos oníricos, mas nisso tocamos várias vezes em outro tema, o das transformações que o material onírico sofre para a formação do sonho. Sabemos agora que esse material, despojado de boa parte de suas relações, é submetido a uma compressão, ao passo que deslocamentos de intensidade entre seus elementos obrigam a uma transmutação do valor psíquico desse material. Os deslocamentos que consideramos mostraram ser substituições de determinada representação por outra, de alguma forma associada àquela; elas serviram à condensação, pois desse modo, em vez de dois elementos, um só com traços comuns aos dois entrava no sonho. Ainda não mencionamos outro tipo de deslocamento. Mas as análises nos ensinam que ele existe e que se manifesta numa *troca da expressão verbal* do pensamento. Nos dois casos há um deslocamento ao longo de uma cadeia de associações, mas o mesmo processo ocorre em diferentes esferas psíquicas, e o resultado desse deslocamento é que num caso um elemento é substituído por outro, e no outro caso um elemento troca sua formulação verbal por outra.

Esse segundo tipo de deslocamento que acontece na formação do sonho não é apenas de grande interesse teórico, mas também se presta bastante para esclarecer a aparência de absurdo fantástico de que o sonho se reveste. O deslocamento ocorre, em geral, de modo que uma expressão abstrata e descolorida do pensamento onírico seja trocada por uma concreta e figurativa. A vantagem e, portanto, o propósito da substituição são evidentes. O figurativo é *representável* para o sonho, pode ser incluído numa situação em que seria tão difícil dar expressão abstrata à representação onírica quanto, por exemplo, ilustrar com um desenho o editorial político de um jornal. Mas não só a representabilidade, também os interesses da condensação e da censura podem ganhar com essa troca. Apenas quando o

pensamento onírico, inutilizável em sua expressão abstrata, é transformado numa linguagem figurativa, estabelecem-se mais facilmente entre essa nova expressão e o material onírico restante os pontos de contato e identidades de que o trabalho do sonho necessita, e que cria onde não existem, pois em todas as línguas os termos concretos possuem, devido à sua evolução, maior riqueza de relações do que os termos conceituais. Podemos imaginar que grande parte do trabalho intermediário que na formação do sonho busca reduzir os diversos pensamentos oníricos à expressão mais breve e uniforme possível ocorre dessa forma, mediante a adequada transformação verbal dos pensamentos. Um pensamento cuja expressão permanece fixa por outros motivos agirá de modo distribuidor e selecionador sobre as possibilidades de expressão de outro, e isso talvez desde o início, de maneira semelhante à que se dá no trabalho do poeta. Para se fazer um poema em rimas, o segundo verso rimado tem de obedecer a duas condições: tem de expressar o sentido que lhe cabe, e sua expressão tem de achar a consonância com o primeiro verso. Os melhores poemas são aqueles em que não percebemos a intenção de encontrar a rima e em que os dois pensamentos, por indução mútua, de antemão escolheram a expressão verbal que faz surgir, com ligeiro retoque, a consonância.

Em alguns casos, a troca de expressão serve à condensação do sonho de modo ainda mais rápido, ao achar uma combinação verbal que, sendo ambígua, permite a expressão de mais de um dos pensamentos oníricos. Todo o âmbito dos jogos de palavras é assim aproveitado no trabalho do sonho. Não devemos nos surpreender com o papel que cabe à palavra na formação do sonho. A palavra, como ponto nodal de representações múltiplas, é como que predestinada à ambiguidade, e as neuroses (ideias obsessivas, fobias) aproveitam, de modo tão desinibido quanto o sonho, as vantagens que a palavra oferece para a condensação e o disfarce.[23] É fácil demonstrar que a deformação do sonho também lucra com o deslocamento da expressão. A troca de duas palavras inequívocas por uma palavra ambígua causa equívocos, e a substituição de uma expressão cotidiana e sóbria por uma expressão

figurativa dificulta nossa compreensão, principalmente porque o sonho nunca diz se os elementos por ele apresentados devem ser interpretados no sentido literal ou figurado, se devem ser referidos ao material do sonho diretamente ou por intermédio de modos de dizer. Em geral, quando se trata da interpretação de cada elemento onírico, não sabemos se ele deve ser

a) compreendido no sentido positivo ou negativo (relação de oposição);

b) interpretado historicamente (como reminiscência);

c) simbolicamente, ou

d) se sua interpretação deve partir da formulação da palavra.

A despeito dessa variedade, podemos dizer que a representação do trabalho do sonho, que, *afinal, não pretende ser compreendida*, não impõe dificuldades maiores ao intérprete do que os antigos escrivães dos hieróglifos àqueles que os liam.

Já dei vários exemplos de representações no sonho que são mantidas apenas pela ambiguidade ("Então ela abre a boca adequadamente" no sonho da injeção [p. 139]; "Mas não consigo ir" no último sonho, p. 379). Apresentarei agora um sonho em cuja análise a transformação do pensamento abstrato em imagens tem grande papel. A diferença entre esse tipo de interpretação de sonhos e a interpretação por meio do simbolismo pode ser determinada com precisão; na interpretação simbólica do sonho, a chave da simbolização é escolhida arbitrariamente pelo intérprete do sonho, enquanto em nossos casos de disfarce verbal as chaves são conhecidas de todos e determinadas pelo uso linguístico estabelecido. Dispondo da associação certa no momento justo, podemos solucionar completa ou parcialmente sonhos desse tipo, mesmo sem as informações dadas pelo sonhador.

Uma senhora, minha amiga, sonha: *Ela está na ópera. Apresentam uma obra de Wagner, que dura até as 7h45 da manhã. Na plateia há mesas, em que as pessoas comem e bebem. Seu primo, que acaba de voltar da lua de mel, está sentado a uma dessas mesas com sua esposa jovem; ao lado deles, um aristocrata. Sabe-se que a jovem mulher o trouxe de sua viagem de núpcias, abertamente, como se traz um chapéu como*

lembrança da lua de mel. No meio da plateia se encontra uma torre alta, que tem em cima uma plataforma rodeada por uma grade de ferro. Lá no alto está o maestro, que se parece com Hans Richter;[s] *ele corre incessantemente por trás de sua grade, transpira terrivelmente, conduzindo desse lugar a orquestra disposta ao redor da base da torre. Ela mesma está sentada num camarote em companhia de uma amiga* (que eu conheço). *Da plateia, sua irmã mais nova tenta lhe passar um grande pedaço de carvão, dizendo que não sabia que demoraria tanto e que ela devia estar sentindo muito frio.* (*Como se os camarotes precisassem ser aquecidos durante o longo espetáculo.*)

O sonho é razoavelmente absurdo, embora concentrado numa única situação. A torre no meio da plateia, da qual o maestro dirige a orquestra; mas sobretudo o carvão que a irmã tenta lhe passar! Deliberadamente não requeri análise desse sonho; com algum conhecimento das relações pessoais da sonhadora, consegui interpretar algumas partes sozinho. Eu sabia que ela tivera grande simpatia por um músico cuja carreira fora interrompida precocemente por uma doença mental. Então resolvi interpretar *literalmente* a torre na plateia. Compreendi então que o homem que ela queria ver no lugar de Hans Richter superava em muito os outros membros da orquestra, estava *uma torre acima* deles. Essa torre deve ser vista como *imagem mista por aposição*. A estrutura inferior da torre representa o tamanho do homem; a grade no alto, por trás da qual ele se movimenta como um preso ou um animal numa jaula (alusão ao nome do infeliz),[24] seu destino posterior. "Torre dos loucos" seria talvez a palavra em que esses dois pensamentos poderiam se encontrar.

Depois que o modo de representação do sonho foi assim descoberto, pudemos tentar resolver com a mesma chave o segundo absurdo aparente, o do carvão que sua irmã lhe passa. "Carvão" tinha de significar "amor secreto".

> *Nenhum* fogo, *nenhum* carvão
> *pode arder tanto*
> *quanto o* amor secreto

do qual ninguém sabe.[t]

Ela e a amiga tinham *permanecido solteiras*;[u] a irmã mais jovem, que ainda tinha perspectiva de casar, lhe entrega o carvão, "porque não sabia *que demoraria tanto*". O sonho não diz o que demoraria tanto; numa narrativa, nós acrescentaríamos: a apresentação; no sonho, porém, podemos isolar a frase, declará-la ambígua e acrescentar: "até que ela se casasse". A interpretação "amor secreto" é então sustentada pela menção do primo, que se encontra na plateia com sua esposa, e da *aventura amorosa aberta* atribuída a esta. Os contrastes entre amor secreto e amor aberto, entre seu fogo e a frieza da mulher jovem dominam o sonho. Tanto aqui quanto lá, trata-se de *alguém em posição elevada* como termo intermediário entre o aristocrata e o músico que justificava grandes esperanças.

Com a discussão acima descobrimos finalmente um terceiro fator, cuja participação na transformação dos pensamentos oníricos em conteúdo do sonho não deve ser subestimada: *a consideração da representabilidade no material psíquico peculiar a que o sonho recorre*, ou seja, nas imagens visuais, geralmente. Entre as várias conexões secundárias com os pensamentos essenciais do sonho, é dada preferência àquela que permite uma representação visual, e o trabalho do sonho não teme o esforço de primeiro moldar o pensamento arisco em outra forma verbal, ainda que esta seja a mais incomum, desde que ela permita a representação e assim ponha fim à pressão psicológica do pensamento constrangido. Mas esse vazar do conteúdo do pensamento em outra forma também pode servir ao trabalho de condensação e criar relações com outro pensamento, que de outro modo não existiriam. Esse outro pensamento pode até ter alterado sua expressão original para melhor combinar com o primeiro.

Herbert Silberer (1909) mostrou uma boa maneira[v] de observar diretamente a transformação dos pensamentos em imagens na formação do sonho, e assim estudar isoladamente esse fator do trabalho do sonho. Quando, em estado de cansaço e

sonolência, ele se obrigava a fazer um esforço intelectual, muitas vezes o pensamento lhe escapava e surgia uma imagem na qual podia reconhecer um substituto do pensamento. Silberer chama esse substituto, de modo não inteiramente adequado, "autossimbólico". Reproduzo aqui alguns exemplos do trabalho de Silberer, aos quais retornarei mais adiante, devido a certas características dos fenômenos observados.

"*Exemplo no 1*: Penso em corrigir uma passagem deselegante num ensaio.

"*Símbolo*: Vejo-me aplainando um pedaço de madeira.

"*Exemplo no 5*: Tento lembrar-me do objetivo de certos estudos metafísicos que pretendo realizar. Esse objetivo consiste, penso comigo, em que alcançamos formas de consciência ou camadas existenciais cada vez mais elevadas pelo trabalho meticuloso na busca dos fundamentos da existência.

"*Símbolo*: Passo uma faca comprida por baixo de uma torta, como que para tirar um pedaço dela.

"*Interpretação*: Meu movimento com a faca representa o 'trabalho meticuloso' em questão… A explicação do motivo desse símbolo é esta: por vezes, quando estamos à mesa, cabe a mim a tarefa de cortar e servir a torta, um trabalho que realizo com uma longa faca flexível, o que exige algum cuidado. Principalmente a retirada certa dos pedaços cortados apresenta algumas dificuldades; a faca tem de ser cuidadosamente introduzida *embaixo* dos pedaços (o lento 'trabalho meticuloso' para chegar aos fundamentos). No entanto, a imagem tem ainda outro simbolismo. A torta do símbolo era uma torta de várias *camadas*, que a faca tem de atravessar (as camadas da consciência e do pensamento).

"*Exemplo no 9*: Perco o fio de um raciocínio. Tento encontrá-lo, mas tenho de reconhecer que esqueci completamente o ponto de partida.

"*Símbolo*: Um fragmento de escrita em que faltam as últimas linhas."

Dado o papel que chistes verbais, citações, provérbios e canções têm na vida mental das pessoas educadas, seria de esperar que disfarces desse tipo fossem usados

frequentemente na representação dos pensamentos oníricos. O que significam num sonho, por exemplo, carroças, cada uma com uma espécie de verduras? É o desejo oposto de "*Kraut und Rüben*",[w] ou seja, "confusão", e significa, portanto, "desordem". Admirei-me de que esse sonho me tenha sido relatado apenas uma vez.[25] Um simbolismo onírico de validade universal se desenvolveu somente para poucos temas, com base em alusões e substituições verbais conhecidas de todos. Boa parte desse simbolismo os sonhos têm em comum com as psiconeuroses, as lendas e os costumes populares.

Com efeito, se olharmos com mais atenção, perceberemos que nesse tipo de substituição o trabalho do sonho não faz nada original. Para alcançar seus fins, que nesse caso é a representabilidade livre de censura, ele segue apenas os caminhos já trilhados no pensamento inconsciente, preferindo as transformações do material reprimido que podem se tornar conscientes enquanto chiste e alusão, e das quais as fantasias dos neuróticos estão cheias. Neste ponto é possível, subitamente, compreendermos as interpretações de sonhos feitas por Scherner, cuja correção essencial já defendi. Ocupar-se do próprio corpo na fantasia não é, absolutamente, algo exclusivo do sonho ou característico dele. Minhas análises me mostraram que isso acontece com regularidade no pensamento inconsciente dos neuróticos e remonta à curiosidade sexual, cujo objeto, para o jovem e a garota em crescimento, são os órgãos genitais do outro sexo, mas também do seu próprio. E, como Scherner e Volkelt ressaltam corretamente, a casa não é o único grupo de representações usado para a simbolização do corpo — tanto nos sonhos como nas fantasias inconscientes da neurose. Conheço pacientes que preservaram o simbolismo arquitetônico do corpo e dos órgãos genitais (pois o interesse sexual vai muito além da região dos órgãos genitais externos), para os quais colunas e pilares significam pernas (como no Cântico dos Cânticos), onde cada porta simboliza um orifício do corpo ("buraco"), e que pensam no aparelho urinário quando veem um tubo de água etc. Mas o grupo de representações ligado à vida das plantas ou à

cozinha é usado também para esconder imagens sexuais;[26] no primeiro caso, o terreno foi preparado pelo uso da linguagem, resultado de comparações da fantasia que vêm de tempos remotos (a "vinha" do Senhor, a "semente", o "jardim" da donzela no Cântico dos Cânticos). Alusões aparentemente ingênuas às atividades da cozinha permitem imaginar e sonhar tanto com os detalhes mais feios quanto com os mais íntimos da vida sexual, e os sintomas da histeria se tornam incompreensíveis se esquecermos que o simbolismo sexual pode se ocultar de melhor maneira por trás do que é cotidiano e ordinário. Há um sentido sexual quando crianças neuróticas não podem ver sangue e carne crua, quando vomitam ao verem ovos e macarrão, quando o medo natural do ser humano diante da cobra tem uma grande intensificação no neurótico, e, sempre que a neurose utiliza esse disfarce, segue os caminhos que em antigas culturas foram trilhados por toda a humanidade e cuja existência é ainda hoje atestada, de modo ligeiramente encoberto, pela linguagem, pela superstição e pelos costumes.

Apresento aqui o sonho das flores de uma paciente, que anunciei mais acima. Destaco nele tudo o que deve ser interpretado sexualmente. Depois de interpretado, o belo sonho não agradou mais à sonhadora.

a) SONHO PRELIMINAR: *Ela entra na cozinha e repreende as duas criadas por ainda não haverem terminado de preparar o lanche* ("mit dem bissl Essen"). *Nessa ocasião, vê muitos utensílios de cozinha grosseiros, revirados e empilhados para secar.* Acréscimo posterior: *As duas criadas saem para pegar água e, para isso, precisam entrar como que num rio, que chega até a casa ou o pátio.*[27]

b) SONHO PRINCIPAL:[28] *Ela desce do alto,*[29] *tendo de passar por corrimãos ou cercas estranhas, que formam grandes quadrados e consistem em pequenos quadrados trançados.*[30] *Na verdade, não foram feitos para escalar; ela se preocupa em encontrar apoio para o pé e se alegra por seu vestido não ficar preso em nenhum lugar e por ela permanecer respeitável ao andar.*[31] *Na mão, leva um* GRANDE GALHO,[32] *na verdade como uma árvore densamente coberta de* FLORES VERMELHAS, *ramificada e espraiada.*[33] Dão a

ideia de *FLORES de cerejeira, mas se parecem também com CAMÉLIAS cheias, embora estas não cresçam em árvores. Durante a descida, leva primeiro UM, depois repentinamente DOIS, mais tarde novamente UM.*[34] *Quando chega embaixo, as FLORES inferiores já CAÍRAM bastante. Então, após chegar embaixo, vê um criado da casa que, ela diria, penteia uma árvore desse tipo, isto é, com UM PEDAÇO DE MADEIRA arranca TUFOS GROSSOS DE CABELO, que pendem da árvore como musgo. Outros trabalhadores cortaram esses RAMOS de um JARDIM e os deixaram na RUA, onde ficam JOGADOS, de modo que MUITAS PESSOAS OS PEGAM. Mas ela pergunta se isso está certo, se é possível PEGAR UM.*[35] *No jardim se encontra um HOMEM jovem* (uma personalidade sua conhecida, um estranho), *do qual ela se aproxima para perguntar-lhe como ESSES RAMOS poderiam ser transplantados PARA SEU PRÓPRIO JARDIM.*[36] *Ele a abraça, ela se debate e pergunta o que lhe vem à mente, se ele tem o direito de abraçá-la assim. Ele diz que isso não é errado, que isso é permitido.*[37] *Então ele se declara disposto a acompanhá-la até o OUTRO JARDIM para mostrar-lhe como se planta e lhe diz algo que ela não entende bem: De todo modo me faltam três METROS* (depois ela diz: *metros quadrados*) *— ou três braças de terra. É como se ele exigisse algo em troca de sua solicitude, como se ele quisesse RECOMPENSAR A SI MESMO NO SEU JARDIM ou BURLAR ALGUMA LEI, tirar vantagem daquilo sem prejudicá-la. Se ele realmente lhe mostra algo, ela não sabe.*

O sonho acima,[x] que destaquei por seus elementos simbólicos, deve ser chamado de "biográfico". Tais sonhos ocorrem com frequência nas psicanálises, mas talvez raramente fora delas.[38]

Naturalmente disponho de muito material desse tipo, mas sua exposição faria com que nos aprofundássemos demais na discussão das condições neuróticas. Tudo leva à mesma conclusão, isto é, de que não precisamos supor uma atividade simbolizadora especial da psique no trabalho do sonho, de que o sonho faz uso das simbolizações já contidas no pensamento inconsciente, porque devido à sua representabilidade, e também porque, em geral, estão livres da censura, elas satisfazem melhor as exigências da formação do sonho.

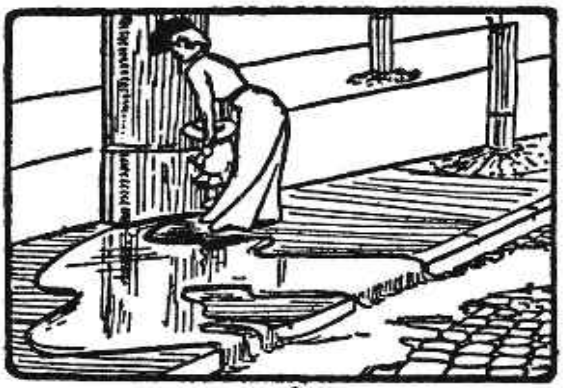
E. A REPRESENTAÇÃO POR MEIO DE SÍMBOLOS NO SONHO — OUTROS SONHOS TÍPICOS



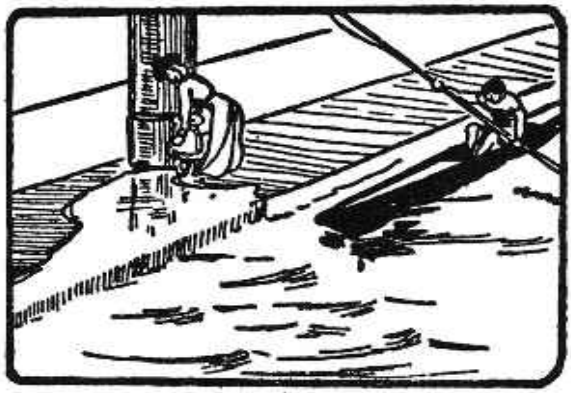
1



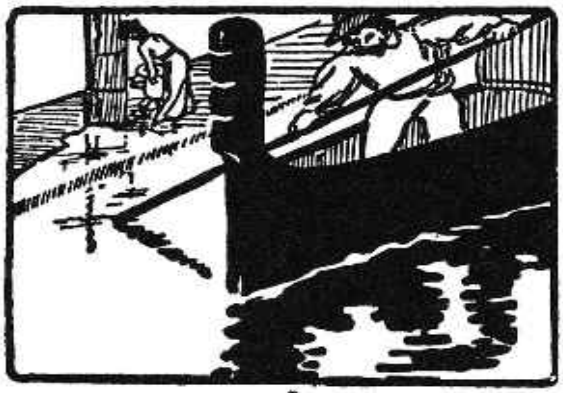
2



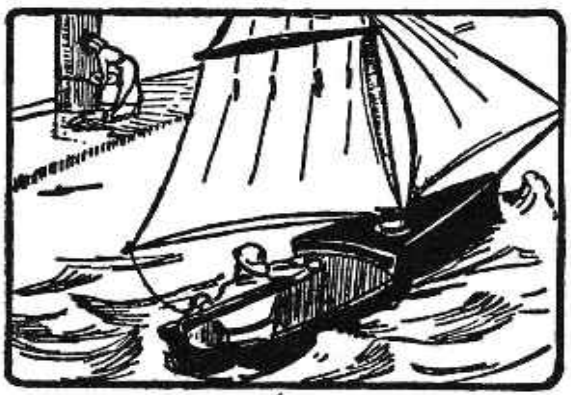
3



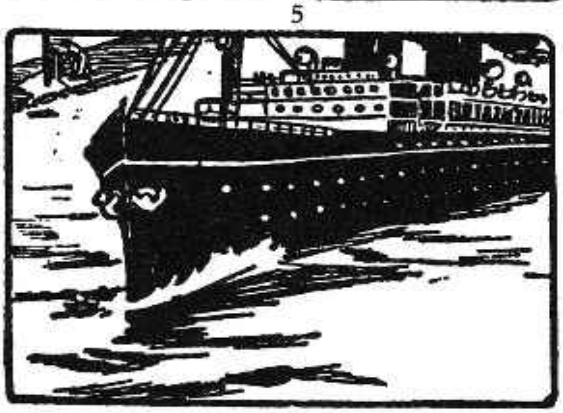
4



5



6



7



8

Sonho da babá francesa

A análise deste último sonho biográfico é evidência de que reconheci a existência do simbolismo no sonho desde o início. No entanto, só vim a apreciar toda a sua extensão e importância à medida que ganhava experiência e sob a influência dos trabalhos de W. Stekel (1911), sobre os quais preciso dizer algo aqui [1925].

Esse autor, que talvez tenha prejudicado a psicanálise tanto quanto a beneficiou, apresentou um grande número de traduções insuspeitadas de símbolos, que inicialmente não tiveram crédito, mas depois foram confirmadas e tiveram de ser aceitas na maior parte. Não diminuo o mérito de Stekel com a observação de que a reserva e o ceticismo dos outros não eram injustificados. Pois os exemplos em que ele apoiava suas interpretações nem sempre eram convincentes, e ele se servira de um método cientificamente duvidoso. Foi pela intuição que Stekel chegou a suas interpretações dos símbolos, graças a uma particular capacidade de entender os símbolos diretamente. Mas não se pode pressupor que todos tenham essa arte, sua eficácia se esquiva a toda crítica e, portanto, seus resultados não podem reivindicar credibilidade. É como se alguém baseasse o diagnóstico de uma doença infecciosa em impressões olfativas recebidas no leito do doente, embora houvesse clínicos com o olfato bem mais apurado do que outros e que realmente eram capazes de diagnosticar uma febre tifoide pelo cheiro [1925].

A experiência cada vez maior da psicanálise nos fez encontrar pacientes que exibiram de forma surpreendente esse tipo de compreensão imediata do simbolismo onírico. Muitas vezes eram pacientes que sofriam de *dementia praecox*, de modo que por certo tempo houve a tendência de suspeitar que tinham essa doença todos os sonhadores com esse entendimento dos símbolos. Mas isso não procede; trata-se de uma peculiaridade ou dom pessoal sem significado patológico visível [1925].

Quando nos familiarizamos com o emprego abundante do simbolismo na representação do material sexual no sonho, é preciso perguntar se muitos desses símbolos não aparecem, como os sinais da taquigrafia, com um significado fixo, e

nos vemos tentados a esboçar um novo livro dos sonhos, utilizando o método da decifração. A propósito disso, cabe observar que esse simbolismo não é próprio dos sonhos, mas da imaginação inconsciente, especialmente do povo, e pode ser encontrado no folclore, nos mitos, lendas, provérbios, expressões idiomáticas e chistes de um povo, mais do que nos sonhos [1909].

Teríamos de ultrapassar em muito a tarefa da interpretação dos sonhos, se quiséssemos fazer justiça ao significado do símbolo e abordar os numerosos problemas, em grande parte não resolvidos, que se ligam ao conceito de símbolo.[39] Aqui nos limitaremos a dizer que a representação por meio de um símbolo se inclui entre as representações indiretas, mas que vários indícios nos impedem de juntar indistintamente a representação simbólica e outros tipos de representação indireta, sem apreender com clareza conceitual esses traços distintivos. Numa série de casos, o que há em comum entre o símbolo e aquilo que ele representa é evidente; em outros, ele se acha oculto; a escolha do símbolo parece então misteriosa. Justamente esses casos devem poder lançar luz sobre o sentido último da relação simbólica; indicam que esta é de natureza genética [da gênese]. Aquilo que hoje se relaciona simbolicamente era, nos primórdios, unido provavelmente por uma identidade conceitual e linguística.[40] A relação simbólica parece ser um resíduo e uma marca da identidade antiga. Nisso podemos observar que em bom número de casos o uso de um símbolo em comum vai além da língua em comum, como já afirmou Schubert (1814).[41] Um bom número de símbolos é tão antigo quanto a própria língua; outros, porém, são formados continuamente na atualidade (por exemplo, o dirigível, o zepelim) [1914].

O sonho utiliza esse simbolismo para a representação disfarçada de seus pensamentos latentes. Entre os símbolos assim empregados, há muitos que sempre ou quase sempre têm o mesmo significado. Mas não devemos esquecer a peculiar plasticidade do material psíquico. Com frequência, um símbolo do conteúdo do sonho deve ser interpretado não simbolicamente, mas em seu sentido próprio;

outras vezes, o sonhador pode recorrer a um material especial de lembranças e usar como símbolo sexual qualquer coisa que geralmente não é usada assim. Quando tiver a escolha entre vários símbolos para a representação de um conteúdo, optará por aquele que apresenta relações temáticas com o resto de seu material de pensamento, ou seja, que permite uma motivação individual além daquela típica [1909; a última frase é de 1914].

Embora as pesquisas recentes sobre o sonho, desde Scherner, tornem irrefutável o reconhecimento do simbolismo no sonho — até H. Ellis afirma não haver dúvidas de que nossos sonhos estão repletos de simbolismo —, cabe admitir que a tarefa de interpretação do sonho não é apenas facilitada, mas também dificultada, pela existência dos símbolos. A técnica de interpretação baseada nos pensamentos espontâneos do sonhador geralmente não ajuda no tocante aos elementos simbólicos do conteúdo do sonho. Está fora de questão, por razões de crítica científica, um retorno à arbitrariedade do intérprete de sonhos, tal como era prática na Antiguidade e que parece reviver nas interpretações descuidadas de Stekel. Assim, os elementos existentes no conteúdo do sonho que devem ser compreendidos como simbólicos nos obrigam a recorrer a uma técnica composta, que, de um lado, se apoia nas associações do sonhador e, de outro, completa as lacunas com o conhecimento simbólico do intérprete. Um cuidado crítico na resolução dos símbolos e um estudo minucioso destes em exemplos de sonhos particularmente transparentes devem convergir para afastar a objeção de arbitrariedade na interpretação dos sonhos. As incertezas que ainda existem em nossa atividade como intérpretes dos sonhos se devem, em parte, ao nosso conhecimento incompleto, o que será progressivamente sanado através do aprofundamento, e, por outro lado, vinculam-se justamente a determinadas características dos símbolos do sonho. Com frequência, estes têm dois ou mais sentidos, de modo que, como na escrita chinesa, apenas o contexto permite o entendimento correto. Está ligada a essa polissemia dos símbolos a capacidade que

tem o sonho de permitir uma "sobreinterpretação", de representar num só conteúdo diversos pensamentos e desejos de natureza muitas vezes bastante divergente [1914].

Feitas essas restrições e ressalvas, afirmo que o imperador e a imperatriz (o rei e a rainha) realmente, na maioria dos casos, representam os pais do sonhador; o príncipe ou a princesa costuma ser ele mesmo. A mesma alta autoridade do imperador, porém, é também atribuída a grandes homens; por isso, em vários sonhos Goethe, por exemplo, aparece como símbolo do pai (Hitschmann, [1913]). — Todos os objetos alongados, como bengalas, troncos de árvores, guarda-chuvas (pelo ato de abrir, comparável à ereção), todas as armas longas e afiadas (facas, punhais, lanças) podem representar o membro masculino. Um símbolo frequente para ele, um tanto incompreensível, é a lixa de unhas (por causa da fricção?). — Latas, caixas, baús, armários, fornos correspondem ao corpo feminino, mas também cavernas, navios e todo tipo de recipiente. — Quartos [*Zimmer*] no sonho são, na maioria dos casos, mulheres [*Frauenzimmer*], a descrição de suas diversas entradas e saídas confirma essa interpretação.[42] Nesse contexto, é fácil compreender o interesse de saber se o quarto está "aberto" ou "trancado" (cf. o primeiro sonho de Dora em *Análise fragmentária de uma histeria* [1905]). Não precisamos explicitar qual é a chave que abre o quarto; o simbolismo de fechadura e chave serviu a Uhland, na canção do "Conde Eberstein", para uma amena obscenidade. — O sonho de atravessar uma série de quartos adjacentes é um sonho com prostíbulo ou harém. No entanto, como H. Sachs demonstrou com belos exemplos, ele é usado para a representação do casamento (por contraste). — Uma interessante relação com a pesquisa sexual das crianças se revela quando a pessoa sonha com dois quartos que antes eram um só, ou quando vê dividido em dois o quarto que conhece de um apartamento, ou o inverso. Na infância, o aparelho genital feminino e o "bumbum" são considerados uma só área (conforme a teoria infantil da cloaca) e apenas mais tarde se aprende que essa região do corpo abrange duas cavidades e aberturas. — Todos os tipos de escadas, seu uso tanto para subir quanto para descer são

representações simbólicas do ato sexual.[43] — Paredes lisas que escalamos, fachadas de casas pelas quais descemos — muitas vezes com grande medo — correspondem a corpos humanos eretos, provavelmente repetem no sonho a lembrança da criança pequena que tenta escalar os pais ou as pessoas que cuidam dela. As paredes "lisas" são homens; não é raro, no sonho angustiado, nos segurarmos nas "saliências" das casas. — Mesas, mesas postas e tábuas são mulheres, provavelmente pelo contraste, que anula as curvas do corpo. "Madeira" [*Holz*] parece ser, por suas relações linguísticas, um representante da matéria (*Materie*) feminina. O nome da ilha da Madeira significa *Holz* [madeira] em português. Visto que "mesa e cama" constituem o casamento, sucede com frequência que no sonho a primeira substitui a segunda e, até onde for possível, o complexo de representações sexuais é transposto para o complexo alimentar. — Entre as peças de vestuário, o chapéu de uma mulher deve ser interpretado muitas vezes como órgão genital, mais precisamente do homem. O mesmo vale para o manto, ficando em aberto que papel tem o som da palavra nesse uso do símbolo [*Mantel* = manto, *Mann* = homem]. Nos sonhos de homens, encontramos com frequência a gravata como símbolo do pênis, não apenas porque é longa, fica pendurada e é característica do homem, mas também porque podemos escolhê-la a nosso bel-prazer, uma liberdade que a natureza não concede no caso do objeto simbolizado.[44] Os indivíduos que usam esse símbolo no sonho costumam gastar muito com gravatas e possuem verdadeiras coleções delas. — Todos os aparelhos e máquinas complicados do sonho são, com grande probabilidade, órgãos genitais — normalmente masculinos; na descrição deles, o simbolismo do sonho se mostra tão incansável quanto o trabalho do chiste. Também é claro que todas as armas e ferramentas são usadas como símbolos do membro masculino: arado, martelo, espingarda, revólver, punhal, espada etc. — Da mesma forma, muitas paisagens dos sonhos, sobretudo aquelas com pontes, ou colinas cheias de florestas, podem facilmente ser reconhecidas como descrições dos genitais. Marcinowski reuniu uma série de exemplos em que os sonhadores

ilustraram seus sonhos com desenhos que representariam as paisagens e as localidades neles encontrados. Esses desenhos mostram muito bem a diferença entre significado latente e manifesto no sonho. Para um olhar desprevenido, parecem conter planos, mapas e coisas assim, mas um exame mais detido enxerga neles representações do corpo humano, dos genitais etc., e apenas após essa interpretação o sonho pode ser compreendido. (Cf. também os trabalhos de Pfister sobre criptografia e enigmas visuais.) Também no caso de neologismos incompreensíveis podemos pensar que são composições de elementos com significado sexual. — Com frequência, também crianças significam órgãos genitais no sonho, visto que homens e mulheres costumam chamar seus genitais, afetuosamente, de seu "pequeno" [*ihr "Kleines"*]. Stekel percebeu corretamente o "irmão pequeno" como pênis. Brincar com uma criança pequena, bater no pequeno etc. são, frequentemente, representações oníricas da masturbação. — Para representar simbolicamente a castração, o trabalho do sonho recorre à calvície, ao corte de cabelo, à perda de dentes e à decapitação. Quando um dos símbolos mais comuns do pênis ocorre duas ou mais vezes, isso deve ser entendido como forma de evitar a castração. Também o aparecimento de lagartos no sonho — um animal em que o rabo cortado volta a crescer — tem o mesmo significado. (Cf. acima o sonho dos pequenos lagartos, p. 34). — Vários dos animais usados como símbolos dos genitais na mitologia e no folclore têm o mesmo papel no sonho: o peixe, a lesma, o gato, o rato (por causa dos pelos púbicos), mas principalmente o símbolo mais significativo do membro masculino, a serpente. Animais pequenos e insetos são representantes de crianças pequenas, de irmãos indesejados, por exemplo; uma infestação de insetos equivale frequentemente à gravidez. — Devemos mencionar o dirigível como símbolo onírico muito recente do órgão genital masculino, que justifica esse emprego tanto por sua relação com o voo quanto, às vezes, por sua forma [Parágrafo alterado ou aumentado em 1909, 1911, 1914 e 1919].

Stekel informou uma série de outros símbolos com exemplos, em parte ainda não verificados adequadamente. Os escritos de Stekel, sobretudo o livro *Die Sprache des Traums* [A língua do sonho] (1911), contêm a mais rica coleção de símbolos explicados, muitos dos quais ele decifrou com argúcia e que foram confirmados em exame posterior; por exemplo, na seção sobre o simbolismo da morte. Mas a insuficiente capacidade crítica do autor e a tendência de generalizar a todo custo tornam duvidosas ou inutilizáveis outras interpretações suas, de modo que se recomenda o máximo de cuidado na utilização desses trabalhos. Por isso, limito-me a destacar uns poucos exemplos [1911, 1914].

Segundo Stekel, deve-se entender *direita* e *esquerda*, nos sonhos, num sentido ético. "O caminho à direita significa sempre o caminho da justiça; o caminho à esquerda, o do crime. Assim, a esquerda pode representar homossexualidade, incesto, perversão; e a direita, casamento, relações com uma prostituta etc.; sempre avaliado do ponto de vista moral individual do sonhador" (Stekel, 1909, pp. 466 ss.). Na maioria das vezes, os *parentes* têm, no sonho, o papel de órgãos genitais (Ibid., p. 473). Posso confirmar esse significado apenas no caso do filho, da filha, da irmã mais nova, ou seja, no âmbito do "pequeno". Por outro lado, há exemplos seguros em que as *irmãs* são percebidas como símbolos dos seios, e os *irmãos*, dos grandes hemisférios. *Não conseguir alcançar* um carro significa, segundo Stekel, lamentar uma diferença de idade que não pode ser superada (Ibid., p. 479). A *bagagem* que levamos numa viagem seria o peso do pecado que nos oprime (Ibid.). Mas é justamente a bagagem de viagem que muitas vezes se revela como símbolo inconfundível dos próprios genitais. Stekel atribuiu significados simbólicos fixos também aos números que ocorrem com frequência nos sonhos, mas essas explicações não parecem suficientemente fundamentadas nem universalmente válidas, embora em certos casos a interpretação possa ser reconhecida como provável. De resto, o número 3 é um símbolo várias vezes confirmado do órgão genital masculino [1911, 1914]. Uma das generalizações postuladas por Stekel se

refere ao duplo significado dos símbolos genitais. "Onde existe um símbolo que — desde que a imaginação permita — não pode ser usado como feminino e, ao mesmo tempo, masculino?" As palavras intercaladas, porém, tiram grande parte da certeza dessa afirmação, pois a imaginação nem sempre o permite. Mas não me parece desnecessário afirmar que, segundo minha experiência, a generalização de Stekel precisa ceder lugar ao reconhecimento de uma diversidade maior. Além dos símbolos usados com igual frequência para os genitais masculino e feminino, há também aqueles que designam predominantemente ou quase que exclusivamente um dos sexos, e ainda outros de que se conhece apenas o significado masculino ou feminino. Pois a imaginação não permite usar objetos e armas longos e sólidos como símbolos do genital feminino ou objetos ocos (baús, caixas, latas etc.) como símbolos do órgão masculino.

É correto que a tendência do sonho e das fantasias inconscientes de usar os símbolos sexuais num sentido bissexual revela um traço arcaico, pois na infância não conhecemos a diferença entre os órgãos genitais e atribuímos o mesmo genital aos dois sexos. No entanto, podemos também ser levados à suposição equivocada de um símbolo sexual bissexual, se esquecermos que em alguns sonhos ocorre uma inversão geral dos sexos, de modo que o masculino é representado pelo feminino, e vice-versa. Esses sonhos expressam, por exemplo, o desejo da mulher de ser um homem [1911, 1914, 1925].

Os genitais também podem ser representados no sonho por outras partes do corpo, o membro masculino pela mão ou pelo pé, a abertura genital feminina pela boca, pela orelha ou até mesmo pelo olho. As secreções do corpo humano — muco, lágrimas, urina, esperma — podem ser substituídas uma pela outra no sonho. Essa afirmação de Stekel, correta como um todo, sofreu justificada restrição em observações de R. Reitler (1913). O que acontece, no essencial, é a substituição de secreções significativas como o esperma por uma irrelevante [1919].

Esses apontamentos bastante incompletos devem bastar para estimular trabalhos de coletânea mais cuidadosos.[45] Procurei fazer uma exposição mais detalhada do simbolismo onírico nas *Conferências introdutórias à psicanálise* (1916-7) [1919].

Acrescentarei agora alguns exemplos do emprego desses símbolos nos sonhos; eles devem mostrar como se torna impossível chegar à interpretação de um sonho se rejeitarmos o simbolismo onírico, e também como este se impõe de forma irrecusável em muitos casos. Ao mesmo tempo, porém, quero admoestar o leitor a não superestimar a importância dos símbolos para a interpretação dos sonhos, a não limitar o trabalho da tradução do sonho à tradução dos símbolos e não abandonar a técnica de utilizar as associações do sonhador. As duas técnicas de interpretação dos sonhos têm de complementar uma à outra; do ponto de vista tanto prático quanto teórico, continua a ter prioridade o primeiro procedimento descrito, que atribui importância decisiva às manifestações do sonhador, enquanto a tradução dos símbolos serve como instrumento auxiliar [1909].

1) O CHAPÉU COMO SÍMBOLO DO HOMEM (DOS GENITAIS MASCULINOS)[46] [1911] (PARTE DO SONHO DE UMA MOÇA QUE SOFRE DE AGORAFOBIA EM CONSEQUÊNCIA DE MEDO DE SEDUÇÃO)

"É verão, estou passeando na rua e uso um chapéu de palha de forma peculiar, sua parte central sobe e suas laterais apontam para baixo (aqui a descrição hesita), *de modo tal que uma fica mais baixa do que a outra. Estou alegre e me sinto segura e, ao passar por um grupo de jovens oficiais, penso comigo mesma: 'Vocês não poderão fazer nada comigo'."*

Como nada lhe ocorre a respeito do chapéu do sonho, eu lhe digo: "O chapéu deve ser o genital masculino, com sua parte central erguida e as duas laterais pendentes. É talvez estranho que o chapéu seja um homem, mas não costumamos dizer: '*Unter die Haube kommen*' [encontrar um marido, casar-se; literalmente 'vir

para debaixo da touca']?". Deliberadamente me abstenho de interpretar o detalhe das laterais que pendem de forma desigual, embora justamente esses detalhes, em sua precisão, apontem o caminho da interpretação. Eu prossigo: se ela tem um marido com um genital magnífico, nada tem a temer dos oficiais, isto é, nada tem a desejar deles, pois as fantasias de sedução costumam essencialmente impedi-la de sair de casa sem proteção e companhia. Essa explicação para seu medo eu já tivera a oportunidade de lhe dar algumas vezes, com base em outro material.

O comportamento da sonhadora após essa interpretação é notável. Ela retira sua descrição do chapéu e alega não ter dito que as laterais pendiam. Tenho certeza de ter ouvido isso, não deixo me enganar e insisto. Ela silencia por um tempo e depois encontra a coragem para perguntar o que significa o fato de um testículo de seu marido ficar mais baixo do que o outro, e se isso ocorre em todos os homens. Assim, esse detalhe curioso do chapéu estava esclarecido, e ela aceitou toda a interpretação.

Quando a paciente me contou esse sonho, o símbolo do chapéu me era familiar havia muito tempo. Outros casos menos transparentes tinham me levado a crer que o chapéu podia representar também o genital feminino.[47]

2) O "PEQUENO" É O ÓRGÃO GENITAL — SER ATROPELADO É UM SÍMBOLO DO ATO SEXUAL [1911] (OUTRO SONHO DA MESMA PACIENTE AGORAFÓBICA)

A mãe manda a pequena filha embora, para que ela tenha de ir sozinha. Depois ela anda de trem com sua mãe e vê sua filha pequena ir diretamente para os trilhos, de modo que será atropelada. Ouve-se o ruído dos ossos sendo esmagados (nisso há um sentimento desagradável, mas não um verdadeiro horror). *Depois, ela olha pela janela do vagão para ver se é possível ver as partes lá atrás. Ela recrimina a mãe por ter deixado a pequena sair sozinha.*

ANÁLISE: Não é fácil dar a interpretação completa do sonho. Ele faz parte de um ciclo de sonhos e só pode ser compreendido plenamente na relação com os outros. É difícil isolar adequadamente o material necessário para demonstrar o simbolismo. — Primeiro a paciente acha que a viagem de trem deve ser interpretada historicamente, como alusão a uma viagem em que deixava uma clínica psiquiátrica (naturalmente, ela havia se apaixonado pelo diretor). A mãe tinha ido buscá-la; o médico foi à estação ferroviária e lhe entregou um buquê como presente de despedida. Foi desagradável para ela o fato de sua mãe testemunhar essa homenagem. Portanto, a mãe aparece como alguém que atrapalha suas inclinações amorosas, papel esse que aquela mulher rígida exerceu de fato em sua juventude. — A associação seguinte diz respeito a esta frase: "Ela olha pela janela do vagão para ver se é possível ver as partes lá atrás". A fachada do sonho levaria a pensar, naturalmente, nas partes da filha atropelada e esmagada. Mas a associação aponta para uma direção totalmente diferente. Ela se lembra de ter visto, por trás, seu pai nu no banheiro, fala sobre as diferenças sexuais e ressalta que é possível ver os órgãos genitais do homem mesmo por trás, mas não os da mulher. Nesse contexto, ela mesma interpreta que o pequeno é o órgão genital, que sua pequena (ela tem uma filha de quatro anos) é seu próprio genital. Acusa a mãe de ter exigido que vivesse como se não tivesse órgão genital, e vê essa acusação na frase inicial do sonho: "A mãe manda sua pequena embora, para que ela tenha de ir sozinha". Em sua imaginação, sair sozinha na rua significa não ter um homem, não ter relações sexuais (*coire* = ir com ["coito" vem desse verbo latino]), e isso não lhe agrada. Segundo informa, realmente sofreu, quando garota, com o ciúme da mãe por ser a preferida do pai.

Uma interpretação mais profunda desse sonho é obtida de outro sonho da mesma noite, no qual ela se identifica com o irmão. Ela realmente era uma garota com jeito de menino, e muitas vezes escutou que, com ela, o mundo havia perdido um garoto. Essa identificação com o irmão mostra claramente que o "pequeno" significa o

genital. A mãe o(a) ameaça com a castração, que só pode ser o castigo por brincar com o membro, e assim a identificação revela que ela mesma praticou a masturbação quando criança, algo que sua memória, até então, guardou apenas do irmão. Conforme esse outro sonho, já cedo ela devia ter conhecimento do genital masculino, que depois esqueceu. Esse segundo sonho também aponta para a teoria sexual infantil segundo a qual as meninas são meninos que foram castrados. Quando lhe contei essa opinião das crianças, ela vê uma confirmação dela na anedota em que um menino pergunta a uma garota: "Cortaram?", ao que ela responde: "Não, sempre foi assim".

No primeiro sonho, portanto, mandar embora a pequena, o genital, também diz respeito à ameaça de castração. Afinal, ela guarda rancor à mãe por não tê-la feito nascer menino.

O fato de que "ser atropelado" simboliza a relação sexual não seria evidente por esse sonho, se não o soubéssemos de muitas outras fontes.

3) REPRESENTAÇÃO DOS GENITAIS POR PRÉDIOS, ESCADAS, POÇOS [1911] (SONHO DE UM JOVEM INIBIDO PELO COMPLEXO PATERNO)

"Ele vai passear com o pai num lugar que é certamente o Prater,[y] *pois vê-se a* ROTUNDA *e, diante dela, uma* CONSTRUÇÃO *menor à qual está preso um* BALÃO*, que parece estar bastante* MURCHO*. O pai lhe pergunta para que serve tudo aquilo; embora admirado com a pergunta, ele lhe explica. Depois chegam a um pátio, em que há uma grande folha de metal estendida. O pai quer* ARRANCAR *um bom pedaço dela, mas antes olha em torno, para ver se ninguém vai notar. Ele lhe diz que basta falar com o vigia, e poderá levar um pedaço sem nenhum problema. Uma* ESCADA *leva desse pátio para dentro de um* POÇO*, cujas paredes são acolchoadas, como uma poltrona de couro. No final desse poço há uma plataforma comprida e, depois, começa um novo* POÇO*."*

ANÁLISE: Esse sonhador pertencia a um tipo de paciente não muito favorável do ponto de vista terapêutico, que até certo ponto não faz resistência à análise, mas depois se mostra quase inacessível. Ele interpretou esse sonho praticamente sozinho. "A rotunda", disse ele, "são meus genitais, o balão preso na frente dela é o meu pênis, cuja flacidez é motivo de queixa para mim." Podemos então traduzir mais precisamente: a rotunda seria o traseiro — que a criança costuma considerar parte dos genitais —, e o prédio menor na frente dela, o escroto. No sonho, o pai lhe pergunta para que serve tudo aquilo, ou seja, a finalidade e a função dos genitais. É razoável inverter a situação, de modo que ele se torna aquele que pergunta. Como ele nunca fez essa pergunta ao pai na realidade, é preciso ver o pensamento onírico como desejo ou entendê-lo como algo condicional: "Se eu tivesse pedido esclarecimento sexual a meu pai". A continuação desse pensamento estará em outro lugar do sonho.

O pátio em que se acha estendida a folha de metal não deve inicialmente ser compreendido de maneira simbólica; ele vem do local do comércio do pai. Por motivos de discrição, substituí o material comercializado pelo pai por "metal", a única alteração feita no relato do sonho. O sonhador entrou na loja do pai e se escandalizou com as práticas incorretas, em parte responsáveis pelo lucro. Por isso, a continuação do pensamento onírico acima deve ser: "(Se eu tivesse perguntado ao meu pai,) ele teria me enganado assim como engana seus clientes". Para o ato de *arrancar* uma parte do metal, que serve para representar a desonestidade comercial, o próprio sonhador fornece mais uma explicação: significa masturbar-se. Isso nós sabemos há algum tempo (ver acima, p. 395) e também condiz com o fato de o segredo da masturbação ser expresso pelo oposto (pode ser feito abertamente). Isso corresponde à expectativa de que a atividade masturbatória é atribuída ao pai, como a pergunta na primeira cena do sonho. Imediatamente ele interpreta o poço como sendo a vagina, invocando as paredes acolchoadas. A partir do conhecimento obtido em outras ocasiões, acrescento que "descer" — como "subir", em outros

casos — descreve o ato sexual na vagina (cf. minha observação, citada numa nota à p. 398).

Ele mesmo dá uma explicação biográfica para o detalhe de o primeiro poço terminar numa plataforma longa, depois da qual há outro poço. Ele praticou o intercurso sexual durante algum tempo, mas depois o abandonou devido a inibições, e agora espera poder retomá-lo com a ajuda do tratamento. No final o sonho fica um tanto vago, e um conhecedor achará plausível que já na segunda cena do sonho se mostre a influência de outro tema, para o qual apontam o comércio do pai, sua conduta fraudulenta e a vagina representada no primeiro poço, de modo que podemos supor uma referência à mãe.

4) O ÓRGÃO GENITAL MASCULINO SIMBOLIZADO POR PESSOAS; E O FEMININO, POR UMA PAISAGEM (SONHO DE UMA MULHER DO POVO CUJO MARIDO É UM GUARDA, COMUNICADO POR B. DATTNER)

"[…] *Então alguém invadiu a casa, e ela, com medo, gritou por um guarda. Mas este, acompanhado de dois vagabundos, foi tranquilamente para uma igreja,*[48] *à qual conduziam vários degraus.*[49] *Por trás da igreja havia uma montanha*[50] *e, no alto, uma floresta densa.*[51] *O guarda estava de capacete, gorjeira e manto.*[52] *Tinha uma grande barba castanha. Os dois vagantes, que acompanharam o guarda pacificamente, vestiam aventais como que feitos de sacos em torno dos quadris.*[53] *Na frente da igreja havia um caminho que levava à montanha. Este estava, nos dois lados, coberto de grama e mato, que se tornavam cada vez mais densos e se tornavam uma verdadeira floresta no alto da montanha.*"

5) SONHOS DE CASTRAÇÃO EM CRIANÇAS [1919]

a) "Um garoto de três anos e cinco meses, visivelmente incomodado pelo retorno do pai do campo de batalha, acorda certa manhã perturbado e agitado, sempre repetindo a pergunta: '*Por que o papai carregou sua cabeça num prato? Hoje à noite, o papai carregou sua cabeça num prato*'."

b) "Um estudante que hoje sofre de uma grave neurose obsessiva lembra que teve várias vezes o seguinte sonho, aos seis anos de idade: *Ele vai ao cabeleireiro para cortar o cabelo. Então se aproxima dele uma mulher com traços severos e corta sua cabeça. Ele reconhece a mulher como sua mãe*."

6) O SIMBOLISMO DA URINA [1914]

Os desenhos aqui reproduzidos fazem parte de uma série de imagens que Ferenczi encontrou numa revista humorística húngara (*Fidibusz*), percebendo sua utilidade para a ilustração da teoria dos sonhos. Otto Rank já aproveitou essa página, intitulada "Sonho da babá francesa", em seu trabalho sobre as camadas de símbolos nos sonhos de despertar etc. (1912 a, p. 99).

Apenas a última imagem, em que a babá desperta em consequência dos gritos da criança, indica que as sete imagens anteriores representam as fases de um sonho. O garoto manifestou um desejo e pede ajuda. O sonho, porém, substitui a situação no quarto por um passeio. Na segunda imagem, a babá já posicionou o garoto num canto, ele urina e — ela pode continuar a dormir. Mas o estímulo para despertar se mantém e até se intensifica; o garoto, vendo que não é atendido, grita cada vez mais. Quanto maior a insistência com que ele solicita que a babá acorde e o ajude, mais o sonho dela garante que tudo está bem e que ela não precisa acordar. O sonho traduz o estímulo despertador para as dimensões do símbolo. A corrente de urina produzida pelo garoto se torna cada vez maior. Na quarta imagem, ela já leva uma canoa, depois uma gôndola, um barco à vela e, finalmente, um grande navio a

vapor! A luta entre o teimoso desejo de dormir e o estímulo incansável para acordar é aí representada de modo engenhoso por um artista irreverente [1914].

7. UM SONHO COM ESCADA [1911] (COMUNICADO E INTERPRETADO POR OTTO RANK)

"O mesmo colega ao qual devo o sonho de excitação dentária (relato adiante, p. 433) me forneceu o seguinte sonho de polução, igualmente transparente:

"'*Desço correndo pela* ESCADARIA [de um prédio] *em perseguição a uma pequena garota que me fez alguma coisa, para castigá-la. Embaixo, no pé da escada, alguém* (*uma pessoa adulta do sexo feminino?*) *segura a criança para mim; eu a agarro, mas não sei se bati nela, pois de repente me vi no meio da* ESCADA, *onde tive coito com a criança* (*como que no ar*). *Na verdade, não era um coito, eu apenas esfreguei meu membro em seus genitais externos; eu os via claramente, assim como sua cabeça caída para trás e para o lado. Durante o ato sexual, vi à minha esquerda, acima de mim* (*também como que no ar*), *duas pequenas pinturas, duas paisagens que representavam uma casa no campo. Na menor, embaixo, no lugar da assinatura do pintor estava meu primeiro nome, como se fosse um presente de aniversário para mim. Havia um pedaço de papel na frente dos quadros, informando que existiam também quadros mais baratos;* (*então me vejo, de modo bastante vago, deitado na cama, como que no patamar de cima*) *e acordo com a sensação de umidade, que vem da polução.*'

"INTERPRETAÇÃO: Na noite do dia do sonho, o sonhador estivera numa livraria, onde, enquanto esperava ser atendido, contemplou alguns dos quadros expostos, que representavam temas semelhantes às imagens do sonho. Ele se aproximou de um pequeno quadro que lhe agradara muito e procurou pelo nome do pintor, que lhe era totalmente desconhecido.

"Na mesma noite, ouviu a história de uma criada da Boêmia, que se gabava de que seu filho bastardo 'havia sido feito na escada'. O sonhador procurou saber os detalhes desse episódio um tanto incomum, e descobriu que a criada havia levado

seu amante para o apartamento de seus pais, onde não fora possível ter relações sexuais, e que o homem, excitado, havia consumado o coito na escada. Então o sonhador comentou, numa alusão jocosa à maliciosa expressão usada para a falsificação de vinhos, que a criança realmente fora 'produzida na escada da adega'.

"Esses são os vínculos com o dia anterior, apresentados de modo bastante explícito no conteúdo do sonho e reproduzidos sem nenhuma dificuldade pelo sonhador. Com igual facilidade ele reproduz um fragmento de uma lembrança infantil, que também foi usado no sonho. A escadaria é a da casa em que ele passou a maior parte de sua infância e, sobretudo, em que teve o primeiro conhecimento consciente dos problemas sexuais. Ele brincava muito nessa escadaria; entre outras coisas, descia montado no corrimão e, ao fazê-lo, sentia uma excitação sexual. No sonho, ele também desce rapidamente a escada, em tamanha velocidade que, segundo seu próprio relato, nem chega a tocar os degraus, mas '*voa* para baixo', como costumamos dizer, ou escorrega. Levando em conta a experiência infantil, esse início do sonho parece representar o fator da excitação sexual. — Nessa escadaria e no apartamento, o sonhador e as crianças da vizinhança haviam brincado frequentemente, em brigas de matiz sexual, ocasiões em que ele se satisfizera como no sonho.

"Sabendo, pelas pesquisas de Freud sobre o simbolismo sexual (1910 d), que a escada e o ato de subir a escada simbolizam quase sempre o coito, o sonho se torna transparente. Sua força motriz é, como mostra também seu efeito, a polução, de natureza puramente libidinal. No estado de sono, é despertada a excitação sexual (representada no sonho pela descida rápida — deslizamento — pela escada), cujo elemento sádico, baseado nas brincadeiras de correria e luta, é indicado pela perseguição e subjugação da menina. A excitação libidinal aumenta e o compele à ação sexual (representada no sonho pela captura da menina e seu transporte para o centro da escada). Até aqui o sonho é apenas simbolicamente sexual e pouco transparente para o intérprete de sonhos inexperiente. No entanto, a excitação

libidinal é forte demais para se contentar com essa satisfação simbólica, que teria garantido a tranquilidade do sono. A excitação leva ao orgasmo, e assim todo o simbolismo da escada se revela como representação do coito. — Freud destaca o caráter rítmico dos dois atos como uma das razões para o emprego sexual do símbolo da escada, e esse sonho parece confirmar isso nitidamente, pois, segundo a informação explícita do sonhador, o ritmo de seu ato sexual, o movimento para cima e para baixo, foi o elemento mais nítido do sonho.

"Farei ainda uma observação sobre os dois quadros [*Bilder*], que, além de seu significado real, valem simbolicamente como mulheres [*Weibsbilder*], o que já vem do fato de serem um quadro grande e um pequeno, assim como no conteúdo do sonho aparecem uma menina grande (adulta) e uma pequena. A disponibilidade de quadros mais baratos leva ao complexo das prostitutas, assim como, por outro lado, o primeiro nome do sonhador no quadro pequeno e a ideia de que este seria seu presente de aniversário apontam para o complexo parental (nascido na escada = gerado no coito). A vaga cena final, em que o sonhador vê a si mesmo deitado na cama, no patamar, e tem a sensação de umidade, parece remeter não só à masturbação infantil, mas ainda mais longe na infância, tendo como modelo cenas igualmente prazerosas de enurese."

8) UM SONHO COM ESCADA MODIFICADO [1911]

Um de meus pacientes, um abstinente seriamente adoecido, cuja fantasia se fixa na mãe, teve sonhos repetidos em que subia uma escada na companhia da mãe. Digo-lhe que uma masturbação moderada provavelmente seria menos prejudicial do que sua abstinência forçada. Essa observação provoca o seguinte sonho:

"*Seu professor de piano o recrimina por negligenciar seus exercícios, por não praticar os 'estudos' de Moscheles e o* Gradus ad Parnassum *de Clementi*."

Ele observa que *Gradus* também é uma escada, e que o próprio piano é uma escada, pois contém uma escala.

É lícito afirmar que não há grupo de representações que se furte à figuração de fatos e desejos sexuais.

9) SENSAÇÃO DE REALIDADE E REPRESENTAÇÃO DA REPETIÇÃO [1919]

Um homem, que hoje tem 35 anos de idade, relata um sonho que diz ter tido aos quatro anos e do qual se lembra bem: *O tabelião que guardava o testamento do pai* — ele perdera o pai aos três anos de idade — *trouxe duas grandes peras imperiais* [Kaiserbirnen] *e lhe deu uma para comer. A outra foi colocada no parapeito da janela da sala*. Ele acordou com a convicção da realidade daquilo que sonhara e pediu insistentemente que a mãe lhe desse a segunda pera, dizendo que estava no parapeito da janela. A mãe riu disso.

ANÁLISE: O tabelião era um idoso jovial que, como o sonhador acredita lembrar, certa vez realmente lhes trouxe algumas peras. O parapeito era como ele viu no sonho. Não se lembra de mais nada; apenas que recentemente a mãe lhe contou um sonho. Ela tem dois pássaros pousados em sua cabeça e se pergunta quando eles voarão dali, mas eles não vão embora: um deles voa até sua boca e suga dela.

A falta de associações do sonhador nos dá o direito de tentar a interpretação por meio da substituição simbólica. As duas peras — *pommes ou poires* [maçãs ou peras] — são os seios da mãe, que o nutriu; o parapeito é a saliência do seio, análogo às sacadas no sonho da casa (cf. p. 398). Sua sensação de realidade após o despertar está correta, pois a mãe realmente o amamentou, bem além do tempo habitual, e o seio da mãe ainda estaria disponível. O sonho deve ser traduzido da seguinte forma: Mãe, dê(mostre)-me novamente o seio que me alimentou no passado. "No passado" é representado pelo consumo de uma das peras; "novamente", pelo desejo de comer

a segunda. A *repetição temporal* de um ato costuma ser representada no sonho pela *multiplicação* de um objeto.

Chama a atenção, naturalmente, que o simbolismo já desempenhe um papel no sonho de um menino de quatro anos de idade, mas isso não é exceção, é a regra. É possível dizer que quem sonha dispõe do simbolismo desde o início.

O ser humano se utiliza bastante cedo da representação simbólica, também fora da vida onírica, como se evidencia nesta recordação espontânea de uma mulher que hoje tem 27 anos de idade: *Ela tem entre três e quatro anos. A babá conduz ela, seu irmão onze meses mais novo e uma prima de idade intermediária até a privada, para que eles façam suas pequenas necessidades antes do passeio. Sendo a mais velha, ela usa o vaso sanitário, os dois outros se sentam em penicos. Ela pergunta à prima: você também tem um porta-níqueis? O Walter tem uma salsichinha, eu tenho um porta-níqueis. Resposta da prima: sim, eu também tenho um porta-níqueis. A babá riu ao ouvir essa conversa e conta tudo à mãe, que reage com uma reprimenda severa* [1919].

Neste ponto vou inserir um sonho, relatado por Alfred Robitsek (1912), cujo belo simbolismo permitiu uma interpretação sem muita ajuda da sonhadora:

10) "A QUESTÃO DO SIMBOLISMO NOS SONHOS DE PESSOAS SAUDÁVEIS" [1914]

"Uma objeção frequentemente levantada por adversários da psicanálise — mais recentemente também por Havelock Ellis (1911, p. 168) — é de que o simbolismo no sonho talvez seja um produto da psique neurótica, mas não teria validade para a psique normal. No entanto, assim como a pesquisa psicanalítica conhece apenas diferenças quantitativas, e não fundamentais, entre a vida psíquica normal e a neurótica, a análise dos sonhos, nos quais os complexos reprimidos agem igualmente em pessoas saudáveis e doentes, mostra a identidade plena tanto dos mecanismos como do simbolismo. Com frequência, os sonhos ingênuos de pessoas saudáveis contêm um simbolismo muito mais simples, mais transparente e mais

característico do que os de pessoas neuróticas, nos quais, devido à censura mais eficiente e à deformação onírica mais extensa dela resultante, o simbolismo é frequentemente atormentado, obscuro e difícil de interpretar. O sonho comunicado abaixo serve como ilustração desse fato. Ele provém de uma moça não neurótica de natureza austera e reservada; ao longo da conversa, descubro que ela é noiva, mas que seu casamento se deparou com obstáculos que podem adiá-lo. Ela me conta espontaneamente o seguinte sonho:

"'*I arrange the centre of a table with flowers for a birthday*' (Eu arrumo o centro de uma mesa com flores para um aniversário). Questionada, ela explica que no sonho era como se estivesse em seu lar (que atualmente não possui) e que experimentava um *sentimento de felicidade*.

"O simbolismo 'popular' me permite traduzir o sonho por mim mesmo. É expressão de seus desejos nupciais: a mesa com as flores no centro simboliza ela própria e seus órgãos genitais; ela apresenta como realizados seus desejos referentes para o futuro, já pensando no nascimento de um filho; portanto, o casamento aconteceu há muito tempo.

"Chamo sua atenção para o fato de que '*the centre of a table*' é uma expressão incomum, o que ela admite, mas naturalmente não posso lhe fazer perguntas diretas a respeito disso. Cuidadosamente evito lhe sugerir o significado dos símbolos e pergunto apenas o que as diferentes partes do sonho lhe trazem à mente. Ao longo da análise, sua reserva dá lugar a um interesse nítido pela interpretação e a uma franqueza que a seriedade da conversa torna possível. — À minha pergunta sobre o tipo de flor, ela responde inicialmente: '*expensive flowers; one has to pay for them*' (flores caras; é preciso pagar por elas), depois, que teriam sido '*lilies of the valley, violets and pinks or carnations*' (lírios-do-vale, violetas e cravos). Suponho que a palavra 'lírio', no sonho, teve o significado popular de símbolo da castidade; ela confirma a suposição, pois '*lírio*' lhe recorda '*purity*' (pureza). '*Valley*', vale, é um símbolo feminino frequente nos sonhos; assim, o encontro fortuito dos dois

símbolos no nome inglês para lírio-do-vale é usado no simbolismo do sonho para enfatizar sua preciosa virgindade — *expensive flowers, one has to pay for them* — e para expressar sua esperança de que o marido saberá reconhecer seu valor. A observação *expensive flowers* tem, como veremos, um significado diferente para cada uma das três flores simbólicas.

"Tento explicar — de forma bastante ousada, na minha opinião — o sentido secreto das '*violets*', aparentemente assexuais, por uma relação inconsciente com a palavra francesa '*viol*'. Para a minha surpresa, a sonhadora faz uma associação com '*violate*', a palavra inglesa para estuprar. O sonho aproveita a grande semelhança entre *violet* e *violate* — na fonética inglesa, as duas palavras se distinguem apenas por meio de um acento diferente da última sílaba — para expressar indiretamente [*durch die Blume*; cf. pp. 356-7] a ideia de violência que acompanha a defloração (até mesmo essa palavra recorre ao simbolismo da flor), e talvez também um traço masoquista da moça. Um belo exemplo das pontes verbais usadas nos caminhos para o inconsciente. O '*one has to pay for them*' significa a vida que ela tem de pagar para se tornar esposa e mãe.

"No tocante a '*pinks*', que ela também chama '*carnations*' [as duas palavras significam 'cravos'], penso na relação dessa palavra com '*carnal*'. Mas faz a associação com '*colour*' (cor). Acrescenta ainda que *carnations* são as flores que o noivo lhe dá *frequentemente e em grandes quantidades*. No fim da conversa, ela de repente admite que não me disse a verdade, que a palavra que lhe veio à mente não foi '*colour*', mas '*incarnation*' (encarnação), a palavra que esperei; a propósito, '*colour*' também não é uma associação distante, pois é determinada pelo significado de *carnation* — a cor da carne, ou seja, pelo complexo. Tal insinceridade mostra que a resistência era maior nesse ponto, correspondendo ao fato de que aí o simbolismo é mais transparente, a luta entre libido e repressão era mais forte nesse tema fálico. A observação de que essas flores eram um presente frequente do noivo é, juntamente com o significado duplo de *carnation*, outra indicação de seu sentido

fálico no sonho. O presente das flores é utilizado para exprimir a ideia de presente sexual e recíproco: ela dá sua virgindade e espera, em troca, uma rica vida amorosa. Também a expressão '*expensive flowers, one has to pay for them*' pode ter um significado real, financeiro. O simbolismo das flores do sonho contém, portanto, o símbolo da mulher virgem, o símbolo do homem e a referência à defloração violenta. Cabe lembrar que o simbolismo sexual das flores, que é muito difundido, representa os órgãos sexuais humanos por meio das flores, que são os órgãos sexuais das plantas; talvez o ato de presentear flores à pessoa amada tenha esse significado inconsciente.

"O aniversário [*Geburtstag*, 'dia do nascimento'] que ela organiza no sonho significa, provavelmente, o nascimento de uma criança. Ela se identifica com o noivo e o representa 'preparando-a' para um nascimento, ou seja, copulando com ela. O pensamento latente poderia ser: 'Se eu fosse ele, não esperaria, defloraria a noiva sem pedir permissão, usaria a força'; a palavra *violate* aponta para isso. Assim, também o componente sádico da libido acha expressão.

"Numa camada mais profunda do sonho, o '*I arrange* etc.' deve ter um significado autoerótico, ou seja, infantil.

"Ela também tem conhecimento, possível apenas no sonho, da modéstia de seu corpo. Ela se vê plana como uma mesa; tanto mais se destaca a preciosidade do '*centre*' (em outro momento, ela o chama de '*a centre piece of flowers*' [um centro de mesa com flores]), sua virgindade. E a horizontalidade da mesa também deve contribuir com um elemento para o símbolo. — É notável a concentração do sonho; nada é supérfluo, cada palavra é um símbolo.

"Depois ela faz um adendo ao sonho: '*I decorate the flowers with green crinkled paper*' (Decoro as flores com papel verde e crespo). Acrescenta que se trata de '*fancy paper*' (papel estampado), usado para revestir vasos comuns de flores. E continua: '*to hide untidy things, whatever was to be seen, which was not pretty to the eye; there is a gap, a little space in the flowers*'. Ou seja: 'para esconder coisas

desalinhadas, que não eram bonitas para a vista; uma brecha, um pequeno espaço entre as flores'. '*The paper looks velvet or moss*' ('o papel parece veludo ou musgo'). A '*decorate*' ela associa '*decorum*', como eu havia esperado. A cor verde predomina; ela a associa a '*hope*' (esperança), outra alusão à gravidez. — Nessa parte do sonho não predomina a identificação com o homem, o que se expressa aí são pensamentos relacionados ao pudor e à franqueza. Ela se apronta para ele, reconhece deficiências físicas, das quais se envergonha e que tenta corrigir. As associações veludo e musgo são um indício claro de que se trata dos *crines pubis* [pelos pubianos].

"O sonho é uma expressão de pensamentos que a reflexão desperta da moça mal conhece; pensamentos que se ocupam do amor sensual e seus órgãos; ela é 'preparada para um aniversário', isto é, possuída sexualmente; o medo da defloração, talvez também o sofrimento prazeroso, adquire expressão; ela reconhece suas falhas físicas e as compensa superestimando o valor de sua virgindade. Seu pudor desculpa a sensualidade que se manifesta, pois o objetivo desta é o filho. Também considerações materiais, alheias a quem ama, acham expressão. O afeto do sonho simples — o sentimento de felicidade — indica que poderosos complexos emocionais foram satisfeitos ali."

Ferenczi (1917) observou,[z] com justeza, a facilidade com que precisamente os "sonhos de pessoas sem noção [da psicanálise]" permitem conhecer o sentido dos símbolos e a significação dos sonhos.

Neste ponto insiro a análise do sonho de uma personalidade histórica do nosso tempo, pois nele um objeto que normalmente serve para representar o membro masculino tem acrescentado um atributo que o caracteriza nitidamente como símbolo fálico. O "alongamento infindável" de um chicote dificilmente pode significar outra coisa senão uma ereção. Além disso, o sonho é um belo exemplo de como pensamentos sérios e distantes da sexualidade podem ser representados por material infantil-sexual.

11) UM SONHO DE BISMARCK [1919]

(comunicado pelo dr. Hanns Sachs)

"Em seus *Gedanken und Erinnerungen* [Pensamentos e lembranças] (na *Volksausgabe*, v. 2, p. 222), Bismarck reproduz uma carta que escreveu ao imperador Guilherme em 18 de dezembro de 1881. Essa carta contém a seguinte passagem: 'A comunicação de Vossa Majestade me encoraja a narrar um sonho que eu tive na primavera de 1863, durante os dias de conflito mais difíceis, dos quais nenhum olho humano conseguia ver uma saída viável. Sonhei e relatei o sonho na manhã seguinte à minha esposa e a outras testemunhas, que *eu seguia a cavalo uma estreita trilha nos Alpes; à direita, um abismo, à esquerda, rochas; a trilha foi ficando cada vez mais estreita, de modo que o cavalo se recusou a prosseguir, mas, devido à falta de espaço, era impossível retornar ou desmontar. Então bati com o chicote à minha esquerda, contra a rocha lisa, e chamei por Deus; o chicote se alongou infindavelmente, a parede de rochas desmoronou como um pano de fundo num teatro e abriu um caminho amplo, com uma visão de colinas e florestas como na Boêmia, de tropas prussianas com bandeiras, e, ainda sonhando, me perguntei como poderia informar isso rapidamente a Vossa Majestade*. Esse sonho se realizou, e acordei alegre e fortalecido'.

"O enredo do sonho se divide em duas partes: na primeira, o sonhador se acha em apuros, de que é salvo milagrosamente na segunda parte. A situação difícil em que cavalo e cavaleiro se encontram é uma representação onírica facilmente reconhecível da posição crítica do homem de Estado, a qual, na noite anterior ao sonho, ao refletir sobre os problemas de sua política, ele deve ter sentido com amargura especial. Com a representação da virada, apresentada ao modo de uma parábola, nesse trecho da carta, o próprio Bismarck usa a imagem representada no sonho [não haver 'saída viável'] para caracterizar o desespero de sua posição na época; ela lhe era familiar, portanto. Além disso, temos aí um belo exemplo do 'fenômeno funcional' de Silberer. O que ocorre no espírito do sonhador, que a cada

solução cogitada encontra obstáculos insuperáveis, mas não pode nem consegue evitar que sua mente se ocupe dos problemas, é representado adequadamente pelo cavaleiro que não pode avançar nem recuar. O orgulho, que o impede de pensar em ceder ou renunciar, é expresso no sonho pelas palavras 'impossível retornar ou desmontar'. Na qualidade de homem ativo, sempre empenhado no bem alheio, Bismarck podia naturalmente se comparar a um cavalo, e o fez em diversas ocasiões, por exemplo, em sua famosa declaração: 'Um bom cavalo morre com seus arreios'. Interpretadas dessa forma, as palavras 'o cavalo se recusou' significam simplesmente que o homem exausto sentia a necessidade de esquecer as preocupações do presente ou, em outras palavras, que estava prestes a se livrar das amarras do princípio da realidade por meio do sono e do sonho. A realização do desejo, que se expressa de modo tão forte na segunda parte, já é também preludiada pelas palavras 'trilha nos Alpes'. É provável que Bismarck já soubesse que passaria suas próximas férias nos Alpes — em Gastein —; o sonho, que o transporta para lá, livra-o assim, repentinamente, de todos os penosos assuntos do Estado.

"Na segunda parte, os desejos do sonhador são representados duplamente — de modo franco e palpável, mas também simbólico — como realizados. Simbolicamente, pelo desaparecimento da rocha obstrutiva, no lugar da qual aparece um caminho largo — que representa a saída procurada em sua mais conveniente forma —, e, de maneira não disfarçada, na visão das tropas prussianas que avançam. Não precisamos construir laços místicos para explicar essa visão profética; a teoria freudiana da realização de desejos basta plenamente. Já nessa época Bismarck desejava uma guerra vitoriosa contra a Áustria como a melhor saída para os conflitos internos da Prússia. Ao mostrar-lhe as tropas prussianas com suas bandeiras na Boêmia, em território inimigo, o sonho representa esse desejo como realizado, como postula Freud. Relevante em termos individuais é apenas que o sonhador com o qual nos ocupamos não se satisfez com a realização no sonho, mas soube obtê-la também na realidade. Um traço que deve chamar a atenção de

todos que conhecem a técnica da interpretação psicanalítica é o chicote, que 'se alonga infindavelmente'. Chicote, bastão, lança e objetos semelhantes nos são familiares como símbolos fálicos; mas quando esse chicote possui a qualidade mais notável do falo, a capacidade de se estender, dificilmente resta mais alguma dúvida. O exagero do fenômeno, com o alongamento 'infindável', parece indicar um sobreinvestimento[aa] infantil. O fato de ele agarrar o chicote na mão é uma alusão nítida à masturbação, relacionado não às circunstâncias atuais do sonhador, mas ao desejo de uma infância remota. Muito valiosa é aqui a interpretação oferecida pelo dr. Stekel, segundo a qual a esquerda, no sonho, significa o erro, o proibido, o pecado, o que se aplicaria muito bem à masturbação infantil, praticada a despeito de sua proibição. Entre essa camada infantil e mais profunda e a camada mais superficial, que se ocupa dos planos atuais do homem de Estado, podemos identificar ainda uma camada intermediária, relacionada às outras duas. O processo da liberação milagrosa de uma situação de apuro mediante um golpe na rocha e a invocação de Deus lembra notavelmente a cena bíblica em que Moisés, ao bater numa rocha, faz brotar água para os filhos sedentos de Israel. Podemos supor perfeitamente que Bismarck, que era de uma família protestante amante da Bíblia, conhecia muito bem essa passagem. Naquele tempo de conflito, Bismarck podia se identificar facilmente com o líder Moisés, que foi recompensado com insurreição, ódio e ingratidão pelo povo que queria libertar. Nisso estaria a relação com os desejos contemporâneos do sonhador. Por outro lado, a passagem bíblica contém detalhes que se aplicam muito bem à fantasia de masturbação. Violando o mandamento de Deus, Moisés pega no bastão, e o Senhor o castiga anunciando que ele morrerá sem pisar na Terra Prometida. O uso proibido do bastão — símbolo fálico inequívoco no sonho —, a produção de um líquido em decorrência disso e a ameaça de morte — temos aqui os elementos principais da masturbação infantil. Interessante é a elaboração que, por meio da passagem bíblica, e conseguindo eliminar os elementos embaraçosos, funde as duas imagens heterogêneas, das quais

uma vem da psique do estadista genial e a outra, dos impulsos da alma infantil primitiva. O fato de que pegar o bastão representa um ato proibido e rebelde é indicado simbolicamente pela mão 'esquerda' que executa esse ato. No conteúdo manifesto do sonho, porém, Deus é invocado nesse instante, como que para refutar ostensivamente qualquer ideia de proibição ou coisa oculta. Das duas promessas que Deus faz a Moisés — de que ele verá a Terra Prometida, mas não pisará nela —, uma é representada como claramente cumprida ('vista de colinas e florestas'); a outra, muito embaraçosa, nem é mencionada. Muito provavelmente, a água foi omitida na elaboração secundária, que teve êxito ao juntar essa cena com a anterior; no lugar da água, é a própria rocha que cai.

"Seria de esperar que no final de uma fantasia masturbatória infantil que inclui o tema da proibição a criança deseje que as figuras de autoridade à sua volta não saibam do ocorrido. No sonho, esse desejo é substituído pelo oposto, pelo desejo de informar imediatamente ao rei o que aconteceu. Mas essa inversão se adéqua perfeitamente à fantasia de vitória que se acha na camada superficial dos pensamentos oníricos e numa parte do conteúdo manifesto do sonho. Um sonho assim, de vitória e conquista, serve frequentemente como disfarce para um desejo de conquista erótica; certos traços do sonho, como a resistência à penetração, o caminho largo que se abre após o uso do chicote alongado, poderiam indicar isso, mas não são suficientes para constatar uma direção precisa de pensamentos e desejos que percorra o sonho inteiro. Temos aqui um exemplo típico de uma deformação onírica bem-sucedida. O elemento escandaloso foi reelaborado de tal forma que não se projeta além do tecido que se estende sobre ele como véu protetor. A consequência disso é que qualquer desencadeamento de angústia pôde ser impedido. Trata-se de um caso ideal de realização de desejo bem-sucedida, sem violação da censura, de modo que entendemos como o sonhador pôde despertar desse sonho 'alegre e fortalecido'."

Encerro com

de um homem jovem que tentava renunciar aos seus hábitos de masturbação, para ter relações com mulheres.

PREÂMBULO: No dia anterior ao sonho, ele havia explicado a um estudante a reação de Grignard, na qual magnésio é dissolvido em éter absolutamente puro sob a ação catalítica do iodo. Dois dias antes, essa mesma reação havia provocado uma explosão em que um trabalhador queimou a mão.

SONHO: I) *Ele deve preparar brometo de fenilmagnésio, vê com nitidez o equipamento, mas substitui a si mesmo pelo magnésio. Ele se encontra num estado peculiarmente instável, diz a si mesmo o tempo todo: "Isso está certo, está indo, meus pés já estão se dissolvendo, meus joelhos estão amolecendo". Então ele estende a mão, apalpa seus pés; enquanto isso, tira (sem saber como) suas pernas da retorta, dizendo a si mesmo repetidas vezes: "Isso não pode ser. — Mas sim, está bem-feito". Ele acorda parcialmente, repete o sonho para si mesmo, porque pretende contá-lo para mim. Tem medo da resolução do sonho, está muito agitado durante esse meio-sono e repete para si mesmo o tempo todo: Fenil, fenil.*

II) *Ele está com toda a família em ***ing [algum subúrbio de Viena], deve comparecer às 11h30 no Schattentor para um encontro com certa dama, mas acorda apenas às 11h30. Diz a si mesmo: "Já é muito tarde; você não conseguirá chegar antes das 12h30". No instante seguinte, vê toda a sua família reunida em torno da mesa, vê de modo especialmente nítido a mãe e a empregada com a terrina de sopa. Então diz a si mesmo: "Já que estamos comendo, não posso mais sair daqui".*

ANÁLISE: Ele tem certeza de que já o primeiro sonho tem alguma relação com a mulher de seu encontro (o sonho ocorreu na noite anterior ao encontro esperado). O estudante ao qual deu as explicações é um rapaz especialmente repugnante; ele lhe disse: "Isso não está certo, pois o magnésio ainda estava totalmente intocado", e o rapaz lhe respondeu, como se não se importasse: "E daí se não estiver certo?". Esse estudante deve ser ele mesmo [o paciente], é tão indiferente em relação à sua

análise quanto o outro em relação à sua *síntese* —, o "ele" no sonho, porém, que executa a operação, sou eu. Como ele deve me repugnar com sua indiferença em relação ao êxito!

Por outro lado, ele é aquilo com o que a análise (síntese) é feita. Trata-se do êxito do tratamento. As pernas no sonho lembram uma impressão de ontem à noite. Na aula de dança, ele encontrou uma mulher que deseja conquistar; apertou-a com tanta força contra seu corpo que ela chegou a gritar. Quando aliviou a pressão contra as pernas da mulher, ele sentiu a forte contrapressão dela na parte inferior de sua perna até acima do joelho, as partes mencionadas no sonho. Nessa situação, a mulher é o magnésio na proveta, com o qual tudo finalmente dá certo. Ele é feminino em relação a mim, assim como é viril em relação à mulher. Se tudo funcionar com a mulher, funcionará também com a cura. O fato de ele apalpar a si mesmo e as percepções em seus joelhos apontam para masturbação e correspondem ao seu cansaço do dia anterior. — O encontro realmente havia sido marcado para as 11h30. Seu desejo de dormir mais e de ficar com os objetos sexuais domésticos (isto é, a masturbação) corresponde à sua resistência.

No tocante à repetição do nome "fenil", ele informa que sempre gostou desses radicais terminados em *il*, seu emprego é muito cômodo: benzil, *Azetyl* [acetileno] etc. Isso nada explica, mas quando lhe sugiro o radical *Schlemihl* [azarado], ele ri muito e conta que leu um livro de Marcel Prévost durante o verão, e neste havia um capítulo intitulado "Les exclus de l'amour" [Os excluídos do amor], que falava sobre os "*schlemiliés*" ["schlemiliados"]; ao ler a descrição destes, disse a si mesmo: "Este é o meu caso". Também teria sido uma "schlemileria" se ele tivesse faltado ao encontro [1909].

Parece que o simbolismo sexual do sonho já teve uma confirmação experimental direta. Em 1912, por sugestão de H. Swoboda, o doutor em filosofia K. Schrötter provocou sonhos em pessoas profundamente hipnotizadas, com uma sugestão que estabelecia grande parte do conteúdo do sonho. Quando a sugestão dizia para

sonhar com uma relação sexual normal ou anormal, o sonho, seguindo a sugestão, substituía o material sexual pelos símbolos que conhecemos da interpretação psicanalítica dos sonhos. Assim, após uma mulher ter recebido a sugestão de sonhar tendo relação homossexual com uma amiga, ela teve um sonho em que essa amiga aparecia com uma bolsa de viagem surrada na mão, na qual estava colado um bilhete que dizia em letras impressas: "Apenas para mulheres". Segundo o relato, a sonhadora jamais foi informada sobre o simbolismo e a interpretação dos sonhos. Infelizmente, o aproveitamento dessa pesquisa significativa é dificultado pelo triste fato de que o dr. Schrötter se suicidou logo depois. Sobre esses experimentos com sonhos temos apenas uma comunicação provisória no *Zentralblatt für Psychoanalyse* (Schrötter, 1912) [1914].

G. Roffenstein publicou resultados semelhantes em 1923. Especialmente interessantes, porém, parecem ser os experimentos realizados por Betlheim e Hartmann, porque não utilizaram a hipnose. Esses autores ("Über Fehlreaktionen bei der Korsakoffschen Psychose", 1924) contaram histórias de conteúdo sexual grosseiro a pacientes que tinham a síndrome de Korsakoff e observaram as deformações que ocorriam na reprodução das histórias. Revelou-se que apareciam os símbolos que conhecemos da interpretação dos sonhos (subir escadas, furar e atirar como símbolos do coito, faca e cigarro como símbolos do pênis). Um valor especial é atribuído ao surgimento do símbolo da escada, porque, como os autores observam corretamente, "um desejo de deformação consciente não atinaria com uma simbolização desse tipo" [1925].

Apenas agora, após examinar o simbolismo nos sonhos, podemos retomar a abordagem dos sonhos típicos, interrompida acima, na página 317. Creio que podemos, grosso modo, dividir esses sonhos em duas classes: em sonhos que realmente sempre têm o mesmo sentido e sonhos que, a despeito do conteúdo igual ou parecido, devem ser interpretados das maneiras mais diversas. Entre os sonhos típicos da primeira espécie, já tratei mais detalhadamente do sonho de exame [1909].

Por causa do sentimento semelhante, os sonhos de não alcançar o trem devem ser incluídos entre os sonhos de exame. Seu esclarecimento justifica essa aproximação. Trata-se de sonhos de consolo para outra angústia sentida no sono, o medo de morrer. "Partir em viagem" é um dos símbolos da morte mais frequentes e mais fáceis de explicar. O sonho nos consola, dizendo: "Fique tranquilo, você não vai morrer (partir)", assim como o sonho de exame dizia: "Não tema; desta vez também não vai lhe acontecer nada". A dificuldade de compreender os dois tipos de sonho vem do fato de que a sensação de angústia está ligada justamente à expressão de consolo [1911].

O sentido dos "*sonhos de estímulo dentário*", que tive de analisar diversas vezes em meus pacientes, me escapou durante muito tempo, porque, para minha surpresa, a interpretação deparava com resistências muito fortes.

Por fim, a enorme evidência não deixou dúvida de que nos homens a força motriz desses sonhos vem dos desejos de masturbação na puberdade. Quero analisar dois sonhos desse tipo, um dos quais é, ao mesmo tempo, um "sonho de voar". Ambos são da mesma pessoa, um homem jovem com homossexualidade forte, mas inibida em sua vida.

Ele está numa apresentação de Fidélio, *na plateia da ópera, ao lado de L., uma pessoa simpática, cuja amizade ele gostaria de ter. De repente, ele voa por cima da plateia até o lado oposto, coloca a mão na boca e arranca dois dentes.*

Ele descreve o voo como se tivesse sido "jogado" no ar. Como se trata de uma apresentação do *Fidélio*, lembramo-nos do verso:

> *Quem conquistou uma mulher graciosa —*

Mas conquistar uma mulher, por mais graciosa que seja, não é desejo do sonhador. Seu desejo se expressa melhor em dois outros versos:

> *Quem realizou a grande jogada*

De ser amigo de um amigo […][ab]

O sonho contém essa "grande jogada", que não é, porém, apenas a realização de um desejo. Também se esconde por trás dela a reflexão dolorosa de que muitas vezes ele fracassou nas tentativas de conquistar uma amizade, que foi "jogado para fora", e o medo de que isso poderá se repetir com o jovem na companhia do qual ele desfruta a apresentação de *Fidélio*. E a isso se relaciona a confissão, vergonhosa para o sonhador sensível, de que certa vez, após ser recusado por um amigo, se masturbou duas vezes seguidas, excitado, ansiando por ele.

O outro sonho: *Dois professores da universidade, seus conhecidos, o tratam em meu lugar. Um deles faz algo com seu membro; ele tem medo de uma operação. O outro bate com uma barra de ferro em sua boca, de modo que ele perde um ou dois dentes. Ele está amarrado com quatro panos de seda.*

O sentido sexual desse sonho é indubitável. Os panos de seda correspondem a uma identificação com um homossexual conhecido seu. O sonhador, que jamais praticou um coito e que, na realidade, nunca procurou ter relações sexuais com homens, imagina o ato sexual segundo o modelo da masturbação na puberdade, que lhe era familiar.

Creio que as frequentes modificações do típico sonho de estímulo dentário, por exemplo, quando outra pessoa extrai o dente do sonhador e coisas semelhantes, podem ser explicadas da mesma forma.[54] Talvez pareça enigmático o modo como o "estímulo dentário" alcança esse significado. Chamo a atenção para a frequência da transposição de baixo para cima, que está a serviço da repressão sexual e graças à qual, na histeria, todos os tipos de sensações e intenções, que deveriam ocorrer nos órgãos genitais, podem se realizar pelo menos em outras partes irrepreensíveis do corpo. Também sucede um caso de transposição desses quando, no simbolismo do pensamento inconsciente, os órgãos genitais são substituídos pelo rosto. O uso da linguagem acompanha isso quando vê correspondência entre as "*Hinterbacken*" [nádegas; literalmente: "bochechas traseiras"] e as bochechas e compara os

"*Schamlippen*" [grandes lábios; literalmente: "lábios do pudor"] aos lábios que emolduram a fenda bucal. Em numerosas alusões o nariz é equiparado ao pênis; os pelos de um e outro completam a semelhança. Apenas uma estrutura está fora de toda possibilidade de comparação, os dentes, e é justamente essa coincidência de concordância e dessemelhança que os torna adequados para os fins da representação, sob a influência da repressão sexual.

Não afirmo que a interpretação do sonho de estímulo dentário como sonho de masturbação — para mim inquestionável — esteja inteiramente clara.[55] Dou a explicação de que sou capaz, deixando um resto irresolvido. Mas devo apontar outra relação que se acha na linguagem. Em nosso país há uma designação vulgar para o ato da masturbação: *sich einen ausreissen* ou *sich einen herunterreissen* [literalmente, "arrancar um de si mesmo" ou "puxar um para baixo"].[56] Não sei dizer de onde vêm essas expressões, em que imagens se baseiam, mas um "dente" combinaria muito bem com a primeira [1909].

Visto que os sonhos de extração ou perda de dentes são interpretados pela crença popular como indicação da morte de um parente, mas a psicanálise lhes concede tal significado apenas no sentido paródico acima aludido, incluirei aqui um "sonho de estímulo dentário" comunicado por Otto Rank:

"Um colega que vem se interessando cada vez mais pelos problemas da interpretação dos sonhos me enviou o seguinte relato, sobre o tema dos sonhos de estímulo dentário:

"'*Sonhei recentemente que estava no dentista. Ele usa a broca num dente posterior da minha mandíbula, e trabalha tanto nele que o dente se torna imprestável. Então ele o pega com o alicate e o arranca, com uma facilidade que me surpreende. Diz que não devo me preocupar, pois não é o dente tratado, e o coloca na mesa, onde o dente* (*que, agora me parece, é um incisivo superior*) *se desfaz em várias camadas. Eu me levanto da cadeira de cirurgia, me aproximo com curiosidade e, interessado, faço uma pergunta médica. Enquanto separa os pedaços do dente notavelmente branco e os esmaga*

(*pulveriza*) *com um instrumento, o médico me explica que isso tem a ver com a puberdade e que os dentes só saem com tamanha facilidade antes da puberdade; no caso das mulheres, o momento decisivo para isso seria o nascimento de um filho.*

"'Percebo então (acho que meio dormindo) que esse sonho foi acompanhado de uma polução, mas não posso dizer com certeza em que instante do sonho ela ocorreu; o mais provável, para mim, é que tenha sido quando o dente foi extraído.

"'Continuo então a sonhar com algo do qual não me lembro mais, em que, no final, *deixo o chapéu e o casaco em algum lugar* (*possivelmente no cabide do dentista*), *esperando que alguém os levará para mim depois, e, vestindo apenas o sobretudo, me apresso para alcançar um trem que está partindo. No último momento, consigo pular no vagão que fica mais atrás, onde já tem alguém. No entanto, não pude mais chegar ao interior do vagão e tive que fazer a viagem numa posição incômoda, da qual tentei sair e finalmente consegui. Atravessamos um túnel longo, quando dois trens, vindos no sentido contrário, atravessam o nosso trem como se este fosse o túnel. Como se eu estivesse fora, olho por uma janela do vagão.*'

"Os seguintes eventos e pensamentos do dia anterior se oferecem como material para uma interpretação desse sonho:

"'I. Eu estava realmente em tratamento dentário, e na época do sonho sentia dores constantes no dente da mandíbula que é escavado no sonho, e no qual o dentista realmente trabalhava havia mais tempo do que era do meu agrado. Na manhã do dia do sonho, eu havia retornado ao dentista por causa das dores. Ele que me propôs extrair um dente da mandíbula, mas outro que não o que estava sendo tratado; provavelmente, a dor era causada por aquele. Era um 'dente do siso' que estava nascendo. Nessa ocasião, eu lhe fiz uma pergunta relativa à sua consciência médica.'

"'II. Na tarde daquele mesmo dia, tive de mencionar a uma senhora minha dor no dente, como desculpa por meu mau humor, e ela me contou que tinha medo de extrair uma raiz cuja coroa estava praticamente destruída. Ela achava que a extração

dos caninos era especialmente dolorosa e perigosa, apesar de uma conhecida sua ter lhe dito que a extração de dentes do maxilar superior (o caso dela) era mais fácil. Essa conhecida lhe contara também como lhe haviam extraído um dente errado sob anestesia, informação esta que serviu apenas para aumentar seu medo da cirurgia necessária. Então me perguntou se os dentes chamados *Augenzähne* [caninos superiores] eram molares ou caninos e o que se sabia sobre eles. Chamei sua atenção para o matiz supersticioso de todas essas opiniões, mas sem deixar de enfatizar a essência correta de algumas concepções populares. Ela me falou sobre uma crença popular muito antiga e conhecida, segundo a qual *quando uma mulher grávida está com dor de dente, ela terá um menino*.

"'III. Esse dito popular me interessou devido ao significado típico dos sonhos de estímulo dentário como substitutos da masturbação, comunicado por Freud em sua *Interpretação dos sonhos* (2. ed., pp. 193 s.), pois nele também se faz alguma relação entre o dente e o genital masculino (do menino). Na noite daquele mesmo dia, reli essa passagem da *Interpretação* e lá encontrei, entre outras coisas, as seguintes explicações, cuja influência sobre meu sonho é tão clara quanto o efeito dos dois eventos mencionados. Freud escreve sobre os sonhos de estímulo dentário que 'nos homens a força motriz desses sonhos vem dos desejos de masturbação da puberdade'. E acrescenta: 'Creio que as frequentes modificações do típico sonho de estímulo dentário, por exemplo, quando outra pessoa extrai o dente do sonhador e coisas semelhantes, podem ser explicadas da mesma forma. Talvez pareça enigmático o modo como o 'estímulo dentário' alcança esse significado. Chamo a atenção para a frequência da transposição de baixo para cima (neste sonho, também da mandíbula para o maxilar superior), que está a serviço da repressão sexual e graças à qual, na histeria, todos os tipos de sensações e intenções, que deveriam ocorrer nos órgãos genitais, podem se realizar pelo menos em outras partes irrepreensíveis do corpo'. 'Mas devo apontar outra relação que se acha na linguagem. Em nosso país há uma designação vulgar para o ato da masturbação:

sich einen ausreissen ou *sich einen herunterreissen* [literalmente, 'arrancar um de si mesmo' ou 'puxar um para baixo'].' Eu conhecia essa expressão para designar o onanismo desde muito jovem, e a partir disso o intérprete de sonhos experiente não terá dificuldade em chegar ao material da infância subjacente ao sonho. Menciono ainda que a facilidade com que o dente sai no sonho (e depois da extração ele se transforma em um canino superior) me lembra um episódio da infância em que tirei facilmente e sem dor um dente superior da frente, que já estava frouxo. Esse evento, do qual me recordo ainda hoje em todos os detalhes, é do mesmo período em que fiz os primeiros experimentos conscientes com a masturbação (lembrança encobridora).

"A referência de Freud a uma comunicação de C. G. Jung, segundo a qual os sonhos de estímulo dentário em mulheres têm o significado de sonhos de parto (*Interpretação dos sonhos*, 2. ed., p. 194, nota) e também a crença popular sobre o significado da dor de dente em mulheres grávidas ensejaram o contraste feito no sonho entre o significado feminino e o masculino (puberdade). Isso me faz lembrar um sonho mais antigo. Pouco tempo após o dentista ter completado o tratamento, sonhei que as coroas de ouro [*Goldkronen*] recém-colocadas haviam caído, o que me irritou muito no sonho por causa da quantia considerável que eu havia pagado. Agora entendo esse sonho, em relação com determinada experiência, como defesa das vantagens materiais da masturbação diante do amor objetal, economicamente mais desvantajoso em todas as suas formas (*Goldkronen*),[ac] e creio que a comunicação daquela senhora sobre o significado da dor de dente em mulheres grávidas provocou em mim esses pensamentos."

Essa foi a interpretação esclarecedora e, a meu ver, inteiramente certa desse colega, à qual nada tenho a acrescentar senão uma referência ao sentido provável da segunda parte do sonho, que, através das pontes verbais *Zahn-*(*ziehen-Zug; reissen-reisen*) [dente-(puxar ou extrair-trem; arrancar-viajar)], representa a passagem do sonhador, provavelmente difícil, da masturbação para a relação sexual (túnel, pelo

qual os trens entram e saem em diversas direções) e os perigos desta (a gravidez, o sobretudo [isto é, o preservativo]; cf. p. 223).

"Do ponto de vista teórico, o caso me parece interessante em dois aspectos. Primeiro, serve para comprovar o nexo revelado por Freud, em que a ejaculação no sonho ocorre no ato da extração do dente. Somos obrigados a ver a polução, qualquer que seja a forma em que se dê, como satisfação masturbatória produzida sem recurso a estímulos mecânicos. Nesse caso, a satisfação da polução não ocorre, como em outras ocasiões, com um objeto, ainda que apenas imaginário, mas não tem objeto; se assim podemos dizer, é puramente autoerótica e permite reconhecer, no máximo, um leve matiz homossexual (o dentista).

"O segundo ponto que me parece merecer destaque é o seguinte. Pode-se objetar que nesse caso é supérfluo recorrer à concepção freudiana, dado que os eventos da véspera bastam inteiramente para nos tornar compreensível o conteúdo do sonho. A visita ao dentista, a conversa com a senhora e a leitura da *Interpretação dos sonhos* explicam suficientemente como produz esse sonho o indivíduo adormecido, perturbado pelas dores de dente também à noite; é possível até dizer que o sonho afastaria a dor que perturba o sono (representando a extração do dente que dói e, ao mesmo tempo, cobrindo a temida sensação de dor com a libido). Mas, mesmo admitindo tudo isso, ninguém afirmaria seriamente que a leitura das explicações de Freud teria gerado ou apenas ativado no sonhador o nexo entre extração do dente e ato de masturbação, se tal nexo não tivesse sido formado muito tempo antes, como o próprio sonhador confessou ('*sich einen ausreissen*'). O que pode ter avivado essa relação, além da conversa com a senhora, é revelado numa comunicação posterior do sonhador, segundo a qual, ao ler a *Interpretação dos sonhos*, por razões compreensíveis ele não se dispôs a crer nesse significado típico dos sonhos de estímulo dentário e desejou saber se isso valia para todos os sonhos desse tipo. O sonho lhe confirma isso, ao menos no tocante a sua própria pessoa, e assim lhe mostra por que teve que duvidar disso. Portanto, sonho é, também nesse aspecto, a

realização de um desejo, o de se convencer do alcance e da validade dessa concepção freudiana" [1911].

Ao segundo grupo de sonhos típicos pertencem aqueles em que voamos ou flutuamos, caímos, nadamos etc. O que significam esses sonhos? Não existe uma resposta geral. Significam, como veremos, algo diferente em cada caso; apenas o material de sensações contidos neles provém sempre da mesma fonte [1909].

As informações que obtemos através das psicanálises nos levam a concluir que também esses sonhos repetem impressões da infância, que eles se relacionam com as brincadeiras de movimento, muito atraentes para as crianças. Que tio já não fez uma criança voar, levando-a nos braços estendidos e correndo pela sala, ou brincou de fazer a criança cair, balançando-a nos joelhos e de repente esticando a perna, ou jogando-a para o alto? As crianças gritam de alegria e exigem incansavelmente uma repetição, sobretudo quando sentem um pouco de medo ou vertigem. Anos depois, criam a repetição nos sonhos, mas excluem as mãos que as sustentavam, de modo que flutuam ou caem livremente. É conhecida a preferência das crianças pequenas por essas brincadeiras e por balanços e gangorras; e quando veem os números de ginástica no circo, a lembrança é novamente refrescada. Em alguns garotos, a crise histérica consiste apenas em reproduções desses números, que eles executam com grande habilidade. Não é raro que essas brincadeiras de movimento, inofensivas em si mesmas, também provoquem sensações sexuais. Para dizê-lo com uma palavra muito usada entre nós, que abarca todos esses atos: é o "*hetzen*" na infância [ato de correr atrás, perseguir], que os sonhos de voo, queda, vertigem etc. repetem, mas cujos sentimentos de prazer são então convertidos em medo. Mas como toda mãe sabe muito bem, essas brincadeiras terminam muitas vezes em brigas e choro [1900].

Portanto, tenho boas razões para rejeitar a explicação segundo a qual os sonhos de voar e cair são provocados por sensações de nossa pele durante o sono, pelo movimento dos nossos pulmões etc. A meu ver, tais sensações são reproduzidas

com base na lembrança a que o sonho se refere, são parte do conteúdo do sonho, e não fontes do sonho[57] [1900].

Esse material, consistindo em sensações de movimento do mesmo tipo e provenientes da mesma fonte, é usado para representar os mais variados pensamentos oníricos. Os sonhos de voar ou flutuar, que geralmente são prazerosos, pedem as mais variadas interpretações, muito especiais em algumas pessoas, de natureza típica em outras. Uma de minhas pacientes sonhava frequentemente que estava flutuando acima da rua em determinada altura, sem tocar o chão. Ela era de baixa estatura e temia alguma contaminação causada pelo trato com as pessoas. Seu sonho de flutuação realizava seus dois desejos, elevando seus pés acima do chão e erguendo sua cabeça para as regiões mais altas. Em outras sonhadoras, o sonho de voo expressava um anseio: "Ah, se eu fosse um passarinho"; outras se transformavam em anjos durante a noite, sentindo falta de serem chamadas assim durante o dia. A relação íntima entre o voar e a representação do pássaro torna compreensível que nos homens o sonho de voar tenha muitas vezes um significado sensual grosseiro. Também não nos surpreendemos ao ouvir que este ou aquele sonhador sempre se orgulha de sua capacidade de voar [1909].

O dr. Paul Federn (de Viena) fez a atraente conjectura de que boa parte desses sonhos de voo seria de sonhos de ereção, pois o curioso fenômeno da ereção, que constantemente ocupa a imaginação humana, não deixa de impressionar, como se cancelasse a gravidade (cf., a propósito, os falos com asas da Antiguidade) [1911].

É notável que Mourly Vold, esse experimentador sóbrio e avesso a toda interpretação, também defenda a interpretação erótica dos sonhos de voo (flutuação) (1910-2, v. 2, p. 791). Ele considera o erotismo "o motivo mais importante do sonho de flutuação", invoca a forte sensação de vibração do corpo, que acompanha esses sonhos, e o vínculo frequente entre esses sonhos e a ereção ou polução [1914].

Os sonhos de *cair* são mais frequentemente caracterizados pela angústia. Nas mulheres, sua interpretação não oferece dificuldade, pois elas quase sempre aceitam o emprego simbólico da queda, que seria a indulgência ante uma tentação erótica. Ainda não esgotamos as fontes infantis do sonho de queda; quase todas as crianças já caíram eventualmente e foram então levantadas e acariciadas; à noite, quando caíam de sua pequena cama, a pessoa que cuidava delas as levava para sua cama [1909].

Pessoas que têm frequentes sonhos de *nadar*, em que abrem caminho nas ondas com muito gosto etc., foram habitualmente pessoas que molhavam a cama e agora repetem no sonho um prazer ao qual aprenderam a renunciar há muito tempo. Logo veremos, em alguns exemplos, as representações a que os sonhos de nadar se prestam facilmente [1909].

A interpretação dos sonhos de *fogo* corrobora uma proibição da infância, segundo a qual as crianças não devem brincar com fogo, para não molhar a cama durante a noite. Eles têm por base a reminiscência da *enuresis nocturna* dos anos da infância. Em *Análise fragmentária de uma histeria* (1905) forneci a análise e a síntese completas de um desses sonhos de fogo no contexto do caso clínico da sonhadora e mostrei quais impulsos da época adulta podem ser representados por esse material infantil [1911].

Poderíamos mencionar ainda toda uma série de sonhos "típicos", se entendermos estes como o retorno frequente do mesmo conteúdo manifesto do sonho em sonhadores diferentes; por exemplo: os sonhos em que se vai por becos estreitos, em que se anda por toda uma sequência de quartos, os sonhos do ladrão noturno, ao qual se referem também as medidas de precaução dos nervosos, os sonhos de perseguição por animais selvagens (touros, cavalos) ou de ameaça com facas, punhais, lanças, os dois últimos sendo característicos do conteúdo onírico manifesto de pessoas que sofrem de angústia etc. Uma pesquisa voltada especificamente para esse material seria muito proveitosa. Em vez dela, posso oferecer algumas

observações, que, no entanto, não se referem exclusivamente aos sonhos típicos [1909].

Quanto mais nos ocupamos da resolução de sonhos, mais somos levados a reconhecer que a maioria dos sonhos de adultos trata de material sexual e expressa desejos eróticos. Apenas quem realmente analisa os sonhos, isto é, quem consegue avançar do seu conteúdo manifesto para os pensamentos latentes, pode formar um juízo sobre isso, jamais quem se contenta em registrar o conteúdo manifesto (como faz Näcke, por exemplo, em seus trabalhos sobre sonhos sexuais). Assinalemos que esse fato em nada nos surpreende; antes concorda inteiramente com os princípios da nossa explicação dos sonhos. Nenhum outro instinto sofreu tanta opressão desde a infância quanto o instinto sexual em seus numerosos componentes,[58] de nenhum outro restam desejos inconscientes tão numerosos e tão fortes, que no sono atuam produzindo os sonhos. Jamais podemos esquecer essa importância dos complexos sexuais na interpretação dos sonhos; naturalmente, também não devemos exagerá-la a ponto de excluir o resto [1909]. Uma interpretação cuidadosa permite constatar que muitos sonhos devem ser entendidos como bissexuais, pois admitem uma "sobreinterpretação" irrefutável, em que se realizam impulsos homossexuais, isto é, contrários à atividade sexual normal do sonhador. Mas afirmar, como fazem Stekel[59] e Adler,[60] que todos os sonhos devem ser interpretados como bissexuais parece-me uma generalização indemonstrável e improvável, que não defendo. Eu não poderia, sobretudo, ignorar a evidência de que existem numerosos sonhos que satisfazem necessidades que não são sexuais (no sentido mais amplo): os sonhos de fome e sede, os sonhos de comodidade etc. Também declarações semelhantes, como a de que "por trás de cada sonho se encontra a cláusula da morte" (Stekel) e de que todo sonho revela "um avanço da linha feminina para a linha masculina" (Adler), me parecem ultrapassar bastante a medida do plausível na interpretação dos sonho [1911]. — A afirmação de que *todos os sonhos requerem uma interpretação sexual*, criticada incessantemente na literatura sobre o tema, é alheia à minha

Interpretação dos sonhos. Não se encontra em nenhuma das sete edições deste livro e contraria de forma evidente o conteúdo restante dele [1919].

Já afirmamos em outro lugar que os sonhos especialmente *inofensivos* sempre incorporam desejos eróticos grosseiros, e poderíamos confirmar isso por inúmeros exemplos novos. Mas também muitos sonhos que parecem indiferentes, que não revelam nada de peculiar em nenhum sentido, após a análise remontam a desejos inquestionavelmente sexuais e muitas vezes de um tipo inesperado. Por exemplo, quem suspeitaria, antes do trabalho de interpretação, um desejo sexual no seguinte sonho? O sonhador relata: *Há, entre dois palácios imponentes, uma pequena casa um tanto recuada, que tem as portas fechadas. Minha esposa me leva pela rua até a casinha, empurra a porta, e eu entro rápida e facilmente num pátio inclinado* [1909].

Quem tiver alguma prática na tradução de sonhos lembrará imediatamente que adentrar aposentos estreitos, abrir portas trancadas é um dos símbolos sexuais mais comuns e descobrirá nesse sonho com facilidade a representação de uma tentativa de coito por trás (entre as duas nádegas imponentes do corpo feminino). O corredor estreito inclinado é, naturalmente, a vagina; a ajuda atribuída à esposa do sonhador impõe a interpretação de que na realidade apenas a consideração pela esposa o impedia de fazer essa tentativa, e foi revelado que no dia do sonho uma jovem doméstica havia começado a trabalhar na casa do sonhador. Esta lhe agradara muito e lhe dera a impressão de que não rejeitaria uma aproximação desse tipo. A pequena casa entre os dois palácios vem de uma reminiscência do Hradčyn [Castelo] de Praga e alude à moça, que era dessa cidade [1909].

Quando insisto com os pacientes sobre a frequência do sonho de Édipo, do desejo de ter relações sexuais com a própria mãe, eles respondem: "Não consigo me lembrar de um sonho desse tipo". Mas logo em seguida emerge a lembrança de outro sonho, irreconhecível e indiferente, que se repetiu com frequência, e a análise mostra que é um sonho de conteúdo igual, ou seja, um sonho edípico. Posso

garantir que os sonhos de relações sexuais com a mãe são muito mais frequentes em sua forma dissimulada do que os sonhos francos[61] [1909].

Existem sonhos de paisagens ou locais em que é enfatizada, no próprio sonho, a certeza de que "já estive aqui" [1909]. Esse "*déjà-vu*" tem um significado especial [frase acrescentada em 1914]. Esse local é sempre o órgão genital da mãe; não existe outro lugar de que podemos dizer com tamanha certeza que já estivemos lá [1909]. Uma única vez, um neurótico obsessivo me deixou perplexo ao contar um sonho em que ele visitava um apartamento no qual já estivera *duas vezes*. Mas foi justamente esse paciente que, muito tempo antes, me contara um fato ocorrido aos seis anos de idade. Na época, ele dividia a cama com a mãe e usou a oportunidade para introduzir o dedo no órgão genital da mãe adormecida [1914].

Um grande número de sonhos, muitas vezes angustiados, que frequentemente têm como conteúdo a passagem por espaços estreitos ou a permanência na água, se baseiam em fantasias sobre a vida intrauterina, a estadia no ventre materno e o ato do nascimento. A seguir, reproduzo o sonho de um homem jovem que, em sua imaginação, aproveita a oportunidade intrauterina para observar um coito entre seus pais [1909].

"*Ele se encontra numa fossa profunda, que tem uma janela como o túnel de Semmering. Por meio desta, vê primeiro uma paisagem deserta, depois compõe uma imagem que imediatamente se faz presente e preenche o vazio. A imagem mostra um campo profundamente revirado por um instrumento, e o ar bonito, a ideia do trabalho bem-feito, as leivas negro-azuladas dão uma bela impressão. Depois ele avança, vê um manual de pedagogia aberto… e se surpreende de o livro dar tanta atenção aos sentimentos sexuais* (*da criança*), *o que o faz pensar em mim*" [1909].

Abaixo, um belo sonho com água, que foi muito útil no tratamento da paciente:

*Durante seu veraneio no lago de ***, ela se joga na água escura, ali onde a lua pálida se reflete na água* [1909].

Sonhos desse tipo são sonhos de nascimento; chegamos à sua interpretação invertendo o fato comunicado pelo sonho manifesto, ou seja, em vez de: jogar-se na água — sair da água, isto é, nascer.[62] Reconhecemos o local do qual nascemos se pensarmos no sentido malicioso de "*la lune*" em francês ["o traseiro"]. A lua pálida é, então, o traseiro branco do qual a criança logo imagina ter saído. O que significa o desejo da paciente de "nascer" durante seu veraneio? Pergunto à sonhadora, e ela responde sem hesitar: o tratamento não me fez *nascer de novo*? Assim, o sonho se torna um convite para continuar o tratamento naquele local de veraneio, isto é, de visitá-la naquele lugar; é possível, também, que ele contenha uma tímida alusão ao desejo de se tornar mãe[63] [1909].

Tomo de um trabalho de Ernest Jones outro sonho de nascimento e sua interpretação: "*Ela estava à beira-mar e vigiava um garotinho que parecia ser seu filho enquanto este andava dentro d'água, de modo que ela só conseguia ver sua cabeça, que emergia e desaparecia na superfície. A cena se transformou então no saguão lotado de um hotel. Seu marido a deixava e ela principiava a conversar com um estranho*" [1914].

"Sem maior dificuldade, a análise revelou que a segunda parte do sonho era a representação de sua fuga do marido e do início de relações íntimas com um terceiro. A primeira parte do sonho era uma evidente fantasia de nascimento. Tanto no sonho como na mitologia, o desprendimento [*Entbindung*; também pode significar 'parto'] de uma criança das águas costuma ser representado por meio da inversão, como entrada da criança na água; bons exemplos são, entre muitos outros, o nascimento de Adônis, Osíris, Moisés e Baco. O movimento da cabeça que emerge e mergulha na água logo lembra à paciente a sensação dos movimentos da criança, que ela conhecera em sua única gravidez. A ideia do garoto que entra na água lhe provocou um devaneio em que ela viu a si mesma tirando-o da água, carregando-o para o berçário, lavando-o, vestindo-o e, finalmente, levando-o para sua casa" [1914].

"A segunda parte do sonho representa, portanto, pensamentos que dizem respeito ao ato de escapar, que está ligado aos pensamentos ocultos da primeira metade; esta corresponde ao conteúdo latente da segunda metade, da fantasia de nascimento. Além da inversão mencionada acima, ocorrem outras inversões em cada metade do sonho. Na primeira metade, a criança entra *na água* e depois sua cabeça sobe e desce; nos pensamentos oníricos subjacentes, aparecem primeiro os movimentos da criança, e depois ela *sai* da água (uma inversão dupla). Na segunda metade, seu marido a abandona; nos pensamentos oníricos, é ela quem abandona o marido" (tradução [para o alemão] de Otto Rank) [1914].

Abraham relata outro sonho de nascimento, de uma mulher jovem que vai ter seu primeiro parto. De um ponto no piso do quarto, um canal subterrâneo leva diretamente à água (canal genital — líquido amniótico). Ela levanta um alçapão no piso, e imediatamente aparece uma criatura coberta de um pelo marrom, que se assemelha a uma foca. Essa criatura se revela como o irmão mais jovem da sonhadora, com o qual ela sempre teve uma relação maternal [1911].

Rank mostrou, com base numa série de sonhos, que os sonhos de nascimento recorrem ao mesmo simbolismo que os de estímulo urinário. O estímulo erótico é neles representado como estímulo urinário; a estratificação do significado nesses sonhos corresponde a uma mudança de significado do símbolo desde a infância [1914].

Podemos retomar aqui um tema que havíamos abandonado (p. 277): o papel de estímulos orgânicos que perturbam o sono na formação dos sonhos. Os sonhos produzidos sob essas influências não só nos mostram abertamente a tendência de realização de desejo e o caráter de comodidade, mas muitas vezes também um simbolismo transparente, pois o que desperta o sonhador é, com alguma frequência, um estímulo *cuja satisfação sob disfarce simbólico já foi tentada em vão no sonho*. Isso vale para os sonhos de polução e para aqueles desencadeados pelos estímulos de micção e defecação. "O caráter peculiar dos sonhos de polução nos permite não só

desvendar diretamente certos símbolos sexuais já percebidos como típicos, mas veementemente contestados, como também possibilita nos convencermos de que várias situações oníricas aparentemente inofensivas são apenas o prelúdio simbólico de uma cena sexual crua; mas essa, na maioria das vezes, alcança representação direta apenas nos sonhos de polução relativamente raros, enquanto frequentemente se transforma em sonho de angústia, que também faz despertar" [1919].

O simbolismo dos *sonhos de estímulo urinário* é particularmente transparente e foi descoberto há muito tempo. Hipócrates já defendia a concepção de que sonhar com chafarizes ou fontes significa um distúrbio na bexiga (H. Ellis). Scherner estudou a diversidade do simbolismo do estímulo urinário e também afirmou que "o estímulo urinário de força considerável sempre se transforma em estimulação das áreas sexuais e representações simbólicas delas [...]. Sonhos de estímulo urinário são muitas vezes, ao mesmo tempo, representantes de sonhos sexuais" [1919].

Otto Rank, cuja exposição em seu trabalho sobre a "estratificação de símbolos no sonho despertador" [*Symbolschichtung im Wecktraum*, 1912] sigo aqui, demonstrou a grande possibilidade de que muitos "sonhos de estímulo urinário" sejam provocados por um estímulo sexual que inicialmente busca se satisfazer pela regressão à forma infantil do erotismo uretral. Especialmente instrutivos são os casos em que o estímulo urinário assim produzido conduz ao despertar e ao esvaziamento da bexiga, após o qual o sonho é continuado, expressando sua necessidade em imagens eróticas não veladas[64] [1919].

Os *sonhos de estímulo intestinal* revelam o simbolismo de modo análogo e confirmam a relação entre ouro e fezes que é prodigamente documentada pela etnologia.[65] "Por exemplo, uma mulher que se acha em tratamento médico por um *distúrbio intestinal* sonha com um caçador de tesouros que enterra um tesouro nas proximidades de uma cabana de madeira que parece um w.c. rústico. A segunda parte do sonho a mostra *limpando o traseiro* de sua pequena filha, que se sujou" [1919].

Aos *sonhos de nascimento* se relacionam os sonhos de "*salvamento*". Salvar, principalmente salvar da água, tem o significado de parir, quando é uma mulher que sonha. Esse sentido é modificado quando o sonhador é um homem[66] [1911].

Os assaltantes, ladrões noturnos e fantasmas, dos quais temos medo antes de nos deitarmos e que às vezes afligem também a pessoa adormecida, originam-se da mesma reminiscência infantil. São os visitantes noturnos, que tiram a criança do sono e a colocam no vaso, para que ela não molhe a cama, ou que levantam o cobertor para ver o que ela faz com as mãos enquanto dorme. A análise de alguns desses sonhos de angústia me permitiu identificar o visitante noturno. O ladrão era sempre o pai, os fantasmas correspondiam mais às mulheres, com suas camisolas brancas [1909].

F. EXEMPLOS — CÁLCULOS E FALAS NO SONHO

Antes de passar ao quarto fator predominante na formação dos sonhos, quero aduzir alguns exemplos da minha coleção de sonhos que explicam a atuação conjunta dos três fatores que já vimos e que fornecem provas para as três afirmações apresentadas ou permitem tirar delas conclusões irrefutáveis. Na exposição acima do trabalho do sonho, foi-me difícil provar meus resultados com a ajuda de exemplos. Em apoio de teses específicas, os exemplos só servem como provas no contexto da interpretação de um sonho; retirados de seu contexto, eles perdem sua beleza, e uma interpretação de sonho um pouco mais aprofundada logo se torna tão extensa que nos faz perder o fio da discussão que pretendia ilustrar. Esse motivo técnico pode me servir como desculpa para, em seguida, apresentar várias coisas dispersas, unidas apenas pela relação com o texto do capítulo anterior [1900].

Primeiro alguns exemplos de modos de representação bastante peculiares ou incomuns nos sonhos. Uma senhora sonha: *Uma criada está na escada, como que para limpar a janela, e tem consigo um chimpanzé e um "gato gorila"* (ela corrige mais tarde: *um gato angorá*). *A criada joga os animais na sonhadora; o chimpanzé a abraça, e isso é muito repugnante*. Esse sonho alcança seu objetivo por um meio muito simples, tomando o sentido literal de um ditado popular e o representando. "Macaco", como os nomes de animais em geral, é um xingamento, e a situação do sonho não expressa outra coisa senão "lançar xingamentos". Logo esta coletânea de sonhos incluirá outros exemplos da aplicação desse artifício no trabalho do sonho [1900].

De modo bem semelhante procede outro sonho. *Uma mulher e uma criança que tem o crânio visivelmente deformado; ela ouviu dizer que essa criança ficou assim por causa de sua posição no ventre materno. O médico diz que seria possível melhorar a forma do crânio por meio de compressão, mas isso afetaria o cérebro. Ela pensa: Já que é um*

menino, isso não o afetará tanto. — Esse sonho contém a representação plástica do conceito abstrato "*impressões infantis*", que a sonhadora ouviu nas explicações durante o tratamento [1900].

O trabalho do sonho segue um caminho um pouco diferente no exemplo seguinte. O sonho contém a lembrança de um passeio ao lago Hilm, em Graz: *O tempo está horrível lá fora; um hotel miserável, a água goteja das paredes, as camas estão úmidas*. (Este último elemento do conteúdo é menos direto no sonho do que eu o apresento aqui.) O sonho significa "*supérfluo*". O termo abstrato encontrado nos pensamentos oníricos é primeiramente transformado em termo equívoco de modo um tanto forçado, substituído por "transbordante" ou "fluido e supérfluo" [*flüssig und überflüssig*] e então representado por um acúmulo de impressões similares. Água lá fora, água no interior, nas paredes, água como umidade nas camas, tudo é fluido e "supérfluo". Não nos surpreende que, para os fins da representação onírica, a ortografia seja muito menos importante do que o som das palavras, pois a rima se permite liberdades semelhantes. Num sonho extenso, comunicado e minuciosamente analisado por Rank, uma moça conta que vai passear no campo, onde corta belas espigas de cevada e trigo. Um amigo de infância vem em sua direção, mas ela quer evitar um encontro. A análise mostra que se trata de um "beijo de honra" [ou seja, inocente, de cumprimento; *Ähre*, "espiga", e *Ehre*, "honra", têm o mesmo som] (1910, p. 482).[ad] As espigas, que não devem ser arrancadas, mas cortadas, são elas mesmas no sonho, e, em sua condensação com *honra*, *homenagens* [*Ehrungen*], servem para representar toda uma série de outros pensamentos [latentes] [1911].

Em outros casos, a linguagem tornou bastante fácil para o sonho a representação dos pensamentos, pois dispõe de muitas palavras que originalmente possuíam um sentido plástico e concreto e hoje são usadas com um significado empalidecido, abstrato. O sonho só precisa devolver a essas palavras seu antigo significado pleno ou retroceder um pouco na mudança de sentido que sofreram. Alguém, por

exemplo, sonha que o irmão está numa *caixa*; no trabalho de interpretação, a caixa é substituída por um "*armário*" [*Schrank*; pode ser associado a *Schranke*, "barreira, limite"], e o pensamento onírico é que o irmão precisa se "restringir" [*einschränken*], em vez do sonhador [1909]. Em outro sonho, o indivíduo escala uma montanha, que lhe oferece uma *vista* extraordinariamente ampla. Ele se identifica com um irmão que é o editor de uma *revista* que trata das relações com o Extremo Oriente [1911].

Num sonho de *Henrique, o verde* [de Gottfried Keller], um cavalo muito brioso se revira num belo campo de aveia. Cada grão, porém, é "uma amêndoa doce, uma passa e um centavo novo", "embrulhados em seda vermelha e amarrados com um pedacinho de cerda de porco". O autor (ou sonhador) nos fornece imediatamente a interpretação dessa representação onírica, pois o cavalo sente cócegas agradáveis, de modo que exclama: *A aveia me pica*[ae] [1914].

Segundo Henzen [1890], as antigas sagas nórdicas fazem uso abundante dos sonhos que envolvem expressões idiomáticas e trocadilhos. É difícil encontrar nelas algum exemplo de sonho sem duplo sentido ou jogo de palavras [1914].

Seria um trabalho especial reunir esses modos de representação e classificá-los conforme os princípios subjacentes [1909]. Algumas dessas representações quase podem ser caracterizadas como chistosas. Temos a impressão de que jamais as teríamos descoberto se o sonhador não as tivesse comunicado [1911]:

1) Um homem sonha *que lhe perguntam por um nome do qual ele não consegue se lembrar*. Ele mesmo explica o que significa: *Isso não me passa pela cabeça nem em sonhos* [1911].

2) Uma paciente relata um sonho *em que todos os personagens eram particularmente altos*. Isso significa, ela acrescenta, que deve se tratar de um evento da minha infância, pois é claro que na época todos os adultos me pareciam incrivelmente altos. Ela mesma não aparecia nesse sonho.

A mudança para a infância é expressa diferentemente em outros sonhos, o tempo é traduzido em espaço. As pessoas e as cenas são vistas muito ao longe, no final de um longo caminho, ou como se fossem observadas com um binóculo invertido [1911].

3) Um homem que tende a se expressar de modo abstrato e pouco preciso, mas que, de resto, possui um espírito agudo, sonha em determinado contexto *que vai até uma estação no momento em que está chegando um trem. Mas a plataforma se aproxima do trem parado*, ou seja, há uma inversão absurda do acontecimento real. Esse detalhe nada mais é do que um indício de que lembra que algo mais no conteúdo do sonho deve estar invertido. A análise desse sonho levou a recordações de livros ilustrados em que havia homens representados de cabeça para baixo, que andavam sobre as mãos [1911].

4) Em outra ocasião, o mesmo paciente relata um sonho breve, que lembra a técnica de um rébus. *Seu tio lhe dá um beijo dentro do automóvel*. Ele acrescenta imediatamente a interpretação, a que eu jamais teria chegado, que é: *autoerotismo*. Isso seria uma piada também no estado de vigília [1911].

5) O sonhador *tira* [*hervorziehen* = puxar, tirar] *uma mulher de trás da cama*. Isso significa: ele lhe dá a preferência [*Vorzug*; em que *Zug* é o substantivo de *ziehen* e o prefixo *vor* significa "antes, primeiro"] [1914].

6) O sonhador se vê *como oficial sentado à mesa, oposto ao imperador*: ele se coloca em *oposição* ao pai [1914].

7) O sonhador *trata uma pessoa que tem um osso fraturado*. A análise indica que essa fratura do osso [*Knochenbruch*] representa um adultério [*Ehebruch*, literalmente "ruptura do casamento"] [1914].

8) Muitas vezes, as horas do dia representam períodos da infância no sonho. Cinco e quinze da manhã, por exemplo, significa a idade de cinco anos e três meses, o momento significativo do nascimento de um irmão mais novo [1914].

9) Outra representação de períodos da vida no sonho: *uma mulher é acompanhada por duas garotas pequenas, entre as quais há uma diferença de idade de um ano e três meses*. — A sonhadora não conhece nenhuma família com filhos dessa idade. Ela mesma interpreta que as duas crianças representam sua própria pessoa e que o sonho lhe lembra que os dois eventos traumáticos de sua infância ocorreram com esse mesmo intervalo (aos três anos e meio e aos quatro anos e nove meses de idade) [1914].

10) Não devemos nos admirar de que pessoas que estão em tratamento psicanalítico sonhem frequentemente com este e de que tenham de expressar nos sonhos todos os pensamentos e expectativas despertados pelo tratamento. A imagem que se usa para a terapia costuma ser a de uma viagem, normalmente num *automóvel*, veículo novo e complicado; aludindo à velocidade do automóvel, o paciente pode expressar sua ironia. Se o "inconsciente", enquanto elemento dos pensamentos despertos, tem de ser representado no sonho, ele é apropriadamente substituído por locais "subterrâneos", que outras vezes significaram, sem nenhuma relação com o tratamento analítico, o corpo feminino ou o útero. Nos sonhos, "embaixo" se refere com frequência aos órgãos genitais; "em cima", ao rosto, à boca ou ao peito. O trabalho do sonho usa *animais selvagens* para simbolizar instintos passionais, tanto os do sonhador como os de outras pessoas que o sonhador teme, ou seja, com um deslocamento mínimo simboliza as próprias pessoas portadoras dessas paixões. Daí é pequena a distância até a representação (que lembra o totemismo) do *pai* temido com animais maus, cães, cavalos selvagens. Podemos dizer que os animais selvagens servem para a representação da libido temida pelo Eu e combatida por meio da repressão. Também a própria neurose, a "pessoa doente", é frequentemente separada do sonhador e apresentada como pessoa independente no sonho.

11) Diz Hanns Sachs (1911):

"Sabemos, pela *Interpretação dos sonhos*, que o trabalho do sonho conhece diversos meios para representar uma palavra ou uma expressão de modo sensorial e plástico. Ele pode, por exemplo, aproveitar o fato de que a expressão a ser representada é ambígua e, usando o duplo sentido como 'agulha ferroviária', acolher no conteúdo manifesto do sonho não o primeiro significado que há nos pensamentos oníricos, mas o segundo.

"Foi o que aconteceu no seguinte sonho breve, com a utilização habilidosa das impressões recentes do dia como material de representação.

"Eu havia me resfriado no dia anterior ao sonho, e por isso resolvi não sair da cama durante a noite, se possível. Aparentemente, o sonho apenas me fez continuar meu trabalho do dia; eu havia me ocupado colando recortes de jornal em um livro, buscando pôr cada recorte no devido lugar. O sonho dizia:

"'*Eu tento colar um recorte no livro, mas ele não cabe na página, o que me causa grande dor*.'

"Acordei e tive de constatar que a dor do sonho prosseguia como dor física e me obrigou a rever minha decisão. O sonho, em sua função de 'guardião do sono', havia tentado realizar meu desejo por meio da representação das palavras 'mas ele não cabe na página' [*er geht aber nicht auf die Seite*, que também pode significar "Ele não vai ao lado, isto é, não vai ao banheiro]" [1914].

Pode-se dizer inclusive que o trabalho do sonho se serve de todos os recursos que lhe são acessíveis para representar visualmente os pensamentos oníricos, sejam eles considerados lícitos ou não pela crítica da vigília, e assim se expõe à dúvida e à zombaria de todos aqueles que só ouviram falar da interpretação dos sonhos e nunca a praticaram. O livro de Stekel *A linguagem dos sonhos* (1911) é bastante rico em exemplos desse tipo, mas evito utilizá-los como provas, pois a falta de senso crítico e a natureza arbitrária da técnica do autor tornam inseguros até mesmo os leitores isentos de preconceitos [1919].

12) Exemplos de um trabalho de V. Tausk acerca de roupas e cores na representação onírica (1914):

a) A. sonha que vê *sua antiga governanta num vestido preto de* lustrina [Lüsterkleid], *bem justo na região do traseiro*. — Isso significa que ele está dizendo que essa mulher é *lasciva* [*lüstern*].

b) No sonho, C. vê, *na estrada de X…, uma moça banhada em luz branca e vestida com uma blusa branca*.

Naquela estrada, o sonhador trocou as primeiras carícias com uma senhorita de sobrenome *Weiss* [Branco].

c) A sra. D. sonha que vê *o velho Blasel* (*um ator vienense de oitenta anos*) *deitado no divã em armadura completa* [Rüstung]. *Então ele pula sobre mesas e cadeiras, tira sua adaga, vendo-se no espelho, e golpeia o ar como se lutasse contra um inimigo imaginário*.

Interpretação: A sonhadora tem um velho problema na bexiga [*Blase*]. Na análise ela fica deitada no divã, e, ao se ver no espelho, ainda se considera robusta [*rüstig*], apesar da idade e da doença [1914].

13) A "grande realização" [*grosse Leistung*] no sonho.

O sonhador se vê como *uma mulher grávida deitada na cama. A situação é muito penosa para ele. Exclama: eu preferia…* (na análise ele completa, após se lembrar de uma cuidadora: quebrar pedras). *Atrás de sua cama está pendurado um mapa, cuja borda inferior é mantida esticada por uma ripa de madeira* [Holzleiste]. *Ele arranca a madeira, agarrando-a pelas extremidades, mas ela não quebra no meio, antes se divide em duas metades horizontais. Dessa forma, ele tem alívio e também facilita o parto*.

Sem ajuda, ele interpreta o ato de arrancar a ripa [*Leiste*] como grande "realização" [*Leistung*], mediante a qual se livra de uma situação desagradável (no tratamento), deixando sua atitude feminina… O detalhe absurdo de que a ripa não quebra no meio, mas se divide horizontalmente, é explicado quando o sonhador se lembra de que a duplicação, unida à destruição, alude à castração. Com frequência,

o sonho representa a castração mediante a presença de dois símbolos do pênis, num desafiador desejo contrário. A virilha [também *Leiste*] é uma região do corpo que fica próxima dos órgãos genitais. Então ele resume a interpretação: ele supera a ameaça de castração que o levou à atitude feminina [1919].

14) Numa análise que conduzi em francês, foi necessário interpretar um sonho em que eu aparecia como elefante. Naturalmente, tive de perguntar por que fui representado assim. "*Vous me trompez*" [O senhor me engana], respondeu o paciente (*trompe* = tromba) [1919].

Muitas vezes, o trabalho do sonho consegue representar também material muito seco, como, por exemplo, nomes próprios, por meio do aproveitamento forçado de associações muito distantes. Num de meus sonhos, *o velho Brücke me deu uma tarefa. Eu faço um preparado e retiro algo que tem aparência de papel-alumínio* [*Silberpapier*; antes feito de estanho, agora de alumínio] amassado. (Voltarei a falar sobre este sonho.) A associação, a que cheguei com dificuldade, resulta ser "estanho" [*Stanniol*], e agora sei que se trata do nome de Stannius, autor de um tratado sobre o sistema nervoso dos peixes que eu admirava muito no passado. A primeira tarefa científica que recebi do meu professor se referia de fato ao sistema nervoso de um peixe, o amocete. Evidentemente, esse nome não pôde ser utilizado num rébus [1900].

Não quero deixar de incluir um sonho de conteúdo curioso, que é também digno de nota como sonho de uma criança e se explica facilmente pela análise. Uma senhora conta: "Eu me lembro de ter sonhado repetidas vezes na minha infância que *Deus usava um chapéu de papel pontudo na cabeça*. Costumavam colocar em minha cabeça um chapéu semelhante quando estávamos à mesa, para que eu não pudesse olhar para os pratos das outras crianças e ver o quanto elas haviam recebido da comida. Como me haviam dito que Deus era onisciente, o sonho significa que eu também sabia de tudo, apesar do chapéu" [1910].

Os números e cálculos que ocorrem nos sonhos permitem mostrar de modo instrutivo em que consiste o trabalho do sonho e como ele trata seu material, os pensamentos oníricos. A superstição vê os números sonhados como particularmente auspiciosos. Então apresentarei alguns exemplos desse tipo, tirados da minha coleção.

I

Do sonho de uma senhora, pouco antes do encerramento de sua terapia:

Ela quer pagar alguma coisa; sua filha retira 3 florins e 65 cruzados da carteira da mãe; mas esta diz: "O que está fazendo? Isso só custa 21 cruzados". Consegui entender esse fragmento de sonho na base nas circunstâncias de vida da sonhadora, sem esclarecimento adicional. Ela era estrangeira e havia posto sua filha numa das instituições de ensino de Viena, e podia continuar sob meu tratamento enquanto a filha permanecesse aqui. Em três semanas o ano letivo chegaria ao fim, encerrando também a terapia. No dia anterior ao sonho, a diretora do instituto lhe perguntara se ela não poderia deixar a menina por mais um ano. Pelo visto, ela imaginou, ante essa sugestão, que também poderia continuar o tratamento por mais um ano. É a isso que o sonho se refere, pois um ano corresponde a 365 dias, as três semanas até o fim do ano letivo podem ser substituídas por 21 dias (embora estes não correspondam a um número igual de sessões). Os números, que nos pensamentos oníricos diziam respeito a períodos de tempo, são relacionados a valores monetários no sonho, sem que isso expresse algum sentido mais profundo, pois "*time is money*", tempo é dinheiro. Assim, 365 *cruzados* são 3 *florins* e 65 *cruzados*. As somas de dinheiro no sonho são muito pequenas, a evidente realização de um desejo; o desejo diminuiu os custos do tratamento e do ano de ensino no instituto.

II

Em outro sonho, os números apontam para relações mais complexas. Uma mulher jovem, mas casada já há alguns anos, recebe a notícia do noivado de Elise L., uma conhecida que tem quase a mesma idade que ela. Então ela sonha o seguinte. *Está no teatro com seu marido, um lado da plateia está totalmente desocupado. Seu marido lhe conta que Elise L. e seu noivo tinham também a intenção de ir, mas que obteriam apenas lugares ruins, 3 por 1 florim e 50 cruzados, e estes eles não podiam aceitar. Ela diz que isso não* é *nenhuma desgraça.*

Qual é a origem de 1 florim e 50 cruzados? Um acontecimento irrelevante da véspera. Sua cunhada havia recebido 150 florins do marido, como presente, e se apressara na compra de uma joia. Observemos que 150 florins são 100 vezes 1 florim e 50 cruzados. Mas de onde vem o número 3, o de lugares no teatro? Existe uma única relação possível: a noiva é três meses mais jovem do que ela. Chega-se à resolução do sonho ao indagar o que significaria o lado vazio da plateia. É uma alusão inalterada a um pequeno episódio que dera ao marido boas razões para caçoar dela. Ela pretendera assistir a uma apresentação no teatro anunciada para aquela semana e tivera o cuidado de comprar bilhetes vários dias antes, tendo de pagar uma taxa por isso. Quando chegaram ao teatro, viram que metade da casa estava quase vazia; *não havia necessidade de se apressar tanto.*

Agora substituirei o sonho pelos pensamentos oníricos: "Foi uma *tolice* casar tão cedo; não *havia necessidade de me apressar tanto*. Pelo exemplo de Elise L. vejo que ainda teria arranjado um marido. E um (marido/tesouro) *cem vezes* melhor, se eu tivesse *esperado* (contraste com a pressa da cunhada). Eu poderia ter comprado *três* homens assim com o dinheiro (o dote)!". Notemos que neste sonho os números tiveram o significado e o contexto alterados em medida bem maior do que no sonho anterior. O trabalho de transformação e deformação foi mais extenso, e interpretamos isso como indicação de que esses pensamentos oníricos tiveram de superar uma resistência intrapsíquica particularmente forte para chegar à representação. Também não devemos ignorar que o sonho contém um elemento

absurdo: o fato de que *duas* pessoas deverão tomar *três* lugares. Anteciparei a interpretação do absurdo nos sonhos, assinalando que esse detalhe absurdo do conteúdo desse sonho deve representar o pensamento onírico mais enfatizado: o de que foi uma *tolice* casar tão cedo. O número 3, contido numa distinção totalmente irrelevante entre as duas pessoas comparadas (diferença de idade de 3 meses), foi usado de forma engenhosa na produção da tolice requerida para o sonho. A diminuição dos 150 florins reais para 1 florim e 50 cruzados corresponde ao menosprezo do marido (ou tesouro) nos pensamentos reprimidos da sonhadora.

III

Outro exemplo nos mostra a aritmética dos sonhos, que lhes rendeu tanto descrédito. Um homem sonha: *Ele está sentado à mesa na casa dos B…* (uma família que conhecia anteriormente) *e diz: Foi uma tolice não me terem dado a Mali. Então pergunta à moça: "Qual a sua idade?". Resposta: "Nasci em 1882". — "Ah, então tem 28 anos."*

Já que o sonho ocorre em 1898, isso parece ser um cálculo errado, e pode-se equiparar a deficiência em matemática do sonhador à de um paralítico geral, se não for possível explicá-la de outra forma. Meu paciente é uma dessas pessoas que não conseguem deixar de pensar numa mulher que viram. A sucessora dele em meu consultório foi, durante alguns meses, uma jovem senhora que ele encontrou, sobre a qual se informava frequentemente e com a qual buscava ser gentil a todo custo. Era esta a mulher cuja idade ele estimava ser 28 anos. Isso para explicar o resultado de seu cálculo. E 1882 foi o ano em que ele se casou. Ele também não pôde deixar de iniciar conversa com as duas outras mulheres com que ele costumava deparar em meu consultório, as duas senhoras — de modo algum jovens — que alternadamente lhe abriam a porta. E, achando-as um tanto reservadas, explicou isso dizendo que elas deviam considerá-lo um senhor já mais velho e "*assentado*".

IV

[Acrescentado em 1911:] Aqui está outro sonho de números, que se caracteriza pela clareza de sua "determinação" ou, mais precisamente, sobredeterminação. Devo-o, juntamente com a interpretação, ao sr. B. Dattner.

"*Meu senhorio, agente policial a serviço da prefeitura, sonha que está de sentinela na rua,* o que é a realização de um desejo. *Então se aproxima dele um inspetor, com os números 22 e 62 ou 26 na gola. Havia, em todo caso, vários 2.*

"A divisão do número 2262 no relato do sonho já permite concluir que as partes têm significados diferentes. Ele se lembra de que ontem, na delegacia, falaram sobre a duração do tempo de serviço. O motivo foi um inspetor que se aposentara aos 62 anos de idade. O sonhador tem apenas 22 anos de serviço e precisa trabalhar ainda dois anos e dois meses para ter direito a uma pensão de 90%. O sonho lhe mostra a realização de um desejo nutrido havia muito tempo, o cargo de inspetor. O superior com o número 2262 na gola é ele mesmo, ele faz seu serviço na rua (outro desejo seu), já trabalhou os dois anos e dois meses e agora pode, como o inspetor de 62 anos de idade, se aposentar com salário integral."[67]

Tomando esses exemplos e outros semelhantes (que exporei mais adiante), podemos dizer que o trabalho do sonho não faz cálculos, sejam corretos ou errados; ele apenas apresenta, na forma de um cálculo, números que ocorrem nos pensamentos oníricos e que podem servir como alusões a um material que não é representável. Nisso ele trata os números como material para expressar suas intenções, exatamente como faz com todas as outras representações, também os nomes e as falas reconhecíveis como representações verbais.

Pois o trabalho do sonho não é capaz de criar uma fala nova. Por mais que ocorram falas e respostas nos sonhos, que podem ser sensatas ou não, a análise nos mostra sempre que o sonho apenas tomou emprestados aos pensamentos oníricos

fragmentos de falas realmente ditas ou ouvidas e os utilizou arbitrariamente. Não só os retirou do contexto e os desmembrou, acolhendo uma parte e rejeitando outra, mas também os reorganizou com frequência, de modo que a fala onírica aparentemente coesa se divide em três ou quatro pedaços na análise. Nesse reaproveitamento, muitas vezes ignora o sentido que as palavras tinham nos pensamentos oníricos e lhes atribui um sentido completamente novo.[68] Examinando mais detidamente a fala onírica, vemos que ela se compõe de elementos mais nítidos, compactos, e outros que servem de conexões e provavelmente foram acrescentados, assim como acrescentamos letras e sílabas omitidas quando lemos um texto. A fala onírica tem, portanto, a estrutura de uma rocha composta, em que pedaços maiores de material diverso são cimentados por uma massa endurecida.

No sentido estrito, essa descrição só é correta para as palavras do sonho que têm algo do caráter sensorial da fala e que são descritas como "falas". As outras, que não são percebidas como escutadas ou ditas (não são acompanhadas de ênfase acústica ou motora no sonho), são pensamentos iguais aos que ocorrem em nossa atividade intelectual desperta, que passam para o sonho sem alteração. A leitura também parece constituir uma fonte abundante, mas difícil de ser rastreada, das palavras do sonho tidas como irrelevantes. Mas tudo o que no sonho aparece de alguma forma como fala pode ser referido a falas reais, ouvidas ou realizadas.

Já encontramos exemplos dessa origem das falas oníricas na análise de sonhos que comunicamos por outros motivos. Assim, no "sonho inocente do mercado", na p. 219, em que a fala: "Isso não temos mais" serve para identificar-se com o açougueiro, enquanto uma parte da outra fala: "Isso eu não conheço, isso eu não levo [*nehme*]" tem a função de tornar o sonho inofensivo. Na véspera, a sonhadora havia rejeitado uma insinuação da cozinheira com as palavras: "Isso eu não conheço, comporte-se [*benehmen Sie sich*]". Então pegou a primeira parte, que parecia indiferente, e a inseriu no sonho como alusão à parte posterior, que também teria se adequado muito bem à fantasia subjacente ao sonho, mas a teria revelado.

Eis um exemplo semelhante, no lugar de muitos outros que levam à mesma conclusão:

Um grande pátio onde cadáveres são queimados. Ele diz: "Vou-me embora. Não consigo ver isso". (Nenhuma fala nítida.) *Então, encontra ajudantes de açougueiro e pergunta: "E aí? Estava gostoso?". Um deles responde: "Não, não estava bom". Como se fosse carne humana.*

A causa inofensiva desse sonho é esta: depois do jantar, ele e a esposa fazem uma visita aos vizinhos, que são pessoas boas, mas nada "*apetitosas*". A velha senhora hospitaleira está jantando e o *força* [*nötigt*] (entre homens, costuma-se usar jocosamente uma palavra composta de significado sexual [a palavra é *notzüchtigt*, "violenta"]) a experimentar a comida. Ele recusa, diz não ter mais apetite. "Mas o que é isso, o senhor aguentará mais um pouco", ou algo assim, diz ela. Então ele tem de provar da comida, e elogia o que lhe foi oferecido: "Como é bom!". Quando está novamente com a esposa, ele se queixa da insistência da vizinha e da qualidade da comida provada. "Não consigo ver isso", que também no sonho não aparece como fala propriamente, é um pensamento que se refere aos atributos físicos daquela senhora, significando que ele não deseja olhar para ela.

Mais instrutiva deverá ser a análise de outro sonho, que já relato aqui em virtude da fala bem nítida que forma seu centro, mas que só poderei esclarecer ao abordar os afetos nos sonhos. Sonhei com grande clareza: *À noite, vou até o laboratório de Brücke e, ao ouvir uma leve batida na porta, abro-a para o* (falecido) *professor Fleischl, que entra com vários desconhecidos e, após dizer algumas palavras, senta-se à mesa.* Então há um segundo sonho: *Em julho, meu amigo Fl. veio para Viena sem anunciar sua visita; encontro-o na rua conversando com meu* (falecido) *amigo P. e os acompanho até um lugar, onde eles se sentam junto a algo como uma pequena mesa, face a face; eu me sento ao lado estreito posterior da mesinha. Fl. fala da irmã e diz: "Ela morreu em 45 minutos" e, depois, algo como: "Este é o limiar". Como P. não o entende, Fl. se volta para mim e me pergunta o que eu disse a P. sobre as coisas dele. Então, tomado por*

afetos peculiares, quero dizer a Fl. que P. (*não pode saber de nada porque*) *está morto. Mas digo, notando eu mesmo que está errado:* Non vixit. *Então olho de modo penetrante para P., e sob meu olhar ele se torna pálido, indistinto, seus olhos adquirem um tom azul doentio — e por fim ele se dissolve. Eu me alegro bastante com isso, entendo agora que também Ernst Fleischl foi só uma aparição, um* revenant [*fantasma*], *e acho perfeitamente possível que uma pessoa desse tipo só exista enquanto queremos e que possa ser eliminada pelo simples desejo.*

Esse belo sonho reúne muitas características enigmáticas do conteúdo dos sonhos — a crítica durante o próprio sonho, o fato de eu perceber meu equívoco de dizer *Non vixit* [Não viveu] em vez de *Non vivit* [Não vive], o trato natural com pessoas mortas que no próprio sonho são reconhecidas como mortas, o absurdo da conclusão e a enorme satisfação que ela me dá — que eu "daria a vida" para poder comunicar a solução completa desses enigmas. Na realidade, porém, sou incapaz de fazer isto — que é o que faço no sonho: sacrificar à minha ambição a consideração por pessoas tão queridas. Mas qualquer dissimulação prejudicaria o significado do sonho, que conheço muito bem. Assim, contento-me em extrair alguns elementos do sonho para a interpretação, primeiro aqui, e depois, mais adiante.

O núcleo do sonho é formado pela cena em que aniquilo P. com um olhar. Seus olhos assumem uma cor azul peculiar, inquietante, e depois ele se dissolve. Essa cena é a recriação inequívoca de uma que realmente houve. Eu era monitor no instituto fisiológico, meu serviço começava cedo, e Brücke soube que algumas vezes eu havia chegado atrasado ao laboratório dos estudantes. Certo dia, veio pontualmente no horário de abertura e me esperou. O que ele me disse foi breve e taxativo; mas as palavras não contavam muito. Esmagadores eram os terríveis olhos azuis que ele fixou em mim, diante dos quais desapareci — como P. no sonho, que trocou os papéis, para meu alívio. Aqueles que ainda se lembram dos olhos do grande mestre, muito belos até na idade avançada, e que alguma vez o viram enraivecido, imaginarão facilmente o que sentiu o jovem pecador de então.

Mas durante muito tempo não consegui achar a origem do "*Non vixit*", com o qual no sonho faço aquela justiça, até me lembrar de que essas duas palavras tinham muita clareza no sonho como palavras *vistas*, não escutadas ou ditas. Então soube imediatamente de onde vinham. No pedestal do monumento ao imperador Josef, no palácio imperial, em Viena, estão inscritas as belas palavras:

> *Saluti patriae vixit*
> *non diu sed totus.*[69]

Extraí dessa inscrição aquilo que se ajustava a uma sequência hostil de meus pensamentos oníricos, que devia significar: o sujeito não tem por que se intrometer, ele nem vive mais. E então me lembrei de que eu tivera o sonho poucos dias após a inauguração do monumento de Fleischl nas arcadas da universidade, quando tornei a ver o monumento de Brücke e (no inconsciente) devo ter lamentado que meu amigo P., tão talentoso e dedicado à ciência, tivesse morrido cedo demais para ter direito a um monumento naquele lugar. Assim, ergui esse monumento a ele no sonho; o primeiro nome do meu amigo P. era Josef.[70]

Segundo as regras da interpretação dos sonhos, ainda não se justificaria substituir o *non vivit*, que emprego, pelo *non vixit*, disponibilizado pela lembrança do monumento ao imperador Josef. Outro elemento dos pensamentos oníricos deve ter contribuído para isso. Noto, então, que na cena do sonho convergem uma corrente de pensamento hostil e outra afetuosa em relação ao meu amigo P.; a primeira é superficial; a segunda, velada, e ambas são representadas nas mesmas palavras: *Non vixit*. Por ele ter servido à ciência, ergo um monumento a ele; mas, por ter se tornado culpado de um desejo mau (expresso no final do sonho), eu o destruo. Acabo de formar uma frase que tem uma cadência peculiar, algum modelo deve ter me influenciado. Onde se acha uma antítese semelhante, essa justaposição de reações contrárias ao mesmo indivíduo, em que as duas podem ser fundamentadas e, apesar disso, não são incompatíveis? Numa única passagem da literatura, que fica

profundamente gravada no leitor: no discurso de justificação de Brutus, em *Júlio César*, de Shakespeare [ato III, cena 2]: "Porque César me amava, choro por ele; porque era feliz, eu me alegro; porque era bravo, eu o honro; mas porque era sedento de poder, eu o matei". Não vemos aqui a mesma estrutura da frase e a mesma oposição de ideias que há no pensamento onírico que revelei? Assim, faço o papel de Brutus no sonho. Se agora eu pudesse achar outra pista no conteúdo do sonho que confirmasse essa surpreendente ligação colateral! Creio que poderia ser isto: meu amigo Fl. vem a Viena em *julho*. Esse detalhe não tem apoio na realidade. Pelo que sei, meu amigo jamais esteve em Viena no mês de *julho*. Mas o mês de *julho* recebeu seu nome de *Júlio César* e, por isso, poderia representar muito bem a alusão que busco ao pensamento intermediário de que faço o papel de Brutus.[71]

Curiosamente, certa vez fiz mesmo o papel de Brutus. Apresentei a cena de Brutus e César, tirada dos poemas de Schiller, para uma plateia de crianças, quando tinha catorze anos de idade, juntamente com meu sobrinho, um ano mais velho do que eu, que viera da Inglaterra nos visitar — outro *revenant*, pois ele havia sido meu companheiro de brinquedos nos primeiros anos da minha infância. Havíamos sido inseparáveis até os meus três anos completos, tínhamos amado um ao outro e nos desentendido, e esse relacionamento infantil determinou, como já indiquei antes, todos os meus sentimentos posteriores na interação com pessoas de minha idade. Desde então, meu sobrinho John teve muitas encarnações, que reavivaram ora este ora aquele aspecto de seu ser, fixado de forma indelével em minha memória inconsciente. Ocasionalmente ele deve ter me tratado muito mal, e eu devo ter demonstrado coragem diante do meu tirano, pois tempos depois me contaram várias vezes a sucinta justificativa que usei em minha defesa quando meu pai — seu avô — me indagou: "Por que você bateu no John?". E o menino que ainda não completara dois anos respondeu: "*Bati nele porque ele me bateu*". Deve ter sido essa cena infantil que mudou o *non vivit* para *non vixit*, pois na linguagem das crianças mais velhas se usa *wichsen* para "bater"; o trabalho do sonho não perde a

oportunidade de se servir desse tipo de ligação. A hostilidade sem fundamento contra meu amigo P., que tinha grande superioridade sobre mim e por isso pôde ser uma nova edição de meu companheiro de infância, certamente remete à complicada relação infantil com John. Como disse, voltarei a falar sobre esse sonho.

G. SONHOS ABSURDOS — A ATIVIDADE INTELECTUAL NO SONHO

Nas interpretações de sonhos que fizemos até agora, encontramos tantas vezes o elemento *absurdo* no conteúdo do sonho que não podemos adiar ainda mais a investigação sobre sua origem e seu possível significado. Lembremo-nos de que o absurdo dos sonhos serviu aos que negam o valor destes como argumento principal para considerá-los apenas o produto sem sentido de uma atividade mental reduzida e fragmentada.

Começo com alguns exemplos em que o absurdo do conteúdo do sonho é apenas aparência, que logo se desfaz quando nos aprofundamos no seu sentido. São alguns sonhos que — por acaso, supõe-se inicialmente — tratam do pai falecido.

[I]

O sonho de um paciente que havia perdido o pai seis anos antes: *O pai sofreu um grave acidente. Viajou no trem noturno e houve um descarrilhamento, os bancos se juntaram, e sua cabeça foi comprimida nos lados. Então ele o vê deitado na cama, com uma ferida vertical acima da sobrancelha esquerda. Ele se surpreende de que o pai tenha sofrido um acidente* (*pois ele já está morto*, acrescenta ao narrar o sonho). *Os olhos são muito claros*.

De acordo com a abordagem dominante dos sonhos, esse conteúdo do sonho seria explicado da seguinte forma: primeiramente, ao representar o acidente do pai, o sonhador se esquece de que este jaz no túmulo há anos; no decorrer do sonho, essa lembrança é despertada e faz com que ele se surpreenda com o próprio sonho, ainda sonhando. Mas a análise ensina que é supérfluo recorrer a esse tipo de explicação. O sonhador havia encomendado um *busto* do pai, que ele foi ver dois dias antes do sonho. É esse busto que lhe parece ter *sofrido um acidente*. O escultor jamais viu o pai, ele trabalha a partir de fotografias. No dia anterior ao sonho, o

paciente, cheio de piedade filial, enviou o velho criado até o ateliê, para ver se a cabeça de mármore suscitaria a mesma impressão nele: se ela também lhe pareceria *estreita demais no sentido perpendicular*, nas têmporas. Segue-se então a lembrança que contribuiu para a construção do sonho. Quando era atormentado por preocupações comerciais ou dificuldades familiares, o pai costumava apertar as mãos contra as têmporas, como se quisesse comprimir a cabeça que se tornara grande demais. — Aos quatro anos de idade, nosso sonhador presenciou o disparo acidental de uma pistola carregada, que enegreceu os olhos do pai (*os olhos são muito claros*). — No local em que o sonho mostra o ferimento, o pai, quando estava pensativo ou triste, exibia uma profunda ruga vertical. O fato de o sonho representar essa ruga por meio de uma ferida aponta para o segundo motivo do sonho. O sonhador tinha fotografado sua filhinha; a placa havia caído de sua mão e, quando ele a pegou do chão, ela apresentava uma rachadura que ficava na testa da pequenina como um sulco vertical, até o arco da sobrancelha. Não conseguiu evitar um pressentimento supersticioso, pois um dia antes da morte da mãe ele também deixara cair uma placa fotográfica com sua imagem.

Portanto, o absurdo desse sonho é apenas o resultado de um desleixo na expressão verbal, que não distingue o busto da fotografia da pessoa. Todos estamos acostumados a falar assim [olhando para uma foto]: "Você não acha que o papai ficou bem?". No entanto, teria sido fácil evitar a aparência de absurdo nesse sonho. Se fosse lícito julgar a partir de uma só experiência, diríamos que essa aparência de absurdo é consentida ou pretendida.

II

Um segundo exemplo dos meus próprios sonhos, bem semelhante (perdi meu pai em 1896):

Depois de sua morte, meu pai teve influência política entre os magiares, uniu-os politicamente. Vejo uma pequena imagem indistinta: *uma multidão como no*

Parlamento; uma pessoa de pé em uma ou duas cadeiras, outros ao seu redor. Lembro-me de que no leito de morte ele se parecia muito com Garibaldi, e me alegro de que esse augúrio tenha se cumprido.

Isso não é bastante absurdo? Tive esse sonho numa época em que os húngaros, devido à *obstrução* parlamentar, foram lançados num estado de anarquia e mergulharam naquela crise da qual Koloman Széll os livrou. A circunstância trivial de que a cena vista no sonho consiste em imagens bem pequenas não deixa de ter importância para o esclarecimento dele. A representação visual habitual dos nossos pensamentos no sonho produz imagens que nos passam a impressão de tamanho natural; minha imagem onírica, porém, é a reprodução de uma xilogravura inserida no texto de uma história ilustrada da Áustria que representa Maria Teresa no Parlamento de Pressburg, a famosa cena do "*Moriamur pro rege nostro*".[af72] Como Maria Teresa naquela gravura, meu pai está cercado pela multidão; mas se acha de pé em uma ou duas cadeiras [*Stühle*]; age, portanto, como juiz principal da região [*Stuhlrichter*, "juiz de cadeira"]. (Ele os *uniu* — aqui o elo é dado pela expressão [alemã]: "Não precisaremos de um *juiz*".) O fato de ele se parecer tanto com Garibaldi no leito de morte foi notado por todos que lá estávamos. Ele apresentou uma elevação de temperatura post mortem, sua face ardia, cada vez mais vermelha… e nós continuamos involuntariamente: "*Und hinter ihm, in wesenlosem Scheine/ lag, was uns alle bändigt, das Gemeine*" [E por trás dele, em aparência vã e vazia,/ jazia o que a todos nos sujeita, o comum — ou vulgar, *das Gemeine*.][ag]

Esses pensamentos elevados nos preparam para o fato de que logo lidaremos com o "vulgar". O aumento post mortem da temperatura corresponde às palavras "*depois de sua morte*" no conteúdo do sonho. Seu maior sofrimento havia sido a completa paralisia intestinal (*obstrução*) nas últimas semanas. Isso gerou vários pensamentos irreverentes. Um de meus contemporâneos, que perdera o pai quando ainda cursava o ginásio — ocasião em que eu, comovido, lhe ofereci minha amizade —, contou-me certa vez, em tom de zombaria, a dor de um parente cujo

pai tinha morrido na rua. Ele foi levado para casa, onde, ao despir o cadáver, constatou-se que, no momento ou *depois da morte*, havia ocorrido uma *evacuação do intestino* [*Stuhlentleerung*]. A filha se entristeceu tanto com isso que esse detalhe feio lhe manchou a memória do pai. Chegamos, então, ao desejo que se apresenta nesse sonho: *Aparecer aos olhos dos filhos como puro e grande após a morte*, quem não desejaria isso? Onde foi parar o absurdo desse sonho? Sua aparência absurda se produziu apenas porque no sonho é representada de modo literal uma expressão perfeitamente aceitável, na qual costumamos ignorar o absurdo que pode haver entre seus componentes. E também aqui não podemos evitar a impressão de que a aparência de absurdo é pretendida, intencionalmente provocada.

A frequência[ah] com que pessoas mortas aparecem vivas, agem e interagem conosco nos sonhos provocou surpresa indevida e gerou explicações peculiares, em que se torna muito clara a nossa incompreensão dos sonhos. No entanto, a explicação é simples. Quantas vezes não nos vemos na situação de perguntar: "*Se* meu pai ainda estivesse vivo, o que diria?". O sonho só pode representar esse "se" mediante a presença em determinada situação. Por exemplo, um homem jovem, que recebeu do avô uma grande herança, sonha, numa ocasião em que é criticado em virtude de um grande gasto, que o avô está vivo e exige que ele preste contas. O que consideramos uma crítica ao sonho — a objeção, baseada em nosso conhecimento, de que o homem já morreu — é, na verdade, o pensamento consolador de que o morto não precisou vivenciar aquilo, ou a satisfação por ele não mais poder interferir.

Há outro tipo de absurdo[ai] encontrado nos sonhos de parentes mortos que não expressa deboche ou escárnio, servindo antes para indicar a recusa extrema, a representação de um pensamento reprimido que veríamos como totalmente impensável. Sonhos desse tipo só parecem inexplicáveis se esquecemos que o sonho não distingue entre desejo e realidade. Por exemplo, um homem que cuidou do pai enquanto ele esteve doente e que sofreu muito com sua morte tem, algum tempo

depois, um sonho absurdo: *O pai voltou à vida e conversou com ele como sempre, mas* (o estranho era que) *estava mesmo morto e não sabia disso*. Entenderemos esse sonho se, após "estava mesmo morto", acrescentarmos: "em decorrência do desejo do sonhador"; e após "não sabia disso": que "o sonhador tinha esse desejo". Enquanto cuidava do pai doente, o filho desejara repetidas vezes a morte do pai, isto é, tivera o pensamento piedoso de que a morte pusesse um fim àquele martírio. Durante o luto, esse desejo ditado pela compaixão se tornou uma recriminação inconsciente, como se tivesse contribuído para encurtar a vida do enfermo. O redespertar dos primeiros impulsos infantis contra o pai permitiu expressar essa recriminação na forma de um sonho, mas foi devido justamente ao contraste cabal entre o que suscitou o sonho e o pensamento diurno que o sonho resultou tão absurdo.[73]

Os sonhos[aj] de entes queridos mortos colocam, para a interpretação dos sonhos, problemas cuja solução nem sempre é satisfatória. Podemos encontrar a razão disso na grande ambivalência sentimental que domina a relação do sonhador com o morto. É comum que nesses sonhos o morto seja tratado primeiro como pessoa viva, de repente ele se ache morto e na continuação do sonho esteja novamente vivo. Isso tem efeito desconcertante. Enfim, percebi que essa alternância entre morte e vida deve representar a *indiferença* do sonhador ("Para mim, tanto faz se ele está vivo ou morreu"). Naturalmente, essa indiferença não é real, é desejada, deve contribuir para renegar as atitudes sentimentais muito intensas, frequentemente contraditórias do sonhador, e assim se torna a representação onírica de sua *ambivalência*. Para outros sonhos em que interagimos com mortos, a seguinte regra tem proporcionado orientação: quando o sonho não diz que o morto está morto, o sonhador se iguala ao morto, sonha com sua própria morte. Se no sonho há esta lembrança ou surpresa repentina: "Mas essa pessoa já está morta há muito tempo", o sonhador se acautela contra essa identificação e rejeita que o significado seja o de sua própria morte. Mas tenho a impressão, admito, de que a interpretação dos

sonhos ainda está longe de desvendar todos os segredos dos sonhos com esse conteúdo.

III

No exemplo que exponho a seguir, pude flagrar o trabalho do sonho fabricando intencionalmente um absurdo para o qual não há ensejo no material. Ele é do sonho ocasionado pelo meu encontro com o conde Thun, antes da minha viagem de férias. "*Subo num fiacre e solicito ao cocheiro que me leve à estação de trem. 'Naturalmente não posso andar pela linha do trem com o senhor', digo após o cocheiro fazer uma objeção, como se eu o tivesse cansado. É como se eu já tivesse percorrido com ele uma distância que normalmente se faz com o trem.*" A análise traz os seguintes esclarecimentos para essa história confusa e absurda. Naquele dia, eu havia entrado num fiacre que deveria me levar para uma rua afastada em Dornbach. O cocheiro, porém, não conhecia o caminho e, como costumam fazer essas pessoas boas, foi continuando até eu perceber o que havia e lhe indicar o caminho, sem poupá-lo de algumas observações bem-humoradas. Esse cocheiro é ligado aos aristocratas por uma associação de ideias que abordarei adiante. No momento, basta a observação de que para nós, a plebe burguesa, a aristocracia chama a atenção porque prefere se sentar no lugar do cocheiro. O conde Thun também conduz a carruagem do Estado da Áustria. Mas a frase seguinte do sonho se liga a meu irmão, que, portanto, identifico com o cocheiro. Naquele dia, eu havia cancelado a nossa viagem para a Itália ("*Não posso andar pela linha do trem com o senhor*"), e esse cancelamento foi uma espécie de castigo por sua queixa frequente de que costumo *cansá*-lo nessas viagens (o que aparece de forma inalterada no sonho), impondo-lhe demasiadas coisas belas e mudanças de local num só dia. Naquela noite, meu irmão havia me acompanhado até a estação de trem, mas se despedira um pouco antes, na parada Westbahnhof, para tomar o bonde até Purkersdorf. Eu lhe havia dito que ele poderia continuar mais um pouco comigo se fosse até Purkersdorf não com o bonde, mas com o trem

da linha oeste. Isso entrou no sonho na passagem em que percorri com a *carruagem* um trecho que *normalmente se faz com o trem*. Na verdade, foi o contrário (diz o provérbio alemão: "*No sentido contrário também se anda*"); eu tinha observado a meu irmão: "O trecho que você faz no bonde, pode percorrer também em minha companhia, no trem da linha oeste". Eu causo a confusão do sonho substituindo "bonde" por "carruagem" — mas isso serve para juntar as figuras do cocheiro e do meu irmão. Então produzo algo sem sentido no sonho, algo que parece quase inexplicável e que é quase uma contradição com uma fala minha anterior ("*Não posso andar pela linha do trem com o senhor*"). Mas, como não tenho necessidade de confundir o bonde com a carruagem, devo ter formado intencionalmente toda essa história enigmática do sonho.

Mas com qual intenção? Vamos ver agora o que significa o absurdo no sonho e por quais motivos ele é permitido ou criado. No presente caso, a solução do mistério é a seguinte: eu preciso, no sonho, de algo absurdo e incompreensível relacionado à palavra "*fahren*" [viajar, andar de trem ou de carro], porque meus pensamentos oníricos incluem certo juízo que solicita representação. Certa noite, na casa de uma senhora hospitaleira e espirituosa, que aparece como "governanta" em outra cena do mesmo sonho, eu havia escutado dois enigmas, que pude solucionar. Dado que os outros convidados os conheciam, minhas vãs tentativas de encontrar a solução me fizeram parecer um pouco ridículo. Tratava-se de um jogo com as palavras "*Nachkommen*" e "*Vorfahren*". Os versos diziam:

> *O senhor ordena,*
> *O cocheiro faz.*
> *Todos têm,*
> *No túmulo descansa.* (antepassado)[ak]

Um complicador era o fato de metade do segundo enigma ser idêntica ao primeiro:

O senhor ordena,
O cocheiro faz.
Nem todos têm,
No berço descansa. (descendente)[al]

Quando vi o conde Thun *passar de carruagem* [*vorfahren*] de forma tão pomposa, achei, como *Fígaro*, que o mérito dos grandes senhores é ter se dado ao trabalho de nascer (de serem *descendentes* [*Nachkommen*]), e esses dois enigmas se tornaram pensamentos intermediários para o trabalho do sonho. Visto que é fácil confundir os aristocratas com os cocheiros, e como antigamente costumávamos chamar o cocheiro de "*Herr Schwager*" [senhor cunhado], o trabalho de condensação pôde incluir meu irmão na mesma representação. Mas o pensamento onírico que agiu por trás disso é: *É um absurdo ter orgulho de seus antepassados. Prefiro ser eu mesmo um antepassado, um ancestral.* Por causa deste juízo: "É um absurdo", há o absurdo no sonho. Agora se resolve também o último enigma dessa passagem obscura do sonho, que diz que eu já *viajei antes* [*vorher gefahren*] com o cocheiro, que já *andei de carruagem* [*vorgefahren*] com ele.

O sonho se torna absurdo, portanto, quando o juízo "Isso é um absurdo" aparece nos pensamentos oníricos como um dos elementos do conteúdo, quando a crítica ou o escárnio motivam uma das linhas de pensamento inconscientes do sonhador. O absurdo se transforma, assim, num dos meios pelos quais o trabalho do sonho representa a contradição, como a inversão de uma relação material entre pensamentos oníricos e conteúdo do sonho, como o emprego da sensação de inibição motora. Mas o absurdo do sonho não pode ser traduzido com um simples "não"; antes pretende reproduzir a disposição dos pensamentos oníricos de, ao mesmo tempo, rir ou zombar com a contradição. É com essa única intenção que o trabalho do sonho produz algo risível. Mais uma vez, ele transforma aqui *um fragmento do conteúdo latente em uma forma manifesta.*[74]

Na verdade, já encontramos um exemplo convincente desse significado de um sonho absurdo. Aquele sonho interpretado sem análise, da apresentação de uma obra de Wagner que dura até as 7h45 da manhã, em que a orquestra é dirigida do alto de uma torre etc. (ver p. 385), significa evidentemente: "Este é um mundo *às avessas* e uma sociedade *louca*. Quem merece algo, não o consegue, e quem não se importa, o obtém"; é assim que a sonhadora compara seu destino com o de sua prima. — Não é um acaso que os nossos primeiros exemplos do absurdo nos sonhos tenham sido os do pai morto. Neles se reúnem as condições típicas para a criação de sonhos absurdos. A autoridade peculiar ao pai provoca desde cedo a crítica dos filhos; as exigências severas que ele impõe os fazem prestar atenção em cada fraqueza dele, para seu próprio alívio; mas a devoção com que pensamos no pai, principalmente após sua morte, intensifica a censura, que impede que a expressão dessa crítica se torne consciente.

IV

Eis mais um sonho absurdo com o pai morto:

Recebo uma carta do conselho municipal de minha cidade natal, referente aos custos de uma internação hospitalar em 1851, necessária devido a um ataque tido por alguém de casa. Isso me diverte, pois, em primeiro lugar, eu ainda não havia nascido em 1851; em segundo lugar, meu pai, a quem isso pode se referir, já morreu. Eu o procuro no quarto ao lado, onde ele está deitado, e lhe conto isso. Para minha surpresa, ele se lembra de que em 1851 se embriagou e teve de ser internado ou preso. Foi quando trabalhava para a casa T… "Então você também bebia?", eu pergunto. "E logo depois você se casou?" Calculo que, tendo eu nascido em 1856, isso deve ter acontecido logo depois.

Após as últimas considerações, só podemos traduzir a insistência com que esse sonho exibe seus absurdos como sinal de uma polêmica bastante amarga e apaixonada dentro dos pensamentos oníricos. Mas constatamos, com surpresa ainda maior, que nesse sonho a polêmica é travada abertamente e que meu pai é visto

como o alvo da troça. Tal franqueza parece contradizer nossas premissas a respeito da censura no trabalho do sonho. Como esclarecimento, porém, diga-se que nesse caso meu pai é apenas uma figura de frente; a briga é travada com outra pessoa, que no sonho aparece numa única alusão. Normalmente o sonho trata da revolta contra outras pessoas, por trás das quais se esconde o pai, mas aqui sucede o contrário; o pai é usado como homem de palha para encobrir outros, e por isso o sonho pode se ocupar de forma tão clara de uma pessoa normalmente sagrada, pois há a certeza de que ele não é a pessoa visada. O que nos revela isso são as circunstâncias do sonho. Ele ocorreu após eu saber que um colega mais velho, cuja opinião é muito respeitada, manifestou desdém e surpresa por um de meus pacientes estar no *quinto ano* de tratamento psicanalítico. As afirmações introdutórias do sonho indicam, sob um disfarce transparente, que esse colega assumira durante algum tempo as obrigações que meu pai não podia mais cumprir (*custos*, *internação hospitalar*); e, quando nossos laços de amizade começaram a afrouxar, me vi no mesmo conflito de sentimentos que, no caso de uma divergência entre pai e filho, é provocado pela posição do pai e por tudo o que ele fez antes pelo filho. Os pensamentos oníricos se defendem amargamente da recriminação de que *eu não avanço de modo mais rápido*, algo que se refere primeiro ao tratamento do paciente e depois a outras coisas. Conhece ele alguém que consegue andar mais rápido? Não sabe ele que estados desse tipo são normalmente incuráveis e persistem por toda a vida? O que são *quatro ou cinco anos* comparados à duração de uma vida inteira, ainda mais quando a existência do paciente foi tão aliviada durante o tratamento?

Boa parte da impressão de absurdo nesse sonho é produzida porque frases de diferentes partes dos pensamentos oníricos são alinhadas sem nenhuma transição. Assim, a frase: "*Eu o procuro no quarto ao lado* etc." abandona o tema das anteriores e reproduz fielmente as circunstâncias em que comuniquei a meu pai meu noivado, sem consultá-lo antes. Portanto, a frase me recorda o altruísmo nobre demonstrado então pelo velho, contrastando-o com a conduta de alguém — de mais outra

pessoa. Noto que o sonho pode zombar de meu pai porque nos pensamentos oníricos ele é plenamente reconhecido e apresentado aos outros como modelo. É da natureza de toda censura deixar que das coisas não permitidas expressemos antes o que não é verdadeiro do que a verdade. A frase seguinte, em que ele se lembra de que *se embriagou, e por isso foi preso*, já não contém nada que se refira ao meu pai na realidade. A pessoa por ele encoberta é ninguém menos que o grande [Theodor] Meynert, cuja trajetória acompanhei com enorme veneração e cuja atitude em relação a mim se transformou, após um breve período de favor, em hostilidade aberta. O sonho me lembra algo que ele próprio me disse, que na juventude tivera o hábito de se *entorpecer com clorofórmio* e por isso *estivera numa instituição*, e também um acontecimento pouco antes de sua morte. Eu havia travado uma polêmica com ele sobre a histeria masculina, cuja existência ele negava, e quando o visitei, já muito doente, e perguntei como se sentia, ele me descreveu seu estado e encerrou com as palavras: "Sabe, sempre fui um dos melhores casos de histeria masculina". Para minha satisfação e espanto, admitiu aquilo ao qual se opusera tanto e por tão longo tempo. Mas o fato de eu substituir Meynert por meu pai nessa cena do sonho se deve não a uma analogia encontrada entre os dois; é antes a representação sucinta, mas adequada, de uma frase condicional que diz: "Se eu fosse a segunda geração, o filho de um professor catedrático ou um conselheiro da corte [*Hofrat*], certamente teria avançado de modo mais rápido". No sonho, transformo meu pai em professor catedrático ou conselheiro da corte. O absurdo mais incômodo e grosseiro do sonho está na referência ao ano de 1851, que lá não me parece distinto de 1856, *como se a diferença de cinco anos nada significasse*. Mas é justamente isso que os pensamentos oníricos buscam expressar. *Quatro a cinco anos*, esse é o período durante o qual recebi a ajuda do colega mencionado antes, mas é também o tempo que fiz minha noiva esperar pelo casamento e, por uma coincidência de que os pensamentos oníricos se aproveitaram, também o tempo durante o qual meu paciente próximo espera pela cura completa. "*O que são cinco anos?*", perguntam os

pensamentos oníricos. "*Isso não é nada para mim, isso não importa*. Tenho ainda bastante tempo, e, assim como se realizou aquilo que vocês consideravam impossível, conseguirei alcançar também isto." Além disso, o número 51, isolado de seu século, é determinado ainda de outra forma, e num sentido contrário; por isso, ocorre várias vezes no sonho. Essa é uma idade, 51, que parece particularmente perigosa para um homem, em que vários de meus colegas morreram, entre eles um que, após uma longa demora, havia sido nomeado professor alguns dias antes.

V

Outro sonho absurdo, que brinca com números:

Um conhecido meu, o sr. M., foi atacado por ninguém menos que Goethe num ensaio, e, na opinião de todos nós, com injustificada veemência. É claro que o sr. M. ficou devastado com esse ataque. Ele se queixa disso amargamente para algumas pessoas, à mesa. Sua admiração por Goethe, porém, não sofreu com essa experiência pessoal. Busco esclarecer um pouco a cronologia, que me parece improvável. Goethe morreu em 1832; como o ataque a M. certamente ocorreu antes disso, este era um homem muito jovem. Parece-me plausível que ele tivesse dezoito anos de idade. No entanto, não estou seguro do ano em que escrevemos, e, assim, todo o cálculo se torna obscuro. O ataque se encontra no famoso ensaio de Goethe "Natureza".

Logo teremos meios de explicar o nonsense desse sonho. O sr. M., que conheci *numa mesa de amigos*, me pediu recentemente que eu examinasse seu irmão, que apresenta sinais de *paralisia geral*. A suspeita era correta; durante a visita, ocorreu a situação penosa em que o doente, sem nenhum motivo, embaraçou o irmão aludindo às *façanhas juvenis* deste. Eu havia perguntado ao paciente o ano de seu nascimento e pedi que fizesse pequenos cálculos, a fim de testar a fraqueza de sua memória, provas essas que ele superou bem. Já percebo que no sonho me comporto como alguém que sofre de paralisia (*Não estou seguro do ano em que escrevemos*). Outro material do sonho vem de uma fonte recente. O editor de uma revista

médica, com quem eu tinha boas relações, havia publicado uma crítica impiedosa e "devastadora" do último livro de meu amigo Fl., de Berlim, escrita por um resenhador *jovem* e não muito competente. Achei que tinha o direito de intervir e solicitei uma explicação do editor, que lamentou ter acolhido a resenha, mas não se dispôs a fazer uma retificação. Depois disso, rompi a relação com a revista e, na minha carta de rompimento, manifestei a esperança *de que nosso relacionamento pessoal não sofresse com o incidente*. A terceira fonte do sonho foi o relato de uma paciente sobre o adoecimento psíquico de seu irmão, que, gritando "*Natureza, natureza*", sofrera um ataque de fúria. Os médicos achavam que o grito tinha origem na leitura daquele belo ensaio de Goethe, indicando uma exaustão pelo excesso de trabalho do doente, ao estudar filosofia natural. Preferi pensar no sentido sexual em que as pessoas menos cultas falam de "natureza", e o fato de que depois o infeliz mutilou seus órgãos genitais parecia indicar que eu não estava totalmente errado. Ele tinha *dezoito anos* de idade quando sofreu essa crise de fúria.

Se eu acrescentar ainda que o livro tão criticado do meu amigo ("Perguntamos quem é louco, se é o autor ou nós mesmos", escreveu outro crítico) se ocupa dos *dados cronológicos* da vida e explica a duração da vida de *Goethe* como o múltiplo de um número significativo para a biologia, é fácil entender por que no sonho me coloco no lugar do meu amigo. ("*Busco esclarecer um pouco a cronologia*.") No entanto, comporto-me como quem tem paralisia, e o sonho é pródigo em absurdos. Assim, os pensamentos oníricos dizem ironicamente: "*Naturalmente*, ele é o tolo, o louco, e vocês são as pessoas geniais que entendem melhor as coisas. Ou talvez seja o inverso?". E essa *inversão* está abundantemente representada no conteúdo do sonho, pois Goethe ataca o jovem, o que é absurdo, enquanto um homem bem jovem poderia, ainda hoje, atacar facilmente o imortal Goethe, e eu calculo a partir do *ano da morte* de Goethe, enquanto faço o paralítico calcular a partir do seu *ano de nascimento*.

Mas também prometi mostrar que nenhum sonho é inspirado por impulsos que não sejam egoístas. Então devo justificar por que, nesse sonho, faço minha a causa do meu amigo e me coloco em seu lugar. A convicção crítica que possuo no estado de vigília não basta para isso. Mas a história do paciente de dezoito anos de idade e as diferentes interpretações de seu grito "*Natureza*" aludem à oposição em que me coloquei ante a maioria dos médicos, com minha afirmação de uma etiologia sexual das psiconeuroses. Eu podia dizer a mim mesmo: "Você receberá a mesma crítica que recebeu seu amigo; em parte, isso já aconteceu". Isso me possibilitou substituir o "ele" dos pensamentos oníricos por um "nós". "Sim, vocês têm razão, nós dois somos os tolos." A menção do pequeno, belíssimo ensaio de Goethe me lembra vivamente que "*mea res agitur*" ["trata-se de mim"], pois foi a apresentação desse ensaio numa palestra popular que me levou, quando ainda era um estudante indeciso, ao estudo da ciência natural.

VI

Ainda fiquei de mostrar que é egoísta outro sonho em que não aparece o meu Eu. Na página 310, mencionei um sonho breve, em que o professor M. diz: "*Meu filho, o míope*", e disse que esse era apenas o sonho preliminar de outro, no qual desempenho um papel. Segue aqui o sonho principal, que nos oferece a oportunidade de explicar um termo absurdo e incompreensível que foi criado. *Devido a certos eventos na cidade de Roma, é necessário tirar dali as crianças, e é o que acontece. A cena se passa na frente de um portão, um portão duplo do tipo antigo* (*a Porta Romana em Siena, como sei no próprio sonho*). *Estou sentado na borda de uma fonte e me acho muito abatido, quase chorando. Uma mulher — cuidadora, freira — traz dois garotos e os entrega ao pai, que não sou eu. O mais velho dos dois é claramente meu filho primogênito, mas não consigo ver o rosto do outro; a mulher que traz o garoto exige um beijo de despedida dele. Ela se distingue pelo nariz vermelho. O garoto lhe nega o beijo, mas lhe diz, estendendo-lhe a mão:* "auf geseres", *e a nós dois* (*ou a um de*

nós): "auf ungeseres".[am] *Tenho a ideia de que essa segunda expressão significa uma preferência*.

Esse sonho se baseia num emaranhado de pensamentos despertados pela apresentação da peça *Das neue Ghetto* [O novo gueto], que vimos no teatro. A questão judaica, a preocupação com o futuro dos filhos, aos quais não podemos dar uma pátria, a preocupação de educá-los para que tenham a liberdade de ir e vir podem facilmente ser reconhecidas nos pensamentos oníricos correspondentes.

"*Junto às águas da Babilônia sentamos e choramos*." — Como Roma, Siena é famosa por suas lindas fontes: preciso, no sonho (cf. p. 230), escolher um substituto para Roma entre localidades conhecidas. Próximo à Porta Romana de Siena vimos uma grande casa iluminada. Descobrimos que se tratava do *Manicomio*. Pouco antes do sonho, eu soubera que um correligionário fora obrigado a abandonar o emprego, conquistado com muito esforço, num manicômio do Estado.

Nosso interesse é despertado pelas expressões [inexistentes em alemão] *Auf Geseres*, onde, conforme a situação no sonho, esperaríamos *Auf Wiedersehen* [Até logo] e seu oposto totalmente sem sentido: *Auf Ungeseres*.

Geseres é, segundo a informação que obtive de estudiosos das Escrituras, uma palavra hebraica autêntica, derivada do verbo *goiser*, e pode ser traduzida como "sofrimentos impostos, fatalidade". Seu uso no jargão nos levaria a supor que significa "lamentar e prantear". *Ungeseres* é um termo criado por mim; é a primeira coisa a chamar minha atenção, mas me deixa desorientado inicialmente. A pequena observação no fim do sonho, de que *Ungeseres* significaria uma preferência em relação a *Geseres*, abre as portas para as associações e, portanto, para e explicação. Encontramos essa relação também no caviar; o caviar não salgado [*ungesalzen*] é mais valorizado do que o salgado [*gesalzen*]. Caviar para o povo, "paixões aristocratas": aqui se esconde uma alusão jocosa a uma pessoa do meu lar; ela é mais nova do que eu e espero que, por isso, zelará pelo futuro dos meus filhos. Isso concorda com o fato de que outra pessoa da minha casa, nossa ótima babá, é

mostrada de maneira reconhecível na cuidadora (ou freira). Mas entre os dois pares, *gesalzen-ungesalzen* e *Geseres-Ungeseres*, ainda falta uma mediação. Esta se encontra em "*gesäuert* e *ungesäuert*" [fermentado e não fermentado]. Em sua fuga do *Egito*, os filhos de Israel não tiveram tempo de fermentar a massa do pão, e ainda hoje comem, em memória disso, pão sem fermento na Páscoa. Posso incluir aqui um pensamento súbito que me veio durante essa parte da análise. Lembrei-me da última Páscoa em que nós, meu amigo de Berlim e eu, passeamos pelas ruas de Breslau, uma cidade que não conhecíamos. Uma garotinha me perguntou pelo caminho para determinada rua, e eu tive que me desculpar dizendo que não sabia. Mais tarde, disse ao meu amigo: "Espero que no futuro a garota tenha mais perspicácia ao escolher as pessoas que a guiarão". Logo em seguida, chamou-me a atenção uma placa: "Dr. *Herodes*, consulta…". Eu disse: "Espero que o colega não seja pediatra". Enquanto isso, meu amigo havia me explicado sua opinião sobre o significado biológico da *simetria bilateral*, começando uma frase com as palavras: "Se tivéssemos um olho no meio da testa, como o *ciclope*…". Isso levou à fala do professor no sonho preliminar: "*Meu filho, o míope*". Então cheguei à fonte principal do *Geseres*. Muitos anos atrás, quando esse filho do professor M., que hoje é um pensador independente, ainda se sentava na *carteira da escola*, ele sofreu uma infecção ocular que o médico afirmou ser preocupante. Disse que, enquanto ela permanecesse *unilateral*, não significaria nada, mas que, se passasse para o *outro olho*, o caso seria grave. O olho ficou perfeitamente curado, mas logo depois realmente surgiram sinais de doença no outro. Aflita, a mãe mandou chamar o médico até o solitário local onde se achavam no campo. Mas ele passou para o *outro lado*: "*Que* Geseres *é este que a senhora está fazendo? Um lado* ficou bom, então o *outro* também ficará". E foi o que aconteceu.

E agora a relação disso comigo e com os meus. A carteira escolar, onde o filho do professor M. adquiriu seus primeiros conhecimentos, foi dada pela mãe dele ao meu filho mais velho, ao qual atribuo as palavras de despedida no sonho. Agora é

fácil adivinhar um dos desejos que podem se ligar a essa transferência. Essa carteira escolar, dada sua construção, deve também evitar que a criança se torne *míope*[an] e *unilateral*. Daí, no sonho, o *míope* (por trás dele o *ciclope* [em alemão, *Myop* e *Zyklop*]) e as explicações sobre a *bilateralidade*. A preocupação com a unilateralidade tem mais de um sentido; além da unilateralidade física, pode se referir também à unilateralidade do desenvolvimento intelectual. Não parece mesmo que a cena do sonho, em sua maluquice, contradiz justamente essa preocupação? O menino, após dizer a palavra de despedida *para um lado*, volta-se *para o outro lado* e diz o oposto, como que para restaurar o equilíbrio. *Ele age como que observando a simetria bilateral!*

Assim, muitas vezes o sonho é mais profundo onde se mostra mais louco. Em todos os tempos, aqueles que tinham algo a dizer e não podiam dizê-lo sem perigo costumavam se fazer de tolos. A plateia a que se destinava a fala proibida a tolerava mais facilmente quando podia rir e se lisonjear com o veredicto de que o desagradável era evidentemente algo tolo. Como o sonho na realidade, o príncipe da peça tem de se fingir de tolo, e assim podemos dizer dos sonhos o que Hamlet, substituindo as condições reais por outras, cômico-incompreensíveis, diz de si mesmo: "Sou louco apenas quando o vento vem de nor-noroeste; quando ele sopra do sul, consigo distinguir uma garça-real de um falcão".[75]

Assim, resolvi o problema do absurdo nos sonhos argumentando que os pensamentos oníricos jamais são absurdos — pelo menos nos sonhos de pessoas saudáveis — e que o trabalho do sonho produz sonhos absurdos e sonhos com certos elementos absurdos quando tem de representar numa forma de expressão adequada o que há de crítica, zombaria e sarcasmo nos pensamentos oníricos. Agora devo mostrar que o trabalho do sonho consiste na combinação dos três fatores mencionados — e de um quarto fator ainda não abordado —, que ele nada faz além de traduzir os pensamentos oníricos obedecendo às quatro condições predeterminadas, e que a questão de se a psique trabalha com todas as suas

faculdades intelectuais no sonho, ou apenas com uma parte delas, é colocada de modo errado e ignora as condições reais. Mas, como existem numerosos sonhos em que algo é julgado, criticado e reconhecido, em que há surpresa com algum elemento do sonho e são feitas tentativas de explicação e de argumentação, preciso responder às objeções que derivam desses fatos por meio de exemplos selecionados.

Minha resposta é: *Tudo que se acha nos sonhos como aparente atividade da função do juízo não deve ser visto como realização intelectual do trabalho do sonho, mas pertence, isto sim, ao material dos pensamentos oníricos, e a partir destes chegou ao conteúdo manifesto do sonho como algo já pronto*. Posso levar essa afirmação até um pouco mais longe. Boa parte dos juízos que fazemos sobre um sonho lembrado *após o despertar*, dos sentimentos que a reprodução desse sonho suscita em nós, pertence ao conteúdo latente do sonho e deve ser incluída em sua interpretação.

I

Já mencionei um exemplo notável disso. Uma paciente não quer contar seu sonho porque ele não é claro o suficiente. Ela viu uma pessoa no sonho e não sabe *se foi o marido ou o pai*. Segue-se então uma segunda parte do sonho, em que há uma lixeira [*Misttrügerl*], que traz a seguinte lembrança. Como jovem dona de casa, ela disse em tom de brincadeira, para um jovem parente que frequentava sua casa, que sua próxima tarefa seria a aquisição de uma lixeira nova. Na manhã seguinte, ela a recebeu, mas estava cheia de lírios-do-vale. Essa parte do sonho serve como representação da expressão idiomática: "Isso não cresceu no meu próprio estrume" [*Nicht auf meinem eigenen Mist gewachsen*, significando "Não sou responsável por isso]. Completando a análise, vemos que nos pensamentos oníricos há o eco de uma história ouvida na juventude, em que uma moça teve um filho, *mas não estava claro quem era o pai*. A representação do sonho transborda aqui para o pensamento de vigília, faz com que um dos elementos dos pensamentos oníricos seja representado por um juízo, feito na vigília, sobre o sonho como um todo.

II

Um caso parecido: um dos meus pacientes tem um sonho que lhe parece interessante, pois imediatamente após despertar ele diz a si mesmo: "*Preciso contar isso ao doutor*". O sonho é analisado e mostra alusões nítidas a um relacionamento que ele iniciou durante o tratamento, sobre o qual pretendia *não me contar nada*.[76]

III

Um terceiro exemplo, tirado de minha própria experiência:

Vou ao hospital com P., através de uma região em que há casas e jardins. Tenho a impressão de já ter visto essa região várias vezes em meus sonhos. Não a conheço muito bem. Ele me mostra um caminho que, passando por uma esquina, leva a um restaurante (ao interior, não a um pátio); lá, pergunto pela sra. Doni e sou informado de que ela mora num pequeno quarto nos fundos, com três crianças. Vou até lá e encontro, antes de chegar, alguém indistinto com minhas duas filhas pequenas; então levo as duas comigo, após ter ficado ali com elas por um tempo. Uma espécie de recriminação a minha esposa por tê-las deixado ali.

Ao acordar, sinto uma grande *satisfação*, que justifico pelo fato de que agora, pela análise, saberei o que isso significa: *Eu já sonhei com isso*.[77] Mas a análise nada me ensina a respeito; apenas me revela que a satisfação pertence ao conteúdo latente do sonho, e não a um juízo sobre o sonho. É a satisfação de ter tido filhos em meu casamento. P. é uma pessoa que me acompanhou durante parte da minha vida e que depois me ultrapassou bastante em termos sociais e materiais, mas permaneceu sem filhos no casamento. Os dois eventos que ocasionaram o sonho podem substituir a prova mediante uma análise completa. Na véspera, li no jornal o obituário de uma senhora *Dona A…y* (que eu transformo em *Doni*), que morreu no *puerpério*. Minha mulher me contou que a falecida havia recebido os cuidados da mesma parteira que a assistira no nascimento de nossos dois filhos mais novos. O nome *Dona* chamou

minha atenção, porque pouco antes eu o havia encontrado pela primeira vez num romance inglês. O outro ensejo para o sonho vem de quando ocorreu; foi na noite anterior ao aniversário de meu filho mais velho, que parece ter talento literário.

IV

Sinto a mesma satisfação ao despertar do sonho absurdo em que meu pai, após sua morte, exerce um papel político entre os magiares, e ela se explica pelo prosseguimento da sensação que acompanhava a última parte do sonho: "*Lembro-me de que no leito de morte ele se parecia muito com Garibaldi, e me alegro de que esse augúrio tenha se cumprido…*" (*Havia uma continuação que esqueci.*) A análise me permite preencher essa lacuna do sonho. Era a menção ao meu segundo filho, ao qual dei o nome de uma grande figura histórica que me atraiu bastante na juventude, principalmente após minha visita à Inglaterra. Enquanto o esperávamos, eu pretendia dar-lhe esse nome caso fosse um menino, e depois, com enorme *satisfação* saudei o recém-nascido com esse nome. Nota-se facilmente como a megalomania reprimida do pai se transfere para os filhos em seu pensamento; é até mesmo provável que este seja um dos caminhos pelos quais se dá essa supressão, que se torna necessária na vida. O pequeno ganhou o direito de ser acolhido na trama do sonho quando lhe ocorreu o mesmo acidente — perdoável na criança e no moribundo —, o de sujar a roupa de cama. Vejam-se, a propósito, a referência a "*Stuhlrichter*" e o desejo daquele sonho: aparecer *grande* e *limpo* aos olhos de seus filhos.

V

Agora devo encontrar juízos manifestados no sonho e que nele permanecem, não continuam ou passam para o estado de vigília, e minha tarefa é facilitada por poder me servir de sonhos que já foram comunicados com outra intenção. O sonho com Goethe, em que ele atacou o sr. M., parece conter bom número de juízos. *Busco*

esclarecer um pouco a cronologia, que me parece improvável. Isso não seria uma reação crítica ao absurdo de que Goethe teria atacado literariamente um jovem conhecido meu? "*Parece-me plausível* que ele tivesse dezoito anos de idade." Isso semelha o resultado de um cálculo, mesmo que idiota; e "*Não estou seguro do ano em que escrevemos*" seria um exemplo de insegurança ou dúvida no sonho.

Esses juízos são aparentemente emitidos pela primeira vez no sonho. Mas sei, pela análise deste, que sua formulação pode ser compreendida de outra forma, de maneira que se tornam indispensáveis para a interpretação do sonho e, ao mesmo tempo, todo absurdo é evitado. Com a frase: "*Busco esclarecer um pouco a cronologia*", eu me ponho no lugar de meu amigo, que realmente busca explicar dados cronológicos da vida. Com isso, a frase perde o significado de um juízo que se volta contra o absurdo das afirmações anteriores. As palavras "*que me parece improvável*" estão ligadas as outras, posteriores: "*Parece-me plausível*". Foi mais ou menos com essas palavras que respondi à senhora que me contou a história clínica de seu irmão: "*Parece-me improvável* que a exclamação 'Natureza, natureza' tivesse algo a ver com Goethe: é muito mais plausível que ela tivesse o significado sexual que a senhora já conhece". Aqui foi mesmo pronunciado um juízo, não no sonho, mas na realidade, numa ocasião que é lembrada e utilizada nos pensamentos oníricos. O conteúdo do sonho se apropria desse juízo como de qualquer outro fragmento dos pensamentos oníricos.

O número 18, que no sonho é ligado insensatamente ao juízo, guarda ainda um traço do contexto do qual o julgamento real foi tirado. Por fim, "*Não estou seguro do ano em que escrevemos*" não pretende senão estabelecer minha identificação com o doente paralítico, em cujo exame havia realmente aparecido esse ponto.

Elucidando os aparentes juízos feitos no sonho, podemos nos lembrar da regra dada inicialmente para realizar o trabalho de interpretação, segundo a qual devemos desconsiderar a coerência produzida no sonho entre os elementos, como aparência irrelevante, e rastrear cada elemento até sua origem. O sonho é um conglomerado

que, para os fins da investigação, deve ser novamente reduzido a fragmentos. Por outro lado, devemos observar que nos sonhos se manifesta uma força psíquica que produz essa aparente coerência, ou seja, que submete o material adquirido por meio do trabalho do sonho a uma *elaboração secundária*. Vemos aqui manifestações daquela força que mais adiante abordaremos, como o quarto fator envolvido na formação dos sonhos.

VI

Eis outros exemplos de trabalho de julgamento nos sonhos já comunicados. No sonho absurdo da carta do conselho municipal, eu pergunto: "*'E logo depois você se casou?' Calculo que, tendo eu nascido em 1856, isso deve ter acontecido logo depois*". Isso se apresenta na forma de uma *conclusão lógica*. Meu pai se casou logo depois do ataque, em 1851; eu sou o mais velho, nascido em 1856; isso está correto. Sabemos que essa conclusão é distorcida pela realização do desejo, que o pensamento dominante do sonho é: *quatro ou cinco anos, isso não é nada, isso não conta*. Mas cada parte dessa conclusão lógica deve ter sido determinada diferentemente pelos pensamentos oníricos, segundo o conteúdo e a forma. Era o paciente, cuja paciência meu colega deplorou, que pretendia se casar logo após o encerramento da terapia. A maneira como eu lido com meu pai no sonho lembra um *interrogatório* ou *exame* e, portanto, um professor universitário que costumava tomar todos os dados pessoais de quem se matriculava em seu curso: Nascido quando? 1856 — *Patre?* Informávamos então o primeiro nome do pai com terminação latina. Nós, estudantes, supúnhamos que o conselheiro tirava, do primeiro nome do pai, *conclusões* que nem sempre o primeiro nome do aluno matriculado lhe permitia tirar. Assim, *tirar conclusões* no sonho seria apenas a repetição do ato de *tirar conclusões* que aparece como parte do material dos pensamentos oníricos. Descobrimos aqui algo novo. Quando há uma conclusão no conteúdo do sonho, ela seguramente provém dos pensamentos oníricos; mas nestes ela pode estar presente como

fragmento do material lembrado ou pode, enquanto vínculo lógico, conectar uma série de pensamentos oníricos entre si. Em todo caso, a conclusão no sonho representa uma conclusão nos pensamentos oníricos.[78]

Podemos retomar agora a análise desse sonho. O interrogatório do professor traz a lembrança da lista dos estudantes da universidade (na minha época ainda em latim). E também da minha trajetória acadêmica. Os *cinco anos* previstos para o estudo da medicina não me bastaram. Continuei despreocupadamente por vários anos, meus conhecidos me tomavam por ocioso e duvidavam que eu chegasse a concluir o curso. Então me decidi *rapidamente* a fazer os exames e terminei: *apesar do adiamento*. Era um novo reforço dos pensamentos oníricos que eu contrapunha a meus críticos: "Vocês podem não acreditar, porque não me apressei; mas eu termino, eu chego à *conclusão*. Não é a primeira vez que isso acontece".

Esse sonho contém, em sua parte inicial, algumas frases a que dificilmente podemos negar o caráter de argumentação. E essa argumentação nem é absurda; ela poderia estar igualmente no pensamento desperto. *No sonho, eu me divirto com uma carta do conselho municipal, pois, em primeiro lugar, eu ainda não havia nascido em 1851; em segundo lugar, meu pai, ao qual isso pode se referir, já morreu*. As duas afirmações são não apenas corretas, também correspondem aos argumentos reais que eu utilizaria no caso de um comunicado desse tipo. Sabemos, pela análise anterior (p. 481), que esse sonho nasceu de pensamentos oníricos profundamente amargurados e plenos de escárnio; e se supusermos, além disso, também fortes razões para a censura, compreenderemos que o trabalho do sonho teve todo motivo para criar *uma refutação impecável a uma pretensão absurda*, segundo o modelo contido nos pensamentos oníricos. A análise mostra, porém, que aqui o trabalho do sonho não foi livre para criar, tendo que usar material dos pensamentos oníricos. É como se, numa equação algébrica, além dos números houvesse também sinais de mais e de menos, sinais de potência e de raiz, e alguém, copiando a equação sem entendê-la, passasse os sinais de operações e os números para a sua cópia, mas

misturasse tudo. Os dois argumentos podem ser relacionados ao seguinte material. Foi embaraçoso pensar que algumas das premissas que estão na base de minha explicação psicológica das psiconeuroses provocariam descrença e risos quando se tornassem conhecidas. Fui levado a afirmar que impressões já do segundo ano de vida, às vezes até do primeiro, deixam um rastro permanente na vida afetiva dos futuros pacientes e que — ainda que muito distorcidas e exageradas pela lembrança — podem fornecer o primeiro e mais básico fundamento para um sintoma histérico. Os pacientes aos quais expliquei isso no momento apropriado costumavam parodiar o esclarecimento recém-adquirido, declarando-se dispostos a procurar lembranças de um tempo *em que ainda não viviam*. Uma acolhida semelhante podia ter minha descoberta do papel insuspeitado que *o pai* tem nos primeiros impulsos sexuais de pacientes femininas. (Cf. a discussão na p. 298.) Mas eu tinha a convicção bem fundamentada de que as duas coisas são verdadeiras. Vejo a confirmação disso em alguns casos em que a morte do pai ocorreu quando a criança era bem nova, e eventos posteriores, inexplicáveis de outro modo, provaram que ela havia inconscientemente conservado lembranças da pessoa que havia perdido tão cedo. Eu sabia que minhas duas afirmações se apoiavam em *conclusões* cuja validade seria contestada. Era, portanto, a realização de um desejo que o trabalho do sonho empregasse justamente o material *dessas conclusões, cuja contestação eu temia*, para produzir *conclusões irrefutáveis*.

VII

Num sonho que até agora mencionei de passagem, o espanto com o tema é claramente expresso no início.

O velho Brücke deve ter me dado alguma tarefa; estranhamente, ela consiste na dissecação da parte inferior de meu próprio corpo, a pelve e as pernas, que vejo diante de mim como na sala de dissecação, mas sem notar sua ausência em meu corpo, também sem nenhum traço de horror. Louise N. também está presente e executa o trabalho

comigo. A pelve foi eviscerada, vejo ora o lado superior ora o lado inferior dela, e os dois se confundem. Tubérculos grossos, cor de carne (*que, ainda no sonho, me fazem pensar em hemorroidas*)*, podem ser vistos. Tivemos também que raspar cuidadosamente algo que estava por cima e que semelhava papel-alumínio amassado.*[79] *Depois voltei a estar com minhas pernas e caminhei pela cidade, mas* (*por estar cansado*) *tomei um carro. Para minha surpresa, este entrou pelo portão de uma casa, que se abriu e o deixou passar por um corredor que, após uma dobra no final, levava ao ar livre.*[80] *Por fim, eu caminhava com um guia alpino, que carregava minhas coisas, por paisagens cambiantes. Num trecho ele me carregou, em consideração por minhas pernas cansadas. O solo era pantanoso; caminhávamos pela borda; pessoas estavam sentadas no chão, entre elas uma garota, como índios ou ciganos. Antes disso, eu mesmo me desloquei sobre o solo escorregadio, sempre me admirando por fazer aquilo tão bem, após a dissecação. Enfim chegamos a uma pequena casa de madeira que terminava numa janela aberta. Meu guia me deixou ali e colocou duas tábuas, que já estavam à disposição, no parapeito da janela, para assim transpor o abismo que devia ser atravessado a partir da janela. Então comecei realmente a temer por minhas pernas. Em vez da transposição esperada, vi dois homens deitados em bancos de madeira encostados nas paredes da cabana e o que pareciam ser duas crianças dormindo ao lado deles. Como se não fossem as tábuas, mas as crianças que permitiriam a transposição. Acordo assustado.*

Quem tiver adquirido uma impressão exata da amplitude da condensação no sonho poderá imaginar facilmente quantas páginas a análise minuciosa desse sonho deve ocupar. Felizmente, nesse contexto vou tomar dele apenas o exemplo da surpresa nos sonhos, que se manifesta na expressão "*estranhamente*". A ocasião para o sonho foi a seguinte. É uma visita da sra. Louise N., que no sonho me assiste no trabalho. "Empreste-me algo para ler." Eu lhe ofereço *She*, de Rider Haggard. "Um livro *estranho*, mas cheio de sentido oculto", começo a lhe dizer, "o feminino eterno, a imortalidade de nossos afetos —", mas ela me interrompe: "Este eu já conheço. Você não tem nada de seu próprio punho?" — "Não, minhas próprias

obras imortais ainda não foram escritas." — "E quando é que serão publicadas as suas explicações últimas, que, como você promete, serão legíveis também para nós?", ela pergunta, em tom meio provocante. Noto que é outra pessoa que está me advertindo por meio dela e me calo. Penso na superação que me custa tornar público o trabalho sobre o sonho, no qual sou obrigado a revelar tanto do meu íntimo.

O melhor que és capaz de saber,
Não podes contar aos meninos.[ao]

A dissecação de *meu próprio corpo*, que tenho de fazer no sonho, é, portanto, a *autoanálise* ligada à comunicação dos sonhos. O velho *Brücke* se junta à cena com todo o direito; já nesses primeiros anos de trabalho científico, deixei de lado uma descoberta minha até sua ordem enérgica me fazer publicá-la. Mas os outros pensamentos, ligados à conversa com Louise N., vão demasiado fundo para se tornarem conscientes; sofrem um desvio na direção do material que foi despertado em mim pela menção do livro *She*, de Rider Haggard. É a esse livro e a outro do mesmo autor, *Heart of the World*, que se aplica o juízo "*estranhamente*", e numerosos elementos do sonho são retirados desses dois romances fantásticos. O solo pantanoso sobre o qual as pessoas são carregadas e o abismo que deve ser transposto com a ajuda das tábuas vêm de *She*; os índios, a garota, a cabana de madeira, de *Heart of the World*. Nos dois livros o guia é uma mulher, ambos tratam de expedições perigosas; *She*, de um caminho aventureiro para o desconhecido, onde quase ninguém pisou até então. Segundo uma anotação a respeito do sonho, as pernas cansadas foram uma sensação real daqueles dias. Eram provavelmente acompanhadas de um ânimo cansado e da dúvida: "Até onde minhas pernas ainda conseguirão me levar?". Em *She*, a aventura termina deste modo: a guia, em vez de conquistar a imortalidade para si mesma e para os outros, encontra a morte no misterioso fogo central. Um medo desse tipo atuava de forma inconfundível nos

pensamentos oníricos. "*A cabana de madeira*" é, certamente, também o *caixão*, ou seja, o túmulo. Mas na representação deste mais indesejável dos pensamentos pela realização de um desejo o trabalho do sonho realizou sua obra-prima. Pois eu já estivera num túmulo uma vez, porém era um túmulo etrusco escavado perto de Orvieto, uma câmara estreita com dois bancos de pedra nas paredes, em que jaziam os esqueletos de dois adultos. O interior da casa de madeira no sonho é exatamente igual, exceto que a pedra é substituída pela madeira. O sonho parece dizer: "Já que você deve estar no túmulo, que seja o túmulo etrusco", e com essa substituição ele transforma a mais triste expectativa numa coisa desejável. Como veremos adiante, infelizmente ele só consegue transformar em seu oposto a ideia que acompanha o afeto, nem sempre o afeto em si. É por isso que eu acordo "assustado", após alcançar representação a ideia de que talvez os filhos obtenham o que foi negado ao pai — outra referência ao romance estranho em que a identidade de uma pessoa é mantida por uma sequência de gerações de 2 mil anos.

VIII

Em outro sonho há também uma expressão de surpresa com algo que nele vivi, mas ligada a uma tentativa de explicação tão digna de nota, tão rebuscada e quase engenhosa, que apenas por ela eu submeteria o sonho inteiro à análise, mesmo que ele não tivesse duas outras coisas de nosso interesse. Na noite de 18 para 19 de julho, estou viajando na linha ferroviária do sul e escuto no sono: *"Hollthurn,*[ap] *dez minutos!". Penso imediatamente em Holotúrias — de um museu de história natural —, que aqui é um lugar onde homens bravos se defenderam sem sucesso contra o poder superior do soberano. — Sim, a Contrarreforma na Áustria! — Como se fosse uma localidade na Estíria ou no Tirol. Vejo agora, de forma indistinta, um pequeno museu em que estão conservados os restos ou os pertences desses homens. Quero desembarcar, mas hesito. Na plataforma há mulheres com frutas; elas estão agachadas no chão e estendem suas cestas de modo convidativo. — Hesitei porque não sabia se teríamos*

tempo, e agora ainda estamos parados. — De repente, encontro-me em outro compartimento onde o couro e os assentos são tão finos que as costas tocam diretamente no respaldo.[81] *Eu me admiro, mas posso ter mudado de vagão enquanto dormia. Há várias pessoas, entre elas um casal de irmãos ingleses; vê-se nitidamente uma série de livros numa estante junto à parede. Vejo* Wealth of Nations [A riqueza das nações], Matter and Motion [Matéria e movimento] (*de Maxwell*), *volumes grossos encadernados com tecido marrom. O homem pergunta à irmã pelo livro de Schiller, se ela o esqueceu. Ora os livros parecem ser meus, ora parecem ser deles. Quero intervir na conversa para confirmar ou apoiar* — — — Então acordo, suando no corpo inteiro, porque todas as janelas estão fechadas. O trem para em Marburg.

Enquanto registro o sonho, ocorre-me um fragmento dele que a lembrança queria ignorar: *Digo ao casal de irmãos* [em inglês], *referindo-me a certa obra: "It is from…, mas então me corrijo: "It is by…". O homem diz à irmã: "Ele falou corretamente".*

O sonho começa com o nome da estação, que não deve ter me despertado completamente. Eu substituo esse nome, que era *Marburg*, por *Hollthurn*. O fato de eu ter ouvido Marburg na primeira chamada, ou talvez numa depois, é provado pela menção a Schiller no sonho, que, como sabemos, nasceu em Marburg, embora não na Marburg da Estíria.[82] Dessa vez eu viajava em condições muito desagradáveis, embora na primeira classe. O trem estava superlotado, no compartimento eu havia encontrado um homem e uma senhora que pareciam aristocráticos e que não tiveram a urbanidade de esconder seu desagrado com o intruso ou julgaram não valer a pena fazê-lo. Não responderam à minha saudação cortês; embora estivessem sentados lado a lado (na direção contrária ao movimento do trem), a mulher se apressou em ocupar com um guarda-chuva, sob meus olhos, o assento oposto a ela na janela. A porta foi fechada imediatamente; e os dois fizeram comentários ostensivos sobre a possibilidade de alguém abrir as janelas. Provavelmente perceberam que eu necessitava de ar. Era uma noite quente, e logo o ar se tornou

sufocante no compartimento fechado. Segundo minha experiência de viajante, uma conduta assim desconsiderada e arrogante caracteriza as pessoas que viajam gratuitamente ou que só pagam a metade do valor da passagem. Quando veio o cobrador e eu lhe mostrei a passagem, que me custara muito, a senhora falou, em tom arrogante e ameaçador: "Meu marido tem passe livre". Era uma figura impressionante, de traços mal-humorados, e tinha uma idade já próxima do tempo em que decai a beleza feminina; o homem não chegou a abrir a boca, ficou sentado e imóvel. Tentei dormir. No sonho vinguei-me terrivelmente de meus desagradáveis companheiros de viagem; ninguém imagina as calúnias e humilhações que se escondem por trás dos fragmentos da primeira metade do sonho. Depois que essa necessidade foi satisfeita, manifestou-se o segundo desejo de mudar de compartimento. O sonho muda de cena com tal frequência, sem que isso cause algum espanto, que me chamaria a atenção se ele tivesse também substituído os meus companheiros de viagem por pessoas mais agradáveis, tiradas de minha recordação. Nesse caso, porém, algo fez objeção à mudança de cena e achou necessário explicá-la. Como foi que subitamente apareci em outro compartimento? Eu não me lembrava de ter mudado. Havia uma só explicação: *eu devia ter deixado o vagão enquanto dormia*, um acontecimento raro, mas para o qual a experiência do neuropatologista conhece exemplos. Sabemos de pessoas que fazem viagens de trem em estado de meio-sono, sem demonstrarem seu estado anormal por nenhum sinal exterior, até o momento em que, em alguma estação, recuperam sua plena consciência e se admiram da lacuna em sua memória. Portanto, no sonho eu digo a mim mesmo que sou um desses casos de "*automatisme ambulatoire*".

A análise permite obter outra solução. A tentativa de explicação, que tanto me surpreendeu quando tive de atribuí-la ao trabalho do sonho, não foi original, mas copiada da neurose de um dos meus pacientes. Já falei de um homem muito culto e muito compassivo na vida real (p. 301), que, logo após a morte dos pais, começou a se acusar de tendências assassinas, e na época do tratamento sofria com as medidas

de precaução que tinha de adotar contra elas. Era um caso de ideias obsessivas graves com plena consciência. Primeiro, sair à rua se tornou um fardo para ele, pela compulsão de saber aonde tinham ido todas as pessoas com que havia cruzado; se uma pessoa desaparecia subitamente da sua vista, havia nele uma sensação penosa e o pensamento de que talvez a tivesse matado. Por trás disso havia, entre outras coisas, uma "fantasia de Caim", pois "todos os seres humanos são irmãos". Devido à impossibilidade de resolver esse problema, ele desistiu de suas caminhadas e passava a vida entre as quatro paredes. Mas a seu quarto chegavam constantemente, através do jornal, notícias de assassinatos ocorridos do lado de fora, e sua consciência lhe insinuava, por meio da dúvida, que ele era o assassino procurado. A certeza de que havia semanas não saía de casa o protegia por algum tempo dessas acusações, até que um dia lhe passou pela mente a possibilidade de ele *ter saído de casa em estado inconsciente* e ter praticado o assassinato sem o saber. A partir de então, ele trancou a porta do apartamento, entregou a chave à velha caseira e a proibiu expressamente de devolvê-la, ainda que ele a pedisse.

Daí vem, então, a tentativa de explicação segundo a qual eu teria mudado de compartimento no estado inconsciente — ela foi trazida do material dos pensamentos oníricos para o sonho, onde claramente deve servir para me identificar com a pessoa daquele paciente. A lembrança dele me foi despertada por uma associação fácil. Com esse homem eu havia feito, algumas semanas antes do sonho, minha última viagem de trem à noite. Ele estava curado e me acompanhava até a província, para onde eu havia sido chamado por seus parentes. Tínhamos um compartimento só para nós dois e deixamos as janelas abertas durante toda a noite, e nossa conversa foi excelente enquanto eu permaneci acordado. Eu sabia que impulsos hostis contra seu pai na infância, num contexto sexual, estavam na origem de sua doença. Ao me identificar com ele, eu queria confessar a mim mesmo algo análogo. A segunda cena do sonho realmente se resolve numa fantasia impertinente, em que meus dois companheiros idosos de viagem me tratam com

frieza porque minha presença estorvava seus planos de trocar carícias durante a noite. Essa fantasia, porém, remete a uma cena da primeira infância, na qual a criança, provavelmente impelida pela curiosidade sexual, invade o quarto dos pais e é expulsa pelo pai com palavras enérgicas.

Acho supérfluo reunir outros exemplos. Eles apenas confirmariam o que depreendemos dos já considerados, ou seja, que um juízo no sonho é apenas a repetição de um modelo tirado dos pensamentos oníricos. Na maioria das vezes, uma repetição inadequada, inserida num contexto inapropriado; mas ocasionalmente, como em nosso último exemplo, é empregada de forma tão hábil que pode, num primeiro momento, dar a impressão de uma atividade intelectual autônoma no sonho. Daqui podemos voltar a atenção para aquela atividade psíquica que não parece atuar regularmente na formação do sonho, mas, quando o faz, busca fundir de modo pleno de sentido e sem contradição os elementos do sonho que têm origem diferente. Antes, porém, consideramos urgente nos ocuparmos das expressões afetivas que surgem no sonho e compará-las com os afetos que a análise descobre nos pensamentos oníricos.

H. OS AFETOS NO SONHO

Uma observação sagaz, feita por Stricker [1879], chamou nossa atenção para o fato de que as manifestações afetivas no sonho não permitem o tratamento depreciativo com o qual, ao despertar, costumamos nos livrar do conteúdo do sonho: "Quando tenho medo de ladrões no sonho, os ladrões são imaginários, mas o medo é real", e o mesmo acontece quando me alegro no sonho. Conforme o testemunho de nossa sensação, o afeto vivenciado no sonho não é nada inferior àquele de mesma intensidade no estado de vigília. E, de forma mais enérgica do que seu conteúdo de representação, o conteúdo afetivo do sonho requer ser incluído entre as vivências reais da nossa psique. No estado de vigília não conseguimos realizar essa inserção, porque só podemos avaliar psiquicamente um afeto em sua ligação com um conteúdo de representação. Quando o afeto e a representação não combinam no tipo e na intensidade, nosso juízo desperto se perturba.

Sempre despertou admiração o fato de os conteúdos de representação no sonho não serem acompanhados dos afetos que esperaríamos no pensamento desperto. Strümpell [1877] afirmou que no sonho as representações são despidas de seus valores psíquicos. Mas no sonho também não falta o contrário: uma manifestação afetiva intensa surge num conteúdo que não parece oferecer oportunidade para o desprendimento de afeto. Estou numa situação horrível, perigosa e repugnante no sonho, mas não sinto medo ou repugnância; outras vezes, porém, me assusto com algo inofensivo e me alegro com algo infantil.

Esse enigma do sonho desaparece de forma repentina e completa como talvez nenhum outro, quando passamos do conteúdo manifesto para o conteúdo latente. Não precisaremos nos ocupar de sua explicação, pois ele não existe mais. *A análise nos ensina que os conteúdos de representação sofreram deslocamentos e substituições, enquanto os afetos permaneceram inalterados*. Não surpreende, então, que o conteúdo

de representação modificado pela deformação do sonho não combine mais com o afeto preservado; mas tampouco há motivo para surpresa quando a análise põe o conteúdo correto em seu lugar anterior.[83]

Num complexo psíquico que experimentou o efeito da censura da resistência, os afetos são a parte menos influenciada, a única que pode nos indicar como fazer a complementação certa. Isso se revela nas psiconeuroses de modo ainda mais nítido que nos sonhos. Nelas o afeto está sempre correto, pelo menos no que diz respeito à sua qualidade; pois sua intensidade pode aumentar graças a deslocamentos da atenção neurótica. Quando um paciente histérico se espanta por sentir tanto medo de uma ninharia, ou um homem com ideias obsessivas se pergunta como uma recriminação tão penosa pode nascer de uma futilidade, os dois se enganam ao tomar o conteúdo da representação — a ninharia ou a futilidade — pelo essencial, e se defendem sem sucesso ao fazer desse conteúdo o ponto de partida de seu trabalho mental. A psicanálise lhes mostra então o caminho certo, ao reconhecer o afeto como justificado e buscar a representação que a ele pertence, que foi reprimida por um substituto. Uma precondição para isso é que o desprendimento de afeto e o conteúdo de representação não formem uma unidade orgânica indissolúvel, como estamos habituados a tratá-los, mas que possam estar apenas soldados um ao outro, de modo que a análise possa separá-los. A interpretação dos sonhos mostra que esse é realmente o caso.

Apresento primeiro um exemplo em que a análise esclarece a aparente ausência de um afeto num conteúdo de representação que deveria provocar seu desprendimento.

I

Ela vê três leões num deserto, um dos quais ri, mas ela não tem medo deles. No entanto, depois deve ter fugido deles, pois quer subir numa árvore, mas encontra sua prima, que é

professora de francês, já no alto etc.

A análise nos fornece o seguinte material. A irrelevante causa precipitadora do sonho foi uma frase da redação que ela escrevera em inglês: "A juba é o adorno do *leão*". Seu pai tinha uma barba desse tipo, que emoldurava o rosto como uma *juba*. Sua professora de inglês se chama Miss *Lyons* (*lions* = leões). Um conhecido lhe enviou as baladas de *Loewe* [= leão]. Estes são os três leões; por que deveria ter medo deles? — Ela leu um conto em que um negro, que incita os outros à revolta, é caçado com sabujos e, para se salvar, trepa numa árvore. Então se seguiram, com ânimo muito alegre, fragmentos de lembranças como estas. A instrução para capturar leões, segundo as *Fliegende Blätter*: tome um deserto e passe por uma peneira; restarão os leões. E também a anedota engraçada, mas não muito decorosa, sobre um funcionário público que, ao ser indagado por que não se esforça mais para conquistar o favor do chefe, responde que tentou sim se enfiar naquele lugar, mas meu colega *já estava lá em cima*. Todo esse material se torna compreensível quando sabemos que no dia do sonho a mulher recebera a visita do chefe de seu marido. Ele foi muito galante, beijou-lhe a mão, e *ela não teve medo dele*, apesar de ele ser "*um grande animal*" [= uma pessoa importante] e exercer o papel de um "*leão da sociedade*" na capital de seu estado. Esse leão é, portanto, comparável ao leão em *Sonho de uma noite de verão*, que se revela como Snug, o marceneiro, e assim são todos os leões nos sonhos, dos quais não temos medo.

II

Como segundo exemplo, ofereço o sonho daquela moça que viu o filhinho da irmã morto num caixão, mas, acrescento agora, sem sentir dor nem tristeza. A análise nos mostra por quê. O sonho ocultava apenas o desejo de rever o homem amado; o afeto tinha de corresponder ao desejo, não ao disfarce deste. Portanto, não havia razão para se entristecer.

Em certo número de sonhos, o afeto mantém ainda um vínculo com aquele conteúdo de representação que substituiu aquele que correspondia ao afeto. Em outros, a dissolução do complexo vai mais longe. O afeto aparece completamente desvinculado da representação correspondente e é inserido em outro lugar do sonho, onde se encaixa no novo arranjo dos elementos oníricos. Isso é semelhante ao que vimos nos atos de juízo do sonho. Se nos pensamentos oníricos há alguma conclusão significativa, o sonho também contém uma; mas a conclusão no sonho pode ter sido deslocada para um material completamente diferente. Não raro, esse deslocamento ocorre segundo o princípio do contraste.

Exemplifico essa última possibilidade com o seguinte sonho, que submeti a uma análise exaustiva.

III

Um castelo à beira-mar; depois ele não se encontra mais diretamente junto ao mar, mas num canal estreito que leva ao mar. Um senhor chamado P. é o governador. Estou com ele num grande salão de três janelas, diante do qual se elevam, como os merlões de uma fortaleza, as saliências de um muro. Faço parte da guarnição, talvez como oficial voluntário da Marinha. Tememos a chegada de navios de guerra inimigos, pois estamos em guerra. O sr. P. tem a intenção de partir; ele me dá instruções sobre o que fazer, se houver o ataque temido. Sua esposa enferma está com os filhos no castelo ameaçado. Quando começar o bombardeio, a grande sala deve ser evacuada. Ele respira com dificuldades e quer se afastar; eu o detenho e pergunto como devo lhe enviar notícias, em caso de necessidade. Ele ainda responde alguma coisa, mas logo em seguida cai, já morto. Eu devo tê-lo fatigado desnecessariamente com as perguntas. Após sua morte, que não causa impressão, pergunto-me se a viúva permanecerá no castelo, se devo informar a morte ao comando superior e assumir a direção do castelo, como o segundo na hierarquia. Agora estou junto à janela e observo os navios que passam; trata-se de navios comerciais que avançam em grande velocidade pela água escura, alguns com várias chaminés,

outros com o convés abaulado (muito semelhante às estações ferroviárias no sonho preliminar [não relatado aqui]). *Depois meu irmão está ao meu lado, e nós dois olhamos para o canal através da janela. Assustamo-nos com um dos navios e gritamos: "Lá vem o navio de guerra!". Mas nota-se que apenas retornam os mesmos navios que já conheço. Vem agora um navio pequeno, cortado de forma cômica, de modo que termina no meio de sua largura; no convés, vemos objetos estranhos que semelham copos ou latas. Gritamos ao mesmo tempo: "Este é o navio do café da manhã".*

O movimento rápido dos navios, o profundo azul da água, a fumaça marrom das chaminés, tudo isso gera uma impressão sombria e muito tensa.

Os lugares desse sonho foram extraídos de várias viagens no mar Adriático (Miramare, Duíno, Veneza, Aquileia). Ainda estava bem viva em minha lembrança uma viagem curta mas prazerosa a Aquileia durante a Páscoa, junto com meu irmão, poucas semanas antes do sonho. Também a *guerra naval* entre os Estados Unidos e a Espanha e as preocupações com o destino dos meus parentes que vivem nos Estados Unidos têm algum papel no sonho. Em duas passagens dele há traços de afetos. Numa, um afeto esperado não ocorre, o sonho ressalta que a morte do governador não me causa impressão; na outra, quando acredito ver o navio de guerra, eu me *assusto* e sinto no sono todas as sensações do pavor. Nesse sonho bem construído, a colocação dos afetos se dá de tal forma que toda contradição aparente é evitada. Não há mesmo razão para eu me assustar com a morte do governador, e é apropriado que eu, como comandante do castelo, me assuste ante a visão do navio de guerra. Mas a análise demonstra que o sr. P. é apenas um substituto para o meu próprio Eu (no sonho, eu sou o substituto dele). Eu sou o governador que morre repentinamente. Os pensamentos oníricos tratam do futuro dos meus após a minha morte precoce. Não há outro pensamento doloroso nos pensamentos oníricos. O pavor ligado à visão do navio de guerra deve ser desvinculado deste e unido a esse pensamento. Inversamente, a análise mostra que a região dos pensamentos oníricos da qual provém o navio de guerra é cheia de reminiscências muito alegres. Foi no

ano anterior, em Veneza; num dia encantador, estávamos nas janelas de nosso quarto na Riva Schiavoni e olhávamos para a lagoa azul, na qual havia mais movimento do que em outros dias. Eram esperados navios ingleses, que seriam recebidos festivamente, e de repente minha esposa exclamou, com a alegria de uma criança: "*Lá vem o navio de guerra inglês!*". No sonho, eu me assusto com essas mesmas palavras; vemos, mais uma vez, que as falas no sonho provêm das falas na vida. Logo mostrarei que tampouco o elemento "*inglês*" dessa fala se perdeu no trabalho do sonho. Portanto, entre pensamentos oníricos e conteúdo do sonho eu transformei a alegria em pavor, e só preciso indicar que com essa transformação expressei parte do conteúdo latente do sonho. Mas o exemplo demonstra que o trabalho do sonho tem liberdade para desprender o afeto de suas ligações nos pensamentos oníricos e inseri-lo em qualquer outro lugar do conteúdo do sonho.

Aproveito a oportunidade para submeter a uma análise mais minuciosa o "*navio do café da manhã* " [*Frühstücksschiff*], cujo aparecimento no sonho encerra de forma absurda uma situação mantida num plano racional. Reparando melhor no objeto do sonho, percebo que ele era preto e, por ter sido cortado ao meio em sua maior largura, semelhava muito, nesse ponto, um objeto que despertara nosso interesse nos museus de localidades etruscas. Era uma travessa retangular de argila preta com duas asas, em que havia coisas como xícaras de chá ou de café, semelhante aos nossos modernos conjuntos de porcelana para a *mesa do café da manhã* [*Frühstückstisch*]. Ao nos informarmos sobre aquilo, soubemos que era o equipamento de toalete de uma dama etrusca, com frascos de maquiagem e talco; e dissemos, em tom de brincadeira, que não seria má ideia levar aquilo de presente para a dona da casa. O objeto do sonho significa, portanto — *toalete preta*, luto, e alude diretamente a uma morte. Em sua outra extremidade, o objeto do sonho lembra o barco ["*Nachen*"], da raiz νέκυς [cadáver], como me informa um amigo poliglota, em que em tempos pré-históricos era posto o cadáver e levado para o

mar, tendo este como sepultura. Liga-se a isso o fato de os navios retornarem no sonho.

Silencioso, no barco resgatado, o ancião entra no porto.[aq]

É o retorno após o naufrágio [*Schiffbruch*, literalmente "quebra do navio"], pois o navio do café da manhã foi como que partido ao meio. Mas de onde vem o nome "navio do café da manhã"? Aqui entra o termo "inglês", que nos sobrou dos navios de guerra. *Frühstück* [café da manhã] = *breakfast* [quebra de jejum]. A *quebra* remete ao naufrágio; o *jejum*, à toalete preta.

Mas apenas o nome "navio do café da manhã" foi criado pelo sonho. A coisa existiu e me lembra uma das horas mais alegres da última viagem. Desconfiando da alimentação em Aquileia, levamos mantimentos de Görz e compramos uma garrafa do excelente vinho istriano em Aquileia, e enquanto o pequeno vapor do correio avançava lentamente pelo canal Delle Mee e pela lagoa deserta em direção a Grado, nós, os únicos passageiros, tomamos o café da manhã em excelente humor no convés do navio. Jamais um café da manhã nos agradou tanto. Esse era, então, o "*navio do café da manhã* ", e é justamente por trás dessa lembrança de um prazer da vida que o sonho esconde os pensamentos mais tristes sobre um futuro desconhecido e inquietante.

O desvinculamento dos afetos de todo o material de representação que provocou sua liberação é a coisa mais notável que lhes sucede na formação do sonho, mas não é a única nem a mais essencial alteração que sofrem no caminho dos pensamentos oníricos para o sonho manifesto. Comparando os afetos nos pensamentos oníricos com os afetos no sonho, algo se torna imediatamente claro: quando um afeto se acha no sonho, ele também se acha nos pensamentos oníricos, mas não o contrário. Em geral, o sonho é mais pobre em afetos do que o material psíquico de cuja elaboração ele resultou. Após reconstruir os pensamentos oníricos, vejo como neles os impulsos psíquicos mais intensos lutam para se fazer valer, em geral com outros

que se opõem fortemente a eles. Voltando o olhar para o sonho, não raro ele me parece descorado, sem tonalidade emocional intensa. O trabalho do sonho reduz não só o conteúdo do sonho, mas muitas vezes também a tonalidade emocional do meu pensamento ao nível do indiferente. Eu poderia dizer que, por meio do trabalho do sonho, realiza-se uma *supressão dos afetos*.[ar] Tome-se, por exemplo, o sonho da monografia botânica. A ele corresponde no pensamento uma defesa passional da minha liberdade de agir do modo que ajo, de organizar a minha vida do modo que me parece correto. O sonho que resultou disso parece ser indiferente. Escrevi uma monografia que está à minha frente. Ela contém lâminas coloridas, plantas secas estão incluídas em cada exemplar. É como o silêncio no campo semeado de cadáveres; não se ouve mais nada do bramido da batalha.

Pode ser diferente, no próprio sonho podem entrar manifestações de afeto vívidas. Por ora, no entanto, vamos nos deter no fato incontestável de que muitos sonhos parecem indiferentes, enquanto não é possível colocar-se nos pensamentos oníricos sem profunda comoção.

Não podemos dar aqui o esclarecimento teórico pleno dessa supressão de afeto durante o trabalho do sonho; ele pressupõe um cuidadoso aprofundamento na teoria dos afetos e no mecanismo da repressão. Quero fazer menção de apenas dois pensamentos. Vejo-me compelido — por outras razões — a imaginar a liberação dos afetos como um processo centrífugo dirigido para o interior do corpo [desde o aparelho psíquico], análogo aos processos de inervação motora e secretória. Assim como no estado de sono parece estar suspenso o envio de impulsos motores em direção ao mundo exterior, o despertar centrífugo de afetos pelo pensamento inconsciente também poderia ser dificultado durante o sono. Os impulsos afetivos que surgem no decorrer dos pensamentos oníricos seriam então impulsos fracos, e por isso aqueles que alcançam o sonho também não seriam mais fortes. Segundo esse raciocínio, a "supressão dos afetos" não seria resultado do trabalho do sonho, mas consequência do estado de sono. Isso é possível, mas é impossível que seja

apenas isso. Devemos ter em mente que todo sonho mais complexo se revelou como sendo também o compromisso gerado por um conflito entre poderes psíquicos. Por um lado, os pensamentos formadores de desejos têm de lutar contra a oposição de uma instância censuradora; por outro, já vimos muitas vezes que no próprio pensamento inconsciente cada série de pensamentos era vinculada ao seu oposto contraditório. Como todas essas séries de pensamentos são capazes de afetos, dificilmente nos equivocaremos, em termos gerais, se entendermos a supressão de afetos como consequência da inibição exercida pelos opostos entre si e pela censura sobre os impulsos que reprime. *A inibição dos afetos seria então o segundo resultado da censura onírica, assim como a deformação onírica foi o primeiro.*

Quero incluir aqui o exemplo de um sonho em que a tonalidade afetiva indiferente do conteúdo pode ser explicada por meio da oposição entre os pensamentos oníricos. Contarei o seguinte sonho breve, que todo leitor deverá ler com repugnância:

IV

Uma colina, sobre a qual há uma espécie de privada ao ar livre, um banco muito comprido com um grande buraco no final. Toda a borda de trás está densamente coberta de pequenos montes de fezes de todos os tamanhos e estágios de frescor. Atrás do banco há um arbusto. Eu urino sobre o banco; um longo jato de urina limpa tudo, os bolos de fezes se desprendem facilmente e caem na abertura. No fim, é como se algo ainda restasse.

Por que não senti nojo durante esse sonho?

Porque, como mostra a análise, os pensamentos mais agradáveis e satisfatórios participaram da produção desse sonho. Durante a análise, lembro-me imediatamente do estábulo de Áugias, que Hércules limpou. Esse Hércules sou eu. A colina e o arbusto são de Aussee, onde estão meus filhos no momento. Eu descobri a etiologia infantil das neuroses, e assim protegi meus próprios filhos da doença. O banco é (com a exceção do buraco, naturalmente) a imitação fiel de um móvel que me foi presenteado por uma paciente fiel. Ele me lembra a consideração

que meus pacientes têm por mim. Até mesmo o museu de excrementos humanos pode ser interpretado de forma animadora. Por mais que eu sinta nojo daquilo, no sonho ele é uma reminiscência da bela Itália, em cujas pequenas cidades os w.c. são equipados assim. O jato de urina que tudo limpa é uma inequívoca alusão à grandeza. É assim que Gulliver apaga o grande incêndio na ilha de Lilliput; e com isso provoca o desagrado da pequenina rainha. Mas também Gargântua, o super-homem do mestre Rabelais, se vinga dessa maneira dos parisienses; montado na catedral de Notre-Dame, dirige o jato de sua urina para a cidade. Foi ontem que, antes de dormir, folheei a edição de Rabelais com as ilustrações de Garnier. E, curiosamente, outra prova de que sou o super-homem! A plataforma de Notre-Dame era meu lugar favorito em Paris, eu costumava aproveitar cada tarde livre para escalar as torres da igreja entre os monstros e rostos de demônios. O fato de todas as fezes desaparecerem tão rapidamente sob o jato de urina é o lema: *Afflavit et dissipati sunt* [Soprou e se dissiparam], que um dia usarei para encabeçar um capítulo sobre a terapia da histeria.

E agora a causa efetiva do sonho. Tinha sido uma tarde quente de verão, e naquela noite eu havia dado uma conferência sobre a relação entre histeria e as perversões. Nada do que eu dissera me havia agradado; me parecera desprovido de qualquer valor. Eu estava cansado, não sentia prazer com meu trabalho duro, queria estar longe dessa atividade de revirar a sujeira humana, sentia saudades de meus filhos e das belezas da Itália. Nesse ânimo, saí do auditório e fui a uma cafeteria para tomar um lanche modesto ao ar livre, pois o apetite havia me abandonado. Mas um de meus ouvintes veio atrás de mim. Pediu permissão para se sentar à minha mesa, enquanto eu tomava o café e tentava comer o croissant, e começou a me lisonjear: o quanto havia aprendido comigo e como agora via tudo com olhos diferentes, que eu havia limpado o *estábulo de Áugias* dos equívocos e preconceitos na teoria das neuroses, resumindo, que eu era um grande homem. Meu ânimo não combinava bem com aquele hino de louvores; lutei com a repugnância, fui para casa logo, a fim

de livrar-me dele, e, antes de dormir, ainda folheei o Rabelais e li uma novela de C. F. Meyer: *Die Leiden eines Knaben* [Os sofrimentos de um garoto].

O sonho nasceu desse material, a novela de Meyer acrescentou a recordação de cenas da infância (cf. o sonho do conde Thun, última imagem, pp. 246 ss.). O ânimo diurno de repugnância e aborrecimento prosseguiu no sonho, fornecendo quase todo o material para o seu conteúdo. Mas durante a noite surgiu o ânimo contrário, de forte e até excessiva autoafirmação, e anulou o primeiro. O conteúdo do sonho teve de se configurar de forma tal que permitisse expressar ilusão de inferioridade e megalomania no mesmo material. Desse compromisso resultou um conteúdo ambíguo do sonho, mas, pela inibição mútua dos opostos, também um tom afetivo indiferente.

Segundo a teoria da realização de desejo, esse sonho não teria sido possível se os pensamentos de megalomania contrários — reprimidos, mas prazerosos — não tivessem se juntado aos de repugnância. Pois o sonho não quer representar o que é penoso; as coisas penosas de nossos pensamentos diurnos podem entrar no sonho apenas quando ao mesmo tempo emprestam seu disfarce à realização de um desejo.

O trabalho do sonho pode fazer outra coisa com os afetos dos pensamentos oníricos, além de admiti-los ou anulá-los; pode também *transformá-los em seu oposto*. Já conhecemos a regra interpretativa segundo a qual cada elemento do sonho pode representar não só a si mesmo, mas também o seu contrário. Nunca sabemos de antemão se devemos supor um ou o outro; é o contexto que decide. Uma noção desse fato se acha evidentemente na consciência popular; com frequência os livros de sonhos usam o princípio dos opostos na interpretação. Essa mudança no contrário é viabilizada pelo encadeamento associativo íntimo que em nosso pensamento liga a representação de uma coisa ao seu oposto. Como qualquer outro deslocamento, ela serve aos fins da censura, mas com frequência é também obra da realização de desejos, pois esta não consiste senão na substituição de uma coisa desagradável por seu oposto. Tal como as representações de coisas, também os

afetos dos pensamentos oníricos podem aparecer transformados em seu oposto no sonho, e é provável que essa mudança do afeto seja realizada geralmente pela censura onírica. *Supressão e inversão do afeto* servem sobretudo à *dissimulação* também na vida social, que nos apresenta a corriqueira analogia com a censura onírica. Quando estou falando com alguém que preciso tratar com respeito, mas a quem quero dizer algo hostil, é quase mais importante ocultar-lhe alguma expressão do meu afeto do que amenizar a formulação de meus pensamentos. Se lhe dirijo palavras que não são grosseiras, mas as acompanho de um olhar ou um gesto de ódio ou desprezo, o efeito que causo nessa pessoa não é muito diferente do que se lhe tivesse lançado no rosto abertamente o meu desprezo. Portanto, a censura me faz sobretudo reprimir meus afetos, e, se eu for um mestre da dissimulação, fingirei o afeto oposto; sorrirei quando estiver furioso e me mostrarei afetuoso quando desejar matar.

Já conhecemos um ótimo exemplo de inversão de afeto a serviço da censura onírica. No sonho "da barba do tio" sinto um grande carinho por meu amigo R., enquanto e porque os pensamentos oníricos o têm como imbecil. Esse exemplo de inversão dos afetos nos deu a primeira indicação da existência de uma censura onírica. E não é preciso supor, nesses casos, que o trabalho do sonho crie de modo inteiramente novo um afeto contrário desse tipo; habitualmente ele já o encontra disponível no material dos pensamentos oníricos e apenas o intensifica com a força psíquica dos motivos de defesa, até que ele consiga predominar na formação do sonho. Nesse sonho do tio, o afeto contrário carinhoso se origina provavelmente de uma fonte infantil (como sugere a continuação do sonho), pois a relação entre tio e sobrinho se tornou para mim, pela natureza especial das minhas primeiras vivências infantis (cf. a análise na p. 469), a fonte de todas as amizades e de todo ódio.

Um sonho comunicado por Ferenczi (1916) nos dá um exemplo excelente de uma inversão de afeto desse tipo: "Um senhor já de certa idade é acordado por sua esposa durante a noite, a qual se assustou porque ele ria alto e bastante no sono.

Mais tarde, o homem relatou ter tido o seguinte sonho: *Eu estava deitado na cama, entrou um senhor conhecido, eu queria ligar a luz, mas não consegui, tentei repetidas vezes — em vão. Então, minha esposa saiu da cama para me ajudar, mas ela também não teve sucesso; porém, como se incomodava de estar apenas de négligé na frente do homem, finalmente desistiu e voltou para a cama. Tudo isso era tão cômico que eu tinha de rir terrivelmente. Minha mulher dizia: 'Por que está rindo? Por que está rindo?'. Mas eu continuei rindo até acordar.* — No dia seguinte, o homem estava muito abatido e com dor de cabeça — 'por causa de toda aquela risada, que me abalou', disse ele.

"Considerado analiticamente, o sonho não parece tão divertido. O senhor 'conhecido' que entra no quarto é, nos pensamentos oníricos latentes, a imagem da morte como o 'grande desconhecido' [a palavra alemã para 'morte' é masculina], lembrada na véspera. O senhor idoso, que sofre de arteriosclerose, tinha motivo para pensar na morte no dia anterior. O riso amplo toma o lugar do choro e do soluço, ante a ideia de que ele morrerá. É a luz da vida que ele não consegue mais ligar. Esse pensamento triste pode estar ligado a recentes tentativas malogradas de ter relações sexuais, em que nem mesmo a esposa de négligé pôde ajudar. Ele percebeu que está decaindo. O trabalho do sonho conseguiu transformar a triste ideia de impotência e morte numa cena cômica, e o soluço em gargalhada." [Os dois últimos parágrafos foram acrescentados em 1919.]

Há uma categoria de sonhos que merece particularmente a designação de "hipócrita" e que submete a uma dura prova a teoria da realização de desejo. Esses sonhos chamaram minha atenção quando a dra. M. Hilferding trouxe para discussão, na Sociedade Psicanalítica de Viena, o relato de um sonho de Rosegger, reproduzido abaixo. [Esse parágrafo e a longa citação desse escritor austríaco foram acrescentados em 1911.]

Rosegger (em *Waldheimat*, v. 2) conta na história "Fremd gemacht" [Despedido]: "Normalmente gozo de um sono saudável, mas perdi a paz de tantas noites, arrastei comigo, ao lado de minha humilde existência de estudante e poeta, a

sombra de uma verdadeira vida de alfaiate por longos anos, como um fantasma de que não conseguia me livrar.

"Não é verdade que durante o dia meus pensamentos tenham se ocupado do meu passado com frequência e intensamente. Alguém que se despojou da pele de um filisteu e procura conquistar a Terra e o Céu tem outras coisas a fazer. E esse moço vivo também não deve ter pensado muito em seus sonhos noturnos. Foi apenas mais tarde, quando já me havia acostumado a refletir sobre tudo, quando o filisteu voltou a se agitar um pouco dentro de mim, que me perguntei por que — quando sonhava — eu era sempre o aprendiz do alfaiate e trabalhava nessa função já havia tanto tempo de graça na oficina. Quando estava sentado ao lado dele, costurando e passando a ferro, eu tinha ciência de que aquele não era mais o meu lugar, que, como homem da cidade, eu precisava me ocupar de outras coisas; mas eu estava sempre de férias, era sempre verão, e assim ficava lá, ajudando meu mestre. Muitas vezes isso me era desagradável, e eu lamentava a perda de tempo, que eu poderia ter ocupado melhor e de maneira mais útil. Por vezes, quando meu trabalho não saía a contento, eu tinha de aturar uma repreensão do mestre; mas nunca se falava de um pagamento semanal. Muitas vezes, quando eu estava sentado na oficina escura, de costas curvadas, queria pedir demissão e me libertar. Certa vez, cheguei a fazê-lo, mas o mestre simplesmente me ignorou, e logo lá estava eu de novo, sentado ao seu lado e costurando.

"Que alegria me trazia o despertar, após horas de tédio! Então resolvi que, se esse sonho persistente retornasse, eu o lançaria energicamente para longe de mim e exclamaria em alta voz: 'Isto é só uma mágica, estou deitado na cama e quero dormir…'. Mas na noite seguinte lá estava eu, novamente na alfaiataria.

"Isso continuou durante anos, com uma regularidade assombrosa. Certa vez, quando nós, meu mestre e eu, estávamos trabalhando na casa do Alpelhofer, o fazendeiro com o qual eu iniciara meu aprendizado, meu mestre se mostrou especialmente insatisfeito com meu trabalho. 'Só queria saber onde você está com a

cabeça!', ele disse, e me olhou com um ar meio sombrio. Achei que a coisa mais sensata a fazer seria me levantar, dizer ao mestre que eu estava com ele apenas de favor, sem pagamento, e ir embora. Mas não o fiz. Não protestei quando o mestre contratou um aprendiz e me mandou abrir espaço para ele no mesmo banco. Recuei para o canto e costurei. No mesmo dia, acolheu outro aprendiz, um hipócrita, era o da Boêmia, que dezenove anos antes havia trabalhado para nós e, voltando da taberna, caíra no riacho. Quando quis se sentar, não havia lugar para ele. Olhei para o mestre com um ar inquisitivo, e ele me disse: 'Você não tem talento para a profissão de alfaiate, *você pode ir, está despedido*'. — Meu susto foi tão grande que acordei.

"Os primeiros raios do alvorecer penetraram pelas janelas em meu lar. Objetos de arte me cercavam; na estante harmoniosa estavam o eterno Homero, o gigantesco Dante, o incomparável Shakespeare, o glorioso Goethe — todos magníficos e imortais. Do quarto ao lado, vinham as pequenas vozes claras das crianças que estavam acordando e brincando com a mãe. Estava como que reencontrando aquela vida doce e idílica, pacífica e repleta de poesia, impregnada de espírito claro, na qual eu já sentira tantas vezes e tão profundamente a felicidade humana contemplativa. Mesmo assim, irritava-me o fato de eu não ter me antecipado ao mestre, sendo demitido por ele.

"E, coisa notável, desde aquela noite em que meu mestre me 'afastou', gozo de tranquilidade, não sonho mais com o meu tempo de alfaiate num passado distante, que era tão jovial em sua despretensão e que, mesmo assim, teve tamanha influência sobre os anos posteriores da minha vida."

É difícil perceber a obra da realização de desejo nessa série de sonhos do escritor, que na juventude foi aprendiz de alfaiate. Todas as alegrias estão na vida diurna, enquanto o sonho parece arrastar consigo a sombra fantasmagórica de uma existência triste, finalmente superada. Alguns sonhos meus, de tipo semelhante, me permitem oferecer algum esclarecimento sobre sonhos assim. Quando era ainda um

médico jovem, trabalhei durante muito tempo no instituto de química, sem fazer algo significativo nas coisas ali requeridas, e por isso não gosto de pensar naquele episódio infértil e vergonhoso do meu aprendizado. Mas tenho sonhos em que trabalho no laboratório, faço análises, vivencio diferentes coisas etc.; são desagradáveis como os sonhos de exame e nunca são muito nítidos. Ao fazer a interpretação de um deles, finalmente minha atenção se voltou para a palavra "*análise*", que me ofereceu a chave para o entendimento. Pois desde então me tornei "analista", faço análises muito elogiadas, mas trata-se de *psicanálises*. Então compreendi: enquanto vim a me orgulhar desse tipo de análise na minha vida desperta e tendo a me congratular pelo que realizei, durante a noite o sonho me recorda aquelas outras análises malogradas, das quais eu não podia ter orgulho; são os sonhos de punição do indivíduo bem-sucedido, como os do aprendiz de alfaiate que se tornou um escritor festejado. Mas como é possível que o sonho, no conflito entre o orgulho do homem bem-sucedido e a autocrítica, se coloque a serviço desta última e tome por conteúdo uma advertência sensata, em vez da realização proibida de um desejo? Já mencionei que a resposta a essa pergunta apresenta dificuldades. Podemos inferir que inicialmente uma fantasia de ambição exagerada era o fundamento do sonho; em seu lugar, porém, o que chegou ao conteúdo do sonho foi seu amortecimento, sua humilhação. Devemos lembrar que há tendências masoquistas na vida psíquica, às quais podemos atribuir tal inversão. Eu nada teria contra a distinção entre sonhos de *punição e sonhos* de *realização de desejos*. Não veria nisso uma restrição à teoria dos sonhos defendida até agora, mas apenas uma transigência, na forma de expressão, com aqueles que estranham a convergência dos opostos.[as] No entanto, um estudo mais minucioso de alguns desses sonhos nos faz perceber outra coisa. No cenário indistinto de um dos meus sonhos de laboratório, eu tinha justamente a idade que me situava no ano mais sombrio e malsucedido de minha carreira médica; eu ainda não tinha emprego e não sabia como me sustentar, e ao mesmo tempo, porém, estava na situação de poder escolher entre várias

mulheres para me casar! Portanto, eu era jovem novamente e, sobretudo, ela era jovem novamente, a mulher que compartilhara comigo aqueles anos difíceis. Assim, revelou-se como instigador inconsciente do sonho um dos desejos que atormentam sem cessar o homem que envelhece. A luta entre a vaidade e a autocrítica, que estava sendo travada em outras camadas psíquicas, havia determinado o conteúdo do sonho, mas apenas o desejo de juventude enraizado mais profundamente a tornara possível como sonho. Às vezes, dizemos a nós mesmos também no estado de vigília: "Agora tudo está bem, e no passado foi difícil; mesmo assim foi um tempo bom; você ainda era jovem".[84]

Outro grupo de sonhos que encontrei muitas vezes em mim mesmo e que reconheci como hipócrita tem por conteúdo a reconciliação com pessoas que há muito deixaram de pertencer ao nosso círculo de amizades. Então a análise costuma revelar um motivo que poderia me fazer abandonar o último resíduo de consideração por esses amigos do passado e tratá-los como desconhecidos ou inimigos. Mas o sonho se compraz em retratar a relação oposta.[at]

Na apreciação de sonhos comunicados por um escritor, com frequência é lícito supor que ele excluiu do relato os pormenores do sonho que achou incômodos ou considerou irrelevantes. Seus sonhos nos apresentam enigmas que seriam rapidamente resolvidos se houvesse uma reprodução exata do conteúdo do sonho.

O. Rank chamou minha atenção para o fato de que no conto de Grimm "O alfaiate valente ou Sete de uma só vez" é narrado o sonho muito parecido de um homem que teve sucesso. O alfaiate, que se tornou herói e genro do rei, sonha certa noite com sua antiga profissão, na presença da princesa, sua esposa. Esta, desconfiada, chama guardas armados para a noite seguinte, para que eles ouçam o que ele dirá no sonho e se certifiquem de sua identidade. Mas o pequeno alfaiate é avisado e consegue corrigir o sonho.

A natureza complicada dos processos de suspensão, subtração e inversão, por meio dos quais os afetos dos pensamentos oníricos se tornam afinal aqueles do sonho,

transparece em sínteses apropriadas de sonhos completamente analisados. Abordarei ainda alguns exemplos de afetos no sonho que mostram como realizados alguns dos casos discutidos.

V

No sonho da tarefa estranha que o velho Brücke me solicita, dissecar minha própria pelve, *não sinto no sonho o horror correspondente*. Isso é realização de desejo em mais de um sentido. A dissecação significa a autoanálise, que, de certa forma, eu executo com a publicação do livro sobre os sonhos e que, na realidade, foi algo tão penoso para mim que adiei a impressão do manuscrito pronto por mais de um ano. Há então o desejo de superar esse sentimento que me detém, por isso não sinto *horror* [*Grauen*] no sonho. Também gostaria de não ter o "*Grauen*" em outro sentido [ficar grisalho], pois já estou ficando grisalho, e esses cabelos *cinzentos* me dizem igualmente que não devo esperar mais. Sabemos que no final do sonho chega a ser representado o pensamento de que eu teria de deixar para meus filhos o feito de alcançar o objetivo da difícil jornada.

Nos dois sonhos que transferem a expressão da satisfação para os momentos seguintes ao despertar, essa satisfação é motivada, num dos casos, pela expectativa de saber o que significa "eu já sonhei com isso", ligando-se, na verdade, ao nascimento dos primeiros filhos, e, no outro, pela convicção de que acontecerá o que "se anunciou por meio de um presságio", e essa satisfação é a mesma com que na época saudei o nascimento de meu segundo filho. Aqui permaneceram no sonho os afetos que predominam nos pensamentos oníricos, mas dificilmente as coisas se passam de forma tão simples nos sonhos. Aprofundando-nos um pouco nas duas análises, vemos que essa satisfação não submetida à censura recebe reforço de uma fonte que tem por que temer a censura e cujo afeto certamente provocaria oposição, se não fosse coberto pelo afeto de satisfação semelhante e de bom grado admitido,

oriundo da fonte permitida, e, por assim dizer, se infiltrasse por trás dele. Infelizmente, não posso demonstrar isso com o exemplo de um sonho, mas um exemplo de outra esfera tornará compreensível o que penso. Suponhamos o seguinte caso. Entre meus conhecidos há alguém que eu odeio, de modo que sinto o vivo impulso de me alegrar caso lhe aconteça algo ruim. Mas o lado moral do meu ser não condescende com esse impulso; não ouso externar o desejo de desgraça, e, quando essa pessoa sofre algo imerecido, eu reprimo minha satisfação e me obrigo a ter pensamentos e manifestações de pesar. Todo mundo, provavelmente, já se encontrou numa situação assim. Suponhamos agora que a pessoa odiada cometa uma transgressão e sofra as consequências devidas; nesse caso, posso dar livre curso a minha satisfação com o fato de que ela recebeu o castigo justo, nisso concordando com muitas outras pessoas neutras. Mas posso observar que minha satisfação é mais intensa do que a das outras pessoas; ela é reforçada por meu ódio, que até então a censura interna impedia de prover afetos, mas que está livre desse impedimento nas novas circunstâncias. Isso ocorre de modo geral na sociedade, quando pessoas antipáticas ou membros de uma minoria malvista se tornam culpados de algo. Seu castigo não corresponde geralmente à sua culpa, mas à culpa aumentada pela má vontade contra eles, até então inoperante. Sem dúvida, nisso os castigadores cometem uma injustiça; mas o que os impede de percebê-la é a satisfação causada pelo fim de uma longa repressão mantida em seu interior. Nesses casos, o afeto é justificado em sua qualidade, mas não em sua medida; e a autocrítica, tranquilizada no primeiro ponto, negligencia facilmente o exame do segundo. Uma vez aberta a porta, é fácil entrarem mais pessoas do que originalmente se pretendia.

Um traço notável do caráter neurótico, o fato de que circunstâncias capazes de provocar afetos alcançam um efeito que é qualitativamente justificado, mas quantitativamente excessivo, se explica dessa forma, na medida em que admite explicação psicológica. O excesso provém de fontes de afetos que permaneceram inconscientes e que até então eram reprimidas, que podem estabelecer uma ligação

associativa com a circunstância real; a fonte de afetos permitida e incontestada abre o caminho desejado para a liberação dos afetos reprimidos delas. Vemos assim que, entre a instância psíquica reprimida e a repressora, não podemos considerar exclusivamente as relações de inibição mútua. Merecem atenção igual os casos em que as duas instâncias produzem um efeito patológico por meio da cooperação e do fortalecimento mútuo. Usemos agora essas observações iniciais sobre a mecânica psíquica para o entendimento das expressões de afeto no sonho. Uma satisfação que se manifesta no sonho e que, naturalmente, pode ser logo achada em seu lugar nos pensamentos oníricos nem sempre é totalmente elucidada apenas por essa demonstração. Em geral, será preciso buscar uma segunda fonte para ela nos pensamentos oníricos, que se ache sob a pressão da censura e que sob essa pressão não teria produzido satisfação, e sim o afeto contrário, mas que, devido à presença da primeira fonte onírica, consegue subtrair à repressão o afeto de satisfação e fazê-lo juntar-se, como reforço, à satisfação vinda de outra fonte. Assim, os afetos no sonho se apresentam como oriundos da confluência de várias fontes e como sobredeterminados em relação ao material dos pensamentos oníricos; *no trabalho do sonho, fontes afetivas capazes de prover o mesmo afeto se unem para formá-lo*.[85]

Compreenderemos algo dessas intrincadas relações mediante uma análise do belo sonho em cujo centro estão as palavras "*Non vixit*" (cf. p. 466). Nesse sonho, expressões de afeto de qualidade diversa estão concentradas em duas passagens do conteúdo manifesto. Impulsos hostis e penosos (o próprio sonho diz "tomado por afetos peculiares") se sobrepõem uns aos outros ali onde eu destruo o amigo adversário com as duas palavras. No fim do sonho, me alegro bastante e reconheço uma possibilidade que em estado de vigília sei que é absurda, a de que existam *revenants* [fantasmas] que podem ser eliminados pelo mero desejo.

Ainda não comuniquei a causa precipitadora do sonho. Ela é essencial e nos faz penetrar fundo na compreensão dele. Eu recebera do meu amigo de Berlim (que chamei de Fl.) a notícia de que ele se submeteria a uma operação e que seus parentes

que vivem em Viena me dariam mais informações sobre seu estado de saúde. As primeiras informações após a cirurgia não eram muito boas e me preocuparam. Eu queria visitá-lo, mas justamente então eu sofria de uma enfermidade dolorosa, que transformava qualquer movimento meu em tortura. Os pensamentos oníricos me dizem que eu temia pela vida do caro amigo. Sua única irmã, que eu jamais conheci, morrera ainda jovem, após uma breve doença. (No sonho: *Fl. fala sobre sua irmã e diz: "Em 45 minutos ela estava morta*".) Devo ter imaginado que sua própria constituição não era muito resistente e que, ao receber mais notícias ruins, eu partiria — e chegaria *tarde* demais, recriminando-me eternamente por causa disso.[86] Essa recriminação por chegar tarde se tornou o centro do sonho, mas foi representada numa cena em que Brücke, o venerado mestre dos meus anos de faculdade, me repreende com a terrível mirada dos seus olhos azuis. Logo se vê o que provocou esse desvio da cena; o sonho não consegue reproduzir a cena da forma como a vivenciei. Ele preserva os olhos azuis do outro, mas atribui a mim o papel destruidor, uma inversão que evidentemente é obra da realização de desejo. A preocupação com a vida do amigo, a recriminação por não visitá-lo, minha vergonha — ele veio para Viena (até mim) *sem anunciar* sua visita —, minha necessidade de me considerar perdoado por causa da minha doença, tudo isso compõe a tempestade emocional que, nitidamente perceptível no sonho, agita aquela região dos pensamentos oníricos.

Mas havia algo mais na causa precipitadora do sonho que teve um efeito contrário em mim. Juntamente com as notícias desfavoráveis dos primeiros dias após a cirurgia, recebi a advertência de não falar com ninguém sobre o assunto, o que me magoou, pois pressupunha uma desconfiança desnecessária em minha discrição. Eu sabia que essa instrução não partia de meu amigo; antes revelava uma falta de sensibilidade ou um medo excessivo por parte do mensageiro, mas a recriminação implícita me feriu, porque — não era totalmente injustificada. Como se sabe, recriminações sem fundamento não nos atingem, não são perturbadoras.

Muitos anos atrás, num assunto não relacionado a esse amigo, mas a dois outros que também me honravam com esse título, eu havia revelado, desnecessariamente, algo que um havia falado sobre o outro. Não me esqueci das recriminações que ouvi na época. Um dos dois amigos entre os quais semeei a discórdia era o professor Fleischl, o outro pode ser designado pelo prenome Josef, o mesmo de P., meu amigo e adversário no sonho.

No sonho, a acusação de que eu não consigo guardar segredo aparece nos elementos "*sem anunciar*" e a *pergunta de Fl., relativa ao que eu disse a P. sobre as coisas dele*. É a interferência dessa lembrança que transporta do presente para o tempo em que eu vivia no laboratório de Brücke a recriminação de que chego atrasado, e, ao substituir a segunda pessoa por um Josef na cena da aniquilação, faço com que esta represente não só a recriminação por me atrasar, mas também aquela, mais atingida pela repressão, segundo a qual não guardo segredos. Aqui se tornam patentes os processos de condensação e de deslocamento que atuam no sonho, assim como seus motivos.

O aborrecimento insignificante no presente, causado pela admoestação de manter sigilo, é reforçado por fontes que fluem nas profundezas, e assim se transforma em correnteza de impulsos hostis contra pessoas que na realidade são amadas. A fonte que proporciona o reforço se acha na infância. Já contei que minhas amizades calorosas e também minhas inimizades com pessoas de idade semelhante têm origem no convívio infantil com um sobrinho um ano mais velho do que eu, em que ele era superior e em que aprendi a me defender desde cedo; éramos inseparáveis e nos amávamos, às vezes — segundo o relato de adultos, brigávamos e — *acusávamos um ao outro*. Todos os meus amigos são, de certa forma, encarnações dessa primeira figura, que "cedo se apresentou ao olhar turvo",[87] *revenants* [fantasmas que retornaram]. Meu sobrinho reapareceu na minha juventude, e na época representamos César e Brutus. Um amigo íntimo e um inimigo odiado sempre foram necessidades de minha vida afetiva; eu sempre soube

arranjar ambos, e não raro o ideal da infância se refazia a tal ponto que amigo e inimigo coincidiam na mesma pessoa, naturalmente não mais ao mesmo tempo ou em repetidas alternâncias, como acontecera no passado infantil.

Não discutirei aqui como em tais circunstâncias a causa recente de um afeto pode remontar a uma causa infantil, para ser substituída por esta no tocante à produção do afeto. Isso faz parte da psicologia do pensamento inconsciente e teria lugar numa explicação psicológica das neuroses. Suponhamos, para os fins da interpretação dos sonhos, que uma lembrança da infância surja, seja formada pela fantasia, com o seguinte conteúdo. As duas crianças brigam por um objeto — não importa aqui qual seja, embora a lembrança ou a ilusão de lembrança tenha em vista um objeto específico; cada criança afirma *que viu antes*, que tem direito ao objeto; a coisa acaba em agressão, e a força leva a melhor sobre o direito. Segundo as indicações do sonho, eu podia saber que estava errado (*percebendo eu mesmo o equívoco*); mas dessa vez sou o mais forte, domino o campo de batalha, o derrotado corre até o avô, que é meu pai, me acusa, e eu me defendo com as palavras que meu pai me relatou: "*Eu bati nele porque ele me bateu*". Assim, essa lembrança ou, mais provavelmente, fantasia que me vem durante a análise — sem nenhuma garantia, eu mesmo não sei como — é um elemento intermediário que reúne em si os impulsos afetivos que dominam os pensamentos oníricos, assim como uma cisterna reúne as águas que fluem até ela. A partir daqui, os pensamentos oníricos seguem os seguintes caminhos. É justo que você tenha cedido o lugar para mim; por que você quis me expulsar? Eu não preciso de você, encontrarei outro amigo para brincar etc. Então esses pensamentos tomam os caminhos que levam à sua representação onírica. Certa vez, tive que repreender meu falecido amigo Josef por um desses "*Ôte-toi que je m'y mette*" ["Saia daí que o lugar é meu", provérbio francês]. Ele havia me sucedido como monitor no laboratório de Brücke, mas lá a promoção era demorada. Nenhum dos dois assistentes saía do lugar, e a juventude estava impaciente. Meu amigo, sabendo que seu tempo de vida era limitado e não tendo

laços íntimos com seu superior, por vezes expressava em voz alta sua impaciência. Como esse superior imediato [Fleischl] sofria de uma doença grave, o desejo de que ele se afastasse admitia uma interpretação chocante, num sentido diverso da expectativa de vê-lo promovido. Alguns anos antes, o mesmo desejo de ocupar uma posição vacante se manifestara em mim de forma ainda mais viva; sempre que há hierarquia e promoção, abre-se o caminho para desejos que pedem repressão. O príncipe Hal, de Shakespeare, não consegue fugir à tentação de experimentar a coroa nem mesmo junto ao leito do pai enfermo.[au] Mas, compreensivelmente, o sonho pune meu amigo e não a mim por esse desejo impiedoso.[88]

"Porque era sedento de poder, eu o matei." Porque ele não podia esperar que o outro lhe cedesse o lugar, ele mesmo foi afastado. Esses pensamentos me ocorrem imediatamente após eu presenciar a inauguração do monumento na universidade dedicado ao outro. Portanto, uma parte da satisfação que senti no sonho se interpreta assim: "Um castigo justo, foi bem feito".

No enterro desse amigo, um jovem fez esta observação aparentemente inapropriada: "O orador falou como se o mundo não pudesse mais existir sem esse homem". Nele se indignava o homem veraz, cuja dor é incomodada pelo exagero. Mas a essa frase se ligam estes pensamentos oníricos: "Ninguém é realmente insubstituível; quantos já acompanhei ao túmulo; mas ainda estou vivo, sobrevivi a todos eles, continuo ocupando o lugar". Tal pensamento, no instante em que receio não mais encontrar meu amigo entre os vivos, ao ir visitá-lo, permite apenas uma evolução: eu me alegro por sobreviver a mais alguém por *ele* ter morrido, não *eu*, por eu ocupar o lugar como na cena infantil imaginada. A satisfação de ser dono do lugar, oriunda da infância, constitui a parte principal do afeto acolhido no sonho. Eu me alegro por sobreviver e expresso isso com o egoísmo ingênuo da anedota do casal em que um dos cônjuges diz: "Quando um de nós dois morrer, eu me mudo para Paris".[av] É óbvio, na minha expectativa, que não sou eu quem morre.

Não se pode negar que é preciso muita autossuperação para interpretar e comunicar os próprios sonhos. O indivíduo acaba se revelando o único malvado, entre os muitos nobres com os quais compartilhamos a vida. Compreendo perfeitamente, então, que os *revenants* existam apenas enquanto gostamos deles e que possam ser eliminados pelo desejo. Foi por isso, então, que meu amigo Josef foi punido. Mas os *revenants* são as encarnações sucessivas do meu amigo de infância; sinto satisfação também por ter sempre achado substitutos para essa pessoa, e o encontrarei também para esse que estou prestes a perder. Ninguém é insubstituível.

Mas onde está a censura do sonho? Por que não faz uma objeção enérgica a esse raciocínio do mais crasso egoísmo e não transforma a satisfação ligada a ele em enorme desprazer? A explicação, creio, é que outras sucessões de pensamento, irrepreensíveis, relativas às mesmas pessoas, resultam igualmente em satisfação e encobrem com seu afeto aquele da fonte infantil proibida. Em outra camada de pensamentos, eu disse a mim mesmo, após aquela inauguração festiva do monumento: "Perdi tantos amigos queridos, alguns para a morte, outros pelo fim da amizade; que bom que consegui substituí-los, que ganhei um amigo que significa mais para mim do que todos os outros poderiam ter significado; agora manterei este para sempre, numa idade em que já não é tão fácil fazer novas amizades". A satisfação de ter encontrado esse substituto para os amigos perdidos pode passar para o sonho sem nenhum impedimento, mas por trás dela também entra furtivamente a satisfação hostil derivada da fonte infantil. Sem dúvida, a afeição infantil ajuda a reforçar a justificada afeição de hoje; mas também o ódio infantil achou seu lugar na representação.

Além disso, o sonho contém uma alusão nítida a outra série de pensamentos que pode licitamente resultar em satisfação. Pouco tempo antes, meu amigo tornou-se pai de uma menina, após uma longa expectativa. Sei o quanto ele lamentou a morte prematura da irmã, e lhe escrevi que ele transferiria para essa criança o amor que teve pela irmã; essa menininha finalmente o faria esquecer a perda insubstituível.

Assim, também essa sequência remete ao pensamento intermediário do conteúdo latente do sonho, do qual os caminhos partem em direções opostas: "Ninguém é insubstituível. São apenas *revenants*; tudo que perdemos retorna". E agora os laços associativos entre os elementos contraditórios dos pensamentos oníricos são estreitados pelo fato casual de a pequena filha do meu amigo ter o mesmo nome da minha pequena colega de infância, que tem a minha idade e é a irmã do meu mais velho amigo e adversário. Ouvi o nome "Pauline" com *satisfação* e, para aludir a essa coincidência, substituí um Josef por outro no sonho, e achei impossível suprimir o mesmo som inicial nos nomes Fleischl e Fl. Isso me leva a pensar nos nomes que dei a meus filhos. Eu queria que seus nomes não fossem escolhidos segundo a moda do dia, mas sim pela lembrança de pessoas queridas. Os nomes transformam as crianças em *revenants*. Afinal, não são as crianças a nossa única via para a *imortalidade*?

Acrescentarei umas poucas observações sobre os afetos do sonho de outro ponto de vista. Na psique da pessoa adormecida, uma tendência de afeto — aquilo que denominamos "estado de ânimo" [*Stimmung*] — pode estar contida como elemento dominante e desse modo influir no sonho. Esse ânimo pode se originar das vivências e pensamentos do dia e pode ter fontes somáticas; em ambos os casos, será acompanhado de pensamentos que lhe correspondam. É indiferente para a formação do sonho que esse conteúdo representacional dos pensamentos oníricos determine primariamente a tendência de afeto ou seja despertado secundariamente pela disposição afetiva de base somática. Em todo caso, a formação do sonho está sujeita à limitação de só poder representar o que é realização de desejo e de só poder emprestar ao desejo a sua força motriz psíquica. O ânimo presente será tratado da mesma forma que uma sensação que surge durante o sono (cf. p. 262), que ou será negligenciada ou reinterpretada no sentido de uma realização de desejo. Ânimos penosos durante o sono se tornam forças motrizes do sonho, ao despertar desejos enérgicos que o sonho deve realizar. O material a que eles se ligam é reelaborado

até se tornar utilizável para a expressão da realização do desejo. Quanto mais intenso e dominante é o elemento do ânimo penoso nos pensamentos oníricos, mais os desejos fortemente reprimidos aproveitam a oportunidade para serem representados, pois, dada a existência atual do desprazer, que de outra forma eles teriam de produzir eles mesmos, já encontram realizada a parte mais difícil do trabalho de alcançar a representação. E com essas considerações voltamos a tocar no problema dos sonhos de angústia, que se revelarão como caso-limite da função de sonhar.

I. A ELABORAÇÃO SECUNDÁRIA

Finalmente destacaremos o quarto fator que participa da formação dos sonhos.

Se prosseguimos a análise do conteúdo do sonho da maneira iniciada acima, examinando ocorrências notáveis nesse conteúdo com base em sua origem nos pensamentos oníricos, deparamos também com elementos cuja explicação requer uma hipótese completamente nova. Lembro os casos em que nos admiramos, nos irritamos ou nos revoltamos contra uma parte do próprio conteúdo do sonho. A maioria desses impulsos críticos no sonho não se volta contra o seu conteúdo; eles revelam ser, isto sim, partes do material do sonho que foram tomadas e usadas convenientemente, como demonstrei mediante exemplos adequados. Mas algum material desse tipo não cabe nessa derivação; não é possível achar seu correlato no material do sonho. O que significa, por exemplo, a crítica, não rara no próprio sonho: "Isso é apenas um sonho?". Trata-se de uma crítica efetiva do sonho, tal como eu poderia fazer no estado de vigília. Não raro, ela é apenas uma precursora do despertar; com frequência ainda maior, é precedida de um sentimento penoso que se acalma após a constatação do estado onírico. O pensamento: "Isso é apenas um sonho" durante o sonho tem o mesmo propósito de quando essas palavras são enunciadas no palco pela bela Helena, personagem de Offenbach [na opereta *La Belle Hélène*, ato II]; pretende minimizar a importância do que se acabou de viver e tornar suportável o que virá. Serve para fazer dormir certa instância que, em dado momento, teria toda razão para se agitar e proibir a continuação do sonho — ou da cena. No entanto, é mais cômodo continuar a dormir e suportar o sonho, "porque é apenas um sonho". Imagino que essa crítica desdenhosa ("é apenas um sonho") aparece no sonho quando a censura, que nunca adormece completamente, se sente surpreendida pelo sonho que já permitiu. É tarde demais para reprimi-lo, e assim

ela usa aquela observação para enfrentar a angústia ou sensação penosa que o sonho desperta. É uma manifestação de *esprit d'escalier*[aw] por parte da censura psíquica.

Mas esse exemplo nos dá uma prova incontestável de que nem tudo que está contido no sonho vem dos pensamentos oníricos, e de que contribuições para o conteúdo do sonho podem ser fornecidas por uma função psíquica que não se distingue dos nossos pensamentos despertos. Perguntamos então: isso só ocorre excepcionalmente, ou cabe uma participação regular na formação do sonho à instância psíquica que de resto age só como censura?

Sem hesitar nos decidimos pela segunda alternativa. Não há dúvida de que a instância censuradora, cuja influência até agora observamos apenas na forma de restrições e omissões no conteúdo do sonho, é responsável também por interpolações e acréscimos neste. Muitas vezes, as interpolações são reconhecidas facilmente; são relatadas com timidez e introduzidas por um "como se", não têm grande vividez própria e sempre são colocadas em lugares onde podem servir para ligar duas partes do conteúdo onírico, para criar um nexo entre dois fragmentos do sonho. Sua capacidade de permanecer na memória é inferior à dos derivados genuínos do material do sonho; quando o sonho é esquecido, são os primeiros elementos a desaparecer, e suspeito fortemente que nossa queixa frequente de sonharmos muito e nos esquecermos da maior parte, conservando só fragmentos, se deve justamente à rápida perda desses pensamentos-argamassa. Na análise completa, essas interpolações às vezes se revelam pelo fato de não encontrarmos material que lhes corresponda nos pensamentos oníricos. No entanto, um exame mais cuidadoso me faz considerar esse o caso mais raro; na maioria das vezes, pensamentos intercalados podem ser referidos ao material nos pensamentos oníricos, mas este não poderia reivindicar acolhimento no sonho nem por seu valor nem por sua sobredeterminação. Ao que parece, a função psíquica na formação do sonho, que agora consideramos, cria algo novo apenas em caso extremo; enquanto é possível, ela emprega o que pode achar de útil no material do sonho.

O que distingue e revela essa parte do trabalho do sonho é sua tendência. Essa função procede de forma semelhante à que o poeta atribui maldosamente aos filósofos: com seus retalhos e remendos, ela tapa os buracos no edifício do sonho.[ax] O resultado de seu esforço é que o sonho perde a aparência de absurdo e desconexão e se aproxima do modelo de uma experiência compreensível. Mas nem sempre tal esforço é coroado de êxito. Há sonhos que a uma observação superficial se apresentam como perfeitamente lógicos e corretos; partem de uma situação possível, desenvolvem-na através de mudanças isentas de contradição e, ainda que raramente, levam-na a uma conclusão que não causa estranheza. Tais sonhos experimentaram a profunda elaboração feita por essa função psíquica semelhante à do pensamento desperto; parecem ter um sentido, mas esse sentido está bem distante do significado real do sonho. Analisando-os, nos convencemos de que neles a *elaboração secundária* do sonho tratou o material com o máximo de liberdade e preservou o mínimo de suas relações. Trata-se de sonhos que, por assim dizer, já foram interpretados uma vez antes de os submetermos à interpretação em vigília. Em outros sonhos, essa elaboração tendenciosa só é realizada parcialmente; até certo ponto parece predominar a coerência, em seguida o sonho se torna absurdo ou confuso, para depois retomar talvez a aparência de sensatez. Em outros sonhos, a elaboração fracassa por completo; vemo-nos como que impotentes ante um amontoado sem sentido de fragmentos.

Não quero negar peremptoriamente a esse quarto poder formador do sonho, que logo veremos ser nosso conhecido — ele é, na verdade, o único dos quatro formadores de sonhos que nos é familiar também em outras áreas —, não quero negar a esse quarto fator a capacidade de fornecer contribuições novas e criativas para o sonho. Mas é certo que também sua influência, como a dos outros, se manifesta sobretudo no favorecimento e na escolha de material psíquico já formado nos pensamentos oníricos. Ora, há um caso em que lhe é poupado em grande parte o esforço de, por assim dizer, construir uma fachada para o sonho — pois uma

construção dessas já se acha pronta, esperando utilização, no material dos pensamentos oníricos. Costumo chamar de "fantasia" o elemento dos pensamentos oníricos a que me refiro; talvez eu evite mal-entendidos se acrescentar imediatamente que o análogo na vida de vigília é o *devaneio*.[89] O papel desse elemento de nossa vida psíquica ainda não foi reconhecido e revelado inteiramente pelos psiquiatras; Moritz Benedikt [1894] fez, ao que me parece, um início promissor com seu estudo. Ao olhar perspicaz dos escritores não escapou a importância do devaneio; é conhecida a descrição que Alphonse Daudet faz dos devaneios de uma personagem secundária no romance *O nababo*. O estudo das psiconeuroses leva à descoberta surpreendente de que essas fantasias ou devaneios são as etapas prévias imediatas dos sintomas histéricos — pelo menos de toda uma série destes; os sintomas histéricos não se ligam às lembranças em si, mas às fantasias construídas a partir das lembranças. A ocorrência frequente de fantasias diurnas conscientes nos facilita o conhecimento dessas formações; mas, assim como existem fantasias conscientes desse tipo, também ocorrem em abundância fantasias inconscientes, que, devido a seu conteúdo e sua origem de material reprimido, têm de permanecer inconscientes. Uma investigação mais aprofundada das características dessas fantasias diurnas nos mostra que não é à toa que essas formações receberam o mesmo nome que damos também às nossas produções mentais noturnas: *sonhos*. Elas compartilham uma parte essencial de suas propriedades com os sonhos noturnos; na verdade, seu estudo poderia ter nos dado o acesso mais rápido e adequado à compreensão dos sonhos noturnos.

Como os sonhos, elas são realizações de desejos; como os sonhos, baseiam-se em grande parte nas impressões de vivências infantis; como os sonhos, beneficiam-se de certo relaxamento da censura para suas criações. Quando examinamos sua estrutura, percebemos como o motivo do desejo que age em sua produção misturou e reorganizou o material de que são feitas e formou um conjunto novo. Têm com as lembranças da infância, às quais remontam, a mesma relação que alguns palácios

barrocos de Roma têm com as ruínas antigas, cujos blocos e colunas forneceram o material para a construção das estruturas modernas.

Na "elaboração secundária", que atribuímos ao nosso quarto fator formador do sonho, no tocante ao conteúdo onírico, reencontramos a mesma atividade que, na criação dos sonhos diurnos, pode se expressar sem a inibição exercida por outras influências. Poderíamos dizer, sem problemas, que nosso quarto fator busca formar algo *como um devaneio* a partir do material que lhe é oferecido. Mas, quando um devaneio assim já se encontra formado no contexto dos pensamentos oníricos, esse fator do trabalho do sonho preferirá se apoderar dele e tentará introduzi-lo no conteúdo do sonho. Há sonhos que consistem exclusivamente na repetição de uma fantasia diurna que talvez tenha permanecido inconsciente, como, por exemplo, o sonho em que o garoto acompanha os heróis da Guerra de Troia em seu carro de combate. Em meu sonho "Autodidasker", pelo menos a segunda parte é repetição fiel de uma fantasia diurna inofensiva sobre uma conversa com o professor N. Devido às complicadas condições que o sonho precisa satisfazer em sua gênese, sucede mais frequentemente que a fantasia encontrada forme apenas um pedaço do sonho, ou que apenas um pedaço dela consiga chegar ao conteúdo do sonho. Assim, no geral a fantasia é tratada como qualquer outro componente do material latente; mas muitas vezes ela pode ser reconhecida como um todo no sonho. Em meus sonhos há frequentemente partes que se destacam produzindo uma impressão diferente das outras. Elas me parecem fluir bem, ser mais coerentes e, ao mesmo tempo, mais fugazes do que outras partes do mesmo sonho; sei que são fantasias inconscientes que se introduzem no contexto do sonho, mas jamais consegui fixar uma fantasia desse tipo. De resto, essas fantasias são reunidas, condensadas, sobrepostas umas às outras etc., como todos os demais componentes dos pensamentos oníricos; mas há transições, desde o caso em que elas podem formar quase inalteradas o conteúdo ou, pelo menos, a fachada do sonho, até o caso oposto em que elas são representadas no conteúdo do sonho apenas por um de seus

elementos ou por uma alusão distante a um deles. Evidentemente, o que sucede com as fantasias nos pensamentos oníricos é determinado também pelas vantagens que elas contrapõem às exigências da censura e da necessidade de condensação.

Ao selecionar os exemplos para a interpretação dos sonhos, tentei evitar ao máximo os sonhos em que as fantasias inconscientes têm um papel considerável, pois a introdução desse elemento psíquico teria exigido discussões extensas sobre a psicologia do pensamento inconsciente. Mas não posso contornar inteiramente as fantasias neste contexto, pois muitas vezes elas surgem completas no sonho e, com frequência ainda maior, transparecem nitidamente nele. Quero ainda apresentar um sonho que parece ser composto de duas fantasias diferentes, opostas e em parte coincidentes, a primeira das quais está na superfície e a segunda se torna como que a interpretação da primeira.[90]

O sonho — o único do qual não possuo anotações cuidadosas — é mais ou menos o seguinte. O sonhador — um jovem homem solteiro — está sentado em seu bar e restaurante habitual, mostrado corretamente. Então aparecem várias pessoas para levá-lo; entre elas, uma que quer prendê-lo. Ele diz aos companheiros de mesa: "Pagarei mais tarde. Voltarei". Mas eles exclamam zombeteiramente: "Já conhecemos isso, é o que todos dizem". Um dos convivas grita por trás dele: "Lá se vai mais um!". Então ele é conduzido para um local estreito, onde encontra uma mulher com uma criança nos braços. Um de seus acompanhantes diz: "Este é o sr. Müller". Um comissário ou funcionário público qualquer folheia uma pilha de cartões ou fichas, repetindo: "Müller, Müller, Müller". Finalmente ele lhe faz uma pergunta, à qual ele responde: "Sim". Ele se volta para a mulher e nota que ela adquiriu uma grande barba.

Os dois componentes são facilmente distinguíveis. O superficial é uma *fantasia de ser preso*; ela nos parece ter sido formada pelo trabalho do sonho. Mas por trás dela é visível, como material que foi ligeiramente mudado pelo trabalho do sonho, a *fantasia de casamento*, e os traços que podem ser comuns às duas emergem com

nitidez especial, como numa fotografia mista de Galton. A promessa feita pelo jovem (até então solteiro) de retomar seu lugar na mesa habitual, a incredulidade dos companheiros, escaldados após muitas experiências, o adeus: "Lá se vai (se casa) mais um", são traços facilmente compreensíveis também na outra interpretação. Também o "sim" da resposta ao funcionário. Folhear uma pilha de documentos, repetindo o mesmo nome, corresponde a um traço secundário, mas facilmente reconhecível, das festividades nupciais: a leitura dos telegramas de congratulações, todos endereçados à mesma pessoa. Com o aparecimento pessoal da noiva nesse sonho, a fantasia de casamento chega a triunfar sobre a fantasia de ser preso que a encobre. O fato de a noiva aparecer com barba no fim pôde ser explicado por uma informação que obtive (não houve análise). Na véspera, o sonhador havia atravessado a rua com um amigo também hostil à ideia de casamento e havia chamado a atenção deste para uma beldade de cabelo castanho-escuro que vinha na direção deles. O amigo, porém, comentou: "Sim, mas ao longo dos anos essas mulheres ganham barba como os pais".

Naturalmente, nesse sonho também não faltam elementos em que a deformação onírica trabalhou mais profundamente. Assim, a fala: "Pagarei mais tarde" pode se referir ao que ele temia ser a atitude do sogro em relação ao dote. Evidentemente, várias considerações impedem que o sonhador se entregue com satisfação à fantasia de casamento. Uma delas, o medo de perder a liberdade, transformou-se numa cena de prisão.

Se novamente considerarmos que o trabalho do sonho gosta de usar uma fantasia já pronta, em vez de compô-la a partir do material dos pensamentos oníricos, solucionaremos talvez um dos enigmas mais interessantes do sonho. Relatei, na página 50, o sonho de Maury que, atingido na nuca por uma pequena tábua de madeira,[ay] acorda com um sonho extenso, um romance completo dos tempos da grande revolução. Como o sonho se mostra coerente e visa explicar o estímulo despertador, cuja ocorrência o adormecido não podia prever, parece restar apenas a

suposição de que todo esse sonho rico foi composto e ocorreu durante o breve período entre a queda da madeira sobre as vértebras cervicais de Maury e o seu consequente despertar. Não ousaríamos atribuir tamanha rapidez ao trabalho do pensamento acordado, e assim chegaríamos a conceder ao trabalho do sonho o privilégio de uma aceleração notável do processo de pensamento.

Autores recentes (Le Lorrain, 1894 e 1895; Egger, 1895, e outros) levantaram vivas objeções a essa conclusão, que logo se tornou popular. Por um lado, contestam a exatidão do relato que Maury fez do sonho; por outro lado, procuram explicar que a rapidez de nosso desempenho intelectual em estado de vigília não fica atrás daquilo que podemos atribuir integralmente ao desempenho no sonho. A discussão levanta questões de princípio, cuja solução não me parece próxima. Mas devo confessar que a argumentação, por exemplo, de Egger, contra o sonho da guilhotina de Maury, não chegou a me convencer. Quero sugerir a seguinte explicação para esse sonho. Seria tão improvável que o sonho de Maury represente uma fantasia guardada pronta havia anos em sua memória e despertada — ou melhor, *aludida* — no momento em que ele reconheceu o estímulo despertador? Assim desapareceria toda a dificuldade de compor uma história tão longa, com todos os seus detalhes, no período extremamente curto que o sonhador tinha à sua disposição; ela já estava composta. Se a prateleira tivesse acertado a nuca de Maury em estado de vigília, ele poderia ter pensado: "É como se eu tivesse sido guilhotinado". Mas como ele é atingido durante o sono, o trabalho do sonho aproveita o estímulo para produzir uma realização de desejo, *como se* estivesse pensando (no sentido figurado, é claro): "Eis uma boa oportunidade de realizar a fantasia com desejo que formei durante tal e tal leitura". Parece-me incontestável que o romance sonhado é justamente daquele tipo que o jovem costuma formar ao ser exposto a impressões muito excitantes. Quem não se sentiria empolgado — ainda mais sendo francês e historiador da cultura — com as descrições do tempo do Terror, em que a nobreza, homens e mulheres, a flor da nação, mostrou como se

podia morrer com a alma serena, conservando o frescor do espírito e a elegância de maneiras até o chamado fatal? Como seria tentador imaginar-se no meio desse cenário, como um dos homens jovens que se despedem da dama beijando-lhe a mão, para então escalar o patíbulo sem medo! Ou, caso a ambição tenha sido o motivo principal da fantasia, colocar-se no lugar de uma daquelas individualidades enormes que apenas mediante o poder de seus pensamentos e de sua eloquência ardente dominavam a cidade em que então batia convulsivamente o coração da humanidade, que por convicção enviavam para a morte milhares de pessoas e que davam início à transformação da Europa, arriscando a própria cabeça e um dia colocando-a sob a guilhotina, no papel, por exemplo, dos girondinos ou do herói Danton? A fantasia de Maury parece ter sido desse tipo ambicioso, como parece indicar o traço contido na lembrança: "acompanhado por uma multidão incontável".

Mas toda essa fantasia, pronta há muito tempo, não precisa ser percorrida inteiramente durante o sono; basta que seja, por assim dizer, "tocada de leve". O que quero dizer é isto: quando ouvimos alguns compassos e alguém diz, como no *Don Juan*: "Estas são as *Bodas de Fígaro*, de Mozart", sou logo tomado por recordações, nenhuma das quais, no momento seguinte, entra de forma isolada em minha consciência. O nome serve como ponto de irrupção a partir do qual todo um conjunto é excitado ao mesmo tempo. Pode ocorrer de modo semelhante no pensamento inconsciente. O estímulo despertador excita o ponto psíquico que dá acesso a toda a fantasia da guilhotina. Esta não é percorrida ainda no sono, mas apenas na recordação da pessoa que despertou. Acordada, ela lembra em todos os detalhes a fantasia em que o sonho apenas tocou, no conjunto. A pessoa não tem como garantir que se lembra de algo que realmente sonhou. Essa mesma explicação, de que se trata de fantasias prontas que, por meio do estímulo despertador, são excitadas como um todo, pode ser utilizada também para outros sonhos orientados pelo estímulo despertador, como, por exemplo, o sonho de Napoleão em que ele se

achava numa batalha quando houve a explosão de uma bomba real [pp. 50 e 272]. Entre os sonhos[az] que Justine Tobowolska reuniu em sua dissertação sobre a aparente duração dos sonhos, aquele relatado por Macario (1857) e atribuído a Casimir Bonjour, um dramaturgo, me parece o mais instrutivo.[91] Certa noite, esse homem pretendia assistir à estreia de uma de suas peças, mas estava tão exausto que adormeceu em sua cadeira nos bastidores, justamente quando a cortina se levantou. No sonho, ele reviveu todos os cinco atos de sua peça e observou todos os diferentes sinais de comoção do público durante cada cena. No final da apresentação, ele, extasiado, ouviu como seu nome era anunciado sob fortes aplausos. De repente, acordou. Não pôde acreditar naquilo que via e ouvia, a apresentação não tinha avançado além dos primeiros versos da primeira cena; ele não podia ter dormido mais do que dois minutos. Não seria demais afirmar que nesse sonho a passagem dos cinco atos da peça e a observação da conduta do público em cada cena não precisam vir de uma nova produção durante o sono, mas podem ser a repetição de um trabalho de fantasia já consumado, no sentido que descrevi. Tobowolska e outros autores destacam, como características comuns aos sonhos com decurso acelerado das representações, que eles parecem bastante coerentes, ao contrário de outros sonhos, e que a lembrança deles é antes sumária do que detalhada. Mas estes seriam justamente os traços distintivos que essas fantasias prontas tocadas pelo trabalho do sonho deveriam apresentar, conclusão esta, porém, a que os autores não chegam. Não pretendo afirmar que todos os sonhos que despertam admitem essa explicação ou que o problema do decurso acelerado no sonho pode ser descartado dessa forma.

É inevitável que agora nos ocupemos da relação entre essa elaboração secundária do conteúdo do sonho e os fatores do trabalho do sonho. As coisas acontecem de modo que os fatores formadores do sonho — a tendência à condensação, a necessidade de evitar a censura e a consideração pela representabilidade nos meios psíquicos do sonho — formam primeiramente, a partir do material, um conteúdo

onírico provisório e este é posteriormente transformado, até satisfazer o máximo possível às exigências de uma segunda instância? Isso é pouco provável. Devemos supor, isto sim, que as exigências dessa instância constituem, desde o início, uma das condições a que o sonho deve satisfazer, e que essa condição, assim como as da condensação, da censura imposta pela resistência e da representabilidade, exerce ao mesmo tempo uma influência indutiva e seletiva sobre o vasto material dos pensamentos oníricos. Mas, entre as quatro condições da formação do sonho, aquela que vimos por último parece ter as exigências menos imperiosas. A identificação dessa função psíquica, realizada pela chamada elaboração secundária, com o trabalho do nosso pensamento desperto resulta, com alta probabilidade, da seguinte consideração. Nosso pensamento desperto (pré-consciente) se comporta, ante um material perceptivo qualquer, exatamente da mesma forma que a função aqui examinada ante o conteúdo do sonho. Para ele, é natural criar ordem nesse tipo de material, estabelecer relações, conformá-lo à expectativa de um todo inteligível. Vamos até longe demais nisso; os truques dos prestidigitadores nos enganam porque se baseiam nesse nosso hábito intelectual. No empenho de fazer um todo inteligível das impressões sensoriais que nos são oferecidas, cometemos muitas vezes os mais curiosos equívocos ou falseamos até mesmo a verdade do material que está à nossa frente. As provas disso são de conhecimento tão generalizado que não precisamos nos deter nelas. Passamos por cima de erros tipográficos que distorcem o sentido, tendo a ilusão do que é correto. Diz-se que um editor de uma revista francesa popular apostou que incluiria em cada frase de um longo artigo as palavras "de frente" e "de trás" sem que nenhum leitor percebesse. Ele ganhou a aposta. Anos atrás, o exemplo cômico de um nexo errado me chamou a atenção na leitura de um jornal. Após aquela sessão da Câmara francesa em que Dupuy, com as corajosas palavras "*La séance continue*" [A sessão continua], anulou o susto causado pela explosão da bomba lançada por um anarquista, os visitantes das galerias foram interrogados sobre suas impressões do atentado. Entre eles se encontravam duas

pessoas do interior. A primeira contou que, imediatamente após o encerramento de um discurso, ela ouvira uma detonação, mas que acreditara ser um costume do Parlamento disparar um tiro sempre que um orador terminasse a fala. A outra, que provavelmente já tinha escutado vários oradores, chegou à mesma conclusão, com a diferença de que o disparo seria uma homenagem que acontecia somente após discursos extraordinários.

Portanto, não é outra instância psíquica senão nosso pensamento normal que exige que o conteúdo do sonho seja inteligível, que o submete a uma primeira interpretação e assim provoca um entendimento equivocado deste. Para nossa interpretação permanece obrigatório ignorar a aparente coerência no sonho, como sendo suspeita pela origem, e encetar o mesmo caminho de volta para o material do sonho, não importando se este é claro ou confuso.

Nisso notamos do que depende essencialmente a escala de qualidade dos sonhos, da confusão à clareza, mencionada acima, na página 373. Claras nos parecem aquelas partes do sonho em que a elaboração secundária foi capaz de fazer algo; confusas, aquelas em que seus esforços falharam. Como frequentemente as partes confusas do sonho são também as menos vívidas, podemos concluir que o trabalho secundário do sonho deve ser responsabilizado também por contribuir para a intensidade plástica dos diferentes produtos do sonho.

Se eu buscar um objeto de comparação para a forma definitiva do sonho, tal como ela se dá após a influência do pensamento normal, não encontrarei exemplo melhor do que aquelas inscrições enigmáticas com que as *Fliegende Blätter* entretiveram seus leitores durante muito tempo. Certa frase — em dialeto, para efeito de contraste, e de significado o mais licencioso possível — devia criar a expectativa de conter uma inscrição em latim. Para esse fim, as letras das palavras eram tiradas de sua combinação em sílabas e arranjadas em nova ordem. Aqui e ali se formava uma autêntica palavra latina, em outros lugares acreditávamos ver abreviações de palavras latinas e, em ainda outros pontos, trechos que pareciam

degradados ou com lacunas nos encobriam a ausência de sentido de letras isoladas. Se não quiséssemos cair no conto, tínhamos de ignorar as características de uma inscrição, sem atentar nas letras e, sem consideração pelo arranjo apresentado, combiná-las em palavras de nossa língua materna.[ba]

A elaboração secundária é aquele fator do trabalho do sonho que foi observado e teve a importância reconhecida pela maioria dos autores. H. Ellis faz uma descrição divertida do seu funcionamento (1911, Introdução, p. 10):

"De fato, podemos imaginar a consciência do sono dizendo a si mesma: 'Aí vem nosso mestre, a consciência desperta, que dá tanto valor à razão, à lógica etc. Rápido, pegue as coisas, coloque-as em ordem, qualquer ordem serve — antes que ela entre e tome posse do palco'."

A identidade entre esse modo de trabalho e o do pensamento desperto é afirmada de maneira especialmente clara por Delacroix (1904, p. 926):

"*Cette fonction d'interprétation n'est pas particulière au rêve; c'est le même travail de coordination logique que nous faisons sur nos sensations pendant la veille*" [Essa função de interpretação não é peculiar ao sonho; é o mesmo trabalho de coordenação lógica que fazemos com nossas sensações durante a vigília].

J. Sully tem a mesma concepção, e também Tobowolska:

"*Sur ces successions incohérentes d'hallucinations, l'esprit s'efforce de faire le même travail de coordination logique qu'il fait pendant la veille sur les sensations. Il relie entre elles par un lien imaginaire toutes ces images décousues et bouche les écarts trop grands qui se trouvaient entre elles*" [O espírito se esforça por fazer, com essas sucessões de alucinações incoerentes, o mesmo trabalho de coordenação lógica que faz durante a vigília com as sensações. Mediante um laço imaginário, ele liga todas essas imagens desconexas e preenche as lacunas muito grandes que se encontram entre elas] (1900, p. 93).

Segundo alguns autores, como Paulhan (1894, p. 546), essa atividade ordenadora e interpretativa começa ainda durante o sonho e prossegue na vigília:

"*Cependant j'ai souvent pensé qu'il pouvait y avoir une certaine déformation, ou plutôt reformation, du rêve dans le souvenir* [...]. *La tendence systématisante de l'imagination pourrait fort bien achever après le réveil ce qu'elle a ébauché pendant le sommeil. De la sorte, la rapidité réelle de la pensée serait augmentée en apparence par les perfectionnements dus à l'imagination éveillée*" [Contudo, muitas vezes pensei que poderia haver certa deformação, ou melhor, reforma do sonho na lembrança (...). A tendência sistematizadora da imaginação poderia muito bem concluir, após o despertar, aquilo que esboçou durante o sono. Desse modo, a rapidez real do pensamento seria aparentemente aumentada pelos aperfeiçoamentos devidos à imaginação desperta].

Leroy e Tobowolska (1901, p. 592):

"*Dans le rêve, au contraire, l'interprétation et la coordination se font non seulement à l'aide des données du rêve, mais encore à l'aide de celles de la veille* [...]" [No sonho, pelo contrário, a interpretação e a coordenação se fazem não só com a ajuda dos dados do sonho, mas também com a ajuda dos da vigília (...)].

Era inevitável, então, que fosse superestimada a importância desse fator, o único reconhecido da formação do sonho, de modo que lhe atribuíram toda a realização de criar o sonho. Tal criação ocorreria no momento do despertar, como supõem Goblot (1896) e, ainda mais decididamente, Foucault (1906), que creditam ao pensamento da vigília a capacidade de formar o sonho a partir dos pensamentos que surgem no sono.

Leroy e Tobowolska dizem sobre essa concepção: "*On a cru pouvoir placer le rêve au moment du réveil, et ils ont attribué à la pensée de la veille la fonction de construire le rêve avec les images présentes dans la pensée du sommeil*" [Acreditou-se poder situar o sonho no momento do despertar, e eles atribuíram ao pensamento da vigília a função de construir o sonho com as imagens presentes no pensamento do sono].

Após essa discussão da elaboração secundária, passo a considerar uma nova contribuição ao trabalho do sonho, apresentada em observações sutis de H.

Silberer. Como já mencionamos em outra parte (ver p. 387), Silberer surpreendeu em flagrante, por assim dizer, a transformação de pensamentos em imagens, ao se obrigar a fazer uma atividade intelectual quando estava cansado e com sono. Então o pensamento que estava elaborando desaparecia e no seu lugar surgia uma visão, que resultava ser um substituto do pensamento normalmente abstrato. (Ver os exemplos nas pp. 387-8.) Nessas experiências, ocorreu que a imagem que surgiu, que devia corresponder a um elemento do sonho, representava outra coisa que não o pensamento a ser elaborado, ou seja, o próprio cansaço, a dificuldade ou a falta de vontade para aquele trabalho, portanto: o estado subjetivo e o modo de funcionamento da pessoa que se esforça, em vez do objeto de seu esforço. Silberer chamou esse caso, que nele sucedia com frequência, de "fenômeno *funcional*", em contraste com o "fenômeno material" que se esperava.

Por exemplo: "Certa tarde, encontro-me deitado no sofá com bastante sono e me forço a refletir sobre um problema filosófico. Procuro comparar os pontos de vista de Kant e Schopenhauer sobre o tempo. Por causa de minha sonolência, não consigo manter presentes os raciocínios de ambos, o que seria necessário para a comparação. Após algumas tentativas vãs, tento fixar mais uma vez, com toda a força de vontade, a dedução kantiana, para aplicá-la à colocação do problema por Schopenhauer. Então volto minha atenção para este último; quando quero retornar a Kant, constato que novamente ele me escapou; em vão procuro retomá-lo. Esse esforço inútil de reencontrar o arquivo Kant, armazenado em algum lugar da minha cabeça, se apresenta subitamente para mim, de olhos fechados, como um símbolo concreto e plástico na imagem onírica: *Estou pedindo uma informação a um secretário rabugento, que, inclinado sobre uma escrivaninha, não se perturba com minha insistência. Soerguendo-se na cadeira, ele me olha de má vontade e nada diz*" (Silberer, 1909, pp. 513 s.).

Outros exemplos que dizem respeito à oscilação entre sono e vigília:

"Exemplo nº 2. — Circunstâncias: De manhã, ao despertar. Em certo nível de profundidade do sono (estado crepuscular), refletindo sobre um sonho anterior, como que o repetindo e completando, sinto que me aproximo da consciência de vigília, mas ainda quero permanecer no estado crepuscular.

"Cena: *Coloco um pé no riacho para atravessá-lo, mas logo o retiro, pretendo ficar deste lado*" (Silberer, 1912, p. 625).

"Exemplo nº 6. — Circunstâncias semelhantes às do exemplo nº 4 (ele quer ficar deitado mais um pouco, sem dormir demais.) Quero me entregar mais um pouco ao sono.

"Cena: *Eu me despeço de alguém e combino com ele (ou ela) que logo nos veremos de novo*."

O fenômeno "funcional", a "representação do estado em vez do objeto", foi observado por Silberer essencialmente nas duas condições de adormecer e despertar. É fácil compreender que apenas o segundo caso interessa à interpretação dos sonhos. Silberer demonstrou com bons exemplos que as partes finais do conteúdo manifesto de muitos sonhos, às quais se segue imediatamente o despertar, nada mais representam do que a intenção ou o processo do próprio despertar. Servem a essa intenção: a transposição de um limiar ("simbolismo do limiar"), a saída de um aposento para entrar em outro, a partida, o retorno, a separação de um acompanhante, a imersão em água etc. No entanto, não posso suprimir a observação de que, em meus próprios sonhos e nos dos pacientes que analisei, encontrei os elementos relacionados ao simbolismo do limiar com uma frequência muito menor do que se esperaria pelas observações de Silberer.

Não é inconcebível ou improvável que esse "simbolismo do limiar" possa esclarecer também vários elementos que aparecem na trama de um sonho, em lugares, por exemplo, onde há oscilações na profundidade do sono e a tendência de interromper o sonho. Mas ainda não temos exemplos seguros dessa ocorrência. Mais frequente parece ser o caso da sobredeterminação, em que uma passagem do

sonho que extrai seu conteúdo material do tecido dos pensamentos oníricos é, *além disso*, usada para a representação de um estado na atividade psíquica.

O interessante fenômeno funcional de Silberer levou, sem culpa do seu descobridor, a muitos abusos, servindo como apoio para a antiga tendência à interpretação simbólico-abstrata dos sonhos. A preferência pela "categoria funcional" chega a tal ponto, em alguns, que falam do fenômeno funcional sempre que há atividades intelectuais ou processos afetivos no conteúdo dos pensamentos oníricos, embora esse material não tenha mais direito de se inserir no sonho como resto diurno do que todos os demais.

Reconhecemos que os fenômenos de Silberer representam uma segunda contribuição para a formação do sonho por parte do pensamento desperto, embora seja menos constante e menos significativa do que a primeira, aqui introduzida sob o nome de "elaboração secundária". Constatou-se que parte da atenção ativa durante o dia permanece voltada para o sonho também durante o sono, que ela o controla, critica e se reserva o poder de interrompê-lo. Pareceu-nos plausível enxergar, nessa instância psíquica que permanece desperta, o censor que exerce tamanha influência restritiva na configuração do sonho. O que as observações de Silberer acrescentam a isso é o fato de que, em certas circunstâncias, há também uma espécie de auto-observação, que dá sua contribuição para o conteúdo do sonho. Em outro lugar caberia tratar das prováveis relações entre essa instância auto-observadora, que deve ser ativa sobretudo em mentes filosóficas, e a percepção endopsíquica, o delírio de ser notado, a consciência moral e o censor onírico.[92]

Tentarei agora resumir essa extensa discussão sobre o trabalho do sonho. Havíamos encontrado esta questão: a psique emprega todas as suas capacidades desinibidamente na formação do sonho ou apenas uma parte delas, de desempenho inibido? Nossas investigações nos levaram a refutar essa questão como inadequada à situação. Mas, para permanecermos no mesmo terreno em que ela se coloca,

teremos de responder afirmativamente às duas concepções, embora pareçam excluir uma à outra. O trabalho psíquico na formação do sonho se divide em duas operações: a produção dos pensamentos oníricos e a transformação destes em conteúdo do sonho. Os pensamentos oníricos são formados de maneira absolutamente correta e com todo o dispêndio psíquico de que somos capazes; eles fazem parte do nosso pensar que ainda não se tornou consciente, do qual surgem, após certa modificação, também os pensamentos conscientes. Por mais interessantes e misteriosos que sejam, esses enigmas não têm relação especial com o sonho e não merecem ser tratados como problemas do sonho.[93] Já aquela outra parte do trabalho, que transforma os pensamentos inconscientes em conteúdo do sonho, é própria da vida onírica e característica dela. Esse autêntico trabalho do sonho se distancia muito mais do modelo do pensamento desperto do que acreditavam até mesmo os mais firmes depreciadores do funcionamento psíquico durante a formação do sonho. Ele não é mais negligente, incorreto, esquecido e incompleto que o pensamento desperto; é algo totalmente diferente em termos qualitativos e, por isso, não pode ser imediatamente comparado a este. Não pensa, calcula e julga; antes se limita a transformar. É possível descrevê-lo exaustivamente, quando se levam em conta as condições que seu resultado tem de satisfazer. Esse produto, o sonho, deve ser principalmente subtraído à *censura*, e para isso o trabalho do sonho recorre ao *deslocamento das intensidades psíquicas*, até chegar à transmutação de todos os valores psíquicos; os pensamentos devem ser reproduzidos exclusiva ou predominantemente no material de traços mnêmicos visuais e acústicos, e dessa exigência resulta para o trabalho do sonho a *consideração pela representabilidade*, a que ele atende mediante novos deslocamentos. Devem (provavelmente) ser produzidas intensidades maiores do que as disponíveis nos pensamentos oníricos durante a noite, e para essa finalidade serve a ampla *condensação* que é empreendida com os componentes dos pensamentos oníricos. Há pouca consideração pelas relações lógicas do material dos pensamentos; elas finalmente acham representação

oculta em peculiaridades *formais* dos sonhos. Os afetos dos pensamentos oníricos são submetidos a transformações menores do que seu conteúdo representacional. Em regra, são reprimidos; quando subsistem, são separados das representações e agrupados de acordo com sua semelhança. Somente uma parte do trabalho do sonho — a reelaboração, inconstante na amplitude, feita pelo pensamento de vigília parcialmente desperto — se encaixa aproximadamente na concepção que os autores pretendiam ser válida para toda atividade da formação do sonho.

---

1. [Nota acrescentada em 1914:] Encontramos referências à condensação no sonho em numerosos autores. Du Prel afirma em determinado lugar (1885, p. 85) que tem certeza absoluta de que ocorreu um processo de condensação na série de representações.

a. A descrição do sonho é ligeiramente diferente daquela da p. 204.

2. Goethe, Fausto, parte I, cena 4; no original: "*Ein Tritt tausend Fäden regt,/ Die Schifflein herüber, hinüber schiessen,/ Die Fäden ungesehen fliessen,/ Ein Schlag tausend Verbindungen schlägt*".

3. [Nota acrescentada em 1911:] Para melhor apreciar essa descrição feita por Daudet, considere-se o significado dos sonhos com escadas, na seção sobre o simbolismo.

b. No original: "*Bei einem Wirte wundermild,/ Da war ich jüngst zu Gaste*".

c. No original: "FAUST (*mit der Jungen tanzend*): "*Einst hatt' ich einen schönen Traum;/ Da sah ich einen Apfelbaum,/ Zwei schöne Äpfel glänzten dran,/ Sie reizten mich, ich stieg hinan.//* DIE SCHÖNE*: Der Äpfelchen begehrt ihr sehr,/ Und schon vom Paradiese her./ Von Freuden fühl' ich mich bewegt,/ Dass auch mein Garten solche trägt*".

4. A natureza fantasiosa da situação ligada à ama do sonhador é demonstrada pelo fato, estabelecido objetivamente, de que nesse caso a ama era a mãe. Lembro-me do arrependimento do jovem na anedota (mencionada na p. 242), de não ter aproveitado melhor o tempo com sua ama, que deve ser a fonte desse sonho.

d. *Maikäfer*, literalmente "besouros de maio".

5. Este o verdadeiro instigador do sonho.

6. Cabe acrescentar que esse tipo de leitura é tido como um veneno para uma moça jovem. Ela própria leu livros proibidos em sua juventude.

e. No final do primeiro ato, Sarastro falando a Pamina; no original: "*Zur Liebe kann ich dich nicht zwingen,/ Doch geb ich dir die* Freiheit *nicht*".

f. A referência deve ser a um dos dois meios-irmãos paternos, pois seu único irmão "inteiro" era dez anos mais jovem.

7. [Heinrich Kleist, *Käthchen von Heilbronn*, "Catarina de Heilbronn", ato IV, cena 2; no original: "*Verliebt ja wie ein Käfer bist du mir*"; *Käfer*, literalmente, besouro, significa também "moça jovem" no alemão coloquial.] Outro fio de pensamento conduz a *Pentesileia*, do mesmo autor: *crueldade* com o amado.

g. "*Weil du von böser Lust beseelt*." Citação imprecisa do primeiro verso da última cena da ópera, que diz: "*Hast du so böse Lust geteilt*" (Como partilhaste um desejo tão mau).

h. Em comemoração do jubileu do imperador Francisco José, em 1898.

8. No estado de vigília, essa mesma decomposição e reunião das sílabas — uma verdadeira química silábica — nos serve para muitas brincadeiras: "Qual a maneira mais barata de se obter prata [*Silber*]? Você vai a uma alameda com álamos prateados [*Silberpappeln*], exige silêncio, o falatório [*Pappeln*] cessa, e resta somente a prata". O primeiro leitor e crítico deste livro fez a objeção, que provavelmente será repetida pelos posteriores, de que "muitas vezes o sonhador parece espirituoso demais". Isso é correto enquanto se refere apenas ao sonhador, envolve uma objeção apenas se é estendido a quem interpreta o sonho. Na realidade da vigília não posso afirmar que eu seja "espirituoso"; se meus sonhos parecem engraçados, isso não se deve à minha pessoa, mas às condições psicológicas peculiares em que o sonho é elaborado e se vincula intimamente à teoria do humor e do cômico. O sonho se torna engraçado porque o caminho mais direto para a expressão de seus pensamentos lhe é barrado, ele é obrigado a sê-lo. Os leitores poderão se convencer de que os sonhos de meus pacientes se mostram tão ou mais espirituosos (engraçados) do que os meus. [Acrescentado em 1909:] — Essa crítica me incentivou a comparar a técnica do chiste com o trabalho do sonho; os resultados estão num livro publicado em 1905, *O chiste e sua relação com o inconsciente*.

9. Eduard Lasker morreu de paralisia progressiva, consequência da infecção (sífilis) adquirida de uma mulher; Ferdinand Lassalle, como se sabe, morreu num duelo por uma mulher.

i. Todo esse parágrafo foi acrescentado em 1914. A citação é de J. Marcinowski (1911).

j. Parágrafo acrescentado em 1919.

10. [Nota acrescentada em 1909:] Recentemente encontrei a única exceção a essa regra, num homem jovem com as funções intelectuais intactas e altamente desenvolvidas que sofre de obsessões. As falas que ocorriam em seus sonhos não vinham de palavras que ele tinha ouvido ou falado; correspondiam, isto sim, ao teor não deformado de suas ideias obsessivas, que lhe vinham à consciência apenas de forma alterada.

11. Naturalmente, intensidade psíquica, valor, interesse de uma representação devem ser diferenciados da intensidade sensorial, da intensidade do que é representado.

12. [Nota acrescentada em 1909:] Como posso designar como núcleo da minha concepção do sonho a ideia de que a deformação onírica se deve à censura, incluo aqui a última parte do conto "Träumen wie Wachen" [Sonhar como estando acordado], da obra *Phantasien eines Realisten* de "Lynkeus" (Viena, 2. ed., 1900), na qual encontro novamente essa característica principal de minha teoria:

> "Sobre um homem que tem a característica peculiar de jamais sonhar absurdos."
>
> "'Sua qualidade maravilhosa de sonhar como se estivesse acordado se deve às suas virtudes, à sua bondade, à sua justiça, ao seu amor da verdade; é a transparência moral da sua natureza que me permite entendê-lo perfeitamente.'
>
> "'Mas se eu pensar bem', respondeu o outro, 'quase acredito que todos são constituídos como eu e ninguém sonha absurdos! Um sonho do qual nos lembramos

tão nitidamente que depois podemos contá-lo, que não é produzido pela febre, sempre tem sentido, e não poderia ser diferente! Pois aquilo que se contradiz jamais poderia se juntar num todo. A frequente confusão de tempo e espaço não diminui em nada o conteúdo verdadeiro do sonho, pois os dois certamente não tiveram importância para seu conteúdo essencial. No estado de vigília fazemos muitas vezes a mesma coisa; basta pensar nos contos de fada, em tantas criações da imaginação ousadas e plenas de sentido, sobre as quais apenas um insensato diria: Isso é absurdo, porque é impossível!'

"'Se sempre pudéssemos interpretar corretamente os sonhos, assim como você acaba de fazer com o meu!', disse o amigo.

"'Certamente não é uma tarefa fácil, mas, com um pouco de atenção, o próprio sonhador deveria consegui-lo sempre. — Por que, na maioria das vezes, não consegue? Parece sempre haver algo oculto nos sonhos de vocês, algo lascivo de natureza própria e mais elevada, certa qualidade secreta em vocês, difícil de conceber; por isso, seus sonhos parecem tantas vezes sem sentido, até mesmo absurdos. Mas bem no fundo não é assim; não pode absolutamente ser assim, pois se trata sempre da mesma pessoa, esteja ela desperta ou sonhando.'"

13. [Nota acrescentada em 1909:] Desde então, publiquei a análise e a síntese completas de dois sonhos em "Análise fragmentária de uma histeria" (1905). [Acrescentado em 1914:] A análise de O. Rank, "Ein Traum, der sich selbst deutet" [Um sonho que interpreta a si mesmo], deve ser reconhecida como a interpretação mais completa de um sonho extenso.

k. A expressão idiomática "*durch die Blume sprechen*", literalmente "falar por meio da flor", significa dizer algo indiretamente, insinuar.

l. Frase acrescentada em 1914.

14. [Nota acrescentada em 1911:] Num texto de K. Abel, "Der Gegensinn der Urworte" [O sentido antitético das palavras primitivas] (1884) (ver minha resenha com o mesmo título, de 1910), descobri o fato surpreendente, confirmado por outros linguistas, de que nesse ponto as línguas mais antigas se comportam de forma bem semelhante ao sonho. No início, possuem apenas uma palavra para as duas oposições nos extremos de uma série de qualidades ou atividades ("fortefraco", "velhojovem", "distantepróximo", "ligarseparar") e apenas secundariamente formam designações específicas para os dois opostos, mediante pequenas alterações na palavra primordial comum. Abel demonstra isso em grande extensão no egípcio antigo, mas também mostra nítidos resíduos dessa evolução nas línguas semíticas e indo-europeias.

15. Ver a observação de Aristóteles sobre a aptidão para interpretar sonhos (cf. nota na p. 128).

16. [Nota acrescentada em 1925:] Cf. a observação na nota da p. 312.

17. Quando estou em dúvida de por trás de qual pessoa que aparece no sonho deve se achar meu Eu, costumo aplicar a seguinte regra: a pessoa que no sonho é tomada de um afeto que eu próprio sinto enquanto durmo é a pessoa que esconde meu Eu.

m. Frase acrescentada em 1911.

n. Esse parágrafo e o seguinte foram acrescentados em 1909.

18. [Nota acrescentada em 1909:] Às vezes, o ataque histérico recorre a essa mesma técnica da inversão temporal para ocultar do espectador seu sentido. Por exemplo, uma moça histérica tem necessidade de representar num ataque um pequeno romance que fantasiou no inconsciente após um encontro no bonde. Imagina que o homem, atraído pela beleza de seu pé, lhe dirige a palavra enquanto ela lê; ela o acompanha e vivencia uma tórrida cena de amor. Seu ataque tem início com a representação dessa cena amorosa por meio de convulsões (com movimentos dos lábios para os beijos, cruzamento dos braços para o abraço), depois corre para o outro aposento, senta-se numa cadeira, levanta a saia para mostrar o pé, faz de conta que está lendo um livro e se dirige a mim (me responde). [Acrescentado em 1914:] Cf., a propósito, a observação de Artemidoro: "Ao interpretar as histórias de um sonho, devemos considerá-las primeiro do início ao fim, depois, do fim ao início".

o. Parágrafo acrescentado em 1911.

p. Alusão a uma famosa expressão de Nietzsche; no original: *Umwertung aller psychichen Werte*.

19. [Nota acrescentada em 1930:] Hoje não sei se estava certo ao fazer isso.

20. Havia também estes sintomas histéricos: amenorreia e grande alteração do humor, o mal principal dessa paciente.

q. Frase acrescentada em 1909; o restante do parágrafo e os três seguintes foram acrescentados em 1911.

21. Uma relação com uma experiência da infância aparece na análise completa através da seguinte associação: "— O negro cumpriu sua tarefa, o negro pode ir" [Schiller, *Fiesco*, ato III, cena 4]. E vem então a pergunta jocosa: "Qual é a idade do negro ao cumprir sua tarefa?". Um ano, é quando ele pode ir [*gehen* = "ir", mas também "andar"]. (Parece que nasci com tanto cabelo preto que minha mãe me chamou de pequeno negro.) — O fato de eu não encontrar meu chapéu é uma experiência do dia usada em vários sentidos. Nossa empregada doméstica, muito boa para guardar as coisas, o escondera. — O final do sonho também esconde uma rejeição de pensamentos fúnebres tristes: "Ainda falta muito para eu cumprir minha tarefa; ainda não posso ir embora". — Nascimento e morte, como no sonho de Goethe e do paralítico que eu tive pouco antes (ver pp. 369 e 484).

22. [Nota acrescentada em 1930:] Essa afirmação não mais se sustenta ante o que sabemos agora.

r. Parágrafo acrescentado em 1911 e modificado em 1919.

23. [Nota acrescentada em 1909:] Ver *O chiste e sua relação com o inconsciente*, 1905, e as "palavras-ponte" na solução de sintomas neuróticos.

s. Famoso regente da época.

24. [Nota acrescentada em 1925:] Hugo Wolf [*Wolf* significa "lobo"].

t. Canção folclórica alemã; no original: "*Kein Feuer, keine Kohle / kann brennen so heiss / als wie heimliche Liebe / von der niemand was weiss*".

u. Em alemão, *sitzen geblieben*, cujo sentido primário é "permanecido sentadas".

v. Parágrafo e exemplos acrescentados em 1914.

w. A expressão *wie Kraut und Rüben* (literalmente "couve e beterrabas") significa "em desordem".

25. [Nota acrescentada em 1925:] De fato, nunca mais deparei com essa representação, de modo que passei a duvidar da justeza da interpretação.

26. [Nota acrescentada em 1914:] Muitos exemplos disso podem ser encontrados nos três volumes suplementares de Fuchs (1909-12).

27. Sobre a interpretação desse sonho preliminar, que deve ser considerado "causal", ver pp. 356 ss.

28. Sua vida.

29. Origem alta (nobre), desejo contrastante ao sonho preliminar.

30. Uma construção mista que reúne dois locais, o chamado sótão da casa paterna, onde ela brincava com o irmão, objeto de suas fantasias posteriores, e o pátio de um tio ruim, que costumava troçar dela.

31. Desejo contrastante com uma lembrança real da fazenda do tio, onde ela costumava se desnudar ao dormir.

32. Como o ramo de lírios que o anjo tem na Anunciação de Maria.

33. Para a explicação dessa imagem mista, ver p. 361: inocência, menstruação, Dama das Camélias.

34. Referência ao número de pessoas envolvidas em sua fantasia.

35. Se é permitido arrancar um [*herrunterreissen*], isto é, se masturbar [*sich einen herunterreissen* é uma expressão vulgar para "masturbar-se"].

36. Há muito tempo o ramo veio a representar o órgão genital masculino; além disso, contém uma clara alusão ao nome de família.

37. Isso e o que se segue dizem respeito a precauções conjugais.

x. Parágrafo acrescentado em 1925.

38. [Nota acrescentada em 1911 (ao parágrafo anterior):] Um sonho "biográfico" análogo é o terceiro relatado entre os exemplos do simbolismo dos sonhos; também o "sonho que se interpreta a si mesmo", relatado minuciosamente por Rank [1910]; para outro que tem de ser lido de modo "invertido", ver Stekel (1909, p. 486).

39. [Nota acrescentada em 1911:] Cf. os trabalhos de Bleuler [1910] e seus discípulos de Zurique, Maeder, Abraham e outros sobre o simbolismo; ver também os autores não médicos a que eles se referem (Kleinpaul e outros). [Acrescentado em 1914:] O que se escreveu de mais pertinente sobre esse tema se acha no texto de O. Rank e H. Sachs, 1913, capítulo I. [Acrescentado em 1925:] Ver também E. Jones (1916).

40. [Nota acrescentada em 1925:] Essa concepção encontraria um apoio extraordinário numa teoria apresentada pelo dr. Hans Sperber (1912). Ele acha que as palavras primordiais designavam coisas sexuais, e depois perderam esse significado sexual quando passaram para outras coisas e atividades, que eram comparadas às sexuais.

41. [Nota acrescentada em 1914:] O navio se movendo na água, por exemplo, aparece nos sonhos de micção de sonhadores húngaros, embora em sua língua não se use "*schiffen*" [*Schiff* = navio] para "urinar" (Ferenczi; cf. também p. 410), adiante. Nos sonhos dos franceses e de outros povos de origem latina, o quarto serve para representar simbolicamente a mulher, apesar de não conhecerem nenhuma expressão análoga a "*Frauenzimmer*" ["mulher", mas literalmente "quarto de mulher"].

42. [Nota acrescentada em 1919:] "Um paciente que vive numa pensão sonha que encontra uma servente e lhe pergunta qual é seu número; para sua surpresa, ela responde: 14. Ele realmente começou uma relação com essa

moça e teve vários encontros com ela em seu quarto. Compreensivelmente, ela temia que a patroa suspeitasse dela e, no dia anterior ao sonho, sugeriu que se encontrassem num dos quartos desocupados. Esse quarto era o de número 14, mas no sonho é a mulher que tem esse número. Dificilmente se poderia imaginar uma prova mais clara da identificação entre mulher e quarto" (Ernest Jones, 1914). (Cf. *O simbolismo dos sonhos,* de Artemidoro [trad. F. S. Krauss, Viena, 1881, p. 110]): "Assim, por exemplo, o quarto de dormir significa a esposa, se ela existir".

43. [Nota acrescentada em 1911:] Acerca disso, reproduzo aqui o que afirmei em outro lugar ("As perspectivas futuras da terapia psicanalítica", 1910): "Algum tempo atrás, informaram-me que um psicólogo — de pontos de vista um tanto alheios aos nossos — dirigiu-se a um de nós com a observação de que certamente superestimamos o significado sexual oculto dos sonhos. O seu sonho mais frequente, afirmou, era subir uma escada, e certamente não havia nada de sexual nisso. Alertados por essa objeção, começamos a atentar para o surgimento de escadas, degraus etc. nos sonhos, e logo pudemos constatar que a escada (ou o que lhe seja análogo) representa um indiscutível símbolo do coito. Não é difícil encontrar o fundamento da comparação: chegamos ao topo em movimentos rítmicos, com fôlego cada vez menor, e, depois, com alguns breves saltos estamos novamente no chão. Assim, o ritmo do coito se acha também na subida da escada. E não esqueçamos a linguagem corrente. Ela nos mostra que a 'subida' [*das 'Steigen'*] é outra designação para o ato sexual. Costuma-se dizer que um homem é um '*Steiger*' ['subidor'] e falar em '*nachsteigen*' ['correr atrás']. Em francês, o degrau da escada se chama *la marche*, e '*un vieux marcheur*' [literalmente, 'um velho andador'] corresponde exatamente ao nosso '*ein alter Steiger*' [um velho escalador]".

44. [Nota acrescentada em 1914:] Cf. em *Zentralblatt für Psychoanalyse*, v. 2, p. 675, o desenho de uma garota maníaca de dezenove anos: um homem que usa uma cobra como gravata, voltada para uma moça. Há também a história "Der Schamhaftige" [O envergonhado] (*Anthropophyteia*, v. 6, p. 334): uma mulher entrou numa sala de banho, onde se encontrava um senhor que mal teve tempo de vestir a camisa. Ele estava muito envergonhado, mas imediatamente cobriu o pescoço com a parte da frente da camisa e disse: "Me desculpe, estou sem *gravata*".

45. [Nota acrescentada em 1911:] Não obstante as diferenças entre a concepção de Scherner do simbolismo do sonho e a desenvolvida aqui, quero enfatizar que Scherner deve ser visto como o verdadeiro descobridor do simbolismo onírico e que as investigações da psicanálise levaram ao reconhecimento posterior de seu livro publicado muitos anos atrás (em 1861) e considerado fantasioso na época.

46. Extraído de "Complementos à interpretação dos sonhos", *Zentralblatt für Psychoanalyse*, v. I, n. 5/6, 1911.

47. [Nota acrescentada em 1911:] Cf. um exemplo desse tipo na comunicação de Kirchgraber (1912). Stekel (1909, p. 475) comunica um sonho em que o chapéu com uma pena torta no centro simboliza o homem (impotente).

y. O grande parque público de Viena.

48. Ou capela = vagina.

49. Símbolo do coito.

50. *Mons veneris* [monte de Vênus].

51. *Crines pubis* [pelos pubianos].

52. Demônios de capas e capuzes são, como explica um especialista, de natureza fálica.

53. As duas metades do escroto.

z. Esses dois parágrafos foram acrescentados em 1919.

aa. Como observa Strachey, Hanns Sachs parece usar o termo "sobreinvestimento" para designar um investimento adicional, não no sentido específico em que Freud o usa.

ab. São os dois primeiros versos da segunda estrofe do *Hino à alegria*, de Schiller, que Beethoven musicou na *Nona sinfonia*. O terceiro verso (a citação anterior) foi também usado pelo libretista de *Fidélio*, a única ópera de Beethoven. O original diz: "*Wem der grosse Wurf gelungen,/ Eines Freundes Freund zu sein./ Wer ein holdes Weib errungen* [...]".

54. [Nota acrescentada em 1914:] A extração de um dente por outra pessoa deve ser geralmente interpretada como castração (de modo semelhante ao ato de o cabeleireiro cortar o cabelo; Stekel). Deve-se distinguir entre sonhos de estímulo dentário e sonhos de dentista, como aqueles comunicados por Coriat (1913).

55. [Nota acrescentada em 1909:] Segundo uma comunicação de C. G. Jung, os sonhos de estímulo dentário em mulheres têm o significado de sonhos de parto. [Acrescentado em 1919:] Ernest Jones forneceu uma boa confirmação disso. O elemento comum entre essa interpretação e aquela acima é que nos dois casos (castração e parto) uma parte do corpo se separa do conjunto.

56. [Nota acrescentada em 1911:] Cf. o sonho "biográfico" na página 391.

ac. "Coroas de ouro"; na época, a coroa era a unidade monetária do Império Austro-Húngaro.

57. [Nota acrescentada em 1930:] Por causa do contexto, repeti aqui dois parágrafos sobre os sonhos de movimento; cf. pp. 313-4.

58. Cf., de minha autoria, *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, 1905.

59. *Die Sprache des Traumes* [A linguagem do sonho], 1911.

60. "Der psychische Hermaphroditismus im Leben und in der Neurose" [O hermafroditismo psíquico na vida e na neurose] (1910) e trabalhos posteriores em *Zentralblatt für Psychoanalyse*, v. I (1910-1).

61. [Nota acrescentada em 1911:] Publiquei um exemplo típico de um sonho de Édipo dissimulado no n. 1 da *Zentralblatt für Psychoanalyse*; Otto Rank outro, com interpretação minuciosa, no n. 4 (1911). [Acrescentado em 1914:] Para outros sonhos edípicos dissimulados, em que predomina o simbolismo do olho, ver Rank (1913). Na mesma publicação há trabalhos sobre "sonhos de olhos" e simbolismo do olho de Eder, Ferenczi, Reitler. O enceguecimento no mito de Édipo e em outros lugares representa a castração. [Acrescentado em 1911:] Os antigos não desconheciam a interpretação simbólica dos sonhos de Édipo não dissimulados. (Cf. O. Rank, 1910, p. 534): "Sabe-se de um sonho de Júlio César em que ele teve relação sexual com a mãe e que os intérpretes de sonhos entenderam como sinal propício para a conquista da terra (*mãe — terra*). Igualmente conhecido é o oráculo feito aos tarquínios, segundo o qual seria senhor de Roma quem *beijasse a mãe primeiro* (*osculum matri tulerit*), o que Brutus entendeu como referência à mãe-terra (*terram osculo contigit, scilicet quod ea communis mater omnium mortalium esset* [beijou a terra, dizendo que era a mãe comum de todos os mortais]. Lívio I, LVI). [Acrescentado em 1914:] Cf. o sonho de Hípias relatado por Heródoto VI, 107: "Hípias, porém, conduziu os bárbaros para Maratona, após ter, na noite anterior, um sonho em que lhe parecia deitar com sua própria mãe. Desse sonho concluiu que voltaria para Atenas, retomaria o governo e morreria idoso em sua pátria". [Acrescentado em 1911:] Esses mitos e interpretações apontam para um conhecimento psicológico correto. Descobri que as pessoas que se sabem preferidas ou privilegiadas pela mãe demonstram na vida aquela

confiança especial em si mesmas, aquele otimismo inabalável que não raramente parece heroico e conduz ao sucesso real.

[Acrescentado em 1925:] EXEMPLO TÍPICO DE UM SONHO DE ÉDIPO DISFARÇADO — Um homem sonha: *Ele tem uma relação secreta com uma mulher que outro homem quer desposar. Ele teme que este descubra a relação e o casamento não se realize, e por isso o trata com muito carinho; ele o abraça e o beija.* — Os fatos da vida do sonhador coincidem com o teor desse sonho num único ponto. Ele mantém uma relação secreta com uma mulher casada, e uma observação ambígua do marido, que é seu amigo, o levou a suspeitar que ele pode ter percebido algo. Na realidade, porém, existe algo mais não mencionado no sonho, mas que fornece a chave para sua compreensão. A vida do marido está sendo ameaçada por um mal orgânico. Sua esposa está preparada para a possibilidade de sua morte súbita, e nosso sonhador tem a intenção consciente de se casar com a jovem viúva após o falecimento do marido. Devido a essa situação externa, o sonhador se vê transposto para a constelação do sonho de Édipo; em seu desejo, ele pode matar o marido para ganhar a mulher; seu sonho expressa esse desejo numa deformação hipócrita. Em vez de mostrar que ela já está casada com o outro, afirma que outro ainda pretende se casar com ela, o que corresponde à sua própria intenção secreta, e os sentimentos hostis em relação ao marido se escondem por trás de carinhos ostensivos, que provêm da lembrança de sua relação com o pai quando era menino.

62. [Nota acrescentada em 1914:] Sobre o significado mitológico do nascimento na água, ver Rank (1909).

63. [Nota acrescentada em 1909:] Somente depois pude apreciar a importância dos pensamentos e fantasias inconscientes sobre a vida no ventre materno. Eles contêm a solução para o medo singular de tantas pessoas de serem enterradas vivas, e também a mais profunda justificativa inconsciente da crença numa vida após a morte, que nada mais é do que a projeção para o futuro dessa vida inquietante anterior ao nascimento. *O nascimento é, por sinal, a primeira vivência de angústia e, portanto, fonte e modelo da angústia.*

64. [Nota acrescentada em 1919:] "As mesmas representações simbólicas que em seu sentido infantil ocorrem nos sonhos vesicais aparecem, no sentido 'recente', com significado eminentemente sexual: água = urina = esperma = líquido amniótico; navio [*Schiff*] = urinar [*schiffen*] = útero (caixa); molhar-se = enurese = coito = gravidez; nadar = bexiga cheia = estadia da criança antes do nascimento; chuva = urinar = símbolo de fecundação; viajar (partir, descer do veículo) = levantar da cama = ter relações sexuais (viagem de núpcias); urinar = alívio sexual (polução)" (Rank, 1912, p. 95).

65. Freud, "Caráter e erotismo anal" (1908), Rank (1912), Dattner (1913), Reik (1915).

66. [Nota acrescentada em 1911:] Ver um sonho desse tipo em Pfister, 1909. — Sobre o símbolo do "salvamento", cf. minha palestra: "As perspectivas futuras da terapia psicanalítica" (1910) e também "Contribuições à psicologia do amor, I. Um tipo especial de escolha do objeto feita pelo homem" (1910). Cf. também Rank (1911 b); Reik (1911), Rank (1914).

ad. Alusão ao provérbio que diz "*Einen Kuss in Ehren kann niemand verwehren*", "Um beijo de cumprimento não se pode recusar".

ae. *Der Hafer sticht mich*, referência à expressão idiomática "*ihn sticht der Hafer*", que significa algo como "A fortuna lhe subiu à cabeça, o fez atrevido, arrogante". O sonho se acha na parte iv, cap. 6 do romance.

67. [Nota acrescentada em 1914:] Para outras análises de sonhos de números, ver Jung, Marcinowski e outros. Frequentemente esses sonhos pressupõem complicadas operações aritméticas, executadas pelo sonhador com

uma segurança surpreendente. Cf. também Jones (1912).

68. [Nota acrescentada em 1909:] A neurose procede da mesma forma que o sonho. Conheço uma paciente que involuntariamente ouve (alucina) cânticos ou fragmentos deles, sem entender seu significado para sua vida psíquica. Ela certamente não é paranoica. A análise mostra que ela usou o texto desses cânticos de forma inadequada, tomando certas licenças. "*Leise, leise, fromme Weise*" [Suave, suave, piedosa canção]: isso significa, para seu inconsciente, *Fromme Waise* [Piedosa órfã], o que é ela mesma. "*O du selige, o du fröhliche*" [Ó feliz, ó alegre] é o início de um cântico natalino; ao não completar o verso, que termina com "noite de Natal", ela o transforma em cântico nupcial etc. — O mesmo mecanismo de deformação pode se produzir também quando algo ocorre a uma pessoa, sem que haja alucinação. Por que um dos meus pacientes é incomodado pela lembrança de um poema que foi obrigado a decorar na infância: "*Nächtlich am Busento lispeln…*" [À noite sussurram no Busento]? Porque sua imaginação se contenta com uma parte da citação: "*Nächtlich am Busen*" [À noite no seio]. Sabemos que o chiste paródico também não deixa de usar essa técnica. As *Fliegende Blätter* publicaram certa vez, entre suas "Ilustrações dos clássicos alemães", também uma relativa ao poema "Das Siegesfest" [A festa da vitória], de Schiller, com a citação truncada: "*Und des frisch erkämpften Weibes/ Freut sich der Atrid und strickt*" [E pela mulher que acabou de conquistar/ O Atrida se regozija e tricota"]. Foi omitida a continuação: "*Um den Reiz des schönen Weibes/ Seine Arme hochbeglückt*" [E enlaça, extasiado/ O encanto daquele belo corpo; *stricken* = *tricotar* e *umstricken* = *envolver com os braços, enlaçar*].

69. "Para o bem-estar da pátria ele viveu,/ não longamente, mas totalmente". [Nota acrescentada em 1925:] O texto correto da inscrição é: "*Saluti publicae vixit/ non diu sed totus*" [Para o bem-estar do público etc.]. É provável que Wittels [1924] tenha imaginado corretamente o motivo do meu lapso, da troca de *publicae* por *patriae*.

70. Como contribuição ao tema da sobredeterminação, acrescento que minha desculpa para o atraso era que, após trabalhar até altas horas da noite, eu precisava fazer, de manhã, o longo trajeto da Kaiser-Josef-Strasse [rua imperador José] até a Währinger Strasse. [O amigo em questão era Josef Paneth (1857-90), que também foi amigo de Friedrich Nietzsche.]

71. Além disso, *César* liga-se a *Kaiser* [imperador; o "c" tem som de "k" na pronúncia latina restaurada].

af. "Morreremos por nosso rei": palavras dos nobres húngaros em resposta à exortação de Maria Teresa da Áustria, em 1740.

72. Não sei mais em qual autor encontrei a menção de um sonho em que havia numerosas figuras minúsculas, cuja fonte era uma das gravuras de Jacques Callot, que o sonhador havia contemplado durante o dia. De fato, essas gravuras contêm muitas figuras pequeninas; uma série trata dos horrores da Guerra dos Trinta Anos.

ag. Do epílogo que Goethe acrescentou ao poema *Das Lied von der Glocke* [A canção do sino], de Schiller, após a morte deste. A associação foi causada por outros versos desse epílogo: "*Nun glühte seine Wange rot und röter/ Von jener Jugend, die uns nie entfliegt*" [Sua face ardia, cada vez mais vermelha/ Daquela juventude que nunca nos foge].

ah. Parágrafo acrescentado como nota em 1909 e incluído no texto em 1930.

ai. Parágrafo acrescentado como nota em 1911 e incluído no texto em 1930.

73. [Nota acrescentada em 1911:] Cf. "Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico" (1911).

aj. Parágrafo acrescentado como nota em 1919 e incluído no texto em 1930.

ak. No original: "*Der Herr befiehlt's,/ Der Kutscher tut's./ Ein jeder hat's,/ Im Grabe ruht's.*" (Vorfahren). Como verbo, esse último termo significa "ir adiante, passar à frente"; e como substantivo, "antepassados".

al. No original: "*Der Herr befiehlt's,/ Der Kutscher tut's./ Nicht jeder hat's,/ In der Wiege ruht's.*" (*Nachkommen*). Como verbo, esse último termo significa "vir depois"; e como substantivo, "descendentes".

74. Portanto, o trabalho do sonho parodia o pensamento que lhe é apontado como risível, criando algo risível relacionado a ele. Heine procede de maneira semelhante quando zomba dos versos ruins do rei da Baviera. Ele faz isso em versos ainda piores: "*Herr Ludwig ist ein grosser Poet/ Und singt er, so stürzt Apollo/ Vor ihm auf die Kniee und bittet und fleht/ 'Halt ein, ich werde sonst toll, oh.'*" [O sr. Ludwig é um grande poeta,/ Quando canta, cai Apolo/ De joelhos e pede e implora:/ "Pare, ou enlouqueço, oh!"].

am. As palavras *Geseres* e *Ungeseres*, que não são alemãs, serão explicadas adiante.

an. *Kurzsichtig*, literalmente "de vista curta"; *Myop* é outro termo, menos usado, para "míope".

75. [*Hamlet*, ato II, cena 2.] Esse sonho é também um bom exemplo do princípio de validade geral segundo o qual os sonhos da mesma noite, embora separados na recordação, têm origem no mesmo material de pensamentos. A situação onírica em que retiro meus filhos da cidade de Roma foi deformada pela ligação com evento análogo ocorrido na minha infância. O sentido é que eu invejo os parentes que, muitos anos atrás, tiveram a oportunidade de enviar seus filhos para outra terra.

76. [Nota acrescentada em 1909:] Em sonhos ocorridos durante o tratamento psicanalítico, a exortação ou intenção: "Preciso contar isso ao doutor" corresponde geralmente a uma grande resistência a confessar o sonho, e não é raro que em seguida o sonho seja esquecido.

77. Um tema que provocou uma discussão extensa na *Revue Philosophique* (paramnésia nos sonhos).

78. Esses resultados corrigem em alguns pontos o que disse acima sobre a representação das relações lógicas (p. 353). Estas descrevem a conduta geral do trabalho do sonho, mas não levam em conta suas operações mais finas e cuidadosas.

79. Papel-alumínio [*Stanniol*]: alusão a Stannius, autor de *Nervensystem der Fische* [O sistema nervoso dos peixes], cf. p. 459.

80. O local no térreo do prédio em que moro, onde ficam os carrinhos de bebê das diferentes famílias. De resto, porém, sobredeterminado de várias formas.

ao. Goethe, *Fausto*, parte I, cena 4; já citado na p. 176.

ap. Nome de local inexistente; logo em seguida, "holotúrias" são vermes marinhos.

81. Eu mesmo não entendo essa descrição, mas sigo aqui o princípio de reproduzir o sonho com as palavras que me vieram à mente quando o registrei. A própria formulação é parte da representação onírica.

82. [Nota acrescentada em 1909:] Schiller não nasceu numa cidade chamada Marburg, mas em Marbach, como sabe todo escolar alemão e como também eu sabia. Trata-se novamente de um desses erros (cf. a nota na p. 234) que se insinuam no sonho como substituto para uma falsificação deliberada em outro lugar, e que tentei explicar em *Psicopatologia da vida cotidiana* [1905].

83. [Nota acrescentada em 1919:] Se não me engano, o primeiro sonho que obtive de meu neto, com um ano e oito meses de idade, mostra que o trabalho do sonho conseguiu transformar seu material na realização de um desejo, enquanto o afeto correspondente persistiu inalterado também no estado de sono. Na noite anterior ao dia em que seu pai devia partir para o campo de batalha, o menino gritou, soluçando fortemente: "Papa, Papa

— Bebi". Isso só pode significar: Papa e Bebi permanecem juntos, enquanto o choro reconhece a despedida iminente. Na época, ele já era capaz de expressar o conceito da separação. "*Fort*" ["Partiu"] (substituído por um "ooh" prolongado e acentuado de modo peculiar) havia sido uma de suas primeiras palavras, e meses antes desse primeiro sonho ele havia usado esse "*fort*" com todos os seus brinquedos, o que remetia à autossuperação, bem cedo conquistada, de deixar a mãe sair [Cf. *Além do princípio do prazer*, cap. II, 1920].

aq. No original: "*Still, auf gerettetem Boot, treibt in den Hafen der Greis*", Schiller, *Nachträge zu den Xenien*, "Erwartung und Erfüllung" [Adendos às xênias, "Expectativa e realização"].

ar. Cf. a nota sobre os termos "repressão" e "supressão" na p. 275.

as. As duas últimas frases foram acrescentadas em 1919.

84. [Nota acrescentada em 1930:] Desde que a psicanálise decompôs a personalidade em um Eu e um Supereu (*Psicologia das massas e análise do Eu*, 1921), tornou-se fácil ver nesses sonhos de punição realizações de desejos do Supereu.

at. Esse parágrafo foi acrescentado em 1919, mas James Strachey comenta que seria mais adequado inseri-lo *após* os dois parágrafos seguintes, que datam de 1911 e ainda se relacionam aos sonhos de Rosegger.

85. [Nota acrescentada em 1909:] De forma análoga expliquei o grande efeito prazeroso dos chistes tendenciosos [cf. *O chiste e sua relação com o inconsciente*, 1905, cap. IV].

86. É essa fantasia, oriunda dos pensamentos inconscientes do sonho, que exige imperativamente *non vivit* [não vive] no lugar de *non vixit* [não viveu]. "Você chegou tarde. Ele não vive mais." Já indicamos, nas páginas 468-9, que também a situação manifesta do sonho aponta para *non vivit*.

87. Goethe, *Fausto*, parte I, "Dedicatória"; no original: "*früh sich einst dem trüben Blick gezeigt*".

au. Cf. *Henrique IV*, II, ato IV, cena 5.

88. Já se terá percebido que o nome *Josef* tem papel importante nos meus sonhos (ver o sonho do tio). Meu Eu pode se esconder facilmente por trás das pessoas que assim se chamam nos sonhos, pois Josef é também o nome do *interpretador de sonhos* que conhecemos da Bíblia.

av. Cf. "Considerações atuais sobre a guerra e a morte, II. Nossa atitude perante a morte", 1915.

aw. Diz-se que alguém tem *esprit d'escalier* (literalmente "espírito de escada") quando demora para entender ou fazer algo.

ax. Alusão a versos de H. Heine; cf. Novas conferências introdutórias à psicanálise, nº 33 (1933).

89. *Rêve, petit roman — day-dream, story* [Sonho, pequeno romance — devaneio, história; no texto é usado o termo *Tagtraum*, literalmente "sonho diurno"].

90. [Nota acrescentada em 1909:] Em *Análise fragmentária de uma histeria* (1905 [cap. II]), analisei um bom exemplo desse tipo de sonho, formado pela sobreposição de várias fantasias. De resto, subestimei a importância dessas fantasias na formação dos sonhos ao trabalhar sobretudo com os meus sonhos, que raramente têm por base devaneios, e sim discussões e conflitos de pensamento, na maioria das vezes. Em outras pessoas é frequentemente mais fácil mostrar a *plena analogia entre sonhos noturnos e devaneios*. Em pacientes histéricos, com frequência podemos substituir um ataque por um sonho; então é fácil nos convencermos de que a fantasia do devaneio é o estágio preliminar dessas duas formações psíquicas.

ay. Mas no relato do sonho consta que Maury foi atingido pelo dossel da cama, que caiu.

az. Com exceção da última frase, esse parágrafo foi acrescentado em 1914

91. Tobowolska, p. 53.

ba. Todo o resto desse capítulo foi acrescentado em 1914, com exceção do último parágrafo.

92. [Nota acrescentada em 1914:] Cf. "Introdução ao narcisismo" (1914 [parte III]).

93. [Nota acrescentada em 1925:] Antes eu achava extremamente difícil acostumar os leitores à distinção entre conteúdo manifesto do sonho e pensamentos latentes do sonho. Sempre surgiam argumentos e objeções tirados do sonho não interpretado, tal como a lembrança preservou, e se ignorava a necessidade da interpretá-lo. Agora que pelo menos os analistas se familiarizaram com a substituição do sonho manifesto pelo sentido encontrado mediante a interpretação, muitos deles se tornam responsáveis por outra confusão, à qual se apegam com a mesma teimosia. Buscam a essência do sonho nesse conteúdo latente, desconsiderando a diferença entre pensamentos latentes do sonho e trabalho do sonho. No fundo, o sonho não é senão uma *forma* especial do nosso pensamento, possibilitada pelas condições do estado de sono. É o *trabalho do sonho* que produz essa forma, e apenas ele é essencial no sonho, é a explicação de sua peculiaridade. Digo isso para avaliar a famigerada "tendência prospectiva" do sonho. O fato de o sonho se ocupar das tentativas de solução de problemas com que nossa vida psíquica depara não é mais estranho do que o fato de nossa vida consciente de vigília fazer o mesmo, e a única coisa que acrescenta é que esse trabalho pode se dar também no pré-consciente, algo que já sabemos.

VII. PSICOLOGIA DOS PROCESSOS ONÍRICOS

Entre os sonhos que me foram relatados por outras pessoas, há um que agora solicita a nossa atenção. Ele me foi contado por uma paciente que o ouviu numa conferência sobre os sonhos; sua fonte original ainda me é desconhecida. Seu conteúdo impressionou aquela senhora, pois ela não deixou de "sonhá-lo pessoalmente", isto é, de repetir elementos dele em seu próprio sonho, para, por meio dessa transferência, expressar uma concordância em determinado ponto.

As condições preliminares desse sonho-modelo são as seguintes. Um pai passou dias e noites à cabeceira do filho doente. Depois que a criança morre, ele vai para um quarto vizinho, a fim de descansar, mas deixa a porta aberta, para poder ver o aposento onde jaz o corpo do filho, cercado de velas altas. Um homem idoso foi encarregado da vigília e está sentado junto ao corpo, murmurando orações. Após algumas horas de sono, o pai sonha que *o filho está em pé ao lado de sua cama, que o agarra pelo braço e sussurra em tom de repreensão: "Pai, você não vê que estou queimando?"*. Ele acorda e vê um brilho forte vindo do quarto do filho, corre até lá e encontra o vigia idoso adormecido, a mortalha e um braço do corpo amado do filho queimados por uma vela que caíra.

A explicação desse sonho comovente é simples e, como me informa a paciente, foi apresentada corretamente pelo palestrante. A luz clara das velas incidiu sobre os olhos do adormecido através da porta aberta e o levou à mesma conclusão a que ele teria chegado em estado de vigília, de que a queda de uma vela tinha provocado um incêndio junto ao corpo. Talvez o pai já tivesse adormecido com a preocupação de que o vigia idoso não estava apto a cumprir sua tarefa.

Nada tenho a mudar nessa interpretação; acrescentaria apenas que o conteúdo do sonho precisa ser sobredeterminado; e a fala da criança, composta de palavras realmente ditas por ela enquanto vivia e que se ligam a eventos importantes para o

pai. Por exemplo, a queixa: “Estou queimando” se liga à febre que tinha a criança, e a frase: “Pai, você não vê?”, a outra situação carregada de afetos, mas que nos é desconhecida.

Depois que reconhecemos o sonho como algo pleno de sentido, que se pode inscrever na trama do funcionamento psíquico, devemos nos admirar de que houvesse um sonho em circunstâncias que exigiam que o pai despertasse rapidamente. Então percebemos que nesse sonho também não falta a realização de um desejo. Nele o menino morto age como uma pessoa viva, ele próprio avisa o pai, vai até sua cama e o puxa pelo braço, como provavelmente fez naquela lembrança da qual o sonho tomou a primeira parte da fala da criança. Pela realização desse desejo, o pai prolongou o sono por um momento. O sonho teve a preferência sobre a reflexão em estado de vigília, porque mostrou a criança viva. Se o pai tivesse acordado primeiro e depois tirado a conclusão que o levou até o quarto vizinho, ele teria como que abreviado a vida da criança por esse momento.

Não pode haver dúvida quanto à peculiaridade que atrai nosso interesse nesse breve sonho. Até agora nos preocupamos sobretudo com o sentido oculto dos sonhos, de que modo encontrá-lo e os meios de que o trabalho do sonho se serve para ocultá-lo. As tarefas da interpretação dos sonhos têm ocupado o centro da nossa visão. E agora deparamos com esse sonho, que não constitui um desafio para a interpretação, cujo sentido é dado abertamente, e percebemos que ele preserva todas as características essenciais que diferenciam claramente um sonho de nosso pensamento desperto e, portanto, geram a necessidade de explicá-lo. Somente após deixar de lado tudo o que diz respeito ao trabalho de interpretação podemos notar como ficou incompleta nossa psicologia dos sonhos.

Antes de guiarmos nossos pensamentos por esse novo caminho, porém, vamos nos deter e olhar para trás, a fim de ver se não deixamos de considerar algo importante. Pois devemos estar cientes de que o trecho agradável e confortável do nosso caminho ficou para trás. Até agora, todos os caminhos que percorremos nos levaram, a menos que eu muito me engane, em direção à luz, ao esclarecimento e à

compreensão plena. Mas, a partir do momento em que buscamos nos aprofundar nos processos psíquicos envolvidos no sonhar, todas as trilhas conduzem à escuridão. Não nos é possível *explicar* o sonho como processo psíquico, pois explicar significa remeter ao que já se conhece, e atualmente não existe conhecimento psicológico ao qual possamos subordinar o que o exame psicológico dos sonhos nos leva a inferir como base explicativa. Pelo contrário, seremos obrigados a levantar uma série de novas hipóteses que dizem respeito, de modo tentativo, à estrutura do aparelho psíquico e às forças que nele agem, e precisaremos ter cuidado para não ir muito além das primeiras implicações lógicas, ou seu valor se perderá no indeterminável. Mesmo se não cometermos nenhum erro em nossas inferências e levarmos em conta todas as possibilidades lógicas, a provável incompletude de nossas premissas nos ameaça com o fracasso total de nosso cálculo. Não poderemos alcançar ou pelo menos fundamentar nenhum esclarecimento sobre a estrutura e o modo de trabalho do instrumento psíquico mediante a investigação, por mais cuidadosa que seja, do sonho ou de alguma outra produção *isolada*; para essa finalidade será preciso reunir aquilo que se revelar como constante e necessário no estudo comparativo de toda uma série de produções psíquicas. Assim, as hipóteses psicológicas que extraímos da análise dos processos oníricos precisarão como que aguardar numa parada, até acharem a conexão com os resultados de outras investigações que pretendem chegar ao núcleo do mesmo problema a partir de outro ponto de abordagem.

A. O ESQUECIMENTO DOS SONHOS

Sugiro, então, que primeiro nos voltemos para um tema que levanta uma dificuldade ainda não considerada, mas capaz de privar de fundamento todos os nossos esforços relativos à interpretação dos sonhos. Alguns autores objetaram que na realidade não conhecemos o sonho que pretendemos interpretar ou, mais corretamente, que não temos nenhuma garantia de conhecê-lo como de fato ocorreu (cf. p. 69).

Aquilo que lembramos do sonho, e no qual exercitamos nossas artes de interpretação, é mutilado primeiramente pela infidelidade da nossa memória, que parece extremamente incapaz de guardar o sonho, e talvez tenha perdido as partes mais significativas do seu conteúdo. Muitas vezes, ao voltarmos a atenção para nossos sonhos, lamentamos haver sonhado muito mais e só nos lembrarmos de um fragmento, cuja lembrança também nos parece estranhamente incerta. Em segundo lugar, tudo indica que a nossa lembrança do sonho não só apresenta lacunas, mas também o reproduz de maneira infiel e adulterada. Assim como podemos duvidar que a coisa sonhada fosse mesmo tão desconexa e nebulosa como a temos na memória, também não pode haver certeza de que um sonho tenha sido tão coerente como o relatamos, que, na tentativa de reproduzi-lo, não tenhamos preenchido as lacunas existentes ou criadas pelo esquecimento com um material novo e arbitrariamente escolhido, que não tenhamos adornado, arredondado e arrumado o sonho, de modo que se torna impossível determinar qual foi seu conteúdo real. Até encontramos num autor (Spitta)[1] a conjectura de que toda ordem e coerência foram introduzidas no sonho apenas durante a tentativa de evocá-lo. Assim, corremos o perigo de que nos escape das mãos o próprio objeto cujo valor nos propusemos determinar.

Até agora ignoramos essas advertências em nossas interpretações de sonhos. Pelo contrário, vimo-nos solicitados a interpretar tanto os componentes menores, mais discretos e mais incertos do conteúdo quanto aqueles preservados com nitidez e

certeza. O sonho da injeção de Irma dizia: "Chamo *rapidamente* o dr. M.", e supusemos que esse detalhe não teria sido introduzido no sonho se não tivesse uma origem particular. Assim chegamos à história daquela paciente infeliz, para a qual eu havia chamado "rapidamente" meu colega mais velho. No sonho aparentemente absurdo que tratou a diferença entre 51 e 56 como *quantité négligeable*, o número 51 era mencionado várias vezes. Em vez de considerarmos isso algo natural ou indiferente, inferimos daí uma segunda linha de pensamentos no conteúdo latente do sonho que nos levou ao número 51 e, seguindo esse rastro, chegamos aos meus temores de que os 51 anos seriam meu limite de vida, em oposição total a um pensamento dominante que alardeava muitos anos de vida. No sonho do "*Non vixit*" [p. 466], havia uma interpolação discreta, inicialmente ignorada por mim: "*Como P. não o entende, Fl. me pergunta* etc.". Quando a interpretação estacou, retomei essas palavras e encontrei, a partir delas, o caminho para a fantasia infantil que nos pensamentos oníricos surge como ponto intermediário. Isso se deu mediante os versos do poeta:

> *Raras vezes vocês me* compreenderam,
> *Raras vezes também os compreendi,*
> *Somente quando nos achamos na* lama
> *Logo nos compreendemos!*[a]

Toda análise poderia comprovar com exemplos como justamente os detalhes mais insignificantes do sonho são indispensáveis para a interpretação e como a solução é adiada quando nossa atenção demora a se voltar para eles. Interpretando sonhos, também demos importância a cada nuance da linguagem em que o sonho foi apresentado. E quando nos era apresentado um texto absurdo ou insuficiente — como se tivesse fracassado o esforço de traduzir o sonho para a versão correta —, respeitamos também essas falhas na expressão. Em suma, tratamos como escritura sagrada aquilo que para outros autores seria uma improvisação arbitrária, juntada às pressas no alvoroço do momento. Essa contradição tem de ser explicada.

Essa explicação nos é favorável, embora não invalide os argumentos dos outros autores. Do ponto de vista do nosso novo conhecimento sobre a gênese do sonho, as contradições se conciliam inteiramente. É certo que deformamos o sonho ao tentar reproduzi-lo; nisso encontramos de novo o que chamamos de elaboração secundária (e frequentemente mal-entendida) do sonho pela instância do pensamento normal. Mas essa deformação nada mais é do que uma parte da elaboração a que os pensamentos oníricos são regularmente submetidos em decorrência da censura onírica. Os demais autores perceberam ou intuíram aqui a parte da deformação do sonho que trabalha de modo manifesto; isso pouco nos importa, pois sabemos que um trabalho de deformação muito mais extenso, ainda que menos evidente, já escolheu o sonho como objeto a partir dos pensamentos oníricos ocultos. Esses autores se enganam apenas ao considerar que a modificação do sonho ao ser lembrado e posto em palavras é arbitrária, ou seja, não admite resolução, prestando-se, portanto, a nos atrapalhar no conhecimento do sonho. Eles subestimam o determinismo na esfera psíquica. Nela não há nada arbitrário. Podemos demonstrar de modo geral que uma segunda cadeia de pensamentos assume imediatamente a determinação do elemento que permaneceu indeterminado pela primeira. Digamos, por exemplo, que eu tente fazer com que um número me ocorra arbitrariamente; isso é impossível; o número que me ocorre é inequívoca e necessariamente determinado por pensamentos meus que podem estar distantes de minha intenção momentânea.[2] Também não são arbitrárias as mudanças que o sonho sofre na edição em estado de vigília. Elas permanecem em ligação associativa com o conteúdo em cujo lugar se põem e servem para nos indicar o caminho para esse conteúdo, que, por sua vez, pode estar substituindo outro.

Ao analisar sonhos de pacientes, costumo fazer o seguinte teste, sempre bem-sucedido. Quando o relato de um sonho me parece difícil de compreender inicialmente, peço ao narrador que o repita. Raras vezes ele o faz com as mesmas palavras. Mas os trechos em que ele mudou a expressão me dão a conhecer os pontos fracos do disfarce do sonho. Estes me servem como serviu a Hagen o sinal bordado

na roupa de Siegfried.[b] A interpretação do sonho pode começar aí. Ao solicitar que o narrador repita o sonho, eu lhe aviso que farei um esforço especial para solucioná-lo; logo ele protege, sob a pressão da resistência, os pontos fracos do disfarce do sonho, substituindo uma expressão reveladora por outra mais distante. Desse modo, chama a minha atenção para a expressão descartada. O empenho com que ele busca impedir a solução do sonho me permite inferir também o cuidado com que teceu o manto do sonho.

Os outros autores têm menos razão ao dar tamanho espaço à dúvida com que o nosso juízo recebe a narrativa do sonho. Pois essa dúvida não tem penhor intelectual; nossa memória não possui garantias; ainda assim, cedemos com frequência muito maior que o objetivamente justificável à pressão de confiar em suas informações. A dúvida quanto à reprodução correta do sonho ou de seus detalhes é, novamente, um produto da censura do sonho, da resistência à penetração dos pensamentos oníricos na consciência. Essa resistência nem sempre se esgota nos deslocamentos e substituições que impôs; ela também se apega, em forma de dúvida, àquilo que passou. Tendemos a não perceber essa dúvida, pois ela tem a cautela de nunca atacar os elementos mais intensos do sonho, mas apenas os fracos e indistintos. Mas nós já sabemos que entre os pensamentos oníricos e o sonho houve uma transmutação completa de todos os valores psíquicos; a deformação só foi possível mediante uma subtração de valores; nisso ela costuma se manifestar e com isso eventualmente se satisfaz. Quando a um elemento indistinto do conteúdo onírico se acrescenta ainda a dúvida, podemos, seguindo essa indicação, reconhecer nesta um derivado mais ou menos direto de um dos pensamentos oníricos proscritos. É como o que sucedia após uma grande revolução, numa das repúblicas da Antiguidade ou da Renascença. As famílias nobres e poderosas que antes dominavam estão agora banidas, todas as posições altas são ocupadas por novatos; na cidade são tolerados apenas membros empobrecidos e sem poder, ou seguidores distantes dos senhores derrubados. Mas estes também não gozam de direitos plenos

de cidadão, são vigiados com desconfiança. Em nosso exemplo, no lugar da desconfiança está a dúvida. Por isso requeiro que seja abandonada, na análise de um sonho, toda a escala de avaliação da certeza, que seja tratada como certeza absoluta a mais leve possibilidade de que algo deste ou daquele tipo possa ter surgido no sonho. Se, ao examinarmos um elemento onírico, não nos dispomos a renunciar a esse tipo de consideração [pela certeza], a análise estanca. O menosprezo do elemento em questão tem, no analisando, o efeito psíquico de que não lhe ocorre nenhuma representação indesejada por trás desse elemento. Na verdade, esse efeito não é óbvio; não seria disparatado se alguém dissesse: "Não tenho certeza se isto ou aquilo realmente estava no sonho, mas me ocorre o seguinte a respeito disso". Ele nunca fala assim, e é justamente esse efeito da dúvida perturbadora da análise que a desmascara como um derivado e um instrumento da resistência psíquica. A psicanálise tem razão em ser desconfiada. Uma de suas regras é: *qualquer coisa que perturbe o prosseguimento do trabalho é uma resistência*.[3]

Também o esquecimento dos sonhos permanece misterioso enquanto não se recorre ao poder da censura psíquica para explicá-lo. A sensação de que sonhamos muito durante a noite, mas conservamos bem pouco, pode ter outro sentido numa série de casos, como, por exemplo, o de que o trabalho do sonho se realizou de modo perceptível durante toda a noite, mas deixou apenas um sonho curto. De resto, não há como duvidar do fato de que esquecemos cada vez mais o sonho após despertar. Nós nos esquecemos dele apesar de um grande esforço para lembrá-lo. Mas penso que, assim como costumamos superestimar a extensão desse esquecimento, superestimamos também a perda do conhecimento do sonho vinculada a suas lacunas. Toda a perda no conteúdo do sonho causada pelo esquecimento pode, muitas vezes, ser recuperada por meio da análise; pelo menos em bom número de casos, a partir de um pedaço que restou podemos encontrar não o sonho — esse não importa muito, afinal —, mas todos os pensamentos oníricos. Isso requer um

dispêndio considerável de atenção e autossuperação na análise; é tudo, mas mostra que não faltou uma intenção hostil no esquecimento do sonho.[4]

Uma prova convincente da natureza tendenciosa do esquecimento do sonho,[5] a serviço da resistência, pode ser adquirida nas análises pela observação de um estágio preliminar do esquecimento. Não é nada raro que no meio do trabalho de interpretação surja de repente uma porção excluída do sonho, considerada esquecida até então. Essa parte arrancada do esquecimento é sempre a mais importante; ela se acha no caminho mais curto para a solução do sonho e, por isso, estava mais exposta à resistência. Entre os exemplos de sonhos espalhados nesta obra, existe um no qual inseri posteriormente parte do conteúdo do sonho. Trata-se de um sonho de viagem, que se vinga de dois companheiros de viagem pouco amáveis e que quase deixei sem interpretar, devido a seu conteúdo vulgar [cf. p. 501]. A porção excluída é: *Digo ao casal de irmãos* [em inglês], *referindo-me a certa obra: "It is from…", mas então me corrijo: "It is by…". O homem diz à irmã: "Ele falou corretamente".*[6]

A autocorreção nos sonhos, que pareceu extraordinária para alguns autores, não merece que nos ocupemos dela aqui. Em vez disso, apresentarei a lembrança que serviu como modelo para o erro gramatical. Visitei a Inglaterra pela primeira vez aos dezenove anos de idade e passei um dia à beira-mar na Irlanda. Naturalmente me deleitei apanhando animais marinhos que a maré deixava na praia, e, no momento em que me ocupava de uma estrela-do-mar (o sonho começa com *Hollthurn-Holothurien*), uma encantadora menininha se aproximou de mim e perguntou: "*Is it a star-fish? Is it alive?*" [É uma estrela do mar? Está viva?]. Respondi: "*Yes, he is alive*" [em vez de "*it is alive*"], mas então me envergonhei do erro e repeti a frase corretamente. O sonho substituiu aquele erro gramatical por outro que os alemães também cometem facilmente. "O livro é de Schiller" não deve ser traduzido por *from*, mas por *by*. O fato de o trabalho do sonho efetuar essa substituição, pois a assonância de *from* e do adjetivo alemão *fromm* [devoto] permite uma excelente condensação, já não nos surpreende mais, após tudo o que ouvimos sobre as intenções do trabalho do sonho e sua falta de escrúpulos na escolha dos meios. Mas o

que a inofensiva lembrança da praia quer dizer no contexto do sonho? Ela ilustra, com o exemplo mais inocente possível, que eu uso o termo que designa o gênero ou sexo no lugar errado, ou seja, que aplico o sexo (*he*) onde ele não cabe. Essa é uma das chaves para a solução do sonho. E quem escutou também a origem atribuída ao título do livro "Ma*tter and* Mo*tion*" [cf. p. 502] pode completar facilmente o que falta: Mo*lière* em Ma*lade Imaginaire*: *La* ma*tière*, *est-elle laudable?*[c] — *a* mo*tion of the bowels*.

De resto, posso provar com uma *demonstratio ad oculos* [demonstração visual] que o esquecimento do sonho é, em grande parte, obra da resistência. Um paciente conta que sonhou, mas se esqueceu totalmente do sonho; nesse caso, é como se não tivesse havido o sonho. Continuamos nosso trabalho, eu deparo com uma resistência, explico algo ao paciente, tento ajudá-lo com encorajamento e insistência, para que ele se reconcilie com algum pensamento desagradável, e, assim que isso ocorre, ele exclama: "Agora me lembro também do meu sonho!". A mesma resistência que nesse dia dificultou o trabalho causou também o esquecimento do sonho. Com a superação dessa resistência, facilitei a recordação do sonho.

Da mesma forma, o paciente, chegando a certo ponto do trabalho, pode se lembrar de um sonho que ocorreu três, quatro ou mais dias antes e que até então permaneceu no esquecimento.[7]

A experiência psicanalítica nos fornece ainda outra prova de que o esquecimento do sonho depende muito mais da resistência do que da diferença entre os estados de vigília e de sono, como acreditam os estudiosos. Não é raro me acontecer, e também a outros analistas e a pacientes em tratamento, que, ao ser despertado por um sonho, como podemos dizer, começo imediatamente a interpretá-lo, em plena posse da capacidade intelectual. Com frequência, não descansei até adquirir total compreensão do sonho, mas ainda assim ocorreu de, ao despertar realmente, eu haver esquecido tanto o trabalho interpretativo como o sonho, embora eu soubesse que havia sonhado e interpretado o sonho. Era muito mais frequente o sonho levar consigo para o esquecimento o resultado do trabalho de interpretação do que a

atividade intelectual conseguir manter o sonho na lembrança. Mas não há, entre o trabalho de interpretação e o pensamento de vigília, esse abismo psíquico pelo qual os estudiosos pretendem explicar de forma exclusiva o esquecimento dos sonhos. Quando Morton Prince critica minha explicação do esquecimento dos sonhos, afirmando que é apenas um caso especial da amnésia em estados psíquicos dissociados (*dissociated states*) e que a impossibilidade de transpor minha explicação dessa amnésia especial para outros tipos de amnésia a torna inútil também para seu propósito imediato, ele lembra ao leitor que, em todas as suas descrições desses estados dissociados, ele jamais tentou achar a explicação dinâmica para esses fenômenos. Caso contrário, teria descoberto que a repressão (ou a resistência por ela criada) é a causa tanto dessas dissociações como da amnésia de seus conteúdos psíquicos.

Algo que pude observar enquanto escrevia este livro me mostrou que, assim como outros atos psíquicos, os sonhos não são esquecidos e podem ser perfeitamente comparados a outras funções psíquicas no que concerne a sua retenção na memória. Eu havia guardado, entre minhas anotações, um grande número de sonhos próprios, que por alguma razão não conseguira submeter a uma interpretação completa ou mesmo parcial. Então, um ou dois anos mais tarde, tentei interpretar alguns deles, na intenção de reunir material para ilustrar minhas afirmações. Essa tentativa foi bem-sucedida em todos os casos; direi até que a interpretação foi bem mais fácil do que na época, quando os sonhos ainda eram lembranças frescas, e uma explicação possível é que desde então superei várias resistências em meu interior, que na época me atrapalhavam. Nessas interpretações posteriores, comparei os pensamentos oníricos produzidos na época com os atuais, geralmente muito mais ricos, e encontrei os pensamentos de então inalterados entre os atuais. Meu assombro com isso pôde ser contido quando me lembrei de que há muito tempo costumo pedir a meus pacientes que interpretem com o mesmo método os sonhos de anos passados que me contam eventualmente, como se fossem sonhos da noite anterior, e eles o fazem com o mesmo sucesso. Ao discutirmos os sonhos de angústia, comunicarei dois exemplos

dessa interpretação tardia. Quando fiz essa tentativa pela primeira vez, guiei-me pela justificada expectativa de que também nisso o sonho se comportaria como um sintoma neurótico. Pois quando trato um psiconeurótico — uma histeria, por exemplo — mediante a psicanálise, tenho de alcançar uma explicação também para os primeiros sintomas de sua doença, há muito superados, não só para os sintomas ainda existentes, que o fizeram me procurar, e vejo que os primeiros são mais fáceis de resolver que os atuais e urgentes. Já nos *Estudos sobre a histeria*, publicados em 1895, pude informar o esclarecimento da primeira crise histérica que uma paciente de mais de quarenta anos de idade sofrera aos quinze anos [caso de Cäcilie M.].[8]

Seguem agora, sem ordem rigorosa, mais algumas observações que tenho a fazer sobre a interpretação dos sonhos, que talvez sirvam como orientação para o leitor que queira verificar minhas teorias aplicando-as a seus próprios sonhos.

Ninguém deve esperar que a interpretação de seus sonhos caia do céu sem esforço próprio. Até mesmo a percepção de fenômenos entópticos[d] e outras sensações que habitualmente fogem à nossa atenção exige treino, embora não haja motivo psíquico que se oponha a esse grupo de percepções. É consideravelmente mais difícil apoderar-se das "representações indesejadas". Quem pretender isso terá de fazer suas as expectativas expostas neste livro e, seguindo as regras aqui apresentadas, procurar sustar dentro de si toda crítica, todo preconcebimento, toda tomada de partido afetiva ou intelectual durante o trabalho. Deverá ter em mente o preceito estabelecido por Claude Bernard para o experimentador num laboratório fisiológico: "*Travailler comme une bête*" [Trabalhar como uma besta], isto é, com a mesma persistência e a mesma despreocupação quanto ao resultado. Quem seguir essas recomendações já não achará tão difícil a tarefa. A interpretação de um sonho nem sempre se faz de uma vez; não raro, após seguirmos uma cadeia de associações sentimos nossa capacidade esgotada, o sonho nada mais nos dirá nesse dia; é bom interromper e retomar o trabalho outro dia. Então outra parte do conteúdo do sonho

atrairá nossa atenção, e teremos acesso a uma nova camada de pensamentos oníricos. Podemos chamar isso a interpretação "fracionada" dos sonhos.

O mais difícil é levar o iniciante na interpretação dos sonhos a reconhecer o fato de que sua tarefa não está plenamente realizada quando ele tem em mãos uma interpretação do sonho completa, que faz sentido, é coerente e explica todos os elementos do conteúdo do sonho. É possível que haja ainda outra, uma sobreinterpretação do mesmo sonho, que lhe escapou. Realmente não é fácil ter uma noção da riqueza de pensamentos inconscientes que lutam por expressão em nossa mente e crer na habilidade que tem o trabalho do sonho de utilizar expressões de múltiplos sentidos, de "matar sete moscas com um só golpe", como faz o alfaiate do conto de fadas. Os leitores sempre tenderão a acusar este autor de esbanjar inutilmente sua engenhosidade; quem adquirir experiência própria saberá julgar melhor.

Por outro lado,[e] não posso concordar com a afirmação, feita primeiramente por H. Silberer, segundo a qual todo sonho — ou pelo menos muitos sonhos, ou certos grupos deles — requer duas interpretações diferentes, entre as quais há uma relação fixa. A primeira delas, que Silberer chama de *psicanalítica*, dá ao sonho um sentido qualquer, geralmente infantil-sexual; a outra, mais significativa, que ele denomina *anagógica*, revela os pensamentos mais sérios, muitas vezes profundos, que serviram de material para o trabalho do sonho. Silberer não comprovou essa afirmação por meio de uma série de sonhos analisados nessas duas direções. Devo contestar a existência desse fato. A maioria dos sonhos não exige uma sobreinterpretação e não é suscetível de uma interpretação anagógica. A tendência a encobrir as condições fundamentais da formação dos sonhos e desviar o interesse de suas raízes instintuais é tão evidente na teoria de Silberer quanto em outros esforços teóricos dos últimos anos. Em certo número de casos pude confirmar as indicações de Silberer; a análise mostrou-me então que o trabalho do sonho se encontrara ante a tarefa de transformar em sonho uma série de pensamentos muito abstratos da vida de vigília, que não podiam ser representados diretamente. Tentou solucionar essa tarefa se

apoderando de outro material de pensamentos que mantinha uma relação mais solta e muitas vezes *alegórica*, pode-se dizer, com os pensamentos abstratos, pondo menos dificuldades à representação. A interpretação abstrata de um sonho assim gerado é imediatamente fornecida pelo sonhador; a interpretação correta do material substituído deve ser buscada com os meios técnicos conhecidos.

A pergunta de se todo sonho pode ser interpretado deve ser respondida com um "não". Não se deve esquecer que no trabalho de interpretação temos contra nós os poderes psíquicos responsáveis pela deformação do sonho. Assim, é uma questão de relação de forças se nós, com nosso interesse intelectual, nossa capacidade de autossuperação, nossos conhecimentos psicológicos e nossa prática na interpretação dos sonhos, conseguimos predominar sobre as resistências internas. Em certa medida, isso sempre é possível, pelo menos até o ponto de nos convencermos de que o sonho é uma formação dotada de sentido e, muitas vezes, de adquirirmos também uma noção desse sentido. Com frequência, um sonho subsequente permite confirmar e levar adiante a interpretação dada ao primeiro. Toda uma série de sonhos que continua por semanas ou meses se baseia, com frequência, num terreno em comum, e deve então ser submetida à interpretação conjuntamente. Muitas vezes podemos notar que, em sonhos sucessivos, um tem como centro aquilo que no seguinte é indicado apenas na periferia, e vice-versa, de modo que os dois se complementam também na interpretação. Já demonstrei com exemplos que os sonhos de uma mesma noite devem, de modo geral, ser tratados como um todo no trabalho de interpretação.

Com frequência, até mesmo nos sonhos mais bem interpretados há um ponto que temos de deixar obscuro, pois na interpretação percebemos que ali há um novelo de pensamentos oníricos que não é possível desembaraçar, mas que também não contribuiu muito para o conteúdo do sonho. Esse, então, é o "umbigo" do sonho, o ponto em que ele assenta no desconhecido. Os pensamentos oníricos que encontramos na interpretação têm de permanecer geralmente inconclusos e ramificar em todas as direções na emaranhada rede do nosso mundo de pensamentos. O desejo

do sonho surge então de um ponto mais denso desse tecido, como o cogumelo de seu micélio.

Voltemos aos fatos relativos ao esquecimento do sonho, pois deixamos de tirar uma conclusão importante deles. Se a vida de vigília mostra a evidente intenção de esquecer o sonho formado durante a noite, ou como um todo logo após o despertar ou em partes ao longo do dia, e se reconhecemos como agente principal desse esquecimento a resistência psíquica ao sonho, que já durante a noite fez o que podia contra ele, deve-se perguntar o que possibilitou a formação do sonho apesar dessa resistência. Tomemos o caso mais extremo, em que a vida de vigília apaga o sonho como se ele não tivesse ocorrido. Se nisso consideramos o jogo das forças psíquicas, temos de dizer que não teria havido o sonho se a resistência tivesse operado à noite como de dia. Nossa conclusão é que ela, no período da noite, perdeu uma parte de seu poder; sabemos que não estava suspensa, pois demonstramos que participa da deformação na formação do sonho. Mas a possibilidade se impõe de que durante a noite ela estava diminuída, de que esse decréscimo da resistência permitiu a formação do sonho, e assim compreendemos que, ao ter sua plena força restituída com o despertar, ela imediatamente apaga o que teve de admitir enquanto estava fraca. A psicologia descritiva nos ensina que a condição principal para a formação do sonho é o estado de sono da psique; poderíamos agora acrescentar esta explicação: *o estado de sono possibilita a formação do sonho ao diminuir a censura endopsíquica*.

Certamente somos tentados a ver essa conclusão como a única que é possível tirar dos fatos do esquecimento do sonho, e a partir dela fazer outras inferências sobre as condições de energia que prevalecem no sono e na vigília. Mas no momento vamos nos deter aqui. Quando nos aprofundarmos um pouco mais na psicologia do sonho, descobriremos que a formação do sonho pode ser concebida de outra maneira também. A resistência a que os pensamentos oníricos se tornem conscientes talvez possa ser contornada sem que ela experimente uma diminuição. Também é plausível que os dois fatores propícios à formação do sonho, a diminuição e a evitação da

resistência, sejam possibilitados ao mesmo tempo pelo estado do sono. Vamos interromper aqui o argumento e retomá-lo adiante.

Agora precisamos lidar com outra série de objeções ao nosso método de interpretação dos sonhos. Nosso procedimento consiste em abandonar todas as representações com meta[f] que costumam dominar nossa reflexão, dirigir nossa atenção para um elemento onírico e anotar o que pode nos vir de pensamentos involuntários acerca dele. Depois tomamos outro componente do conteúdo onírico, repetimos com ele o mesmo trabalho e nos deixamos guiar por nossos pensamentos, despreocupados com a direção em que eles nos levam, e assim passamos de uma coisa a outra. Nisso abrigamos a expectativa confiante de que no final, sem nossa interferência ativa, daremos com os pensamentos oníricos dos quais surgiu o sonho. Contra isso os críticos argumentam da seguinte maneira. O fato de um elemento do sonho nos conduzir a algum lugar não é tão admirável assim; toda representação pode ser associada a algo. Notável é que nesse fluxo de pensamentos arbitrário e sem meta se chegue justamente aos pensamentos oníricos. Provavelmente isso é um autoengano; seguimos a cadeia de associações a partir daquele elemento até notarmos que por algum motivo ela é interrompida; quando tomamos o segundo elemento, é natural que o caráter originalmente irrestrito da associação sofra alguma limitação. Ainda temos na memória a cadeia de pensamentos anterior, de modo que na análise da segunda representação onírica deparamos mais facilmente com associações que têm algo em comum com as da primeira sequência. Então imaginamos ter encontrado um pensamento que é um ponto de conexão entre dois elementos do sonho. Como nos permitimos toda liberdade para ligar pensamentos e excluímos apenas as transições de uma representação para outra que atuam no pensamento normal, não será difícil, afinal, a partir de uma série de "pensamentos intermediários" preparar algo que chamamos de pensamentos oníricos e que, sem nenhuma garantia, pois não os conhecemos de outra forma, dizemos ser o substituto psíquico do sonho. Mas tudo, nisso, é completamente arbitrário, um uso

aparentemente engenhoso do acaso, e quem quer que empreenda esse esforço inútil pode, dessa maneira, excogitar para um sonho qualquer interpretação que quiser.

Se realmente nos fizerem tais objeções, poderemos, em nossa defesa, invocar a impressão deixada por nossas interpretações oníricas, as surpreendentes ligações com outros elementos do sonho que emergem quando examinamos uma das representações, e a improbabilidade de que algo que explica o sonho tão exaustivamente como nossa interpretação seja adquirido de outra forma que não seguindo ligações psíquicas preestabelecidas. Poderíamos também lembrar, em nossa justificação, que o procedimento na interpretação dos sonhos é idêntico ao utilizado na resolução dos sintomas histéricos, em que a exatidão do método é garantida pelo surgimento e desaparecimento dos sintomas em seu local, ou seja, em que as explicações do texto encontram amparo nas ilustrações. Mas não temos por que eludir o problema de como é possível alcançar uma meta preexistente seguindo uma cadeia de pensamentos arbitrária e sem meta, pois, embora não possamos resolver esse problema, somos capazes de eliminá-lo por completo.

É demonstravelmente incorreto afirmar que nos entregamos a um fluxo de representações sem meta quando, como sucede no trabalho de interpretação dos sonhos, abandonamos nossa reflexão e permitimos que surjam representações involuntárias. É possível mostrar que podemos rejeitar apenas representações com meta já nossas conhecidas e que, com a cessação destas, representações com meta desconhecidas — ou inconscientes, como dizemos de forma imprecisa — imediatamente passam a predominar e determinam o curso das representações involuntárias. Por mais que tenhamos influência em nossa vida psíquica, não podemos pensar sem representações com meta; e tampouco sei de estados de desordem psíquica em que isso acontece.[9] Nesse ponto, os psiquiatras deixaram precocemente de crer na solidez da estrutura psíquica.[g] Sei que uma sequência de pensamentos desregrada, destituída de representações com meta, não ocorre nem no âmbito da histeria e da paranoia nem na formação ou na resolução dos sonhos. Talvez jamais ocorra nas afecções psíquicas endógenas; até mesmo os delírios dos

estados confusionais são, conforme uma inteligente suposição de Leuret, dotados de sentido, tornando-se incompreensíveis apenas por suas omissões. Cheguei à mesma convicção sempre que tive a oportunidade de observá-los. Os delírios são obra de uma censura que já não se dá ao trabalho de ocultar sua ação, que, em vez de colaborar para uma nova versão que não mais seja escandalosa, apaga impiedosamente aquilo que desaprova, de maneira que o que resta se torna incoerente. Essa censura procede de forma bem análoga à censura russa na fronteira, que, na intenção de proteger os leitores, cobre de tinta preta muitas passagens dos jornais estrangeiros a eles destinados.

Talvez o jogo livre das representações numa cadeia associativa casual se manifeste em processos orgânicos destrutivos do cérebro; mas o que é visto como tal nas psiconeuroses sempre pode ser explicado pela ação da censura sobre uma série de pensamentos, que é empurrada para primeiro plano pelas representações com meta que permanecem ocultas.[10] Como sinal infalível da associação livre de representações com meta considerou-se o caso de representações (ou imagens) que aparecem vinculadas pelos laços da chamada associação superficial, ou seja, por assonância, ambiguidade verbal, coincidência temporal sem relação interna de sentido, por todas as associações que nos permitimos usar nos chistes e nos jogos de palavras. Essa caracterização se aplica às ligações de pensamentos que nos levam dos elementos do conteúdo onírico aos pensamentos intermediários e destes aos pensamentos oníricos propriamente; em muitas análises de sonhos encontramos exemplos disso que nos surpreenderam. Não havia ligação solta demais nem chiste ruim demais que não pudesse formar a ponte de um pensamento para outro. Mas não é difícil entender essa complacência. *Sempre que um elemento psíquico é vinculado a outro por meio de uma associação superficial e chocante, há também uma ligação correta e mais profunda entre os dois, que está sujeita à resistência da censura.*

A pressão da censura, não a suspensão das representações com meta, é a razão verdadeira para o predomínio das associações superficiais. Elas substituem as associações profundas quando a censura torna intransitáveis essas vias de conexão

normais. É como se um obstáculo enorme numa região montanhosa, uma inundação, por exemplo, bloqueasse as estradas grandes e largas; o tráfego seria mantido nas trilhas íngremes e desconfortáveis normalmente utilizadas só pelos caçadores.

Podemos distinguir aqui dois casos, que na essência são o mesmo. Ou a censura se volta apenas contra a ligação entre dois pensamentos, que desvinculados não suscitam objeção. Então os dois chegam à consciência sucessivamente; seu vínculo permanece oculto; em vez disso nos ocorre uma ligação superficial entre os dois, na qual não teríamos pensado de outra forma, e que geralmente começa numa região do complexo de representações diferente daquela da qual parte a ligação reprimida, mas essencial. Ou os dois pensamentos são submetidos à censura por causa de seu conteúdo; nesse caso, os dois aparecem não em sua forma correta, mas modificados e substituídos, e os dois pensamentos substitutos são selecionados de maneira tal que mediante uma associação superficial reproduzem a ligação essencial que há entre os pensamentos por eles substituídos. *Sob a pressão da censura aconteceu, em ambos os casos, um deslocamento de uma associação normal, séria, para uma superficial, aparentemente absurda.*

Como sabemos desses deslocamentos, não hesitamos em confiar também nas associações superficiais ao interpretar sonhos.[11]

A psicanálise das neuroses faz uso abundante das duas teses — a de que, com o abandono das representações com meta conscientes, o domínio sobre o curso das representações passa para as representações com meta ocultas, e a de que as associações superficiais apenas substituem, por deslocamento, as associações mais profundas e reprimidas. Essas duas teses se tornam, inclusive, pilares da técnica psicanalítica. Quando instruo um paciente a deixar toda reflexão e me dizer tudo o que lhe passar pela mente, me atenho ao pressuposto de que ele não consegue abrir mão das representações com meta do tratamento e me vejo autorizado a inferir que as coisas aparentemente mais inocentes e arbitrárias que ele me conta estão relacionadas à sua doença. Outra representação com meta de que o paciente não tem

ideia é a relativa à minha pessoa. A avaliação plena e a demonstração minuciosa das duas teses fazem parte da exposição da técnica psicanalítica como método terapêutico. Nisso alcançamos um dos pontos em que abandonamos deliberadamente o tema da interpretação dos sonhos.[12]

Dessas objeções, apenas uma coisa é certa e permanece: não precisamos supor que todas as associações do trabalho de interpretação se deram também no trabalho noturno do sonho. Interpretando no estado de vigília, fazemos um caminho que retrocede dos elementos oníricos para os pensamentos oníricos. O trabalho do sonho percorreu o caminho inverso, e não é nada provável que esses caminhos sejam transitáveis nos dois sentidos. Acontece, isto sim, que durante o dia, através de novas ligações de pensamentos, perfuramos poços que encontram os pensamentos intermediários e os pensamentos oníricos ora num lugar, ora em outro. Podemos ver como o novo material de pensamentos do dia se insere nas sequências interpretativas, e também é provável que o aumento da resistência, ocorrido desde a noite, obrigue a desvios novos e mais longos. O número ou tipo de pensamento colateral que assim tecemos durante o dia é totalmente irrelevante do ponto de vista psicológico, desde que nos levem aos pensamentos oníricos que buscamos.

B. A REGRESSÃO

Agora que nos defendemos das objeções — ou, pelo menos, indicamos onde se acham nossas armas de defesa —, não podemos mais adiar as investigações psicológicas para as quais nos equipamos há algum tempo. Vamos resumir os principais resultados de nossa investigação até o momento. O sonho é um ato psíquico de pleno valor; sua força motriz é sempre um desejo a ser realizado; o fato de não ser percebido como desejo e suas muitas peculiaridades e absurdos são devidos à influência da censura psíquica que sofreu ao se formar; além da necessidade de escapar dessa censura, outros fatores que contribuíram para sua formação foram a necessidade de condensação do material psíquico, a consideração pela representabilidade em imagens sensoriais e — ainda que não regularmente — a consideração por uma aparência racional e inteligível do produto onírico. Cada uma dessas teses nos conduz em direção a novos postulados e conjecturas de natureza psicológica; é preciso investigar a relação recíproca entre o desejo que é o motivo do sonho e as quatro condições para o sonho, e destas entre si; o sonho deve ser inserido no contexto da vida psíquica.

Iniciamos este capítulo com um sonho, para nos lembrarmos dos enigmas que ainda precisam ser solucionados. A interpretação desse sonho da criança em chamas não apresentou dificuldades, ainda que não tenha sido completa para nós. Perguntamos por que houve esse sonho, por que o pai não acordou de imediato, e reconhecemos como um dos motivos do sonhador o desejo de representar o filho vivo. Mais adiante notaremos que outro desejo também influiu no sonho. Em primeiro lugar, portanto, é para a realização do desejo que o processo de pensamento do sono é transformado em sonho.

Deixando de lado essa realização de desejo, resta apenas uma característica que diferencia os dois tipos de evento psíquico. O pensamento onírico teria sido este: "Vejo um brilho no quarto onde está o corpo. Uma vela pode ter caído, e meu filho

está queimando!". O sonho reproduz o resultado desse raciocínio de modo inalterado, mas o representa numa situação que está no presente e que os sentidos apreendem como uma vivência do estado de vigília. Mas essa é a característica psicológica mais geral e mais notável do ato de sonhar; um pensamento, normalmente de uma coisa desejada, é objetivado no sonho, representado como cena ou, como acreditamos, vivenciado.

Como devemos explicar essa peculiaridade do trabalho do sonho, ou — em termos mais modestos — inseri-la no contexto dos processos psíquicos?

Se analisarmos mais detidamente esse sonho, notaremos que duas características quase independentes uma da outra se destacam na forma por ele assumida. A primeira é a representação do pensamento como situação atual, com a omissão do "talvez"; a segunda, a transformação desse pensamento em imagens visuais e fala.

A transformação por que passam os pensamentos oníricos quando a expectativa neles expressa é colocada no presente pode não ser muito clara nesse sonho. Isso está relacionado ao papel especial, na verdade secundário, que nele tem a realização do desejo. Tomemos outro sonho, em que o desejo do sonho não se separa da continuação dos pensamentos de vigília no sono; por exemplo, o sonho da injeção de Irma. Nele o pensamento representado no sonho está no modo optativo: "Se Otto fosse responsável pela doença de Irma!". O sonho reprime o optativo e o substitui por um simples presente: "Sim, o Otto é responsável pela doença de Irma". Essa é, portanto, a primeira das transformações a que também o sonho livre de deformações submete os pensamentos oníricos. Não nos deteremos muito nessa primeira peculiaridade do sonho. Podemos lidar com ela remetendo à fantasia consciente, ao sonho diurno, que age da mesma forma com seu conteúdo de representação. Quando o sr. Joyeuse, de Daudet, vaga desocupado pelas ruas de Paris, enquanto suas filhas pensam que ele tem um emprego e se acha no seu escritório, ele sonha com eventos que resultam em ajuda e num emprego para ele — igualmente no presente do indicativo. Portanto, o sonho usa o presente da mesma forma e com a mesma

justificativa do devaneio. O presente é o tempo verbal em que o desejo é representado como realizado.

Mas o sonho se distingue do devaneio na segunda característica, ou seja, no fato de o conteúdo de representações não ser pensado, mas transformado em imagens sensoriais, a que se dá crédito e se acredita vivenciar. Acrescentemos logo que nem todos os sonhos têm a mudança de representação em imagem sensorial; há sonhos que consistem apenas em pensamentos, e aos quais não negaríamos a natureza de sonhos. Meu sonho "*Autodidasker* — a fantasia diurna com o professor N." é desse tipo; ele quase não incluía mais elementos sensoriais do que se eu tivesse pensado seu conteúdo durante o dia. Também há, em todo sonho mais extenso, elementos que não se transformaram em imagens sensoriais, que são simplesmente pensados ou sabidos, tal como estamos acostumados a pensar e saber no estado de vigília. Além disso, lembremos que essa transformação de representações em imagens sensoriais não ocorre apenas no sonho, mas também na alucinação, nas visões que podem aparecer de forma independente, em condições de saúde, ou como sintomas das psiconeuroses. Em suma, a relação que examinamos aqui não é, em nenhum aspecto, de natureza exclusiva; mas é certo que tal característica do sonho, quando ocorre, parece-nos a mais notável, de modo que não conseguimos imaginar a vida onírica sem ela. Mas sua compreensão exige uma discussão extensa.

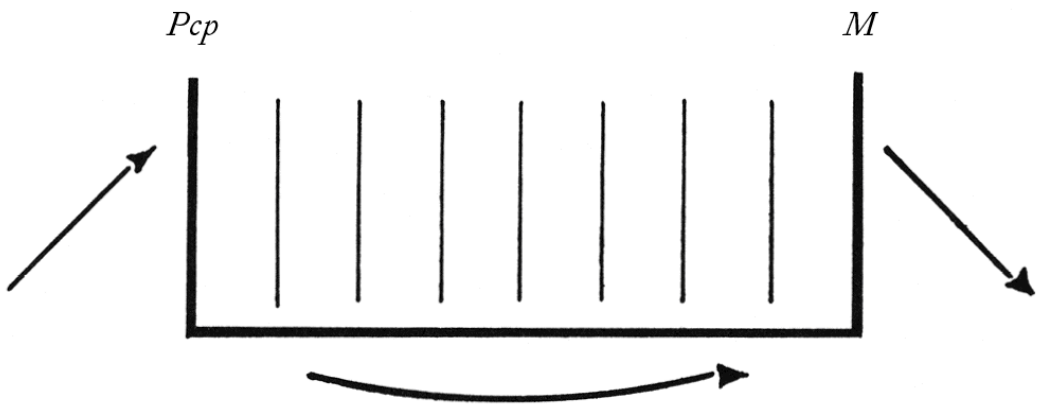
Entre todas as observações sobre a teoria do sonhar que encontramos nos estudiosos, quero tomar uma como ponto de partida. Em sua *Psychophysik* (1889, v. 2, pp. 520 s.), o grande G. Th. Fechner faz a conjectura, numa discussão dedicada ao sonho, de *que o palco dos sonhos é diferente daquele da vida de representações da vigília*. Segundo ele, nenhuma outra suposição permite compreender as particularidades especiais da vida onírica.

A ideia que nos é apresentada é a de uma *localidade psíquica*. Deixemos de lado que o aparelho psíquico em questão também nos é conhecido como preparado anatômico e evitemos ceder à tentação de determinar anatomicamente a localidade

psíquica. Vamos permanecer no terreno da psicologia e apenas seguir a sugestão de imaginar o instrumento que serve para as atividades psíquicas como, digamos, um microscópio composto, um aparelho fotográfico ou algo assim. A localidade psíquica corresponde, então, a um lugar dentro de um aparelho em que um dos estágios preliminares da imagem se forma. Como sabemos, no caso do microscópio e do telescópio esse lugar corresponde, em parte, a localidades ideais, a regiões em que não se acha nenhum elemento concreto do aparelho. Considero desnecessário pedir desculpas pelas imperfeições dessa ou de qualquer imagem semelhante. Esses símiles devem apenas nos ajudar na tentativa de tornar inteligível a complexidade do funcionamento psíquico, dissecando esse funcionamento e atribuindo diferentes funções aos vários componentes do aparelho. Pelo que sei, a tentativa de chegar à composição do instrumento psíquico a partir dessa dissecação ainda não foi feita. Ela me parece inócua. Creio que podemos dar livre curso a nossas especulações, desde que mantenhamos sereno o nosso juízo e não tomemos os andaimes pela construção. Dado que necessitamos apenas de representações auxiliares na primeira abordagem a algo desconhecido, de início daremos preferência às suposições mais toscas e concretas.

Assim, imaginemos o aparelho psíquico como um instrumento composto, cujos componentes chamaremos de *instâncias* ou, por amor da expressividade, *sistemas*. Depois esperaremos que esses sistemas possam manter uma relação espacial constante entre si, como, por exemplo, os vários sistemas de lentes de um telescópio são dispostos um atrás do outro. A rigor, não há necessidade de supor uma ordenação realmente *espacial* dos sistemas psíquicos. Basta que se estabeleça uma ordem fixa, na qual, em certos processos psíquicos, os sistemas sejam percorridos pela excitação em determinada sequência *temporal*. Em outros processos, a sequência pode sofrer uma alteração; vamos manter em aberto essa possibilidade. Em prol da brevidade, passaremos a chamar os componentes do aparelho de “sistemas ψ”.

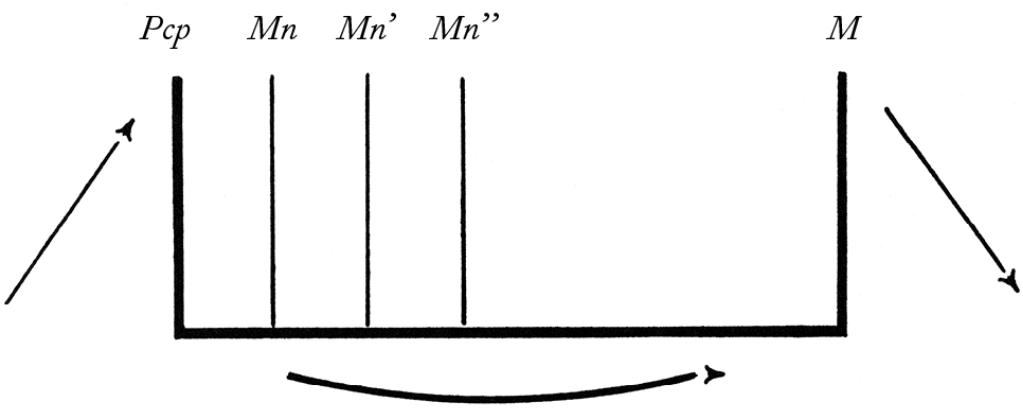
A primeira coisa a chamar nossa atenção é que esse aparelho, composto de sistemas ψ, tem uma direção. Toda a nossa atividade psíquica parte de estímulos (internos ou externos) e termina em inervações. Então, atribuímos ao aparelho uma extremidade sensível e uma extremidade motora; na extremidade sensível se encontra um sistema que recebe as percepções; na extremidade motora, outro que abre as comportas da motilidade. Em geral, o processo psíquico transcorre da extremidade perceptiva para a extremidade motora. Assim, o esquema mais geral do aparelho psíquico teria a seguinte aparência:



Mas isso apenas satisfaz um requisito que há muito tempo nos é familiar, o de que o aparelho psíquico deve ser construído como um aparelho reflexo. O processo reflexo continua a ser o modelo de toda atividade psíquica.

Agora temos motivo para introduzir uma primeira diferenciação na extremidade sensível. Das percepções que nos chegam permanece um traço em nosso aparelho psíquico, que podemos chamar de "*traço mnêmico*". Denominamos "memória" a função ligada a esse traço mnêmico. Se levarmos a sério a intenção de vincular os processos psíquicos a sistemas, o traço mnêmico só poderá consistir em alterações duradouras nos elementos dos sistemas. Mas, como já foi apontado por outro autor [Breuer, 1895], há dificuldades em supor que o mesmo sistema deve conservar fielmente as alterações de seus elementos e, simultaneamente, permanecer aberto e

receptivo para novas ocasiões de modificação. Então, conforme o princípio que dirige nossa experiência, atribuiremos essas duas funções a sistemas diferentes. Suporemos que um sistema mais à frente no aparelho recebe os estímulos perceptivos, mas nada conserva deles, ou seja, não possui memória, e que por trás dele há um segundo sistema que transforma a excitação momentânea do primeiro em traços duradouros. Então o desenho do nosso aparelho psíquico seria este:



Sabe-se que conservamos duradouramente algo além do conteúdo das percepções que agem sobre o sistema *Pcp*. Nossas percepções se mostram ligadas entre si também na memória, sobretudo após terem ocorrido simultaneamente. Chamamos *associação* a esse fato. Assim, fica claro que, se o sistema *Pcp* não possui memória, também não pode reter os traços para a associação. Os diferentes elementos de *Pcp* ficariam intoleravelmente impedidos em sua função se o resíduo de uma ligação anterior influísse numa nova percepção. Portanto, temos de supor que a base da associação são os sistemas mnêmicos. Então a associação consiste no fato de que, devido a diminuições na resistência e a novas vias facilitadas [*Bahnungen*], a excitação se propaga de um dos elementos *Mn* mais prontamente para um segundo elemento *Mn* do que para um terceiro.

Um exame mais atento mostrará a necessidade de supor não um, mas vários desses elementos *Mn*, nos quais a mesma excitação transmitida pelos elementos *Pcp* é

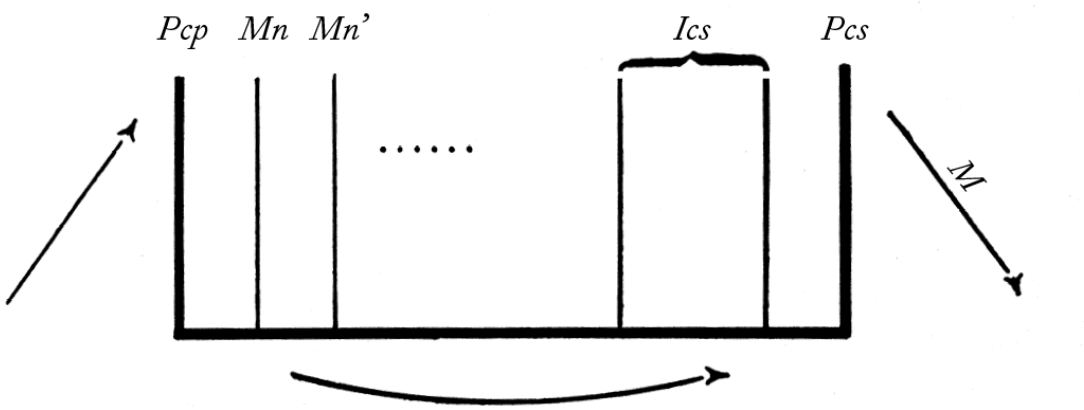
fixada de modos diferentes. O primeiro desses sistemas *Mn* conterá, em todo caso, a fixação da associação pela simultaneidade; nos sistemas mais distantes, o mesmo material de excitação se organizará de acordo com outros tipos de coincidência, de modo que relações de similaridade e outras seriam representadas por esses sistemas posteriores. Naturalmente, seria inútil querer expressar em palavras a significação psíquica de tal sistema. Sua característica residiria em suas relações íntimas com os elementos do material mnêmico bruto, isto é — se quisermos apontar para uma teoria mais profunda —, nas gradações da resistência de condução rumo a esses elementos.

Cabe aqui uma observação de natureza geral, que talvez aponte para algo significativo. O sistema *Pcp*, que não possui a capacidade de preservar modificações, ou seja, não tem memória, proporciona à nossa consciência toda a multiplicidade das qualidades sensoriais. Inversamente, nossas lembranças, inclusive as que estão gravadas mais profundamente em nós, são inconscientes em si mesmas. Elas podem ser tornadas conscientes; mas não há dúvida de que em seu estado inconsciente produzem todos os seus efeitos. Aquilo que chamamos nosso caráter se baseia nos traços mnêmicos das nossas impressões, e justamente as impressões que tiveram o mais forte efeito sobre nós, as de nossa primeira infância, são aquelas que quase nunca se tornam conscientes. Quando as lembranças se tornam conscientes de novo, porém, não mostram nenhuma qualidade sensorial, ou apenas uma muito insignificante, comparada às percepções. Se pudéssemos confirmar que *memória e qualidade para a consciência se excluem mutuamente nos sistemas* ψ, abrir-se-ia uma janela promissora para o estudo das condições de excitação dos neurônios.[13]

Até agora, nossas hipóteses sobre a composição do aparelho psíquico na extremidade sensorial foram feitas sem considerarmos o sonho e os esclarecimentos psicológicos que dele podem ser extraídos. Mas para o conhecimento de outra parte do aparelho o sonho se torna fonte de evidência. Vimos que nos foi impossível explicar a formação do sonho sem supor a existência de duas instâncias psíquicas,

uma das quais submete a atividade da outra a uma crítica, cuja consequência é ela não se tornar consciente.

A instância que critica, concluímos, mantém relações mais próximas com a consciência do que a criticada. Ela se acha entre esta e a consciência, como uma tela protetora. Encontramos também sustentação para identificar a instância crítica com aquilo que orienta nossa vida de vigília e decide sobre nossos atos voluntários, conscientes. Se agora substituirmos essas instâncias por sistemas, conforme nossas suposições, o conhecimento mencionado por último aproxima o sistema que critica da extremidade motora. Agora incluímos os dois sistemas em nosso esquema e expressamos por meio de seus nomes sua relação com a consciência.



Denominamos *pré-consciente* o último dos sistemas na extremidade motora, para indicar que os processos de excitação que nele ocorrem podem chegar à consciência sem maior impedimento, caso determinadas condições forem satisfeitas; por exemplo, se atingirem certo grau de intensidade, se aquela função denominada atenção for distribuída de certa forma etc. Ele é, ao mesmo tempo, o sistema que tem as chaves da motilidade voluntária. O sistema por trás deste chamamos *o inconsciente*, pois não tem acesso à consciência *senão pelo pré-consciente*; ao passar por este, seu processo de excitação tem de se submeter a modificações.[14]

Em qual desses sistemas situamos o impulso para a formação do sonho? A bem da simplificação, no sistema *Ics*. Veremos, em discussão posterior, que isso não é

totalmente correto, que a formação do sonho é obrigada a se ligar a pensamentos oníricos que fazem parte do sistema do pré-consciente. Mas também descobriremos, ao considerar o desejo do sonho, que a força motriz do sonho é fornecida pelo *Ics*, e devido a esse último fator tomaremos o sistema inconsciente como o ponto de partida da formação do sonho. Essa instigação do sonho manifestará, como todas as demais formações de pensamento, o empenho de prosseguir no *Pcs* e, a partir deste, obter acesso à consciência.

A experiência nos mostra que durante o dia esse caminho que leva à consciência pelo pré-consciente é barrado para os pensamentos oníricos pela censura da resistência. De noite eles obtêm acesso à consciência, mas então surge a questão de que modo o fazem e graças a qual modificação. Se isso lhes fosse possibilitado pelo fato de à noite diminuir a resistência que monta guarda na fronteira entre inconsciente e pré-consciente, teríamos sonhos feitos do material das nossas representações, que não apresentam o caráter alucinatório que nos interessa no momento.

A diminuição da censura entre os dois sistemas *Ics* e *Pcs* pode nos explicar apenas formações oníricas como o *Autodidasker*, mas não sonhos como o da *criança em chamas*, que colocamos como problema no início destas investigações.

O que acontece no sonho alucinatório não podemos descrever de outro modo senão dizendo que a excitação toma um caminho *para trás*. Em vez de se propagar rumo à extremidade motora do aparelho, ela avança rumo à extremidade sensorial e alcança, por fim, o sistema das percepções. Se chamarmos de *progressiva* a direção que o processo psíquico segue a partir do inconsciente na vigília, poderemos dizer que o sonho tem caráter "*regressivo*".[15]

Essa regressão é, sem dúvida, uma das peculiaridades psicológicas do processo onírico; mas não devemos esquecer que ela não se dá apenas quando sonhamos. Também a recordação deliberada e outros processos constituintes de nosso pensamento normal correspondem a um movimento regressivo, no aparelho psíquico, de algum ato complexo de representação para a matéria-prima dos traços

mnêmicos a ele subjacentes. No estado de vigília, porém, esse movimento para trás nunca vai além das imagens mnêmicas; não consegue produzir o reavivamento alucinatório das imagens perceptuais. Por que é diferente no sonho? Quando falamos sobre o trabalho de condensação do sonho, não pudemos deixar de supor que, mediante o trabalho do sonho, as intensidades inerentes às representações são transferidas completamente de uma para a outra. É provavelmente essa modificação do processo psíquico habitual que possibilita o investimento do sistema *Pcp* na direção inversa, a partir dos pensamentos, até a plena vivacidade sensorial.

Estamos longe, creio, de nos iludirmos sobre o alcance dessas considerações. Não fizemos mais que dar um nome a um fenômeno que não foi explicado. Denominamos regressão o fato de no sonho a representação se transformar de volta na imagem sensorial da qual surgiu em algum momento. Mas também esse passo requer justificação. Para que dar um nome, se isso nada nos ensina de novo? Bem, acredito que o nome "regressão" nos é útil na medida em que vincula o fato já nosso conhecido ao esquema do aparelho psíquico dotado de uma direção. Neste ponto somos recompensados, pela primeira vez, por haver desenhado aquele esquema. Pois apenas com o auxílio dele se torna compreensível, sem nova reflexão, outra peculiaridade da formação do sonho. Se vemos o processo onírico como regressão no interior do aparelho psíquico por nós suposto, podemos explicar sem maior dificuldade o fato empiricamente comprovado de que todas as relações [lógicas] dos pensamentos oníricos se perdem durante o trabalho do sonho ou se expressam apenas com grande esforço. Segundo o nosso esquema, tais relações não estão contidas nos primeiros sistemas *Mn*, mas nos sistemas mais à frente, e na regressão perdem necessariamente sua expressão, exceto as imagens perceptuais. *Na regressão, a estrutura* [Gefüge] *dos pensamentos oníricos é reduzida à sua matéria-prima.*

Mas que alteração possibilita a regressão que é impossível durante o dia? Aqui nos contentaremos com suposições. Devem ser alterações nos investimentos de energia dos diversos sistemas que os tornam mais viáveis ou inviáveis para a passagem da excitação; mas, em cada aparelho assim, o mesmo efeito sobre o caminho da

excitação poderia ser produzido por mais de um tipo de mudança. Naturalmente, logo pensamos no estado de sono e nas alterações de investimento que ele provoca na extremidade sensorial do aparelho. Durante o dia, existe uma corrente contínua do sistema ψ da *Pcp* em direção à motilidade; esta se encerra à noite, e não poderia mais ser um obstáculo para uma corrente regressiva. Seria esse o "fechamento para o mundo exterior" que, na teoria de alguns autores, explicaria as características psicológicas do sonho (cf. p. 77). Contudo, para explicar a regressão do sonho é preciso levar em conta aquelas outras regressões que ocorrem em estados de vigília patológicos. Nessas formas, a explicação dada não nos ajuda. A regressão se dá apesar da corrente sensorial ininterrupta em direção progressiva.

Para as alucinações da histeria, da paranoia, para as visões de pessoas de mente normal, posso dar a explicação de que realmente correspondem a regressões, isto é, são pensamentos transformados em imagens, e de que sofrem essa transformação apenas os pensamentos intimamente ligados a lembranças reprimidas ou que permaneceram inconscientes. Um de meus mais jovens pacientes histéricos, por exemplo, um garoto de doze anos de idade, é impedido de adormecer por "*rostos verdes com olhos vermelhos*", que o deixam apavorado. A fonte desse fenômeno é a lembrança reprimida, mas outrora consciente, de um garoto que ele via com frequência quatro anos antes e que lhe oferecia um quadro horrível de maus hábitos infantis, entre eles o da masturbação, pela qual agora ele se recrimina a posteriori. A mãe percebeu, na época, que o garoto mal-educado apresentava um rosto de cor *esverdeada* e olhos *vermelhos* (isto é, *de contornos vermelhos*). Daí vem a assombração, que serve apenas para lhe recordar a predição da mãe, segundo a qual garotos desse tipo se tornam idiotas, nada aprendem na escola e morrem cedo. Nosso pequeno paciente faz uma parte da profecia se realizar; ele não consegue avançar no ginásio e, como mostra a comunicação de seus pensamentos espontâneos, tem um medo terrível da segunda parte. Mas em pouco tempo o tratamento mostra bons resultados: ele dorme, perde a ansiedade e conclui o ano escolar com um ótimo boletim.

Posso acrescentar a explicação de uma visão que uma paciente histérica de quarenta anos de idade me contou e que datava de seus dias de sanidade. Certa manhã, ela abre os olhos e vê seu irmão no quarto, que, como ela bem sabe, fica no manicômio. Seu filho pequeno dorme na cama ao lado dela. Para que o menino, ao ver *o tio*, não se *assuste* e sofra uma *crise de convulsões*, ela puxa a *coberta* sobre ele, e a visão desaparece. Esta é a transformação de uma lembrança infantil da mulher, que era consciente, mas ligava-se intimamente a todo o material inconsciente em seu interior. Sua babá lhe contara que a mãe, que havia morrido muito cedo (ela só tinha um ano e meio de idade então), sofrera de convulsões epilépticas ou histéricas após levar um susto provocado pelo irmão (o tio da minha paciente), quando ele lhe apareceu como fantasma, coberto com um lençol. A visão contém os mesmos elementos da lembrança: a aparição do irmão, a coberta, o susto e seu efeito. Mas esses elementos foram reagrupados em outro contexto e transferidos para outras pessoas. O motivo evidente da visão, o pensamento que ela substitui é a preocupação de que seu filho, fisicamente tão parecido com o tio, poderia ter o mesmo destino.

Os dois exemplos aqui apresentados não são inteiramente sem relação com o estado de sono e, por isso, talvez sejam inadequados para a demonstração que busco. Então remeto à minha análise de um caso de paranoia alucinatória[16] e aos resultados dos meus estudos ainda inéditos sobre a psicologia das psiconeuroses, para confirmação de que nesses casos de transformação regressiva dos pensamentos não podemos ignorar a influência de uma lembrança, geralmente infantil, que foi reprimida ou permaneceu inconsciente. O pensamento vinculado a ela, e impedido pela censura de se expressar, é como que arrastado pela lembrança para a regressão, para a forma de representação em que ela mesma tem existência psíquica. Posso mencionar aqui um resultado dos *Estudos sobre a histeria* [1895, no caso de Anna O.], segundo o qual as cenas infantis (sejam elas lembranças ou fantasias), quando se consegue torná-las conscientes, são vistas de forma alucinatória e perdem esse caráter apenas ao serem comunicadas. Sabe-se também que, mesmo em pessoas cujas

lembranças não são visuais, as primeiras lembranças da infância preservam o caráter da vividez sensorial até uma idade avançada.

Se agora nos lembrarmos do papel que têm, nos pensamentos oníricos, as vivências infantis ou as fantasias nelas baseadas, de como frequentemente reaparecem partes delas no conteúdo do sonho, de como os próprios desejos oníricos são frequentemente derivados delas, não poderemos descartar a probabilidade de que também nos sonhos a transformação de pensamentos em imagens visuais seja, em parte, consequência da *atração* que a lembrança representada visualmente, que busca ser reavivada, exerce sobre o pensamento excluído da consciência e que peleja por se expressar. Segundo essa concepção, o sonho poderia ser descrito também como *o substituto de uma cena infantil modificado pela transferência para algo recente*. A cena infantil não consegue realizar sua própria renovação; tem de se contentar com seu retorno como sonho.

A referência à importância, de certo modo exemplar, que as cenas infantis (ou suas repetições fantasiosas) têm para o conteúdo do sonho torna supérflua uma das hipóteses de Scherner e seus seguidores, relativa às fontes internas de estímulo. Scherner [1861] supõe um estado de "estímulo visual", de excitação interna do órgão da visão, quando os sonhos exibem uma vividez particular ou riqueza especial dos elementos visuais. Não precisamos contestar essa hipótese; podemos nos contentar em requerer esse estado de excitação apenas para o sistema perceptual psíquico do órgão da visão, mas insistimos em que esse estado de excitação é produzido pela lembrança, é o reavivamento da excitação visual que era atual em seu momento. Não disponho de um exemplo bom, tirado de minha própria experiência, para tal influência de uma lembrança infantil; meus sonhos são menos ricos em elementos sensoriais do que parecem ser os sonhos dos outros. Mas no mais belo e mais vívido sonho que tive nos últimos anos não é difícil relacionar a nitidez alucinatória do conteúdo a qualidades sensoriais de impressões havidas pouco tempo antes. Na página 510 registrei um sonho em que o azul-profundo da água, o marrom da fumaça que saía das chaminés dos navios e o marrom e vermelho escuros dos prédios que vi

deixaram uma impressão profunda em mim. Se algum sonho tivesse de ser interpretado pelo estímulo visual, seria esse. E o que havia colocado nesse estado de estimulação meu órgão da visão? Uma impressão recente que se juntou a uma série de impressões mais antigas. As cores que vi eram, em primeiro lugar, as de uma caixa de blocos de brinquedo com que meus filhos haviam montado um prédio magnífico no dia anterior ao sonho, para minha admiração. Lá estavam o mesmo vermelho sombrio nas pedras grandes, o azul e o marrom nas pequenas. A eles se uniram as cores de minhas últimas viagens à Itália: o lindo azul do Isonzo e da Laguna e o marrom do Carso. O esplendor colorido do sonho era apenas uma repetição das cores vistas na lembrança.

Vamos resumir o que aprendemos sobre a peculiaridade que têm os sonhos de transformar seu conteúdo de representações em imagens sensoriais. Não explicamos essa característica do trabalho do sonho, por exemplo, relacionando-a a leis conhecidas da psicologia; nós a destacamos como algo que aponta para implicações desconhecidas e a caracterizamos com o termo "*regressiva*". Pensamos que essa regressão, sempre que ocorre, é um efeito da resistência que se opõe ao avanço de um pensamento em direção à consciência pela via normal, e da atração simultânea que sobre ele exercem lembranças de grande vividez sensorial.[17] No caso dos sonhos, a regressão talvez seja facilitada ainda pela cessação da corrente progressiva que durante o dia vem dos órgãos sensoriais, um fator auxiliar que em outras formas de regressão tem de ser compensado pelo fortalecimento dos outros motivos para ela. Não esqueçamos de observar também que, nesses casos patológicos de regressão, assim como nos sonhos, o processo da transferência de energia deve diferir daquele das regressões na vida psíquica normal, pois torna possível um investimento alucinatório pleno dos sistemas de percepção. O que descrevemos na análise do trabalho do sonho como "consideração pela representabilidade" deve ser relacionado à *atração seletiva* das cenas lembradas visualmente, afetadas pelos pensamentos oníricos.

A propósito da regressão,[h] observemos ainda que na teoria da formação dos sintomas neuróticos ela tem um papel não menos relevante que na teoria dos sonhos. Diferenciamos três tipos de regressão: a) uma regressão *topológica*, no sentido do esquema dos sistemas ψ aqui desenvolvido, b) uma *temporal*, quando se trata de um retorno a formações psíquicas mais antigas, e c) uma regressão *formal*, quando modos primitivos de expressão e representação substituem os habituais. Mas todos os três tipos de regressão, no fundo, são um só e coincidem na maioria dos casos, pois a mais antiga é, ao mesmo tempo, a mais primitiva na forma e, na topologia psíquica, a mais próxima à extremidade perceptiva.

Não podemos abandonar[i] o tema da regressão no sonho sem expor uma impressão que já tivemos repetidas vezes e que, após um aprofundamento no estudo das psiconeuroses, voltará com força ainda maior: a de que sonhar é, no conjunto, um exemplo de regressão à condição mais antiga do sonhador, um reavivamento de sua infância, dos impulsos instintuais que nela predominavam e dos modos de expressão de que ela dispunha. Por trás dessa infância individual vislumbramos a infância filogenética, a evolução do gênero humano, da qual a do indivíduo é verdadeiramente uma repetição abreviada, influenciada pelas circunstâncias casuais da vida. Pressentimos como são certeiras as palavras de Friedrich Nietzsche, segundo o qual no sonho "prossegue atuando uma antiquíssima porção de humanidade, à qual dificilmente temos acesso por via direta",[j] e isso gera em nós a expectativa de pela análise dos sonhos chegar ao conhecimento da herança arcaica do ser humano e descobrir o que nele é psiquicamente inato. Parece que o sonho e a neurose conservaram mais antiguidades psíquicas do que era possível imaginar, de modo que a psicanálise pode reclamar para si uma posição elevada entre as ciências que buscam reconstruir as fases mais antigas e sombrias do começo da humanidade.

É bem possível que essa primeira porção do nosso estudo psicológico do sonho não satisfaça bastante a nós mesmos. Consolemo-nos com o fato de que somos obrigados

a tatear e construir no escuro. Se não nos extraviarmos por completo, deveremos, partindo de outro ponto, chegar aproximadamente à mesma região, na qual poderemos nos orientar melhor.

C. A REALIZAÇÃO DE DESEJO

O sonho relatado no início deste capítulo, do garoto em chamas, nos fornece um bom ensejo para abordar as dificuldades com que se defronta a teoria da realização de desejos. Certamente, todos estranhamos a tese de que o sonho não é senão a realização de um desejo, e isso não apenas pela contradição que significa um sonho angustiado. Quando os primeiros esclarecimentos da análise nos disseram que por trás de cada sonho há sentido e valor psíquico, não estávamos preparados para uma definição tão inequívoca desse sentido. Segundo a definição correta, mas muito sumária, de Aristóteles, o sonho é o pensamento que persiste no sono (na medida em que dormimos). Se durante o dia nosso pensamento produz atos psíquicos tão diversos como juízos, inferências, refutações, expectativas, intenções etc., por que deveria ele se limitar à produção de desejos à noite? Não seriam muitos os sonhos que nos apresentam atos psíquicos de outro tipo transformados em sonho, uma preocupação, por exemplo, e não seria justamente o sonho do pai do começo do capítulo, tão transparente, um sonho desse tipo? Quando o clarão incide em seus olhos adormecidos, ele deduz, preocupado, que uma vela pode ter caído e incendiado o corpo; ele transforma essa dedução num sonho, dando-lhe a roupagem de uma situação sensorial e atual. Que participação tem nisso a realização de um desejo, e como não enxergar o predomínio do pensamento oriundo da vigília ou estimulado pela nova impressão sensorial?

Tudo isso é correto e nos faz abordar mais detidamente o papel da realização de desejos nos sonhos e a importância dos pensamentos da vigília que continuam no sono.

A realização de desejo foi justamente o que nos levou a dividir os sonhos em dois grupos. Encontramos sonhos que apareciam abertamente como realizações de desejos; e outros cuja realização de desejo era irreconhecível, dissimulada com todos

os meios. Nesses últimos reconhecemos a obra da censura do sonho. Encontramos os sonhos de desejos menos deformados nas crianças sobretudo; sonhos de desejo *breves* e francos *pareciam* — enfatizo essa ressalva — ocorrer também em adultos.

Agora podemos perguntar de onde sempre vem o desejo que se realiza no sonho. Mas que situações contrastantes ou que alternativas temos em mente com essa pergunta? Refiro-me ao contraste entre a vida diurna que se tornou consciente e uma atividade psíquica que permaneceu inconsciente, que pode se fazer notar apenas à noite. Vejo três possibilidades para a origem de um desejo: 1) Ele pode ter sido despertado durante o dia e, devido a circunstâncias externas, não ter sido satisfeito; resta assim, para a noite, um desejo reconhecido e não resolvido; 2) ele pode ter surgido durante o dia, mas ter sido rejeitado; resta então um desejo não resolvido, mas suprimido; ou 3) ele pode não ter relação com a vida diurna e ser um daqueles desejos que apenas à noite se agitam em nós, a partir do que é reprimido. Se voltarmos ao nosso esquema do aparelho psíquico, situamos um desejo [*Wunsch*] do primeiro tipo no sistema *Pcs*; supomos que um desejo [*Wunsch*] do segundo tipo foi obrigado a recuar do sistema *Pcs* para o *Ics* e apenas nesse se conservou (se é que o fez); e, quanto ao impulso com desejo[k] do terceiro tipo, acreditamos que não é capaz de transpor o sistema *Ics*. A pergunta, então, é se os desejos dessas diferentes fontes têm o mesmo valor para o sonho, o mesmo poder de instigar um sonho.

Uma olhada sobre os sonhos de que dispomos para responder a essa pergunta logo nos lembra de acrescentar, como quarta fonte do desejo do sonho, os impulsos com desejo atuais que surgem à noite (em resposta ao estímulo da sede, à necessidade sexual, por exemplo). Em seguida, parece-nos provável que a origem do desejo do sonho em nada altera sua capacidade de instigar um sonho. Recordo o sonho da garota que continua o passeio de barco interrompido durante o dia e outros sonhos de crianças; eles se explicam por um desejo diurno não realizado, mas não reprimido. São numerosos os exemplos de um desejo reprimido durante o dia que se manifesta no sonho; posso acrescentar um sonho muito simples desse tipo. Uma senhora zombeteira, cuja amiga mais jovem ficou noiva, responde às perguntas que

as conhecidas lhe fazem durante o dia, se conhece o noivo e o que acha dele, com elogios incondicionais, silenciando seu verdadeiro juízo, pois ela preferiria dizer a verdade: É um tipo de homem que se encontra às dúzias. À noite, sonha que a mesma pergunta lhe é feita, e responde com a frase: "*Para pedidos iguais, basta informar o número*". Por fim, tivemos como resultado de muitas análises que, em todos os sonhos que sofreram deformação, o desejo vem do inconsciente e não pôde ser percebido durante o dia. Assim, à primeira vista todos os desejos parecem ter o mesmo valor e o mesmo poder na formação do sonho.

Não tenho como provar aqui que na verdade a coisa é diferente, mas me inclino bastante a supor que o desejo do sonho é determinado de modo mais estrito. Os sonhos infantis não deixam dúvida de que um desejo não resolvido durante o dia pode ser o instigador do sonho. Mas não devemos esquecer que é o desejo de uma criança, um impulso com desejo dotado da força própria do que é infantil. Duvido muito que um desejo não realizado durante o dia baste para produzir um sonho num adulto. Parece-me, isto sim, que, com o crescente domínio de nossa vida instintual pela atividade do pensamento, renunciamos cada vez mais, como sendo inúteis, à formação ou preservação de desejos intensos como os da criança. É possível que haja diferenças individuais, que alguns conservem o tipo infantil de processos psíquicos por mais tempo do que outros, tal como existem essas diferenças também no enfraquecimento da imaginação visual originalmente vívida. Mas acredito que, em geral, o desejo diurno que não foi satisfeito não basta para produzir um sonho no adulto. Admito de bom grado que o impulso desejoso proveniente do consciente contribuirá para a instigação do sonho, mas provavelmente não mais do que isso. O sonho não surgiria se o desejo pré-consciente não soubesse obter reforço de outro lugar.

Ou seja, do inconsciente. *Suponho que o desejo consciente se torna instigador de um sonho apenas quando consegue despertar um desejo inconsciente do mesmo teor, com o qual ele se fortalece*. Seguindo indicações da psicanálise das neuroses, vejo tais desejos inconscientes como sempre ativos, sempre dispostos a achar expressão quando lhes é

oferecida uma oportunidade de se aliar a um impulso do consciente e de transferir sua grande intensidade para a deste, que é menor.[18] Parecerá então que apenas o desejo consciente se realizou no sonho; mas uma pequena peculiaridade na configuração desse sonho nos colocará na pista do poderoso ajudante vindo do inconsciente. Esses desejos sempre ativos, como que imortais, do nosso inconsciente, que lembram os Titãs do mito, sobre os quais pesam desde os primórdios as grandes massas das montanhas que um dia lhes foram impostas pelos deuses vitoriosos e que, sob as convulsões de seus membros, ainda tremem de vez em quando — esses desejos que se encontram reprimidos, digo, são eles próprios de origem infantil, como vimos pela pesquisa psicológica das neuroses. Então quero deixar de lado a tese enunciada acima, de que a origem do desejo do sonho seria irrelevante, e substituí-la por outra, que diz: *O desejo representado no sonho é necessariamente infantil*. No adulto, ele vem do *Ics*; na criança, em que ainda não há separação e censura entre *Pcs* e *Ics*, ou isso apenas começa gradualmente a se estabelecer, é um desejo não realizado, não reprimido da vida de vigília. Sei que essa concepção não pode ser demonstrada de modo geral, mas afirmo que ela pode ser demonstrada com frequência, também onde não a esperaríamos, e não pode ser refutada de modo geral.

Assim, relego a uma posição secundária os desejos remanescentes da vida de vigília consciente, no que se refere à formação do sonho. Não lhes atribuirei outro papel senão, digamos, o que tem o material de sensações atuais durante o sono para o conteúdo do sonho (cf. pp. 273 ss.). Mantenho-me na mesma linha de raciocínio ao considerar agora os outros estímulos psíquicos que restam da vida de vigília e que não são desejos. Quando resolvemos dormir, é possível encerrar temporariamente os investimentos de energia do nosso pensamento desperto. Quem faz isso dorme bem; dizem que Napoleão I era um modelo desse tipo de pessoa. Mas nem sempre conseguimos fazê-lo, e nem sempre de modo completo. Problemas não resolvidos, preocupações que atormentam, excesso de impressões — tudo isso faz prosseguir a

atividade do pensamento durante o sono e alimenta processos psíquicos no sistema que designamos como pré-consciente. Se quisermos classificar esses impulsos de pensamento que prosseguem durante o sono, podemos estabelecer os seguintes grupos: 1) O que algum impedimento casual não nos deixou concluir durante o dia; 2) O que permaneceu não resolvido em virtude da insuficiência de nossa força intelectual, o não solucionado; 3) O que durante o dia foi rejeitado e reprimido. Junta-se a isso um poderoso grupo 4: o que foi ativado em nosso *Ics* pelo trabalho do pré-consciente ao longo do dia. Por fim, podemos acrescentar, como grupo 5: as impressões indiferentes e, por isso, não resolvidas do dia.

Não devemos subestimar as intensidades psíquicas que são introduzidas no estado de sono por esses resíduos da vida diurna, sobretudo as do grupo dos assuntos não solucionados. Certamente essas excitações lutam por expressão também durante a noite, e com a mesma certeza podemos supor que o estado de sono impossibilita a continuação habitual do processo de excitação no pré-consciente e seu encerramento por tornar-se consciente. Na medida em que podemos nos tornar conscientes de nossos processos de pensamentos pela via normal também durante a noite, nós não dormimos. Não sei dizer que tipo de mudança o estado de sono provoca no sistema *Pcs*;[19] mas não há dúvida de que as características psicológicas do sono devem ser buscadas essencialmente nas mudanças de investimento desse sistema, que domina também o acesso à motilidade, paralisada durante o sono. Por outro lado, nada na psicologia do sonho me dá ocasião para supor que o sono muda algo nas relações do sistema *Ics*, a não ser secundariamente. Não resta, portanto, à excitação noturna no *Pcs* outro caminho senão aquele tomado pelas excitações de desejo que vêm do *Ics*; ela tem de buscar reforço do *Ics* e acompanhar as excitações inconscientes em seus rodeios. Mas qual a relação dos resíduos diurnos pré-conscientes com o sonho? Não há dúvida de que eles penetram o sonho em grande número, de que utilizam o conteúdo do sonho para se impor à consciência também durante a noite; chegam a dominar eventualmente o conteúdo do sonho, obrigam-no a prosseguir o trabalho diurno; é certo também que os resíduos diurnos podem ter qualquer outro caráter

além de desejos; mas é bastante instrutivo e de importância decisiva para a teoria da realização de desejos ver que condição eles têm de obedecer para serem acolhidos no sonho.

Tomemos um dos exemplos de sonhos anteriores, como o do sonho que apresenta meu amigo Otto com os sintomas da doença de Basedow (p. 311). Durante o dia, a aparência de Otto me dera motivo para preocupação, e isso me tocou intimamente, como tudo o que diz respeito a ele. Suponho que essa preocupação me acompanhou também no sono. Provavelmente eu queria descobrir o que estava errado com meu amigo. Durante a noite, essa inquietação se expressou no sonho que comuniquei acima, cujo conteúdo era, primeiramente, absurdo e, em segundo lugar, não correspondia à realização de nenhum desejo. No entanto, comecei a pesquisar de onde vinha a expressão inadequada da preocupação sentida durante o dia, e mediante a análise encontrei um nexo, identificando Otto com o barão L. e a mim mesmo com o professor R. Havia apenas uma explicação de por que tive de escolher justamente esse substituto do pensamento diurno. No *Ics* eu devia estar sempre disposto a me identificar com o professor R., pois assim se realizava um dos desejos imortais da infância, a mania de grandeza. Feios pensamentos a respeito de meu amigo, que decerto seriam rejeitados de dia, aproveitaram a oportunidade para se insinuar na representação junto com o desejo, mas também a preocupação diurna adquiriu expressão de alguma forma, por meio de um substituto, no conteúdo do sonho. O pensamento diurno, que não era um desejo, mas sim, pelo contrário, uma preocupação, teve de achar, por alguma via, um laço com um desejo infantil inconsciente e reprimido, que então o fez "surgir", ainda que devidamente ajustado, na consciência. Quanto mais dominante era essa preocupação, mais forçado poderia ser o vínculo a se estabelecer; entre o conteúdo do desejo e o da preocupação não precisava absolutamente haver um nexo — e tampouco havia em nosso exemplo.

Talvez seja oportuno[1] tratar da mesma questão também na forma de uma investigação de como o sonho se comporta quando lhe é oferecido, nos pensamentos

oníricos, um material que contradiz totalmente uma realização de desejo, ou seja, preocupações justificadas, reflexões dolorosas, percepções incômodas. Os muitos resultados possíveis podem ser divididos nestes dois grupos: *a*) O trabalho do sonho consegue substituir todas as representações penosas por representações contrárias e reprimir os afetos desprazerosos correspondentes. Disso resulta então um puro sonho de satisfação, uma evidente "realização de desejo", sobre a qual, ao que parece, nada mais precisa ser dito; *b*) as representações penosas, modificadas em grau maior ou menor, mas bastante reconhecíveis, chegam ao conteúdo manifesto do sonho. Este é o caso que suscita dúvidas quanto à teoria do sonho como desejo e requer uma investigação mais aprofundada. Esses sonhos de conteúdo penoso podem ser sentidos de modo indiferente ou trazer todo o afeto penoso que seu conteúdo de representação parece justificar, ou até mesmo levar ao despertar pelo desenvolvimento da angústia.

A análise demonstra que também esses sonhos desprazerosos são realizações de desejos. Um desejo inconsciente e reprimido, cuja realização só poderia ser sentida como penosa pelo Eu do sonhador, aproveitou a ocasião oferecida pelo investimento continuado dos resíduos diurnos penosos, deu-lhes amparo e assim os tornou aptos para o sonho. Mas, enquanto no caso *a* o desejo inconsciente e o consciente coincidem, no caso *b* se expõe a discórdia entre o inconsciente e o consciente — o reprimido e o Eu — e se realiza a situação da fábula dos três desejos que a fada concede a um casal (ver a nota da p. 633, adiante). A satisfação causada pela realização do desejo reprimido pode ser tão grande que compensa os afetos penosos ligados aos resíduos diurnos; então o sonho é indiferente em sua tonalidade emocional, embora seja, de um lado, a realização de um desejo, e de outro, a de um temor. Ou pode acontecer que o Eu adormecido participe de maneira ainda mais ampla da formação do sonho, que reaja à satisfação do desejo reprimido com forte indignação e ele próprio ponha fim ao sonho por meio da angústia. Portanto, não é difícil ver que os sonhos desprazerosos e os de angústia também são realizações de desejos conforme nossa teoria, tanto quanto os sonhos de satisfação puros.

Os sonhos desprazerosos podem ser também "*sonhos de punição*". Deve-se admitir que, ao reconhecê-los, de certo modo acrescentamos algo novo à teoria dos sonhos. O que neles se realiza é também um desejo inconsciente, o de punição do sonhador por um impulso com desejo proibido e reprimido. Nisso eles se submetem à exigência aqui sustentada, de que a força motriz para a formação do sonho tem de ser fornecida por um desejo que pertence ao inconsciente. Uma análise psicológica mais sutil, porém, leva a perceber como eles diferem dos outros sonhos de desejos. Nos casos do grupo *b*, o desejo inconsciente e formador do sonho pertencia ao reprimido; nos sonhos de punição, trata-se também de um desejo inconsciente, mas que devemos atribuir não ao reprimido, e sim ao "Eu". Os sonhos de punição, portanto, indicam a possibilidade de uma participação ainda maior do Eu na formação do sonho. O mecanismo da formação do sonho se torna muito mais transparente quando colocamos a oposição entre "Eu" e "reprimido" no lugar daquela entre "consciente" e "inconsciente". Mas isso não pode ser feito sem considerar os processos da psiconeurose, e por essa razão não é realizado neste livro. Observo apenas que de modo geral os sonhos de punição não estão ligados à condição de que os resíduos diurnos sejam penosos. Eles surgem mais facilmente com o pressuposto contrário, quando os pensamentos dos resíduos diurnos são de natureza satisfatória, mas expressam satisfações proibidas. Nada desses pensamentos chega ao sonho manifesto senão como seu oposto direto, de forma semelhante ao que acontece no caso dos sonhos do grupo *a*. A característica essencial dos sonhos de punição seria, então, que o que neles se torna formador do sonho não é um desejo inconsciente oriundo do reprimido (do sistema *Ics*), mas um desejo de punição reagindo a este, pertencente ao Eu, embora inconsciente (isto é, pré-consciente).[20]

Utilizarei um sonho meu para ilustrar algumas coisas que acabo de afirmar, sobretudo o modo como o trabalho do sonho lida com um resíduo diurno contendo expectativas penosas:

"Início vago. *Digo a minha esposa que tenho uma notícia para ela, algo muito especial. Ela se assusta e não quer ouvir. Eu lhe garanto, porém, que é algo que a deixará*

muito alegre, e começo a relatar que o corpo de oficiais do nosso filho enviou uma quantia de dinheiro (5 mil coroas?)… algo sobre o reconhecimento… distribuição… Nisso vou com ela a um quarto pequeno, como uma despensa, para procurar uma coisa. De repente, vejo aparecer meu filho. Ele não está de uniforme, veste um traje esportivo apertado (parecendo uma foca?), com um pequeno capuz. Ele sobe numa cesta que se encontra ao lado de um armário, como que para colocar algo em cima desse armário. Eu o chamo; nenhuma resposta. Parece-me que seu rosto ou sua testa estão enfaixados, ele arruma algo em sua boca, introduz algo. E seus cabelos têm um reflexo grisalho. Penso: Está exausto? Está com dentes postiços? Antes de poder chamá-lo de novo, eu acordo, sem angústia, mas com o coração acelerado. O relógio marca 2h30."

Também desta vez é impossível comunicar uma análise completa. Limito-me a destacar alguns pontos decisivos. O que motivou o sonho foi uma expectativa atormentadora daquele dia; havia mais de uma semana estávamos sem notícia do filho que se achava na linha de frente. É fácil ver que no conteúdo do sonho se expressa a convicção de que ele foi ferido ou morto. No início do sonho nota-se o empenho em substituir os pensamentos penosos por seu contrário. Tenho algo muito bom para comunicar, sobre uma remessa de dinheiro, reconhecimento, distribuição. (A quantia de dinheiro vem de uma ocorrência agradável no consultório médico, ou seja, procura desviar a atenção do tema.) Mas esse esforço falha. A mãe pressente algo terrível e não quer me ouvir. Os disfarces são muito tênues, em toda parte transparece a relação com o que deve ser suprimido. Se nosso filho caiu morto, seus camaradas nos enviarão seus pertences; terei de distribuí-los entre seus irmãos e outros jovens; oficiais costumam receber reconhecimento após sua "morte heroica". Portanto, o sonho passa a expressar diretamente aquilo que, no começo, pretendia negar, e a tendência à realização de desejo ainda se faz notar nas deformações. (A mudança de localidade no sonho pode ser entendida como "simbolismo do limiar", segundo Silberer [cf. p. 554].) Não imaginamos, é verdade, o que lhe dá a força motriz necessária para fazê-lo. Mas nosso filho não aparece como alguém que "cai", mas que "sobe". De fato, ele era um alpinista audacioso. Ele não está de uniforme,

mas com um traje esportivo, ou seja, no lugar do acidente agora temido há outro, antigo, que ele teve praticando esporte, quando caiu e fraturou o fêmur andando de esqui. Mas o modo como está vestido, semelhando uma foca, lembra imediatamente alguém mais jovem, nosso netinho engraçado; o cabelo grisalho lembra o pai deste, nosso genro, muito desgastado pela guerra. O que significa tudo isso? Mas deixemos de lado; o local, a despensa, o armário de que ele quer tirar algo (colocar algo em cima, no sonho), são alusões a um acidente que eu mesmo tive com dois ou três anos de idade. Estava na despensa e subi num banco, para pegar alguma coisa boa que se achava numa mesa ou armário. O banquinho virou e uma ponta dele me acertou a mandíbula. Eu poderia ter perdido todos os dentes. A lembrança vem acompanhada de uma advertência: "Você bem que mereceu", como um impulso hostil dirigido contra o valente guerreiro. Aprofundando a análise, acho o impulso oculto que poderia se satisfazer com o temido acidente do filho. É a inveja em relação à juventude, que o homem envelhecido acredita ter sufocado inteiramente em sua vida, e é claro que justamente a intensidade da comoção dolorosa, caso essa desgraça aconteça de fato, busca tal realização de um desejo reprimido para seu próprio alívio.

Agora posso precisar o que o desejo inconsciente significa para o sonho. Admito que há toda uma classe de sonhos para os quais a *incitação* vem, de modo predominante ou até exclusivo, dos resíduos da vida diurna, e penso que até o desejo de enfim me tornar *professor extraordinarius* poderia ter me deixado dormir tranquilamente naquela noite, se a preocupação com a saúde do meu amigo não tivesse continuado. Mas apenas essa preocupação não teria produzido um sonho; a *força motriz* de que o sonho necessitava tinha de ser providenciada por um desejo; coube à preocupação arranjar um desejo como força motriz do sonho. Usando uma analogia, é bem possível que um pensamento diurno exerça o papel do *empreendedor* para o sonho; mas o empreendedor, que, como se diz, tem a ideia e a iniciativa de pô-la em prática, nada pode fazer sem capital; ele precisa de um *capitalista* que assuma os gastos, e esse

capitalista que cobre o dispêndio psíquico do sonho é sempre e inevitavelmente, qualquer que seja o pensamento diurno, *um desejo do inconsciente*.

Outras vezes, o próprio capitalista é o empreendedor; este é até o caso mais comum nos sonhos. Um desejo inconsciente é incitado pelo trabalho diurno e cria agora o sonho. Os processos oníricos também mostram paralelo em todas as outras possibilidades das relações econômicas aqui usadas como exemplo; o próprio empreendedor pode contribuir com um pouco de capital; vários empreendedores podem recorrer ao mesmo capitalista; vários capitalistas podem se juntar e proporcionar o que os empreendedores necessitam. Da mesma forma, há sonhos sustentados por mais de um desejo onírico, e outras variações desse tipo, que podem ser facilmente verificadas, mas já não nos interessam. Apenas mais adiante poderemos completar o que ainda falta a essa discussão do desejo do sonho.

O *tertium comparationis*[m] das analogias aqui usadas, a quantidade posta à disposição em montante adequado, admite um emprego ainda mais sutil para o esclarecimento da estrutura do sonho. Na maioria dos sonhos, podemos reconhecer um centro com intensidade sensorial especial, como expusemos na página 347. Em geral, é a representação direta da realização do desejo, pois ao reverter os deslocamentos do trabalho do sonho encontramos a intensidade psíquica dos elementos dos pensamentos oníricos substituída pela intensidade sensorial dos elementos do conteúdo do sonho. Os que se acham na proximidade da realização do desejo muitas vezes não têm relação nenhuma com o sentido desta, revelando-se como derivados de pensamentos penosos que contrariam o desejo. Por meio do nexo frequentemente estabelecido de maneira artificial com o elemento central, porém, adquirem tamanha intensidade que se tornam aptos para a representação. Assim, a força representadora da realização de desejo irradia para determinada esfera de relações, dentro da qual todos os elementos, também os que não dispõem de meios próprios, são alçados à representação. Nos sonhos com vários desejos impulsionadores, é fácil delimitar as esferas das realizações de desejos e, muitas vezes, entender as lacunas do sonho como zonas fronteiriças.

Embora as observações acima tenham limitado a importância dos resíduos diurnos para o sonho, vale a pena dedicar-lhes mais alguma atenção. Eles têm de ser um ingrediente necessário na formação do sonho, se a experiência nos revela o fato surpreendente de que no conteúdo de todo sonho se nota uma relação com uma impressão diurna recente, muitas vezes do tipo mais irrelevante. Ainda não pudemos entender a necessidade desse acréscimo à mistura que constitui o sonho (cf. p. 215). Só a compreenderemos se tivermos presente o papel do desejo inconsciente e recorrermos à psicologia das neuroses. Esta nos diz que a representação inconsciente é incapaz, em si, de ingressar no pré-consciente, e que só consegue atuar nele unindo-se a uma representação inofensiva já pertencente ao pré-consciente, para a qual transfere sua intensidade e que serve para encobri-la. É a *transferência*,[n] que explica tantas ocorrências notáveis na vida psíquica dos neuróticos. A transferência pode deixar inalterada a representação pré-consciente, que assim alcança uma intensidade imerecidamente grande, ou lhe impor uma modificação por meio do conteúdo da representação que faz a transferência. Perdoem-me a tendência a fazer analogias com a vida cotidiana, mas sou tentado a dizer que a situação de uma representação reprimida semelha a de um dentista norte-americano em nosso país: ele não pode exercer a profissão se não encontrar um doutor de medicina legalmente formado que lhe sirva como fachada e cobertura ante a lei. E, assim como não são os médicos mais procurados que se aliam dessa forma ao dentista, também no âmbito psíquico não são escolhidas, para encobrir uma representação reprimida, as representações pré-conscientes ou conscientes que atraíram em medida suficiente a atenção ativa no pré-consciente. O inconsciente tece suas ligações preferencialmente ao redor das impressões e representações do pré-consciente que não chamaram a atenção por serem indiferentes ou que a perderam quando foram rejeitadas. Uma conhecida tese da teoria da associação, confirmada por toda experiência, é que representações que estabeleceram uma ligação bastante estreita com um lado se comportam como que de modo refratário com grupos inteiros de novas ligações; certa vez, procurei basear nessa tese uma teoria das paralisias histéricas.

Se supusermos que também se mostra nos sonhos a mesma necessidade de transferência da parte das representações reprimidas, que a análise das neuroses nos ensina, de uma só vez se explicam dois enigmas dos sonhos: o fato de toda análise de um sonho demonstrar que no seu tecido se acha uma impressão recente e de esse elemento recente ser muitas vezes do tipo mais irrelevante. Acrescentamos o que já vimos em outro lugar: que esses elementos recentes e indiferentes ingressam frequentemente no conteúdo do sonho, como substitutos dos mais antigos, porque são, ao mesmo tempo, os que menos têm a temer da censura imposta pela resistência. Mas, enquanto a liberdade de censura nos explica apenas a preferência dada aos elementos triviais, a constância dos elementos recentes aponta para uma necessidade de transferência. Os dois grupos de impressões satisfazem a exigência, por parte do reprimido, de material ainda livre de associações: as impressões indiferentes, porque ainda não ofereceram motivo para ligações numerosas, e as recentes, porque ainda não tiveram tempo para formá-las.

Assim, vemos que os resíduos diurnos, entre os quais podemos agora incluir as impressões indiferentes, não só tomam algo do *Ics*, quando participam da formação do sonho, ou seja, a força motriz de que dispõe o desejo reprimido, mas também oferecem ao inconsciente algo imprescindível, o necessário ponto de união para a transferência. Se fôssemos nos aprofundar aqui nos processos psíquicos, teríamos de lançar uma luz mais clara sobre o jogo das excitações entre o pré-consciente e o inconsciente, algo a que o estudo das psiconeuroses nos impele, mas para o qual os sonhos não oferecem auxílio.

Apenas mais uma observação sobre os resíduos diurnos. Não há dúvida de que eles são os verdadeiros perturbadores do sono, e não o sonho, que antes se empenha em proteger o sono. Voltaremos a falar sobre isso.

Até agora acompanhamos o desejo do sonho, fazendo-o derivar da esfera do *Ics* e dissecando sua relação com os resíduos diurnos, que, por sua vez, podem ser desejos ou impulsos psíquicos de algum outro tipo, ou simplesmente impressões recentes.

Assim deixamos espaço para as reivindicações que se podem fazer em prol da importância, na formação do sonho, do trabalho do pensamento de vigília em toda a sua diversidade. E não seria impossível, com base em nossa ordem de ideias, esclarecer até os casos extremos em que o sonho, dando continuação ao trabalho do dia, soluciona uma tarefa não resolvida da vigília. Falta-nos apenas um exemplo desse tipo para, mediante sua análise, desvelar a fonte de desejo infantil ou reprimida cujo auxílio tanto fortaleceu o empenho da atividade pré-consciente. Mas não fizemos nenhum progresso para solucionar o enigma de por que o inconsciente, no sono, nada mais pode oferecer do que a força motriz para a realização de um desejo. A resposta a essa questão deve lançar luz sobre a natureza psíquica do desejo; essa resposta deve ser dada com a ajuda de nosso esquema do aparelho psíquico.

Não temos dúvida de que esse aparelho alcançou sua perfeição atual após um longo desenvolvimento. Procuremos levá-lo a um estágio anterior de sua capacidade de operação. De acordo com hipóteses que não podemos justificar aqui, inicialmente esse aparelho se esforçava por manter-se isento de estímulos o máximo possível, e consequentemente possuía, em sua primeira disposição, o desenho de um aparelho reflexo, o que lhe permitia afastar de imediato, por via motora, alguma excitação sensorial que lhe chegasse. Mas as exigências da vida perturbaram essa função simples; delas o aparelho recebeu o impulso para o desenvolvimento posterior. Sob a forma das grandes necessidades físicas as exigências da vida se apresentaram primeiramente a ele. A excitação trazida pela necessidade interior buscou desafogo na motilidade, que podemos designar como "modificação interna" ou "expressão de emoção". A criança faminta grita ou se agita desamparada. Mas a situação permanece inalterada, pois a excitação que parte de uma necessidade interna não corresponde a uma força que impele momentaneamente, mas que age de forma contínua. Uma mudança só pode ocorrer quando, de algum modo, por meio de uma ajuda vinda de fora, a criança tem a *vivência da satisfação*, que anula o estímulo interior. Um elemento essencial dessa vivência é o aparecimento de certa percepção (do alimento, nesse exemplo), cuja imagem mnêmica, a partir de então, fica

associada ao traço mnêmico da excitação criada pela necessidade. Tão logo essa necessidade volta a se manifestar, ocorre, graças ao vínculo estabelecido, um impulso psíquico que procura investir novamente a imagem mnêmica da percepção e suscitar de novo a própria percepção, ou seja, reproduzir a situação da primeira satisfação. Um impulso desse tipo é o que chamamos desejo; o reaparecimento da percepção é a realização do desejo, e o pleno investimento da percepção, a partir da excitação devida à necessidade, é o caminho mais curto para a realização do desejo. Nada nos impede de supor um estado primitivo do aparelho psíquico em que esse caminho tenha sido realmente percorrido, em que desejar tenha resultado numa alucinação. Essa primeira atividade psíquica visava, portanto, uma *identidade perceptual*, ou seja, a repetição daquela percepção ligada à satisfação da necessidade.

Uma experiência vital amarga deve ter transformado essa primitiva atividade de pensamento numa atividade secundária mais adequada aos fins. A produção da identidade perceptual pela via regressiva curta no interior do aparelho não tem, em outra parte, a consequência ligada ao investimento da mesma percepção a partir do exterior. A satisfação não ocorre, a necessidade persiste. Para que o investimento interior fosse equivalente ao exterior, ele precisaria ser mantido incessantemente, como de fato acontece nas psicoses alucinatórias e nas fantasias de inanição, cuja atividade psíquica se esgota no *apego* ao objeto desejado. Para alcançar um emprego mais adequado da força psíquica, torna-se necessário deter a regressão plena, de modo que ela não vá além da imagem mnêmica e, a partir desta, possa buscar outros caminhos que finalmente levem à produção da desejada identidade [perceptual] a partir do mundo exterior.[21] Essa inibição e o consequente desvio da excitação vêm a ser a tarefa de um segundo sistema, que domina a motilidade voluntária, isto é, em cujo desempenho se inclui, pela primeira vez, o uso da motilidade para fins anteriormente lembrados. Mas toda a complicada atividade de pensamento que se desdobra da imagem mnêmica até a produção da identidade perceptual mediante o mundo exterior representa apenas um *rodeio para a realização do desejo*, que a experiência tornou necessário.[22] O pensamento não é outra coisa senão o substituto

do desejo alucinatório, e, se o sonho é uma realização de desejo, isso se torna evidente, pois nada além de um desejo pode impelir nosso aparelho psíquico a trabalhar. O sonho, que realiza seus desejos por um caminho regressivo curto, preservou assim uma amostra do modo de trabalho *primário* do aparelho psíquico, abandonado por sua inadequação. Aquilo que outrora imperava na vigília, quando a vida psíquica ainda era jovem e inapta, parece estar banido para a vida noturna, mais ou menos como hoje reencontramos no quarto das crianças as armas primitivas abandonadas pela humanidade adulta, o arco e a flecha. *O sonhar é uma porção da vida psíquica infantil superada*. Nas psicoses, esses modos de trabalho do aparelho psíquico, reprimidos na vigília, voltam a se impor e manifestam sua incapacidade de satisfazer nossas necessidades diante do mundo exterior.[23]

Evidentemente, os impulsos com desejo inconscientes buscam vigorar também durante o dia, e tanto o fato da transferência como as psicoses nos ensinam que eles querem abrir caminho até a consciência através do sistema pré-consciente e chegar ao domínio sobre a motilidade. Portanto, a censura entre *Ics* e *Pcs*, cuja existência o sonho praticamente nos obriga a supor, deve ser reconhecida e respeitada como sendo a guardiã da nossa saúde mental. Mas não seria uma imprudência dessa guardiã o fato de ela diminuir sua atividade durante a noite, de permitir que os impulsos reprimidos do *Ics* se expressem, possibilitando novamente a regressão alucinatória? Creio que não, pois, quando a guardiã crítica se põe a descansar — temos provas de que não adormece profundamente —, ela também fecha o portão à motilidade. Não importando que impulsos provenientes do *Ics*, normalmente inibido, se agitem sobre o palco, podemos deixá-los à vontade: eles permanecem inofensivos, pois são incapazes de pôr em movimento o aparelho motor, unicamente capaz de alterar o mundo exterior. O estado de sono garante a segurança da fortaleza a ser vigiada. A situação é menos inofensiva quando o deslocamento de forças não é produzido pelo relaxamento noturno do dispêndio de força da censura crítica, mas pelo enfraquecimento patológico desta ou pela intensificação patológica das excitações inconscientes, enquanto o pré-consciente ainda está investido e os portões

da motilidade estão abertos. Nesse caso, a guardiã é dominada, as excitações inconscientes subjugam o *Pcs*, governando nossas falas e atos a partir dele, ou impõem a regressão alucinatória e dirigem o curso do aparelho (que não foi feito para eles), graças à atração exercida pelas percepções sobre a distribuição de nossa energia psíquica. É esse o estado que chamamos psicose.

Agora estamos no melhor caminho para prosseguir com o arcabouço psicológico que abandonamos após introduzir os sistemas *Ics* e *Pcs*. Mas ainda temos motivos para nos demorarmos um pouco mais na consideração do desejo como única força motriz psíquica do sonho. Aceitamos o esclarecimento de que o sonho é sempre uma realização de desejos porque é um produto do sistema *Ics*, cujo trabalho não tem outro objetivo senão a realização de desejos e que não dispõe de outras forças senão as dos impulsos de desejos. Se insistirmos um pouco mais no direito de fazer especulações psicológicas tão amplas a partir da interpretação dos sonhos, teremos de mostrar que elas nos permitem incluir os sonhos num contexto que pode abranger outras formações psíquicas. Se existe um sistema *Ics* — ou algo análogo para nossas considerações —, os sonhos não podem ser sua única manifestação; cada sonho pode ser a realização de um desejo, mas tem de haver outras formas anormais de realização de desejo além dos sonhos. E, de fato, a teoria dos sintomas psiconeuróticos culmina na tese de que *também eles devem ser vistos como realizações de desejo do inconsciente*.[24] Em nossa explicação, o sonho é apenas o primeiro elo de uma sequência altamente significativa para o psiquiatra, cuja compreensão constitui a solução da parte puramente psicológica da tarefa da psiquiatria.[25] Mas conheço uma característica essencial dos outros elos dessa sequência de realizações de desejos — dos sintomas histéricos, por exemplo — que ainda não encontrei no sonho. Sei, pelas investigações várias vezes mencionadas ao longo deste livro, que as duas correntes da nossa vida psíquica precisam confluir para a formação de um sintoma histérico. O sintoma não é apenas a expressão de um desejo inconsciente realizado; tem de se juntar a ele um desejo do pré-consciente que é cumprido através do mesmo sintoma,

de modo que o sintoma é determinado *no mínimo* duas vezes, por cada um dos sistemas que se acham em conflito. E, como no caso dos sonhos, não há limites para a sobredeterminação. A determinação que não provém do *Ics* é normalmente, pelo que sei, uma sequência de pensamentos da reação contra o desejo inconsciente, por exemplo, uma autopunição. Então posso afirmar, de modo bastante geral, que *um sintoma histérico só aparece ali onde duas realizações de desejo contrárias, cada qual de um sistema psíquico diferente, são capazes de convergir numa mesma expressão*. (Cf. minhas últimas formulações sobre a gênese dos sintomas histéricos, no ensaio "As fantasias histéricas e sua relação com a bissexualidade", de 1908.) Exemplos não adiantariam muito aqui, pois somente a explicitação total das complicações envolvidas poderia convencer o leitor. Por isso, limito-me a essa afirmação e aduzirei um exemplo tão só por seu caráter ilustrativo, não por sua força probatória. Numa de minhas pacientes, o vômito histérico mostrou ser, de um lado, a realização de uma fantasia inconsciente da puberdade, o desejo de estar continuamente grávida, de ter inúmeros filhos, ao qual depois se acrescentou: do maior número possível de homens. Esse desejo irrefreado suscitou um forte impulso de defesa. E, dado que os *vômitos* podiam levar à perda da forma física e da beleza, de modo que ela não mais agradaria aos homens, o sintoma convinha também aos pensamentos punitivos e, sendo admitido pelos dois lados, pôde se realizar. É a mesma forma de aceitar a realização de um desejo que a rainha dos partos adotou em relação ao triúnviro Crasso. Ela achava que ele havia empreendido a guerra porque era ávido de ouro; então fez derramar ouro fundido na garganta do cadáver, dizendo: "Eis o que desejavas".º Dos sonhos sabemos apenas, até agora, que expressam a realização de um desejo do inconsciente; parece que o sistema pré-consciente dominante admite este após lhe impor certas deformações. E realmente não somos capazes, de modo geral, de apontar um pensamento contrário ao desejo do sonho, que se realize como sua contraparte no sonho. Apenas aqui e ali deparamos com indícios de criações reativas ao analisar sonhos, por exemplo, a afeição pelo amigo R. no sonho com meu tio (p. 174). Mas podemos encontrar o ingrediente que falta do pré-consciente em

outro lugar. O sonho pode expressar um desejo do *Ics* após todo tipo de deformação, enquanto o sistema dominante recuou para o *desejo de dormir*, e realiza o desejo produzindo as alterações de investimento que lhe são possíveis no interior do aparelho psíquico, afinal persistindo nele por toda a duração do sono.[26]

Esse desejo de dormir, em que insiste o pré-consciente, facilita de modo geral a formação do sonho. Consideremos o sonho do pai que conclui, pelo fulgor vindo do quarto ao lado, que o cadáver do filho poderia estar em chamas. Apontamos, como uma das forças psíquicas decisivas para que o pai chegue a essa conclusão, o desejo de prolongar por um momento a vida da criança apresentada no sonho, em vez de permitir que o fulgor o desperte. Outros desejos oriundos do reprimido provavelmente nos escapam, porque não podemos fazer a análise desse sonho. Mas podemos acrescentar, como segunda força motriz do sonho, a necessidade de dormir do pai; assim como a vida da criança, também o sono do pai é prolongado um momento pelo sonho. "Deixemos o sonho continuar", essa é a motivação, "ou terei de acordar." Nesse e em todos os outros sonhos, o desejo de dormir dá seu apoio ao desejo inconsciente. Na página 158 falamos de sonhos que claramente surgiam como sonhos de comodidade. Na verdade, todos os sonhos merecem essa designação. A atuação do desejo de continuar dormindo é notada com maior facilidade nos sonhos de despertar, que elaboram o estímulo sensorial externo de modo a torná-lo compatível com o prosseguimento do sono, que o entrelaçam no sonho para tirar-lhe a pretensão de ser uma advertência de que há o mundo exterior. Mas esse desejo também contribui inevitavelmente para permitir todos os outros sonhos, que somente a partir do interior, como despertadores, podem abalar o estado de sono. Em alguns casos, quando o sonho passa dos limites, o *Pcs* diz à consciência: "Deixe pra lá e continue a dormir, é apenas um sonho"; isso descreve de modo bem geral, embora em surdina, a atitude da nossa atividade psíquica dominante para com o sonho. Tenho de concluir, então, que *durante todo o estado de sono sabemos tão seguramente que sonhamos quanto sabemos que dormimos*. Não se deve absolutamente considerar muito a objeção de que nossa consciência jamais é dirigida para esse

último conhecimento; e para o primeiro apenas em ocasiões específicas, quando a censura se sente como que surpreendida. Por outro lado, há pessoas que à noite mantêm o claro conhecimento de que estão dormindo e sonhando e que parecem ter uma capacidade consciente de dirigir a vida onírica. Um sonhador desses, por exemplo, não concorda com o rumo que um sonho toma, então o interrompe, sem despertar, e o inicia de novo, para prossegui-lo de outra forma — como faz um dramaturgo popular que, a pedido do público, dá um desfecho mais feliz à sua peça. De outra vez, quando o sonho o coloca numa situação sexualmente excitante, ele pensa: "Não quero continuar este sonho para não me esgotar numa polução, vou guardar isso para uma situação real".

O marquês D'Hervey (citado por Vaschide, 1911, p. 139) afirmava ter adquirido o poder de acelerar como quisesse o curso dos sonhos e lhes impor qualquer rumo desejado. Parece que nele o desejo de dormir deu espaço a outro desejo pré-consciente, o de observar e se deleitar com os próprios sonhos. O sono é igualmente compatível com um propósito desses e com uma condição feita mentalmente para o despertar (o sono da babá) [cf. p. 262]. Sabe-se também que o interesse pelos sonhos aumenta consideravelmente, em todas as pessoas, o número de sonhos lembrados após o despertar.

Ferenczi diz o seguinte, acerca de outras observações sobre o direcionamento de sonhos [1911]: "O sonho elabora a partir de todos os lados o pensamento que ocupa naquele momento a psique, abandona uma imagem onírica se há o perigo de não se realizar o desejo, experimenta com outro tipo de solução, até que finalmente consegue criar uma realização de desejo que satisfaz, num compromisso, as duas instâncias da psique".

D. O DESPERTAR PELO SONHO — A FUNÇÃO DO SONHO — O SONHO DE ANGÚSTIA

Sabendo agora que durante a noite o pré-consciente se acha concentrado no desejo de dormir, podemos adiantar nossa compreensão do processo onírico. Antes, porém, vamos resumir o que aprendemos até agora. Portanto, sobram resíduos diurnos do trabalho de vigília, nos quais o investimento de energia não foi inteiramente retirado. Ou o trabalho de vigília ativa um dos desejos inconscientes ao longo do dia, ou as duas coisas coincidem; já discutimos as várias possibilidades quanto a isso. Durante o dia, ou com o estabelecimento do estado de sono, o desejo inconsciente abre caminho até os resíduos diurnos e efetua sua transferência para eles. Surge então um desejo transferido para o material recente, ou o desejo recente suprimido ganha nova vida, mediante reforço vindo do inconsciente. Agora deseja avançar até a consciência pela via normal dos processos de pensamento, através do *Pcs* ao qual pertence em parte. Mas depara com a censura, que ainda existe e a cuja influência ele agora se submete. Aqui ele assume a deformação que já foi preparada pela transferência para o material recente. Até agora ele está em vias de se tornar algo semelhante a uma obsessão, a um delírio ou algo assim, ou seja, um pensamento reforçado pela transferência e deformado pela censura em sua expressão. Mas o estado de sono do pré-consciente não permite seu avanço; provavelmente o sistema se protegeu da invasão diminuindo suas excitações. Então o processo onírico toma a via da regressão, aberta justamente pela peculiaridade do estado de sono, e nisso obedece à atração que sobre ele exercem grupos de lembranças que, em parte, existem apenas como investimentos de tipo visual, não como tradução para os signos dos sistemas posteriores [cf. p. 597]. Na via para a regressão ele adquire representabilidade. Mais adiante trataremos da compressão. Agora ele já percorreu a segunda porção do seu tortuoso trajeto. A primeira se estendeu, de modo progressivo, das cenas ou fantasias inconscientes até o pré-consciente; a segunda levou novamente da fronteira da censura para as percepções. Mas quando o processo

onírico se torna conteúdo de percepção, ele como que rodeia o obstáculo que lhe foi colocado pela censura e pelo estado de sono no *Pcs*. Ele consegue chamar a atenção e ser percebido pela consciência. A consciência, que é para nós um órgão sensorial para a apreensão de qualidades psíquicas, pode ser excitada de dois lados na vida de vigília. Em primeira linha, desde a periferia de todo o aparelho, do sistema de percepção; depois, pelas excitações de prazer e desprazer, que demonstram ser quase a única qualidade psíquica nas transposições de energia no interior do aparelho. Todos os outros processos nos sistemas ψ, inclusive os do *Pcs*, não possuem nenhuma qualidade psíquica e, por isso, não são objeto da consciência, na medida em que não lhe fornecem prazer ou desprazer para a percepção. Teremos de concluir que *essas liberações de prazer e desprazer regulam automaticamente o curso dos processos de investimento*. Mais tarde, porém, verificou-se a necessidade de tornar o curso das representações mais independente dos sinais de desprazer, a fim de possibilitar desempenhos mais sutis. Para esse propósito, o sistema *Pcs* requereu qualidades próprias que pudessem atrair a consciência, e muito provavelmente as obteve ligando os processos pré-conscientes ao sistema mnêmico dos signos linguísticos, não desprovido de qualidades. Mediante as qualidades desse sistema, a consciência, que antes era apenas órgão de sentido para as percepções, torna-se órgão de sentido para uma parte de nossos processos de pensamento. Existem agora, por assim dizer, duas superfícies sensoriais, uma voltada para a percepção, outra para os processos de pensamento pré-conscientes.

Tenho de supor que a superfície sensorial da consciência voltada para o *Pcs* se torna muito menos excitável durante o estado de sono do que aquela voltada para os sistemas *Pcp*. O abandono do interesse pelos processos de pensamento noturnos é também apropriado. Nada deve acontecer no pensamento; o *Pcs* deseja dormir. Mas, uma vez tornado percepção, o sonho é capaz de excitar a consciência por meio das qualidades agora adquiridas. Essa excitação dos sentidos desempenha aquilo que é sua função; dirige para o que causa a excitação uma parte da energia de investimento disponível no *Pcs*, em forma de atenção. Então é preciso admitir que o sonho sempre

desperta, coloca em atividade uma parte da força em repouso do *Pcs*. Desta ele sofre então aquela influência que denominamos elaboração secundária, atentando para coerência e inteligibilidade. Ou seja, o sonho é tratado por ela como qualquer outro conteúdo perceptual; é submetido às mesmas representações antecipatórias,[p] até onde seu material o permite. Se nessa terceira porção do processo onírico consideramos a direção, é novamente a progressiva.

A fim de evitar mal-entendidos, cabe dizer algo sobre as características temporais desses processos oníricos. Uma argumentação muito atraente de Goblot, claramente suscitada pelo sonho da guilhotina de Maury, procura demonstrar que o sonho não requer outro período além da transição entre dormir e despertar. Despertar leva tempo; é nesse tempo que o sonho ocorre. Acreditamos que a última imagem do sonho foi tão forte que nos obrigou a acordar. Na realidade, ela foi tão forte apenas porque já estávamos próximos de acordar. "*Un rêve c'est un réveil qui commence*" [Um sonho é um despertar que começa].

Dugas já ressaltou que Goblot precisa desconsiderar muitos fatos para, em termos gerais, manter sua tese. Há também sonhos dos quais não despertamos; alguns, por exemplo, em que sonhamos que sonhamos. Agora que conhecemos o trabalho do sonho, não podemos admitir que ele ocorra apenas durante o despertar. Pelo contrário, para nós se torna provável que a primeira parte do trabalho do sonho já comece durante o dia, ainda sob o domínio do pré-consciente. A segunda parte, a modificação pela censura, a atração exercida pelas cenas inconscientes, a penetração até a percepção — isso deve prosseguir por toda a noite; e podemos estar certos quando dizemos ter a sensação de haver sonhado a noite inteira, mesmo não sabendo dizer o que sonhamos. Mas não acredito ser necessário supor que os processos oníricos sigam, até se tornarem conscientes, a ordem cronológica que descrevemos, em que primeiro há o desejo do sonho transferido, depois a deformação pela censura, em seguida, a mudança regressiva de direção etc. Tivemos de produzir essa sequência na descrição; na realidade, deve se tratar de tentativas simultâneas de seguir um ou outro caminho, de flutuações da excitação, até que esta se acumula da

maneira mais apropriada e tal agrupamento permanece. Determinadas experiências pessoais me levam a crer que frequentemente o trabalho do sonho necessita de mais que um dia e uma noite para produzir seu resultado; sendo assim, a arte extraordinária exibida na construção do sonho perde o caráter assombroso. Em minha opinião, até mesmo a consideração pela inteligibilidade [do sonho] como evento perceptivo pode valer antes que o sonho atraia para si a consciência. Mas a partir de então o processo é acelerado, pois o sonho recebe o mesmo tratamento que outra coisa percebida. Semelha um fogo de artifício, que é preparado durante horas e lançado num instante.

Por meio do trabalho do sonho, o processo onírico ou adquire a intensidade suficiente para atrair a consciência para si e despertar o pré-consciente, não importando o tempo e a profundidade do sono, ou sua intensidade não basta para isso e ele tem de permanecer de prontidão até que, imediatamente antes do despertar, a atenção fique mais móvel e vá ao seu encontro. A maioria dos sonhos parece trabalhar com intensidades psíquicas relativamente fracas, pois aguarda o despertar. Mas isso também explica por que em geral nos apercebemos de algo que sonhamos quando alguém nos tira subitamente do sono profundo. Quando isso acontece, ou quando acordamos espontaneamente, a primeira coisa que vemos é o conteúdo perceptual construído pelo trabalho do sonho; em seguida, aquele que vem de fora.

Mas um interesse teórico maior têm os sonhos capazes de nos despertar no meio do sono. É lícito pensarmos no caráter apropriado aos fins, que em toda parte se encontra, e nos perguntarmos por que ao sonho, ou seja, ao desejo inconsciente, é dado o poder de perturbar o sono, ou seja, a realização do desejo pré-consciente. A resposta deve estar nas relações de energia, de que não possuímos conhecimento. Se o tivéssemos, provavelmente descobriríamos que tolerar o sonho e com ele despender uma atenção meio distanciada representa uma economia de energia, comparado a ter de refrear o inconsciente durante a noite tanto quanto de dia. Como a experiência mostra, sonhar é sempre compatível com dormir, mesmo quando interrompe o sono várias vezes numa noite. Acordamos um momento e

imediatamente voltamos a dormir. É como quando, dormindo, afastamos uma mosca; despertamos *ad hoc* [para isso]. Quando voltamos a dormir, a perturbação foi anulada. A realização do desejo de dormir é, como mostram conhecidos exemplos de sono de babás etc., perfeitamente compatível com a manutenção de certo dispêndio de atenção voltada para determinada direção.

Neste ponto há outra objeção, fundamentada num conhecimento melhor dos processos inconscientes, que pede para ser ouvida. Nós mesmos já afirmamos que os desejos inconscientes estão sempre ativos. Contudo, durante o dia não são fortes o bastante para se fazer sentir. Mas se, durante o estado de sono, o desejo inconsciente já mostrou ter a força de formar um sonho e com ele despertar o pré-consciente, por que essa força se esgota depois que tomamos conhecimento do sonho? Não deveria o sonho se renovar continuamente, assim como a mosca irritante costuma voltar após ser espantada? Com que direito afirmamos que o sonho afasta o que perturba o sono?

É correto que os desejos inconscientes sempre estão ativos. Eles constituem vias que sempre são transitáveis, se um quantum de excitação as utiliza. O fato de serem indestrutíveis é até mesmo uma particularidade eminente dos processos inconscientes. No inconsciente nada chega ao fim, nada passa ou é esquecido. Obtemos a mais viva impressão disso no estudo das neuroses, especialmente da histeria. A via inconsciente de pensamentos que leva à descarga no ataque histérico volta a ser imediatamente utilizável, desde que suficiente excitação se acumule. Uma ofensa de trinta anos antes continua a ser sentida como se fosse nova, após ter adquirido acesso às fontes afetivas inconscientes. Sempre que se toca em sua lembrança, ela volta à vida e se mostra investida de excitação, que acha descarga motora num ataque. É precisamente nisso que a psicoterapia tem de intervir. Sua tarefa é encontrar resolução e esquecimento para os processos inconscientes. Pois o empalidecimento das lembranças e a fraqueza afetiva das impressões não tão recentes — que tendemos a ver como naturais e afirmamos ser uma influência primária do tempo sobre os resíduos mnêmicos da psique — são, na verdade, mudanças

secundárias, que surgem mediante um árduo trabalho. É o pré-consciente que realiza esse trabalho, e *a psicoterapia não pode encetar outro caminho senão o de submeter o* Ics *ao domínio do* Pcs.

Portanto, há duas saídas para um processo de excitação inconsciente: ou ele permanece abandonado a si mesmo, e então finalmente irrompe em algum ponto e obtém desafogo para a excitação na motilidade, ou sofre a influência do pré-consciente, e sua excitação é por este *atada*, em vez de *descarregada*. *Este último caso ocorre no processo onírico*. O investimento que do *Pcs* vai ao encontro do sonho tornado percepção, porque foi dirigido para lá pela excitação da consciência, ata a excitação inconsciente do sonho e a neutraliza como perturbação. O sonhador desperta por um momento, mas ele realmente espantou a mosca que ameaçava perturbar o sono. Podemos imaginar agora que realmente é mais apropriado e econômico tolerar o desejo inconsciente, liberar-lhe o caminho da regressão para que ele forme o sonho, e então atar e lidar com esse sonho por meio de um pequeno dispêndio de trabalho pré-consciente, do que manter o inconsciente sob controle por toda a duração do sono. Afinal, era de esperar que o sonho, mesmo não sendo originalmente um processo conforme a um fim, se apoderasse de uma função no jogo das forças da vida psíquica. Estamos vendo qual é essa função. Ele assumiu a tarefa de novamente colocar a excitação liberada do *Ics* sob o domínio do pré-consciente; nisso ele descarrega a excitação do *Ics*, ele lhe serve como válvula e, ao mesmo tempo, garante o sono do pré-consciente em troca de um pequeno dispêndio de atividade desperta. Assim, na forma de um compromisso, exatamente como as outras formações psíquicas de sua série, ele se põe a serviço dos dois sistemas ao mesmo tempo, realizando os desejos de ambos, desde que sejam compatíveis. Se nos voltarmos rapidamente para a "teoria da excreção" de Robert, comunicada na página 109, teremos que dar razão ao autor no ponto principal, a determinação da função do sonho, ao passo que nos afastamos dele em suas premissas e na abordagem do processo onírico.[27]

A restrição "*desde que os dois desejos sejam compatíveis entre si*" traz implícita uma referência aos casos possíveis em que a função do sonho malogra. O processo onírico é permitido inicialmente como realização de um desejo do inconsciente; quando essa tentativa de realização do desejo agita de tal forma o pré-consciente que este não pode mais manter sua tranquilidade, o sonho rompeu o compromisso, não cumpriu a outra parte de sua tarefa. Ele é imediatamente interrompido e substituído pelo despertar pleno. Na verdade, também aqui não é culpa do sonho que, sendo o guardião do sono, tenha de aparecer como perturbador deste, e nem por isso devemos questionar seu caráter adequado aos fins. Esse não é, no organismo, o único caso em que uma função normalmente adequada se mostra inadequada e perturbadora quando algo nas condições de sua gênese é alterado; nesse caso, a perturbação serve, pelo menos, ao novo fim de apontar para a mudança e alertar os meios reguladores do organismo contra ela. Naturalmente estou pensando no caso do sonho de angústia, e, para não parecer que fujo dessa evidência contra a teoria da realização de desejos sempre que a encontro, vou pelo menos esboçar uma explicação para os sonhos de angústia.

Já não é algo contraditório para nós a noção de que um processo psíquico que desenvolve angústia pode, mesmo assim, ser a realização de um desejo. Explicamos deste modo o que sucede: o desejo pertence a um sistema, o *Ics*, enquanto outro sistema, o *Pcs*, rejeitou e suprimiu esse desejo.[28] A subjugação do *Ics* pelo *Pcs* não é completa nem mesmo quando há plena saúde psíquica; a medida dessa supressão indica o grau da nossa normalidade psíquica. Sintomas neuróticos nos mostram que os dois sistemas se acham em conflito um com o outro, são os resultados de compromisso desse conflito, que o encerram temporariamente. Por um lado, proporcionam ao *Ics* uma saída para a descarga de sua excitação, servem-lhe como válvula de escape, e, por outro, dão ao *Pcs* a possibilidade de dominar o *Ics* em alguma medida. É instrutivo, por exemplo, considerar o significado de uma fobia histérica ou da agorafobia. Digamos que uma pessoa neurótica seja incapaz de atravessar a rua sozinha, o que designamos corretamente como "sintoma".

Tentamos eliminar esse sintoma, obrigando-a a executar a ação de que acredita ser incapaz. Ocorre então um ataque de angústia — de fato, frequentemente um ataque de angústia na rua dá origem à agorafobia. Assim, vemos que o sintoma foi constituído para evitar a irrupção da angústia; a fobia é posta diante da angústia como uma fortificação de fronteira.

Não podemos continuar nossa discussão sem examinar a participação dos afetos nesses processos, algo que só é possível fazer de modo imperfeito aqui. Assim, estabeleçamos a tese de que a supressão do *Ics* se torna necessária sobretudo porque, se o curso de representações no *Ics* fosse abandonado a si mesmo, desenvolveria um afeto que originalmente possuía o caráter de prazer, mas, após sofrer o processo da *repressão*, tem o caráter de desprazer. A supressão tem como objetivo, mas também como resultado, impedir esse desenvolvimento de desprazer. Ela se estende ao conteúdo de representações do *Ics*, porque desse conteúdo poderia vir a liberação de desprazer. Na base disso há uma hipótese muito específica sobre a natureza do desenvolvimento dos afetos. Ela é vista como uma função motriz ou secretória, em que a chave para a inervação se acha nas representações do *Ics*. Graças ao domínio estabelecido pelo *Pcs*, essas representações são como que sufocadas, inibidas quanto ao envio dos impulsos geradores de afetos. Quando cessa o investimento por parte do *Pcs*, o perigo é de que as excitações inconscientes liberem um afeto que — em decorrência da repressão ocorrida anteriormente — pode ser sentido apenas como desprazer, como angústia.

Esse perigo surge quando o processo onírico tem plena liberdade. As condições para que ele se realize são de que repressões tenham ocorrido e que os impulsos com desejo suprimidos se tornem fortes o bastante. Essas condições se acham, portanto, fora do quadro psicológico da formação do sonho. Não fosse pelo fato de nosso tema se ligar por esse único fator, a liberação do *Ics* durante o sono, ao tema do desenvolvimento da angústia, eu poderia evitar a discussão do sonho de angústia, poupando-me aqui de todas as obscuridades que o envolvem.

A teoria dos sonhos de angústia pertence à psicologia das neuroses, como já declarei repetidas vezes.[q] Após termos mostrado seu ponto de contato com o tema do processo onírico, não há por que nos ocuparmos dela. Posso fazer mais uma coisa apenas. Como afirmei que a angústia neurótica vem de fontes sexuais, posso submeter à análise os sonhos de angústia, para demonstrar o material sexual de seus pensamentos oníricos.

Por bons motivos, abro mão aqui dos exemplos que os pacientes neuróticos me oferecem em abundância e dou preferência aos sonhos de angústia de pessoas jovens.

Há décadas eu mesmo não tenho um verdadeiro sonho de angústia. Lembro-me de um sonho desses que tive aos sete ou oito anos de idade e que trinta anos depois submeti à interpretação. Era bastante vívido e mostrava *minha querida mãe com uma expressão facial singularmente tranquila, adormecida, sendo carregada para o quarto por duas* (*ou três*) *pessoas com bicos de pássaro e posta sobre a cama*. Acordei chorando e gritando e perturbei o sono dos meus pais. As figuras com bicos de pássaro, altas em demasia, peculiarmente ornamentadas, eu havia tirado das ilustrações da Bíblia de Philippson. Creio que eram deuses com cabeças de gavião-da-europa, de um baixo-relevo funerário egípcio. De resto, a análise me fornece a lembrança do filho mal-educado de um zelador, que costumava brincar conosco na relva diante da casa; acho que seu nome era *Philipp*. Parece-me que foi desse garoto que ouvi pela primeira vez a palavra vulgar que designa a relação sexual e que as pessoas instruídas costumam substituir pelo termo latino "*coitus*", mas que é caracterizada nitidamente pela escolha das cabeças de gavião.[r] Devo ter adivinhado o significado sexual da palavra pela expressão facial do mestre experiente. No sonho, a expressão do rosto de minha mãe era copiada daquela do meu avô, que eu tinha visto poucos dias antes da morte, em coma e roncando. A interpretação feita pela elaboração secundária no sonho devia ser que minha mãe estava morrendo, com o que também condizia o baixo-relevo funerário. Foi nessa angústia que acordei e na qual continuei até despertar meus pais. Lembro-me de que me acalmei subitamente quando vi minha mãe, como se necessitasse da informação tranquilizadora: "Ela não morreu". Essa interpretação

secundária do sonho, porém, ocorreu já sob a influência da angústia desenvolvida. Eu não estava angustiado porque tinha sonhado que minha mãe havia morrido; interpretei assim o sonho na elaboração pré-consciente, porque já estava sob o domínio da angústia. Mas a angústia remete, por meio da repressão, a um desejo obscuro, claramente sexual, que encontrou uma boa expressão no conteúdo visual do sonho.

Um homem de 27 anos, que há um ano está seriamente doente, relata que entre os onze e os treze anos sonhou repetidamente, com angústia intensa, que *era perseguido por um homem com uma picareta; queria correr, mas estava como que paralisado e não saía do lugar*. Este é um bom exemplo de um sonho angustiado comum e de que não se suspeita ter conotação sexual. Na análise, o sonhador traz primeiro uma história contada posteriormente pelo tio, segundo a qual certa noite ele foi atacado por um indivíduo suspeito na rua, e o próprio paciente conclui, dessa associação, que pode ter escutado sobre um episódio semelhante na época do sonho. A picareta lhe lembra que naquele mesmo período ele se machucou com uma quando cortava lenha. Ele passa repentinamente para sua relação com o irmão mais novo, que ele costumava maltratar e jogar no chão; lembra-se, em especial, da vez em que acertou a cabeça do irmão com uma bota, de modo que este sangrou e a mãe declarou: "Tenho medo de que um dia ele o mate". Enquanto ele parece assim preso ao tema da violência, surge-lhe de repente uma lembrança de quando tinha nove anos de idade. Os pais voltaram tarde para casa, foram para a cama, enquanto ele fingia dormir; escutou uma respiração ofegante e outros ruídos inquietantes, podia também imaginar a posição dos dois na cama. Seus pensamentos seguintes mostram que ele estabeleceu uma analogia entre essa relação dos pais e seu relacionamento com o irmão mais novo. Ele subsumiu aquilo que ocorrera com os pais no conceito de violência e briga. Para ele, uma prova disso era o fato de ter notado, várias vezes, *sangue na cama da mãe*.

O fato de as relações sexuais dos adultos serem inquietantes e gerarem angústia nas crianças que as notam é, eu diria, algo atestado pela experiência cotidiana. A

explicação que dei para essa angústia é de que se trata de uma comoção sexual com que seu entendimento não sabe lidar e que encontra repúdio também porque envolve seus pais, e por isso se transforma em angústia. Num período anterior da vida, o impulso sexual voltado para o genitor do sexo oposto ainda não encontra repressão e se expressa livremente, como vimos antes (p. 298).

Eu não hesitaria em utilizar a mesma explicação para os ataques de angústia noturnos acompanhados de alucinações (o *pavor nocturnus*), tão frequentes nas crianças. Também nesse caso só pode se tratar de impulsos sexuais não compreendidos e rejeitados, que, se fossem registrados, provavelmente revelariam também uma periodicidade na ocorrência, pois uma intensificação da libido sexual pode ser produzida tanto por impressões excitantes eventuais como por processos de desenvolvimento espontâneos, que sobrevêm por ondas.

Falta-me o material de observação necessário para confirmar essa explicação.[29] Já os pediatras parecem não ter a única perspectiva que pode levar à compreensão de toda essa classe de fenômenos, tanto do ponto de vista somático como do psíquico. Citarei o caso que encontrei na tese de Debacker (1881, p. 66), sobre o *pavor nocturnus*, como um exemplo divertido em que, graças aos antolhos da mitologia médica, por pouco deixou de haver uma compreensão desses casos.

Um garoto de treze anos, de saúde fraca, começou a ficar angustiado e sonhador, seu sono se tornou agitado e quase que semanalmente era interrompido por um severo ataque de angústia acompanhado de alucinações. A lembrança desses sonhos era sempre muito nítida. Ele contou que o diabo lhe gritava: "Agora te pegamos, agora te pegamos!", e então sentia cheiro de betume e enxofre, e o fogo queimava sua pele. Ele acordava desse sonho assustado, primeiro não conseguia gritar, até que reencontrava a voz e era possível ouvi-lo dizer claramente: "Não, não, eu não, eu não fiz nada!" ou: "Por favor, não, nunca voltarei a fazer isso!". Às vezes dizia também: "O Albert não fez isso". Mais tarde, passou a não querer se despir, "porque o fogo o apanhava somente quando estava sem roupas". Em meio a esses sonhos com o diabo, que punham em perigo sua saúde, ele foi enviado para o interior, onde

se recuperou durante um ano e meio, e depois, aos quinze anos de idade, confessou: "*Je n'osais pas l'avouer, mais j'éprouvais continuellement des picotements et des surexcitations aux* PARTIES;[30] *à la fin, cela m'énervait tant que plusieurs fois j'ai pensé me jeter par la fenêtre du dortoir*" [Eu não tinha coragem de admitir, mas sempre senti formigamento e excitações nas *partes*; no fim, isso me irritava tanto que várias vezes pensei em me jogar pela janela do dormitório].

Realmente não é difícil imaginar que: 1) o garoto havia se masturbado na infância, havia negado isso e, então, fora ameaçado com castigos severos (sua confissão: *Je ne le ferai plus* [Não farei mais isso]; sua negação: *Albert n'a jamais fait ça* [Albert nunca fez isso]); 2) com a chegada da puberdade, a tentação de se masturbar foi reavivada com o formigamento nos órgãos genitais; mas 3) irrompeu nele uma luta repressora, que suprimiu a libido e a transformou em angústia, angústia essa que, posteriormente, incorporou os castigos de que ele fora ameaçado no passado.

Vejamos, por outro lado, as conclusões de nosso autor (Ibid., p. 69):

"Dessa observação se depreende que: 1) a influência da puberdade num garoto de saúde debilitada pode produzir um estado de grande fraqueza, que pode levar a uma *anemia cerebral considerável*. [31]

"2) Essa anemia cerebral dá origem a uma alteração de caráter, alucinações demonomaníacas e severos estados de angústia à noite, talvez também de dia.

"3) A demonomania e as autorrecriminações do garoto remontam à influência da educação religiosa, na época da infância.

"4) Todos os fenômenos desapareceram em consequência de uma estadia prolongada no campo, com exercícios físicos e a recuperação das forças após a puberdade.

"5) Talvez possamos atribuir à hereditariedade e à antiga sífilis do pai uma predisposição para o desenvolvimento da condição cerebral na criança."

A conclusão final: "*Nous avons fait entrer cette observation dans le cadre des délires apyrétiques d'inanition, car c'est à l'ischémie cérébrale que nous rattachons cet état*

particulier" [Incluímos esse caso entre os delírios apiréticos de inanição, pois ligamos esse estado particular à isquemia cerebral].

E. OS PROCESSOS PRIMÁRIO E SECUNDÁRIO — A REPRESSÃO

Buscando penetrar mais profundamente na psicologia dos processos oníricos, comecei uma tarefa difícil, e minha capacidade de exposição pode não estar à altura dela. Reproduzir na descrição, de modo sucessivo, a simultaneidade de um conjunto complexo, e enunciar cada tese sem pressupostos, é algo que talvez supere minhas forças. Estou pagando pelo fato de, na exposição da psicologia dos sonhos, não poder seguir o desenvolvimento histórico das minhas concepções. As linhas de abordagem para a compreensão dos sonhos me foram dadas pelos trabalhos anteriores sobre a psicologia das neuroses, aos quais não devia me referir aqui, mas tenho de me referir continuamente, ao passo que gostaria de proceder na direção contrária e, partindo do sonho, chegar à psicologia das neuroses. Sei das dificuldades que isso traz para o leitor, mas não vejo como evitá-las.

Insatisfeito com esse estado das coisas, de bom grado me detenho em outra consideração, que parece elevar o valor dos meus esforços. Deparei com um tema que era dominado por agudas contradições entre os pontos de vista dos autores, como se pôde ver no primeiro capítulo. Nossa abordagem dos problemas do sonho deixou espaço para a maioria dessas contradições. Tivemos de refutar decididamente apenas duas das opiniões manifestadas: de que o sonho é algo sem significado e que é um processo somático. Fora isso, pudemos dar razão a todas as demais opiniões contraditórias em algum momento ou outro da intrincada discussão, mostrando que haviam descoberto algo pertinente. Confirmou-se, de modo geral, que o sonho dá continuidade aos interesses e incitações da vida de vigília, graças à revelação dos pensamentos oníricos ocultos. Estes se ocupam apenas do que nos parece importante e nos interessa fortemente. Os sonhos nunca tratam de bagatelas. Mas também admitimos o oposto: que os sonhos aproveitam os restos irrelevantes do dia e não podem se apropriar de um grande interesse diurno até que este tenha se subtraído em

alguma medida à atividade desperta. Vimos que isso é válido para o conteúdo do sonho, que expressa os pensamentos oníricos de modo alterado pela deformação. Afirmamos que o processo onírico, em virtude do mecanismo associativo, se apodera com maior facilidade do material de representações novo ou indiferente, que ainda não foi requisitado pela atividade do pensamento desperto, e, por razões ligadas à censura, transfere a intensidade psíquica de algo significativo, mas chocante, para algo indiferente. A hipermnésia dos sonhos e o fato de disporem do material da infância se tornaram pilares da nossa doutrina; em nossa teoria dos sonhos, atribuímos ao desejo de origem infantil o papel de motor imprescindível na formação do sonho. Claro que não podíamos duvidar da importância dos estímulos sensoriais externos durante o sono, comprovada experimentalmente, mas sustentamos que esse material tem com o desejo onírico a mesma relação que têm os resíduos de pensamento que ficaram da atividade diurna. Não precisamos contestar que o sonho interpreta o estímulo sensorial objetivo ao modo de uma ilusão, mas acrescentamos o motivo para essa interpretação, que os outros autores não haviam especificado. A interpretação ocorre de modo tal que o objeto percebido se torna incapaz de perturbar o sono e pode ser aproveitado na realização do desejo. Quanto aos estados subjetivos de excitação sensorial durante o sono, que Trumbull Ladd [1892] parece ter comprovado, é certo que não os admitimos como fonte especial dos sonhos, mas sabemos explicá-los por meio do reavivamento regressivo das lembranças que agem por trás do sonho. Também as sensações orgânicas internas, frequentemente usadas como pedra angular na explicação dos sonhos, mantiveram um lugar em nossa concepção, ainda que modesto. Elas — as sensações de cair, flutuar, estar inibido — representam para nós um material sempre disponível, do qual o trabalho do sonho se utiliza, sempre que necessário, para a expressão dos pensamentos oníricos.

Parece-nos correto dizer que o processo do sonho é rápido, instantâneo, para a percepção pela consciência do conteúdo onírico pré-formado; mas para as partes anteriores do processo do sonho consideramos provável um decurso lento e

oscilante. Quanto ao enigma do conteúdo onírico bastante rico e comprimido num momento brevíssimo, propusemos que nisso há o aproveitamento de formações já prontas da vida psíquica. Que o sonho seja deformado e mutilado pela lembrança nos pareceu algo correto, mas que não constitui obstáculo, pois isso é apenas a última parte, manifesta, de um trabalho de deformação que age desde o início da formação do sonho. Na disputa — amarga e aparentemente inconciliável — entre a concepção de que a psique dorme à noite e a de que conserva a mesma capacidade de desempenho que tem durante o dia, pudemos dar razão aos dois lados, mas sem concordar plenamente com nenhum deles. Nos pensamentos oníricos encontramos evidências de um desempenho intelectual complexo, que trabalha com quase todos os recursos do aparelho psíquico; mas não se pode negar que esses pensamentos oníricos se originaram durante o dia, e é imperativo supor que há um estado de sono da psique. Assim, mesmo a teoria do sono parcial alcançou validade; contudo, não vimos a característica do estado do sono na desintegração dos nexos psíquicos, mas no fato de o sistema psíquico que domina o dia ajustar-se ao desejo de dormir. O alheamento do mundo exterior continuou importante em nossa concepção; ele facilita a regressão da representação onírica, embora não sendo o único fator. O abandono do direcionamento voluntário do curso de representações é incontestável; mas nem por isso a vida psíquica é despojada de metas, pois vimos que após as representações com meta voluntárias serem abandonadas, as involuntárias passam a dominar. Não só reconhecemos que as ligações associativas são mais frouxas no sonho, mas lhes concedemos um domínio muito mais amplo do que se podia imaginar; descobrimos, porém, que elas são apenas o substituto inevitável de outras, corretas e significativas. Sem dúvida, também designamos os sonhos como absurdos; mas alguns exemplos nos mostraram como um sonho é inteligente quando se apresenta como absurdo. Não divergimos quanto às funções que foram atribuídas ao sonho. A ideia de que o sonho desoprime a alma como uma válvula e de que, nas palavras de Robert, toda espécie de coisa nociva é tornada inofensiva ao ser representada no sonho, não só coincide perfeitamente com a nossa teoria da

realização dupla de desejos por meio do sonho, mas é, para nós, mais compreensível na nossa formulação do que em Robert. A ideia de que no sonho a alma se entrega ao livre jogo de suas faculdades é reencontrada, em nossa teoria, na liberdade concedida ao sonho pela atividade pré-consciente. O "retorno da vida psíquica, no sonho, ao ponto de vista embrionário" e a observação de Havelock Ellis — "*an archaic world of vast emotions and imperfect thoughts*" [um mundo arcaico de vastas emoções e pensamentos imperfeitos] — parecem-nos felizes antecipações da nossa tese de que modos de atividade *primitivos*, suprimidos durante o dia, tomam parte na formação do sonho; pudemos subscrever inteiramente a afirmação de Sully, de que "o sonho traz de volta nossas personalidades anteriores, desenvolvidas sucessivamente, nossa antiga maneira de ver as coisas, impulsos e modos de reação que nos dominaram no passado remoto";[s] como em Delage, para nós o "*suprimido*" se torna a mola propulsora do sonho.

Aceitamos plenamente o papel que Scherner atribui à fantasia onírica e as interpretações do próprio Scherner, mas tivemos que lhes dar outro lugar dentro do problema, por assim dizer. Não é o sonho que forma a fantasia, é a atividade imaginativa inconsciente que tem a participação maior na formação dos pensamentos oníricos. Somos devedores de Scherner por haver indicado a fonte dos pensamentos oníricos; mas quase tudo o que ele atribui ao trabalho do sonho deve ser visto como atividade do inconsciente alerta durante o dia, a qual fornece as instigações tanto para os sonhos como para os sintomas neuróticos. Tivemos que distinguir o trabalho do sonho dessa atividade como algo totalmente diferente e muito mais circunscrito. Por fim, longe de negar a relação do sonho com os distúrbios psíquicos, nós a estabelecemos de modo mais sólido, em novo terreno.

Assim, mantidos juntos pelo que há de novo em nossa teoria dos sonhos, como que numa unidade superior, encontramos os resultados mais diversos e contraditórios dos estudiosos incorporados à nossa edificação, vários deles utilizados de outra forma, poucos tendo sido inteiramente rejeitados. Mas nossa construção ainda está

inacabada. Sem considerarmos as muitas incertezas que atraímos ao avançar pela escuridão da psicologia, uma nova objeção parece nos afligir. Por um lado, supusemos que os pensamentos oníricos surgem mediante o trabalho mental completamente normal; por outro lado, no entanto, descobrimos entre os pensamentos oníricos e, a partir deles, estendendo-se ao conteúdo do sonho, toda uma série de processos de pensamento anormais, que depois repetimos na interpretação do sonho. Tudo aquilo que denominamos "trabalho do sonho" parece se distanciar tanto dos processos [de pensamento] que reconhecemos como corretos que devem nos parecer pertinentes os juízos mais severos dos estudiosos sobre o baixo desempenho psíquico dos sonhos.

Neste ponto, talvez só obtenhamos esclarecimento e ajuda se avançarmos ainda mais. Examinemos uma das conjunturas que levam à formação do sonho.

Vimos que o sonho toma o lugar de certo número de pensamentos que vêm da nossa vida diurna e que têm perfeita ligação lógica. Por isso não podemos duvidar que eles tenham origem na nossa vida mental normal. Reencontramos nos pensamentos oníricos todos os atributos que tanto prezamos em nossos raciocínios, pelos quais estes se distinguem como realizações complexas de ordem superior. Mas não há necessidade de supor que essa atividade do pensamento foi executada durante o sono, o que transtornaria a noção do estado psíquico do sono a que nos ativemos até agora. Esses pensamentos podem muito bem vir do dia anterior, não sendo percebidos pela consciência desde o início e já se achando prontos no adormecimento. O que podemos concluir disso é que *os mais complicados desempenhos do pensamento são possíveis sem a participação da consciência*, algo que qualquer psicanálise de um paciente histérico ou obsessivo nos ensina. Esses pensamentos oníricos certamente não são, em si mesmos, incapazes de chegar à consciência; se não se tornaram conscientes para nós durante o dia, isso pode ter diversas razões. Tornar-se consciente está ligado ao direcionamento de determinada função psíquica, a atenção, que, ao que parece, é dispensada apenas em certa quantidade, que pode ter sido desviada do curso de pensamentos em questão por

outras metas. Outra maneira de esses pensamentos serem mantidos fora da consciência é a seguinte. Sabemos, por nossa reflexão consciente, que ao aplicar a atenção seguimos um caminho determinado. Se nesse caminho encontramos uma representação que não resiste à crítica, nós paramos; interrompemos o investimento da atenção. Ora, parece que o curso de pensamentos iniciado e abandonado pode continuar sem que a atenção se volte novamente para ele, se em algum ponto ele não atingir uma intensidade particularmente alta, que obrigue à atenção. Portanto, ser rejeitado de início, talvez com consciência, mediante o juízo de que é incorreto ou imprestável para os fins intelectuais imediatos, pode ser a causa para que um processo de pensamento prossiga, sem que a consciência o perceba, até o adormecimento.

Resumindo: denominamos *pré-consciente* esse curso de pensamento e consideramos que é perfeitamente correto, e que tanto pode ter sido apenas negligenciado como interrompido, suprimido. Vamos expor francamente de que modo imaginamos o curso das representações. Acreditamos que, a partir de uma representação com meta, determinada grandeza de excitação, que chamamos "energia de investimento", é deslocada ao longo das vias associativas escolhidas por essa representação com meta. Um curso de pensamentos "negligenciado" não recebeu esse investimento; e no caso de um "suprimido" ou "rejeitado", esse investimento foi retirado; ambos são abandonados às suas próprias excitações. Em determinadas condições, o curso de pensamentos investido com meta se torna capaz de atrair a atenção da consciência, e então recebe, por intermédio desta, um "sobreinvestimento". Mais adiante esclareceremos nossas hipóteses sobre a natureza e o funcionamento da consciência.

Um curso de pensamentos assim instigado no pré-consciente pode espontaneamente se apagar ou se manter. No primeiro caso, imaginamos que sua energia se difunde em todas as direções associativas que dele partem, colocando toda a corrente de pensamentos num estado de excitação, que dura um momento e depois se extingue à medida que a excitação que precisa ser descarregada se transforma em

investimento que descansa. Quando há esse desfecho, o processo já não importa para a formação do sonho. Mas em nosso pré-consciente outras representações com meta estão à espreita, que provêm das fontes dos nossos desejos inconscientes e sempre alertas. Estas podem se apropriar da excitação dentro do círculo dos pensamentos entregues a si mesmos, estabelecem a ligação entre ele e o desejo inconsciente, *transferem* para ele a energia própria do desejo inconsciente, e a partir de então o curso de pensamentos negligenciado ou reprimido está em condições de se manter, embora esse fortalecimento não lhe dê o direito de ingressar na consciência. Podemos dizer que o curso de pensamentos até então pré-consciente foi *arrastado para o inconsciente*.

Outras conjunturas que levam à formação do sonho seriam: o curso de pensamentos pré-conscientes estava ligado ao desejo inconsciente desde o início e, por isso, encontrou rejeição por parte do investimento com meta dominante, ou um desejo inconsciente se tornou ativo por outras razões (digamos, somáticas) e, ao não receber atenção, busca uma transferência para os restos psíquicos não investidos pelo *Pcs*, sem que estes lhe venham ao encontro. Todos os três casos convergem no resultado de que um curso de pensamentos nasce no pré-consciente e, abandonado pelo investimento pré-consciente, acha investimento pelo desejo inconsciente.

A partir de então, o curso de pensamentos sofre uma série de transformações que já não reconhecemos como processos psíquicos normais e que resultam em algo que nos espanta, uma formação psicopatológica. Vamos destacá-los e agrupá-los:

1) As intensidades das representações se tornam capazes de descarga em seu montante integral e passam de uma representação para a outra, de maneira que se formam representações dotadas de grande intensidade. Quando esse processo se repete várias vezes, a intensidade de toda a série de pensamentos pode ser reunida num único elemento de representação. É a *compressão* ou *condensação*, de que tomamos conhecimento durante o trabalho do sonho. Ela é a principal responsável pela impressão de estranheza do sonho, pois não se conhece algo que lhe seja análogo na vida psíquica normal e acessível à consciência. Nesta temos também

representações que, sendo pontos nodais ou resultados finais de cadeias inteiras de pensamentos, possuem grande importância psíquica, mas esse valor não se manifesta em nenhuma característica *compreensível*, patente para a percepção interna; por isso, o que nelas é representado não se torna mais intenso de maneira nenhuma. No processo de condensação, toda interconexão psíquica é transformada numa *intensidade* do conteúdo de representação. É o mesmo caso de quando, num livro, faço imprimir em itálico ou em negrito uma palavra a que atribuo um valor eminente para a compreensão do texto. Falando, eu enunciaria essa palavra em voz mais alta e mais lenta, enfatizando-a. A primeira analogia nos leva imediatamente a um exemplo tomado do trabalho do sonho (a palavra *trimetilamina* no sonho da injeção de Irma). Os historiadores da arte chamam nossa atenção para o fato de as mais antigas esculturas obedecerem a um princípio semelhante, ao expressar pelo tamanho da imagem a posição social das pessoas representadas. A figura do rei é duas ou três vezes maior que a de um cortesão ou de um inimigo derrotado. Uma obra do período romano emprega meios mais sutis para o mesmo fim. Ela situa o imperador no centro, em postura ereta, e o retrata com cuidado especial; põe os inimigos a seus pés, mas não o mostra como um gigante entre anões. Entre nós, a reverência do subordinado que se inclina ante o superior é, ainda hoje, um eco desse antigo princípio de representação.

A direção em que procedem as condensações do sonho é determinada, por um lado, pelas relações pré-conscientes corretas dos pensamentos oníricos e, por outro, pela atração das lembranças visuais no inconsciente. Como resultado, o trabalho de condensação alcança as intensidades requeridas para irromper nos sistemas perceptuais.

2) Devido à liberdade com que podem ser transferidas as intensidades, e a serviço da condensação, formam-se *representações intermediárias*, compromissos, por assim dizer (cf. os numerosos exemplos). De novo, algo inaudito no decurso normal das representações, em que importam sobretudo a seleção e conservação do elemento "certo" de representação. Mas formações mistas e compromissos ocorrem com

frequência extraordinária quando tentamos expressar na linguagem pensamentos pré-conscientes, e estes aparecem como tipos de "lapsos verbais".

3) As representações que transferem suas intensidades umas para as outras mantêm *relações bastante frouxas* entre si, são ligadas por esses tipos de associações que o nosso pensamento despreza e deixadas para o uso com efeito cômico. Especialmente as associações por homofonia e paronímia são tidas como de mesmo valor que as outras.

4) Pensamentos que se contradizem não procuram anular um ao outro, mas coexistem, muitas vezes se combinam em produtos de condensação, *como se não existisse contradição*, ou formam compromissos que jamais perdoaríamos em nosso pensamento, mas que aprovamos com frequência em nossos atos.

Esses seriam alguns dos processos anormais mais notáveis a que os pensamentos oníricos, antes formados racionalmente, são submetidos ao longo do trabalho do sonho. Percebe-se, como sua característica principal, que toda a ênfase é colocada em tornar a energia de investimento móvel e *capaz de se descarregar*; o conteúdo e o significado próprio dos elementos psíquicos a que se ligam esses investimentos são coisa secundária. Também se poderia achar que a condensação e a formação de compromissos ocorrem apenas a serviço da regressão, quando se trata de transformar pensamentos em imagens. No entanto, a análise — e mais ainda a síntese — dos sonhos que não têm a regressão para imagens, como o sonho "*Autodidasker* — conversa com o professor N.", revela os mesmos processos de deslocamento e condensação que os outros.

Assim, não podemos fugir à conclusão de que dois processos psíquicos essencialmente diferentes participam da formação do sonho. Um deles cria pensamentos oníricos absolutamente corretos, de valor igual ao pensamento normal; o outro lida com eles de modo surpreendente e incorreto. Já no capítulo VI distinguimos esse último como o trabalho do sonho propriamente. Que temos a dizer agora sobre a origem desse processo psíquico?

Não poderíamos dar uma resposta se já não tivéssemos nos aprofundado um tanto na psicologia das neuroses, especialmente da histeria. Mas esta nos ensina que os mesmos processos psíquicos incorretos — e outros não mencionados aqui — dominam a produção dos sintomas histéricos. Também na histeria encontramos uma série de pensamentos totalmente corretos, de valor igual aos nossos pensamentos conscientes, mas de cuja existência nessa forma nada podemos saber de início, que apenas posteriormente reconstruímos. Quando, em algum ponto, eles conseguem se mostrar à nossa percepção, pela análise do sintoma formado vemos que esses pensamentos normais sofreram um tratamento anormal e *foram transpostos para o sintoma por meio da condensação, da formação de compromisso, através de associações superficiais, pelo encobrimento das contradições e, eventualmente, pela via da regressão*. Com a identidade plena entre as peculiaridades do trabalho do sonho e da atividade psíquica, que termina em sintomas psiconeuróticos, consideramo-nos justificados em transferir para o sonho as conclusões que a histeria nos impõe.

Da teoria da histeria tomamos a tese de que *essa elaboração psíquica anormal de um curso de pensamentos normal ocorre apenas quando este se tornou a transferência de um desejo inconsciente de origem infantil e que se acha reprimido*. Conforme essa tese construímos a teoria do sonho, sobre a hipótese de que o desejo impulsionador do sonho sempre vem do inconsciente, algo que, como nós mesmos admitimos, não pode ser demonstrado, mas tampouco refutado de maneira geral. Mas, para que possamos dizer o que é essa "*repressão*", termo que já empregamos tantas vezes, temos de prosseguir na nossa construção psicológica.

Nós nos aprofundamos na ficção de um aparelho psíquico primitivo, cujo trabalho é regulado pelo esforço de evitar acúmulos de excitação e manter-se livre de excitações o máximo possível. Por isso ele foi construído segundo o esquema de um aparelho reflexo; a motilidade, primeiramente um meio para a mudança interna do corpo, era a via de descarga de que dispunha. Depois abordamos as consequências psíquicas de uma experiência de satisfação, e nisso já podíamos introduzir a segunda

hipótese, a de que o acúmulo de excitação — conforme certas modalidades que não nos interessam — é sentido como desprazer e põe o aparelho em atividade para novamente produzir o resultado de satisfação, em que a diminuição da excitação é sentida como prazer. Chamamos desejo essa corrente que no aparelho, partindo do desprazer, visa ao prazer; dissemos que nada senão um desejo é capaz de pôr o aparelho em movimento, e que nele o curso da excitação é regulado automaticamente pelas percepções de prazer e desprazer. O primeiro desejo deve ter sido um investimento alucinatório da lembrança da satisfação. Mas essa alucinação, se não devia ser mantida até o esgotamento, revelou-se incapaz de produzir a cessação da necessidade, ou seja, o prazer ligado à satisfação.

Assim, tornou-se necessária uma segunda atividade — em nossa linguagem, a atividade de um segundo sistema — que não permita que o investimento da lembrança avance até a percepção e desde lá vincule as forças psíquicas, mas conduza a excitação proveniente da necessidade por um rodeio que enfim, por meio da motilidade voluntária, altere o mundo externo de maneira tal que possa haver uma percepção real do objeto de satisfação. Até esse ponto desenvolvemos o esquema do aparelho psíquico; os dois sistemas são o germe daquilo que designamos como *Ics* e *Pcs* no aparelho completamente formado.

Para modificar adequadamente o mundo externo através da motilidade, é preciso que haja a acumulação de grande número de experiências nos sistemas mnêmicos e uma múltipla fixação das relações provocadas por diferentes representações com meta nesse material mnêmico. Agora vamos adiante com nossas hipóteses. A atividade do segundo sistema, que procede por sondagens, enviando e recolhendo investimentos, precisa, por um lado, dispor livremente de todo o material de lembranças; por outro, seria um dispêndio inútil se ela enviasse grandes quantidades de investimento pelas diversas vias de pensamento, que dispersariam inadequadamente e diminuiriam a quantidade necessária para a transformação do mundo externo. Assim, tendo em conta a adequação aos fins, postulo que o segundo sistema consegue manter a maior parte dos investimentos de energia em repouso,

utilizando uma parte menor para o deslocamento. O mecanismo desses processos me é desconhecido; se alguém quisesse estudar essas ideias a fundo, teria de buscar as analogias físicas para eles e achar uma forma de entender os movimentos que acompanham a excitação neuronal. Atenho-me apenas à noção de que a atividade do primeiro sistema ψ é dirigida para a *livre descarga das quantidades de excitação*, e que o segundo sistema, por meio dos investimentos que partem dele, obtém uma *inibição* dessa descarga, uma transformação em investimento quieto, provavelmente com elevação do nível. Suponho, então, que sob o domínio do segundo sistema o decurso da excitação é vinculado a condições mecânicas bem diferentes daquelas vigentes sob o domínio do primeiro. Quando o segundo sistema conclui seu trabalho de pensamento exploratório, ele cessa também a inibição e represamento das excitações e permite sua descarga na motilidade.

Obtemos reflexões interessantes ao considerar as relações entre essa inibição de descarga pelo segundo sistema e a regulação pelo princípio do desprazer.[t] Tomemos a contrapartida da vivência de satisfação primária: *a vivência externa do susto*. Digamos que um estímulo perceptual incide sobre o aparelho primitivo; esse estímulo é a fonte de uma excitação dolorosa. Ocorrerão então manifestações motoras desordenadas, até que uma delas subtrai o aparelho da percepção e, ao mesmo tempo, da dor, e, havendo de novo a percepção, ela é repetida de imediato (por exemplo, como movimento de fuga), até a percepção desaparecer novamente. Mas não restará nenhuma tendência a investir de novo a percepção da fonte da dor, de maneira alucinatória ou de qualquer outra forma. Pelo contrário, no aparelho primário subsistirá a tendência de abandonar novamente a imagem mnêmica penosa, caso ela venha a ser despertada, pois o transbordamento de sua excitação para a percepção provocaria (mais precisamente: começaria a provocar) desprazer. O afastamento da lembrança, que é apenas uma repetição da anterior fuga da percepção, é facilitado pelo fato de que a lembrança, diferentemente da percepção, não possui a qualidade suficiente para excitar a consciência e, assim, atrair para si um novo investimento. Esse afastamento regular e fácil do processo psíquico ante a

lembrança do que foi penoso nos fornece o modelo e o primeiro exemplo da *repressão psíquica*. Sabe-se o quanto desse afastamento do que é penoso, dessa tática do avestruz, ainda pode ser observado na vida psíquica normal do adulto.

De acordo com o princípio do desprazer, então, o primeiro sistema ψ é totalmente incapaz de introduzir algo desagradável no contexto de seus pensamentos. O sistema não pode senão desejar. Se isso permanecesse assim, o trabalho de pensamento do segundo sistema seria obstruído, pois ele precisa dispor de todas as lembranças depositadas na experiência. Dois caminhos se abrem: ou o trabalho do segundo sistema se livra completamente do princípio do desprazer, continuando seu caminho sem se preocupar com o desprazer das lembranças, ou acha um meio de investir a lembrança desprazerosa de modo tal que a liberação do desprazer é evitada. Podemos rejeitar a primeira possibilidade, pois o princípio do desprazer funciona também como regulador do curso da excitação no segundo sistema; isso nos remete à segunda possibilidade, conforme a qual esse sistema investe uma lembrança de modo que ela inibe a descarga — também a descarga, comparável à inervação motora, na direção do desenvolvimento do desprazer. Assim, de dois pontos de partida diferentes somos levados à hipótese de que o investimento pelo segundo sistema representa simultaneamente uma inibição da descarga da excitação: da consideração pelo princípio do desprazer e do princípio do menor dispêndio de inervação. Mas retenhamos, pois é a chave da teoria da repressão, que *o segundo sistema só pode investir uma representação se for capaz de inibir o desenvolvimento de desprazer que parte dela*. O que se esquivasse a essa inibição permaneceria inacessível também ao segundo sistema e logo seria abandonado, conforme o princípio do desprazer. No entanto, a inibição do desprazer não precisa ser total; um início de desprazer tem de ser permitido, pois informa ao segundo sistema a natureza da lembrança e sua eventual inaptidão para o objetivo buscado pelo pensamento.

Ao processo psíquico que apenas o primeiro sistema admite chamarei *processo primário*; àquele que resulta da inibição imposta pelo segundo chamarei *processo secundário*. Posso dar ainda outra indicação da finalidade que faz o segundo sistema

corrigir o processo primário. O processo primário visa a descarga da excitação, a fim de, com a quantidade de excitação assim reunida, produzir uma *identidade de percepção* [com a vivência da satisfação]; o processo secundário abandonou essa intenção e a substituiu por outra, a de alcançar uma *identidade de pensamento* [com aquela vivência]. Todo o pensamento é apenas um rodeio, da lembrança da satisfação, tomada como representação com meta, ao investimento idêntico dessa mesma lembrança, que deve ser novamente alcançada pela via das experiências motoras. O pensamento tem de se interessar pelas vias de ligação entre as representações, sem se deixar confundir pelas intensidades destas. Mas é claro que as condensações de representações, assim como as formações intermediárias e de compromisso, dificultam a obtenção dessa identidade buscada; ao substituírem uma representação por outra, desviam do caminho que teria sido seguido pela primeira. Portanto, tais processos são cuidadosamente evitados no pensamento secundário. Também não é difícil ver que o princípio do desprazer, que de outro modo oferece pontos de apoio importantes ao processo de pensamento, também lhe coloca obstáculos na busca da identidade de pensamento. A tendência do pensamento, portanto, tem de ser libertar-se cada vez mais da regulação exclusiva pelo princípio do desprazer e restringir o desenvolvimento de afetos pelo trabalho do pensamento a um mínimo ainda utilizável como sinal. Esse refinamento do desempenho deve ser obtido por meio de um novo sobreinvestimento, proporcionado pela consciência. Mas sabemos que mesmo na vida psíquica normal isso raramente se consegue por inteiro, e que o nosso pensamento é sempre suscetível de falseamento por intervenção do princípio do desprazer.

Mas não é essa a lacuna na eficiência funcional do nosso aparelho psíquico que permite que pensamentos representados como resultantes do trabalho do pensamento secundário se submetam ao processo psíquico primário — fórmula com que agora podemos descrever o trabalho que conduz ao sonho e aos sintomas histéricos. A insuficiência resulta da conjunção de dois fatores da nossa história

evolutiva, um dos quais toca inteiramente ao aparelho psíquico e exerceu influência decisiva na relação entre os dois sistemas, enquanto o outro vigora em medida variável e introduz forças motrizes de origem orgânica na vida psíquica. Os dois se originam na infância e atestam a mudança que nosso organismo psíquico e somático sofreu desde a época infantil.

Se denominei *primário* um dos processos psíquicos do aparelho psíquico, não o fiz apenas considerando a hierarquia e o desempenho, mas também a ordem cronológica. Pelo que sabemos, um aparelho psíquico dotado apenas do processo primário não existe e é, portanto, uma ficção teórica; mas é fato que os processos primários se acham nele desde o início, enquanto os secundários se desenvolvem gradualmente, ao longo da vida, inibindo e sobrepondo-se aos primários, e talvez alcancem o pleno domínio sobre estes apenas no auge da vida. Devido a essa ocorrência tardia dos processos secundários, o núcleo do nosso ser, que consiste em impulsos de desejos inconscientes, permanece inacessível à apreensão e inibição por parte do pré-consciente, cujo papel se limita, de uma vez por todas, a indicar aos impulsos de desejo provenientes do inconsciente os caminhos mais adequados. Esses desejos inconscientes representam, para todos os esforços psíquicos posteriores, uma coerção a que têm de se submeter e que podem tentar desviar e dirigir para metas mais elevadas. Também devido a essa ocorrência tardia, grande parte do material mnêmico permanece refratária ao investimento pré-consciente.

Entre esses impulsos de desejo de origem infantil, que não podem ser destruídos nem inibidos, acham-se também aqueles cuja realização estaria em contradição com as representações com meta do pensamento secundário. A realização desses desejos já não suscitaria um sentimento de prazer, mas de desprazer, e *justamente essa transformação do afeto constitui a essência daquilo que denominamos "repressão"*. De que modo, por meio de quais forças motrizes pode se dar essa transformação — nisso está o problema da repressão, no qual só precisamos tocar aqui. Basta retermos que essa transformação de afetos ocorre ao longo do desenvolvimento (lembremos do surgimento do nojo, que falta inicialmente na vida infantil) e que está ligada à

atividade do sistema secundário. As lembranças a partir das quais o desejo provoca a liberação de afetos não eram jamais acessíveis ao *Pcs*; por isso a liberação dos afetos relativos a elas não pode ser inibida. É também por causa desse desenvolvimento de afetos que essas representações não são acessíveis a partir dos pensamentos pré-conscientes para os quais elas transferiram sua força de desejo. O princípio do desprazer entra em vigor e faz com que o *Pcs* se afaste desses pensamentos de transferência. Estes são entregues a si mesmos, "reprimidos", e assim a existência de um patrimônio de lembranças infantis, desde o começo subtraído ao *Pcs*, torna-se precondição para a repressão.

No caso mais favorável, o desenvolvimento de desprazer cessa quando o investimento é retirado dos pensamentos de transferência no *Pcs*, e esse resultado caracteriza a intervenção do princípio do desprazer como adequada. Mas é diferente quando o desejo inconsciente reprimido sofre um fortalecimento orgânico que pode emprestar aos seus pensamentos de transferência, e assim dar-lhes condições de tentar irromper [na consciência] com sua excitação, mesmo que tenham sido abandonados pelo investimento do *Pcs*. Segue-se então uma luta defensiva, pois o *Pcs* reforça a oposição aos pensamentos reprimidos (contrainvestimento) e depois há a irrupção dos pensamentos de transferência, que são portadores do desejo inconsciente, em alguma forma de compromisso, através da formação de sintomas. Mas, a partir do instante em que os pensamentos reprimidos são fortemente investidos pela excitação de desejo inconsciente e, por outro lado, abandonados pelo investimento pré-consciente, eles estão sujeitos ao processo psíquico primário, visam apenas à descarga motora ou, caso o caminho esteja livre, ao reavivamento alucinatório da identidade de percepção desejada. Já vimos, empiricamente, que os processos incorretos descritos apenas ocorrem com pensamentos que se acham em repressão. Agora compreendemos mais uma parte dessas relações. Esses processos incorretos são aqueles *primários* do aparelho psíquico. Eles aparecem sempre que representações abandonadas pelo investimento pré-consciente são entregues a si mesmas e podem se encher com a energia do inconsciente não inibida, que busca

descarga. Algumas outras observações vêm apoiar a concepção de que esses processos denominados incorretos não são realmente falseamentos dos processos normais — erros de pensamento —, mas modos de trabalho do aparelho psíquico libertos de uma inibição. Vemos, assim, que a transição da excitação pré-consciente para a motilidade ocorre segundo os mesmos processos, e que a vinculação das representações pré-conscientes a palavras mostra facilmente os mesmos deslocamentos e misturas atribuídos à desatenção. Por fim, uma prova de que o aumento de trabalho se torna necessário quando há inibição desses modos de funcionamento primários estaria no fato de que obtemos um efeito *cômico*, um excesso [de energia] que se descarrega na risada, *quando deixamos que eles penetrem na consciência*.

A teoria das psiconeuroses afirma, com absoluta segurança, que apenas os desejos sexuais de origem infantil que experimentaram repressão (transformação do afeto) nos períodos de desenvolvimento da infância são capazes de sofrer renovação em períodos de desenvolvimento posteriores, seja devido à constituição sexual, que se forma a partir da bissexualidade original, seja devido a influências desfavoráveis na vida sexual, e assim fornece as forças motrizes para toda formação de sintoma psiconeurótico. Apenas a introdução dessas forças sexuais pode preencher as lacunas ainda existentes na teoria da repressão. Se os fatores sexual e infantil são um requisito também na teoria do sonho é algo que deixarei em aberto; deixo essa teoria incompleta nesse ponto, pois já fui além do que pode ser provado ao supor que o desejo do sonho sempre tem origem no inconsciente.[32] Também não investigarei mais a fundo a diferença entre o jogo das forças psíquicas na formação do sonho e na formação dos sintomas histéricos, pois falta-nos aqui um conhecimento mais preciso de um dos dois objetos da comparação. Mas há outro ponto a que dou importância, e confesso que apenas por causa dele incluí todas as discussões sobre os dois sistemas psíquicos, seus modos de trabalho e a repressão. Pois a questão não é se compreendi os fatores psicológicos de forma aproximadamente correta ou, como é bem possível

em coisas tão difíceis, de forma distorcida e incompleta. Como quer que possa variar a interpretação da censura psíquica, das elaborações correta e anormal do conteúdo do sonho, permanece válido que processos desse tipo agem na formação do sonho e que, no essencial, apresentam a maior analogia com os processos notados na formação de sintomas histéricos. Mas o sonho não é um fenômeno patológico; ele não pressupõe um transtorno do equilíbrio psíquico; não causa um enfraquecimento do desempenho. Creio que a objeção de que meus sonhos e os sonhos dos meus pacientes neuróticos não permitiriam inferências sobre os sonhos de pessoas saudáveis pode ser refutada sem maiores considerações. Se a partir dos fenômenos inferimos as suas forças motrizes, vemos que o mecanismo psíquico de que se serve a neurose já existe na estrutura normal do aparelho psíquico; não é criado por um distúrbio patológico que acomete a vida psíquica. Os dois sistemas psíquicos, a censura na passagem de um para outro, a inibição e a sobreposição de uma atividade pela outra, as relações dos dois com a consciência — ou aquilo que uma interpretação mais certa das condições reais possa revelar em seu lugar —, tudo isso pertence à estrutura normal do nosso instrumento psíquico, e o sonho nos mostra um dos caminhos que levam ao conhecimento dessa estrutura. Se quisermos nos contentar com um mínimo de acréscimo de conhecimento inteiramente seguro, podemos dizer que o sonho prova que *o que é suprimido continua a existir também na pessoa normal e permanece capaz de desempenho psíquico*. O próprio sonho é uma das manifestações desse material suprimido; na teoria, ele é isso em todos os casos; na observação empírica, pelo menos em grande número de casos, que exibem da forma mais clara as características mais notáveis da vida onírica. O que foi psiquicamente suprimido, que na vida de vigília teve sua expressão impedida pela *eliminação mútua das contradições* e foi cortado da percepção interna, encontra na vida noturna, e sob o domínio das formações de compromisso, meios e caminhos para se impor à consciência.

Flectere si nequeo superos, Acheronta movebo.[u]

A interpretação dos sonhos é a via regia [estrada real] *para o conhecimento do inconsciente na vida psíquica*.[v]

Analisando sonhos, avançamos um pouco mais no entendimento da composição desse instrumento, o mais maravilhoso e mais misterioso de todos; apenas um pouco, é verdade, mas significa um começo para, a partir de outras formações — que devem ser chamadas patológicas —, progredir em sua dissecação. Pois as doenças — pelo menos aquelas corretamente chamadas funcionais — não têm como pressuposto a destruição desse aparelho, o estabelecimento de novas divisões em seu interior; elas devem ser explicadas de modo *dinâmico*, pelo fortalecimento e enfraquecimento dos vários componentes do jogo de forças do qual tantos efeitos permanecem ocultos durante a função normal. Em outro lugar poderemos mostrar como o fato de o aparelho ser composto dessas duas instâncias também permite um refinamento do desempenho normal, que seria impossível com apenas uma.[33]

F. O INCONSCIENTE E A CONSCIÊNCIA — A REALIDADE

Se olharmos mais detidamente, o que a discussão psicológica dos capítulos precedentes nos levou a admitir não é a existência de *dois sistemas* próximos da extremidade motora do aparelho, mas a de *dois processos ou modos de descarga da excitação*. Para nós não faria diferença, pois sempre devemos estar prontos para abandonar nossas representações auxiliares,[w] se acreditamos estar em condição de substituí-las por algo que mais se aproxime da realidade desconhecida. Procuremos agora retificar algumas concepções que puderam se formar equivocadamente, enquanto vimos os dois sistemas, no sentido mais literal e cru, como duas localidades no interior do aparelho psíquico, concepções estas que deixaram sua marca nas expressões "reprimir" [*verdrängen*, literalmente "desalojar, deslocar"] e "penetrar" [*durchdringen*]. Quando afirmamos que um pensamento inconsciente busca ser traduzido para o pré-consciente, para então penetrar na consciência, não queremos dizer que será formado um segundo pensamento, situado em novo lugar, como uma transcrição ao lado da qual continua a existir o pensamento original; e também no que toca à penetração na consciência queremos evitar cuidadosamente qualquer ideia de uma mudança de local. Quando dizemos que um pensamento pré-consciente é reprimido e depois acolhido no inconsciente, essas imagens, tomadas do âmbito da luta por um território, podem nos levar a supor que em certo local psíquico uma ordenação é realmente dissolvida e substituída por uma nova em outro local. Em vez dessas analogias, utilizemos algo que parece corresponder melhor ao estado de coisas real; digamos que um investimento de energia é colocado em determinada ordenação ou dela retirado, de modo que a estrutura psíquica cai sob o domínio de uma instância ou a ela se subtrai. Nisso substituímos, mais uma vez, um modo de representação topológico por um dinâmico; o que nos aparece como móvel não é a estrutura psíquica, mas sua inervação.[34]

Não obstante, acho adequado e legítimo continuar usando a concepção figurativa dos dois sistemas. Podemos evitar um possível abuso desse modo de apresentação se lembrarmos que representações, pensamentos, formações psíquicas em geral não devem jamais ser localizados em elementos orgânicos do sistema nervoso, e sim, digamos, *entre eles*, onde resistências e vias facilitadas formam seus correlatos. Tudo o que pode ser objeto de nossa percepção interna é *virtual*, como a imagem produzida no telescópio pela passagem dos raios de luz. Mas é legítimo supor a existência dos sistemas, que em si não são nada psíquicos e jamais se tornam acessíveis à nossa percepção psíquica, como as lentes do telescópio que lançam a imagem. Prosseguindo nessa analogia, a censura entre os dois sistemas corresponderia à refração dos raios, na passagem para um novo meio.

Até agora fizemos psicologia por conta própria; é hora de ver as teorias dominantes na psicologia atual e examinar como elas se relacionam com nossas concepções. O problema do inconsciente na psicologia não é, na vigorosa afirmação de Lipps (1897), *uma* questão psicológica, mas *a* questão da psicologia. Enquanto a psicologia liquidava essa questão declarando que "psíquico" significava "consciente" e que "processos psíquicos inconscientes" nada mais eram que uma evidente insensatez, estava excluída uma apreciação psicológica das observações que um médico podia fazer sobre estados psíquicos anormais. O médico e o filósofo só podem se encontrar quando os dois reconhecem que os processos psíquicos inconscientes são "a expressão adequada e justificada de um fato estabelecido". O médico não pode senão rejeitar, encolhendo os ombros, a afirmação de que "a consciência é a característica indispensável do psíquico" e, se ainda respeita as declarações dos filósofos, supor que eles tratam do mesmo objeto e não praticam a mesma ciência. Pois basta uma única observação compreensiva da psique de um neurótico, uma única análise de sonho, para lhe deixar a convicção inabalável de que os mais complicados e mais corretos processos de pensamento, aos quais se negaria o nome de processos psíquicos, podem ocorrer sem excitar a consciência da pessoa.[35] É certo que o

médico não pode ter conhecimento desses processos inconscientes antes que eles produzam na consciência um efeito que permita comunicação ou observação. Mas esse efeito consciente pode apresentar um caráter psíquico muito diferente do processo inconsciente, de modo que a percepção interna não reconhece um como substituto do outro. O médico precisa se reservar o direito de, mediante um *processo de inferência*, avançar do efeito consciente ao processo psíquico inconsciente; assim ele vem a saber que o efeito consciente é apenas um distante efeito psíquico do processo inconsciente, e que este não se tornou consciente como tal e, além disso, estava presente e atuante sem se revelar de algum modo à consciência.

Reverter a superestimação do atributo da consciência torna-se a precondição indispensável para toda compreensão certa do desenrolar das coisas psíquicas. Nas palavras de Lipps [1897, pp. 146 ss.], o inconsciente tem de ser visto como a base geral de toda vida psíquica. O inconsciente é o círculo maior que encerra em si mesmo o círculo menor do consciente; tudo consciente tem uma fase preliminar inconsciente, enquanto o inconsciente pode permanecer nessa fase e, contudo, reivindicar o valor pleno de uma atividade psíquica. O inconsciente é a verdadeira realidade psíquica, *tão desconhecido para nós, em sua natureza íntima, quanto a realidade do mundo externo, e nos é apresentado de modo tão incompleto pelos dados da consciência quanto o mundo externo pelas indicações de nossos sentidos*.

Se a velha oposição entre vida consciente e vida onírica é inutilizada pela inserção do psíquico inconsciente no lugar que lhe cabe, são eliminados vários problemas relativos ao sonho que ocuparam bastante os estudiosos anteriores. Assim, algumas atividades, cujo desempenho no sonho causava espanto, agora já não devem ser atribuídas ao sonho, mas ao pensamento inconsciente que opera também durante o dia. Se o sonho, como afirma Scherner [1861, pp. 114-5], parece brincar com uma representação simbólica do corpo, sabemos agora que isso é produto de determinadas fantasias inconscientes, que provavelmente obedecem a impulsos sexuais, e que se expressam não apenas nos sonhos, mas também nas fobias histéricas e em outros sintomas. Se o sonho prossegue e conclui trabalhos do dia e até mesmo

traz ideias valiosas, precisamos apenas retirar-lhe o disfarce onírico, que é produto do trabalho do sonho e sinal da colaboração de poderes obscuros das profundezas da psique (cf. o Diabo no sonho da sonata, de Tartini).[x] A operação intelectual se deve às mesmas forças psíquicas que realizam tais operações durante o dia. Nós tendemos, provavelmente, a superestimar em grande medida o caráter consciente da produção intelectual e artística também. Conforme os relatos que temos de alguns indivíduos altamente produtivos, como Goethe e Helmholtz, o que há de essencial e novo em suas criações lhes ocorreu de modo espontâneo e chegou praticamente completo à sua percepção. Não é nada surpreendente que haja a cooperação da atividade consciente em outros casos, em que houve um empenho de todas as forças do espírito. Mas é um privilégio da atividade consciente, do qual muito se abusa, o fato de poder encobrir as outras atividades onde quer que atue.

Dificilmente vale a pena apresentar a importância histórica do sonho como um tema à parte. Quando, por exemplo, um sonho fez com que um chefe guerreiro realizasse um empreendimento ousado, cujo êxito provocou uma mudança histórica, isso traz um problema novo apenas enquanto o sonho é visto como um poder estranho, em oposição a outras forças psíquicas mais familiares; não mais quando ele é considerado uma *forma de expressão* de impulsos que durante o dia se achavam sob o peso de uma resistência e que à noite obtêm reforço de fontes de excitações mais profundas.[36] O respeito dos antigos pelo sonho, porém, é uma homenagem, baseada numa intuição psicológica correta, ao que é indomável e indestrutível na alma humana, ao *demoníaco*,[y] que proporciona o desejo do sonho e que reencontramos em nosso inconsciente.

É de forma deliberada que digo "*em nosso inconsciente*", pois o que assim chamamos não é o mesmo que o inconsciente dos filósofos, nem o inconsciente em Lipps. Para aqueles, o inconsciente deve designar meramente o oposto do consciente; a noção de que existem, além dos processos conscientes, também processos psíquicos inconscientes é um entendimento bastante contestado e

energicamente defendido. Lipps vai além, com a tese segundo a qual tudo que é psíquico existe na forma inconsciente; em parte, também na forma consciente. Mas não foi para demonstrar *essa* tese que recorremos aos fenômenos do sonho e da formação de sintomas histéricos; a observação da vida diurna normal já bastaria para comprovar isso fora de qualquer dúvida. O que a análise das formações psicopatológicas nos ensina, já na primeira delas, o sonho, é que o inconsciente — ou seja, o psíquico — se apresenta como função de dois sistemas separados, e isso já na vida psíquica normal. Existem, portanto, *dois tipos de inconsciente*, que os psicólogos ainda não distinguiram. Os dois são inconscientes no sentido da psicologia; para nós, no entanto, aquele que chamamos *Ics* é *incapaz de chegar à consciência*, enquanto o outro, o *Pcs*, assim o chamamos porque suas excitações podem alcançar a consciência — embora respeitando certas regras e talvez somente após superar uma nova censura, mas sem consideração pelo sistema *Ics*. O fato de as excitações, a fim de chegar à consciência, terem de passar por uma sequência imutável de instâncias, que nos foi revelada pelas mudanças nelas feitas pela censura, nos serviu para estabelecer uma analogia espacial. Descrevemos as relações dos dois sistemas entre si e com a consciência, afirmando que o sistema *Pcs* se acha entre o sistema *Ics* e a consciência como uma tela. O sistema *Pcs* não só obstrui o acesso à consciência, ele domina também o acesso à motilidade voluntária e pode enviar uma energia de investimento móvel, da qual uma parte nos é familiar na forma de atenção.[37]

Devemos evitar igualmente a distinção entre *consciência superior* e *consciência inferior*, tão favorecida na literatura recente sobre as psiconeuroses, pois ela parece enfatizar justamente a equiparação do psíquico com o consciente.

Que papel sobra, em nossa exposição, para a outrora todo-poderosa consciência, que encobria todo o resto? Ela nada mais é do que um órgão sensorial para a percepção de qualidades psíquicas. Conforme o pensamento básico de nosso esquema, podemos compreender a percepção consciente apenas como a função própria de um

sistema especial, para o qual se recomenda a abreviatura *Cs*. Em suas características mecânicas, imaginamos esse sistema como semelhante aos sistemas de percepção *Pcp*, ou seja, suscetível a excitações por qualidades e incapaz de preservar traços de modificações, isto é, sem memória. O aparelho psíquico, voltado para o mundo externo com o órgão sensorial dos sistemas *Pcp*, é ele próprio mundo externo para o órgão sensorial do *Cs*, que tem sua justificação teleológica nessa relação. Uma vez mais encontramos aqui o princípio do itinerário das instâncias, que parece governar a estrutura do aparelho. O material de excitações aflui para o órgão sensorial do *Cs* de dois lados: do sistema *Pcp*, cuja excitação, determinada pelas qualidades, provavelmente passa por nova elaboração antes de se tornar sensação consciente, e do interior do próprio aparelho, cujos processos quantitativos são sentidos, ao alcançarem determinadas modificações, como série de qualidades de prazer e desprazer.

Os filósofos que perceberam que formações de pensamentos exatas e altamente complexas são possíveis também sem a participação da consciência se viram em dificuldades para atribuir uma função à consciência; ela lhes pareceu um reflexo desnecessário do processo psíquico terminado. A analogia do nosso sistema *Cs* com os sistemas de percepção nos poupa esse embaraço. Vemos que a percepção por nossos órgãos sensoriais tem a consequência de guiar o investimento da atenção pelas vias em que se propaga a excitação sensorial que chega; a excitação qualitativa do sistema *Pcp* serve como regulador da descarga da quantidade móvel no aparelho psíquico. Podemos reivindicar a mesma função para o órgão sensorial que fica em cima no sistema *Cons*. Ao perceber qualidades novas, ele faz uma contribuição nova para o direcionamento e a distribuição adequada das quantidades móveis de investimento. Mediante a percepção de prazer e desprazer, ele influencia o curso dos investimentos no interior do aparelho psíquico, que, de outro modo, trabalha inconscientemente e com deslocamentos de quantidades. É provável que, de início, o princípio do desprazer regule de forma automática os deslocamentos do investimento; mas é também possível que a consciência dessas qualidades acrescente

uma segunda regulação mais sutil, que pode até se opor à primeira e aperfeiçoar o desempenho do aparelho, habilitando-o, contrariamente à sua disposição original, a submeter ao investimento e à elaboração também o que está vinculado à liberação de desprazer. A psicologia das neuroses nos ensina que essas regulações pela excitação qualitativa dos órgãos sensoriais têm um papel importante na atividade funcional do aparelho. O domínio automático do princípio primário do desprazer e a consequente restrição do desempenho são interrompidos pelas regulações sensíveis, que são elas mesmas automatismos. Vemos que a repressão, originalmente adequada, mas que afinal resulta em nocivo abandono da inibição e do controle psíquico, atinge muito mais facilmente lembranças do que percepções, porque nas lembranças não há maior investimento pela excitação dos órgãos sensoriais psíquicos. Se, por um lado, um pensamento a ser afastado não chega à consciência porque foi submetido à repressão, outras vezes ele só pode ser reprimido porque foi subtraído à percepção da consciência por outras razões. A terapia se utiliza dessas indicações para reverter repressões já efetuadas.

Do ponto de vista teleológico, nada demonstra melhor o valor do superinvestimento estabelecido nas quantidades móveis pela influência reguladora do órgão sensorial do *Cs* do que a criação de uma nova série de qualidades e, portanto, de uma nova regulação, que constitui a prerrogativa do ser humano em relação aos animais. Pois os processos de pensamento em si são desprovidos de qualidade, salvo as excitações de prazer e desprazer que os acompanham e que devem ser refreadas como possível perturbação do pensamento. Para conferir-lhes uma qualidade, o ser humano os associa às lembranças verbais, cujos resíduos de qualidade bastam para atrair a atenção da consciência e, a partir dela, dirigir para o pensamento um novo investimento móvel.

Podemos nos dar conta da multiplicidade dos problemas da consciência apenas com a análise dos processos de pensamento histéricos. Então fica-nos a impressão de que também a passagem do investimento pré-consciente para o consciente está ligada a uma censura, de modo semelhante à censura entre *Ics* e *Pcs*. E essa censura

só age a partir de certo limite quantitativo, de modo que lhe escapam as formações de pensamento menos intensas. Acham-se reunidos no âmbito dos fenômenos psiconeuróticos todos os casos em que algo é impedido de chegar à consciência ou em que nela penetra com restrições. Todos eles remetem à relação íntima e recíproca entre censura e consciência. Quero encerrar estas reflexões psicológicas com o relato de dois exemplos desses.

No ano passado atendi, com outro médico, uma moça de olhar inteligente e desenvolto. Ela estava vestida de modo surpreendente. Em geral as mulheres cuidam dos mínimos detalhes de seu vestuário, mas uma de suas meias estava solta e dois botões da blusa estavam abertos. Ela se queixou de dores numa perna e, sem que solicitassem, mostrou uma panturrilha. Mas sua queixa principal era esta: sentia como se algo estivesse *espetado dentro* de seu corpo, algo que *se mexia para lá e para cá* e a fazia *estremecer* completamente. Às vezes, seu corpo inteiro ficava como que *rígido*. Meu colega me lança um olhar; a queixa lhe parece inequívoca. Mas nós dois estranhamos que a mãe da paciente nada perceba; ela certamente conhece a situação que a filha descreve. A moça não tinha ideia do alcance do que falava; de outro modo não teria dito aquilo. Nesse caso, conseguiu-se aparar a censura de maneira tal que uma fantasia que permaneceria no pré-consciente foi admitida na consciência como algo inocente, sob o disfarce de uma queixa.

Outro exemplo. Começo o tratamento psicanalítico de um garoto de catorze anos de idade, que sofre de *tic convulsif*, vômitos histéricos, dores de cabeça etc., pedindo que feche os olhos e me comunique as imagens ou ideias que lhe vierem à mente. Ele responde com imagens. A última impressão que teve, antes de vir me encontrar, reaparece visualmente em sua lembrança. Ele jogou um jogo de tabuleiro com o tio, e agora vê esse tabuleiro à sua frente. Reflete sobre posições mais ou menos favoráveis e coisas que não se deve fazer. Então vê uma adaga sobre o tabuleiro, um objeto que pertence a seu pai, mas que sua fantasia transporta para o tabuleiro. Depois há uma foicinha, à qual se junta uma foice, e então aparece a imagem de um velho camponês que, com a foice, corta a grama em frente à distante casa da família.

Após alguns dias, compreendo essa sequência de imagens. Uma situação familiar infeliz perturbava o garoto. Um pai duro e colérico, que vivia em discórdia com a mãe e cujos métodos educacionais consistiam em ameaças; a separação entre o pai e a mãe terna e carinhosa; o segundo casamento do pai, que um dia levou para casa uma jovem mulher que seria a nova mãe. Poucos dias depois surgiu a doença do garoto. É a raiva suprimida contra o pai que reúne essas imagens, em alusões compreensíveis. O material contém reminiscências da mitologia. A foicinha é a mesma com a qual Zeus castrou o pai; a foice e a imagem do camponês representam Cronos, o velho violento que devora os filhos, do qual Zeus se vinga de modo nada filial. O casamento do pai foi uma oportunidade de lhe devolver as repreensões e ameaças que o menino ouvira dele no passado, por ter *brincado* [*spielen*, que também significa "jogar"] com seus órgãos genitais (o tabuleiro; as coisas proibidas; a adaga, com que se pode matar). São lembranças há muito reprimidas e seus derivados que permaneceram inconscientes que entram furtivamente na consciência, como imagens que *parecem sem sentido*, pela via indireta que lhes foi aberta.

Portanto, eu buscaria o valor teórico do estudo do sonho nas contribuições ao conhecimento psicológico e na preparação para o entendimento das psiconeuroses. Quem consegue imaginar a importância que pode vir a ter uma boa familiaridade com a estrutura e as funções do aparelho psíquico, se já nosso conhecimento atual nos permite exercer uma influência terapêutica favorável sobre as formas curáveis das psiconeuroses? Qual o valor prático desse estudo, perguntam-me, para o conhecimento da psique, para desvendar as propriedades de caráter ocultas dos indivíduos? Os impulsos inconscientes que os sonhos revelam não têm o valor de poderes reais na vida psíquica? Devemos considerar pequeno o significado ético dos desejos suprimidos, que, assim como criam sonhos, um dia podem criar outra coisa?

Não me sinto autorizado a responder a essas questões. Não me aprofundei nesse aspecto do problema dos sonhos. Apenas acredito que estava errado o imperador romano que mandou executar um súdito porque este havia sonhado que o matava

[cf. p. 95]. Primeiro ele deveria tentar descobrir o que esse sonho significava; muito provavelmente, não a mesma coisa que aparentava. E, mesmo que um sonho diferente tivesse esse significado de lesa-majestade, caberia ainda recordar a frase de Platão, segundo a qual o homem virtuoso se contenta em sonhar com aquilo que o mau realmente faz. Creio, portanto, que é melhor liberar os sonhos. Não sei dizer se devemos atribuir *realidade* aos desejos inconscientes. Devemos negá-la, naturalmente, a todos os pensamentos intermediários e de transição. Vendo os desejos inconscientes reduzidos à sua expressão última e mais verdadeira, pode-se dizer que a *realidade psíquica* é uma forma de existência especial, que não deve ser confundida com a realidade *material*. Parece injustificado, portanto, que as pessoas relutem em assumir a responsabilidade pela imoralidade de seus sonhos. Na maioria das vezes, o que há de eticamente escandaloso em nossos sonhos e fantasias desaparece quando se leva em conta o modo de funcionamento do aparelho psíquico e se compreende a relação entre consciente e inconsciente.

"Se procurarmos na consciência pelo que o sonho nos informou sobre as relações com o presente (realidade), não nos surpreendamos se o monstro que vimos sob a lupa da análise se revelar um pequeno infusório" (H. Sachs).

Para a exigência prática de avaliar o caráter do homem, em geral bastam os atos e as opiniões expressas conscientemente. Sobretudo os atos devem ser considerados em primeiro lugar, pois muitos impulsos que penetraram na consciência são suspensos por forças reais da vida psíquica antes de desembocarem no ato; muitas vezes, por isso, não encontram obstáculo psíquico em seu caminho, pois o inconsciente sabe que eles serão impedidos de outra forma. Em todo caso, é instrutivo conhecer o solo tão revirado sobre o qual se erguem orgulhosamente as nossas virtudes. A complexidade do caráter humano, dinamicamente movida em todas as direções, raramente se resolve por uma alternativa simples, como quer nossa antiquada doutrina moral.

E o valor do sonho para o conhecimento do futuro? Isso está fora de questão, naturalmente. Deveríamos falar, em vez disso, do seu valor para o conhecimento do

passado. Pois do passado é que provém o sonho em todo sentido. É verdade que a antiga crença de que o sonho nos mostra o futuro não é inteiramente desprovida de verdade. Ao representar um desejo como realizado, o sonho está nos levando para o futuro, de fato; mas esse futuro que o sonhador toma como presente é modelado, pelo desejo indestrutível, à imagem e semelhança do passado.

---

1. [Acrescentado ao texto em 1914 e transformado em nota em 1930:] A mesma coisa em Foucault [1906] e Tannery [1898].

a. No original: "*Selten habt ihr mich verstanden,/ Selten auch verstand ich Euch,/ Nur wenn wir im Kot uns fanden,/ So verstanden wir uns gleich!*", Heine, Buch der Lieder [Livro de canções], "Wiederkehr" [Retorno], n. 78.

2. [Nota acrescentada em 1909:] Cf. *Psicopatologia da vida cotidiana* (1901).

b. No poema épico anônimo *A canção dos nibelungos* (partes XV e XVI), Hagen convence Cremilda a bordar na vestimenta de Siegfried uma pequena cruz, no local correspondente ao único ponto vulnerável do corpo do herói, e ali depois o apunhala.

3. [Nota acrescentada em 1925:] A tese aqui postulada de modo tão peremptório: "Qualquer coisa que perturbe o prosseguimento do trabalho é uma resistência" poderia facilmente ser mal compreendida. Naturalmente, ela tem o sentido apenas de uma regra técnica, de um alerta para o analista. Não se deve negar que durante a análise podem ocorrer diversos eventos que não devem ser atribuídos à intenção do analisando. É possível que o pai do paciente morra sem que ele o tenha assassinado, é possível que irrompa uma guerra que ponha fim à análise. Mas por trás do exagero evidente dessa tese há um significado novo e bom. Mesmo que o evento perturbador seja real e independa do paciente, muitas vezes depende somente dele a magnitude do efeito perturbador que tem esse evento, e a resistência se manifesta de modo inconfundível no pronto e exagerado aproveitamento de tal oportunidade.

4. [Nota acrescentada em 1919:] Como exemplo do significado da dúvida e da incerteza no sonho, ao mesmo tempo que o conteúdo do sonho é reduzido a um único elemento, tomo das minhas *Conferências introdutórias à psicanálise* [1916-7, nº 7] o seguinte sonho, cuja análise, após um breve atraso, foi bem-sucedida:

"*Uma paciente cética tem um sonho mais longo, durante o qual certas pessoas lhe contam sobre meu livro acerca do chiste e o elogiam bastante. Depois, mencionam algo sobre um 'canal',* TALVEZ OUTRO LIVRO EM QUE APARECE UM CANAL, ALGUMA COISA RELACIONADA A CANAL... ELA NÃO SABE AO CERTO... NÃO ESTÁ CLARO.

"Com certeza, os senhores tenderão a acreditar que o elemento 'canal' fugirá à interpretação por ser, ele próprio, tão indefinido. E estão certos quanto à dificuldade que aí supõem, mas essa dificuldade não decorre da falta de clareza: a falta de clareza é que decorre de outro motivo, o mesmo que torna difícil a interpretação. Nada ocorre, à sonhadora, que ela seja capaz de vincular a 'canal'; eu, é claro, tampouco sei o que dizer. Passado algum tempo — na verdade, no dia seguinte —, ela relata ter-lhe ocorrido algo que *talvez* esteja relacionado ao assunto. Trata-se de uma piada que alguém lhe contou. Em um navio entre Dover e Calais, um conhecido escritor conversa com um inglês, que, em determinado contexto, cita a frase: *Du sublime au ridicule il n'y a qu'un pas* [Do sublime ao ridículo há apenas um passo]. O escritor responde: *Oui, le Pas de Calais*. O que ele quer dizer é que

acha a França grandiosa e a Inglaterra, ridícula. O *Pas de Calais*, no entanto, é um *canal*: o canal da Mancha. Se acho que essa associação tem relação com o sonho? É claro que sim; na realidade, ela dá solução ao elemento misterioso do sonho. Ou os senhores duvidam que, anteriormente ao sonho, essa piada já estava presente como conteúdo inconsciente de 'canal'? Supõem, então, que ele só foi acrescentado depois? A associação que ocorreu à paciente dá testemunho de seu ceticismo, um ceticismo que, nela, se oculta por trás de uma insistente admiração. A resistência é, provavelmente, a razão para ambas as coisas, tanto para a associação tão hesitante como para a indefinição do correspondente elemento do sonho. Observem aqui a relação deste último com seu conteúdo inconsciente. Ele é como um pedacinho desse inconsciente, como uma alusão a ele, mas seu isolamento tornou-o incompreensível."

5. Cf., sobre a intenção do esquecimento, meu pequeno ensaio "Sobre o mecanismo psíquico do esquecimento" em *Monatsschrift für Psychiatrie und Neurologie* (1898) — [Acrescentado em 1909:] (depois se tornou o primeiro capítulo da *Psicopatologia da vida cotidiana*, 1901).

6. [Nota acrescentada em 1914:] Tais correções no uso de línguas estrangeiras não são raras em sonhos, mas são, com mais frequência, atribuídas a pessoas desconhecidas. Maury (1878, p. 143) sonhou, na época em que aprendia inglês, que, ao informar a alguém que o tinha procurado no dia anterior, falou: *I called for you yesterday*. O outro corrigiu: *I called on you yesterday*.

c. "Molière em *O doente imaginário*: A matéria é louvável?" — antiga pergunta da terminologia médica, significando "A excreção (fezes ou secreção) está em ordem?". A expressão seguinte no texto, em inglês, significa "um movimento dos intestinos".

7. [Nota acrescentada em 1914:] Ernest Jones descreve o caso análogo, que sucede frequentemente, em que durante a análise de um sonho a pessoa se recorda de um segundo sonho da mesma noite, que até então estava esquecido e de cuja existência ela nem suspeitava.

8. [Acrescentado ao texto em 1919 e transformado em nota em 1930:] Sonhos que ocorreram nos primeiros anos da infância e que não raro se conservaram na memória por décadas, com todo o frescor, que quase sempre vêm a ser muito importantes para a compreensão do desenvolvimento e da neurose do sonhador. Sua análise protege o médico de equívocos e incertezas que também poderiam levá-lo à confusão teórica.

d. Sensações de formas e cores que têm origem no interior do olho.

e. Parágrafo acrescentado em 1919.

f. "Representação com meta": tradução que aqui damos a *Zielvorstellung* — diferentemente do que sugerimos no capítulo sobre *Vorstellung* (escrito em 1996) de *As palavras de Freud* (op. cit., pp. 121-45), em que consta "ideia intencional" (usando "ideia" para *Vorstellung*).

9. [Nota acrescentada em 1914:] Apenas depois eu soube que Eduard von Hartmann tem a mesma concepção sobre esse importante tema da psicologia: "Ao discutir o papel do inconsciente na criação artística (1890, v. 1, seção B, capítulo V), Eduard von Hartmann expressou com palavras claras a lei da associação de ideias orientada por representações com meta inconscientes, mas sem se dar conta da extensão dessa lei. Ele visa demonstrar que 'cada combinação de representações sensoriais, quando não é deixada puramente ao acaso, mas deve levar a certo objetivo, requer a ajuda do inconsciente' e que o interesse consciente em determinada conexão de pensamentos é um incentivo para o inconsciente descobrir, entre as inúmeras representações possíveis, a mais adequada ao fim. 'É o inconsciente que seleciona conforme os fins do interesse: e isso vale para *a associação de ideias no pensamento*

abstrato, assim como na imaginação sensorial ou na combinação artística e no achado espirituoso.' Por isso, uma restrição da associação de ideias à representação evocadora ou à representação evocada, no sentido da psicologia associativa pura, não pode ser sustentada. Tal restrição 'só é realmente justificada quando ocorrem estados na vida humana em que o indivíduo está livre não apenas de toda finalidade consciente, mas também do domínio ou da participação de todo interesse inconsciente, de todo estado de ânimo. Mas isso dificilmente ocorre, pois mesmo quando aparentemente entregamos nossos pensamentos ao acaso ou nos abandonamos aos sonhos arbitrários da fantasia, em outros interesses principais, sentimentos e ânimos decisivos sempre governam determinada hora mais do que em outra, e estes sempre exercerão influência na associação de ideias' (Ibid., v. 1, p. 246). Em sonhos semiconscientes, sempre surgem apenas os tipos de representações que correspondem ao interesse principal momentâneo (inconsciente) (loc. cit.). A ênfase na influência dos sentimentos e ânimos sobre a sequência livre de pensamentos faz com que o procedimento metódico da psicanálise se apresente como justificado também do ponto de vista da psicologia de Hartmann" (N. E. Pohorilles, 1913). — Du Prel menciona o fato de que muitas vezes, após tentarmos em vão recordar um nome, ele nos vem à mente de súbito, e disso deduz que há um pensar inconsciente, mas dirigido a uma meta, cujo resultado aparece na consciência (1885, p. 107).

g. "Solidez da estrutura psíquica": no original, *Festigkeit des psychischen Gefüges*; nas versões estrangeiras consultadas: *solidez de la ensambladura psíquica* (Etcheverry), *stabilità della struttura psichica* (Boringhieri), *solidité de notre construction psychique* (Meyerson), *connectedness of psychical processes* (Strachey).

10. [Nota acrescentada em 1909:] Cf. a brilhante confirmação dessa tese, fornecida por C. G. Jung em análises da demência precoce (1907).

11. Claro que as mesmas considerações valem também para o caso em que as associações superficiais aparecem abertamente no conteúdo do sonho, como, por exemplo, nos dois sonhos relatados por Maury (cf. p. 86: *pèlerinage — Pelletier — pelle*; *quilômetro — quilograma — Gilolo — lobélia — Lopez — loto*). Meu trabalho com os pacientes neuróticos me mostrou que tipo de reminiscência costuma ser representado assim. São as ocasiões em que eles consultaram enciclopédias ou dicionários, nos quais a maioria deles, na época da puberdade, satisfez a necessidade de esclarecer os enigmas do sexo.

12. [Nota acrescentada em 1909:] As teses aqui apresentadas, que então pareciam improváveis, foram depois utilizadas e confirmadas experimentalmente nos "estudos diagnósticos de associação" de Jung e seus discípulos [1906].

13. [Nota acrescentada em 1925:] Depois vim a acreditar que a consciência surge mesmo *no lugar* do traço mnêmico. (Ver "Nota sobre o 'Bloco Mágico'", 1925.)

14. [Nota acrescentada em 1919:] O prosseguimento desse esquema linear deverá levar em conta a suposição de que o sistema após o *Pcs* é aquele ao qual precisamos atribuir a consciência, ou seja, que *Pcp* = *Cs*.

15. [Nota acrescentada em 1914:] A primeira referência ao fator da regressão já se encontra em Alberto Magno. A *imaginatio*, diz ele, constrói o sonho com as imagens preservadas dos objetos sensoriais. O processo ocorre no sentido inverso do estado de vigília (segundo Diepgen, 1912, p. 14). — Hobbes diz (no *Leviatã*, 1651): "*In sum, our dreams are the reverse of our waking imaginations, the motion, when we are awake, beginning at one end, and when we dream at another*" [Em suma, nossos sonhos são o reverso das nossas imaginações despertas, o movimento,

quando estamos acordados, começando numa extremidade, e quando sonhamos, em outra]. (Segundo H. Ellis, 1911, p. 112.)

16. "Novas observações sobre as neuropsicoses de defesa" (1896).

17. [Nota acrescentada em 1914:] Numa exposição da teoria da repressão, seria necessário dizer que um pensamento é reprimido pela influência combinada de dois fatores. Ele é repelido de um lado (pela censura do *Cs*) e é atraído de outro (pelo *Ics*), ou seja, de modo semelhante a como uma pessoa chega ao topo da grande pirâmide. [Acrescentado em 1919:] (Cf. o ensaio "A repressão", 1915.)

h. Parágrafo acrescentado em 1914.

i. Parágrafo acrescentado em 1919.

j. A citação é imprecisa: falta "em nós" após "atuando" e, sobretudo, não se acha no texto de Nietzsche a segunda parte ("à qual dificilmente" etc.); cf. *Humano, demasiado humano*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, § 13, "A lógica do sonho".

k. "Impulso com desejo": no original, *Wunschregung*, composto de *Wunsch*, "desejo", e *Regung*, "movimento, impulso, agitação, emoção". Nota-se, pelo contexto, que tem o mesmo sentido de *Wunsch*, usado nos dois primeiros casos. As versões estrangeiras consultadas recorrem a *moción de deseo*, *impulso di desiderio*, *désir*, *wishful impulse*. Cf. o apêndice B de *As palavras de Freud* (op. cit, ed. revista), "Nota sobre a tradução dos compostos alemães".

18. Eles partilham esse caráter de indestrutibilidade com todos os outros atos psíquicos realmente inconscientes, isto é, que pertencem exclusivamente ao sistema *Ics*. Estes são vias abertas de uma vez por todas, que jamais saem de uso e levam o processo de excitação à descarga sempre que a excitação inconsciente torna a investi-las. Usando um símile, para eles não há outro tipo de aniquilação a não ser o das sombras do mundo inferior da *Odisseia*, que despertam para uma nova vida após beberem sangue. Os processos que dependem do sistema pré-consciente são destrutíveis em outro sentido. É nessa distinção que se baseia a psicoterapia das neuroses.

19. [Nota acrescentada em 1919:] Tentei aprofundar o conhecimento do estado de sono e das condições para a alucinação no ensaio "Complemento metapsicológico à teoria dos sonhos" (1917).

l. Esse parágrafo e os dois seguintes foram acrescentados em 1919.

20. [Nota acrescentada em 1930:] Este seria o lugar para mencionar o Supereu, reconhecido posteriormente pela psicanálise.

m. O "terceiro da comparação": o elemento comum a duas coisas comparadas.

n. Em alemão, *Übertragung*, o mesmo termo que depois seria usado para outro fenômeno mais conhecido; cf. "Observações sobre o amor de transferência" (1915), entre outros textos.

21. [Nota acrescentada em 1919:] Em outras palavras: vê-se a necessidade de instituir uma "prova de realidade".

22. A realização de desejo no sonho é louvada corretamente por Le Lorrain: "*Sans fatigue sérieuse, sans être obligé de recourir à cette lutte opiniâtre et longue qui use et corrode les jouissances poursuivies*" [Sem fadiga séria, sem a obrigação de recorrer a essa luta demorada e pertinaz que gasta e corrói as fruições buscadas].

23. [Nota acrescentada em 1914:] Desenvolvi esse pensamento em outro lugar ("Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico", 1911), postulando os princípios do prazer e da realidade.

24. [Nota acrescentada em 1914:] Mais precisamente, parte do sintoma corresponde à realização de desejo inconsciente; outra parte, à formação reativa contra esta.

25. [Nota acrescentada em 1914:] Hughlings Jackson disse: "Descubram tudo sobre o sonho, e terão descoberto tudo sobre a loucura" ("*Find out all about dreams and you will have found out all about insanity*").

o. Uma possível fonte para esse episódio é a *História romana*, Livro 40, 27, de Cássio Dio (*c.* 155-229).

26. Tomo esse pensamento da teoria do sono de Liébault, pioneiro do estudo da hipnose em nossos dias (1889).

p. "Representação antecipatória": *Erwartungsvorstellung*; nas versões consultadas: *representaciones-expectativa*, *reppresentazione anticipatrice*, *représentation d'attente*, *anticipatory idea*.

27. [Nota acrescentada em 1914:] É esta a única função que podemos admitir para os sonhos? Não conheço outra. É certo que A. Maeder buscou mostrar que eles têm outras funções, "secundárias". Partiu da observação correta de que alguns sonhos contêm tentativas de solucionar conflitos que depois são realmente empreendidas, que eles agem, portanto, como ensaios para atividades da vigília. Por isso, ele comparou os sonhos às brincadeiras dos animais e das crianças, que devem ser entendidas como treinamento de instintos inatos e preparação para futuras atividades sérias, e postulou uma *fonction ludique* [função lúdica] dos sonhos. Pouco antes de Maeder, a função "premeditadora" dos sonhos foi enfatizada também por Alfred Adler [1911]. (Numa análise que publiquei em 1905, um sonho que só podia expressar uma intenção era repetido todas as noites até sua realização. [Cf. *Análise fragmentária de uma histeria*, parte II, 1905.])

Mas uma simples reflexão nos convence de que essa função "secundária" do sonho não merece ser admitida no quadro de uma interpretação dos sonhos. Premeditar, conceber intenções, esboçar tentativas de solução que eventualmente serão realizadas na vida de vigília, isso e muitas outras coisas são operações da atividade inconsciente e pré-consciente do espírito, que pode prosseguir no estado de sono como "resíduo diurno" e então se unir a um desejo inconsciente (ver p. 614) para formar um sonho. A função "premeditadora" do sonho é, portanto, uma função do pensamento desperto pré-consciente, cujo resultado nos pode ser revelado pela análise dos sonhos ou de outros fenômenos também. Durante muito tempo o sonho foi considerado idêntico a seu conteúdo manifesto; agora precisamos ter o cuidado de não confundi-lo com os pensamentos latentes.

28. [Nota acrescentada em 1919:] "Um segundo fator negligenciado pelos leigos, bem mais importante e de alcance mais profundo, é o seguinte. A realização de um desejo deveria certamente resultar em prazer, mas cabe a pergunta: para quem? Naturalmente, para quem tem o desejo. É sabido, no entanto, que o sonhador possui uma relação muito especial com seus desejos: ele os reprova, censura — em suma, não gosta deles. Assim sendo, sua realização não pode lhe proporcionar prazer, mas apenas o contrário disso. A experiência mostra, então, que esse contrário aparece sob a forma da angústia, o que ainda é preciso esclarecer. Em sua relação com os desejos oníricos, portanto, o sonhador só pode ser equiparado a um somatório de duas pessoas ligadas por uma forte comunhão. Em vez de proceder a uma explicação, recorro a um conhecido conto de fadas, no qual os senhores encontrarão a mesma situação. Uma boa fada promete realizar três desejos de um pobre casal, marido e mulher. O casal fica radiante e se propõe escolher com cautela esses três desejos. Mas, levada pelo aroma de salsichas fritas que exala da cabana ao lado, a mulher deseja algumas daquelas mesmas salsichas, que, de pronto, surgem à sua frente. O primeiro desejo foi realizado. O marido, por sua vez, fica bravo e, nesse seu rancor, deseja ver as salsichas penduradas no nariz da esposa, o que também acontece: não há agora quem seja capaz de remover as salsichas dali. Realizou-se o segundo desejo, que, no entanto, é o desejo do homem; para a mulher, a realização desse desejo é bastante desagradável. Os senhores sabem como termina o conto. Como os dois são, no fundo, uma coisa só, marido e mulher, o terceiro desejo só pode ser o de que as salsichas desapareçam do nariz da

esposa. Nós poderíamos nos valer desse mesmo conto de fadas em vários outros contextos; no presente caso, ele serve para ilustrar a possibilidade de que a realização do desejo de um possa conduzir ao desprazer de outro, caso os dois estejam em desacordo" (*Conferências introdutórias à psicanálise*, nº 14, 1916-7).

q. A frase seguinte foi aqui acrescentada em 1911, mas novamente deixada de fora a partir de 1925: "A angústia nos sonhos, permitam-me insistir, é um problema ligado à angústia, não aos sonhos".

r. O termo vulgar a que Freud alude é o verbo *vögeln*, de *Vogel* = pássaro.

29. [Nota acrescentada em 1919:] Desde então, a literatura psicanalítica forneceu grande quantidade desse material.

30. Destaque meu; de significado inequívoco, afinal.

31. Grifo meu.

s. Frase acrescentada em 1914. Embora estejam entre aspas, as palavras de Sully são citadas com alterações; cf. p. 88.

t. Freud viria a denominá-lo "princípio do prazer" em obras posteriores, como na 22ª das *Conferências introdutórias à psicanálise* (mas na 4ª conferência também se acha "princípio do desprazer"; cf. p. 102, v. 13 destas *Obras completas*).

32. Aqui, como em outras partes, há lacunas na elaboração do tema, que deixei intencionalmente porque preenchê-las exigiria, por um lado, um esforço grande demais, e, por outro, o recurso a material alheio ao tema dos sonhos. Assim, por exemplo, evitei indicar se atribuo sentidos diversos às palavras "suprimido" [*unterdrückt*] e "reprimido" [*verdrängt*]. Deve ter ficado claro que esta última ressalta mais do que a primeira o vínculo ao inconsciente. Não cheguei a abordar o problema de por que os pensamentos oníricos sofrem deformação pela censura também no caso em que abandonam o avanço progressivo rumo à consciência e optam pelo caminho da regressão, e há outras omissões desse tipo. Interessava-me principalmente dar uma ideia dos problemas a que nos leva uma análise mais aprofundada do trabalho do sonho e indicar os outros temas que encontramos no caminho. Nem sempre foi fácil decidir em que ponto eu deveria interromper a indagação. — O fato de eu não ter explorado exaustivamente o papel que tem nos sonhos o mundo das representações sexuais e ter evitado a interpretação de sonhos de conteúdo claramente sexual se deve a uma motivação particular, que talvez não coincida com a expectativa do leitor. Nada é mais distante de minhas concepções pessoais e das teorias que defendo na neuropatologia do que ver a vida sexual como um *pudendum* que não deve concernir ao médico e ao pesquisador. Também me parece ridícula a indignação moral que levou o tradutor da *Oneirocritica*, de Artemidoro de Daldis, a privar os leitores do capítulo sobre sonhos sexuais. O que determinou minha decisão foi perceber que a explicação de sonhos sexuais teria feito que eu me enredasse profundamente nos problemas ainda não esclarecidos da perversão e da bissexualidade, de modo que reservei esse material para outra ocasião.

u. "Se não posso dobrar os poderes celestiais, agitarei o Inferno", Virgílio, *Eneida*, VII, 312. Sobre o significado da citação para Freud, no contexto deste livro, ele próprio escreveu: "Para mim, ela devia sublinhar o mais importante na dinâmica dos sonhos. O desejo que é repelido pelas instâncias psíquicas superiores (o desejo reprimido do sonho) agita o submundo psíquico (o Inconsciente), a fim de se impor" (carta a Werner Achelis, 30 jan. 1927, em *Briefe* [Cartas] *1873-1939*. Frankfurt: Fischer, 1960, p. 372).

v. Frase acrescentada em 1909.

33. O sonho não é o único fenômeno que permite fundamentar a psicopatologia na psicologia. Numa pequena série de ensaios, ainda não completada, publicada na revista *Monatsschrift für Psychiatrie und Neurologie* ("Sobre o mecanismo psíquico do esquecimento", 1898; "Lembranças encobridoras", 1899), procuro interpretar certo número de fenômenos psíquicos cotidianos em apoio da mesma constatação. [Acrescentado em 1909:] Estes e outros ensaios sobre o esquecimento, lapsos verbais, atos atrapalhados etc. foram depois reunidos no volume intitulado *Psicopatologia da vida cotidiana* (1901).

w. "Representações auxiliares": *Hilfsvorstellungen*; nas traduções consultadas: *representaciones auxiliares*, *ipotesi ausiliarie*, *représentations auxiliaires*, *conceptual scaffolding*. Cf. as *Hilfskonstruktionen* do romancista Theodor Fontane, que Freud cita em *O mal-estar na civilização* (1930, cap. II), e a nota sobre a tradução de *konstruiren* na mesma obra, cap. I (na p. 17 do v. 18 destas *Obras completas*).

34. [Nota acrescentada em 1925:] Essa concepção foi modificada e aperfeiçoada após se descobrir que a característica essencial de uma representação pré-consciente é a ligação com resíduos de representações verbais (cf. "O inconsciente", 1915 [seção VII]).

35. [Nota acrescentada em 1914:] Fico feliz de poder citar um autor que extraiu do estudo dos sonhos a mesma conclusão sobre a relação entre as atividades consciente e inconsciente. Du Prel afirma: "A questão da natureza da psique exige claramente uma investigação preliminar para saber se consciência e psique são idênticas. Justamente essa questão preliminar é respondida com uma negativa pelos sonhos, que mostram que o conceito de psique ultrapassa o de consciência, assim como a força gravitacional de um astro vai além de sua luminosidade" (1885, p. 47). "Uma verdade que não pode ser enfatizada o bastante é que consciência e psique não são conceitos de igual extensão" (Ibid., p. 306).

x. O violinista e compositor Giuseppe Tartini (1692-1770) sonhou que vendia a alma ao Diabo e que este tocava uma sonata belíssima e muito original. Ao acordar, Tartini procurou reproduzir o que ouvira no sonho. Não conseguiu, mas criou sua peça mais famosa, que apelidou de *Trillo del Diavolo* ("Trinado do Diabo", Sonata para violino e piano, op. 1, nº 2)

36. [Nota acrescentada em 1911:] Cf. o sonho de Alexandre, o Grande, durante o sítio de Tiro (Σὰ-τυρος), comunicado acima, numa nota da p. 130.

y. No sentido antigo do termo, anterior ao "demônio" cristão.

37. [Nota acrescentada em 1914:] Cf. meu artigo "Observações sobre o conceito de inconsciente na psicanálise" [1912] (publicado em inglês nos *Proceedings of the Society for Psychical Research*, v. 26), no qual são diferenciados os sentidos descritivo, dinâmico e sistemático da polissêmica palavra "inconsciente".

APÊNDICE A ESTE VOLUME:
UM SONHO PREMONITÓRIO QUE SE REALIZOU*

A sra. B., pessoa excelente e dotada de senso crítico, conta-me — falando de outras coisas, e sem intenção oculta — que certa vez, anos atrás, sonhou que encontrava o dr. K., ex-médico da família e amigo, na Kärntnerstrasse,** na frente da loja de Hiess. Na manhã seguinte, quando andava por essa rua, encontrou realmente esse homem naquele lugar, como havia sonhado. Isso quanto à história. Observo que não houve acontecimento subsequente que revelasse a importância dessa coincidência espantosa, ou seja, ela não se justificou pelo que viria.

A análise [do sonho] foi precedida de perguntas, que mostraram não haver como provar que ela se lembrou do sonho na manhã após a noite em que o teve, antes de sair à rua. Uma prova seria haver anotado ou contado a alguém o sonho, antes que ele se realizasse. Então ela tem de aceitar o seguinte relato do que ocorreu, que me parece o mais provável. Certa manhã, ela foi passear na Kärntnerstrasse e encontrou o antigo médico da família na frente da loja de Hiess. Ao vê-lo, ficou convencida de que havia sonhado justamente com aquele encontro na noite anterior, naquele mesmo lugar. Conforme as regras que valem para a interpretação de sintomas neuróticos, essa convicção devia ser justificada; o conteúdo pode ser interpretado diferentemente.

No passado da sra. B. houve o seguinte episódio, relacionado ao dr. K. Quando ela era jovem, casaram-na, sem sua concordância plena, com um homem mais velho e rico. Alguns anos depois, ele perdeu o patrimônio, adoeceu de tuberculose e morreu. A jovem mulher manteve a si e ao esposo doente dando aulas de música, durante vários anos. Nesse tempo de infortúnio achou amigos, um deles sendo o dr. K., que cuidou de seu esposo e a ajudou a encontrar os primeiros alunos. Outro

amigo foi um advogado, também um dr. K., que pôs em ordem os confusos negócios do comerciante arruinado, e nisso fez a corte à jovem senhora e — pela primeira e única vez — nela despertou a paixão. Mas essa relação amorosa não gerou felicidade real para ela, pois os escrúpulos da sua educação e do seu modo de pensar lhe impediam a plena entrega, enquanto era casada e, depois, quando era viúva. No mesmo contexto em que se acha o sonho, a sra. B. me fala de um acontecimento real daquela época infeliz, no qual enxerga uma notável coincidência. Ela estava em seu quarto, ajoelhada no chão e com a cabeça numa poltrona, soluçando em apaixonado anseio pelo amigo e auxiliador, o advogado, quando este abriu a porta naquele exato momento, indo visitá-la. Não vemos nada de notável nessa coincidência, imaginando quantas vezes ela terá pensado nele e quantas vezes ele a terá visitado. Além disso, casualidades assim, praticamente combinadas, acham-se em todas as histórias de amor. Mas é provável que essa coincidência seja o conteúdo propriamente dito do sonho e o único motivo para sua convicção de que ele se realizou.

Transcorreram mais de 25 anos entre aquela cena em que o desejo se cumpriu e o sonho. Nesse meio-tempo, a sra. B. ficou viúva do segundo marido, que lhe deixou um filho e um patrimônio. A afeição da velha senhora ainda se volta para o dr. K., que agora é seu conselheiro e o administrador de seus bens e que ela vê frequentemente. Suponhamos que nos dias anteriores ao sonho ela tenha esperado a visita dele, mas que isso não aconteceu — ele já não era impulsivo como antes. Então ela pode muito bem haver tido, à noite, um sonho nostálgico que a transportou de volta ao passado. Provavelmente sonhou com um encontro da época da paixão, e a cadeia de pensamentos oníricos retrocedeu até a ocasião em que, sem combinar, ele chegou precisamente quando ela ansiava por ele. Sonhos assim devem lhe acontecer com frequência agora; são parte do castigo tardio que cabe à mulher pela crueldade quando jovem. Mas, sendo derivados de uma corrente suprimida, cheios de reminiscências dos encontros — nos quais ela não gosta de

pensar desde o segundo casamento —, eles são esquecidos após o despertar. É o que terá sucedido ao sonho supostamente profético. Então ela sai e dá de encontro, num lugar qualquer da Kärntnerstrasse, com o antigo médico da família, o dr. K. Há muito tempo não o vê, ele é intimamente ligado às emoções daquele tempo feliz-infeliz, ele também a ajudou, e podemos supor que nos seus sentimentos, talvez também nos sonhos, ele é uma figura encobridora, por trás da qual se esconde aquela, mais amada, do outro dr. K. Ora, esse encontro desperta a lembrança do sonho. Ela deve ter pensado: "Sim, essa noite tive um sonho do meu encontro com o dr. K.". Mas essa recordação tem de sofrer una deformação, a que o sonho escapou apenas por não ter sido conservado na memória. No lugar do amado K. é posto o K. indiferente, que a faz lembrar o sonho; o conteúdo do sonho — o encontro — é transferido para a crença de haver sonhado com aquele lugar específico, pois um encontro consiste em duas pessoas chegando ao mesmo tempo num lugar determinado. Se nisso ela tem a impressão de que um sonho se realizou, apenas dá curso à lembrança de que na cena em que chorava e ansiava pela presença dele seu anseio realmente se cumpriu de imediato.

Assim, a criação posterior do sonho, a única que possibilita os sonhos proféticos, não é senão uma forma de censurar, que permite ao sonho penetrar na consciência.

10 nov. 99

---

* Numa nota perto do final do livro (p. 660, Freud afirma que evitou explicitar uma diferença de sentido entre os verbos *unterdrücken* e *verdrängen*, mas que "deve ter ficado claro que esse último ressalta mais que o primeiro o vínculo [o 'pertencimento', em tradução literal] ao inconsciente". É discutível que isso esteja claro, pois são vários os trechos em que os dois — ou os substantivos correspondentes — são usados alternadamente, tanto aqui como em outras obras (cf. p. 309 do v. 8, p. 217 do v. 10 e pp. 95-6 do v. 12 destas *Obras completas*). De toda forma, procuramos traduzir os dois por palavras diferentes ao longo deste livro, e, tendo adotado "reprimir" para *verdrängen*, restou-nos (de modo pouco satisfatório) "suprimir" para *unterdrücken*. Caso se prefira "recalcar" para aquele, a opção natural para este é "reprimir". Uma discussão mais extensa desses dois termos se acha em Paulo César de Souza, *As palavras de Freud: O vocabulário freudiano e suas versões*. São Paulo: Companhia das Letras, 2. ed. revista, 2010, pp. 112-21.

** Importante rua comercial no centro de Viena.

BIBLIOGRAFIA

A) ANTERIOR A 1900
ANTES DA PUBLICAÇÃO DA PRIMEIRA EDIÇÃO DO LIVRO

ACHMETIS, F. Serim. *Oneirocritica*. Org. de Nik. Rigaltius. Paris, 1603.

ALBERTI, Michael. *Diss. de insomniorum influxi in sanitatem et morbos*. Resp. Titius Halae M., 1744.

ALIX. "Les Rêves". *Revue Scientifique*, série 3, v. VI (320 da coleção), ano 3, 2. sem., pp. 554-61, nov. 1883.

———. "Étude du rêve". *Mémoire de l'Académie de Sciences… de Toulouse*, Toulouse, série 9, v. I, pp. 283-326, 1889.

ALMOLI, Salomo. *Pithron Chalomoth*. Jovkva, 1848.

ARISTÓTELES. *Über Träume und Traumdeutungen*.

———. *Von der Weissagung im Traume* (Sobre a profecia nos sonhos).

ARTEMIDORO DE DALDIS. *Symbolik der Träume*. Trad. al. de Friedr. S. Krauss. Viena, 1881.

———. "Erotische Träume und ihre Symbolik". *Anthropophyteia*, v. IX, pp. 316-28.

ARTIGUES, René. *Essai sur la valeur séméiologique du rêve*. Paris, 1884. Tese.

BACCI DOMENICO. *Sui sogni e sul sonnombulismo, pensieri fisiologico-metafisici*. Veneza, 1857.

BALL, b. *La Morphinomanie, les rêves prolongés*. Paris, 1885.

BENEZÉ, Emil. *Das Traummotiv in der mittelhochdeutschen Dichtung bis 1250 und in allen deutschen Volksliedern*. Halle, 1897. (Sagen- und litterarhistorische untersuchungen I, *Das Traummotiv*)

BENINI, Vittorio. "La memoria e la durata dei sogni". *Rivista Italiana di Filosofia*, mar.-abr. 1898.

———. "Nel moneto dei sogni". *Il Pensiero Nuovo*, abr. 1898.

BINZ, Carl. *Über den Traum*. Bonn, 1878.

BIRKMAILER, Hieron. *Licht im Finsternis der nächtlichen Gesichte und Träume*. Nuremberg, 1715.

BISLAND, Elizabeth. "Dreams and their Mysteries". *North American Review*, v. 162, pp. 716-26, 1896.

BÖRNER, Johann. *Das Alpdrücken, seine Bergründung und Verhütung*. Würzburg, 1855.

BRADLEY, Francis Herbert. "On the Failure of Movement in Dream". *Mind*, jul. 1894.

BRANDER, Robert. *Der Schlaf und das Traumleben*. Leipzig, 1884.

BOUCHÉ-LECLERCQ, Auguste. *Historie de la divination dans l'antiquité*, v. I., Paris, 1879.

BREMER, L. "Traum und Krankheiten". *New York Medical Monthly*, n. V, pp. 281-6, 1893.

BÜCHSENSCHÜTZ, Bernhard. *Traum und Traumdeutung im Altertum*. Berlim, 1868.

BURDACH, Karl Friedrich. *Die Physiologie als Erfahrungswissenschaft*, v. III. 2. ed., 1838.

BUSSOLA, Serafino. *De somniis*. Ticini Reg., 1834. Tese.

CAETANI-LOVATELLI, Ersilia. "I sogni e l'ipnotismo nel mondo antico". *Nuova Antologia*, I, dez. 1889.

CALKINS, Mary Whiton. "Statistics of dreams". *American Journal of Psychology*, v. V, 1893.

CANE, Francis E. "The Physiology of Dreams". *The Lancet*, dez. 1889.

CARDANO, Gerolamo. *Synesiorum somniorum, omni generis insomnia explicantes, libri IV*, Basileia, 1562. (2. ed. In: *Opera Omnia Cardani*, v. V, pp. 593-727, Lyon, 1603.)

CARIERO, Alessandro. *De somniis deque divinatione per somnia*. Pádua, 1575.

CARPENTER. "Dreaming". In: *Cyclopaedia of Anatomy and Physiology*, v. IV, p. 687.

CHABANEIX, Paul. *Le Subconscient chez les artistes, les savants et les écrivains*. Paris, 1897.

CHASLIN, Philippe. *Du Rôle du rêve dans l'évolution du délire*. Paris, 1887. Tese.

CLAVIÈRE, Jean. "La Rapidité de la pensée dans le rêve". *Revue Philosophique*, n. 43, 1897.

COUTTS, g. a. "Night-terrors". *American Journal of Medical Sciences*, 1896.

DAGONET, h. "Du rêve et du délire alcoolique". *Annales Médico-Psychologiques*, série 7, v. X, p. 193, 1889.

DANDOLO, Giovanni. *La coscienza nel sonno*. Pádua, 1889.

DAVIDSON, Wolf. *Versuch über den Schlaf*. 2. ed. Berlim, 1799.

DEBACKER. *Terreurs nocturnes des enfants*. Paris, 1881. Tese.

DECHAMBRE, Amédée. "Cauchemar". In: *Dictionnaire Encyclopédique des Sciences Médicales*.

DELAGE, Yves. "Une théorie du rêve". *Revue Scientifique*, n. 11, jul. 1891.

DELBOEUF, Joseph. *Le Sommeil et les rêves*. Paris, 1885.

DIETRICH, j. David. *An ea, quae hominibus in somno et somnio accidunt iisdem possint imputari?*. Resp. Gava. Wittemberg, 1726.

DOCHMASA, a. m. *Dreams and their Significance as Forebodings of Disease*. Kazan, 1890.

DREHER, e. "Sinneswahrnehmung und Traumbild". *Reichs-Medizin. Anzeiger*, n. XV, Leipzig, 1890.

DUCOSTÉ, m. *Les Songes d'attaques épileptiques*. 1889.

DUGAS, Louis. "A propos de l'appréciation du temps dans le rêve". *Revue Philosophique*, n. 40, pp. 69-72, 1895.

———. "Le Sommeil et la cerebration inconsciente durant le sommeil". *Revue Philosophique*, n. 43, 1897.

———. "Le Souvenir du rêve". *Revue Philosophique*, n. 44, 1897.

DU PREL, Carl. "Oneirokritikon: Der Traum vom Standpunkte des transcend. Idealismus". *Deutsche Vierteljahrschrift*, v. II, Stuttgart, 1869.

DU PREL, Carl. *Psychologie der Lyrik*. Leipzig. 1880.

———. *Die Philosophie der Mystik*. Leipzig, 1887.

———. "Künstliche Träume". *Sphinx*, jul. 1889.

EGGER, Victor. "Le Sommeil et la certitude, le sommeil et la mémoire". *La Critique Philosophique*, n. I, pp. 341-50, 1888.

———. "La Durée apparente des rêves". *Revue Philosophique*, jul. 1895.

——. "Le Souvenir dans le rêve". *Revue Philosophique*, n. 46, 1898.

ELLIS, Havelock. "On dreaming of the dead". *The Psychological Review*, v. II, n. 5, set. 1895.

——. "A Note on Hypnagogic Paramnesia". *Mind*, abr. 1897.

——. "The Stuff that Dreams are Made Of". *Appleton's Popular Science Monthly*, abr. 1899.

ERDMANN, Johann Eduard. *Psychologische Briefe*. 6. ed. Leipzig, 1848.

——. *Ernste Spiele*. 3. ed. Berlim, 1875. (cap. XII: Das Träumen.)

ERK, Vinz von. *Über den Unterschied von Traum und Wachen*. Praga, 1874.

ESCANDE DE MESSIÈRES, Maurice Emile. *Les Rêves chez les hystériques*. Bordeaux, 1895. Tese.

FAURE, Auguste. "Etude sur les rêves morbides, rêves persistants". *Archives Générales de Médecine*, v. I, p. 558, 1876.

FECHNER, Gustav Theodor. *Elemente der Psychophysik*. 2 v., 1860 (2. ed., 1889).

FENIZIA, Carlo. "L'Azione suggestiva delle cause esterne nei sogni". *Archivio per L'Antropologia*, v. XXVI.

FÉRÉ, Charles. "A Contribution to the Pathology of Dreams and of Hysterical Paralysis". *Brain*, jan. 1887.

——. "Les Rêves d'accès chez les épileptiques". *La Médecine Moderne*, 8 dez. 1897.

FICHTE, Immanuel Hermann. *Psychologie: Die Lehre vom Bewussten Geiste des Menschen*, v. I. Leipzig, 1864.

FISCHER, Johann. *Ad artis veterum onirocriticae historiam symbola*. Jena, 1899. Tese.

FLORENTIN, V. "Das Traumleben: Plauderei". *Die alte und die neue Welt*, ano 33, p. 725, 1899.

FORNASCHON, H. "Geschichte eines Traumas als Beitrag der transcendentalen Psychologie". *Psychische Studien*, pp. 274-81, 1897.

FREILIGRATH, Ferdinand. *Traumbuch* (Biografia de Buchner).

FRENSBERG. Schlaf und Traum. *Sammlung gemeinverständlicher wissenschaftlicher Vorträge*. Org. de Virchow e Holtzendorf, série 20, v. 466, Berlim, 1885.

FRERICHS, Johann H. *Der Mensch: Traum, Herz, Verstand*. 2. ed. Norden, 1878.

GALENUS. *Von der Weissagung im Traume*.

GIESSLER. C. M. *Beitrag zur Phänomenologie des Traumlebens*. Halle, 1888.

——. *Aus den Tiefen des Traumlebens*. Halle, 1890.

——. *Die physiologischen Beziehungen der Traumvorgänge*. Halle, 1896.

GIRGENSOHN, L. "Der Traum: ein Psychologisch-Physiologischer Versuch". s. a. 1845.

GLEICHEN-RUSSWURM, A. von. "Traum in der Dichtung". *Nat. Z.*, n. 553-9, 1899.

GLEY, E. "Appréciation du temps pendant le sommeil". *L'Intermédiaire des Biologistes*, n. 10, p. 228, 20 mar. 1898.

GOBLOT, E. "Sur le souvenir des rêves". *Revue Philosophique*, n. 42, 1896.

GOMPERZ, Theodor. *Traumdeutung und Zauberei. Ein Vortrag*… Viena, 1866.

GORTON, D. A. "Psychology of the unconscious". *New York Medical Times*, n. XXIV, pp. 33, 37, 1896.

GOULD, George M. "Dreams, Sleep, and Consciousness". *Open Court*, 1889.

GRABENER, Gottl. Chr. *Ex antiquitate iudaica de menudim bachalom sive excommunicatis per insomnia exerc*. Resp. Klebius, Witemberg, 1710.

GRAFFUNDER, Paul C. *Traum und Traumdeutung*. 1894.

GREENWOOD, Frederick. *Imaginations in Dreams and their Study*. Londres, 1899.

GRIESINGER. *Pathologie und Therapie der psychischen Krankheiten*. Stuttgart, 1845 (2. ed., 1861; 3. ed., 1871).

GROT, Nicolaus. *Die Träume, ein Gegenstand wissenschaftl. Analyse* (em russo). Kiev, 1878.

GUARDIA BAGUR, José Miguel. "La Personnalité dans les rêves". *Revue Philosophique*, n. 34, pp. 225-58, Paris, 1892.

GUTFELDT, Ina. "Ein Traum". *Psychische Studien*, pp. 491-4, 1899.

HAFFNER, Paul Leopold. "Schlafen und Träumen". *Sammlung zeitgemässe Broschüren*, Frankfurt, v. V, n. 10. 1887.

HALLAM, Florence; WEED, Sarah. "A Study of the Dream-Consciousness". *American Journal of Psychology*, v. VII, n. 3, abr. 1896.

HAMPE, Thedor. "Über Hans Sachsens Traumgedichte". *Zeitschrift für den deutschen Unterricht*, ano 10, pp. 616 ss., 1896.

HEERWAGEN, Friedrich. "Statistiche Untersuchungen über Träume und Schlaf". *Philosophische Studien*, v. V, 1888, p. 88.

HENNINGS, Justus Christian. *Von den Träumen und Nachtwandlern*. Weimar, 1784.

HENZEN, Wilhelm. *Über die Träume in der Altnord. Sagaliteratur*. Leipzig, 1890. Tese.

D'HERVEY DE SAINT-DENIS. *Les Rêves et les moyens de les diriger*. Paris, 1867.

HILDEBRANDT, Friedrich Wilhelm. *Der Traum und seine Verwertung fürs Leben*. Leipzig, 1875.

HILLER, G. "Traum. Ein Kapitel zu den zwölf Nächten". *Leipz. Tagbl. und Anz.*, n. 657, parte I, 1899.

HIPÓCRATES. *Buch über die Träume*. In: ——. *Sämtliche Werke*. Trad. al. de dr. Robert Fuchs. Munique, v. I. 1895-1900, pp. 361-9.

HITSCHMANN, F. "Über das Traumleben der Blinden". *Zeitschrift für Psychologie und Physiologie der Sinnesorgane*, n. VII, pp. 5-6, 1894.

IDELER. "Die Entstehung des Wahnsinns aus den Träumen". *Charité Annalen*, v. III, 1862.

JASTROW, Joseph. "The Dreams of the Blind". *New Princeton Review*, Nova York, v. V, jan. 1888.

JEAN PAUL. *Blicke in die Traumwelt*. In: ——. *Sämmtliche Werke*. Org. de Hempel, v. 44, pp. 128-52.

——. *Über Wahl- und Halbträume*. Ibid., pp. 142 ss.

——. *Wahrheit aus seinem Leben*. Ibid., v. 2, pp. 106-26.

JENSEN, Julius. Traum und Denken. Berlim, 1871. (*Sammlung gemeinverständlicher wissenschaftlicher Vorträge*, Virchow-Holtzendorf, série 6, n. 134).

JESSEN, Peter. *Versuch einer wissenschaftlichen Begründung der Psychologie*. Berlim, 1855.

JODL, Friedrich. *Lehrbuch der Psychologie*. Stuttgart, 1896. (3. ed., 1908.)

KANT, Immanuel. *Anthropologie in pragmatischer Hinsicht*. Org. de Kirchmann. Leipzig, 1880.

KINGSFORD, Anna Bonus. *Dreams and Dream-Stories*. Org. de Maitland. 2. ed. Londres, 1888.

KLOEPFELL, f. "Träumerei und Traum. Allerlei aus unserem Traumleben". *Universum*, ano 15, pp. 2469-84, 2607-22, 1899.

KRAMAR, Oldrich. *O spánku a snu*. Prager akad. Gymn., 1882.

KRASNICKI, E. Von. "Karls iv. Wahrtraum". *Psychische Studien*, p. 697, 1897.

KRAUSS, Auguste. "Der Sinn im Wahnsinn". *Allgemeine Zeitschrift für Psychologie*, n. XV-XVI, 1858-9.

KUCERA, Eduard. *Aus dem Traumleben*. Mähr.-weisskirchen Gymn. 1895.

LADD, G. Trumbull. "Contribution to the Psychology of Visual Dreams". *Mind*, abr. 1892.

LAISTNER, Ludwig. *Das Rätsel der Sphinx*. Berlim, 1889. 2 v.

LANDAU, M. "Aus dem Traumleben". *Münchner Neueste Nachrichten*, 9 jan. 1892.

LASÈGUE, Ernest-Charles. "Le Délire alcoolique n'est pas un délire, mais un rêve". *Archives Générales de Médecine*, série 7, v. VI, pp. 513-36, 1881. (reimp. In: ——. *Etudes Médicales*, v. II. Paris, 1884, pp. 203-27.)

LAUPTS. "Le Fonctionnement cérébral pendant le rêve et pendant le sommeil hypnotique". *Annales Médicaux-Psychologiques*, 1895.

LEIDESDORF, Maximilian. *Das Traumleben*. Viena, 1880.

LE LORRAIN, Jacques. "La Durée du temps dans les rêves". *Revue Philosophique*, v. 38, pp. 275-9, 1894.

——. "Le Rêve". *Revue Philosophique*, jul. 1895.

LÉLUT, Francisque. "Mémoire sur le sommeil, les songes et le somnambulisme". *Annales Médicaux-Psychologiques*, v. IV, 1852.

LEMOINE, Albert. *Du Sommeil au point de vue physiologique et psychologique*. Paris, 1855.

LERCH, Matthäus Fr. "Das Traumleben und seine Bedeutung". Gymn. Progr., Komotau, 1883-4.

LIBERALLI, Francesco. *Dei Sogni*. Pádua, 1834. Tese.

LIÉBEAULT, Ambroise-Auguste. *Le Sommeil provoqué et les états analogues*. Paris, 1889.

——. "À travers les états passifs, le sommeil et les rêves". *Revue de L'Hypnotisme*, v. VIII, n. 4, pp. 41, 65, 106, Paris, 1893.

LIPPS, Theodor. *Grundtatsachen des Seelenlebens*. Bonn, 1883.

——. "Der Begriff des Unbewussten in der Psychologie", *Records of the Thirds Int. Congr. Psychol.*, Munique, 1897.

LUKSCH, L. *Wunderbare Traumerfüllung als Inhalt des Wirklichen Lebens*. Leipzig, 1894.

MACARIO, Maurice. *Du Sommeil, des rêves et du somnambulisme dans l'état de santé et dans l'état de maladie*. Paris/Lyon, 1867.

——. "Des rêves considerés sous le rapport physiologique et pathologique". *Annales Médicaux-Psychologiques*, v. IV (série 1, v. XIX), 1847.

——. "Des rêves morbides". *Gazette Médicale de Paris*, n. 8, 1889.

MACFARLANE, A. W. "Dreaming". *The Edinburgh Medical Journal*, v. 36, 1890.

MAINE DE BIRAN, François-Pierre. *Nouvelles Considérations sur le sommeil, les songes et le somnambulisme*. Org. de Cousin, 1792.

MANACEINE, Marie de. *Le Sommeil, tiers de notre vie*. Paris, 1896.

——. *Sleep; its Physiology, Pathology, Hygiene, and Psychology*. Londres, 1897.

MAUDSLEY, Henry. *The Pathology of Mind*. 1879.

MAURY, Louis Ferdinand Alfred. "Analogies des phénomènes du rêve et de l'aliénation mentale". *Annales Médico-Psychologiques*, série II, v. V, 1853.

——. "De certains faits observés dans les rêves". *Annales Médico-Psychologiques*, série III, v. III, 1857.

——. *Le Sommeil et les rêves*. Paris, 1878.

MEISEL (PSEUD.). *Natürlich-Göttliche und teuflische Träume*. Sieghartstein, 1783.

MELINAUD. "Dream and Reality". *Popular Science Monthly*, v. 54, pp. 96-103.

MELZENTIN, Carl. "Über wissenschaftliche Traumdeutung". *Die Gegenwart*, n. 50, 1899.

MENTZ, Richard. *Die Träume in den altfranzösischen Karls- und Artus-epen*. Marburg, 1888.

MONROE, W. S. "A Study of Taste-Dreams". *American Journal of Psychology*, n. 10, jan. 1899.

MOREAU DE LA SARTHE, Louis-Jacques. "Rêve". *Dictionnaire Encyclopédique des Sciences Médicales*, v. 48, Paris, 1820.

MOREAU, Jacques-Joseph. "De l'identité de l'état de rêve et de folie". *Annales Médico-Psychologiques*, p. 261, 1855.

MORSELLI, A. "Dei sogni nei genii". *La Cultura*, 1899.

MOTET, Auguste. "Cauchemar". *Dictionnaire de Médicine et de Chirurgie Pratiques*.

MURRY, J. C. "Do we ever Dream of Tasting?". *Proceedings of the American Psychological Association*, n. 20, 1894.

NAGELE, Anton. "Der Traum in der epischen Dichtung". Programm der Realschule, Marburg, 1889.

NELSON, Julius. "A Study of Dreams". *American Journal of Psychology*, v. I, n. 3, 1888.

NEWBOLD, W. Romaine. "Sub-conscious Reasoning". *Proceedings of the Society for Psychical Research*, 1896, v. XII, pp. 11-20.

——. "Über Traumleistungen". *Psychological Review*, p. 132, mar. 1896.

PASSAVANTI, Jacopo. *Libro dei sogni*. Biblioteca Diamante. Roma, 1891.

PAULHAN, Frédéric. *L'Activité mentale et les éléments de l'esprit*. Paris, 1889.

——. "À propos de l'activité de l'esprit dans le rêve". *Revue Philosophique*, v. 38, pp. 546-8, 1894.

PFAFF, Emil Richard. *Dans Traumleben und seine Deutung nach den Prinzipien der Araber, Perser, Griechen, Indier und Ägypter*. Leipzig, 1868.

PICHON, André. *Contribution à l'étude des délires oniriques ou délires de rêve*. Bordeaux, 1896.

PICK, A. "Über pathologische Träumerei und ihre Beziehungen zur Hysterie". *Jahrbuch für Psychiatrie*, 1896.

PILCZ, A. "Über eine gewisse Gesetzmässigkeit in den Träumen", resumo do autor. *Monatsschrift für Psychologie und Neurologie*, mar. 1899.

PRÉVOST, Pierre. "Quelques observations psychologiques sur le sommeil". *Bibliothèque Universelle des Sciences, Belles-Lettres et Arts*, v. I, Littérature, pp. 225-48, 1834.

PURKINJE. "Wachen, Schlaf, Traum und verwandte Zustände". In: WAGNER, R. (Org.). *Handwörterbuch der Physiologie*, v. III, 1846.

RADESTOCK, Paul. *Schlaf und Traum*. Leipzig, 1879.

RAMM, Konrad. *Diss. Pertractans Somnia*. Viena, 1889.

RÉGIS, Emmanuel. "Les rêves". *La Gironde* (variétés), Bordeaux, 31 maio 1890.

——. "Des hallucinations oniriques des dégénérés mystiques". Congrès des Médicins Aliénistes…, 5. sess., 1894, p. 260, Paris, 1895.

——. "Rêves et l'hypnotisme". *Le Monde*, 25 ago.1890.

RICHARD, Jérôme. *La Théorie des songes*. Paris, 1766.

RICHARDSON, B. W. "The Psychology of Dreams". *The Asclep*, v. IX, pp. 129, 160, Londres, 1892.

ROBERT, Wilhelm. *Der Traum als naturnotwendigkeit Erklärt*. Hamburgo, 1886.

RICHIER, E. *Oneirologie ou dissertation sur les songes considérés dans l'état de maladie*. Paris, 1816. Tese.

ROBINSON, Louis. "What Dreams Are Made Of". *North American Review*, v. 157, pp. 687-97, 1893.

ROUSSET, César. *Contribution à l'étude du cauchemar*, Paris, 1876. Tese.

ROUX, Joanny. "Les Rêves et les délires oniriques". *Province Médicale*, p. 212, 1898.

RYFF, Walther Hermann. *Traumbüchlein*. Estrasburgo, 1554.

SANTE DE SANCTIS. *Emozione e sogni*. 1896.

——. "I sogni nei delinquenti". *Archivio di psichiatria… e antropologia criminale*, v. XVII, pp. 488-98, Turim, 1896.

——. *I sogni e il sonno nell' isterismo e nella epilessia*. Roma, 1896.

——. "Les Maladies mentales et les rêves", 1897. (Extrato de *Annales de la Société de Médecine de Gand*.)

——. "Sui rapporti d'identità, di somiglianza, di analogia e di equivalenza tra sogno e pazzia". *Rivista Quindicinale di Psicologia, Psichiatria e Neuro-Patologia*, 15 nov. 1897.

——. "I sogni dei neuropatici e dei pazzi". *Archivio di psichiatria… e antropologia criminale*, 1898. 4 v.

——. "Psychoses et rêves". Congrès de Neurologie et d'Hypnologie de Bruxelles, p. 137, 1898.

——. *I sogni* (Trad. al. de O. Schmidt, Halle, 1901). Turim, 1899.

SANTEL, Anton. "Poskus raz kladbe nekterih pomentjivih prikazni spanja in sanj.". Progr. Gym., Görz, 1874.

SARLO, Francesco de. *I sogni. Saggio Psicologico*. Nápoles, 1887.

SCH., FR., "Etwas über Träume". *Psychische Studien*, pp. 686-94, 1897.

SCHERNER, Karl Albert. *Das Leben des Traumes*. Berlim, 1861.

SCHLEICH, k. l. "Traum und Schlaf". *Die Zukunft*, v. 29, pp. 14-27, 54-65, 1899.

SCHLEIERMACHER, Friedrich. *Psychologie*. Org. de L. George. Berlim, 1862.

SCHOLZ, Friedrich. *Schlaf und Traum*. Leipzig, 1887.

SCHOPENHAUER, Arthur. "Versuch über das Geistersehen und was damit zusammenhängt". In: *Parerga und Paralipomena*. Berlim, 1851.

SCHÜBERT, Gotthilf Heinrich. *Die Symbolik des Traumes*. Bamberg, 1844.

SCHWARTZKOPFF, Paul. *Das Leben im Traum, eine Studie*. Leipzig, 1887.

——. "Science of Dreams". *The Lyceum*, p. 28, Dublin, out. 1890.

SIEBECK, Hermann. *Das Traumleben der Seele*, 1877. (Sammlung Virchow-Holtzendorf, n. 279.)

SIMON, Max. *Le Monde des rêves*. Paris, 1888. (Bibliothèque Scientifique Contemporaine.)

SPITTA, Heinrich. *Die Schlaf- und Traumzustände der menschlichen Seele*. 2. ed. Tübingen, 1882 (1. ed. 1878).

STEVENSON, Robert Louis. "A Chapter on Dreams". In: *Across the Plains*. 1892.

STRICKER, Salomon. *Studien über das Bewusstsein*. Viena, 1879.

——. *Studien über die Assoziation der Vorstellungen*. Viena, 1883.

STRÜMPELL, Ludwig. *Die Natur und Entstehung der Träume*. Leipzig, 1877.

STRYK, M. von. "Der Traum und die Wirklichkeit" (segundo c. Mélinand). *Baltische Monatsschrift*, pp. 189-210, Riga, 1899.

STUMPF, E. J. G. *Der Traum und seine Deutung*. Leipzig, 1899.

SULLY, James. "Étude sur les rêves". *Revue Scientifique*, p. 385, 1882.

———. *Les Illusions des sens et de l'esprit*. Bibliothèque Scientifique Internationale, v. 62. Paris, 1883.

———. *Human Mind*. Londres, 1892.

———. "Dreams as a Revolution". *Fortnightly Review*, mar. 1893.

———. "Laws of Dream-Fancy". *Cornhill Magazine*, v. 50, p. 540.

———. "Dreams". In: *Encyclopædia Britannica*. 9. ed.

SUMMERS, T. O. "The Physiology of Dreaming". *Saint Louis Clin.*, v. VIII, pp. 401-6, 1895.

SURBLED, Georges. *Le Rêve*. 2. ed. 1898.

———. "Origine des rêves". *Revue de Questions Scientifiques*, 1895.

SINÉSIO DE SIRENA. *Oneiromantik* (trad. al. de Krauss). Viena, 1888.

TANNERY, M. Paul. "Sur l'activité de l'esprit dans le rêve". *Revue Philosophique*, v. 38, pp. 630-4, 1894.

———. "Sur les rêves des mathématiciens". *Revue Philosophique*, n. I, p. 639, 1898.

———. "Sur la mémoire dans le rêve". *Revue Philosophique*, v. 45, 1898.

———. "Sur la paramnésie dans les rêves". *Revue Philosophique*, v. 46, 1898.

THIERY, Armand. "Aristote et psychologie physiologique du rêve". *Revue Néo-scolastique*, ano 3, n. XI, pp. 260-71, 1896.

THOMAYER, S. "Sur la signification de quelques rêves". *Revue Neurologique*, n. 4, 1897.

———. "Beiträge zur Pathologie der Träume" (em tcheco). *Poliklinik der Tschechischen Universität*, Praga, 1897.

TISSIÉ, Philippe. "Les Rêves: rêves pathogènes et thérapeutiques; rêves photographiés". *Journal de Médecine de Bordeaux*, v. 26, 1896.

———. *Les Rêves, physiologie et pathologie*. 1898. (Bibliothèque de Philosophie Contemporaine.)

TITCHENER, E. B. "Taste Dreams". *American Journal of Psychology*, v. VI, 1893.

TONNINI, S. "Suggestione e sogni". *Archivio di psichiatria e antropologia criminale*, v. III, 1887.

TONSOR, Johann Heinrich. *Disputatio physica de vigilia, somno et somniis*. Prop. J. Lucas. Marburg, 1627.

———. "Traum". *Allgemeine Enzyklopädie der Wissenschaft und Künste*. Org. de Ersch e Grüber.

TRAUMBUCH. *Apomasaris*. Trad. al. de Lewenklaw. Wittenberg.

TUKE, Daniel Hack. "Dreaming". In: *Dictionary of Psychological Medicine*. 1892.

ULLRICH, M. W. *Der Schlaf und das Traumleben, Geisteskraft und Geistesschwache*. 3. ed. Berlim, 1897.

UNGER, Franz. *Die Magie des Traumes als Unsterblichkeitsbeweis*. (Acompanhado do prefácio: "Okkultismus und Sozialismus" de C. du Prel.) 2. ed. Münster, 1898.

"Utility of Dreams". *Edit. J. Comp. Neurol.*, v. III, pp. 17-34, Granville, 1893.

VASCHIDE, Nicolas. "Recherches experimentales sur les rêves". Académie des Sciences, 17 jul. 1899.

VESPA, Beniamino. "I sogni nei neuro-psicopatici". *Bolletino della Società Lancisiana*, Roma, 1897.

VIGNOLI. "Von den Träumen, Illusionen und Halluzinationen". *Internationale Wissenschaftliche Bibliothek*, v. 47.

VISCHER, Friedrich Theodor von. "Studien über den Traum". *Beilage zur Allgemeinen Zeitung*, n. 105-7, 1876.

VOLD, J. Mourly. "Einige Experimente über Gesichtsbilder im Traume". Dritter Internationale Kongress für Psychologie in München. *Zeitschrit für Psychologie und Physiologie der Sinnesorgane*, v. XIII, pp. 66-74, 1897.

——. *Expériences sur les rêves et en particulier sur ceux d'origine musculaire et optique*. Christiana, 1896; reimpresso in *Revue Philosophique*, v. 42. 1896.

VYKOUKAL, F. V. *Über Träume und Traumdeutungen* (em tcheco). Praga, 1898.

WEDEL, Richard. "Untersuchungen ausländischer Gelehrter über gewisse Traumphänomene". In: *Beiträge zur Grenzwissenschaft*. pp. 24-77, 1899.

WEED, Sarah; HALLAM, Florence; PHINNEY, Emma. "A Study of the Dream-Consciousness". *American Journal of Psychology*, v. VII, pp. 405-11, 1895.

WEHR, Hans. "Das Unbewusste im menschlichen Denken". *Programm der Oberrealschule zu Klagenfurt*. 1887.

WEIL, Alex. *La Philosophie du rêve*. Paris.

WENDT, K. *Kriemhilds Traum*. Rostock, 1858. Tese.

WEYGANDT, Wilhelm. *Entstehung der Träume*. Leipzig, 1893.

WILKS, Samuel. "On the Nature of Dreams". *Medical Magazine*, n. II, pp. 597-606, Londres, 1893-4.

WILLIAMS, Henry Smith. "The Dream State and its Psychic Correlatives". *American Journal of Insanity*, v. 17, pp. 445-57, 1891-2.

WOODWORTH, Robert Sessions. "Note on the Rapidity of Dreams". *Psychological Review*, v. IV, n. 5, 1897.

WUNDT. *Grundzüge der physiologischen Psychologie*, 2. ed. 1880. 2 v.

X. "Ce qu'on peut rêver en cinq secondes", *Revue Scientifique*, série 3, v. I, n. XII, 30 out. 1886.

ZUCCARELLI, A. "Pollutions nocturnes et épilepsie". *Bulletin de la Société de Médecine Mentale de Belgique*, mar. 1895.

B) DEPOIS DE 1900

ABRAHAM, Karl. *Traum und Mythos, eine Studie zur Völkerpsychologie* (Schriften zur angewandten Seelenkunde, n. 4). Viena/Leipzig, 1900

———. "Über hysterische Traumzustände". *Jahrbuch für psychoanalytische und psychopathologische Forschungen*, v. II, 1910.

———. "Sollen wir die Patienten ihre Träume aufschreiben lassen?" *Internationale Zeitschrift für ärztliche Psychoanalyse*, v. I, p. 194, 1913.

———. "Zur narzisstischen Bewertung der Exkretionsvorgänge im Traum und Neurosen". *Internationale Zeitschrift für Psychoanalyse*, v. VI, p. 64.

ADLER, Alfred, "Zwei Träume einer Prostituierten". *Zeitschrift für Sexualwissenschaft*, n. 2, 1908.

———. "Ein erlogener Traum". *Zentralblatt für Psychoanalyse*, n. 3, 1910.

———. "Traum und Traumdeutung". Ibid., v. III, p. 174, 1912-3.

AMRAM, Nathan. *Sepher pithron chalomoth*. Jerusalém, 1901.

BANCHIERI, F. "I sogni dei bambini di cinque anni". *Rivista di Psicologia*, v. 8, pp. 325-30.

BLEULER, Paul Eugen. "Die Psychoanalyse Freuds". *Jahrbuch für psychoanalytische und psychopathologische Forschungen*, v. II, 1910.

BLEULER, Paul Eugen. "Träume mit auf der Hand liegender Deutung". *Münchener Medizinische Wochenschrift*, ano 6. n. 47, 11 nov. 1913.

BLOCH, Ernst. "Beitrag zu den Träumen nach Coitus interruptus". *Zentralblatt für Psychoanalyse*, v. II, p. 276, 1911-2.

BREWSTER, Edwin Tenney. "Dreams and Forgetting, New Discoveries in Dream Psychology". *Mcclure's Magazine*, out. 1912.

BRILL, Abraham A. "Dreams and Their Relation to the Neuroses". *New York Medical Journal*, 23 abr. 1910.

———. *Psychoanalysis, Its Theory and Practical Application*. Filadélfia/Nova York, 1912.

———. "Hysterical Dreamy States". *New York Medical Journal*, 25 maio 1912.

———. "Artificial Dreams and Lying". *Journal of Abnormal Psychology*, v. IX, p. 321.

———. "Fairy-Tales as a Determinant of Dreams and Neurotic Symptoms". *New York Medical Journal*, 21 mar. 1914.

BROWN, William. "Freud's Theory of Dreams". *The Lancet*, 19 e 26 abr. 1913.

BRUCE, H. Addington. "The Marvels of Dream-Analysis". *Mcclure's Magazine*, nov. 1912.

BURCKHARD, Max. "Ein modernes Traumbuch". *Die Zeit*, n. 275, 276, 1900.

BUSEMANN, Adolf. "Traumleben der Schulkinder". *Zeitschrift für Pädagogische Psychologie*, v. X, pp. 294-301, 1909.

——. "Psychologie der kindlichen Traumerlebnisse". *Zeitschrift für Pädagogische Psychologie*, v. XI, p. 320, 1910.

CLAPARÈDE, Édouard. "Esquisse d'une théorie biologique du sommeil". *Archives de Psychologie*, v. IV, n. 15/16, fev.-mar. 1905.

——. "Rêve utile". *Archives de Psychologie*, v. IX, p. 148, 1910.

CORIAT, Isidor. "Zwei sexual-symbolische Beispiele von Zahnarzt-Träumen". *Zentralblatt für Psychoanalyse*, v. III, p. 440, 1912-3.

——. "Träume vom Kahlwerden". *Internationale Zeitschrift für Psychoanalyse*, v. II, p. 460.

——. *The Meaning of Dreams*. Londres, Heinemann. (Série Mind and Health.)

DELACROIX, Henri. "Sur la structure logique du rêve". *Revue Métaphysique*, nov. 1904.

——. "Note sur la cohérence des rêves". II Congrès International de Philosophie, pp. 556-60.

DELAGE, Yves. "La Nature des images hypnagogiques et le rôle des lueurs entoptiques dans le rêve". *Bulletin de l'Institut Général Psychologique*, pp. 235-47, 1903.

DOGLIA, S.; BIANCHIERI, F. "I sogni dei bambini di tre anni, l'inizio dell' attività onirica". *Contributi Psicologici*, v. I, n. 9.

EDER, M. David. "Freud's Theory of Dreams". *Transactions of the Psycho-Medical Society*, v. III, parte 3, Londres, 1912.

——. "Augenträume". *Internationale Zeitschrift für ärztliche Psychoanalyse*, v. I, 1913, p. 157.

EEDEN, Frederik van. "A Study of Dreams". *Proceedings of the Society for Psychological Research*, parte 47, v. 26.

ELLIS, Havelock. "The Logic of Dreams". *Contemporary Review*, n. 98, pp. 353-9, 1910.

——. "The Symbolism of Dreams". *The Popular Science Monthly*, jul. 1910.

——. "Symbolismen in den Träumen". *Zeitschrift für Psychotherapie*, v. III, pp. 29-46, 1911.

——. *The World of Dreams*. Londres, 1911.

——. "The Relation of Erotic Dreams to Vesical Dreams". *Journal of Abnormal Psychology*, v. VIII, n. 3, ago.-set. 1913.

FEDERN, Paul. "Ein Fall von Pavor nocturnus mit subjektiven Lichterscheinungen". *Internationale Zeitschrift für ärztliche Psychoanalyse*, v. I, n. 6, 1913.

——. "Über zwei typische Traumsensationen". *Jahrbuch für Psychoanalitische Forschung*, v. VI, p. 89.

——. "Zur Frage des Hemmungstraumes". *Internationale Zeitschrift für Psychoanalyse*, v. VI, p. 73.

FERENCZI, Sándor. "Die psychologische Analyse der Träume". *Psychiatrisch-neurologische Wochenschrift*, v. XII. n. 11-3, jun. 1910.

——. "Symbolische Darstellung des Lust- und Realitätsprinzips im Ödipus-Mythos". *Imago*, v. I, p. 276, 1912.

——. "Über lenkbare Träume". *Zentralblatt für Psychoanalyse*, v. II, p. 31, 1911-2.

——. "Das 'vergessen' eines Symptoms und seine Aufklärung im Traume". *Internationale Zeitschrift für Psychoanalyse*, v. II, p. 384.

——. "Affektvertäuschung im Traum". *Internationale Zeitschrift für Psychoanalyse*, v. IV, p. 112.

——. "Träume von Ahnungslosen". *Internationale Zeitschrift für Psychoanalyse*, v. IV, p. 208.

——. "Pollution ohne orgastischen Traum und Orgasmus im Traum ohne Pollution". *Internationale Zeitschrift für Psychoanalyse*, v. IV, p. 187.

FLOURNOY, H. "Quelques rêves au sujet de la signification symbolique de l'eau et du feu". *Internationale Zeitschrift für Psychoanalyse*, v. VI, p. 328.

FÖRSTER, M. "Das lateinaltenglische Traumbuch". *Archiv für das Studium der Neueren Sprachen und Literaturen*, v. 120, pp. 43 ss.; v. 125, pp. 39-70; v. 127, pp. 1 ss.

——. "Mittelenglische Traumbücher". *Herrings Archiv*, 1911.

FOUCAULT, Marcel. *Le Rêve, études et observations*. Paris, 1906. (Bibliothèque de Philosophie Contemporaine.)

FRIEDJUNG, Josef K. "Traum eines sechsjährigen Mädchens". *Internationale Zeitschrift für ärztliche Psychoanalyse*, v. I, p. 71, 1913.

FRINK, Horace W. "Dreams and Their Analysis in Reference to Psychotherapy". *Medical Record*, 27 maio 1911.

——. "On Freud's Theory of Dreams". *American Medicine*, Burlington/Nova York, v. VI, pp. 652-61.

——. "Dream and Neurosis". *Interstate Medical Journal*, 1915.

GINCBURG, Mira. "Mitteilung von Kindheitsträumen mit spezieller Bedeutung". *Internationale Zeitschrift für ärztliche Psychoanalyse*, v. I, p. 79, 1913.

GOTTSCHALK. "Le Rêve d'après les idées du prof. Freud". *Archives de Neurologie*, n. 4, 1912.

GREGORY, J. C. "Dreams as a By-Product of Waking Activity". *Westminster Review*, v. 175, pp. 561-7, Londres, 1911.

HARNIK, J. "Gelungene Auslegung eines Traumes". *Zentralblatt für Psychoanalyse*, v. II, p. 417, 1911-2.

HITSCHMANN, Eduard. *Freuds Neurosenlehre, Nach ihrem gegenwartigen Stande zusammenfassend dargestellt*. Viena/Leipzig, 1911; 2. ed. 1913 (cap. 5: "Der Traum".)

——. "Ein Fall von Symbolik für Ungläubige". *Zentralblatt für Psychoanalyse*, v. I, p. 235, 1910-1.

——. "Beiträge zur Sexualsymbolik des Traumes". Ibid., p. 561.

——. "Weitere Mitteiltung von Kindheitsträumen mit spezieller Bedeutung". *Internationale Zeitschrift für ärztliche Psychoanalyse*, v. I, p. 476, 1913.

——. "Goethe als Vatersymbol in Träumen". Ibid., n. 6.

——. "Über Träume Gottfried Kellers". *Internationale Zeitschrift für Psychoanalyse*, v. II, p. 41.

——. "Weitere Mitteilung von Kindheitsträumen mit spezieller Bedeutung". Ibid., v. II, p. 31.

——. "Über eine im Traum angekundigte Reminiszenz an ein sexuelles Jugenderlebnis". Ibid., v. v, p. 205.

HUG-HELLMUTH, Hermine von. "Analyse eines Traumes eines 5 1/2 jährigen Knaben". *Zentralblatt für Psychoanalyse*, v. II, pp. 122-7, 1911-2.

——. "Kinderträume". *Internationale Zeitschrift für ärztliche Psychoanalyse*, v. I, p. 470, 1913.

——. *Aus dem Seelenleben des Kindes* (Schriften zur angewandten Seelenkunde. herausgegeben von prof. Freud, n. 15). Viena/Leipzig, 1913.

——. "Ein Traum, der sich selber deutet". Ibid., v. III, p. 33.

IWAYA, S. "Traumdeutung in Japan". *Ost-Asien*, p. 302, 1902.

JONES, Ernest. "On the Nightmare". *American Journal of Insanity*, jan. 1910.

——. "The Oedipus-Complex as an Explanation of Hamlet's Mystery: A Study in Motive". Ibid., pp. 72-113, jan. 1910.

——. "Freud's Theory of Dreams". Ibid., abr. 1910.

——. "Remarks on Dr. M. Prince's Article: 'The Mechanism and Interpretation of Dreams'". *Journal of Abnormal Psychology*, pp. 328-36, 1910-1.

——. "Some Instances of the Influence of Dreams on Waking Life". Ibid., abr.-maio 1911.

——. "The Relationship between Dreams and Psychoneurotic Symptoms". *American Journal of Insanity*, v. 68, n. I, jul. 1911.

——. "A Forgotten Dream". *Journal of Abnormal Psychology*, abr.-maio 1912.

——. *Papers on Psycho-Analysis*. Londres, 1912.

——. *Der Alptraum in seiner Beziehung zu Gewissen formen des mittelälterlichen Aberglaubens*. (Schriften zur angewandten Seelenk, ed. Freud, n. 14). Leipzig/Viena, 1912.

JUNG, Carl Gustav. "L'analyse des rêves". *L'Année Psychologique*, v. XV.

——. "Assoziation, Traum und hysterisches Symptom". In: ——. (Org.) *Diagnostische Assoziationsstudien: Beiträge zur experimentellen Psychopathologie*. v. II, Leipzig, 1910. pp. 31-66. (n. VIII Beitrag.)

——. "Ein Beitrag zur Psychologie des Gerüchtes". *Zentralblatt für Psychoanalyse*, v. I, n. 3, 1910.

——. "Ein Beitrag zur Kenntnis des Zahlentraumes". Ibid., pp. 567-72, 1910-1.

——. "Morton Prince's: 'The Mechanism and Interpretation of Dreams', eine kritische Besprechung". *Jahrbuch für Psychoanalytische und Psychopathologische Forschungen*, v. III, 1911.

KARPINSKA, Ludwika. "Ein Beitrag zur Analyse 'sinnloser' Worte im Traume". *Internationale Zeitschrift für Psychoanalyse*, v. II, n. II, p. 164.

KAZODOWSKY, A. "Zusammenhang von Träumen und Wahnvorstellungen". *Neurologisches Centralblatt*, pp. 440-7, 508-14, 1901.

KOSTYLEFF, Nicolaï. "Freud et le problème des rêves". *Revue Philosophique*, v. 72, jul.-dez. 1911, pp. 491-522.

KRAEPELIN, Emil. "Über Sprachstörungen im Traume". *Psychologische Arbeiten*, v. 5, Leipzig, 1907.

LAUER, Chaim. "Das Wesen des Traumes in der Beurteilung der talmudischen und rabbinischen Literatur". *Internationale Zeitschrift für ärztliche Psychoanalyse*, v. I, n. 5, 1913.

LEHMANN, Alfred. *Aberglaube und Zauberei von den ältesten Zeiten bis in die Gegenwart*. Trad. al. de Petersen. Stuttgart, 1908. (2. ed. ampliada.)

LEROY, Bernard. "À propos de quelques rêves symboliques". *Journal de Psychologie Normale et Pathologique*, ano 5, pp. 358-65, 1908.

LEROY, B.; TOBOWOLSKA, J. "Mécanisme intellectuel du rêve". *Revue Philosophique*, v. 51, pp. 570-93, 1901.

LÖWINGER, Adolf. "Der Traum in der jüdischen Literatur". *Mitteilungen zur jüdischen Volkskunde*, ano 10, n. 1-2, Leipzig, 1908.

MAEDER, Alphonse. "Essai d'interprétation de quelques rêves". *Archives de Psychologie*, v. VI, n. 24, abr. 1907.

———. "Die Symbolik in den Legenden, Märchen, Gebräuchen und Träumen". *Psychiatrisch-neurologische Wochenschrift*, ano X, 1908.

———. "Zur Entstehung der Symbolik im Traum, in der Dementia praecox…". *Zentralblatt für Psychoanalyse*, v. I, pp. 383-9, 1910-1.

———. "Über die Funktion des Traumes". *Jahrbuch für psychoanalytische und psychopathologische Forschungen*, v. IV, 1912.

———. "Über das Traumproblem". Ibid., v. V, p. 647, 1913.

———. "Zur Frage der Teleologischen Traumfunktion". Ibid., p. 453.

MARCINOWSKI, Johannes Jaroslaw. "Gezeichnete Träume". *Zentralblatt für Psychoanalyse*, v. II, pp. 490-518, 1911-2.

———. "Drei Romane in Zahlen". Ibid., pp. 619-38.

MITCHELL, Arthur. *About Dreaming, Laughing and Blushing*. Londres, 1905.

MIURA, Kinnosuke. "Japanische Traumdeuterei". *Mitteillungen der deutschen Gesellschaft für Natur- und Völkerkunde Ostasiens*, v. X, pp. 291-306.

NÄCKE, Paul. "Über sexuelle Träume". *Archiv für Kriminal-Anthropologie und Kriminalistik*, p. 307, 1903.

———. "Der Traum als feinstes Reagens für die Art des sexuellen Empfindens", *Monatsschrift für Kriminalpsychologie*, 1905.

———. "Kontrastträume und spezielle sexuelle Kontrastträume". *Archiv für Kriminal-Anthropologie und Kriminalistik*, v. 24, pp. 1-19, 1907.

———. "Beiträge zu den sexuellen Träumen". *Archiv für Kriminal-Anthropologie und Kriminalistik*, v. 29, pp. 363 ss.

——. "Die diagnostische und prognostische Brauchbarkeit der sexuellen Träume". *ärztlichen Sachsverständigenzeitung*, n. 2, 1911.

NEGELEIN, Julius von. *Der Traumschlüssel des Yaggaddeva*. Giessen, 1912. (Série Religionsgeschichtliche Versuche und Vorarbeiten, v. XI, n. 4.)

PACHANTONI, D. "Der Traum als Ursprung von Wahnideen bei Alkoholdeliranten". *Zentralblatt für Nervenheilkunde und Psychiatrie*, ano 32, p. 796, 1909.

PEAR, T. Hatherley. "The Analysis of Some Personal Dreams, with Special Reference to Freud's Interpretation; Meeting at the British Association for the Advancement of Science, Birmingham, 16-17 September, 1913". *British Journal of Psychology*, v. VI, 3/4 fev. 1914.

PFISTER, Oskar. "Wahnvorstellung und Schülerselbstmord. Auf Grund einer Traumanalyse beleuchtet". *Schweizerische Blätter für Schulgesundheitspflege*, n. I, 1909.

——. "Kryptolalie, Krytographie und unbewusstes Vexierbild bei Normalen". *Jahrbuch für Psychoanalytische Forschungen*, V. I, 1913.

PÖTZL, Otto. "Experimentell Erregte Traumbilder in ihren Beziehungen zum indirekten Sehen". *Zeitschrift für die gesamte Neurologie und Psychiatrie*, v. 37, 1917.

PRINCE, Morton. "The Mechanism and Interpretation of Dreams". *Journal of Abnormal Psychology*, out.-nov. 1910.

——. "The Mechanism and Interpretation of Dreams; a Reply to Dr. Jones". Ibid., pp. 337-53, 1910-1.

PUTNAM, James Jackson, "Aus der Analyse zweier Treppen-Träume". *Zentralblatt für Psychoanalyse*, v. II, p. 264, 1911-2.

——. "Ein charakteristischer Kindertraum". Ibid., p. 328.

——. "Dream-Interpretation and the Theory of Psycho-Analysis". *Journal of Abnormal Psychology*, v. IX, n. I, p. 36.

RAALTE, F. van. "Kinderdroomen". *Het Kind*, jan. 1912.

RANK, Otto. *Der Mythus von der Geburt des Helden* (Schriften zur angewandten Seelenkunde, n. 5). Viena/Leipzig, 1909.

——. "Beispiel eines verkappten Ödipus-Traumes". *Zentralblatt für Psychoanalyse*, v. I, 1910.

——. "Zum Thema der Zahnreizträume". Ibid.

——. "Das Verlieren als Symptomhandlung, zugleich ein Beitrag zum Verständnis der Beziehungen des Traumlebens zu den Fehlleistungen des Alltagslebens". Ibid.

——. "Ein Traum, der sich selbst deutet". *Jahrbuch für psychoanalytische und psychopathologische Forschungen*, v. II, 1910.

——. "Ein Beitrag zum Narzissmus". Ibid., v. III, 1911.

——. "Fehlleistung und Traum". *Zentralblatt für Psychoanalyse*, v. II, p. 266, 1911-2.

——. "Aktuelle Sexualregungen als Traumanlässe". Ibid., pp. 596-602.

——. "Die Symbolschichtung im Wecktraum und ihre Wiederkehr im mythischen Denken". *Jahrbuch für psychoanalytische und psychopathologische Forschungen*, v. IV, 1912.

——. *Das Inzestmotiv in Dichtung und Sage, Grundzüge einer Psychologie des dichterischen Schaffens*. Viena/Leipzig, 1912.

RANK, Otto. "Die Nacktheit in Sage und Dichtung. Eine Psychoanalytische Studie". *Imago*, v. II, 1912.

——. "Eine noch nicht beschriebene form des Ödipus-Traumes". *Internationale Zeitschrift für ärztliche Psychoanalyse*, v. I, p. 151, 1913.

——. "Fehlhandlung und Traum". *Internationale Zeitschrift für ärztliche Psychoanalyse*, v. III, p. 158.

——. "Die Geburtsrettungsphantasie in Traum und Dichtung". Ibid., v. II, p. 43.

——. "Ein gedichteter Traum". Ibid., v. III, p. 231.

RANK, O.; SACHS, Hanns, "Die Bedeutung der Psychoanalyse für die Geisteswissenschaften". *Grenzfragen des Nerven- und Seelenlebens, ed. Lowenfeld*, n. 93, Wiesbaden, 1913.

REIK, Theodor. "Zwei Träume Flauberts". *Zentralblatt für Psychoanalyse*, v. III, p. 223, 1912-3.

——. "Kriemhilds Traum". Ibid., v. II, p. 416.

——. "Beruf und Traumsymbolik". Ibid., p. 531.

——. "Der Nacktheitstraum eines Forschungsreisenden". *Internationale Zeitschrift für ärztliche Psychoanalyse*, v. II, p. 463.

——. "Gotthilf Schuberts 'Symbolik des Traumes'". *Internationale Zeitschrift für Psychoanalyse*, v. III, p. 295.

——. "Völkerpsychologische Parallelen zum Traumsymbol des Mantels". Ibid., v. VI, p. 310.

——. "Zum Thema: Traum und Traumwandeln". Ibid., v. VI, p. 311.

ROBITSEK, Alfred. "Die Analyse von Egmonts Traum". *Jahrbuch für psychoanalytische und psychopathologische Forschungen*, v. II, 1910.

——. "Die Stiege, Leiter, als sexuelles Symbol in der Antike". *Zentralblatt für Psychoanalyse*, v. I, p. 586, 1910-1.

——. "Zur Frage der Symbolik in den Träumen Gesunder". Ibid., v. II, p. 340.

RÓHEIM, Géza. "Die Urszene im Traume". *Internationale Zeitschrift für Psychoanalyse*, v. VI, p. 337.

SACHS, Hanns. "Zur Darstellungstechnik des Traumes". *Zentralblatt für Psychoanalyse*, v. I, 1910-1.

——. "Ein Fall intensiver Traumentstellung". Ibid., p. 588.

——. "Traumdeutung und Menschenkenntnis". *Jahrbuch für psychoanalytische und psychopathologische Forschungen*, v. III, p. 568, 1911.

——. "Ein Traum Bismarcks". *Internationale Zeitschrift für ärztliche Psychoanalyse*, v. I, n. I, 1913.

——. "Traumdarstellungen analer Weckreize". Ibid., p. 489.

——. "Das Zimmer als Traumdarstellung des Weibes". Ibid., v. II, p. 35.

SACHS, Hanns. "Ein absurder Traum". Ibid., v. III, p. 35.

SADGER, Isidor. "Über das Unbewusste und die Träume bei Hebbel". *Imago*, jun. 1913.

SCHRÖTTER, Karl. "Experimentelle Träume". *Zentralblatt für Psychoanalyse*, v. II, p. 638, 1912.

SCHWARZ, F. "Traum und Traumdeutung nach 'Abdalgani an-Nabulusi'". *Zeitschrift der Deutschen Morgenländischen Gesellschaft*, v. 67, n. 3, pp. 473-93, 1913.

SECKER, F. "Chines. Ansichten über den Traum". *Neue Metaph. Rdschr.*, v. 17, p. 101, 1909-10.

SILBERER, Herbert. "Bericht über eine Methode, gewisse symbolische Halluzinations-erscheinungen hervorzurufen und zu beobachten". *Jahrbuch für Psychoanalytische und Psychopathologische Forschungen*, v. I, 1909.

——. "Phantasie und Mythos". Ibid., v. II, 1910.

——. "Symbolik des Erwachens und Schwellensymbolik überhaupt". Ibid., v. III, 1911.

——. "Über die Symbolbildung". Ibid.

——. "Zur Symbolbildung". Ibid., v. IV, 1912.

——. "Spermatozoenträume". Ibid.

——. "Zur Frage der Spermatozoenträume". Ibid.

SPIELREIN, Sabina. "Traum vom 'Pater Freudenreich'". *Internationale Zeitschrift für ärztliche Psychoanalyse*, v. I, p. 484, 1913.

SPITTELER, Carl. "Meine frühesten Erlebnisse. I, Hilflos und sprachlos. Die Träume des Kindes". *Sudd. Monatsh.*, out. 1913.

STÄRCKE, August. "Ein Traum, der das Gegenteil einer Wunscherfüllung zu verwirklichen schien, zugleich ein Beispiel eines Traumes, der von einem anderen Traum gedeutet wird". *Zentralblatt für Psychoanalyse*, v. II, p. 86, 1911-2.

——. "Traumbeispiele". *Internationale Zeitschrift für Psychoanalyse*, II, p. 381.

STÄRCKE, Johann. "Neue Traumexperimente in Zusammenhang mit älteren und neueren Traumtheorien". *Jahrbuch für Psychoanalytische und Psychopathologische Forschungen*, v. V, p. 233, 1913.

STEGMANN, Anna Margarete. "Darstellung epileptischer Anfälle im Traume". *Internationale Zeitschrift für ärztliche Psychoanalyse*, v. i, 1913.

——. "Ein Vexiertraum". Ibid., p. 486.

STEKEL, Wilhelm. "Beiträge zur Traumdeutung". *Jahrbuch für Psychoanalytische und Psychopathologische Forschungen*, v. I. 1909.

——. *Nervöse Angstzustände und ihre Behandlung*. Viena/Berlim, 1908. (2. ed., 1912.)

——. *Die Sprache des Traumes. Eine Darstellung der Symbolik und Deutung des Traumes in ihren Beziehungen zur kranken und gesunden Seele für Ärtze und Psychologen*. Wiesbaden, 1911.

STEKEL, Wilhelm. *Die Träume der Dichter*. Wiesbaden, 1912.

——. "Ein prophetischer Nummerntraum". *Zentralblatt für Psychoanalyse*, v. 11, pp. 128-30, 1911-2.

——. "Fortschritte der Traumdeutung". *Zentralblatt für Psychoanalyse*, v. III, pp. 154, 426, 1912-3.

——. "Darstellung der Neurose im Traum". Ibid., p. 26.

SWOBODA, Hermann. *Die Perioden des menschlichen Organismus*. Viena/Leipzig, 1904.

TAUSK, Viktor. "Zur Psychologie der Kindersexualität". *Internationale Zeitschrift für ärztliche Psychoanalyse*, v. I, p. 444, 1913.

——. "Zwei homosexuelle Träume". Ibid., v. II, p. 36.

——. "Ein Zahlentraum". Ibid., v. II, p. 39.

TFINKDJI, Joseph. "Essai sur les songes et l'art de les interpréter (onirocritie) en Mésopotamie". *Anthropos*, v. VIII, n. 2-3, mar.-jun. 1913.

TOBOWOLSKA, Justine. "Étude sur les illusions de temps dans les rêves du sommeil normal". Paris, 1900. Tese.

VASCHIDE, Nicolas. *Le Sommeil et les rêves*. Paris, 1911. (Bibliothèque de Philosophie Scientifique v. 66.)

VASCHIDE, N.; PIÉRON, H. *La Psychologie du rêve au point de vue médical*. Paris, 1902.

VOLD, J. Mourly. *Über den Traum, experimentell-psychologische Untersuchungen*. Org. de O. Klemm. v. I. Leipzig, 1910; v. II, 1912.

WEISS, Edoardo. "Totenmaterial im Traume". *Internationale Zeitschrift für Psychoanalyse*, v. II, p. 159.

WEISS, Karl. "Ein Pollutionstraum". *Internationale Zeitschrift für Psychoanalyse*, v. VI, p. 343.

WEYGANDT, Wilhelm. "Beiträge zur Psychologie des Traumes". *Philosophische Studien*, v. 20, pp. 456-86, 1902.

WIGGAM, Augusta. "A Contribution to the Data of Dream Psychology". *Pedagogical Seminary*, v. 16, jun. 1909.

WINTERSTEIN, Alfred von. "Zum Thema: 'Lenkbare Träume'". *Zentralblatt für Psychoanalyse*, v. II, p. 290, 1911-2.

WULFF, M. "Ein interessanter Zusammenhang von Traum, Symbolhandlung und Krankheitssymptom". *Internationale Zeitschrift für ärztliche Psychoanalyse*, v. I, n. 6, 1913.

ÍNDICE DE SONHOS - TERMOS PARA BUSCA

A. SONHADOS POR FREUD

Assinatura de uma publicação periódica por vinte florins

Ataque de Goethe ao sr. M.

"*Autodidasker*"

Caolho

Cardápio preparado pelo professor Oser

Carta do comitê social-democrata

Carta do conselho municipal

Castelo à beira-mar

Cavalgada (furúnculo)

Conde Thun

Discurso fúnebre do jovem médico

Encontro com uma governanta na escada

Estátua de Arquimedes

Fantasias oníricas

"*Hearsing*"

"Hollthurn"

Injeção de Irma

Mãe e filha

"Meu filho, o míope"

Monografia botânica

Mulher esperando por Freud

"*Non vixit*"

Notícia do filho no front

"O papa morreu"

Oradores famosos

Pai no leito de morte, parecido com Garibaldi

Perfil de Savonarola

Pessoas com bicos de pássaro

Privada ao ar livre

Reconciliação com um amigo
Restaurante em Pádua
Rochedo íngreme no mar, à maneira de Böcklin
Roma, série de sonhos sobre
Sala com máquinas
“Solicita-se que fechem os olhos”
Sra. Doni e seus três filhos
Tio com a barba dourada
Torre de igreja
Três Parcas
Túmulo etrusco

B. SONHADOS POR OUTRAS PESSOAS

OS NOMES OU DESCRIÇÕES ENTRE PARÊNTESES CORRESPONDEM AO SONHADOR E A QUEM O SONHO FOI INFORMADO

Advogado que perdia todos os seus processos (amigo-Freud)
Afinação de um piano (paciente mulher-Freud)
Albergue de Rohrer (filha de oito anos de um amigo de Freud)
Alexandre, o Grande, durante o sítio de Tiro (Alexandre-Artemiodoro)
Andar rápido e tropeçar continuamente (paciente mulher-Freud)
Aparelho de refrigeração na bochecha (paciente mulher-Freud)
"Apenas para mulheres" (mulher-Schrötter)
Aprendiz de alfaiate demitido (relato de Rosegger)
Apresentação de *Fidélio* (homem-Freud)
Aquiles e Diomedes (filho de oito anos-Freud)
Asplenium e lagartos (relato de Delbouef)
Ato sexual com uma menina em uma escada (homem-Rank)
Ator vienense de oitenta anos com armadura completa (mulher-Tausk)
"Babá francesa" (ilustração de revista humorística húngara)
Barras de chocolate (filha de oito anos e meio-Freud)
"Beijo de honra" (mulher jovem-Rank),
Besouros (paciente mulher-Freud)
Bismarck cavalgando nos Alpes (Bismarck-Sachs)
"Brometo de fenilmagnésio" (químico-Freud)
Brutus e o beijo na mãe-terra (relato de Lívio citado por Rank)
Cabeça cortada por uma mulher (paciente homem-Freud)
Cabines de banho da praia, privadas rurais e mansardas urbanas (paciente mulher-Freud)
"Canal" (paciente mulher-Freud)
Casaco de inverno (paciente homem-Freud)
"Categoria" (garoto de dez anos-Tausk)
Cavalo revirando-se num campo de aveia (relato de Keller)
Centro de mesa com flores (moça-Robitsek)
Cestinha com cerejas (sobrinho de 22 meses-Freud)
Chapéu com uma pena torta no centro (homem-Stekel)
Chapéu de palha com laterais pendentes (paciente mulher-Freud)
"Chauffeurs" (relato de Maury)
Chimpanzé e um "gato gorila" (mulher-Freud)
Cinco e quinze da manhã (homem-Freud)

Colando recortes de jornal em um livro (relato de Sachs)
Colega acamado (paciente homem-Freud)
Compra no mercado (paciente mulher-Freud)
Consultório de Freud misturado a um lugar público (paciente homem-Freud)
Criança com o crânio deformado (mulher-Freud)
Criança sendo queimada (pai do menino-paciente mulher de Freud)
Crianças com asas (paciente mulher-Freud)
Crianças e suas camas (menina-Freud)
Criatura semelhante a uma foca (mulher-Abraham)
Curativo (relato de Maury)
"Daraus, Varaus ou Zaraus" (relato de H. Ellis)
Declaração de imposto de renda (médico-Freud)
Despedindo-se de alguém e logo se reencontrar (relato de Silberer)
Deus com um chapéu de papel pontudo na cabeça (mulher-Freud)
Dois garotos que lutam (homem-Freud)
Dor ciática de de Nansen (médico-Freud)
Duas fileiras de belos garotos louros (relato de Scherner)
Duas fileiras de gavetas (relato de Volkelt)
Elefante, Freud como (paciente homem-Freud)
"Em cima e embaixo" *ver* Subir e descer (paciente homem-Freud)
"Em questões de dinheiro não posso fazer concessão" (paciente mulher-Freud)
Empregada doméstica esperando um filho sem saber quem era o pai (paciente mulher-Freud)
Encontro com o dr. K. na Kärntnerstrasse de Viena (paciente mulher-Freud)
"*Erzefilisch*" (relato de Marcinowski)
Estudante de medicina que deve ir ao hospital (médico-Freud)
Excursão ao Dachstein (filho de cinco anos-Freud)
Exploradores, sonhos de (relatoso de Nordenskjöld, Park e Back)
Explosão de bomba em batalha (Napoleão I-Garnier)
Extração de um dente (homem-Rank)
Festa com a presença de Daudet, Bourget, Prévost etc. (mulher-Freud)
Filha morta dentro de uma caixa (paciente mulher-Freud)
Filha pequena esmagada por um trem (paciente mulher-Freud)
Flutuando no ar (paciente mulher-Freud)
"Fogo!" (compositor-Volkelt)
Fossa profunda com uma janela (homem-Freud)
Garotinho emergindo do mar (mulher-Jones)

"*Genitalien*" (paciente mulher-Freud)
"*Gradus ad Parnassum*" (paciente homem-Freud)
Guilhotina (relato de Maury)
Guizos de trenó (relato de Hildebrandt)
Hesitando para atravessar um riacho (relato de Silberer)
Hípias deitando-se com sua própria mãe (relato de Heródoto)
"Homem que se encontra às dúzias" (paciente mulher-Freud)
Hotel cheio de umidade (paciente-Freud)
Hotel de veraneio, número de quarto errado, mulheres se despindo (homem-Freud)
Hussiatyn (jovem advogado-Freud)
"*I called for you yesterday*" (relato de Maury)
Igreja perto de montanha e floresta (mulher de um guarda-Dattner)
Imperador romano degolado (súdito romano, relatado por Scholz)
Inspetor policial número 2262 (homem-Dattner)
Irmão dentro de uma caixa (homem-Freud)
Irmão vendendo a empresa (homem-Freud)
Júlio César em relação sexual com a mãe (relato de Lívio citado por Rank)
Karl seu pequeno caixão (paciente mulher-Freud)
"Kontuszówska" (paciente homem-Freud)
Leão amarelo (médico-Freud)
Lince ou raposa (mulher-Freud)
Lobélia… Lopez… loteria… quilo (relato de Maury)
Loja no Cairo (relato de Maury)
Louça caindo e se despedaçando (relato de Hildebrandt)
"*Maistollmütz*" (paciente mulher-Freud)
Mala cheia de livros (paciente mulher-Freud)
Manchas de leite na frente na camisola (esposa de uma amigo de Freud)
Médico e cavalo vestindo uma camisola (paciente mulher-Ferenczi)
Melodia esquecida por um músico (Hervey de St.-Denis-Vaschide)
Menino Maury em Trilport (relato de Maury)
Menstruação (esposa de um amigo de Freud)
Mergulho em um lago (paciente mulher-Freud)
Moça banhada em luz branca e vestida com blusa branca (homem-Freud)
Morangos silvestres (filha com dezenove meses-Freud)
Mulher acompanhada por duas garotas pequenas (mulher-Freud)
Mulher loura do balneário de Pornic (Hervey de St.-Denis-Vaschide)

Mulher tirada de trás da cama (homem-Freud)
"Mussidan é uma cidade distrital no Département de la Dordogne" (relato de Maury)
"Nasci em 1882" (paciente homem-Freud)
Nome esquecido (homem-Freud)
"*Norekdal*" (médico-Freud)
Oficial sentado à mesa com o imperador (homem-Freud)
Oficina ortopédica (paciente mulher-Freud)
Operação no pênis (paciente homem-Freud)
Osso fraturado (homem-Freud)
Pai briga com filho porque voltou para casa muito tarde (paciente homem-Freud)
Pai ferido em um descarrilhamento de trem (paciente homem-Freud)
Pai que estava morto mas não sabia disso (homem-Freud)
"Papai carregou sua cabeça num prato" (garoto de três anos e cinco meses-Freud)
"Para pedidos iguais, basta informar o número" (paciente mulher-Freud)
Passeio com o pai no Prater (paciente homem-Freud)
Passeio no lago de Aussee (filha de três anos e três meses-Freud)
Pátio onde cadáveres são queimados (homem-Freud)
Peça teatral muito aplaudida (Casimir Bonjour, relatado por Macario)
Pequena casa entre dois palácios (homem-Freud)
Peregrinação a Jerusalém (relato de Maury)
Pernas de um irmão cobertas de caviar (mulher-Freud)
Personagens altos (paciente mulher-Freud)
Pessoas gigantescas sentadas à mesa (relato de Simon)
Plataforma que se aproxima de um trem parado (homem-Freud)
"Primeiro indício de sífilis" (médico-Stärcke)
"Preciso contar isso ao doutor" (paciente homem-Freud)
Prisão em um bar (homem solteiro-Freud)
Prisão por infanticídio (jurista-Freud)
Queda no Graben de Viena (paciente mulher-Freud)
Quilo… *ver* Lobélia… Lopez… loteria… quilo (relato de Maury)
Ramo com flores vermelhas (paciente mulher-Freud)
Restaurante Volksgarten e bordel (homem-Freud)
Retorno à pátria (relato de Keller)
Revolução de 1848 (relato de Maury)
Ripa de madeira (paciente homem-Freud)
Salmão defumado (paciente mulher-Freud)

Scaliger e Brugnolus (sonho de sonho do velho Scaliger, relatado por Hennings)
Secretário que se recusa a dar uma informação (relato de Silberer)
Senhor conhecido entra no quarto de um casal (homem-Ferenczi)
"Serviços de amor" (mulher de cinquenta anos-Von Hug-Hellmuth)
Sete vacas gordas e sete vacas magras (faraó-José do Egito bíblico)
Subir e descer (paciente homem-Freud)
"*Svingnum elvi*" (relato de Karpinska)
Tabelião trazendo duas grandes peras (paciente homem-Freud)
Tempestade marítima no canal da Mancha (relato de Maury)
Tesouro enterrado nas proximidades de uma cabana (mulher-Rank)
Tigela com um grande pedaço de carne assada (menino de três anos-Fliess)
Tio dá um beijo dentro do automóvel (homem-Freud)
Toques de sino (relato de Hildebrandt)
Torre no meio de uma plateia de orquestra (mulher-Freud)
Tortura dos pés em braseiros (relato de Maury)
Três entradas de teatro por 1 florim e 50 cruzados (paciente mulher-Freud)
"Três florins e 65 cruzados" (paciente mulher-Freud)
Três leões num deserto (mulher-Freud)
"*Tutelrein*" (homem-Freud)
Tutor na cama da babá (homem-Freud)
Vela no castiçal (paciente mulher-Freud)
Vender a alma ao Diabo (relato de Tartini)
Vestido preto de lustrina (homem-Tausk)
Viagem a Montbrison (sr. F-Maury)
Viagem com a sogra (paciente mulher-Freud)
Viagem perigosa de carruagem (colega da universidade-Delboeuf)
Vinho branco de Orvieto (relato de Maury)
Vinho oferecido a Napoleão (homem-Hildebrandt)
Visita um apartamento no qual já estivera duas vezes (paciente homem-Freud)
Vista ampla de cima de uma montanha (homem-Freud)

ÍNDICE DE SÍMBOLOS - TERMOS PARA BUSCA

água
animais
aparelhos e máquinas
armários
armas
aspargo
bagagem
balão
bastão
baús
bengalas
bolsa
cachimbo
caixas
casas
cavernas
cestas
chapéu
chave e fechadura
chicote
chuva
clarinete
colunas
crianças
dentes
dinheiro
direita e esquerda
dirigível (zepelim)
escadas
espaços estreitos

facas
fantasmas
fechadura e chave
ferramentas
flores
fogo
forno
frutas
gato
gigantes
gravata
guarda-chuva
imperador e imperatriz
irmãozinho
jardins
ladrões
lanças
latas
lixa de unhas
madeira
malas
manto
mapas
mesa
molhar-se
nadar
não alcançar um carro
não alcançar um trem
navio
números
olho
ouro
paisagens
paredes
parentes
pele de animal

porta
punhais
rábano preto
ramos
rei e rainha
sobretudo
subir e descer
troncos de árvores
tubo de água
urinar
urinol
viajar
zepelim

Copyright da tradução © 2019 by Paulo César Lima de Souza

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Os textos deste volume foram traduzidos de *Gesammelte Werke*, volumes II/III e XVII (Londres: Imago, 1942 e 1941). Os títulos originais estão na página inicial de cada texto. A outra edição alemã referida é *Studienausgabe* (Frankfurt: Fischer, 2000).

Capa e projeto gráfico
Raul Loureiro

Imagens das pp. 3 e 4, obras da coleção pessoal de Freud:
Mulher assombrada por espíritos ruins e animais venenosos,
Bali, séc. XX, madeira, 26,7 cm.
Figura de mulher, China, dinastia Tang, séc. VII-VIII, terracota.
Freud Museum, Londres

Preparação
Célia Euvaldo

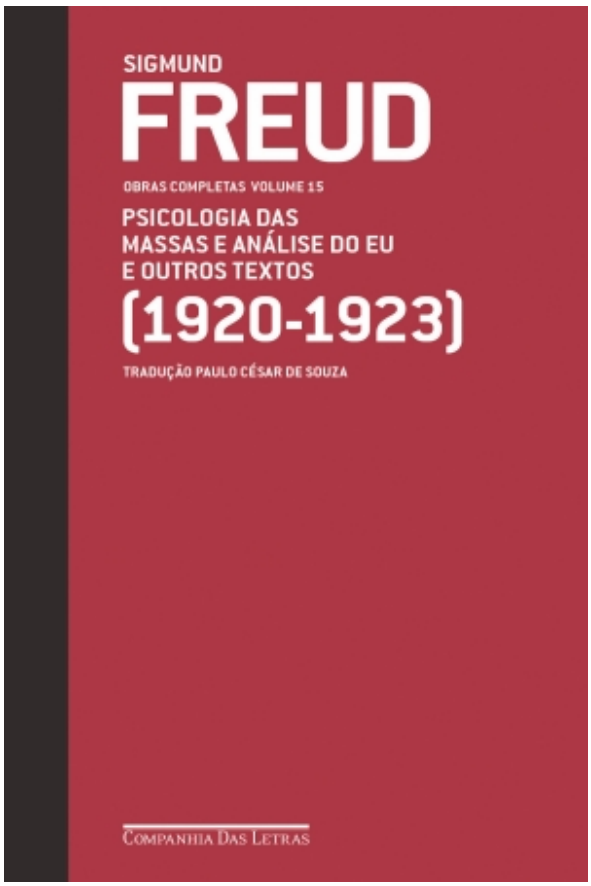
Índices
Luciano Marchiori

Revisão
Ana Maria Barbosa
Isabel Cury

ISBN 978-85-5451-383-2

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br
facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras
twitter.com/cialetras


SIGMUND
FREUD
OBRAS COMPLETAS VOLUME 15
PSICOLOGIA DAS
MASSAS E ANÁLISE DO EU
E OUTROS TEXTOS
(1920-1923)
TRADUÇÃO PAULO CÉSAR DE SOUZA
Companhia Das Letras

Freud (1920-1923) Psicologia das massas e análise do Eu e outros textos - Obras completas volume 15

Freud, Sigmund
9788580860733
352 páginas

Compre agora e leia

O volume 15 inclui textos de 1920 a 1923. Psicologia das massas e análise do Eu aborda o comportamento de grupos, partindo do fato de que as relações que moldam o indivíduo, desde a infância, são também fenômenos sociais. Assim, o irracionalismo dos movimentos políticos de massa - recorde-se que o fascismo e o comunismo estavam em ascensão na época - é explicado por conceitos psicanalíticos como libido e regressão.O ensaio "Sobre a psicogênese de um caso de homossexualidade feminina" traz formulações sobre a sexualidade feminina e a homossexualidade em geral. Ainda, dois textos sobre a telepatia são testemunho do interesse de Freud pelo tema. Por sua vez, "Uma neurose do século XVIII envolvendo o Demônio" analisa o peculiar documento deixado por um pintor alemão, a história do pacto que ele fez com o Diabo a fim de livrar-se de sua neurose.

Compre agora e leia


RENATO MEZAN
O TRONCO
E OS RAMOS
Estudos de História da Psicanálise
Companhia Das Letras

O tronco e os ramos

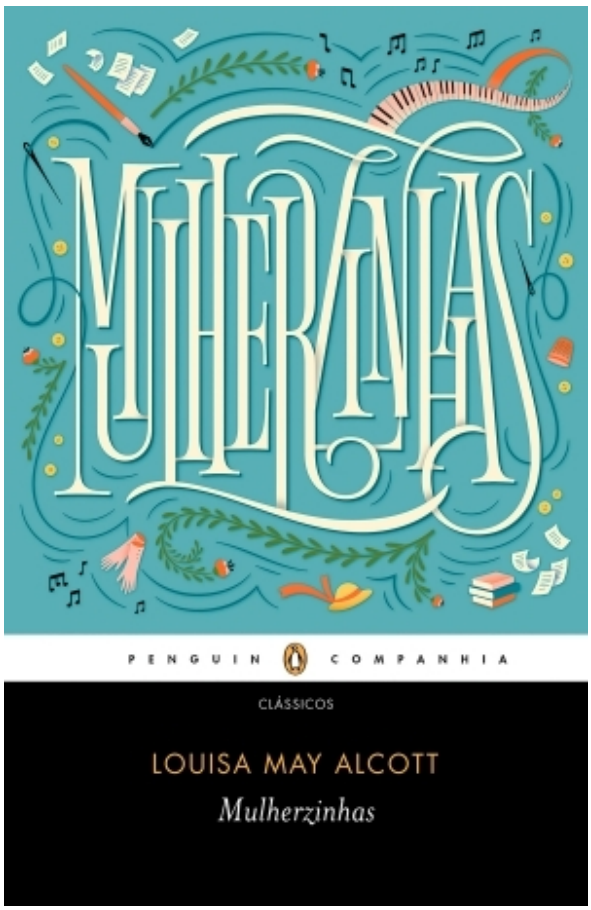
Mezan, Renato
9788580869712
624 páginas

Compre agora e leia

Com empenho apaixonado pelos estudos de Freud e seus sucessores, Renato Mezan faz um passeio pela história da psicanálise.Quais as relações entre o pensamento de Freud e o de seus sucessores? Responder a essa pergunta significa escrever uma história da psicanálise, tarefa que pressupõe o domínio dos conceitos da disciplina e o conhecimento de sua cronologia. Eis o desafio a que Renato Mezan tem se dedicado ao longo de mais de trinta anos.Este livro reconstitui a tradição dos estudos de psicanálise. O autor analisa não só textos fundamentais de Freud e cartas trocadas por ele com Ferenczi, Abraham, Jung, Fliess, mas também desdobramentos do tronco freudiano, autores centrais como Winnicott, Melanie Klein, Bion e Lacan - todos apreendidos junto de vasta bibliografia.Interessado em esclarecer os vínculos entre as diversas escolas de psicanálise e as descobertas de Freud, o autor adota uma perspectiva histórica capaz de reunir e constituir conhecimento, diferenciando-se dos partidarismos que tomam determinada corrente como verdade absoluta, com as consequências de dogmatismo e intolerância.Atento à história e à atualidade, o autor vê lugar para a psiquiatria moderna e também para os métodos clínicos baseados na herança de Freud: se certos

transtornos podem ser aliviados por meios químicos, a psicanálise é útil para se compreender a vida psíquica, o sentido daquilo que os meios químicos ajudam a controlar.Por meio de um texto denso e fluente, Mezan partilha com o leitor comum, estudantes e especialistas seu fascínio por Freud e pela história da psicanálise, movendo-se por um olhar generoso aos problemas humanos, históricos e contemporâneos.Com erudição e clareza de sobra, este livro transforma a jornada pela história da psicanálise numa viagem pela cultura ocidental, num percurso que evidencia o protagonismo de Renato Mezan no panorama do ensaísmo brasileiro.

Compre agora e leia


MULHERZINHAS
PENGUIN COMPANHIA
CLÁSSICOS
LOUISA MAY ALCOTT
Mulherzinhas

Mulherzinhas

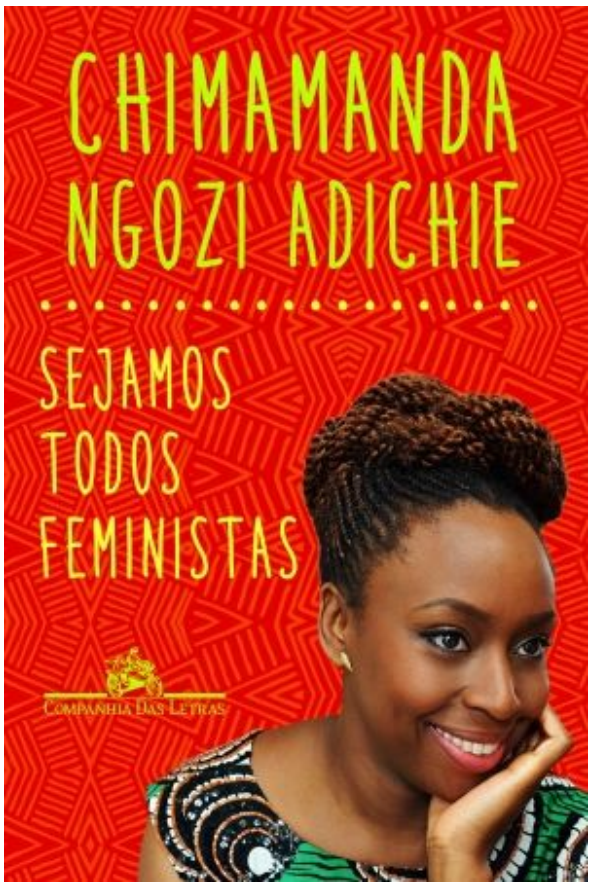
Alcott, Louisa May
9788554516208
592 páginas

Compre agora e leia

Edição da Penguin-Companhia traz as aventuras das quatro irmãs March com prefácios de Patti Smith e Elaine Showalter.Mulherzinhas é considerado um dos livros mais influentes de todos os tempos. Ultrapassando a barreira das idades, esse romance é lido com a mesma paixão por adultos e jovens. A história das irmãs March se tornou um clássico feminista que reflete sobre a tensão entre obrigação social e liberdade pessoal e artística para as mulheres. Cada leitor terá sua irmã favorita: a independente Jo, a delicada Beth, a bela Meg ou a artista Amy. Essas quatro mulheres e sua mãe, Marmee, enfrentam com diligência e honra as privações da Guerra Civil americana, e se tornaram um sucesso instantâneo já em 1868."Muitos livros maravilhosos me fascinaram, mas, com Mulherzinhas, algo extraordinário aconteceu. Eu me reconheci, como num espelho, naquela menina comprida e teimosa que disputava corridas, rasgava as saias subindo nas árvores, falava gírias e denunciava as afetações sociais. Uma menina que podia ser encontrada encostada num enorme carvalho com um livro, ou em sua escrivaninha no sótão, debruçada sobre um manuscrito. Ela era Josephine March. [...] Uma menina americana do século XIX que teimava em ser moderna. Uma menina que escrevia. Como

incontáveis meninas antes de mim, vi como modelo uma que não era como as outras, que possuía alma revolucionária, mas também noção de responsabilidade. Sua dedicação à sua arte me deu meu primeiro vislumbre do processo do escritor e fui tomada pelo desejo de abraçar essa vocação. Os passos em falso que ela dava, dos cômicos aos ousados, eram invejáveis, e me concediam permissão para dar os meus." — Patti Smith

Compre agora e leia


CHIMAMANDA
NGOZI ADICHIE
SEJAMOS
TODOS
FEMINISTAS
COMPANHIA DAS LETRAS

Sejamos todos feministas

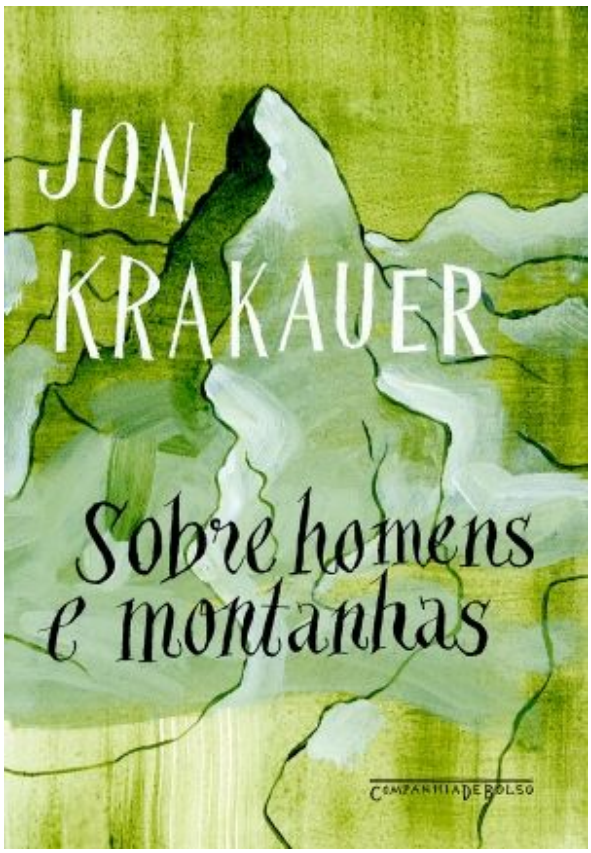
Adichie, Chimamanda Ngozi
9788543801728
24 páginas

Compre agora e leia

O que significa ser feminista no século XXI? Por que o feminismo é essencial para libertar homens e mulheres? Eis as questões que estão no cerne de Sejamos todos feministas, ensaio da premiada autora de Americanah e Meio sol amarelo. "A questão de gênero é importante em qualquer canto do mundo. É importante que comecemos a planejar e sonhar um mundo diferente. Um mundo mais justo. Um mundo de homens mais felizes e mulheres mais felizes, mais autênticos consigo mesmos. E é assim que devemos começar: precisamos criar nossas filhas de uma maneira diferente. Também precisamos criar nossos filhos de uma maneira diferente. "Chimamanda Ngozi Adichie ainda se lembra exatamente da primeira vez em que a chamaram de feminista. Foi durante uma discussão com seu amigo de infância Okoloma. "Não era um elogio. Percebi pelo tom da voz dele; era como se dissesse: 'Você apoia o terrorismo!'". Apesar do tom de desaprovação de Okoloma, Adichie abraçou o termo e — em resposta àqueles que lhe diziam que feministas são infelizes porque nunca se casaram, que são "anti-africanas", que odeiam homens e maquiagem — começou a se intitular uma "feminista feliz e africana que não odeia homens, e que gosta de usar batom e salto alto para si mesma, e não para os

homens". Neste ensaio agudo, sagaz e revelador, Adichie parte de sua experiência pessoal de mulher e nigeriana para pensar o que ainda precisa ser feito de modo que as meninas não anulem mais sua personalidade para ser como esperam que sejam, e os meninos se sintam livres para crescer sem ter que se enquadrar nos estereótipos de masculinidade.

Compre agora e leia


JON
KRAKAUER
Sobre homens
e montanhas
COMPANHIA DE BOLSO

Sobre homens e montanhas

Krakauer, Jon
9788554516154
176 páginas

Compre agora e leia

Em doze artigos, Jon Krakauer tenta compreender por que homens e mulheres se aventuram por paredes de rocha e gelo como se procurassem voluntariamente a morte.Você sabia que é possível escalar cachoeiras? Sabia que o monte McKinley, no Alasca, o maior dos Estados Unidos, possui um dos ambientes mais inóspitos do planeta e que mesmo assim cerca de trezentas pessoas o escalam a cada ano? Você sabe qual é a segunda maior montanha do mundo? E sabe que ela é bem mais difícil de ser escalada do que o Everest? Por que tantas pessoas arriscam a vida nas paredes de gelo e rocha?Nesta coletânea de artigos e reportagens sobre aventuras vividas ao redor do mundo, do Himalaia ao Alasca, Jon Krakauer, autor de No ar rarefeito e Na natureza selvagem, mostra homens e mulheres que enfrentam paredes de gelo e rocha por todo o planeta, revela o que eles fazem, como sobrevivem e o que os motiva.

Compre agora e leia